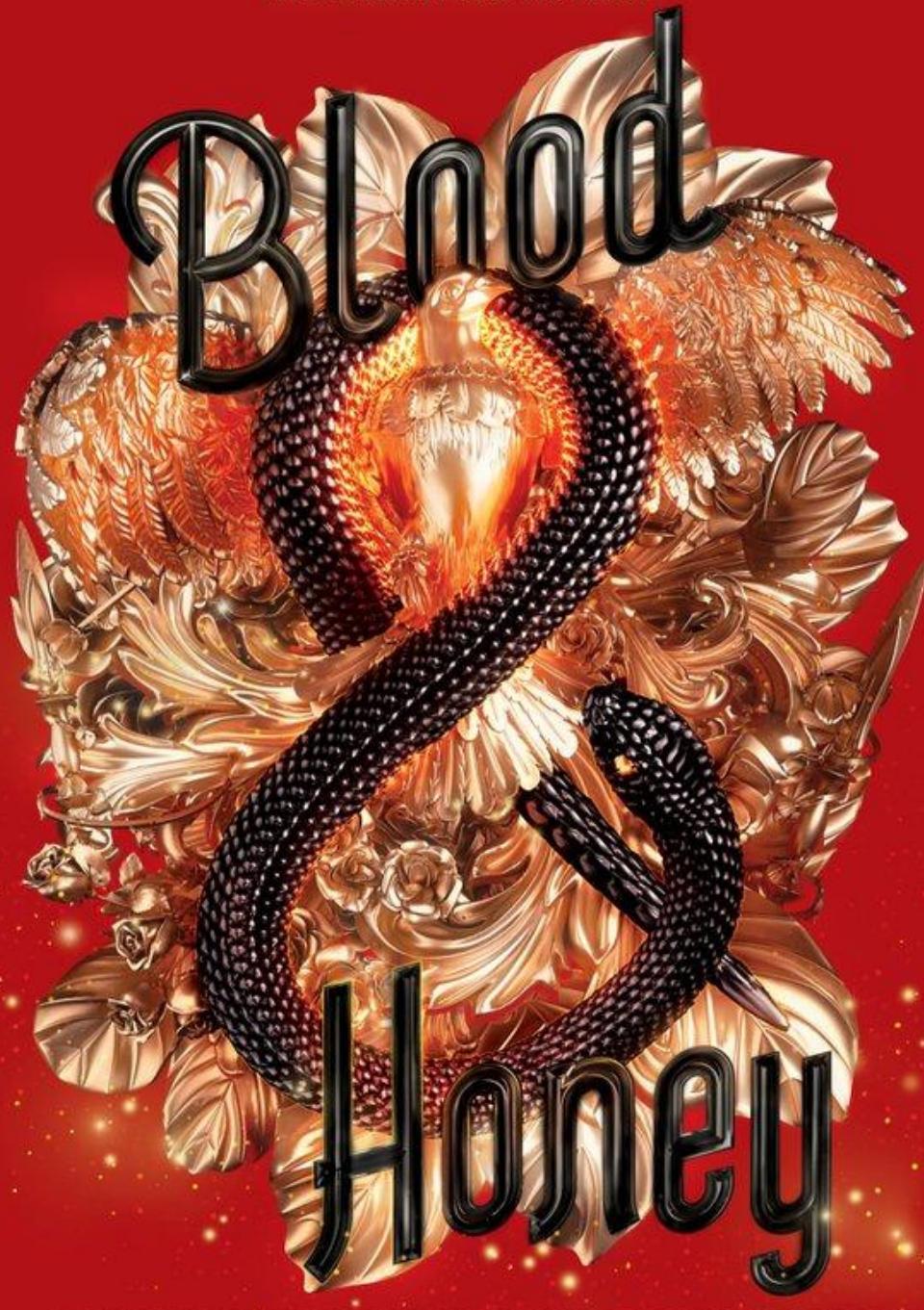


TIL DEATH DO US PART



Blood Honey

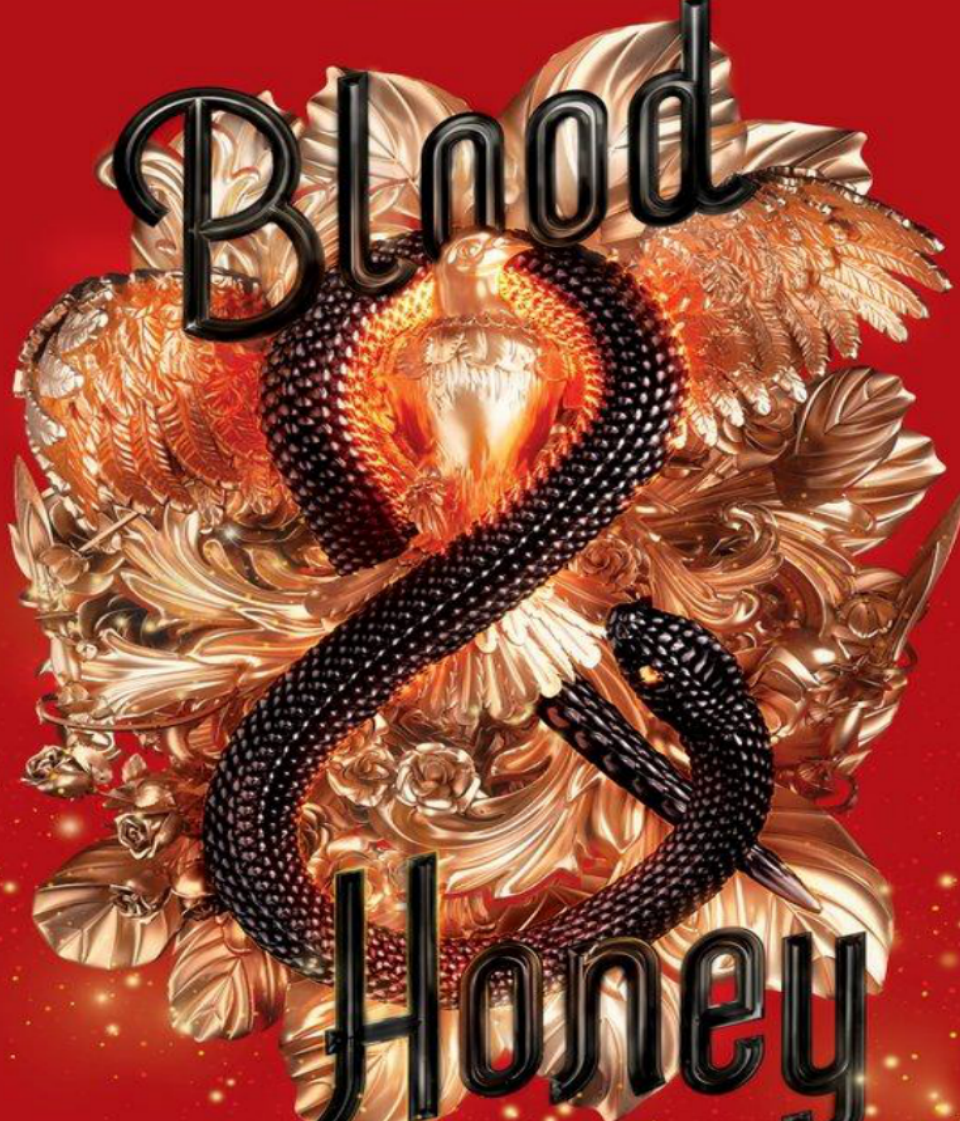
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR OF *SERPENT & DOVE*

SHELBY MAHURIN

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

TIL DEATH DO US PART



Blood Honey

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR OF *SERPENT & DOVE*

SHELBY MAHURIN

Mapa

Indice

Mapa

Parte I

Amanhã: Lou

Momentos Roubados: Reid

A Warning Bell: Reid

Pretty Porcelain: Lou

The Wisest Course of Action: Reid

Painted Hair: Lou

Claud Deveraux: Reid

Marionette: Reid

White Shadows: Lou

Crosses to Bear: Lou

Troupe De Fortune: Reid

The Missing Prince: Lou

One Step Forward: Reid

The White Pattern: Lou

The Fool: Reid

Blood Drops: Lou

The First Performance: Reid

Parte II

Red Death and His Bride, Sleep Eternal: Reid

She Loves Me Not: Lou

An Unexpected Reunion: Lou

Blood and Honey: Reid

Dagger of Bone: Lou

Until One of Us is Dead: Reid

A Debt of Blood: Reid

The Wolves Descend: Reid

Frozen Heart: Lou

Sanctuary: Reid

A Promise: Reid

Trial by Fire: Reid

The Drowning: Lou

Madame Sauvage's Cabinet of Curiosities: Lou

A Change of Plans: Reid

The King's Court: Reid

Pride Goeth Before the Fall: Lou

Proper Knights: Reid

When a Snake Sheds Her Skin: Lou

The Funeral: Reid

Something New: Lou

Parte III

The Last Note: Lou

Coco's Vision: Lou

Nous Tombons Tous: Reid

Paradise Lost: Lou

A Necessary Evil: Reid

The Mirrored Grave: Lou

La Mascarade Des Crânes: Lou

The Woodwose: Reid

The End of the World: Lou

Something Dark and Ancient: Lou

Old Magic: Lou

Evil Seeks a Foothold: Reid

tradução feita de fãs, para fãs.

Parte I

Il n'y a pas plus sourd que celui qui ne veut pas entendre.

Não há ninguém mais surdo do que aqueles que não querem ouvir.

—Provérbio francês

Tomorrow

Lou

Nuvens escuras se acumularam no alto.

Embora eu não pudesse ver o céu através da copa espessa de La Fôret des Yeux - ou sentir os ventos fortes subindo fora do nosso acampamento - eu sabia que uma tempestade estava se formando.

As árvores balançavam no crepúsculo cinzento e os animais foram para debaixo da terra. Vários dias atrás, nós tínhamos cavado nosso próprio tipo de buraco: uma bacia peculiar no chão da floresta, onde as árvores tinham raízes crescidas como dedos, empurrando para dentro e para fora da terra fria. Eu carinhosamente chamei de Hollow. Embora a neve cobrisse tudo do lado de fora, os flocos derreteram ao contato com a magia protetora que Madame Labelle lançou.

Ajustando a pedra de cozimento sobre o fogo, cutuquei com esperança o caroço disforme em cima dela. Não poderia ser chamado de *pão*, exatamente, já que eu havia improvisado a mistura com nada além de

casca moída e água, mas me recusei a comer outra refeição de pinhões e raiz de cardo-mariano. Eu simplesmente me recusei. Uma garota precisava de *algo saboroso* de vez em quando - e eu não me referia às cebolas selvagens que Coco tinha encontrado esta manhã. Meu hálito ainda cheirava como o de um dragão.

— Eu não vou comer isso — Disse Beau categoricamente, olhando para o pão de pinho como se logo fosse brotar pernas e atacá-lo. Seu cabelo preto - geralmente penteado com detalhes imaculados - se projetava em ondas desgrenhadas e sujeira

manchava sua bochecha morena. Embora seu terno de veludo tivesse sido o auge da moda em Cesarine, agora também estava manchado de fuligem.

Eu sorri para ele. — Tudo bem. Morra de fome.

— Isso é... — Ansel se aproximou, franzindo o nariz disfarçadamente. Olhos brilhantes de fome e cabelo emaranhado pelo vento, ele não se está melhor do que Beau na vida selvagem.

Mas Ansel - com sua pele morena e corpo esguio, seus cílios ondulados e seu sorriso genuíno - sempre seria lindo. Ele não conseguia evitar. — Você acha que é...

— Comestível? — disse Beau arqueando uma sobrancelha escura — Não.

— Eu não ia dizer isso! — As bochechas de Ansel coraram de rosa e ele me lançou um olhar de desculpas. — Eu ia dizer, er...

bom. Você acha que é bom?

— Também não. — Beau se virou para remexer em sua mochila.

Triunfante, ele se endireitou um momento depois com um punhado de cebolas, colocando uma na boca. — *Esse* será o meu jantar esta noite, obrigado.

Quando abri minha boca para dar uma resposta mordaz, o braço de Reid repousou em meus ombros, pesado, quente e reconfortante. Ele deu um beijo na minha têmpora. — Tenho certeza de que o pão é delicioso.

— Isso mesmo. — Inclinei-me para ele, apreciando o elogio. —

Vai *estar* delicioso. E não vamos cheirar a bunda - er, *cebola* - pelo resto da noite. — Sorri docemente para Beau, que parou com a mão a meio caminho da boca, fazendo uma careta entre mim e sua cebola. — Isso vai vazar de seus poros até no dia seguinte, pelo menos.

Rindo, Reid se abaixou para beijar meu ombro, e sua voz - lenta e profunda - retumbou contra minha pele. — Você sabe, há um riacho lá em cima.

Instintivamente, eu estendi meu pescoço e ele deu outro beijo na minha garganta, bem abaixo do meu queixo. Minha pulsação disparou contra sua boca. Embora Beau tenha curvado os lábios em desgosto com nossa exibição pública, eu o ignorei, deleitando-me com a proximidade de Reid. Não ficamos devidamente sozinhos

desde que acordei depois de Modraniht. — Talvez devêssemos ir lá

— eu disse um pouco sem fôlego. Como de costume, Reid se afastou muito cedo. — Poderíamos guardar nosso pão e... fazer um piquenique.

A cabeça de Madame Labelle virou em nossa direção do outro lado do acampamento, onde ela e Coco discutiam dentro das raízes de um antigo pinheiro. Elas seguravam um pedaço de pergaminho entre elas, os ombros tensos e os rostos contraídos. Tinta e sangue pingavam dos dedos da Coco. Ela já havia enviado dois bilhetes para La Voisin no campo de sangue, implorando por santuário. Sua tia também não respondeu. Eu duvidava que um terceiro bilhete mudasse isso. — Absolutamente não — Disse Madame Labelle. —

Vocês não podem deixar o acampamento. Eu proibi isso. Além do mais, uma tempestade está se formando.

Proibiu. A palavra me irritava. Ninguém me *proibia* de fazer nada desde que eu tinha três anos.

— Devo lembrar a você — ela continuou, seu nariz empinado e seu tom insuportável. — Que a floresta ainda está cheia de caçadores, e embora não as tenhamos visto, as bruxas não devem estar muito atrás. Isso sem mencionar a guarda do rei. A notícia se espalhou sobre a morte de Florin em Modraniht. — Reid e eu enrijecemos nos braços um do outro — E as recompensas aumentaram. Até os camponeses conhecem seus rostos. Vocês não podem deixar este campo até que formemos algum tipo de estratégia ofensiva.

Não perdi a ênfase sutil que ela colocou em *vocês*, ou a maneira como

ela olhou entre Reid e eu. Nós éramos os proibidos de deixar o acampamento. Nós éramos quem estavam com os rostos estampados em Saint-Loire, e agora, provavelmente em todas as outras aldeias do reino também. Coco e Ansel tinham roubado alguns dos pôsteres de procurados após a viagem deles até Saint-Loire para obter suprimentos, um retratando o rosto bonito de Reid, seu cabelo tingido de vermelho com garança comum, e outro retratando o meu.

O artista me deu uma verruga no queixo.

Carrancuda com a memória, virei o pão de pinho, revelando uma crosta queimada e enegrecida na parte inferior. Todos nós olhamos

para ele por um momento.

— Você está certo, Reid. Muito delicioso. — Beau sorriu largamente. Atrás dele, Coco espremeu o sangue da palma da mão no bilhete. As gotas chiaram e fumegaram onde caíram, queimando o pergaminho em nada. Transportando-o para qualquer lugar onde La Voisin e Dames Rouges estivessem acampadas atualmente.

Beau acenou com o resto de suas cebolas diretamente sob meu nariz, chamando minha atenção. — Tem certeza de que não quer uma?

Eu as derrubei de sua mão. — Cai fora.

Com um aperto nos meus ombros, Reid varreu o pão queimado da pedra e cortou uma fatia com precisão de especialista. — Você não tem que comer — eu disse mal-humorada.

Seus lábios se curvaram em um sorriso. — *Bon appétit*.

Nós assistimos, paralisados, enquanto ele enfiava o pão na boca

- e engasgou.

Beau caiu na gargalhada.

Olhos lacrimejando, Reid apressou-se em engolir enquanto Ansel batia em suas costas. — É bom — ele me assegurou, ainda tossindo e tentando mastigar. — Sério. Tem gosto de... de...

— Queimado? — Beau se curvou diante da minha expressão, rindo desenfreadamente, e Reid o olhou carrancudo, ainda engasgando, mas levantando um pé para chutar sua bunda.

Literalmente. Perdendo o equilíbrio, Beau caiu para frente no musgo e

líquen do chão da floresta, uma marca de bota claramente visível contra a parte de trás de sua calça de veludo.

Ele cuspiu lama de sua boca quando Reid finalmente engoliu o pão. — Idiota.

Antes que ele pudesse dar outra mordida, joguei o pão de volta no fogo. — Seu cavalheirismo é notado, meu marido, e assim será recompensado.

Ele me puxou para um abraço, seu sorriso genuíno agora. E vergonhosamente aliviado. — Eu teria comido.

— Eu deveria ter deixado.

— E agora todos vocês vão passar fome — disse Beau.

Ignorando o rosnado traidor do meu estômago, retirei a garrafa de vinho que havia escondido entre o conteúdo da mochila de Reid.

Eu não fui capaz de fazer as malas para a viagem, com Morgane me arrebatando dos degraus da Catedral Saint-Cécile d’Cesarine.

Felizmente, *acabei* vagando um pouco longe demais do acampamento ontem, pegando um punhado de itens úteis de um mascate na estrada. O vinho foi essencial. Assim como roupas novas. Embora Coco e Reid tivessem remendado um conjunto para eu usar em vez do meu vestido cerimonial ensanguentado, suas roupas pendiam do meu corpo esguio - um corpo mais fino, não, como de quando eu era uma criança abandonada do meu tempo no Chateau. Até agora, consegui manter os frutos da minha pequena excursão escondidos - tanto dentro da mochila de Reid quanto sob a capa emprestada de Madame Labelle - mas a bandagem teve que sair eventualmente.

Não havia tempo melhor do que o presente.

Os olhos de Reid se fixaram na garrafa de vinho e seu sorriso desapareceu. — O que é isso?

— Um presente, é claro. Você não sabe que dia é hoje? —

Determinada a salvar a noite, coloquei a garrafa nas mãos desavisadas de Ansel. Seus dedos se fecharam em volta do pescoço e ele sorriu, corando novamente. Meu coração inchou. —

Bon anniversaire, mon petit chou!

— Não é meu aniversário até o próximo mês — disse ele timidamente, mas ele agarrou a garrafa contra o peito de qualquer maneira. O fogo lançou uma luz bruxuleante em sua alegria silenciosa. — Ninguém nunca... — Ele limpou a garganta e engoliu em seco. — Nunca recebi um presente antes.

A felicidade em meu peito perfurou ligeiramente.

Quando criança, meus próprios aniversários eram reverenciados como dias sagrados. Bruxas de todo o reino viajavam para o Chateau le Blanc para comemorar e, juntas, dançávamos sob a luz da lua até doer os pés. A magia revestia o templo com seu cheiro forte, e minha mãe me cobria com presentes extravagantes - uma tiara de diamantes e pérolas em um ano, um buquê de orquídeas fantasmas eternas no ano seguinte. Certa vez, ela separou as marés de L'Eau Mélancolique para que eu andasse no fundo do mar, e as melusinas pressionaram seus rostos lindos e misteriosos

contra as paredes de água para nos observar, jogando seus cabelos luminosos e exibindo suas caudas prateadas.

Até mesmo naquela época, eu sabia que minhas irmãs celebravam menos minha vida e mais minha morte, porém mais tarde eu me perguntei - em meus momentos de fraqueza - se o mesmo tinha acontecido com minha mãe. "Estamos perdidas, você e eu", ela murmurou no meu quinto aniversário, dando um beijo na minha testa. Embora eu não conseguisse lembrar os detalhes com clareza - apenas as sombras no meu quarto, o ar frio da noite na minha pele, o óleo de eucalipto no meu cabelo - pensei que uma lágrima tivesse escorrido por sua bochecha. Naqueles momentos de fraqueza, eu sabia que Morgane não tinha comemorado meus aniversários.

Ela estava de luto por eles.

— Eu acredito que a resposta adequada é obrigado. — Coco se aproximou para examinar a garrafa de vinho, jogando seus cachos negros sobre o ombro. A cor de Ansel se intensificou. Com um sorriso malicioso, ela arrastou um dedo sugestivo pela curva do vidro, pressionando suas próprias curvas no corpo esguio dele. —

Que safra é essa?

Beau revirou os olhos com o desempenho óbvio dela, abaixando-se para pegar suas cebolas. Ela o observou com o canto dos olhos escuros. Os dois não trocaram uma palavra civilizada há dias. Foi divertido no início, assistir Coco golpear a cabeça dura do príncipe

piada por piada, mas ela recentemente trouxe Ansel para a carnificina. Eu teria que falar com ela sobre isso em breve. Meus olhos se voltaram para Ansel, que ainda sorria de orelha a orelha enquanto olhava para o vinho.

Amanhã. Eu falaria com ela amanhã.

Colocando os dedos sobre os de Ansel, Coco ergueu a garrafa para estudar o rótulo esfarelado. A luz do fogo iluminou as inúmeras cicatrizes em sua pele morena. — *Boisainé* — ela leu lentamente, lutando para discernir as letras. Ela esfregou um pouco de sujeira com a bainha de sua capa. — Elderwood. — Ela olhou para mim. —

Nunca ouvi falar de um lugar assim. Mas parece *antigo*. Deve ter custado uma fortuna.

— Muito menos do que você imagina, na verdade. — Sorrindo novamente com a expressão suspeita de Reid, eu roubei a garrafa dela com uma piscadela. Um enorme carvalho de verão adornava seu rótulo e, ao lado dele, um homem monstruoso com chifres e cascos usava uma coroa de galhos. Tinta amarela luminescente coloria seus olhos, que tinham pupilas como as de um gato.

— Ele parece assustador — comentou Ansel, inclinando-se por cima do meu ombro para olhar mais de perto.

— Ele é o Woodwose. — A nostalgia me atingiu em uma onda inesperada. — O homem selvagem da floresta, o rei de toda a flora e fauna. Morgane costumava me contar histórias sobre ele quando eu era pequena.

O efeito do nome da minha mãe foi instantâneo. Beau parou de fazer careta abruptamente. Ansel parou de corar e Coco parou de sorrir. Reid examinou as sombras ao nosso redor e deslizou a mão para a Balisarda em sua bandoleira. Até as chamas do fogo tremularam, como se a própria Morgane tivesse soprado uma respiração fria através das árvores para extingui-las.

Eu fixei meu sorriso no lugar.

Não tínhamos ouvido uma palavra de Morgane desde Modraniht.

Dias se passaram, mas não tínhamos visto uma única bruxa. Para ser justa, não tínhamos visto muito de nada além dessa jaula de raízes. Eu não podia reclamar de verdade sobre o Hollow, no entanto. Na verdade, apesar da falta de privacidade e do governo autocrático de

Madame Labelle, quase fiquei aliviada quando não tivemos notícias de La Voisin. Foi-nos concedido um indulto. E

tínhamos tudo de que precisávamos aqui, de qualquer maneira. A magia de Madame Labelle manteve o perigo longe - nos aquecendo, nos protegendo de olhos espiões - e Coco havia encontrado o riacho alimentado pela montanha nas proximidades. Sua corrente evitava que a água congelasse e, certamente, Ansel pegaria um peixe um desses dias.

Nesse momento, parecia que vivíamos em um bolsão de tempo e espaço separado do resto do mundo. Morgane e suas Dames Blanches, Jean Luc e seus Chasseurs, até mesmo o rei Auguste -

eles deixaram de existir neste lugar. Ninguém poderia nos tocar.

Isso era... estranhamente pacífico.

Como a calmaria antes de uma tempestade.

Madame Labelle ecoou meu medo silencioso. — Vocês sabem que não podemos nos esconder para sempre — disse ela, repetindo o mesmo argumento cansado. Coco e eu trocamos olhares enquanto ela se junta a nós, confiscando o vinho. Se eu tivesse que ouvir *mais um* aviso terrível, abriria a garrafa e a afogaria nela. —

Sua mãe vai te encontrar. Nós sozinhos não podemos manter você longe dela. No entanto, se quiséssemos reunir aliados, reunir outros para a nossa causa, talvez pudéssemos...

— O silêncio das bruxas de sangue não poderia ser mais alto. —

Peguei a garrafa de volta dela, lutando com a rolha. — Elas não arriscarão a ira de Morgane *se unindo à nossa causa*. Qualquer que seja a nossa *causa*.

— Não seja obtusa. Se Josephine se recusar a nos ajudar, existem outros jogadores poderosos que podemos...

— Preciso de mais tempo — interrompi em voz alta, mal ouvindo, gesticulando para minha garganta. Embora a magia de Reid tenha fechado a ferida, salvando minha vida, uma crosta espessa permaneceu. Ainda dói pra caramba. Mas não era esse o motivo pelo qual eu queria ficar aqui. — Você mal se curou também, Helene. Faremos um plano amanhã.

— Amanhã. — Seus olhos se estreitaram com a promessa vazia.

Eu já dizia o mesmo há dias. Desta vez, no entanto, até eu pude ouvir as palavras pousarem de forma diferente - verdadeiras.

Madame Labelle não aceitaria mais o contrário. Como se para afirmar meus pensamentos, ela disse: — Amanhã *conversaremos*, quer La Voisin atenda ou não ao nosso chamado. De acordo?

Eu mergulhei minha faca na rolha da garrafa, torcendo bruscamente. Todo mundo se encolheu. Sorrindo novamente, eu abaixei meu queixo no mais breve dos acenos. — Quem está com sede? — Eu joguei a rolha no nariz de Reid, e ele bate nela, exasperado. — Ansel?

Seus olhos se arregalaram. — Oh, eu não...

— Talvez devêssemos procurar um mamilo. — Beau agarrou a garrafa debaixo do nariz de Ansel e deu um gole generoso. — Pode ser mais palatável para ele dessa forma.

Eu engasguei com uma risada. — Pare com isso, Beau...

— Você está certa. Ele não tem ideia do que fazer com um seio.

— Você já bebeu alguma vez, Ansel? — Coco perguntou curiosamente.

Com o rosto escurecendo, Ansel tirou o vinho de Beau e deu um longo gole. Em vez de engasgar, ele pareceu flexionar a mandíbula e inalar metade da garrafa. Quando ele terminou, ele apenas enxugou a boca com as costas da mão e empurrou a garrafa para Coco. Suas bochechas ainda estavam rosadas. — Desce suavemente.

Eu não sabia o que era mais engraçado - as expressões espantadas de Coco e Beau ou presunçosas de Ansel. Eu bati palmas de alegria. — Oh, muito bem, Ansel. Quando você me disse que gostava de vinho, não percebi que você podia beber como um peixe.

Ele encolheu os ombros e desviou o olhar. — Morei em Saint-Cécile durante anos. Aprendi a gostar. — Seus olhos voltaram para a garrafa na mão de Coco. — Ele tem um gosto muito melhor do que qualquer coisa no santuário, no entanto. Onde você conseguiu isso?

— Sim — disse Reid, sua voz não tão divertida quanto a situação justificava. — Onde você *conseguiu* isso? Claramente Coco e Ansel não o compraram com nossos suprimentos.

Ambos tiveram a decência de parecer apolíticos.

— Ah. — Eu bati meus cílios quando Beau ofereceu a garrafa para Madame Labelle, que balançou a cabeça bruscamente. Ela esperou minha resposta com os lábios franzidos. — Não me faça perguntas, *mon amour*, e eu não direi mentiras.

Quando ele apertou a mandíbula, claramente lutando contra seu temperamento, preparei-me para a inquisição. Embora Reid não usasse mais seu uniforme azul, ele simplesmente não conseguia se conter. A lei era a lei. Não importava de que lado ele estava.

Abençoado seja. — Me diga que você não roubou — disse ele. —

Me diga que você encontrou em um buraco em algum lugar.

— Tudo bem. Eu não roubei. Eu encontrei em um buraco em algum lugar.

Ele cruzou os braços sobre o peito, nivelando-me com um olhar severo. — Lou.

— O que? — Eu perguntei inocentemente. Em um gesto de ajuda, Coco me ofereceu a garrafa e eu dei um longo gole, admirando seus bíceps - seu queixo quadrado, sua boca carnuda, seu cabelo acobreado - com uma apreciação descarada. Eu estendi a mão para dar um tapinha em sua bochecha. — Você não pediu a verdade.

Ele prendeu minha mão contra seu rosto. — Eu estou pedindo agora.

Eu o encarei, o impulso de mentir subindo como uma maré na minha garganta. Mas - não. Eu fiz uma careta para mim mesma, examinando o instinto básico com uma pausa. Ele confundiu meu silêncio com recusa, se aproximando para me persuadir a responder. — Você o roubou, Lou? A verdade, por favor.

— Bem, isso estava *cheio* de condescendência. Vamos tentar de novo?

Com um suspiro exasperado, ele virou a cabeça para beijar meus dedos. — Você é impossível.

— Eu sou impraticável, improvável, mas nunca impossível. — Eu me levantei na ponta dos pés e pressionei meus lábios nos dele.

Balançando a cabeça, rindo apesar de tudo, ele se abaixou para me envolver em seus braços e aprofundar o beijo. Um calor delicioso

tomou conta de mim, e precisei de considerável autocontrole para não derrubá-lo no chão e fazer perversidades com ele.

— Meu Deus — disse Beau, a voz cheia de desgosto. — Parece que ele está comendo o rosto dela.

Mas Madame Labelle não estava ouvindo. Seus olhos - tão familiares e azuis - brilharam de raiva. — Responda a pergunta, Louise — eu endureci com seu tom afiado. Para minha surpresa, Reid também. Ele se virou para olhar para ela lentamente. — Você saiu do acampamento?

Pelo bem de Reid, mantive minha voz agradável.

— Eu não roubei nada. Pelo menos — dei de ombros, me forçando a manter um sorriso fácil. — Eu não roubei o *vinho*. Eu comprei de um mascate na estrada esta manhã com alguns *couronnes* do Reid.

— Você roubou do meu filho?

Reid estendeu a mão calmante. — Ela não roubou nada de...

— Ele é meu *marido* — meu queixo doía de tanto sorrir, e levantei minha mão esquerda para dar ênfase. Sua própria pedra de madrepérola ainda brilhava em meu dedo anelar. — O que é meu é dele, e o que é dele é meu. Isso não faz parte dos votos que fizemos?

— Sim, faz — Reid acenou com a cabeça rapidamente, lançando-me um olhar tranquilizador, antes de olhar para Madame Labelle. — Ela é possui qualquer coisa que eu possuía.

— Claro, filho. — ela abriu seu próprio sorriso de lábios apertados. — Embora eu me sinta obrigada a apontar que vocês dois nunca foram legalmente casados. Louise usou um nome falso na certidão de casamento, anulando o contrato. Claro, se você ainda decidir compartilhar seus bens com ela, você é livre para fazer isso, mas não se sinta obrigado de forma alguma. Especialmente se ela insiste em arriscar sua vida - *todas* as nossas vidas - com seu comportamento impulsivo e imprudente.

Meu sorriso finalmente caiu. — O capuz de sua capa escondeu meu rosto. A mulher não me reconheceu.

— E se ela reconheceu? Se os Chasseurs ou as Dames Blanches nos emboscarem esta noite? O que irá acontecer então?

— Quando eu não fiz nenhum movimento para responder, ela suspirou e continuou suavemente — Eu entendo sua relutância em confrontar isso, Louise, mas fechar seus olhos não fará com que os monstros não possam ver você. Isso só vai te deixar cega. — Então, mais suave ainda: — Você se escondeu por tempo suficiente.

De repente, incapaz de olhar para ninguém, deixei cair meus braços do pescoço de Reid. Eles imediatamente perderam seu calor. Embora ele se aproximou como se quisesse me atrair de volta para ele, tomei outro gole de vinho em vez disso. — Tudo bem — eu finalmente disse, me forçando a encontrar seu olhar duro. — Eu não deveria ter saído do acampamento, mas não poderia pedir a Ansel para comprar seu próprio presente de aniversário. Os aniversários são sagrados. Faremos um plano amanhã.

— Sério — disse Ansel sinceramente — Meu aniversário é só no mês que vem. Isso não era necessário.

— *É* necessário. Podemos não estar... — Eu parei, mordendo minha língua errante, mas era tarde demais. Embora eu não tivesse

falado as palavras em voz alta, elas reverberaram pelo acampamento da mesma forma. *Podemos não estar aqui no próximo mês.* Empurrando o vinho de volta para ele, tentei novamente. — Vamos celebrar você, Ansel. Não é todo dia que você faz dezessete anos.

Seus olhos foram para os de Madame Labelle como se buscassem permissão. Ela assentiu rigidamente. — *Amanhã*, Louise.

— Claro. — Aceitei a mão de Reid, permitindo que ele me puxasse para perto enquanto eu fingia outro sorriso horrível. —

Amanhã.

Reid me beijou novamente - mais forte, mais feroz desta vez, como se ele tivesse algo a provar. Ou algo a perder. — Esta noite, nós celebramos.

O vento aumentou enquanto o sol mergulhava sob as árvores, e as nuvens continuavam a engrossar.

Stolen Moments

Reid

Lou dormia como um morto. Bochecha pressionada no meu peito e

cabelo espalhado em meu ombro, ela respirava fundo.

Ritmicamente. Era uma paz que ela raramente alcançava acordada.

Eu acariciei sua coluna. Saboreei seu calor. Desejei que minha mente permanecesse em branco, meus olhos permanecessem abertos. Eu nem pisquei. Apenas fiquei olhando, sem fim, enquanto as árvores balançavam no alto. Não vendo nada. Não *sentindo* nada. Dormente.

O sono me escapou desde Modraniht. Quando isso não acontecia, eu desejava que sim.

Meus sonhos se transformaram em coisas sombrias e perturbadoras.

Uma pequena sombra se desprende dos pinheiros para se sentar ao meu lado, sacudindo a cauda. Absalon, Lou o havia nomeado. Uma vez eu pensei que ele era um gato preto simples.

Ela rapidamente me corrigiu. Ele não era um gato, mas um matagot.

Um espírito inquieto, incapaz de passar, que assumiu a forma de um animal. — Eles são atraídos por criaturas semelhantes — Lou me informou, franzindo a testa. — Almas perturbadas. Alguém aqui deve tê-lo atraído.

Seu olhar aguçado deixou claro quem ela pensava que *alguém* era.

— Vá embora. — Eu cutuquei a criatura não natural com meu cotovelo agora. — Xô.

Ele piscou os olhos âmbar malignos para mim. Quando suspirei, cedendo, ele se enrolou ao meu lado e dormiu.

Absalon. Eu acariciei suas costas com um dedo, descontente quando ele começou a ronronar. *Eu não estou perturbado.*

Olhei para as árvores mais uma vez, não convencendo ninguém.

Perdido na paralisia dos meus pensamentos, não percebi quando Lou começou a se mexer alguns momentos depois. Seu cabelo fez cócegas em meu rosto quando ela se apoiou em um cotovelo, inclinando-se sobre mim. Sua voz era baixa. Macia pelo sono, doce pelo vinho. — Você está acordado.

— Sim.

Seus olhos procuraram os meus - hesitantes, preocupados - e minha

garganta se apertou inexplicavelmente. Quando ela abriu a boca para falar, para perguntar, interrompi com as primeiras palavras que surgiram na minha cabeça. — O que aconteceu com sua mãe?

Ela piscou. — O que você quer dizer?

— Ela sempre foi assim...?

Com um suspiro, ela apoiou o queixo no meu peito. Torceu o anel de madrepérola em seu dedo. — Não. Eu não sei. As pessoas podem nascer más? — Eu balancei minha cabeça. — Eu também não acho. Acho que ela se perdeu em algum lugar ao longo do caminho. É fácil fazer mágica. — Quando fiquei tenso, ela se virou para mim. — Não é como você pensa. Magia, não... bem, é como qualquer outra coisa. Muito de uma coisa boa é uma coisa ruim.

Pode ser viciante. Minha mãe, ela... ela amava o poder, suponho. —

Ela riu amargamente. — E quando tudo é uma questão de vida ou morte para nós, as apostas são maiores. Quanto mais ganhamos, mais perdemos.

Quanto mais ganhamos, mais perdemos.

— Entendo — eu disse, mas não entendi. Nada sobre este cânone me atraiu. Por que arriscar tudo por magia?

Como se sentisse meu desgosto, ela se levantou novamente para me ver melhor. — É um presente, Reid. Há muito mais nisso do que você já viu. A magia é bela, selvagem e gratuita. Eu entendo sua relutância, mas você não pode se esconder dela para sempre. É

parte de você.

Não consegui formar uma resposta. As palavras ficaram presas na minha garganta.

— Você está pronto para falar sobre o que aconteceu? — ela perguntou suavemente.

Eu escovei meus dedos por seu cabelo, meus lábios contra sua testa. — Não essa noite.

— Reid...

— Amanhã.

Ela deu outro suspiro, mas felizmente não insistiu no assunto.

Depois de estender a mão para coçar a cabeça de Absalon, ela se deitou e, juntos, olhamos para os pedaços de céu entre as árvores.

Eu voltei para minha mente, para seu silêncio cuidadoso e vazio. Se momentos ou horas se passaram, eu não sabia.

— Você acha que... — A voz suave de Lou me trouxe de volta ao presente. — Você acha que vai haver um funeral?

— Sim.

Eu não perguntei de quem ela se referia. Eu não precisava.

— Mesmo com tudo no final?

Uma bela bruxa, disfarçada de donzela, logo atraiu o homem pelo caminho do Inferno.

Meu peito doeu quando me lembrei da performance das Ye Olde Sisters. A narradora loira. Treze, quatorze anos, no máximo - o próprio diabo, camuflado como uma donzela. Ela parecia tão inocente ao proferir nossa sentença. Quase angelical.

Logo veio a visita da bruxa que ele insultou, com a pior notícia de todas... ela deu à luz um filho dele.

— Sim.

— Mas... Ele era meu pai. — Ouvindo-a engolir, virei, envolvi uma mão ao redor da nuca. A segurei perto com uma emoção que ameaçou me sufocar. Desesperadamente, eu lutei para recuperar a fortaleza que eu construí, recuar de volta para suas profundezas ocas alegremente. — Ele dormiu com La Dame des Sorcières. Uma bruxa. O rei não pode honrá-lo.

— Ninguém será capaz de provar nada. Rei Auguste não condenará um homem morto na Palavra de uma bruxa. — As palavras saíram antes que eu pudesse pará-las. *Um homem morto.*

Meu aperto se intensificou em Lou, e ela segurou minha bochecha -

não para me coagir para soltá-la, mas simplesmente me tocar. Para me segurar. Eu me inclinei na palma da mão dela.

Ela me olhou por um longo momento, seu toque infinitamente gentil.

Infinitamente paciente. — Reid.

A palavra era pesada. Expectante.

Eu não conseguia olhar para ela. Não consegui enfrentar a devoção que veria naqueles olhos familiares. Os olhos dele. Mesmo que ela ainda não percebesse - mesmo que ela ainda não se importasse - ela algum dia me odiaria pelo que eu fiz. Ele era seu pai.

E eu o matei.

— Olhe para mim, Reid.

A memória brilhou, sem ser convidada. Minha faca cravada em suas costelas. Seu sangue escorrendo pelo meu pulso. Quente, espesso e úmido. Quando me virei para encará-la, aqueles olhos verde-azulados estavam firmes. Determinados.

— Por favor — eu sussurrei. Para minha vergonha - minha humilhação - minha voz falhou com a palavra. O calor inundou meu rosto. Mesmo eu não sabia o que queria dela. *Por favor, não me pergunte. Por favor, não me faça dizer isso.* E então, mais alto do que o resto, um lamento agudo aumentando agudamente através da dor.

Por favor, faça isso ir embora.

Uma onda de emoção brilhou em sua expressão - quase rápido demais para eu ver. Então ela ergueu o queixo. Um brilho tortuoso iluminou seus olhos. No próximo segundo, ela girou para sentar em mim, roçando um único dedo em minha boca. Ela própria se separou e sua língua saiu para molhar o lábio inferior. — *Mon petit oiseau*, você parece... frustrado nestes últimos dias. — Ela se inclinou mais para baixo, roçando o nariz na minha orelha. Me distraíndo. Respondendo ao meu apelo tácito. — Eu poderia ajudar com isso, você sabe.

Absalon sibilou indignado e se desmaterializou.

Quando ela começou a me tocar, a se mover contra mim -

levemente, de forma enlouquecedora - o sangue em meu rosto caiu mais baixo, e fechei os olhos, apertando minha mandíbula contra a

sensação. O calor. Meus dedos cravaram em seus quadris para mantê-la no lugar.

Atrás de nós, alguém suspirou baixinho em seu sono.

— Não podemos fazer isso aqui. — Meu sussurro tenso ecoou alto demais no silêncio. Apesar das minhas palavras, ela sorriu e apertou mais perto - em *todos os lugares* - até que meus próprios quadris se moverem em resposta, moendo contra mim. Uma vez.

Duas vezes. Três vezes. Lentamente no início, depois mais rápido.

Abaixei minha cabeça de volta para o chão frio, respirando com dificuldade, os olhos ainda cerrados. Um gemido baixo se formou em minha garganta. — Alguém pode ver.

Ela puxou meu cinto em resposta. Meus olhos se abriram para assistir, e me flexionei com seu toque, deleitando-me com isso. Com ela. — Deixe-os — ela disse, cada respiração ofegante. Outra tosse soou. — Eu não me importo.

— Lou...

— Você quer que eu pare?

— Não.

Minhas mãos apertaram seus quadris e me sentei para frente rapidamente, esmagando seus lábios contra os meus.

Outra tosse, mais alta desta vez. Eu não registrei. Com a mão dela deslizando em minha calça aberta - sua língua quente contra a minha - eu não poderia ter parado se tentasse. Isto é, até...

— *Pare*. — A palavra saiu da minha garganta, e eu cambaleei para trás, puxando seus quadris no ar, para longe dos meus. Eu não queria que fosse tão longe, tão rápido, com tantas pessoas ao nosso redor. Quando eu amaldiçoei, baixo e cruel, ela piscou em confusão, as mãos atirando em meus ombros para se equilibrar.

Seus lábios incharam. Suas bochechas coraram. Eu apertei meus olhos fechados mais uma vez - apertando, apertando, *apertando* -

pensando em qualquer coisa, exceto em Lou. Carne estragada.

Gafanhotos comedores de carne. Pele enrugada e flácida e a palavra *úmido*, coalhada ou *catarro*. Pingando catarro, ou, ou...

Minha mãe.

A memória de nossa primeira noite aqui brilhou com foco cristalino.

— Estou falando sério — avisa Madame Labelle, puxando-nos de lado. — absolutamente nada de fugir para qualquer encontro secreto. A floresta é perigosa. As árvores têm olhos.

A risada de Lou ressoa, clara e brilhante, enquanto eu gaguejo de mortificação.

— Eu sei que vocês dois estão fisicamente envolvidos, não tente negar — Madame Labelle acrescenta quando meu rosto fica vermelho — mas não importa seus impulsos corporais, o perigo fora deste acampamento é muito grande. Devo pedir a vocês que se contenham por enquanto.

Eu saio sem dizer uma palavra, a risada de Lou ainda soando em meus ouvidos. Madame Labelle continua implacável. — É

perfeitamente natural ter tais impulsos. — Ela se apressa para me acompanhar, contornando Beau. Ele também estremece de tanto rir.

— Realmente, Reid, essa imaturidade é muito desagradável. Você está sendo cuidadoso, não está? Talvez devêssemos ter uma discussão franca sobre contraceptivos.

Certo. Isso foi o suficiente.

A pressão crescente se transformou em uma dor surda.

Exalando forte, lentamente abaixei Lou de volta ao meu colo.

Outra tosse soou da direção de Beau. Mais alto dessa vez. Pontudo.

Mas Lou perseverou. Sua mão deslizou para baixo mais uma vez.

— Algo errado, marido?

Peguei a mão dela no meu umbigo e a encarei. Nariz com nariz.

Lábios nos lábios. — Atrevida

— Eu vou te *mostrar* a atrevida...

Com um suspiro aflito, Beau se endireitou e interrompeu em voz alta: — Olá! Sim, perdão! Como parece que vocês não perceberam, *há* outras pessoas aqui!

Em um resmungo baixo, ele acrescentou: — Embora claramente essas outras pessoas logo murcharão e morrerão de abstinência.

O sorriso de Lou ficou perverso. Seu olhar foi para o céu - agora lançado no cinza assustador antes do amanhecer - antes de ela colocar os braços em volta do meu pescoço. — Está quase amanhecendo — ela sussurrou em meu ouvido. O cabelo do meu pescoço se arrepiou. — Devemos encontrar o riacho e... tomar banho?

Relutantemente, olhei para Madame Labelle. Ela não tinha acordado de nosso encontro, nem da explosão de Beau. Mesmo no sono, ela exalava graça régia. Uma rainha disfarçada de madame, presidindo não um reino, mas um bordel. A vida dela teria sido diferente se ela tivesse conhecido meu pai antes de ele se casar?

Seria a minha? Eu desviei o olhar, enojado comigo mesmo. —

Madame Labelle nos proibiu de deixar o acampamento.

Lou chupou suavemente o lóbulo da minha orelha e eu estremeci. — O que Madame Labelle não sabe não vai machucá-la.

Além disso... — Ela tocou um dedo no sangue seco atrás da minha orelha, no meu pulso - o mesmo que as marcas nos meus cotovelos, joelhos, garganta. As mesmas marcas que todos nós usamos desde Modraniht. Uma precaução. — O sangue de Coco vai nos esconder.

— A água vai lavá-lo.

— Eu também tenho magia, você sabe - e você também.

Podemos nos proteger, se necessário.

E você também.

Embora eu tenha tentado reprimir minha vacilada, ela ainda viu.

Seus olhos se fecharam. — Você terá que aprender a usá-lo eventualmente. Me prometa.

Forcei um sorriso, apertando-a levemente. — Isso não é um problema.

Não convencida, ela deslizou do meu colo e abriu o saco de dormir. — Bom. Você ouviu sua mãe. Amanhã, tudo isso acaba.

Uma onda sinistra passou por mim com suas palavras, com sua expressão. Embora eu soubesse que não poderíamos ficar aqui indefinidamente - sabia que não podíamos simplesmente esperar que Morgane ou os Chasseurs nos encontrassem - não tínhamos nenhum plano. Sem aliados. E apesar da confiança de minha mãe, eu não

conseguia imaginar achar alguns. Por que alguém se juntaria a nós em uma luta contra Morgane? A agenda dela era deles - a morte de todos os que os perseguiram.

Suspirando pesadamente, Lou se virou e se enrolou em uma bola apertada. Seu cabelo se espalhou em uma trilha castanha e dourada atrás dela. Eu deslizei meus dedos por ele, tentando acalmá-la. Para liberar a tensão repentina em seus ombros, o

desespero em sua voz. Uma Lou desesperada simplesmente não fazia sentido - como um Ansel mundano ou uma Cosette feia.

— Eu gostaria... — ela sussurrou. — Eu gostaria que pudéssemos viver aqui para sempre. Mas quanto mais ficamos, mais parece - como se estivéssemos roubando momentos de felicidade. Como se esses momentos não fossem nossos. — suas mãos se fecharam em punhos ao lado do corpo. — Ela irá recuperá-

los eventualmente. Mesmo que ela tenha que cortá-los de nossos corações.

Meus dedos pararam em seu cabelo. Respirando devagar e medido - engolindo a fúria que explodia sempre que eu pensava em Morgane - envolvi uma mão ao redor do queixo de Lou, forçando-a a encontrar meu olhar. Para *sentir* minhas palavras. Minha promessa.

— Você não precisa temê-la. Não vamos deixar nada acontecer com você.

Ela zombou de uma forma autodepreciativa. — Eu não tenho medo dela. Eu... — de repente, ela torceu o queixo do meu alcance.

— Deixa pra lá. É patético.

— Lou. — eu massageei seu pescoço, desejando que ela relaxasse. — Você pode me dizer.

— Reid. — ela correspondeu ao meu tom suave, lançando um sorriso doce por cima do ombro. Eu devolvi, balançando a cabeça em encorajamento. Ainda sorrindo, ela me deu uma cotovelada forte nas costelas. — Não me irrite!

Minha voz endureceu. — Lou...

— Apenas deixe isso pra lá — ela retrucou. — Eu não quero falar sobre isso. — olhamos um para o outro por um longo momento

- eu esfregando minha costela machucada rebelde - antes que ela visivelmente murchasse. — Olha, esqueça que eu disse alguma coisa. Não é importante agora. Os outros estarão prontos em breve e podemos começar a planejar. Estou bem. De verdade.

Mas ela não estava bem. E nem eu.

Deus. Eu só queria abraçá-la.

Passei a mão agitada pelo rosto antes de olhar para Madame Labelle. Ela ainda dormia. Até Beau se enfiou de volta em seu saco de dormir, alheio ao mundo mais uma vez. Certo. Antes que eu pudesse mudar de ideia, peguei Lou em meus braços. O riacho não

estava longe. Poderíamos estar lá e voltar antes que alguém percebesse que havíamos partido. — Ainda não é amanhã.

A Warning Bel

Reid

Lou flutuou sobre a água em um preguiçoso contentamento. Seus olhos se fecharam. Seus braços estão bem abertos. Seu cabelo flutuando espesso e pesado ao redor dela. Flocos de neve caíam suavemente. Eles se juntaram em seus cílios, em suas bochechas.

Embora eu nunca tivesse visto uma melusina - apenas li sobre eles nos túmulos antigos de Saint-Cécile - imaginei que eles se pareciam com ela neste momento. Linda. Etérea.

Nua.

Tiramos nossas roupas nas margens geladas do riacho. Absalon se materializou pouco depois, enterrando-se neles. Não sabíamos para onde ele foi quando perdeu a forma corporal. Lou se importava mais do que eu.

— A magia tem suas vantagens, não é? — ela murmurou, arrastando um dedo pela água. O vapor se enrolou com o contato.

— Todas as nossas partes divertidas devem estar congeladas agora. — ela sorriu e espiou um olho aberto. — Você quer que eu te mostre?

Eu arqueei uma sobrancelha. — Tenho uma bela vista daqui.

Ela sorriu. — Porco. Eu quis dizer mágica. — quando eu não disse nada, ela tombou para a frente, boiando na água. Ela não conseguia

tocar o fundo do riacho, não como eu. A água bateu em minha garganta. — Você quer aprender a aquecer água? — ela perguntou.

Desta vez, eu estava pronto para isso. Eu não vacilei. Eu não hesitei. Eu, no entanto, engoli em seco. — Certo.

Ela me estudou com os olhos estreitos. — Você não está exatamente emanando entusiasmo por aí, Chass.

— Erro meu. — afundei mais na água, nadando lentamente em sua direção. — Por favor, ó Radiante, exiba sua grande habilidade mágica. Não posso esperar mais um momento para testemunhar, ou certamente morrerei. Isso será suficiente?

— Isso é mais parecido — ela fungou, levantando o queixo. —

Agora, o que você sabe sobre magia?

— O mesmo que eu sabia no mês passado. — fazia apenas um mês desde a última vez que ela fez essa pergunta? Parecia uma vida inteira. Tudo estava diferente agora. Parte de mim desejou que não fosse. — Nada.

— Lixo. — ela abriu os braços quando fui até ela e os colocou em volta do meu pescoço. Suas pernas travaram em volta da minha cintura. A posição deveria ter sido carnal, mas não foi. Foi... íntimo. Tão perto, eu poderia contar cada sarda em seu nariz. Eu podia ver as gotas de água grudadas em seus cílios. Levei toda a minha determinação para não beijá-la novamente. — Você sabe mais do que pensa. Você esteve perto de sua mãe, Coco e de mim por quase duas semanas, e em Modraniht, você... — ela parou abruptamente, então fingiu um elaborado acesso de tosse. Meu coração despencou aos meus pés. — E em Modraniht, você matou o arcebispo com magia. — ela pigarreou. — Eu... eu só sei que você tem prestado atenção. Sua mente é uma armadilha de aço.

— Uma armadilha de aço — eu ecoei, recuando para aquela fortaleza mais uma vez.

Ela não sabia o quão certa ela estava.

Demorou vários segundos para perceber que ela estava esperando pela minha resposta. Eu desviei o olhar, incapaz de encarar aqueles olhos. Eles estavam azuis agora. Quase cinza. Tão familiar. Assim... traído.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, as árvores farfalharam ao

nosso redor, e com o vento, eu jurei que ouvi sua voz sussurrada.

Você era como um filho para mim, Reid.

O arrepio explodiu em minha pele.

— Você ouviu isso? — eu virei minha cabeça, segurando Lou mais perto. Nenhum arrepio estragou sua pele. — Você ouviu ele?

Ela parou de falar no meio da frase. Seu corpo inteiro ficou tenso e ela olhou ao redor com olhos arregalados. — Quem?

— Eu... eu pensei ter ouvido... — eu balancei minha cabeça.

Não poderia ter sido. O arcebispo estava morto. Uma invenção da minha imaginação ganhou vida para me assombrar. Entre uma piscada e a próxima, as árvores caíram resolutamente imóveis, e a brisa - se é que houve uma - silenciou. — Nada. — eu balancei minha cabeça com mais força, repetindo a palavra como se isso a tornasse verdade. — Não foi nada.

E ainda assim... no ar com cheiro forte de pinheiro... uma presença permaneceu. Uma consciência. Ele nos observou.

Você está sendo ridículo, eu me repreendi.

Eu não liberei meu domínio sobre Lou.

— As árvores nesta floresta têm olhos. — ela sussurrou, repetindo as palavras anteriores de Madame Labelle. Ela ainda olhou em volta com cautela. — Eles podem... ver as coisas dentro da sua cabeça e distorcê-las. Manifesta os medos em monstros. —

ela estremeceu. — Quando fugi pela primeira vez - na noite do meu décimo sexto aniversário - pensei que estava enlouquecendo. As coisas que vi...

Ela parou, seu olhar se voltando para dentro.

Quase não ousei respirar. Ela nunca me disse isso antes. Nunca me contou nada sobre seu passado fora de Cesarine. Apesar de sua pele nua contra a minha, ela usava segredos como uma armadura, e ela não os trocou com ninguém. Nem mesmo eu.

Principalmente eu. O resto da cena sumiu - o riacho, as árvores, o vento - e havia apenas o rosto de Lou, sua voz, enquanto ela se perdia na memória. — O que você viu? — eu perguntei suavemente.

Ela hesitou. — Seus irmãos e irmãs.

Uma respiração aguda. Minha.

— Foi horrível — ela continuou após um momento. — Eu estava cega de pânico, sangrando por toda parte. Minha mãe estava me perseguindo. Eu podia ouvir sua voz por entre as árvores - seus espiões, ela riu uma vez - mas eu não sabia o que era real e o que não era. Eu só sabia que precisava ir embora. Os gritos começaram

então. Eram horripilantes. Uma mão disparou do chão e agarrou meu tornozelo. Eu caí, e este... este cadáver subiu em cima de mim. — uma onda de náusea passou por mim com a imagem, mas não ousei interromper. — Ele tinha cabelos dourados e sua garganta parecia a minha. Ele me agarrou, implorou-me para ajudá-lo, exceto que sua voz não estava certa, é claro, por causa do... — ela tocou a cicatriz com a mão — o sangue. Consegui me afastar dele, mas havia outros. Muitos outros. — suas mãos caíram do meu pescoço para flutuar entre nós. — Vou poupar você dos detalhes sangrentos.

Nada disso era real, de qualquer maneira.

Eu encarei suas palmas voltadas para cima na água. — Você disse que as árvores são espiões de Morgane.

— Isso é o que ela alegou. — ela ergueu uma mão ausente. —

Mas não se preocupe. Madame Labelle nos esconde dentro do acampamento, e Coco...

— Mas eles ainda nos viram agora. As árvores. — peguei seu pulso, examinando a mancha de sangue. A água já o havia corroído em alguns lugares. Eu olhei para meus próprios pulsos. —

Precisamos sair. Imediatamente.

Lou olhou para minha pele limpa com horror. — Merda. Eu disse para você ficar de olho.

— Acredite ou não, eu tinha outras coisas em minha mente. —

retruquei, puxando-a em direção à margem. Estúpido. Fomos tão estúpidos. Muito distraídos, muito envolvidos um no outro - hoje -

para perceber o perigo. Ela se contorceu enquanto tentava se libertar. — Pare!

Tentei segurar seus membros agitados. — Mantenha seus pulsos e garganta acima da água, ou nós dois estaremos...

Ela se acalmou em meus braços.

— Obrigado.

— Cale a boca — ela sibilou, olhando fixamente por cima do meu ombro. Eu mal me virei - apenas vislumbrando manchas de casacos azuis por entre as árvores - antes que ela enfiasse minha cabeça debaixo d'água.

Estava escuro no fundo do riacho. Escuro demais para ver qualquer coisa além do rosto de Lou - mudo e pálido na água. Ela segurou meus ombros com força, interrompendo a circulação.

Quando eu encolhi os ombros sob seu toque, desconfortável, ela me agarrou com mais força, balançando a cabeça. Ela ainda olhava por cima do meu ombro, seus olhos arregalados e... e vazios.

Combinado com sua pele pálida e cabelo flutuante, o efeito era... estranho.

Eu a sacudi ligeiramente. Seus olhos não focaram.

Eu a sacudi novamente. Ela fez uma careta, suas mãos mordendo mais profundamente minha pele.

Se eu pudesse, teria dado um suspiro de alívio. Mas eu não consegui.

Meus pulmões estavam gritando.

Eu não tive tempo de respirar antes que ela me empurrasse para baixo, não fui capaz de me proteger contra o frio repentino e penetrante. Dedos gelados percorreram minha pele, atordoando meus sentidos. Roubando meus sentidos. Qualquer magia que Lou lançou para aquecer a água havia desaparecido. Uma dormência debilitante percorreu meus dedos. Meus dedos do pé. O pânico rapidamente se seguiu.

E então, tão repentinamente, minha vista piscou.

O mundo ficou preto.

Eu me debati contra o aperto de Lou, soltando o pouco fôlego que me restava, mas ela se agarrou a mim, envolvendo seus membros em volta

do meu torso e apertando, ancorando-nos no fundo do riacho. Bolhas explodiram ao nosso redor enquanto eu lutava. Ela me segurou com uma força anormal, esfregando sua bochecha contra a minha como ela pretendia, para me acalmar.

Para me confortar.

Mas ela estava nos afogando, e meu peito estava muito apertado, minha garganta fechando. Não havia calma. Não havia conforto. Meus membros ficaram mais pesados a cada segundo que passava. Em uma última tentativa desesperada, empurrei para cima do chão com todas as minhas forças. Com a sacudida do corpo de Lou, o lodo se solidificou em torno dos meus pés. Me prendendo.

Então ela me deu um soco na boca.

Eu balancei para trás, perplexo, meus pensamentos desbotando para preto, e me preparei para a água correr, para encher meus pulmões e acabar com essa agonia. Talvez fosse pacífico se afogar.

Eu nunca pensei nisso. Quando imaginei minha própria morte, foi com a ponta de uma espada. Talvez torcido e quebrado pela mão de uma bruxa. Finais violentos e dolorosos. Afogar-se seria melhor.

Mais fácil.

No ponto de ruptura, meu corpo inalou involuntariamente. Fechei meus olhos cegos. Envolvi meus braços em volta de Lou, enterrei meu nariz em seu pescoço. Pelo menos Morgane não nos teria.

Pelo menos eu não conheceria a vida sem ela. Pequenas vitórias. O que importa.

Mas a água nunca veio. Em vez disso, o ar incrivelmente fresco inundou minha boca e, com ele, o mais doce alívio. Embora eu ainda não pudesse ver, embora o frio permanecesse debilitante, eu conseguia respirar. Eu poderia pensar. A coerência voltou em uma onda desorientadora. Eu respirei fundo novamente. Depois outro e outro. Isso... isso era impossível. Eu estava respirando embaixo d'água. Como o peixe de Jonas. Como as melusinas. Como...

Como mágica.

Uma lasca de decepção perfurou meu peito. Inexplicável e rápido. Apesar da água ao meu redor, eu me senti... sujo, de alguma forma.

Sórdido. Eu odiei magia por toda a minha vida, e agora... agora era a única coisa que me salvava daqueles que eu uma vez chamei de irmãos. Como cheguei a isso?

Vozes quebraram ao nosso redor, interrompendo meus pensamentos. Claro. Cada um deles soou como se estivéssemos ao lado de seu dono na costa, não atracado sob os pés da água. Mais magia.

— Deus, eu preciso mijar.

— Não no riacho, seu idiota! Vá rio abaixo!

— Seja rápido. — uma terceira voz, esta impaciente. — O

capitão Toussaint nos espera na aldeia em breve. Uma última pesquisa e partiremos ao amanhecer.

— Graças a Deus ele está ansioso para voltar para sua garota.

— um deles esfregou as palmas das mãos contra o frio. — minha sobrançelha franziu. Sua garota? — Não posso dizer que sinto muito por deixar este lugar miserável. Dias de patrulhas sem nada para mostrar a eles, exceto congelamento e...

Uma quarta voz. — Aquilo são... roupas?

As unhas de Lou começaram a sangrar agora. Eu mal senti isso.

Meu batimento cardíaco rugiu em meus ouvidos. Se eles examinassem as roupas, se levantassem meu casaco e minha camisa, eles encontrariam minha bandoleira.

Eles encontrariam minha Balisarda.

As vozes ficaram mais altas à medida que os homens se aproximavam.
— Duas pilhas, parece.

Uma pausa.

— Bem, eles não podem estar lá. A água está muito fria.

— Eles congelariam até a morte.

Atrás de olhos cegos, eu os imaginei se aproximando da água, procurando em suas profundezas azuis rasas por sinais de vida.

Mas as árvores mantinham o riacho à sombra, mesmo com o sol

nascente, e o lodo mantinha a água turva. A nevasca teria coberto nossos passos.

Finalmente, o primeiro murmurou: — Ninguém consegue prender a respiração por tanto tempo.

— Uma bruxa poderia.

Outra pausa, esta mais longa que a anterior. Mais sinistro. Prendi a respiração, contei cada batida rápida do meu coração.

Tum tum tum.

Tum tum tum.

Tum tum tum.

— Mas... estas são roupas masculinas. Veja. Calças.

Uma névoa vermelha cortou a escuridão sem fim. Se eles encontrassem minha Balisarda, eu arrancaria meus pés do lodo à força. Mesmo que isso significasse perder os pés.

Tum tum tum.

Tum tum tum.

Eu não cederia minha Balisarda.

Tum tum tum

Eu incapacitaria todos eles.

Tum tum tum

Eu não a perderia.

— Você acha que eles se afogaram?

— Sem suas roupas?

— Você está certo. A explicação mais lógica é que eles estão vagando nus na neve.

Tum tum tum

— Talvez uma bruxa os tenha puxado para baixo.

— Certamente, entre e verifique.

Um bufo indignado. — Está congelando. E quem sabe o que pode estar escondido lá? De qualquer forma, se uma bruxa os puxou para baixo, eles já devem ter se afogado. Não há sentido em adicionar meu cadáver à pilha.

— Você é um grande Chasseur.

— Eu não vejo você se oferecendo.

Tum tum tum

Uma parte distante do meu cérebro percebeu que meu batimento cardíaco estava diminuindo. Ele reconheceu o frio que desceu pelos meus braços, subindo pelas minhas pernas. Tocou um sino de aviso. O aperto de Lou em volta do meu peito lentamente afrouxou.

Eu apertei meus braços sobre ela em resposta. O que quer que ela estivesse fazendo para nos manter respirando, para fortalecer nossa audição, estava esgotando-a. Ou talvez fosse o frio. De qualquer maneira, eu podia senti-la enfraquecendo. Eu tive que fazer algo.

Instintivamente, busquei a escuridão que senti apenas uma vez antes. O abismo. O vazio. Aquele lugar onde eu caí enquanto Lou morria, aquele lugar que eu cuidadosamente tranquei e ignorei. Eu me atrapalhei para libertá-lo agora, alcançando cegamente meu subconsciente. Mas não estava lá. Eu não consegui encontrar. O

pânico aumentou, inclinei a cabeça de Lou para trás e trouxe minha boca para a dela. Forçou minha respiração em seus pulmões. Ainda procurei, mas não havia cordões dourados aqui. Não havia padrões.

Havia apenas água gelada e olhos cegos e Lou - a cabeça de Lou caindo no meu braço, seu aperto escorregando de meus ombros, seu peito parando contra o meu.

Eu a sacudi, meu pânico se transformando em medo cru e debilitante, e vasculhei meu cérebro por algo - qualquer coisa - que eu pudesse fazer. Madame Labelle havia mencionado equilíbrio.

Talvez... talvez eu pudesse...

A dor passou pelos meus pulmões antes que eu pudesse terminar o pensamento, e eu engasguei. Água inundou minha boca.

Minha visão voltou abruptamente, e o lodo ao redor dos meus pés se dissipou, o que significava...

Lou havia perdido a consciência.

Não parei para pensar, para ver o ouro cintilando na minha periferia tomar forma. Agarrando seu corpo inerte, lancei-me à superfície.

Pretty Porcelain

Lou

O calor irradiou pelo meu corpo. Lentamente no início, depois de uma vez. Meus membros formigaram quase dolorosamente, me puxando de volta à consciência. Amaldiçoando as picadas - e a neve, e o vento, e o fedor acobreado no ar - eu gemi e abri os olhos.

Minha garganta parecia crua, apertada. Como se alguém tivesse enfiado um atizador quente nele enquanto eu dormia. — Reid? — a palavra saiu como um grasnido. Eu tossi, sons horríveis e molhados sacudiram meu peito, e tentei novamente. — Reid?

Amaldiçoando quando ele não respondeu, eu rolei.

Um grito estrangulado saiu da minha garganta e recuei.

Um Chasseur sem vida olhou para mim. Sua pele estava sem sangue contra a costa gelada do riacho, pois a maior parte do dito sangue derreteu a neve abaixo dele, infiltrando-se na terra e na água. Seus três companheiros não se deram muito melhor. Seus cadáveres se espalharam pelo banco, cercados pelas facas descartadas de Reid.

Reid.

— Porra! — fiquei de joelhos, as mãos tremulando sobre a enorme figura de cabelo cobre do meu outro lado. Ele estava deitado de bruços contra a neve com as calças amarradas ao acaso, o braço e a cabeça enfiados na camisa como se ele tivesse desmaiado antes de terminar de se vestir.

Eu o rolei com outra maldição. Seu cabelo congelou contra o rosto respingado de sangue, e sua pele ficou cinza-azulada. Oh Deus.

Oh deus oh deus oh deus

Pressionando uma orelha frenética contra seu peito, quase chorei de alívio quando ouvi um batimento cardíaco. Estava fraco, mas estava

lá. Meu próprio coração batia forte e traiçoeiro em meus ouvidos - saudável e forte - e meu cabelo e minha pele estavam incrivelmente quentes e secos. A realização passou por mim em uma onda de náusea. O idiota quase se matou tentando me salvar.

Eu apliquei minhas mãos contra seu peito, e ouro explodiu diante de mim em uma teia de possibilidades infinitas. Passei por eles apressadamente, em pânico demais para atrasar, para pensar nas consequências, e parei quando uma memória se desenrolou em minha mente: minha mãe escovando meu cabelo na noite anterior ao meu aniversário de dezesseis anos, a ternura em seu olhar, o calor do sorriso dela.

Calor.

Fique segura, minha querida, enquanto nos separamos. Esteja seguro até nos encontrarmos novamente.

Você vai se lembrar de mim, mamãe?

Eu nunca poderia te esquecer, Louise. Eu te amo.

Recuando com suas palavras, eu puxei o cordão dourado e torci sob o meu toque. A memória mudou em minha mente. Seus olhos endureceram em lascas de gelo esmeralda, e ela zombou da esperança em minha expressão, o desespero em minha voz. Meu rosto de dezesseis anos caiu. Lágrimas rolaram.

Claro que não te amo, Louise. Você é filha do meu inimigo. Você foi concebido para um propósito superior e não vou envenenar esse propósito com amor.

Claro. Claro que ela não me amava. Eu balancei minha cabeça, desorientada, e cerrei meu punho. A memória se dissolveu em pó dourado, e seu calor inundou Reid. Seu cabelo e roupas secaram em uma explosão de calor. A cor voltou a sua pele e sua respiração se aprofundou. Seus olhos se abriram enquanto eu tentava enfiar o outro braço em sua manga.

— Pare de me dar o calor do seu corpo. — eu rebati, puxando sua camisa para baixo de seu abdômen violentamente. — Você está se matando.

— Eu... — atordoado ele piscou várias vezes, observando a cena sangrenta ao nosso redor. A cor que ele recuperou em sua pele desapareceu com a visão de seus irmãos mortos.

Virei seu rosto em direção ao meu, segurando suas bochechas e forçando-o a segurar meu olhar. — Concentre-se em mim, Reid.

Eles não. Você precisa quebrar o padrão.

Seus olhos se arregalaram enquanto ele olhava para mim. —

Eu...eu não sei como.

— Apenas relaxe. — eu persuadi, tirando seu cabelo de sua testa. — Visualize o cordão que nos liga em sua mente e deixe-o ir.

— Deixe ir. — ele riu, mas o som foi estrangulado. Não continha alegria. — Certo.

Balançando a cabeça, ele fechou os olhos em concentração.

Depois de um longo momento, o calor pulsando entre nós cessou, substituído pela mordida amarga do ar frio e invernal. — Bom — eu disse, sentindo aquele frio no fundo dos meus ossos. — Agora me diga o que aconteceu.

Seus olhos se abriram, e naquele breve segundo, eu vi um flash de dor crua e não adulterada. Isso fez minha respiração ficar presa na minha garganta.

— Eles não paravam. — ele engoliu em seco e desviou o olhar.

— Você estava morrendo. Eu tinha que te levar para a superfície.

Mas eles nos reconheceram e não quiseram ouvir... — tão rapidamente quanto veio, a dor em seus olhos desapareceu, apagada como a chama de uma vela. Um vazio inquietante o substituiu. — Eu não tive escolha. — ele terminou com uma voz tão vazia quanto seus olhos. — Era você ou eles.

O silêncio desceu quando a realização me atingiu na cabeça.

Esta não foi a primeira vez que ele foi forçado a escolher entre mim e outros. Esta não foi a primeira vez que ele manchou as mãos com o sangue de sua família para salvar o meu. Oh Deus.

— Claro. — eu balancei a cabeça muito rapidamente, minha voz terrivelmente leve. Meu sorriso horrivelmente brilhante. — Está bem.

Isto é bom. — eu me levantei, oferecendo-lhe a mão. Ele olhou por um segundo, hesitando, e meu estômago caiu para algum lugar ao redor

dos meus tornozelos. Eu sorri mais forte. Claro que ele hesitaria em me tocar. Tocar em alguém. Ele acabara de passar por

uma experiência traumática. Ele lançou sua primeira magia desde Modraniht, e ele a usou para prejudicar seus irmãos. Claro que ele se sentiu em conflito. Claro que ele não me queria...

Eu lancei o pensamento espontâneo de lado, encolhendo-me como se ele tivesse me mordido. Mas era tarde demais. O veneno já havia se instalado. A dúvida escorria dos furos de suas presas, e eu assisti - desconectei - enquanto minha mão caiu para o meu lado.

Ele o pegou no último segundo, segurando-o com firmeza. — Não faça isso — disse ele.

— Não faça o quê?

— O que quer que você esteja pensando. Não.

Eu dei uma risada áspera, procurando uma resposta espirituosa, mas não encontrei nenhuma. Em vez disso, ajudei-o a se levantar.

— Vamos voltar ao acampamento. Eu odiaria desapontar sua mãe.

Nesse ponto, ela provavelmente está salivando para nos assar no espeto. Eu posso fazer as honras, na verdade. Está congelando aqui.

Ele assentiu, ainda assustadoramente impassível, e calçou as botas em silêncio. Tínhamos acabado de voltar para o Hollow quando um pequeno movimento na minha periferia me fez parar.

Seu olhar cortou ao nosso redor. — O que é isso?

— Nada. Por que você não vai na frente?

— Você não está falando sério.

Outro movimento, este mais pronunciado. Meu sorriso - ainda muito brilhante, muito alegre - desapareceu. — Eu preciso mijar —

eu disse categoricamente. — Você gostaria de assistir?

As bochechas de Reid inflamaram e ele tossiu, abaixando a cabeça. — Er não. Vou esperar bem...bem ali.

Ele fugiu para trás da espessa folhagem de um abeto sem olhar para trás. Eu o observei ir, esticando o pescoço para garantir que ele estava

fora de vista, antes de me virar para estudar a fonte do movimento.

Na beira do riacho, não totalmente morto, o último dos Chasseurs me observou com olhos suplicantes. Ele ainda segurava sua Balisarda. Ajoelhei-me ao lado dele, a náusea me agitando enquanto o arrancava de seus dedos rígidos e congelados. Claro que Reid não tinha tirado dele, de nenhum deles. Teria sido uma

violação. Não importava que bruxas provavelmente encontrassem esses corpos e roubassem as lâminas encantadas para si mesmas.

Para Reid, roubar a identidade de seus irmãos em seus momentos finais teria sido uma traição impensável, pior ainda do que matá-los.

Os lábios pálidos do Chasseur se moveram, mas nenhum som saiu. Suavemente, eu o rolei sobre seu estômago. Morgane uma vez me ensinou como matar um homem instantaneamente. — Na base da cabeça — ela instruiu, tocando a ponta da faca no meu próprio pescoço — Onde a espinha se encontra com o crânio.

Separe os dois e não poderá haver ressuscitação.

Eu imitei o movimento de Morgane contra o pescoço do Chasseur. Seus dedos se contraíram de agitação. Com medo. Mas era tarde demais para ele agora, e mesmo não foi, ele viu nossos rostos. Talvez ele tenha visto Reid usar magia também. Este foi o único presente que eu poderia dar a qualquer um deles.

Respirando fundo para me acalmar, mergulhei a Balisarda na base do crânio do Chasseur. Seus dedos pararam de se contrair abruptamente. Após um momento de hesitação, eu o rolei de volta, cruzei suas mãos em seu peito e coloquei sua Balisarda entre elas.

Como previsto, Madame Labelle esperava por nós na orla de Hollow, com as bochechas coradas e os olhos brilhando de raiva. O

fogo praticamente saiu de suas narinas. — Onde você ... — ela parou bruscamente, os olhos se arregalando quando ela viu nosso cabelo despenteado e o estado de nudez. Reid ainda não tinha amarrado as calças. Ele se apressou em fazer isso agora. —

Imbecis! — Madame Labelle gritou, sua voz tão alta, tão estridente e desagradável, que algumas pombas fugiram para o céu. —

Cretinos! Crianças estúpidas e asininhas! Vocês são capazes de pensar com as regiões mais ao norte de seus corpos, ou vocês são governados

inteiramente pelo sexo?

— É uma situação difícil em qualquer dia. — marchando para o meu saco de dormir, puxando Reid no reboque, joguei meu cobertor sobre seus ombros. Sua pele ainda estava muito pálida para o meu gosto, sua respiração muito superficial. Ele me puxou para baixo do ombro, me agradecendo com um toque de seus lábios no meu ouvido. — Embora eu esteja surpreso de ouvir uma senhora sendo tão pudica.

— Oh, eu não sei. — sentando-se em seu saco de dormir, Beau passou a mão pelo cabelo despenteado. O sono ainda grudava em seu rosto. — Só desta vez, eu poderia chamar de prudência. E isso está dizendo algo de mim. — ele arqueou uma sobrancelha em minha direção. — Foi bom, pelo menos? Espere, apague isso. Se fosse com qualquer pessoa que não fosse meu irmão, talvez...

— Cale a boca, Beau, e ative o fogo enquanto você faz isso —

Coco rebateu, seus olhos percorrendo cada centímetro da minha pele. Ela franziu a testa para tudo o que viu lá. — Isso é sangue?

Você está machucada?

Beau inclinou a cabeça para me estudar antes de concordar com a cabeça. Ele não fez nenhum movimento para ativar o fogo. — Não é o seu melhor visual, irmãzinha.

— Ela não é sua irmã. — Reid rosnou.

— E ela parece melhor do que você em seu pior dia —

acrescentou Coco.

Ele riu e balançou a cabeça. — Suponho que vocês dois tenham direito às suas opiniões erradas.

— Chega! — Madame Labelle jogou as mãos para o alto, cansada em sua exasperação, e olhou para todos nós. — O que aconteceu?

Com um olhar para Reid - ele ficou tenso como se Madame Labelle o tivesse espetado com um atizador de fogo - rapidamente contei os eventos no riacho. Embora eu tenha pulado as partes íntimas, Beau gemeu e caiu para trás de qualquer maneira, puxando um cobertor sobre o rosto. A expressão de Madame Labelle ficava mais dura com cada palavra.

— Eu estava tentando manter quatro padrões ao mesmo tempo.

— eu disse, formigando com defensiva em seus olhos estreitos, nas manchas de cor subindo para suas bochechas. — Dois padrões para nos ajudar a respirar e dois padrões para nos ajudar a ouvir.

Era demais controlar a temperatura da água também. Eu esperava poder durar o suficiente para os Chasseurs partirem. — eu olhei relutantemente para Reid, que olhava com determinação para seus pés. Embora ele tenha devolvido a Balisarda à bandoleira, ele ainda segurava a alça com a mão livre. Seus nós dos dedos estavam brancos ao redor. — Lamento não ter conseguido.

— Não foi sua culpa. — ele murmurou.

Madame Labelle seguiu em frente, sem se importar com toda e qualquer pista emocional. — O que aconteceu com os Chasseurs?

Mais uma vez, olhei para Reid, preparado para mentir se necessário.

Ele respondeu por mim, sua voz oca. — Eu os matei. Eles estão mortos.

Finalmente, finalmente, o rosto de Madame Labelle se suavizou.

— Então ele me deu calor de seu corpo na margem. — corri para continuar a história, repentinamente ansiosa para encerrar essa conversa, puxar Reid de lado e confortá-lo de alguma forma. Ele parecia tão - tão duro. Como uma das árvores que crescem ao nosso redor, estranha, desconhecida e difícil. Eu detestava. — Foi uma mágica inteligente, mas ele quase morreu de frio. Eu tive que sugar o calor de uma memória para reviver...

— Você o que? — Madame Labelle endireitou-se em toda a sua estatura e olhou fixamente para mim, os punhos cerrados em um gesto tão familiar que parei, olhando fixamente. — Sua garota tola...

Eu levantei meu queixo em desafio. — Você teria preferido que eu o tivesse deixado morrer?

— Claro que não! Mesmo assim, essa imprudência deve ser controlada, Louise. Você sabe muito bem como é perigoso mexer na memória.

— Eu estou ciente — eu disse com os dentes cerrados.

— Por que é perigoso?— Reid perguntou baixinho.

Virei minha cabeça em direção a ele, baixando minha voz para combinar com a dele. — Memórias são uma espécie de... é sagrado. Nossas experiências na vida moldam quem somos - é como nutrir a natureza - e se mudarmos nossas memórias dessas experiências, bem... podemos mudar quem somos também. Não há como dizer como aquela memória que ela alterou afetou seus valores, suas crenças, suas expectativas. — Madame Labelle afundou em seu toco de árvore favorito. Respirando profundamente, ela endireitou a coluna e apertou as mãos como se estivesse tentando se concentrar em outra coisa - qualquer outra coisa - além de sua raiva. — A personalidade tem nuances. Existem alguns que acreditam que a natureza - nossa linhagem, nossas características

herdadas - influencia quem somos, independentemente da vida que levamos. Eles acreditam que nos tornamos quem nascemos para ser. Muitas bruxas, Morgane incluída, usam essa filosofia para desculpar seu comportamento hediondo. É um absurdo, claro.

Todos os olhos e ouvidos no Hollow se fixaram exclusivamente nela. Até Beau pôs a cabeça para fora com interesse.

As sobrançelas de Reid franziram.

— Assim... você acredita que a criação tem maior domínio do que a natureza.

— Claro que sim. As menores mudanças na memória podem ter consequências profundas e invisíveis. — seu olhar se voltou para mim e aqueles olhos familiares se estreitaram quase infinitesimalmente. — Eu vi isso acontecer.

Ansel deu um sorriso hesitante, uma reação instintiva, no silêncio constrangedor que se seguiu. — Eu não sabia que bruxaria poderia ser tão acadêmica.

— O que você sabe sobre bruxaria não encheria uma casca de noz. — disse Madame Labelle irritada.

Coco estalou algo em resposta, ao qual Beau disparou de volta.

Eu não ouvi nada disso, pois Reid ergueu a mão na parte inferior das minhas costas. Ele se inclinou para sussurrar: — Você não deveria ter feito isso por mim.

— Eu faria muito pior por você.

Ele se afastou com o meu tom, seus olhos procurando os meus.

— O que você quer dizer?

— Nada. Não se preocupe com isso. — eu acariciei sua bochecha, extremamente aliviada quando ele não se afastou. — O

que está feito está feito.

— Lou. — ele agarrou meus dedos, apertando suavemente antes de devolvê-los ao meu lado. Meu coração caiu com a rejeição, embora educada.

— Conte-me.

— Não.

— Conte-me.

— Não.

Ele exalou forte pelo nariz, apertando a mandíbula. — Por favor.

Eu encarei ele, deliberando, enquanto a briga de Coco e Beau aumentava. Esta foi uma má idéia. Uma ideia muito ruim, de fato. —

Você já sabe um pouco disso — eu disse por fim. — Para ganhar, você deve dar. Eu adulterei uma memória para revivê-la na praia. Eu troquei nossa visão por uma audição aprimorada, e eu...

Para ser totalmente honesta, eu queria mentir. Novamente. Eu queria sorrir e dizer a ele que tudo ficaria bem, mas havia pouco sentido em esconder o que eu tinha feito. Essa era a natureza da besta. A magia exigia sacrifício. A natureza exigia equilíbrio. Reid precisaria aprender isso mais cedo ou mais tarde, se quiséssemos sobreviver.

— Você? — ele perguntou impacientemente.

Eu encontrei seu olhar duro e inabalável de frente. — Troquei alguns momentos da minha vida por aqueles momentos debaixo d'água. Era a única maneira que eu conseguia pensar para nos manter respirando.

Ele recuou de mim então, recuou fisicamente, mas Madame Labelle se levantou de um salto, erguendo a voz para ser ouvida por Coco e Beau. Ansel observou o caos se desenrolar com ansiedade palpável. —

Eu disse que já chega! — a cor de suas bochechas havia se aprofundado e ela tremia visivelmente. O temperamento de Reid obviamente foi herdado. — Por falta do dente e olho da Velha, vocês - todos vocês - precisam parar de se comportar como crianças, ou as Damas Blanches vão dançar sobre suas cinzas. —

ela lançou um olhar penetrante para Reid e eu. — Você tem certeza de que os Chasseurs estão mortos? Todos eles?

O silêncio de Reid deveria ter sido uma resposta suficiente.

Quando Madame Labelle ainda olhava com expectativa, no entanto, esperando pela confirmação, fiz uma careta e disse as palavras em voz alta. — Sim. Eles já eram.

— Bom — ela cuspiu.

Reid ainda não disse nada. Ele não reagiu ao sentimento cruel dela. Ele estava se escondendo, eu percebi. Escondendo-se deles, escondendo-se de si mesmo... se escondendo de mim. Madame Labelle arrancou três pedaços de pergaminho amassado de seu corpete e os empurrou em nossa direção. Eu reconheci a caligrafia de Coco neles, os apelos que ela escreveu para sua tia. Abaixo da

última, uma mão desconhecida havia escrito uma recusa brusca

"Seu caçador não é bem-vindo aqui." Foi isso. Nenhuma outra explicação ou cortesia. Nenhum "Se", "E...", ou "Mas."

Parecia que La Voisin finalmente dera sua resposta.

Eu esmaguei a última nota em meu punho antes que Reid pudesse lê-la, o sangue rugindo em meus ouvidos.

— Podemos todos concordar que agora é hora de enfrentar os monstros — disse Madame Labelle — Ou devemos continuar a fechar os olhos e esperar pelo melhor?

Minha irritação com Madame Labelle se aproximou perigosamente do desgosto. Eu não me importava que ela fosse a mãe de Reid. Naquele momento, eu não desejei que ela morresse, mas... uma coceira. Sim. Uma coceira eterna em suas regiões inferiores que ela nunca conseguia coçar. Um castigo adequado para quem estragava tudo.

E ainda, apesar de sua insensibilidade cruel, eu sabia que no fundo ela estava certa. Nossos momentos roubados haviam passado.

Chegou a hora de seguir em frente.

— Você disse ontem que precisamos de aliados. — coloquei minha mão na de Reid, apertando seus dedos com força. Era o único conforto que eu poderia oferecer a ele aqui. Quando ele não retornou a pressão, no entanto, uma velha fissura se abriu em meu coração. Palavras amargas derramaram antes que eu pudesse detê-las. — A quem nós perguntaríamos? As bruxas de sangue claramente não estão conosco. O povo de Belterra certamente não estará se unindo à nossa causa. Somos bruxas. Nós somos maus.

Nós penduramos suas irmãs, irmãos e mães na rua.

—Morgane fez essas coisas — argumentou Coco. — Não fizemos nada.

— Mas esse é o ponto, não é? Nós deixamos acontecer. — fiz uma pausa, exalando forte. — Eu deixei acontecer.

— Pare com isso. — disse Coco ferozmente, sacudindo a cabeça. — O único crime que você cometeu foi querer viver.

— Não importa. — Madame Labelle voltou ao coto com uma expressão pensativa. Embora suas bochechas ainda estivessem

rosadas, ela misericordiosamente baixou a voz. Meus ouvidos se alegraram. — Aonde o rei liderar, o povo o seguirá.

— Você está louco se pensa que meu pai vai se aliar com você.

— disse Beau de seu saco de dormir. — Ele já tem dinheiro pela cabeça de Lou.

Madame Labelle fungou. — Temos um inimigo comum em Morgane. Seu pai pode ser mais receptivo do que você pensa.

Beau revirou os olhos. — Olha, eu sei que você acha que ele ainda te ama ou algo assim, mas ele...

— Não é o único aliado que perseguiremos — disse Madame Labelle secamente. — Obviamente, nossas chances de sucesso são muito maiores se persuadirmos o Rei Auguste a se juntar a nós, pois ele sem dúvida comandará os Chasseurs até que a Igreja indique uma nova liderança, mas existem outros jogadores igualmente poderosos neste mundo. O Loup Garou, por exemplo, e as melusines. Talvez até Josephine fosse receptiva nas circunstâncias certas.

Coco riu. — Se minha tia se recusou a nos hospedar com um ex-Chasseur envolvido, o que te faz pensar que ela vai concordar em se aliar com as coisas reais? Ela não gosta particularmente de lobisomens ou sereias também.

Reid piscou, o único sinal externo de que ele captou o conteúdo da nota de La Voisin.

— Absurdo. — Madame Labelle balançou a cabeça. — Devemos simplesmente mostrar a Josephine que ela tem mais a ganhar com uma aliança do que com políticas mesquinhas.

— *Política mesquinha?* — os lábios de Coco se curvaram. — A política da minha tia é vida ou morte para o meu povo. Quando as Damas Blanches expulsaram meus ancestrais do Chateau, tanto o loup garou quanto as melusinas se recusaram a oferecer ajuda. Mas você não sabia disso, não é? As damas Blanches pensam apenas em si mesmas. Exceto você, Lou. — acrescentou ela.

— Sem ofensa. — eu espreitei até a raiz mais próxima, me arrastei para cima dela e olhei para Madame Labelle. Meus pés balançavam vários centímetros acima do solo, no entanto, diminuindo minha pose ameaçadora. — Se estamos vivendo na terra da fantasia, por que não adicionamos Woodrose e Tarasque à

lista? Tenho certeza de que um homem-cabra e dragão mítico adicionaria uma cor agradável a esta grande batalha que você está sonhando.

— Não estou sonhando com nada, Louise. Você sabe tão bem quanto eu que sua mãe não ficou ociosa em seu silêncio. Ela está planejando alguma coisa e devemos estar prontos para o que quer que seja.

— Não será uma batalha. — eu balancei meus pés em uma demonstração de indiferença, apesar da trepidação formigando sob minha pele. — Não no sentido tradicional. Esse não é o estilo dela.

Minha mãe é anarquista, não soldado. Ela ataca das sombras, se esconde na multidão. É como ela incita o medo, no caos. Ela não arriscará unir seus inimigos apresentando um ataque direto.

— Mesmo assim — disse Madame Labelle friamente. — Somos seis contra dezenas de Dames Blanches. Precisamos de aliados.

— Para o bem do seu argumento, digamos que todas as partes formem uma aliança milagrosa. — eu balancei meus pés com mais força, mais

rápido. — O rei, Chasseurs, Dames Rouges, Loup Garou e Melusines, todos trabalhando juntos como uma grande família feliz. O que acontecerá depois que derrotarmos Morgane?

Vamos continuar a matar uns aos outros por causa do cadáver dela? Somos inimigos, Helene. Lobisomens e sereias não vão se tornar amigos do peito no campo de batalha. Os caçadores não vão abandonar séculos de ensino para fazer amizade com bruxas. A dor é muito longa e muito grande de todos os lados. Você não pode curar uma doença com um curativo.

— Então dê a eles a cura. — disse Ansel calmamente. Ele encontrou meu olhar com uma firmeza firme além de sua idade. —

Você é uma bruxa. Ele é um caçador.

A resposta de Reid foi baixa, plana. — Não mais.

— Mas você era. — Ansel insistiu. — Quando você se apaixonou, vocês eram inimigos.

— Ele não sabia que eu era meu inimigo. — comecei.

— Mas você sabia que ele era seu. — os olhos de Ansel, da cor de uísque, passaram de mim para Reid. — Isso teria importância?

Não importa se você é uma bruxa. Ele me disse depois de Modraniht. Suas mãos seguraram as minhas e as lágrimas brotaram

de seus olhos. Eles foram tão expressivos, cheios de emoção. Com amor. A maneira como você vê o mundo... Eu quero ver dessa forma também.

Prendendo a respiração, esperei por sua validação, mas ela nunca veio. Madame Labelle falou em vez disso. — Acredito que uma abordagem semelhante funcionará nos outros. Uni-los contra um inimigo comum, forçando-os a trabalhar juntos, pode mudar as percepções de cada lado. Pode ser o impulso de que todos precisamos.

— E você me chamou de idiota. — chutei com mais força para enfatizar meu ceticismo, e minha bota, ainda desamarrada na minha pressa de deixar o riacho, escorregou do meu pé. Um pedaço de papel saiu voando. Franzindo a testa, pulei no chão para recuperá-

lo. Ao contrário do pergaminho barato e manchado de sangue que Coco roubou da aldeia, este bilhete foi escrito em linho limpo e fresco

que cheirava a... a eucalipto. Meu sangue gelou.

Linda porcelana, linda boneca, com cabelos negros como a noite,

Ela chora sozinha dentro de sua mortalha, suas lágrimas tão verdes e brilhantes.

Coco caminhou para o meu lado, inclinando-se mais perto para ler as palavras. — Isso não é da minha tia.

O linho escorregou por dedos dormentes.

Ansel se abaixou para pegá-lo e também deu uma olhada no conteúdo. — Eu não sabia que você gostava de poesia.

Quando seus olhos encontraram os meus, seu sorriso vacilou. —

É lindo. De uma forma triste, eu acho.

Ele tentou me devolver o linho, mas meus dedos ainda se recusavam a funcionar. Reid pegou em seu lugar. — Você não escreveu isso, não é? — ele perguntou, exceto que não era uma pergunta.

Muda, eu balancei minha cabeça de qualquer maneira.

Ele me estudou por um momento antes de voltar sua atenção para a nota. — Estava no seu sapato. Quem quer que tenha escrito deve ter estado lá no riacho. Sua carranca se aprofundou e ele o

passou para Madame Labelle, que estendeu a mão impaciente. —

Você acha que é de um Chasseur?

— Não. — a descrença que me manteve congelada finalmente se rompeu em uma onda quente de pânico. Peguei o bilhete de Madame Labelle, sem ligar para o protesto dela, e enfiei de volta no sapato. — Foi Morgane.

The Wisest Course of Action

Reid

Um silêncio agourento caiu sobre o acampamento. Todos olharam para Lou enquanto ela respirava fundo para se recompor.

Finalmente, ela deu uma voz ao nosso silêncio. — Como ela nos encontrou?

Foi uma boa pergunta. Não era o certo.

Eu encarei o fogo crepitante, visualizando a mão pálida de Morgane - sua escrita curva e elegante - enquanto ela soletrava destruição e condenação.

Eu tinha uma decisão a tomar.

— Você saiu do acampamento, lembra? — Madame Labelle disparou.
— Para tomar banho, e outras coisas.

— O Chateau le Blanc fica a quilômetros daqui — disse Lou. Eu poderia dizer que ela estava lutando para manter sua voz razoável.

— Mesmo se a água lavasse a proteção de Coco, mesmo se as árvores sussurrassem nosso paradeiro, ela não poderia ter chegado aqui tão rapidamente. Ela não pode voar.

— Claro que ela poderia. Se estiver devidamente motivado, você também poderia. É simplesmente uma questão de encontrar o padrão certo.

—Ou talvez ela já estivesse aqui, nos observando. Talvez ela esteja nos observando o tempo todo.

—Impossível. — eu olhei para cima para ver os olhos de Madame Labelle escurecerem. — Eu mesmo encantava este vazio.

— De qualquer maneira — disse Coco, plantando as mãos nos quadris, — por que ela simplesmente não te tirou do riacho?

Voltei minha atenção para o fogo. Essa era uma pergunta melhor. Ainda não é o certo.

As palavras de Morgane flutuaram de volta em minha mente. *"Ela chora sozinha dentro de sua mortalha, suas lágrimas tão verdes e brilhantes."* A resposta estava bem na nossa frente. Eu engoli em seco com a palavra. *Mortalha*. Claro que esse era o plano de Morgane. A dor trovejou contra a porta da minha fortaleza, mas eu a mantive sob controle, ignorei o fragmento de desejo que ameaçava me abrir.

Lentamente, metodicamente, organizei meus pensamentos -
minhas emoções - de volta à ordem.

— Eu não sei. — Lou respondeu à pergunta de Coco com um som de frustração e começou a andar. — Isso é tão, tão ela. E até que

saibamos como ela me encontrou, ou o que ela quer, não estamos seguros aqui. — ela girou abruptamente para enfrentar Madame Labelle. — Você está certa. Precisamos sair imediatamente. Hoje.

Ela não estava errada.

— Mas ela sabe que estamos aqui — disse Coco. — Ela não vai apenas nos seguir?

Lou voltou a andar, não tirou os olhos do caminho que ela usava no chão. — Ela tentará seguir. Claro que ela vai. Mas o jogo dela ainda não está pronto, ou ela já teria me levado. Temos até então para perdê-la.

— Maravilhoso. — Beau revirou os olhos para o céu, jogando-se sem graça em seu saco de dormir. — Temos um machado invisível pairando sobre nossas cabeças.

Eu respirei fundo.

— Não é invisível.

Todos os olhos na clareira se viraram para me encarar. Eu hesitei. — Eu ainda não tinha decidido o que fazer. Se eu estiver certo - e eu sei que estou - muitas vidas serão perdidas se não agirmos. E se nós agíssemos... bem, estaríamos caminhando para uma armadilha. O que significava Lou...

Eu olhei para ela, meu coração torcendo.

— Lou estaria em perigo.

— Meu Deus, cara — exclamou Beau. — Agora não é hora de bancar o herói taciturno. Cai fora com essa!

— Estava tudo na nota. — gesticulando para as brasas do fogo, dei de ombros. O movimento parecia frágil. — Choro, lágrimas, pálido. É um funeral. — quando lancei a Lou um olhar significativo, ela engasgou.

— O funeral do arcebispo.

Eu concordei. — Ela está nos atraindo.

Suas sobrancelhas baixaram e ela inclinou a cabeça. — Mas...

— Essa é apenas uma linha. — concluiu Ansel. — E o resto?

Obriguei-me a manter a calma. Recolhido. Vazio da emoção agitada fora da minha fortaleza mental. — Eu não sei. Mas seja o que for que ela esteja planejando, é para o funeral dele. Estou certo disso.

Se eu estivesse certo, poderia colocar Lou em perigo para salvar centenas, talvez milhares, de pessoas inocentes? Arriscar sua vida para salvar os outros me tornava diferente de Morgane? Um pelo bem de muitos. Foi um sentimento sábio, mas errado, de alguma forma. Mesmo se não fosse Lou. Os fins não justificam os meios.

E ainda assim... Eu conhecia Morgane melhor do que ninguém aqui. Melhor do que a Madame Labelle. Melhor que até mesmo Lou.

Eles conheciam La Dame des Sorcières como a mulher. A mãe. O

amigo. Eu a conhecia como o inimigo. Tinha sido meu dever estudar sua estratégia, para prever seus ataques. Eu passei os últimos vários anos da minha vida crescendo intimamente familiarizado com seus movimentos. O que quer que ela tivesse planejado para o funeral do Arcebispo, cheirava a morte.

Mas eu não podia arriscar Lou. Eu não posso. Se esses poucos, momentos terríveis no Modraniht me ensinaram qualquer coisa -

quando sua garganta se abriu, quando seu sangue encheu a bacia -

era que eu não estava interessado em uma vida sem ela. Não que isso importasse. Se ela morreu, eu também morreria. Literalmente.

Junto com dezenas de outros, como Beau e... e o resto deles.

Minha família. O pensamento me sacudiu para o núcleo. Não mais estranhos sem rosto, os alvos de Morgane eram agora os irmãos e irmãs que ainda não conheci. Os irmãos e irmãs que ainda não me permiti sonhar, até pensar. Eles estavam lá fora, em algum

lugar. E eles estavam em perigo. Eu não podia apenas abandoná-

los. Morgane foi boa em nos contar onde estaria. Se eu pudesse estar lá também - se eu pudesse parar ela, se eu pudesse cortar a cabeça da víbora para salvar minha família, para salvar Lou, se eu pudesse impedi-la de contornar os últimos ritos do meu patriarca...

Eu estava muito distraído para notar o silêncio ao meu redor. —

Você está chegando lá. — Beau finalmente disse, balançando a cabeça.

— Você está desenhando conclusões que não estão lá.

Você quer participar do funeral. Eu entendo. Mas isso não significa que Morgane também estará presente.

— O que eu quero é parar o que ela está planejando.

— Não sabemos o que ela está planejando. — eu balancei a cabeça. — Nós descobriremos. Ela não vai soletrar para nós, mas a ameaça é clara...

— Reid, querido — Madame Labelle interrompeu gentilmente: —

Eu sei que você amou profundamente o arcebispo, e talvez você precise de um encerramento, mas agora não é a hora de ser descuidado.

— Não seria descuidado. — minhas mãos se fecharam em punhos por vontade própria e lutei para controlar minha respiração.

Meu peito estava apertado. Muito apertado. Claro que eles não entenderiam. Isso não era sobre mim. Não se tratava de - sobre o encerramento. Era sobre justiça. E se - se eu pudesse começar a expiar o que fiz, se eu pudesse dizer adeus...

O fragmento de desejo cavou mais fundo. Doloroso agora.

Eu ainda poderia proteger Lou. Eu poderia mantê-la longe do perigo.

— Você é quem queria reunir aliados. — continuei, a voz mais forte. — Diga-nos como fazer isso. Diga-nos como persuadir lobisomens e sereias a lutar lado a lado. Para lutar ao lado de Chasseurs. Isso pode funcionar. Juntos, seremos fortes o suficiente para confrontá-la quando ela fizer seu movimento.

Todos eles trocaram olhares. Olhares relutantes. Olhares significativos. Exceto Lou. Ela me olhou com uma expressão inescrutável. Eu não gostei. Eu não conseguia ler e sempre pude ler Lou. Esse olhar, me lembrou de uma época em que ela guardava segredos. Mas não havia mais segredos entre nós. Ela prometeu.

— Nós... — Ansel esfregou a nuca, olhando para os pés. — Nós sabemos se haverá um funeral?

— Ou onde será? — disse Beau.

— Ou quando será? — disse Coco.

—Nós vamos descobrir. — eu insisti. — Estaremos prontos para ela.

Beau suspirou. — Reid, não seja estúpido. Se você estiver correto sobre esta nota, o que não estou convencido de que você esteja, a propósito, estaríamos fazendo o jogo certo. Isso é o que ela quer...

Absalon se materializou aos meus pés assim que abri a boca para argumentar, para explodir, mas Lou interrompeu.

—É verdade. Isso é o que ela quer. — sua voz era calma, contemplativa, enquanto ela gesticulava entre nós. — É exatamente o tipo de jogo que ela gosta de jogar. Manipulativo, cruel, divisivo.

Ela espera uma resposta. Ela anseia por uma resposta. O curso de ação mais sábio é ficar longe.

A última vez que ela falou foi diretamente para mim.

—Agradeça a flor da Donzela. — Madame Labelle deu um suspiro de alívio, passando a mão na testa e dando a Lou um sorriso raro. — Eu sabia que você não poderia ter sobrevivido tanto tempo sem algum bom senso. Se realmente houver um funeral e se Morgane realmente planeja sabotá-lo, não teríamos o tempo necessário para nos preparar. Viajar ao longo da estrada seria lento e perigoso, com todo o reino nos procurando. Levaria quase duas semanas para chegar ao packland da Besta de Gévaudan, e a casa dos melusines em L'Eau Mélancolique seria uma jornada de pelo menos uma semana na direção oposta. — ela enxugou a testa com agitação. — Além disso, precisaríamos de semanas em cada lugar para promover os relacionamentos necessários. Sinto muito, Reid. A logística simplesmente não funciona.

Lou me observou, esperando.

Eu não decepcionei.

— Por favor, Lou — eu sussurrei, me aproximando. — O curso de ação mais sábio nem sempre é o certo. Esse era meu trabalho.

Lidei com Morgane e as Dames Blanches durante toda a minha vida. Eu sei como elas funcionam. Você estava certo antes,

Morgane incita o caos. Pense nisso. No dia em que nos conhecemos, ela fez um atentado contra a vida do rei durante seu desfile de volta ao lar. — eu empurrei meu queixo em direção a Beau com a memória. — Ela atacou a catedral durante a última celebração do dia de São Nicolau. Sempre, é no meio de uma multidão. É assim que ela se

protege. É como ela foge. Peguei sua mão, surpreso ao sentir seus dedos tremendo. — O funeral do arcebispo terá uma assembleia como o reino nunca viu. Pessoas de todo o mundo virão homenageá-lo. A destruição que ela causará será devastadora. Mas temos uma chance real de impedi-la.

— E se ninguém se juntar a nós contra ela?

— Eles vão. — a culpa rasgou minha resolução, mas eu a afastei. Por enquanto, eu precisava que ela concordasse. Eu revelaria essa última informação quando não houvesse vidas em jogo. — Não precisamos das bruxas de sangue ou sereias. A terra dos lobisomens não fica longe de Cesarine, um ou dois dias de cavalgada, no máximo.

Vamos concentrar nossos esforços, focar no Rei Auguste e na Besta de Blaise. Faremos o que for necessário para persuadi-los.

Você mesmo disse. Morgane não é um soldado. Ela não vai lutar se tivermos condições de igualdade. — meus pensamentos correram mais rápido, perseguindo estratégias diferentes. — Ela não espera uma aliança entre os Chasseurs e os lobisomens. Nós vamos emboscá-la... não. Vamos criar uma distração com os Chasseurs, expulsá-la da cidade enquanto os lobisomens aguardam. Isso pode funcionar. — eu repeti, mais alto agora do que antes.

— Reid. Você sabe que isso é uma armadilha.

— Eu nunca deixaria nada acontecer com você.

— Não é comigo que estou preocupada. — com a mão livre, ela a estendeu para tocar minha bochecha. — Você sabia que minha mãe ameaçou alimentar-me com seu coração se eu fugisse de novo?

— Isso não vai acontecer.

— Não... Não vai.

Ela largou a mão e todos pararam, esperando. Ninguém nem mesmo respirou. Naquele momento, algo mudou em nosso acampamento. Inadvertidamente, esperamos que Lou tomasse a

decisão final. Não Madame Labelle. Lou. Eu a encarei com a compreensão do amanhecer. Ela era filha de La Dame des Sorcières. Eu sabia. Claro que eu sabia. Mas ainda não tinha percebido a implicação. Se tudo correr de acordo com o plano... Lou herdaria a coroa. O título. O poder. Lou se tornaria uma rainha. Lou se tornaria a

donzela, a mãe e o crone.

Ela assustou como se percebesse isso no mesmo momento que eu. Seus olhos se arregalaram e sua boca torceu. Foi uma realização desagradável, então. Uma indesejável. Quando ela olhou para Coco, parecendo profundamente desconfortável, Coco mergulhou o queixo em um pequeno aceno de cabeça.

— Bem. — Lou se inclinou para apontar um dedo em direção ao gato aos nossos pés. — Absalon, você pode entregar uma mensagem para Josephine Monvoisin? — ela atirou em uma olhada apologética na Coco. — Este deve ir de mim.

— O que você está fazendo? — confusão atirou a minha voz enquanto eu peguei a mão dela, puxando-a ereta. — Devemos nos concentrar em Auguste e Blaise...

— Ouça, Chass. — ela deu um tapinha no meu peito uma vez antes de se afastar e se agachar perto de Absalon mais uma vez. —

Se vamos fazer isso, precisamos de toda a ajuda que pudermos obter. As sereias estão muito longe, mas as bruxas de sangue, talvez sua mãe esteja certa. Talvez Josephine seja receptiva nas circunstâncias certas. — para Coco, ela acrescentou: — Você disse que o acampamento de sangue está próximo?

Coco concordou. — Eles costumam acampar nesta área nesta época do ano.

A suspeita cresceu em meu estômago enquanto Lou assentia, sussurrando algo para Absalon. — Você disse que ela não hospedaria um ex-Chasseur. — eu disse.

Coco arqueou uma sobrancelha incisivamente. Um sorriso afetado apareceu em seus lábios. — Ela não vai.

— Então o que...?

Lentamente, Lou se levantou, limpando a lama de seus joelhos enquanto o gato desaparecia em uma nuvem de fumaça preta. —

Vamos ter que nos separar, Reid.

[Painted Hair](#)

[Lou](#)

— Vinho branco e mel, seguido por uma mistura de raízes celandinas, azeite-madder, óleo de sementes de cominho, aparas de caixa e uma polvilhe de açafão. — Madame Labelle organizou cuidadosamente as garrafas na rocha que usaríamos em uma mesa. — Se aplicado e deixado para alquimizar para um ciclo de sol completo, ele transformará suas fechaduras em ouro.

Eu encarei as muitas garrafas, horrorizada. — Não temos um ciclo solar completo.

Seus olhos cortaram para os meus. — Sim, *obviamente*, mas com os ingredientes crus, talvez pudéssemos... acelerar o processo. — como um só, olhamos através do acampamento para Reid, que estava de mau humor, afiando sua Balisarda e se recusando a falar com qualquer um.

— Não. — eu balancei a cabeça, empurrando as garrafas de lado. Todo o propósito deste exercício fútil era me disfarçar sem mágica. Depois do que aconteceu com Reid no riacho... Bem, nós não precisamos cutucar o urso sem razão. — Não havia perucas?

Madame Labelle zombou, enfiando a mão na bolsa mais uma vez. — Por mais inconcebível que pareça, Louise, não havia lojas de fantasias na pequena vila agrícola de Saint-Loire. — ela bateu outra jarra na rocha. Dentro dele, as coisas se mexeram. — Pode te interessar um pote de sanguessugas em conserva? Se for permitido assar em seu cabelo em um dia ensolarado, disseram-me que eles produzem uma rica cor de corvo.

Sanguessugas? Coco e eu trocamos olhares horrorizados. —

Isso é nojento. — disse ela categoricamente.

— Concordo.

— Que tal isso como uma alternativa? — Madame Labelle pescou mais duas garrafas de sua bolsa, jogando uma para Coco e para mim - ou melhor, *em* Coco e *em* mim. Consegui pegar o meu antes que quebrasse meu nariz. — A pasta de óxido de chumbo e cal apagada tingirá seu cabelo de preto como a noite. Mas esteja avisado, o funcionário me informou que os efeitos colaterais podem ser bastante desagradáveis.

Eles não poderiam ter sido mais desagradáveis do que seu sorriso.

Beau parou de remexer na mochila de Coco. — Efeitos colaterais?

— Morte, principalmente. Nada para se preocupar. — Madame Labelle encolheu os ombros, sem graça, e o sarcasmo gotejou de suas palavras. Eu não gostei muito disso. — Muito mais seguro do que usar *magia*, tenho certeza.

Estreitando os olhos, ajoelhei-me para inspecionar o conteúdo de sua mochila eu mesma. — É apenas uma precaução, certo?

Estou *tentando* ser legal. Reid e magia não são exatamente amigáveis no momento.

— Eles já foram? — Ansel murmurou.

Ponto justo.

— Você pode culpá-lo? — peguei as garrafas ao acaso, examinando seus rótulos antes de jogá-las de lado. Madame Labelle deve ter comprado o boticário inteiro. — Ele usou magia duas vezes e, nas duas vezes, pessoas acabaram mortas. Ele só precisa...de tempo para reconciliar tudo. Ele vai fazer as pazes consigo mesmo.

— Ele *vai*? — Coco arqueou uma sobrancelha duvidosa, lançando-me outro longo olhar. — Quero dizer... o matagot apareceu por uma razão.

O matagot em questão descansava dentro dos arcos inferiores de um abeto, olhando para nós com olhos amarelos.

Madame Labelle arrebatou sua mochila de mim. Em um único movimento agitado, ela varreu as garrafas para dentro. — Não *sabemos* se o matagot está aqui por causa de Reid. Meu filho

difficilmente é o único com problemas neste acampamento. — seus olhos azuis brilharam para os meus, e ela empurrou um pedaço de fita na minha mão. Mais espesso do que o que eu costumava usar, mas ainda assim... o cetim preto mal cobriria minha nova cicatriz. —

Já é a segunda vez agora que sua mãe tentou matar você. Pelo que sabemos, Absalon pode estar aqui por causa de você.

— Eu? — eu bufei em descrença, levantando meu cabelo para Coco amarrar a fita em volta do meu pescoço. — Não seja estúpida.

Estou bem.

— Você está louca se acha que fita e tintura de cabelo vão esconder

você de Morgane.

— Não de *Morgane*. Ela já poderia estar aqui agora, nos observando. — eu virei meu dedo médio sobre minha cabeça apenas no caso. — Mas fita e tintura de cabelo podem me esconder de qualquer um que veja aqueles malditos pôsteres de procurado, podem até mesmo me esconder dos caçadores.

Terminado com a fita, Coco bateu no meu braço e eu deixei meu cabelo cair, grosso e pesado, pelas minhas costas. Eu podia ouvir o sorriso em sua voz. — Esses cartazes são uma semelhança fantástica. O cuidado com que o artista desenhou sua cicatriz...

Eu bufei apesar de tudo, virando-me para encará-la. — Parecia outro apêndice.

— Um bastante grande.

— Um bastante *fálico*.

Quando explodimos em uma gargalhada, Madame Labelle bufou com impaciência. Murmurando algo sobre crianças, ela saiu para se juntar a Reid. Boa viagem. Coco e eu rimos novamente. Embora Ansel tentasse jogar conosco, seu sorriso parecia um tanto dolorido, uma suspeita confirmada quando ele disse: — Você acha que estaremos seguros no acampamento de La Voisin?

A resposta de Coco veio instantaneamente. — Sim.

— E quanto aos outros?

Com o riso desaparecendo, ela olhou para Beau, que secretamente começou a vasculhar sua mochila mais uma vez. Ela bateu na mão dele, mas não disse nada.

— Não gosto disso. — continuou Ansel, saltando com o pé, ficando cada vez mais agitado. — Se a magia de Madame Labelle

não conseguiu nos esconder aqui, não os esconderá na estrada. —

ele voltou seu olhar suplicante para mim. — Você disse que Morgane ameaçou arrancar o coração de Reid. Depois que nos separarmos, ela poderia levá-lo, forçá-lo de volta ao Chateau.

Reid havia dito isso há uma hora - ou melhor, gritado.

Como se sabe, ele estava muito menos interessado em seus *aliados*

reunidos para confrontar Morgane no plano de funeral do arcebispo
quando isso significava que teríamos que nos separar.

Mas precisávamos das bruxas de sangue para que este plano maluco funcionasse, e La Voisin deixou claro que Reid não era bem-vindo em seu acampamento. Embora em pequeno número, suas reputações eram formidáveis. Temível o suficiente para que Morgane tivesse negado suas petições anuais para se juntar a nós no Chateau.

Eu esperava que fosse o suficiente para eles considerarem mover-se contra ela.

La Voisin estava disposto a ouvir, pelo menos. Absalon havia retornado quase instantaneamente com o consentimento dela. Se viéssemos sem Reid, ela nos permitiria entrar em seu acampamento. Não foi muito, mas foi um começo. À meia-noite, Coco, Ansel e eu, a encontraríamos fora de Saint-Loire, e ela nos acompanharia até o campo de sangue. Na presença dela, estaríamos relativamente seguros, mas os outros...

— Eu não sei. — quando eu encolhi os ombros desamparadamente, os lábios de Coco pressionaram com força. —

Só podemos esperar que a magia de Helene seja suficiente. Eles terão o sangue de Coco também. E se o pior acontecer... Reid está com sua Balisarda. Ele pode se defender.

— Não é o suficiente. — murmurou Coco.

— Eu sei.

Não havia mais nada a dizer. Se Reid, Madame Labelle e Beau conseguissem sobreviver aos Chasseurs, Dames Blanches, assassinos e bandidos de La Rivière des Dents, a única estrada pela floresta, batizada como tal devido aos dentes dos mortos que coletou, o perigo aumentaria dez vezes quando alcançaram packland.

Era difícil dizer quem os lobisomens detestavam mais -
caçadores, bruxas ou príncipes.

Ainda assim, Reid conhecia essas terras melhor do que qualquer pessoa em nosso grupo. Ele conhecia *Blaise* melhor do que qualquer pessoa em nosso grupo. Eu só podia esperar que a diplomacia de Madame Labelle e Beau os servisse bem. Pelo que eu ouvi sobre Blaise, o que reconhecidamente não era muito, ele governou com uma mão

justa. Talvez ele surpreenda a todos nós.

De qualquer forma, não tivemos tempo de visitar os dois povos juntos.

Hoje à noite, faríamos reconhecimento em um pub local para saber a data exata do funeral do arcebispo. Com sorte, seríamos capazes de nos reunir em Cesarine antes dos serviços religiosos para abordar o Rei Auguste juntos. Madame Labelle afirmou que ele poderia ser convencido a uma terceira aliança. Nós descobriríamos, para melhor ou para pior, quando visitássemos seu castelo.

Como Ansel, eu não gostei. Eu não gostei de nada disso. Ainda havia muito a fazer, muito do quebra-cabeça faltando. Muito pouco tempo. Reuniríamos o resto no pub esta noite, mas antes que pudéssemos fazer isso...

— Aha! — triunfante, Beau tirou duas garrafas da bolsa de Coco.

Ela empacotou uma variedade de ingredientes para ajudar em sua magia do sangue: alguns reconhecíveis, como ervas e especiarias, e outros não, como o pó cinza e o líquido claro que Beau atualmente segurava no alto. — Cinza de madeira e vinagre. — explicou.

Quando o olhamos fixamente, ele deu um suspiro impaciente. —

Para o seu *cabelo*. Você ainda quer tingir à moda antiga, certo?

— Oh. — por vontade própria, minhas mãos dispararam, cobrindo meu cabelo como se o protegesse. — Sim....Sim claro. —

Coco agarrou meu ombro para apoio moral, atirando adagas em Beau com os olhos. — Você tem certeza de que sabe o que está fazendo?

— Eu ajudei muitas amantes a pintar o cabelo, Cosette. Na verdade, antes de você, havia uma loira rechonchuda chamada Evonne. — ele se inclinou mais perto, piscando. — Ela não era naturalmente loira, é claro, mas seus outros ativos naturais mais do que compensavam. — quando o olhar de Coco se achatou, e seus

dedos se apertaram dolorosamente no meu ombro, Beau sorriu. —

O que está errado, *ma chatte*? Você não está... com ciúmes?

— Você...

Eu acaricieei sua mão, estremecendo. — Eu vou desmembrá-lo para você depois que terminarmos.

— Lentamente?

— Pedaco por pedaco.

Com um aceno de cabeça satisfeito, ela caminhou atrás de Madame Labelle, deixando-me sozinha com Ansel e Beau.

Estranheza pairava entre nós, mas eu cortei isso - literalmente - com um ansioso golpe de minha mão. — Você realmente sabe o que está fazendo, certo?

Beau passou os dedos pelo comprimento do meu cabelo. Sem Coco para incitá-lo, ele parecia murchar, olhando as garrafas de cinza de madeira e vinagre com cautela. — Nunca afirmei saber o que estou fazendo.

Meu estômago embrulhou. — Mas você disse...

— O que eu *disse* é que ajudei uma amante a pintar o cabelo, mas isso foi apenas para irritar Cosette. O que eu realmente *fiz* foi *assistir* uma amante pintar o cabelo dela, enquanto a alimentava com morangos. Nu.

— Se você foder com tudo, vou esfolar você vivo e usar sua pele como uma capa.

Ele arqueou uma sobrancelha, levantando as garrafas para examinar seus rótulos. — Anotado.

Honestamente, se uma amante nua não começasse a me alimentar com morangos logo, eu queimaria o mundo.

Depois de despejar partes iguais de cinzas e vinagre no almofariz de Coco, ele cutucou esperançosamente por vários segundos, e uma lama cinza sinistra se formou. Ansel olhou alarmado. — Mas como você *faria* isso? Se você magiasse com uma cor diferente?

O suor brotou nas minhas mãos enquanto Beau dividia meu cabelo em mechas.

— Depende. — procurei um padrão e, com certeza, vários tentáculos de ouro se ergueram ao meu encontro. Tocando um, eu o observei enrolar meu braço como uma cobra. — Eu estaria

mudando algo em mim por fora. Eu poderia mudar algo por dentro para combinar. Ou, dependendo da cor final, eu poderia pegar o

matiz, a profundidade ou o tom da minha tonalidade atual e manipulá-la de alguma forma. Em vez disso, talvez transfira o marrom para os meus olhos.

O olhar de Ansel mudou para Reid. — Não faça isso. Acho que Reid gosta dos seus olhos. — como se tivesse medo de ter me ofendido de alguma forma, ele acrescentou apressadamente: — E

eu também. São bonitos.

Eu ri, e a tensão em meu estômago diminuiu um pouco. —

Obrigado, Ansel.

Beau se inclinou por cima do meu ombro para olhar para mim. —

Você está pronta?

Assentindo, fechei os olhos enquanto ele pintava a primeira mecha e mantive meu foco em Ansel. — Por que você está tão interessado?

— Não é nada. — disse ele rapidamente.

— Ansel. — eu espiei um olho aberto para encará-lo. — Cai fora com essa.

Ele não olhou para mim, em vez disso cutucou uma pinha com o dedo do pé. Vários segundos se passaram. Depois, mais alguns segundos. Eu tinha acabado de abrir minha boca para estimulá-lo quando ele disse: — Não me lembro muito da minha mãe.

Minha boca se fechou com um estalo.

Atrás de mim, a mão de Beau parou no meu cabelo.

— Ela e meu pai morreram em um incêndio quando eu tinha três anos. Às vezes eu acho... — seus olhos dispararam para Beau, que rapidamente voltou a espalhar a pasta cinza no meu cabelo.

Aliviado, Ansel continuou sua dança com a pinha. — Às vezes acho que consigo me lembrar da risada dela, ou... ou talvez o sorriso dele. Eu sei que é estúpido. — ele riu de uma forma autodepreciativa que eu detestei. — Eu nem sei seus nomes. Eu tinha muito medo do padre Thomas para perguntar. Ele uma vez me disse que *maman* era uma mulher obediente e temente a Deus, mas pelo que sei, ela poderia ter sido uma bruxa. — ele hesitou, engolindo em seco, e finalmente encontrou meus olhos. — Assim como... exatamente como a mãe de

Reid. Assim como você.

Meu peito apertou com a esperança em sua expressão. De alguma forma, eu sabia o que ele queria dizer. Eu sabia para onde essa conversa estava indo e o que ele queria que eu dissesse, o que ele queria, não, *precisava* ouvir.

Eu odiava desapontá-lo.

Quando eu não disse nada, sua expressão caiu, mas ele continuou com determinação. — Se for esse o caso, talvez... talvez eu também tenha magia. É possível.

— Ansel... — peguei sua mão, deliberando. Se ele viveu com sua mãe, e pai, até os três anos, era altamente improvável que a mulher fosse uma Dama Blanche. É verdade que ela poderia ter vivido fora do Chateau, muitas damas Blanches viviam, mas mesmo elas raramente mantinham seus filhos, que eram considerados fardos. Incapazes de herdar a magia de suas mães ou melhorar a linhagem de sua família.

Espontaneamente, meus olhos cortaram para Reid, que afiava sua Balisarda em uma pedra com golpes curtos e raivosos.

Como estivemos errados.

— É possível. — repetiu Ansel, erguendo o queixo em uma demonstração incomum de teimosia. — Você disse que as bruxas de sangue mantêm seus filhos.

— As bruxas de sangue não vivem em Cesarine. Elas vivem com seus covens.

— Coco não.

— Coco é uma exceção.

— Talvez eu também seja.

— De onde vem isso, Ansel?

— Eu quero aprender como lutar, Lou. Eu quero aprender magia.

Você pode me ensinar os dois.

— Eu dificilmente sou a pessoa para...

— Estamos indo para o perigo, não estamos? — ele não parou para

que eu confirmasse a resposta óbvia. — Você e Coco viveram nas ruas. Vocês duas são sobreviventes. Ambas são fortes. Reid tem seu treinamento e sua Balisarda. Madame Labelle tem sua magia, e até Beau foi perspicaz o suficiente para distrair as outras bruxas em Modraniht.

O homem em questão zombou. — Obrigado.

Ansel o ignorou, os ombros caindo. — Mas eu não valia nada naquela luta, assim como serei inútil no campo de sangue.

Eu fiz uma careta para ele. — Não fale sobre você desse jeito.

— Por que não? É verdade.

— Não, não é. — eu apertei sua mão e me inclinei para frente.

— Eu entendo que você possa pensar que precisa ganhar um lugar entre nós, mas não precisa. Você já tem um. Se sua mãe era bruxa, tudo bem, mas se ela não fosse... — ele tirou sua mão da minha e eu suspirei, desejando cortar minha própria língua. Talvez então eu não precisasse engolir minhas palavras com tanta frequência. —

Você não é inútil, Ansel. Nunca pense que você é inútil.

— Estou farto de ver que todos precisam me proteger. Eu gostaria de me proteger para uma mudança, ou até. — quando minha carranca se aprofundou, ele suspirou e baixou o rosto nas mãos, cerrando as palmas nos olhos. — Só quero contribuir com o grupo. Eu não quero mais ser o idiota trapalhão. É muito pedir isso?

Eu só... Eu não quero ser uma responsabilidade.

— *Quem* disse que você é um idiota trapalhão...

— Lou. — ele olhou para mim, os olhos vermelhos. Suplicando.

— Ajude-me. Por favor.

Eu o encarei.

Os homens da minha vida realmente precisavam parar de usar essa palavra comigo. Desastres sempre vieram. O pensamento de mudar uma única coisa em Ansel, de endurecê-lo, de ensiná-lo a lutar, a matar, fez meu coração torcer, mas se ele se sentia desconfortável em sua pele, se eu pudesse ajudar a aliviar esse desconforto de alguma forma...

Eu poderia treiná-lo em combate físico. Certamente nenhum dano, e nenhuma decepção amarga, viria ensinando-o a se defender com uma lâmina. Quanto às aulas de magia, poderíamos simplesmente... adiá-las. Indefinidamente. Ele nunca precisaria se sentir inferior a esse respeito.

— Claro que vou te ajudar. — eu finalmente disse. — Se... se isso é realmente o que você quer.

Um sorriso apareceu em seu rosto e o sol escureceu em comparação.
— Sim. Obrigado, Lou.

— Isso vai ser bom. — murmurou Beau.

Eu dei uma cotovelada nele, ansiosa para mudar de assunto. —

Como está?

Ele ergueu uma mecha pegajosa e franziu o nariz. — Difícil dizer.

Eu imagino que quanto mais tempo deixarmos descansar, mais forte será a cor.

— Quanto tempo Evonne deixou descansar?

— O inferno se eu sei.

Meia hora depois, depois que Beau terminou de revestir cada fio, Ansel nos deixou para se juntar a Coco. Com um suspiro dramático, Beau se jogou no chão na minha frente, sem se importar com suas calças de veludo, e o observou partir. — Eu estava perfeitamente contente em odiar o pequeno respirador de boca...

— Ele não é uma boca...

—... mas é *claro* que ele é um órfão sem autoestima. — Beau continuou, sem restrições. — Alguém deveria queimar aquela torre até o chão. De preferência com os caçadores dentro dela.

Um calor peculiar começou no meu pescoço. — Eu não sei. Pelo menos os Chasseurs deram a ele alguma aparência de família. Um lar. Como alguém que viveu sem os dois, posso dizer com segurança que uma criança como Ansel não teria sobrevivido por muito tempo sem eles.

— Meus ouvidos estão me enganando ou você está realmente *elogiando* os Chasseurs?

— Claro que não... — eu parei, surpresa com a verdade de sua acusação, e balancei minha cabeça incrédula. — Dentes de bruxa.

Tenho que parar de andar com o Ansel. Ele é uma influência terrível.

Beau bufou. — Dentes de bruxa?

— Você sabe... — dei de ombros, o calor desconfortável no meu pescoço irradiando pelo resto do meu couro cabeludo. Ficando mais quente a cada segundo. — O colo da bruxa? — quando ele olhou, confuso, expliquei: — Uma mulher ganha sabedoria quando perde os dentes.

Ele riu alto com isso, mas não parecia nem remotamente engraçado para mim agora, não quando meu couro cabeludo estava em chamas. Eu puxei uma mecha de cabelo, estremecendo com a dor aguda que se seguiu. Isso não era normal, não era? Algo devia estar errado. — Beau, pegue um pouco de água... — a palavra

terminou em um grito estrangulado quando a mecha de cabelo saiu da minha mão. — Não. — eu encarei, horrorizada. — Não, não, NÃO.

Reid estava ao meu lado em um instante. — O que é isso? O

que é...?

Gritando, joguei a mecha pegajosa de cabelo no rosto de Beau.

— Seu idiota! Olhe o que você, *O QUE VOCÊ FEZ?*

Ele arrancou a gosma do rosto, olhos arregalados e alarmados, e cambaleou para trás enquanto eu avançava. — Eu disse que não sabia o que estava fazendo!

Coco apareceu entre nós com um frasco de água. Sem dizer uma palavra, ela jogou na minha cabeça, encharcando-me da cabeça aos pés, lavando a gosma cinza. Eu gaguejei, xingando violentamente, e quase me afoguei novamente quando Ansel se adiantou para repetir a ofensa. — *Não* faça isso. — rosnei quando Madame Labelle se juntou ao grupo, seu frasco pronto para a ação.

— Ou eu vou colocar fogo em você.

Ela revirou os olhos e estalou os dedos e, com uma lufada de ar quente, a água do meu corpo evaporou. Reid se encolheu. — Que melodramática. — disse ela. — Isso é completamente consertável...

— Mas ela parou abruptamente quando eu levantei uma mecha de cabelo muito quebradiço. Todos nós olhamos para ele juntos, percebendo o pior em uma batida pesada de silêncio.

Meu cabelo não era loiro. Não era vermelho ou preto ou mesmo a cor de metal intermediária.

Era... Branco.

A mecha se quebrou, desintegrando-se em meus dedos.

— Podemos consertar isso. — insistiu Madame Labelle, levantando a mão. — Tudo será como antes.

— Não faça isso. — as lágrimas em meus olhos queimaram mais quentes do que meu couro cabeludo. — Ninguém mais vai colocar a porra de um *dedo* no meu cabelo. — se eu tingsse com outra rodada de produtos químicos, os fios restantes provavelmente pegariam fogo, e se eu usasse magia, arriscaria consequências ainda mais graves. O padrão necessário para mudar meu cabelo, deste, seria desagradável. Não por causa da cor. Por causa do que

a cor representava. *Quem* representava. Em qualquer outra pessoa, o cabelo branco e lunar poderia ser lindo, mas em *mim*...

Com o queixo trêmulo e o nariz empinado, me virei para Reid e tirei uma faca de sua bandoleira. Eu queria ficar com raiva dele, jogar meu cabelo danificado em seu rosto ansioso. Mas isso não foi culpa dele. Não é verdade. Fui eu quem confiou na porra do Beau sobre magia, quem pensou em proteger Reid dela. Que ideia estúpida. Reid era um bruxo. *Não haveria como protegê-lo da magia*, não agora e certamente nunca mais.

Embora ele me olhasse apreensivamente, Reid não me seguiu enquanto eu perseguia através de Hollow. Lágrimas quentes, lágrimas irracionais, lágrimas de vergonha, juntaram-se em meus olhos. Limpei-os com raiva. Parte de mim sabia que eu estava exagerando, sabia que era apenas cabelo.

Essa parte pode irritar imediatamente.

Snip.

Snip.

Snip.

Meu cabelo caiu no chão como fios de seda de aranha, pálidos e estrangeiros. Delicado como teia de aranha. Uma mecha flutuou na minha bota como se estivesse me provocando, e eu jurei que ouvi a risada de minha mãe.

Uma energia nervosa passou por mim enquanto esperávamos o sol se pôr.

Não poderíamos entrar em Saint-Loire para nosso reconhecimento até o sol se pôr. Havia pouca razão para entrar furtivamente no pub se nenhum aldeão estivesse lá. Nenhum aldeão significava nenhuma fofoca. Nenhuma fofoca significava nenhuma informação.

E nenhuma informação significava que ainda não sabíamos nada sobre o mundo fora de Hollow.

Eu me levantei abruptamente, caminhando em direção a Ansel.

Ele disse que queria treinar, e eu ainda estava com a faca de Reid de antes. Eu virei de mão em mão. Qualquer coisa para me impedir de estender a mão - *de novo* - para puxar meu cabelo. As pontas cortadas apenas roçaram o topo dos meus ombros.

Eu joguei o resto no fogo.

Ansel sentou-se com os outros em torno das brasas morrendo. A conversa deles parou quando me aproximei deles e não tive problemas em adivinhar o que eles estavam discutindo. Sobre *quem* eles estavam discutindo. Fantástico. Reid, que estava encostado na árvore mais próxima, se aproximou com cautela. Ele estava esperando por mim, eu percebi. Esperando permissão para se envolver. Eu abri um sorriso.

— Como você está se sentindo? — ele deu um beijo no topo da minha cabeça, demorando-se nas mechas brancas. Por enquanto, parecia que meu acesso de raiva superava o dele. — Melhor?

— Acho que meu couro cabeludo ainda está sangrando, mas fora isso, sim.

— Você está linda.

— Você é um mentiroso.

— Estou falando sério.

— Estou planejando raspar a cabeça de todo mundo esta noite.

Seus lábios se contraíram e ele pareceu de repente envergonhado. — Eu deixei meu cabelo crescer quando tinha quatorze anos. Alexandre tem cabelo comprido, sabe, em...

— *La Vie Éphémère*. — eu terminei, imaginando Reid com longas e luxuriantes mechas que sopravam com o vento. Eu bufei apesar de tudo. — Você está me dizendo que era um galã adolescente?

Um lado de sua boca se curvou. — E daí se eu fosse?

— Portanto, é uma pena que não nos conhecemos quando adolescentes.

— Você ainda é uma adolescente.

Eu levantei minha faca. — E ainda estou puta. — quando ele riu na minha cara, perguntei: — Por que você cortou?

— Cabelo comprido é um risco no pátio de treinamento. — ele esfregou uma mão pesarosa sobre a cabeça. — Jean Luc conseguiu pegá-lo em uma sessão de sparring e quase fez meu couro cabeludo sangrar.

— Ele puxou seu cabelo? — no meu suspiro, ele balançou a cabeça severamente e eu fiz uma careta. — Aquela *vadiazinha*.

— Eu o cortei depois. Eu não o uso há muito tempo. Agora... —

suas mãos pousaram em seus quadris, seus olhos brilhando. — Eu preciso confiscar a faca?

Eu o lancei no ar, pegando-o pela lâmina antes de enviá-lo para cima mais uma vez. — Você certamente pode tentar.

Rápido como um raio, sem quebrar meu olhar, ele pegou a faca acima da minha cabeça, segurando-a lá fora de alcance. Seus olhos queimaram nos meus, e um sorriso lento e arrogante tocou seus lábios. — O que você estava dizendo?

Suprimindo um arrepio delicioso, que ele ainda sentia, devido ao estrondo de sua risada, girei e dei uma cotovelada em seu estômago. Com um *uof*, ele se dobrou, seu peito caindo com força contra minhas costas, e eu arranquei a faca de seus dedos.

Esticando o pescoço, dei um beijo em sua mandíbula. — Isso foi fofo.

Seus braços envolveram meu peito, me prendendo. Me prendendo em seu abraço. — Fofó. — ele repetiu ameaçadoramente. Ainda curvados, nossos corpos se encaixam como uma luva. — *Fofa*.

Sem aviso, ele me ergueu no ar e eu gritei, chutando meus pés e arfando de tanto rir. Ele só me soltou depois que Beau suspirou alto, virou-se para Madame Labelle e perguntou se poderíamos partir antes do previsto para poupar seus tímpanos. — Vou precisar deles em Les Dents, você não acha? Ou posso ir sem?

Pés no chão mais uma vez, tentei ignorá-lo, tentei continuar jogando, tentei cutucar Reid nas costelas, mas seu sorriso não era tão largo agora. A tensão voltou para sua mandíbula. O momento havia passado.

Algum dia, eu não precisaria acumular os sorrisos de Reid e, algum dia, ele não precisaria racioná-los.

Hoje não foi esse dia.

Endireitando minha camisa, estendi a faca para Ansel. — Vamos começar?

Seus olhos se arregalaram. — O que? *Agora?*

— Por que não? — eu dei de ombros, arrancando outra faca da bandoleira de Reid. Ele permaneceu rígido. — Temos algumas horas até o pôr do sol. Você ainda quer treinar, não é?

Ansel quase tropeçou na pressa de se levantar. — Sim, eu quero, mas... — aqueles olhos castanhos foram primeiro para Coco

e Beau, depois para Reid. Madame Labelle parou de distribuir as cartas aos primeiros. Em vez de *couronnes*, eles usaram pedras e paus como lances. As bochechas de Ansel ficaram rosadas. —

Poderíamos... não fazer isso aqui?

Beau não tirou os olhos das cartas. Na verdade, ele os olhou fixamente demais para ser natural. — Não presuma que nos importamos com o que você está fazendo, Ansel.

Seguindo o exemplo de Beau, Coco ofereceu a Ansel um sorriso tranquilizador antes que ela também voltasse ao jogo. Até Reid entendeu a dica, apertando minha mão brevemente antes de se juntar a eles sem dizer uma palavra. Ninguém se voltou em nossa direção

novamente.

Uma hora depois, no entanto, eles não podiam deixar de assistir secretamente.

— Para, para! Você está se debatendo e se concentrando demais na parte superior do corpo, de qualquer maneira. Você não é Reid. — eu me abaixei sob o braço estendido de Ansel, desarmando-o antes que ele pudesse cortar um membro.

Provavelmente o seu. — Seus pés servem para mais do que apenas trabalho de pés. Usa-os. Cada golpe deve utilizar a força da parte superior e inferior do corpo.

Seus ombros caíram de tristeza.

Eu levantei seu queixo com a ponta de sua espada. — Nada disso, *mon petit chou*. Novamente!

Reajustando sua forma mais uma vez, duas vezes mais, cem vezes mais, paramos durante a maior parte da tarde e noite adentro.

Embora ele tenha mostrado pouca melhora, eu não tive coragem de encerrar sua lição, mesmo quando as sombras ao nosso redor se aprofundaram. Quando o sol tocou os pinheiros, ele finalmente conseguiu derrubar minha lâmina por pura determinação, e cortar seu próprio braço no processo. Seu sangue salpicou a neve.

— Isso foi... você fez...

— Horrível. — ele terminou amargamente, jogando sua espada no chão para examinar seu ferimento. O rosto ainda corado -

apenas em parte pelo esforço - ele lançou um rápido olhar na direção dos outros. Todos se apressaram em parecer ocupados, recolhendo os pratos improvisados que haviam usado para o jantar.

A pedido de Ansel, treinamos diretamente. Meu estômago roncou irritado. — Eu fui horrível.

Suspirando, coloquei minha faca na minha bota. — Deixe-me ver seu braço.

Ele balançou a manga com uma carranca. — Está bem.

— Ansel...

— *Eu disse que estou bem.*

Em seu tom atipicamente afiado, fez uma pausa. — Você não quer fazer isso de novo?

Seu rosto se suavizou e ele baixou a cabeça. — Eu sinto muito.

Eu não deveria ter gritado com você. Eu só... eu queria que isso fosse diferente. — a admissão foi silenciosa. Desta vez, ele olhou para suas próprias mãos em vez das outras. Eu agarrei uma delas com firmeza.

— Esta foi sua primeira tentativa. Você vai melhorar.

— Não, não vou. — relutantemente, ele encontrou meu olhar. Eu odiava *essa relutância. Que vergonha. Eu odiei isso. — Eu treinei com os Chasseurs. Eles garantiram que eu soubesse o quão terrível eu era.

A raiva passou por mim, quente e consumidora. Por mais que eles tenham dado a ele, eles pegaram ainda mais. — Os caçadores podem comer um saco cheio de pau...

— Está tudo bem, Lou. — ele puxou a mão para recuperar a faca caída, mas parou no meio do caminho, dando-me um sorriso.

Embora cansado, aquele sorriso também era esperançoso, inegável e sem remorso. Olhei para ele, momentaneamente sem fala.

Embora muitas vezes ingênuo e ocasionalmente petulante, ele permaneceu assim... puro. Alguns dias eu não conseguia acreditar que ele era real. — Nada que valha a pena é fácil, certo?

Nada que valha a pena é fácil.

Certo.

Com o coração preso na minha garganta, olhei instintivamente para as costas de Reid no acampamento. Como se me sentisse, ele se acalmou e nossos olhos se encontraram por cima do ombro.

Desviei o olhar rapidamente, passando meu braço pelo de Ansel e apertando com força, ignorando o punho frio de pavor em meu peito.

— Vamos, Ansel. Vamos terminar este dia infeliz com uma bebida.

Claud Deveraux

— Eu não vou beber isso.

Eu olhei para o copo de líquido que Lou me ofereceu. O vidro estava sujo, o líquido marrom.. Combinava com o barman oleoso, os fregueses desgrenhados que riam, dançavam e derramavam cerveja nas camisas. Uma trupe havia se apresentado esta noite ao passar por Saint-Loire, e os atores se reuniram na taverna local depois. Uma multidão logo se seguiu.

— Oh vamos lá. — ela soprou o uísque sob meu nariz. Cheirava mal.
— Você precisa se soltar. Todos nós fazemos.

Afastei o uísque, ainda furioso comigo mesmo. Eu estava tão determinado a convencer os outros a reunir aliados, para confrontar Morgane - tão cego por minhas emoções patéticas - eu não havia considerado os detalhes.

— Nós não estamos aqui para beber, *Lucida*. — o pensamento de deixá-la me encheu de pânico visceral. — Desculpe-me, Raoul, mas você que insistiu que a gente comemorasse em uma *taverna*.

Não que eu esteja reclamando.

Foi o tipo de pânico que consumiu tudo, exigindo todo o meu foco para conter. Eu queria gritar. Eu queria me enfurecer. Mas eu não conseguia respirar. Parecia muito com se afogar.

— É o melhor lugar para reunir informações. — com uma contração na mandíbula, olhei através da sala para onde Madame Labelle, Coco e Beau estavam sentados em meio à turbulenta trupe de viajantes. Como Lou e eu, Beau escondeu o rosto dentro do capuz profundo de sua capa. Ninguém nos pagou qualquer aviso.

Nossos conjuntos não eram nada comparados aos dos performers.

— Nós não podemos... — eu balancei minha cabeça, incapaz de organizar meus pensamentos. Quanto mais nos aproximamos da meia-noite, mais selvagem eles ficam. O mais turbulento. Meus olhos procuraram qualquer coisa, menos Lou. Quando olhei para ela, o pânico se intensificou, atravessou meu peito e ameaçou me cortar em dois. Tentei de novo, murmurando com a ponta dos dedos. — Não podemos continuar com o plano de Madame Labelle até avaliarmos a situação fora do acampamento. O álcool solta os lábios.

— Não é, agora? — ela se inclinou para a frente como se fosse me beijar e eu recuei, o pânico crescendo como bile. Graças a Deus não consegui ver o rosto dela direito, ou posso ter feito algo estúpido - como carregá-la para a sala dos fundos, barrar a porta e beijá-la por tanto tempo que ela esqueceria seu plano fútil de me deixar. - Como estava, eu mantive meus músculos travados, contraídos, para me impedir de fazer isso de qualquer maneira. Ela caiu para trás em sua cadeira com decepção.

— Certo. Esqueci que você ainda está sendo um idiota.

Agora eu queria beijá-la por um motivo diferente.

A noite havia caído completamente lá fora. Apenas o fogo na lareira iluminava a sala suja. Embora estivéssemos sentados o mais longe possível, mascarados nas sombras mais profundas, sua luz fraca não escondeu os pôsteres de procurado pregados na porta.

Dois deles. Um com um esboço do meu rosto, outro com o esboço de Lou. Duplicadas das que estão espalhadas pelas ruas da aldeia.

Louise le Blanc, sob suspeita de bruxaria. estava escrito.

Procurada viva ou morta. Recompensa.

Lou riu, mas todos nós ouvimos o que realmente era. Forçado. E sob minha foto...

Reid Diggory, sob suspeita de assassinato e conspiração.

Procurado vivo. Recompensa.

Procurado vivo. Ainda não fazia sentido à luz dos meus crimes.

— Viu? Toda esperança não está perdida. — Lou me deu uma cotovelada indiferente ao ver minha acusação. Em um momento de fraqueza, sugeri fugir para o porto mais próximo, deixando tudo para trás. Ela não tinha rido dessa vez. — Não. Minha magia mora aqui.

— Você viveu sem magia por anos.

— Isso não era viver. Isso era sobreviver. Além disso, sem...

tudo isso. — ela gesticulou ao nosso redor. — Quem sou eu?

O desejo de agarrá-la foi irresistível. Em vez disso, inclinei-me para

baixo - até estarmos cara a cara e nariz com nariz - e disse ferozmente:
— Você é tudo.

Mesmo se as bruxas não estivessem vigiando os portos, mesmo se de alguma forma conseguíssemos escapar, quem sabe o que Morgane faria com aqueles que ficaram para trás. Nós viveríamos, sim, mas não poderíamos deixar todos os outros com esse destino.

Poderíamos?

Frases assim, a resposta afundou como um peso morto no meu estômago. Claro que não podíamos deixá-los. Mas ela ainda procurava meus olhos com esperança, como se esperasse uma resposta diferente. Isso me fez pausar, um nó duro se contorceu em meu estômago. Se eu tivesse afirmado que deveríamos sair, ela teria concordado? Ela teria submetido um reino inteiro à ira de Morgane, apenas para que pudéssemos viver?

Uma pequena voz na minha cabeça respondeu. Uma voz indesejável.

Ela já fez isso.

Eu o empurrei violentamente.

Agora - com seu corpo inclinado em direção ao meu, seu capuz escorregando - minhas mãos tremiam e eu resisti ao desejo de continuar nossa discussão. Muito em breve, ela partiria para o campo de sangue. Embora ela não estivesse* sozinha, ela estaria sem mim. Isso era inaceitável. Isso não poderia acontecer. Não com Morgane e Auguste atrás de sua cabeça.

Ela pode cuidar de si mesma, disse a voz.

Sim. Mas também posso cuidar dela.

Suspirando, ela caiu para trás em sua cadeira, e o arrependimento cortou meu pânico. Ela pensou que eu a rejeitei. Eu não perdi a maneira como seus olhos se apertaram no riacho, então novamente no acampamento. Mas eu não a estava rejeitando. Eu estava protegendo ela.

Tomei decisões estúpidas quando ela me tocou.

— E você, Antoine? — em vez disso, Lou empurrou o copo na direção de Ansel. — Você não deixaria uma senhora beber sozinha, deixaria?

— Claro que não. — ele olhou solenemente para a esquerda e para a direita. — Mas eu não vejo uma senhora aqui. Você vê?

— Lou deu uma gargalhada e despejou o líquido âmbar sobre sua cabeça.

— Pare com isso. — eu rosnei, puxando seu capuz de volta no lugar. Por apenas um momento, seu cabelo ficou visível para o pub.

Embora

ela

o

tivesse

cortado,

a

cor

permaneceu

surpreendentemente branca. Distinto. Não era uma cor comum, mas era notória. Um ícone. Ninguém reconheceria em Lou, mas eles poderiam confundi-la com alguém totalmente pior. Até Lou precisava ver as semelhanças entre ela e as feições de sua mãe agora.

Puxando minha mão antes que eu pudesse acariciar sua bochecha, eu enxuguei o uísque com minha capa. — É exatamente por isso que Madame Labelle não queria você em público. Você chama muita atenção.

— Você conhece sua mãe há aproximadamente três segundos e meio, e ela já é a autoridade. Eu não posso te dizer o quão emocionante isso é para mim.

Eu revirei meus olhos. Antes que eu pudesse corrigi-la, um grupo de homens sentou-se à mesa ao nosso lado. Sujos. Desgrenhado.

Desesperado por uma bebida. — Fifi, amor — gritou o mais barulhento e sujo deles, — traga-nos uma cerveja e continue trazendo. Essa é minha garota.

A garçonzete - igualmente imunda, sem os dois dentes da frente -

saiu apressada para obedecer.

Do outro lado do bar, Beau murmurou algo para Lou, batendo os próprios dentes, e ela riu. O ciúme irradiou através de mim.

Aproximei-me instintivamente, parei e recuei mais uma vez.

Obriguei-me a varrer o perímetro da sala em vez disso.

— Pode querer pegar leve, Roy. — disse um de seus companheiros. — Amanhã de manhã cedo e tudo mais.

Atrás do grupo desgrenhado, três homens em roupas escuras jogavam cartas. Espadas em seus quadris. Hidromel em seus copos. Atrás deles, um jovem casal conversava animadamente com

Madame Labelle, Coco e Beau. Fifi e um barman de construção poderosa cuidavam do balcão. Atores e atrizes dançaram perto da porta. Mais aldeões vieram de fora, olhos brilhantes de excitação e narizes vermelhos de frio.

Pessoas em todos os lugares, felizmente inconscientes de quem se escondeu em seu meio.

— Bah. — Roy cuspiu no chão. Um pouco da saliva escorreu por seu queixo. Lou - sentada mais perto dele - afastou a cadeira, enrugando o nariz. — O cavalo quebrou a perna ontem à noite.

Afinal, não vamos para Cesarine depois de tudo.

Com isso, nós três ficamos imóveis. Anormalmente imóvel.

Quando cutuquei Lou, ela assentiu e tomou um gole de sua bebida.

Ansel a seguiu, fazendo uma careta quando o líquido atingiu sua língua. Ele inclinou em minha direção. Recusei, calculando rapidamente a distância de Saint-Loire a Cesarine. Se esses homens planejavam partir pela manhã, o funeral do arcebispo seria em duas semanas.

— Sortudo. — o outro disse enquanto Fifi voltava com o hidromel. Eles beberam avidamente. — A esposa não vai me deixar ficar fora disso. Diz que temos que *prestar nossos respeitos*. Grande idiota, ela é. O velho Florin nunca me fez nada além de irritar os pequeninos durante a colheita.

O som de seu nome me atingiu como um tijolo. Aqueles eram

agricultores, então. Várias semanas atrás, fomos enviados para lidar com outra infestação de lutina fora de Cesarine. Mas estivemos *ajudando* os agricultores, não os atrapalhando.

Como se estivesse lendo minha mente, um disse: — Mas seus porcos azuis os

mataram, Gilles. Isso é alguma coisa.

Porcos azuis. Fúria enrolou em minha garganta com a calúnia.

Esses homens não perceberam tudo o que os *Chasseurs* faziam para garantir sua segurança. Os sacrifícios que eles fizeram. A integridade que eles mantinham. Eu olhei para as roupas amarrotadas dos homens com desgosto. Talvez eles vivessem muito ao norte para entender, ou talvez suas fazendas estivessem muito distantes da sociedade educada. Nada além de simplórios e criminosos se referiam à minha irmandade - estremeci internamente,

corrigindo-me - a irmandade dos *Chasseurs* como tudo menos virtuosa, nobre e verdadeira.

— Nem todos eles. — Gilles respondeu rispidamente. —

Tivemos um verdadeiro tumulto depois que eles partiram. Os diabinhos desenterraram os cadáveres de seus amigos e desfiaram meu trigo em uma noite. Deixamos de fora uma oferta semanal agora. O azuis nos queimaria se soubessem, mas o que podemos fazer? Mais barato do que perder outro campo para as criaturas.

Estamos presos entre a rocha e o lugar duro. Mal podemos colocar comida em nossas barrigas desse jeito.

Ele se virou para pedir outra rodada de Fifi.

— Sim. — disse seu amigo, balançando a cabeça. — Maldito se fizermos, e maldito se não fizermos. — ele voltou sua atenção para Roy. — Pode ser o melhor, no entanto. Minha irmã mora em Cesarine com seus filhos, e ela disse que Auguste pôs um toque de recolher. As pessoas não podem sair após o pôr-do-sol, e as mulheres não podem sair sem acompanhantes cavalheirescos. Ele tem seus soldados patrulhando as ruas dia e noite à procura de mulheres suspeitas depois do que aconteceu com o arcebispo.

Acompanhantes? Patrulhas?

Lou e eu trocamos olhares e ela praguejou baixinho. Seria mais difícil navegar pela cidade do que suspeitávamos.

Gilles estremeceu. — Não posso dizer que me importo com isso.

Gentinha é uma coisa. As bruxas são outra. Mal, elas são.

Antinaturais.

Os outros homens resmungaram seu acordo enquanto Roy ordenava outra rodada. Quando um deles desviou a conversa para sua hérnia, no entanto, Lou me lançou um rápido olhar. Não gostei do brilho em seus olhos. Não gostei do conjunto determinado em sua mandíbula. — Não faça isso. — avisei em voz baixa, mas ela tomou um gole generoso e falou por cima de mim.

— Oi, você ouviu o que aquele Toussaint desajeitado estava reivindicando?

Todos os olhos na mesa vizinha se voltaram para ela. A descrença me manteve enraizado na minha cadeira, boquiaberto junto com o resto deles. Ansel soltou uma risada nervosa. Mais guincho do que qualquer coisa. Lou o chutou por baixo da mesa.

Depois de mais um segundo tenso, Roy arrotou e deu um tapinha no estômago. — Quem é você, então? Por que você está escondendo seu rosto?

— Dia ruim no ar, cara. Cortei tudo em um ataque de raiva, e agora eu não posso suportar a visão de mim mesmo.

Ansel engasgou-se com o uísque. Instintivamente, dei um tapinha nas costas dele. Nenhum de nós tirou os olhos de Lou. Eu não podia ver seu sorriso, mas podia sentir isso. Ela estava se divertindo.

Eu queria estrangulá-la.

— Além disso, há uma verruga no meu queixo. — acrescentou ela de forma conspiratória, levantando um dedo para tocar em seu rosto. Ele desapareceu nas sombras de seu capuz. — Nenhuma quantidade de pó pode encobri-lo. É do tamanho de Belterra.

— Sim. — o homem que havia falado antes acenou com a cabeça sabiamente, profundamente em suas xícaras, e olhou para ela com os olhos turvos. — Minha irmã tem uma verruga no nariz.

Eu acho que você está bem.

Lou não conseguiu conter seu bufo. — Estes são meus irmãos.

— ela gesticulou para Ansel e eu. — Antoine e Raoul.

— Olá, amigos. — sorrindo, Ansel ergueu a mão em um aceno estúpido. — Prazer em conhecê-los.

Eu o encarei. Embora envergonhado, seu sorriso não vacilou.

— Anyhoo. — Lou disse, tomando o resto de seu uísque. —

Antoine e Raoul aqui podem ter empatia com seus problemas de lutin. Fazendeiros, nós somos. Aqueles porcos azuis estão arruinando a vida para nós também, e Toussaint é o pior deles.

Com um grunhido, Roy balançou a cabeça. — Ele estava aqui com seus malditos porcos esta manhã, e eles disseram que o velho Toussaint estripou Morgane na véspera de Natal.

— *Besteira!* — Lou deu um tapa na mesa para dar ênfase.

Pressionei meu pé sobre o dela em aviso, mas ela chutou minha canela em resposta. Seus ombros tremeram com uma risada silenciosa.

— *Mas...* — Roy arrotou novamente antes de se inclinar, gesticulando para que fizéssemos o mesmo. —... eles disseram que vão partir para Cesarine imediatamente por causa do torneio.

Meu estômago embrulhou. — O torneio?

— Isso mesmo. — disse Roy, as bochechas ficando mais vermelhas a cada segundo. Voz cada vez mais alta. — Eles têm que reabastecer suas fileiras. Aparentemente, as bruxas levaram alguns deles. As pessoas estão chamando isso de Noël Rouge. — ele riu e enxugou a boca na manga. — Por causa de todo o sangue.

Quando Ansel me passou sua bebida desta vez, aceitei.

O uísque queimou todo o caminho.

Aquele com a irmã verrucosa assentiu. — Eles vão fazer isso antes dos serviços do arcebispo. Tentando fazer disso um festival, eu acho. Um pouco mórbido.

Gilles bebeu sua terceira cerveja. — Talvez eu deva entrar.

O homem riu. — Talvez eu deva entrar com sua esposa enquanto você está fora.

— Vou trocá-lo por sua irmã!

A conversa se deteriorou a partir daí. Eu tentei e falhei em libertar Lou de uma discussão sobre quem era mais feio - a irmã do homem ou a bruxa nos pôsteres de procurado - quando uma voz desconhecida interrompeu. — Bobagens, tudo isso. Não há nada tão venerável quanto uma verruga no rosto.

Viramos como um só para olhar para o homem que se jogou na cadeira vazia em nossa mesa. Olhos castanhos brilharam acima de um bigode e uma barba rebeldes. O violinista da trupe. Ele estendeu a mão desgastada para mim. Levantou o outro em uma onda alegre.

— Saudações. Claud Deveraux, ao seu serviço.

Roy e seus companheiros se viraram enojados, resmungando sobre charlatães.

Eu encarei sua mão enquanto Lou reajustava seu capuz. Os olhos de Ansel se voltaram para Madame Labelle, Coco e Beau.

Embora nos observassem disfarçadamente, eles continuaram conversando com o casal ao lado deles. Madame Labelle baixou o queixo em um aceno sutil.

— Certo então. — Claud Deveraux baixou a mão, mas não o sorriso. — Você não se importa com a companhia, não é? Devo confessar, preciso de um descanso de toda a folia. Ah, você tem libações. — ele acenou com a mão para sua trupe antes de se servir do resto da bebida de Ansel. — Estou em dívida com você, bom

senhor. Na verdade, minha mais profunda gratidão. — piscando para mim, ele limpou a boca com um lenço de bolso xadrez. —

Onde eu estava? Ai sim. Claud Deveraux. Este sou eu. Eu sou, claro, músico e empresário da Troupe de Fortune. Por acaso você assistiu à nossa apresentação esta noite?

Eu mantive meu pé pressionado no de Lou, implorando que ela ficasse quieta. Ao contrário de Roy, este homem nos procurou. Eu não gostei. Com um suspiro relutante, ela se recostou e cruzou os braços. — Não. — eu disse bruscamente, rudemente. — Nós não assistimos.

— Foi um caso esplêndido. — ele continuou sua conversa unilateral com prazer, sorrindo para cada um de nós. Eu o inspecionei mais de perto. Calças listradas. Casaco Paisley. Gravata borboleta quadriculada. Ele jogou sua cartola - esfarrapada e marrom - na mesa à sua frente. Mesmo para mim, sua roupa parecia... bizarra. — Eu amo essas vilas pitorescas ao longo da estrada. Encontra-se as pessoas mais interessantes.

Claramente.

— É realmente uma pena que partamos nesta mesma noite, impulsionados para o sul pelo canto de sereia das multidões e cortesãos no compromisso de nosso Santo Padre. — ele acenou com a mão ausente. Esmalte preto brilhava em suas unhas. — Um caso tão trágico. Uma soma tão ímpia.

Meu lábio se curvou. Eu gostava de Claud Deveraux cada vez menos.

— E quanto a você? Posso perguntar seus nomes? — alheio ao silêncio tenso e constrangedor, ele bateu os dedos contra a mesa em um ritmo alegre. — Embora eu ame uma boa intriga. Talvez eu pudesse arriscar um palpite?

— Isso não será necessário. — minhas palavras ficaram pesadas entre nós. Roy nos deu todas as informações de que precisávamos. Era a hora de ir. De pé, chamei a atenção de Beau do outro lado da sala e acenei para a saída. Ele cutucou minha mãe e Coco. — Meu nome é Raoul, e estes são meus amigos Lucida e Antoine. Estamos saindo.

— Amigos! Oh, que delicioso! — ele tamborilou os dedos mais alto de alegria, ignorando completamente minha dispensa. — E que

nomes maravilhosos eles possuem! Infelizmente, não gosto tanto do nome Raoul, mas deixe-me explicar. Eu conheci um homem uma vez, um grande urso corpulento - embora talvez ele fosse um homem pequeno e ranzinza - e o pobre querido pegou uma farpa no pé...

— Monsieur Deveraux. — disse Lou, parecendo igualmente irritada e intrigada. Provavelmente irritada porque ela estava intrigada. Seu sorriso sumiu quando ela falou, e ele piscou lentamente. Só uma vez. Então seu sorriso voltou - mais amplo agora, genuíno - e ele se inclinou para agarrar a mão dela.

— Por favor, Lucida, você deve me chamar de Claud.

Com o repentino calor em sua voz, com a maneira como seus olhos

brilhavam mais brilhantes do que antes, o pânico silencioso em meu peito rugiu de volta à vida, endurecido em suspeita. Mas ele não poderia tê-la reconhecida. Seu rosto permaneceu escondido.

Essa familiaridade - talvez fosse outra peculiaridade de sua personalidade. Um inadequado.

Lou endureceu sob seu toque. — *Monsieur* Deveraux. Embora eu geralmente receba um completo estranho bebendo meu uísque e acariciando minha mão, foram alguns dias difíceis. Se você pudesse gentilmente dar o fora, eu agradeceria muito.

Roy - que nunca parava de espionar - ergueu a cabeça e franziu a testa. Eu estremeci.

Lou havia abandonado seu sotaque.

Liberando a mão dela, Deveraux inclinou a cabeça para trás e riu. Alto. — Oh, Lucida, que *deleite* você é. Não posso começar a explicar como senti falta de tal humor negro - o tipo que morde sua mão se você se aproximar muito - que, aliás, estou apropriada e profundamente arrependido...

— Corta essa merda. — Lou ficou de pé, inexplicavelmente nervosa. Sua voz soou aguda e alta. Muito alta. — O que você *quer*?

Mas seu capuz escorregou com o movimento repentino, e quaisquer palavras que Claud Deveraux planejou sumiram com ele.

Ele olhou para ela extasiado. Todo o fingimento se foi. — Eu simplesmente queria conhecê-la, querida menina, e oferecer ajuda se você precisar. — seus olhos caíram para sua garganta. A nova

fita - mais lisa, maior do que o normal, mais difícil de amarrar em um laço - havia se soltado do nó, deslizando para baixo para revelar sua cicatriz horrível.

Porra.

— O que aconteceu com você, então? — Roy perguntou em voz alta.

Ao lado dele, Gilles estreitou os olhos em fendas. Ele se virou em direção aos pôsteres de procurado na porta. — Essa é uma cicatriz horrível que você tem aí.

Deveraux puxou seu capuz de volta no lugar, mas era tarde demais.

O estrago estava feito.

Roy se pôs de pé. Ele acenou com sua caneca de vidro para Lou, cambaleando e tentando manter o equilíbrio. Hidromel derramou em suas calças. — Você não tem verruga, *Lucida*. Sem sotaque também. Mas você se parece muito com aquela garota que todo mundo está procurando. Aquela *bruxa*.

Um silêncio caiu sobre a taverna.

— Eu não sou... — Lou balbuciou, olhando ao redor freneticamente.
— Isso é ridículo...

Desembainhando minha Balisarda, levantei-me com um propósito mortal. Ansel o seguiu com sua própria faca. Nós dois nos erguemos atrás dela enquanto o resto dos companheiros de Roy se levantava.

— Oh, é isso, tudo bem. — Gilles tropeçou na mesa, apontando para o pôster. Ele sorriu em triunfo. — Ela cortou o cabelo, tingiu, mas não consegue esconder a cicatriz. Vêem? Claro como o dia.

Essa garota é Louise le Blanc.

E em um movimento desajeitado e aterrorizante, Roy ergueu sua caneca de vidro e a quebrou em uma lâmina dentada.

Marionette

Reid

Apesar do pesadelo em que nossas vidas se tornaram, eu ainda não havia lutado ao lado de Lou no combate físico. Em Modraniht, ela estava inconsciente. Na apresentação das Ye Olde Sisters, ela estava escondendo sua magia. E na ferraria, ela matou os criminosos antes que eu pudesse intervir. Eu não tinha sido capaz de imaginar como alguém tão pequena poderia matar dois homens adultos com tanta eficiência. Quanta brutalidade.

Agora eu entendi.

A mulher era uma ameaça.

Ela se moveu com velocidade inesperada, fintando e golpeando com ambas as mãos. Quando sua faca errou o alvo, seus dedos se flexionaram e seu oponente tombou. Ou enrijeceu. Ou se espatifou no bar, quebrando copos e encharcando a sala com uísque. Vidro choveu

em nossas cabeças, mas ela não diminuiu a velocidade. Ela bateu de novo e de novo.

Mesmo assim, Roy e seus amigos ficaram sóbrios rapidamente, e eram mais do que quatro contra um. Cinco quando o barman entrou na briga. Coco correu para encontrá-lo, mas eu a peguei, empurrando-a em direção à porta. — Pegue os outros e vá. Eles ainda não conhecem seus rostos, mas saberão se você ficar e lutar.

— Eu não vou deixar L...

— Sim. — peguei a parte de trás do vestido dela e a joguei para fora da porta. — você vai.

Com os olhos arregalados, Beau correu atrás dela. Tanto Ansel quanto Madame Labelle pareciam propensos a discutir, mas eu os

cortei, jogando uma faca para prender a manga de Roy na parede.

Ele bateu sua caneca em Lou enquanto ela estava de costas. —

Vamos nos encontrar com vocês no acampamento. *Vão.*

Eles correram atrás de Coco e Beau.

Lou gritou algo para mim - defendendo três homens de uma vez

- mas eu não pude ouvi-la por causa dos gritos dos aldeões. Eles pisotearam um ao outro na pressa de fugir da bruxa com magia, mas os homens com espadas improvisadas se mostraram igualmente assustadores. Rindo, gritando, os três caminharam no meio da multidão em direção à saída. Um rasgou o pôster de procurado de Lou e o guardou no bolso. Ele agarrou o meu depois.

Sorrindo para mim por cima do ombro, ele bateu em seu cabelo.

Minha mão disparou para meu capuz caído.

— Não tenha pressa. — sua voz reverberou em meio ao pânico, e ele pegou uma caneca da mesa mais próxima, bebendo muito.

Seus companheiros conseguiram barricaram a porta, prendendo os aldeões restantes. Nos prendendo. — Nós podemos esperar.

Caçadores de recompensa.

— Marido! — Lou esticou a palma da mão e os crânios de Gilles e de

seus amigos se bateram. Gemendo, eles caíram no chão. —

Eu *tento* não ser carente, realmente, mas um pouco de ajuda aqui seria *ótimo*.

Roy se libertou e a abordou. Eu cortei a perna do taverneiro, saltando sobre ele enquanto ele cambaleava e corri em direção a eles.

— Ugh, Roy, *mon amie*. — Lou torceu o nariz embaixo dele. —

Eu odeio ser indelicado, mas quando você tomou banho pela última vez? Você cheira um pouco podre aqui. — Com um som de ânsia, ela mordeu a parte inferior de seu bíceps. Ele recuou e eu bati em sua cabeça, enganchando o cotovelo de Lou e virando-a sobre minhas costas antes que ele desabasse sobre ela. Ela chutou Gilles

- que estava tentando se levantar - perfeitamente ao descer.

— Você não pode imaginar como você está *gostoso* agora, Reid.

— Sorrindo perversamente, o cotovelo ainda ligado ao meu, ela girou em meus braços e me beijou na boca. Eu devo ter ficado louco porque eu a beijei de volta, até...

— Gostoso? — eu me afastei, franzindo a testa. A adrenalina bateu forte em meu peito. — Não tenho certeza se gosto disso...

— Por que não? Significa que quero comê-lo vivo. — ela cortou o último amigo de Roy enquanto corríamos para a porta. — Você já tentou algum padrão?

O barman montanhoso subiu para bloquear nosso caminho, rugindo alto o suficiente para sacudir as vigas. O sangue pintou sua perna carmesim. — *Bruxa*. — ele veio, balançando um porrete do tamanho do corpo de Lou. Eu bloqueei o golpe com minha balisarda, rangendo meus dentes contra o impacto. — Essa dificilmente é a hora.

— Mas você vê?

— *Não*.

Com um suspiro impaciente, Lou se abaixou sob nós para esfaquear a Roy, que se recusou a ficar por baixo. — Eu suspeitei tanto. — desta vez, quando Roy a agarrou, ela rolou sobre as costas e chutou-o na parte traseira. Ele caiu sobre os corpos de seus amigos, e Lou derrubou sua espada. — Magia em combate pode ser complicado, mas não

precisa terminar como esta manhã. O truque é ficar criativo...

Ela parou abruptamente quando Gilles agarrou seu tornozelo.

Piscando para mim, ela pisou no rosto dele. Ele desabou contra seus amigos e não se moveu mais. Esmagando minha cabeça no nariz do taverneiro, peguei seu porrete quando ele desabou. A própria fundação tremeu com o impacto.

Respirando com dificuldade, olhei para trás. Cinco no chão.

Faltam três.

— Tente ver além deste quartinho nojento para o que está abaixo. — Lou gesticulou descontroladamente com sua faca.

Gritando novamente, os aldeões presos se espalharam para se esconder atrás de mesas e cadeiras viradas. — Continue. *Veja.*

Diga-me o que você vê.

Em vez disso, voltei minha atenção para os homens na porta.

Fiel à sua palavra, eles esperaram. Empurrando languidamente a parede, eles sacaram suas espadas quando nos aproximamos. —

Suponho que isso significa que você não está disposto a

simplesmente se afastar. — disse Lou com um suspiro. — Tem certeza de que isso é sábio? Eu sou uma bruxa, você sabe.

O que estava com a caneca terminou sua cerveja. — Você sabia que sua cabeça vale cem mil *couronnes*?

Ela fungou e parou. — Francamente, estou insultada. Vale pelo menos o dobro disso. Você falou com La Dame des Sorcières?

Tenho certeza que ela pagaria o triplo. Para mim, entretanto. Não é minha cabeça. Eu teria que estar *viva*, é claro, o que poderia ser um problema para você...

— Cale a boca. — o homem deixou cair a caneca e ela se espatifou a seus pés. — Ou vou cortá-la enquanto você ainda está respirando.

— O rei quer minha cabeça de *verdade*? Que...bárbaro.Tem certeza de que não vai pensar em me levar a La Dame des Sorcières em vez disso? De repente, estou me sentindo bastante solidário com a causa

dela.

— Se você se render, vamos matá-la rápido. — prometeu seu companheiro. — Guarde o negócio desagradável para depois.

Lou fez uma careta. — Que magnânimo da sua parte. — para mim, ela sussurrou: — Eles não têm Balisardas. Concentre-se no resultado e os padrões aparecerão. Escolha aquele com menos danos colaterais, mas certifique-se de *escolher*. Caso contrário, a natureza escolherá por você. Foi o que aconteceu esta manhã, não foi?

Segurei minha própria Balisarda com mais força. — Eu não vou precisar disso.

— Estou tentando ser paciente, Chass, mas não temos exatamente o luxo de passar um tempo aqui...

O sorriso do primeiro homem sumiu e ele ergueu a espada. —

Eu falei cale a boca. Temos vocês em menor número. Agora, você se rende ou não?

— Não. — Lou ergueu sua própria faca. Parecia pateticamente pequeno em comparação. Ela parecia pateticamente pequena em comparação. Apesar de minhas respirações profundas e firmes, a tensão em meu corpo cresceu - cresceu e cresceu até que eu irradiasse com ela, tremendo de antecipação. — Espere, não, deixe-me pensar. — ela bateu no queixo. — *Definitivamente* não.

O homem se lançou para ela. Eu explodi, esmagando minha Balisarda em seu estômago, girando enquanto seu companheiro tentava passar por ele. Meu pé acertou seu joelho e ele se dobrou, cravando sua lâmina em meu pé. Preto embaçou minha visão enquanto eu puxava a espada para fora.

Com um grito feroz, Lou disparou em direção ao terceiro, mas ele agarrou o pulso dela e torceu. A faca dela caiu no chão. Ela sacudiu um dedo em resposta, e ele se chocou contra a barra com força suficiente para lascas a madeira. Tossindo, ela se dobrou. —

Momento ensinável. — ela engasgou. — Eu deveria ter matado o desgraçado miserável, mas... — outra tosse — Usei o ar ao nosso redor para derrubá-lo, tentei... espetá-lo na madeira. Isso me bateu muito bem... em troca. Faz sentido? Eu poderia ter tirado o ar direto dos meus pulmões em vez disso, mas ele... ele é muito grande.

Seria preciso muito ar para movê-lo. Provavelmente teria me matado. — ela sorriu para si mesma então, cada vez mais largo até que ela estava gargalhando. O sangue escorria de sua boca pelo queixo. — E *então* como eu poderia ter reivindicado os cem mil couronnes de seu pai...

Uma faca voou para ela dos destroços do bar.

Ela não teve tempo de se abaixar.

Com um homem em cada braço, observei em câmera lenta quando ela se encolheu, levantando a mão para impedir que a lâmina perfurasse seu coração. Mas a força do lançamento - a proximidade do homem, sua pontaria misteriosa - foi intransponível.

A lâmina encontraria seu alvo. Não havia nada que ela pudesse fazer para impedir. Nada que eu pudesse fazer.

Seus dedos se contraíram.

E com aquela contração, seus olhos ficaram menos focados, menos humanos. Entre uma piscada e a próxima, a faca inverteu a direção e empalou a garganta de seu dono.

Lou olhou para ele, ainda sorrindo, os olhos dela brilhando com malícia desconhecida.

Exceto que não era estranho. Eu já tinha visto isso muitas vezes.

Só nunca nela.

— Lou?

Quando a toquei, aquele sorriso terrível finalmente se desfez, e ela engasgou, segurando o peito. Eu a puxei atrás de mim enquanto os dois homens atacavam. Ela não conseguia respirar, percebi alarmado. Apesar de seu próprio aviso, ela deu o ar de seus pulmões para atirar a faca - não tanto quanto seria necessário para atirar o homem. O suficiente para que manchas vermelhas tivessem aparecido em seus olhos, o suficiente para que seu peito trabalhasse furiosamente para repor o que havia perdido. — Estou bem. — disse ela, lutando para se juntar a mim. Sua voz estava crua. Fraca. Eu pisei na frente dela. — Eu disse que estou *bem*.

Ignorando-a, lancei minha Balisarda para longe - enervado por sua respiração irregular, o fedor espesso de magia no ar, o sangue rugindo

em meus ouvidos - para empurrar os outros dois para trás, para protegê-la. Mas meu pé latejava e eu tropecei. — Vamos embora. — eu disse, a voz baixa e desesperada, apavorada por eles. Não... não por eles. Por Lou. — Deixe-nos sair e nós deixaremos você viver.

O primeiro se levantou ao lado do cadáver de seu companheiro.

Seu sorriso havia desaparecido. Olhando meu pé machucado, ele se aproximou. — Há rumores, você sabe. Na cidade. Dizem que você é o filho bastardo do rei.

Meus pensamentos se dispersaram com essa nova informação.

Como eles poderiam saber? Os únicos a par dessa informação eram os da nosso próprio grupo : Lou, Ansel, Coco, Beau e...

A última peça se encaixou no lugar.

Madame Labelle.

— Podemos ajudá-lo. — persuadiu o segundo, acompanhando os primeiros passos. — Podemos libertar você do feitiço dessa bruxa.

Cada instinto gritou para eu me envolver. Para lutar, para proteger. Mas essas não eram as mesmas coisas agora. Eu recuei mais rápido, tropeçando novamente. Lou me firmou.

— Por favor. — ela zombou. — Ele praticamente dorme com sua Balisarda, seus idiotas. Eu não poderia encantá-lo se tentasse.

— Cale a boca, *bruxa*.

— E quanto ao seu amigo morto? — ela perguntou suavemente.

— Ele deveria falar por mim em vez disso?

Eu a empurrei atrás de mim novamente.

Meus olhos dispararam para a porta, as janelas. Muito longe.

Embora a parte racional do meu cérebro soubesse que eu mantinha a vantagem - sabia que meu pôster de procurado dizia vivo, sabia que eles não podiam correr o risco de me matar - o mesmo não era verdade para Lou. Sua vida foi perdida nesta luta, o que significava que a deles também. Eu teria que matá-los antes que pudessem tocá-la, antes que ela pudesse retaliar. Mesmo em menor número, eu poderia despachá-los. Mesmo ferido. Mas se eu tentasse, Lou também

ficaria. Ela não me deixaria lutar sozinho.

Mais uma vez, ela tentou se mover para o meu lado e, mais uma vez, eu a coloquei para trás.

Eu não podia permitir que ela lutasse. Não com magia. Não depois do que acabei de ver. Ela poderia se machucar irrevogavelmente. No entanto, eu também não poderia deixá-la indefesa. Segurando sua mão, eu a empurrei contra a parede.

Enjaulei-a com meu corpo. — Coloque a mão dentro do meu casaco. — eu sussurrei enquanto os homens se aproximavam. —

Pegue uma faca.

Em vez disso, ela arrancou minha Balisarda da minha mão.

— O que você...? — eu pulei depois disso, incrédulo, mas ela chegou antes de mim, deslizando sob seu pé enquanto os homens atacavam.

— Confie em mim! — ela gritou.

Sem tempo para discutir, puxei duas facas da minha bandoleira e os enfrentei golpe após golpe. Minha mente antecipou cada movimento seu. Minhas armas se tornaram extensões de meus braços. Mesmo a dor aguda no meu pé diminuiu para uma dor surda. Inexplicavelmente agitado, eu assisti - desconectado -

enquanto meu corpo fintava, mergulhava e se torcia com uma velocidade não natural. Socando aqui. Chutando lá. Logo os homens diminuíram a velocidade, sangrando e sem fôlego. O ódio torceu seus rostos enquanto eles olhavam para Lou. Mas ela permaneceu atrás de mim, não entrou na briga.

Eu olhei para trás. Minha visão afundou em seus dedos contorcidos, e o choque me atingiu, roubando meu fôlego. Não. Não

choque. Fúria. Sim, eu já tinha visto isso. Eu já tinha visto isso muitas vezes.

Ela estava me usando como a porra de uma marionete.

Com a minha expressão, seus dedos vacilaram e meus braços caíram para os lados, cordas cortadas. Mole. — Reid. — ela sussurrou. — Não...

Os homens finalmente viram sua oportunidade.

O mais rápido deles girou em torno de mim, cortando minhas mãos e derrubando minhas facas no chão. Antes que eu pudesse impedi-lo, seu companheiro enfiou a lâmina no meu queixo. O

primeiro seguiu rapidamente com uma espada na minha costela.

— Não torne isso difícil, Diggory. — um deles ofegou, dando um soco forte no meu estômago enquanto eu lutava. — O rei quer você vivo, e odiaríamos desapontá-lo.

Eles me empurraram para encarar Lou, que se lançou para recuperar minha Balisarda.

— Fácil, amor. — eles empurraram suas lâminas mais profundamente. Avisando a ela. Me avisando. Um filete de sangue desceu pela minha garganta. Lentamente, Lou se levantou. Sua expressão era assassina. — Está certo. Sem movimentos bruscos.

Você pode ir em frente e deslizar essa faca aqui.

Ela chutou em direção à porta, os olhos cintilando em algo que ela viu lá. Não ousei olhar. Não ousei chamar atenção.

Ela respirou fundo. Diante de nossos olhos, sua expressão se transformou. Batendo os cílios, ela deu aos homens um sorriso meloso. Meu estômago embrulhou. Com seu cabelo branco - seus olhos verdes esta noite em vez de azuis - ela parecia outra pessoa completamente. — Você sabia. — disse ela, mantendo as mãos eretas, imóveis. — Que a gesticulação física é necessária para realizar magia? Temos que sinalizar a intenção, caso contrário, corremos o risco de canalizar padrões com pensamentos errantes.

Gesticulação é manifestação. — Ela recitou a última como se fosse um livro didático. Outro sorriso. Este é mais largo que o anterior.

Doce. Eles olharam para ela perplexos. Eu a encarei com pavor. —

O menor gesto servirá. Como você testemunhou, empalei seu amigo com um movimento do dedo. Demorou menos de um segundo.

O aperto deles em mim aumentou.

— Lou. — minha voz estava baixa, tensa. — Não faça isso. Se manipular a mera memória é perigoso, você não quer as consequências de manipular vidas. Confie em mim. — seus olhos desviaram para a porta e voltaram. Eu engoli em seco, fazendo uma

careta contra a lâmina. Ela estava protelando. Isso foi tudo. Mas aquele sorriso, me enervou. Tentei novamente. — Há dois deles.

Mesmo se você matar um, o outro...

— Cortará sua garganta. — o homem à minha esquerda terminou, pressionando sua faca mais fundo para dar ênfase. Sua mão estava úmida. Fria. Eu podia sentir o cheiro de suor em suas roupas. Ela os assustou. Sob o pretexto de lutar, olhei para trás.

Meu coração saltou para minha garganta. Ansel, Coco, Madame Labelle e Beau estavam arrastando Roy e seus amigos inconscientes porta afora. Por que eles não me ouviram? Por que eles não foram embora? Em vez disso, eles ajudaram o último dos aldeões presos a ficar em segurança. Claud Deveraux vasculhou freneticamente pelos destroços do bar.

— Suponho que você esteja certo. — Lou piscou para mim e a fachada rachou. O alívio inundou meu sistema. — Mas eu certamente gosto de assistir você se contorcer.

Perdendo a paciência, o da direita correu em sua direção. — E eu vou gostar de cortar sua boca...

Um corvo de triunfo soou atrás de nós, e os homens finalmente se viraram.

Em pé atrás do bar - segurando um fósforo aceso - Deveraux sorriu. — Boa noite, *messieurs*. Eu odeio interromper, mas acredito que é de mau gosto discutir a decapitação de uma senhora na frente dela.

Ele jogou o fósforo em nossa direção e todo o edifício explodiu.

[White Shadows](#)

[Lou](#)

O fogo é uma merda.

Eu já tinha queimado uma vez - queimado e queimado em uma estaca metafísica até que eu não fosse nada além de uma casca -

mas parecia que as chamas não tinham se apossado de mim. Eles queriam outro gosto.

Bem, também ruim pra caralho.

Eu mergulhei em direção a Reid enquanto o pub detonava ao nosso redor, jogando a mão em direção ao padrão que tremeluzia entre nós e as chamas. O cordão dourado sugou o medo de gelo do meu peito - envolvendo uma barreira protetora ao nosso redor em cristais frios e brilhantes - antes de explodir em pó. Nós nos agarramos um ao outro, intocados, enquanto o fogo crescia.

Os caçadores de recompensas não tiveram tanta sorte.

Tentei não gostar de vê-los queimar até ficarem crocantes.

Realmente, eu tentei. Sem o medo que eu acabei de sacrificar, no entanto, havia apenas raiva - uma raiva que queimava mais quente e mais brilhante do que até mesmo as chamas ao nosso redor. O

sangue da garganta de Reid ainda escorria em seu colarinho, manchando-o. Mesmo em meio a nossa jornada hedionda pelo deserto, nossa estadia de uma semana no Hollow, ele conseguiu manter suas roupas imaculadas. Mas agora não. Alguns caçadores de recompensas teriam nos superado se não fosse por Claud Deveraux.

Falando nisso... *onde* estava Claud Deveraux?

Ainda furiosa, examinei o pub em chamas

por qualquer sinal dele, mas ele havia sumido.

Reid me agarrou com mais força quando as garrafas de uísque atrás do bar explodiram. O vidro caiu contra nosso escudo derretido, e uma fumaça negra e nociva começou a se enroscar sob ele. Eu tossi, puxando sua orelha até minha boca. — Precisamos nos mover! O escudo não vai aguentar muito mais tempo!

Assentindo rapidamente, seus olhos dispararam para a saída. —

O escudo se moverá conosco?

— Eu não sei!

Ele agarrou minha mão, disparando através das chamas em direção à porta. Corri atrás dele - pegando sua Balisarda enquanto avançava - e me forcei a respirar. Um suspiro após o outro. Meu peito doía de antes e minha cabeça ainda latejava. Minha visão ficou turva rapidamente. A fumaça queimou meu nariz e garganta, e eu engasguei, o primeiro fio de calor lambendo minha espinha. Isso arrasou meus ombros e pescoço, e meu pânico finalmente voltou quando o resto do escudo

derreteu.

Memórias de outro incêndio arrasou através de mim.

— Reid! — eu empurrei suas costas com todas as minhas forças, e ele caiu para fora da porta, esparramado no chão do lado de fora. Desabei ao lado dele e me enterrei na lama gelada, sem me importar com o decoro, rolando de um lado para o outro como um porco chafurdando em um chiqueiro. Um soluço saiu da minha garganta.

— Temos nos mover! — as mãos de Reid agarraram as minhas e ele me colocou de pé. Mais homens já haviam nos cercado, sacando armas improvisadas. Forquilhas. Martelos. As chamas do bar refletiam em seus olhos odiosos enquanto eles pairavam sobre mim, e seus gritos ecoavam através da névoa que nublava minha mente.

Bruxa!

Segurem ela!

Busquem os Chasseurs!

Um grande peso se instalou em meus membros. Gemendo, tropecei no lado de Reid e fiquei lá, confiando nele para suportar meu peso. Ele não me decepcionou. Minha voz soou abafada quando eu disse: — Minhas costas doem.

Ele não respondeu, ao invés disso, arrancou sua Balisarda de mim e o balançou nos homens, abrindo caminho. O mundo começou a flutuar de uma forma agradável e perturbadora, como os pensamentos de uma pessoa um momento antes de adormecer. Era Claud nos observando da multidão? Em algum lugar no fundo da minha mente, percebi que talvez tivesse pegado fogo. Mas a realização foi silenciosa e distante, e a única coisa que importava eram os braços de Reid em volta de mim, o peso de seu corpo contra o meu...

— *Lou.* — seus olhos apareceram bem na minha frente, arregalados, ansiosos e perfeitamente azuis. Exceto - não deveria haver quatro deles, deveria? Eu ri, embora tenha saído áspero, e estendi a mão para alisar o sulco entre suas sobrancelhas. Ele pegou minhas mãos. Sua voz entrava e saía de foco. — Fique acordada... de volta ao acampamento... os Chasseurs... chegando.

Chegando.

Estou indo atrás de você, querida.

O pânico perfurou meu estômago e minha risada morreu abruptamente. Estremecendo contra ele, tentei envolver meus braços em volta de sua cintura, mas meus membros não cooperaram. Eles ficaram pendurados molemente ao meu lado, pesados e inúteis, enquanto eu desabava contra ele. — Ela está vindo atrás de mim, Reid.

Vagamente ciente dele me içando para cima - de sua boca se movendo de forma reconfortante contra minha orelha - eu lutei para organizar meus pensamentos absurdos, para banir as sombras da minha visão.

Mas as sombras não eram brancas - essa sombra era cegante, incandescente, enquanto rasgava minha garganta e se banqueteara com meu sangue -

— Eu não vou deixar ela te machucar novamente.

— Eu queria ser sua esposa.

Ele enrijeceu com a confissão inesperada, mas eu já tinha esquecido que tinha falado. Com uma última inalação sonolenta - de pinho, fumaça e ele - eu escorreguei para a escuridão.

Crosses to Bear

Lou

Acordei com vozes discutindo. Embora a dor nas minhas costas tivesse desaparecido milagrosamente, meu peito ainda parecia apertado, pesado. O mel cobriu minha língua, então eu quase perdi o gosto mais nítido e acobreado escondido em sua doçura. Eu deveria ter me desculpado, mas a exaustão tornou difícil reunir qualquer coisa além da apatia. Como tal, não abri meus olhos imediatamente, contente em fingir dormir e cuidar da respiração em meus pulmões.

Eles me deitaram de bruços e o ar noturno acariciou a pele das minhas costas. A pele nua das minhas costas. Quase ri e me entreguei.

Os desviantes abriram minha camisa.

— Por que não está funcionando? — Reid explodiu. Uma presença quente ao meu lado, ele apertou minha mão na sua. —

Ela não deveria ter acordado agora?

— Use seus olhos, Diggory. — a voz de Coco cortou igualmente nítida.

— As queimaduras dela obviamente sararam. Dê aos seus ferimentos internos tempo para fazer o mesmo.

— Ferimentos *internos*?

Eu imaginei seu rosto ficando roxo.

Coco suspirou impaciente. — Não é humanamente possível mover uma faca - muito menos atirar uma - apenas com o ar em nossos pulmões. Ela compensou usando o ar de seu sangue, seus tecidos...

— Ela fez o quê? — sua voz estava perigosamente suave agora.

Disfarçadamente suave. Isso fez pouco para esconder sua ira, no entanto, já que seu aperto quase quebrou meus dedos. — Isso poderia tê-la matado.

— Sempre há um custo.

Reid zombou. Era um som feio e desconhecido. — Exceto para você, ao que parece.

— Desculpe?

Eu lutei contra um gemido, resistindo ao desejo de me inserir entre eles. Reid era um idiota, mas hoje, ele iria aprender.

— Você me ouviu. — disse ele, sem se deixar abater pela proximidade de Coco com suas artérias. — Lou é diferente quando ela usa magia. Suas emoções, seu julgamento, ela está errática desde o lago ontem. Esta noite foi pior. No entanto, você usa magia sem consequências.

Todo o desejo de protegê-lo de Coco desapareceu. *Errática?*

Custou muito esforço manter minha respiração lenta e estável. A indignação secou o que restava do meu cansaço e meu coração bateu forte com a pequena traição. Aqui estava eu - deitada ferida ao lado dele - e ele teve a ousadia de me insultar? Tudo o que fiz no lago e no bar foi manter seu traseiro ingrato vivo.

Destrua ele, Coco.

— Dê-me exemplos específicos.

Eu franzi a testa em meu saco de dormir. Essa não foi bem a resposta que eu esperava. E foi essa... foi *preocupação* que detectei? Certamente Coco não *concordava* com esse absurdo.

— Ela tingiu o cabelo com pouca ou nenhuma premeditação. Ela tentou estrangular Beau quando deu errado. — Reid parecia estar marcando itens de uma lista cuidadosamente construída. — Ela chorou depois... chorou genuinamente...

— Ela pintou o cabelo assim para *você*. — a voz de Coco gotejava com desdém e antipatia, e espiei um olho aberto, ligeiramente amolecido. Ela olhou para ele. — E ela pode chorar.

Nem todos nós sofremos de sua constipação emocional.

Ele acenou com a mão curta. — É mais do que isso. No pub, ela agarrou Claud Deveraux. Ela riu quando machucou o caçador de recompensas - embora tenha se machucado no processo. Você viu

o hematoma nas costelas. Ela estava tossindo *sangue*. — ele passou a mão pelo cabelo em agitação, balançando a cabeça. — E

isso foi antes de ela matar o amigo dele e quase ela mesma no processo. Estou preocupado com ela. Depois que ela o matou, houve um momento em que ela parecia - ela parecia quase exatamente como...

— Não se atreva a terminar essa frase.

— Eu não quis dizer...

— *Pare*. — o sangue ainda gotejava na mão de Coco, que segurava um frasco vazio de mel. Seus dedos tremeram. — Eu não tenho palavras de conforto para você. Não há nada confortável em nossa situação. Esse tipo de mágica - o tipo que equilibra vida e morte na ponta de uma faca - requer sacrifício. A natureza *exige* equilíbrio.

— Não há nada natural nisso. — as bochechas de Reid coraram enquanto ele falava, e sua voz ficava cada vez mais dura com cada palavra. — É uma aberração. É... é como uma doença. Um veneno.

— É a nossa cruz para carregar. Eu diria que há mais na magia do que a morte, mas você não ouviria. Você tem seu próprio veneno escorrendo pelo sangue - que, aliás, vou ferver se você falar assim na frente de Lou. Ela tem merda fumegante suficiente para classificar sem adicionar a sua à pilha. — exalando profundamente, os ombros de Coco caíram. — Mas você está certo. Não há nada de natural em uma mãe matar seu filho. Lou vai piorar antes de melhorar. Piorar muito, muito mesmo.

Os dedos de Reid apertaram os meus, e os dois olharam para mim. Eu fechei meus olhos com força. — Eu sei. — disse ele.

Respirei fundo para me recompor. Então de novo. Mas eu não pude ignorar a forte explosão de raiva que suas palavras evocaram, nem a dor subjacente. Esta não foi uma conversa lisonjeira. Essas não eram as palavras que se esperava ouvir de entes queridos.

Ela vai piorar antes de melhorar. Piorar muito, muito mesmo.

O rosto de minha mãe apareceu na minha memória. Quando eu tinha quatorze anos, ela procurou um consorte para mim, insistindo que eu vivesse uma vida plena em apenas alguns anos. Seu nome era Alec, e seu rosto era tão bonito que eu queria chorar. Quando suspeitei que Alec preferia outra bruxa, uma noite o segui até as

margens do L'Eau Mélancolique... e assisti enquanto ele se deitava com sua amante. Depois, minha mãe me embalou para dormir, murmurando: — Se você não tem medo de olhar, querida, você não tem medo de encontrar.

Talvez eu não estivesse tão sem medo quanto pensava.

Mas eles estavam errados. Eu me sentia *bem*. Minhas emoções não eram *erráticas*. Para provar isso, limpei minha garganta, abri meus olhos e - encarei o rosto de um gato. — Ack, Absalon! — eu cambaleei para trás, assustada e tossindo novamente com o movimento repentino. Minha camisa - cortada em tiras nas costas -

esvoaçava ao lado do corpo.

— Você está acordada. — o alívio iluminou o rosto de Reid quando ele se sentou para frente, tocando meu rosto timidamente, passando o polegar pela minha bochecha. — Como você está se sentindo?

— Como lixo.

Coco também se ajoelhou ao meu lado. — Espero que você tenha roubado mais roupas daquele mascate. Suas outras literalmente derreteram em suas costas esta noite. Eles eram divertidos de remover.

— Se por diversão, você quer dizer grotesco. — Beau disse, afastando-se ao nosso lado. — Eu não olharia lá. — ele acenou com a mão por cima do ombro. — A menos que você queira ver seu filho de carne e tecido. E o jantar de Ansel. Ele se afastou logo depois de ver seus ferimentos. — eu olhei através do oco para onde Ansel sentou,

parecendo miserável, enquanto Madame Labelle se afastou dele.

— Você deve mudar. — disse Coco. — É quase meia-noite.

Minha tia estará aqui em breve. — Reid olhou para ela, mudando para me bloquear de vista. — Eu te disse. Lou vem comigo. — Coco disparou imediatamente. — E eu te *disse*...

— Cale a boca, vocês dois. — as palavras saltaram de mim antes que eu pudesse detê-las, e me encolhi para suas expressões chocadas. Eles compartilharam um rápido olhar, se comunicando sem uma palavra. Mas eu pude ouvir. *Errática*. Eu forcei um sorriso e pisei em torno de Reid. — Desculpe. Eu não deveria ter dito isso.

— Sim, você deveria. — Beau arqueou uma sobrancelha, estudando nós três de interesse inabalável. Quando ele inclinou a cabeça, franzindo a testa como se pudesse ver a tensão no ar, eu fiz uma careta. Talvez Reid estivesse certo. Talvez eu não fosse eu mesma. Nunca antes senti a necessidade de pedir desculpas por mandar ele calar a porra da boca. — Eles são incrivelmente irritantes.

— Pote, conheça a chaleira. — Coco retrucou.

— Pela última vez, eu vou aonde *quiser*. — eu disse. — Hoje à noite foi um desastre, mas pelo menos agora sabemos que o funeral do arcebispo será em quinze dias. Demora dez dias de viagem difícil para chegar a Cesarine. Isso nos dá apenas alguns dias com as bruxas de sangue e os lobisomens — eu espetei reid com um olhar quando ele tentou interromper. — Temos que prosseguir com o plano como discutido. Nós vamos ao acampamento de sangue.

Você vai para La Ventre. Nos encontraremos de volta em Cesarine na véspera do funeral. Você vai enviar o Absalon junto com o tempo e o lugar...

— Eu não confio no matagot. — Reid disse sombriamente.

Absalon balançou o rabo para ele em resposta.

— Ele certamente gosta de você. — abaixei-me para coçar suas orelhas. — E ele nos salvou em Modraniht ao entregar a mensagem de Madame Labelle aos Chasseurs. Se bem me lembro, você também não gostou desse plano.

Reid não disse nada, a mandíbula cerrada.

— La Ventre? — Beau perguntou, confuso.

— É packland. — eu disse brevemente. Claro que ele nunca viajou para aquele canto escuro de seu reino. A maioria evitava, se possível. Incluindo eu. — La Rivière des Dents deságua em um pântano de água fria na parte mais ao sul de Belterra. Os loup garou reivindicaram-no como seu território.

— E *por que* é chamado de estômago?

— Os dentes levam ao estômago. Além disso, o loup garou come qualquer um que transgride.

— Nem todos. — Reid murmurou.

— Este é um plano de merda. — disse Beau. — Dificilmente chegaremos a Cesarine a tempo para o funeral, mas também

devemos viajar para Le Ventre? Sem mencionar a *insanidade* de se aproximar do meu pai como uma aliança. Você estava no bar, não estava? Você viu os cartazes de procurado? Esses homens iam cortar sua cabeça...

— *Minha cabeça*. Não a de Reid. Por alguma razão, seu pai não o quer morto. Talvez ele já saiba sobre a conexão deles, mas se não souber, logo descobrirá. Você vai apresentá-los. — eu deslizei para trás de Reid para colocar minhas roupas novas. Ele era largo o suficiente para bloquear a visão de três de mim. — Só para você saber. — acrescentei a Reid. — O único motivo pelo qual estou permitindo essa demonstração bruta de possessividade é porque seu irmão ainda não viu meus seios e vou mantê-lo assim.

— Você parte meu coração, irmãzinha. — Beau disse.

— Cale-se. — o sangue subiu pelo pescoço de Reid. — Nem mais uma palavra.

Interessante. *Ele* não sentiu necessidade de se desculpar. Uma amargura peculiar se estabeleceu em minha língua, e eu não gostei particularmente do sabor, algo como arrependimento e incerteza e...

mais. Eu não sabia o nome.

— Vocês deveriam pensar em partir logo. — eu disse a eles. —

Depois de nossa excursão bastante espetacular em Saint-Loire, a

estrada estará cheia de caçadores de recompensas. Os Chasseurs também podem estar vindo. Eu sei que você ainda se sente desconfortável com a magia, Reid, mas Madame Labelle terá que disfarçar você novamente. Também podemos pedir...

Eu parei com a risada de Coco. Ela olhou com expectativa para Reid. — Mal posso esperar para ouvir isso.

Espiando por baixo do braço de Reid, perguntei: — Mal posso esperar para ouvir o quê?

Ela acenou com a cabeça para Reid. — Continue. Diga a ela.

Ele esticou o pescoço para olhar por seu ombro para mim enquanto eu deslizava a camisa escarlate sobre a minha cabeça e as calças de couro nas minhas pernas. Abaixei-me para amarrar minhas botas. Finalmente, ele murmurou: — Não consigo, Lou.

Franzindo a testa para ele, me endireitei. — Não consegue fazer o quê?

Ele balançou a cabeça lentamente, o rubor em sua garganta subindo por suas bochechas. Ele apertou a mandíbula e ergueu o queixo. — Eu não posso ficar por perto... Magia... Eu não posso.

Eu encarei ele, e entre uma respiração e outra, as peças se encaixaram. Seu isolamento, sua deslealdade, sua preocupação, tudo fazia sentido agora.

Lou é diferente quando usa magia. Suas emoções, seu julgamento, ela tem sido errática.

Estou preocupado com ela.

Houve um momento em que ela parecia... ela parecia quase exatamente como...

Como a sua mãe. Ele não precisava terminar a frase.

É uma aberração, ele disse.

Aberração.

A amargura revestiu minha garganta agora, ameaçando me sufocar, e eu finalmente reconheci o que era. Vergonha. — Bem, isso não é conveniente.

Por baixo do braço de Reid, tive um vislumbre de Coco enganchando o cotovelo de Beau e arrastando-o para longe. Ele não protestou. Quando eles desapareceram da minha vista, Reid se virou para mim, curvando-se para encontrar meus olhos diretamente. — Eu sei o que você está pensando. Mas não é isso.

— As pessoas realmente não mudam, mudam?

— Lou...

— Você vai começar a me chamar *assim*? Eu não culparia você.

— eu mostrei meus dentes para ele, inclinando-me perto o suficiente para morder. Nunca, em meus dezoito anos, permiti que alguém me fizesse sentir como me sentia agora. Fiquei ressentido com as lágrimas acumulando em meus olhos, a náusea rolando em minha barriga. — Eu sou uma aberração, afinal. Errática.

Ele amaldiçoou suavemente, seus olhos tremulando fechados.

— Você estava ouvindo.

— Claro que eu estava ouvindo. Como você ousa me insultar para justificar sua própria narrativa distorcida...

— Pare... *Pare*. — seus olhos se abriram quando ele me alcançou, segurando meus braços, mas suas mãos eram gentis. —

Eu disse que não importa se você é uma bruxa. Eu quis dizer isso.

— Besteira. — eu me afastei dele, assistindo em profunda miséria enquanto suas mãos caíam. No próximo segundo, eu o agarrei pela cintura, enterrando meu rosto em seu peito. Minha voz estava abafada, quebrada, enquanto eu o apertava com força. —

Você nem me deu uma chance.

Ele me segurou com mais força ainda, envolvendo seu corpo ao redor do meu como se ele pudesse me proteger do mundo. — Isso é sobre magia, não você.

— Magia *sou eu*. E é você também.

— Não, não é. Todas aquelas peças que você está desistindo, eu as quero. Eu quero você. Inteiro e ileso. — ele se afastou para olhar para mim, aqueles olhos azuis brilhando com intensidade. —

Eu sei que não posso pedir para você parar de usar magia, então eu não vou. Mas posso pedir isso à minha mãe. Eu posso perguntar a mim mesmo. E eu posso... — ele afastou uma mecha de cabelo da minha bochecha. — Eu posso pedir a você para ter cuidado.

— Você não pode estar falando sério. — Finalmente, *finalmente*, recuei com seu toque, meu coração alcançando minha boca. —

Você está agindo como se eu fosse uma mercadoria danificada de repente, ou... ou um pedaço de vidro prestes a quebrar. Novidades!

Eu pratiquei magia toda a minha vida. Eu sei o que estou fazendo.

— Lou. — ele estendeu a mão para mim novamente, mas eu afastei sua mão. Esses olhos queimaram mais brilhantes, mais quentes. — Você não tem sido você mesma.

— Você vê o que quer ver.

— Você acha que eu *quero* ver você como...

— Como o que? Uma pessoa *má*?

Ele agarrou meus ombros com força. — Você não é má.

— Claro que *não*. — enxuguei uma lágrima do meu olho antes que caísse, antes que ele pudesse ver. Nunca em meus dezoito anos me permiti sentir-me pequena, envergonhada e me recusei a começar agora. — Você colocaria voluntariamente em risco a sua vida, a vida de sua mãe, a vida de seu *irmão*, se recusando a usar magia na estrada?

— Eu estou condenado de qualquer maneira.

Eu o encarei por um longo momento. A convicção em seus olhos brilhou brutalmente clara e cortou mais profundamente do que eu

esperava. Essa parte ferida de mim queria que ele sofresse por sua tolice. Como estavam, todos morreriam na estrada sem magia e, se não morressem, certamente morreriam em La Ventre. Ele os estava paralisando com o preconceito, enfraquecendo-os com o medo. Os fracos não sobrevivem à guerra.

Reid tem que sobreviver.

— Não, você não está. — afastei-me dele, resignada, endireitei os ombros. Sua vida valia mais do que meu orgulho ferido. Mais tarde,

quando tudo isso acabasse, eu mostraria a ele como ele estava errado sobre magia. Sobre mim. — Antes do pub explodir, Claud Deveraux ofereceu ajuda se eu precisasse. Sua trupe de viagens parte para Cesarine esta noite. Você vai se juntar a ele.

Troupe De Fortune

Reid

Os outros protestaram pouco contra a *solução* de Lou.

Eu gostaria que eles fizessem. Talvez ela os ouvisse. Ela certamente não tinha me ouvido. Quando empacotamos nossos pertences - um redemoinho de lama, neve e sangue - eu tentei argumentar com ela sem sucesso.

Todo esse esquema, embora inteligente, dependia de uma coisa: Claud Deveraux.

Não conhecíamos Claud Deveraux. Mais importante, *ele nos conhecia* - ou pelo menos parecia conhecer Lou. Ele tinha se apaixonado por ela no pub. Ele também a viu usar magia. Ele sabia que ela era uma bruxa. Embora eu tivesse aprendido que bruxas não eram inerentemente más, o resto do reino não. Se ele nos ajudou, que tipo de pessoa isso faz dele?

— Sua salvação. — disse Lou, enfiando meu saco de dormir na mochila. — Olha, ele salvou nossos traseiros esta noite. Ele poderia ter nos deixado morrer, mas não o fez. Ele obviamente não nos deseja mal, o que é mais do que podemos dizer sobre qualquer outra pessoa, e ninguém vai pensar em procurar por você em uma trupe de atores. Você ficará escondido sem magia.

Ela desceu correndo a colina em direção a Saint-Loire agora. Os outros o seguiram. Eu fiquei para trás, olhando para trás na borda da floresta. Um único floco de neve caiu do céu - ainda espesso e pesado com as nuvens - e pousou na minha bochecha. Um silêncio assustador caiu sobre a floresta em seu rastro. Como a calmaria antes da tempestade. Quando me virei, dois olhos luminescentes

refletiram na minha periferia. Ampla. Prata. Eu girei, o cabelo do meu pescoço se arrepiando, mas não havia nada além de árvores e sombras.

Eu caminhei atrás dos outros.

Atores movimentavam-se pela praça da vila, carregando baús, instrumentos e adereços em preparação para a partida. Claud Deveraux os dirigia. Ele voou de um lado para outro, batendo palmas de alegria. Como se não houvesse nada de bizarro em fazer as malas na calada da noite, nem sair antes de uma tempestade.

Lou hesitou no beco, observando. Todos nós paramos com ela.

— O que é isso? — murmurei, mas ela me calou enquanto Claud Deveraux falava.

— Venha, Zenna! — ele saltou em direção a uma mulher gorda com cabelo lilás. — Devemos partir antes do amanhecer! Dame Fortune favorece apenas aqueles que começam suas jornadas sob a lua nova!

Pisquei mais flocos de neve dos meus olhos.

— Certo. — Zenna murmurou, jogando um instrumento no vago menor. Ela usava uma capa peculiar. Roxo profundo. Talvez azul.

Brilhava com o que parecia estrelas. Constelações. — Exceto que Dame Fortune abandonou Cesarine anos atrás.

— Ah, ah. — Monsieur Deveraux balançou o dedo para ela em reprovação. — Nunca se desespere. Talvez ela se junte a nós lá.

— Ou talvez sejamos queimados na fogueira.

— *Absurdité!* O povo de Cesarine precisa de ânimo elevado.

Quem melhor para levantá-los do que nós? Em breve, levaremos os patronos de La Mascarade de Crânes para um mundo de frivolidade e fantasia.

— Brilhante. — Zenna beliscou a ponta do nariz. Embora sua cor se parecesse com a de Coco, sua pele não tinha cicatrizes. Ela pode ter sido atraente, mas cosméticos pesados - kohl ao redor dos olhos, rouge nos lábios - escondiam suas verdadeiras feições.

— Seraphine e eu merecemos três por cento da capa para fazer isso valer a pena, Claud. — ela continuou. — Estamos indo direto para o Inferno para este funeral, com chamas e tudo.

— É claro, é claro. — ele acenou com a mão, já se virando para saudar outro ator. — Mas vamos fazer quatro.

Coco cutucou Lou. Desta vez, Lou não hesitou. — *Bonjour*, Monsieur

Deveraux. Você já me conhece esta noite, mas meu nome não é Lucida. É Louise le Blanc e estes são meus amigos, Reid e Ansel Diggory, Cosette Monvoisin, Beauregard Lyon e Helene Labelle.

Louise le Blanc. Não Louise Diggory. Eu mantive meu olhar para frente. Impassível.

Suas sobranceiras se ergueram e seus olhos brilharam com o reconhecimento. Com surpresa. Eles voaram sobre cada um de nós antes de pousar novamente em Lou. — Bem, bem, nos encontramos de novo, pequena! Que deliciosamente inesperado.

Os outros atores pararam de carregar suas bagagens para nos observar. Apenas dois troncos permaneceram no chão, um muito cheio para travar corretamente. Tecido brilhante caiu para fora dele.

Penas fúcsia voaram para a neve.

Lou deu a ele um sorriso encantador. — Estou aqui para aceitar sua oferta de ajuda, se ainda estiver de pé.

— Oh?

— Oh. — ela acenou com a cabeça e estendeu os braços para os cartazes de procurado pregados ao nosso redor. Para os restos fumegantes do pub. — Você pode não ter notado antes, mas meus amigos e eu deixamos uma boa impressão em Sua Majestade Real.

— Matar o Santo Padre faz isso. — a jovem atrás de Deveraux disse suavemente. Ela havia tecido flores em seu cabelo encaracolado e segurava um pingente em forma de cruz em sua garganta. Desviei meus olhos, lutei contra a emoção crescente. Ele arranhou meu peito, abrupto e sem amarras.

O sorriso de Lou se acentuou na mulher. — Você sabe quantas de minhas irmãs seu Santo Padre matou?

A mulher se encolheu. — Eu... Eu...

Ansel tocou o braço de Lou, balançando a cabeça. Eu encarei as penas. Assisti enquanto a neve se infiltrava nos delicados filamentos rosa. Só mais um momento. Eu só precisava de mais um momento para recuperar o controle, para me controlar. Então minha mão substituiria a de Ansel. Eu ajudaria Lou a lembrar. Eu esqueceria essa *criatura* murcha e se debatendo em meu peito.

A mulher de cabelo encaracolado se ergueu em toda a sua altura. Ela era mais alta do que Lou. Quase tão alto quanto Madame Labelle. — Ele ainda não merecia o que aconteceu com ele.

Você era como um filho para mim, Reid.

Minha respiração ficou presa e a besta se enfureceu. Eu recuei ainda mais. Como se sentisse minha angústia, Lou entrou na minha frente. — Oh? O que ele *merecia*?

— Lou. — murmurou Ansel. Uma parte de mim registrou seu olhar em minha direção. — Não faça isso.

— Certo. Claro, você está certo. — Balançando a cabeça, Lou deu um tapinha em sua mão e voltou sua atenção para Deveraux. A mulher de cabelo encaracolado nos observou com olhos arregalados. — Precisamos de transporte para Cesarine, monsieur.

Certas complicações surgiram e a estrada não é mais segura para viajar sozinha. Você tem espaço em seus vagões para mais alguns?

— Por que, é *claro* que nós...

— Apenas atores viajam nas carroças. — Zenna cruzou os braços e espetou Claud com um olhar feroz. — Essa é a regra, não é? Que você não pode se dar ao luxo de nos alimentar e abrigar se não tivermos um desempenho? — para Lou, ela acrescentou: —

Claud é uma espécie de colecionador. Ele adiciona apenas os melhores e mais brilhantes talentos à sua trupe. O raro e incomum.

O excepcional.

Luvras de tecido sem dedos cobriam as mãos de Deveraux, que ele segurou com um sorriso. — Zenna, meu doce, o excepcional vem em todas as formas e tamanhos. Não vamos descontar ninguém. — ele se virou para Lou se desculpando. — Infelizmente, por mais irritante que seja, regra é regra, e sapato é sapato. Zenna está certa. Eu só permito que atores viajem com a trupe. — ele balançou a cabeça ligeiramente, franzindo os lábios. — Se, no entanto, você e seus encantadores companheiros subirem ao palco, em trajes completos, é claro, vocês se tornariam, de fato, atores...

— Claud. — Zenna sibilou. — Eles são *fugitivos*. Os caçadores terão nossas cabeças se os protegemos.

Ele acariciou seu cabelo lilás levemente. — Ah, boneca, não somos todos? Mentirosos e trapaceiros e poetas e sonhadores e planejadores, todos os últimos.

— Mas não assassinos. — um jovem deu um passo à frente, inclinando a cabeça para mim com curiosidade. Alto. Pele Russet.

Cabelo preto comprido. Ao lado dele estava um homem com um rosto estranhamente semelhante. Não idênticos. Gêmeos. — Você fez isso? Você matou o arcebispo?

Minha mandíbula travou. Lou respondeu por mim, arqueando uma sobrancelha. — Isso importa? Ele se foi de qualquer maneira.

Ele a estudou por vários segundos antes de murmurar: — Boa viagem.

Eles o odiavam. A emoção se debateu, exigindo admissão, mas não senti nada. Não senti nada.

Deveraux, que assistiu a troca - que me observou - com uma expressão inescrutável, sorriu brilhantemente mais uma vez. —

Então o que você diz? Vocês são, de fato, atores?

Lou olhou para mim. Eu concordei. Um reflexo.

— Excelente! — Claud abriu as mãos para o céu em comemoração. A neve caiu mais espessa agora. Mais pesada. — E

exatamente qual é a sua atuação, Monsieur Diggory? Um sujeito bonito e gigantesco como você certamente agradará uma multidão, especialmente... — ele saltou para a carroça menor, puxando um par de calças de couro. — Em um conjunto como este. Com uma peruca e cartola atraentes, talvez um pouco de kohl ao redor dos olhos, você com certeza encantará a multidão, independentemente de sua apresentação.

Eu o encarei por um segundo a mais. — Er...

— Ele é um contador de histórias. — disse Lou rapidamente, em voz alta, recuando para agarrar minha mão. Eu reconheci sua mudança de postura. A cadência sutil em sua voz. Ela já havia começado sua apresentação. Distraindo-os de... de mim. — Ele adora histórias. E você está certo. Ele ficará deslumbrante nessas calças.

Sem camisa, é claro.

Ela sorriu e apertou meus dedos.

— Inspirador! — Deveraux bateu em seu queixo enquanto nos considerava. — Infelizmente, já temos uma contadora de histórias nossa doce, doce Zenna. — ele acenou com a cabeça para a

mulher de cabelo lilás, que aproveitou a nova oportunidade para protestar. Docemente.

— Vê? Ele é inútil. Se fosse para ser, Dame Fortune teria enviado alguém...

— Você pode usar essas facas? — os olhos com contorno de Kohl de Deveraux caíram para o meu casaco aberto, para as facas amarradas sob ele. — Ultimamente perdemos nosso arremessador de facas para uma trupe em Amandine, e... — ele se aproximou, piscando. — Embora eu mesmo não esteja inclinado a escolher favoritos, o público não está.

— Oh, você *não pode* estar falando sério, Claud. — olhos faiscando, Zenna plantou uma mão em cada um de seus quadris. —

O ato de Nadine foi medíocre na melhor das hipóteses - *certamente* não melhor do que o meu - e mesmo que não fosse, eu não estou dividindo dicas com esse grupo. Nós nem mesmo os *conhecemos*.

Eles podem nos matar enquanto dormimos. Eles podem nos transformar em sapos. Eles poderiam...

— Dizer que você tem batom nos dentes. — Lou terminou.

Zenna olhou feio para ela.

— É verdade. — disse Beau, prestativo. — Bem ali ao lado.

Carrancuda, Zenna se virou para esfregar seus incisivos.

Lou sorriu e voltou sua atenção para Deveraux. — As facas de Reid são praticamente extensões de seus membros, *monsieur*. Ele atingirá qualquer alvo que você colocar na frente dele.

— Que maravilhoso! — com um último e demorado olhar para as ditas facas, Deveraux se virou para Madame Labelle. — E você , *chérie*...?

— Eu sou...

— Sua assistente. — Lou sorriu ainda mais. — Por que não a prendemos em uma placa e fazemos uma demonstração?

As sobrancelhas de Deveraux subiram em sua testa. — Tenho certeza de que isso é desnecessário, mas agradeço seu entusiasmo. Muito contagioso, eu lhe digo. — ele se virou para Beau, fazendo uma reverência ridícula. Seu nariz tocou a ponta da bota. — Se eu puder divulgar, Vossa Alteza, é um prazer excepcional e incomparável conhecê-lo. Estou *morrendo* de tanto

suspense com a perspectiva de aprender seus inúmeros talentos. —

Diga-nos um, por favor. Como você vai nos deslumbrar no palco?

Beau não retribuiu o sorriso. Seu lábio se curvou. — Não estarei no palco e certamente não estarei usando nada com penas ou fúcsia. — ao olhar expectante de Deveraux, ele suspirou. — Eu farei suas contas.

Deveraux bateu palmas com as mãos enluvadas. — Só então!

Para a realza, devemos fazer uma exceção!

— E você? — Zenna perguntou, zombando de Lou. — Algum talento especial para o palco?

— Se quer saber, eu toco bandolim. Muito bem, na verdade porque... — ela hesitou, baixando o queixo em uma demonstração incomum de insegurança. Embora pequeno - quase indiscernível - o movimento me perturbou. Perfurou a névoa de meus pensamentos.

— Não importa.

— Diga-nos. — eu disse suavemente.

— Bem... minha mãe insistiu que eu aprendesse a tocar. A harpa, o clavicórdio, a rabeca, mas o bandolim era seu favorito.

Eu fiz uma careta. Eu não sabia que Lou tocava um único instrumento, muito menos muitos. Uma vez ela me disse que não sabia cantar, e eu presumi... mas não. Esses calos em seus dedos não eram de esgrima. O *bandolim*. Eu vasculhei meu cérebro, tentando imaginar o instrumento, para lembrar o som, mas não consegui. O único instrumento que ouvi na infância foi um órgão. Eu não me importava em ter tempo para os outros.

— Ha! — Zenna riu em triunfo. — Já temos um músico. Claud é um virtuoso. O melhor do reino.

— Bom para ele. — Lou murmurou, abaixando-se para salvar as penas fúcsia da neve. Ela não encontrou os olhos de ninguém. —

Eu disse que não importa, de qualquer maneira. Eu não vou entrar para a trupe.

— Eu imploro seu perdão?— Claud aceitou as penas com uma expressão escandalizada. O vento aumentou ao nosso redor. Quase levou seu chapéu para os telhados. — Eu acho que não ouvi direito por causa do vendaval.

— Não, você não o fez. — Lou gesticulou para Ansel e Coco, levantando a voz dela. A neve encharcou sua nova capa. Ela o

agarrou sob o queixo para se manter escondida. — Nós três viajaremos em uma direção diferente.

Deveraux bateu as mãos e as penas espalhadas mais uma vez.

— Um disparate! Absurdo! Como você é tão sucintamente supurecida, a estrada não é segura para você. Você deve vir com a gente! — ele balançou a cabeça com muita vigorosamente, e o vento pegava o chapéu. Ele está em espiral para cima e desapareceu na neve. — Não. Não, eu temo que não haja dúvida de que nosso pequeno encontro no pub foi destinado a ninguém menos que Dame Fortune. Além disso, não posso deixar você viajando pela estrada sozinha. Não, eu me recuso a ter isso na minha consciência.

— Eles não estarão sozinhos — uma voz desconhecida. Um frio inexplicável. Lou e eu nos aproximamos, girando como um para a figura escura ao nosso lado.

Uma mulher.

Eu não tinha ouvido sua abordagem, não a tinha visto perto dela.

No entanto, ela não ficou mais do que a largura de uma mão, olhando para mim com olhos estranhos e incolores.

Incomumentamente fino - quase esquelético - com pele de alabastro e cabelos negros, ela parecia mais Wraith do que humano. Minha mão disparou para o minha Balisarda. Ela inclinou a cabeça em resposta, o movimento rápido demais, muito bestial, para ser natural.

Absalon ferido entre seus tornozelos emaciados.

— Nicholina. — Coco mostrou os dentes em um rosnado. —

Onde está minha tia? — o rosto da mulher se dividiu em um sorriso lento e cruel, revelando dentes para a lata de sangue. Eu puxei Lou para trás, longe dela. — Não aqui. — ela cantou, sua voz estranha e estridente. Girlish. — Não aqui, não aqui, mas sempre perto. Nós viemos atender seu chamado.

Eu senti seus estranhos olhos em mim enquanto eu soltei o último tronco na carroça. Os outros se apressaram a garantir seus pertences, cavalos calmos, verificar os nós. Deveraux havia parado em Lou, e pareciam estar discutindo sobre a chegada da mulher estranha. Eu não podia dizer. Neve soprou ao nosso redor em uma tempestade agora, eliminando a visibilidade. Apenas duas das

tochas que revestem a rua permaneceram. O resto tinha sucumbido à tempestade.

Carrancudo, finalmente me virei para encarar seu *Nicholina*, mas ela se foi. — Olá, caçador. — eu pulei com a voz dela diretamente atrás de mim, assustada por sua proximidade. Calor lavou minha garganta, meu rosto. — Quem é você? — eu perguntei. — Como você continua fazendo isso?

Ela levou um dedo esquelético à minha bochecha, inclinando a cabeça como se estivesse fascinada. A luz da tocha cintilou sobre suas cicatrizes. Eles desfiguraram sua pele, torcendo-a em uma rede macabra de prata e sangue. Eu me recusei a recuar.

— Eu sou Nicholina le Claire, atendente pessoal do La Voisin. —

trazendo uma unha afiada ao longo da minha mandíbula, seu lábio enrolou. A cadência juvenil de sua voz desapareceu, aprofundando-se inesperadamente em um rosnado gutural. — E não vou explicar os segredos da embarcação de sangue para um caçador. — a escuridão se agitou naqueles olhos incolores enquanto ela olhava além de mim para Lou. Seu aperto em meu queixo endureceu e suas unhas se cravaram profundamente. Quase tirando sangue. —

Ou para seu ratinho.

Coco se colocou entre nós. — Cuidado, Nicholina. Lou está sob a proteção da minha tia. Reid está sob o meu comando.

— Mmm... *Reid*. — Nicholina lambeu os lábios provocantemente.

— Seu nome na minha língua tem gosto de sal e cobre e coisas quentes e úmidas...

— Pare com isso. — afastei-me dela, alarmado, enojado e olhei para Lou. Ela nos observou além das carroças, os olhos semicerrados. Deveraux acenou com as mãos enfaticamente. Eu caminhei em direção a eles, determinado a me retirar desta situação, mas Nicholina seguiu meus passos. Ainda muito perto.

Muito, *muito* perto. A cadência infantil voltou à sua voz.

— Meus ratos sussurram coisas tão perversas sobre você, Reid.

Coisas tão perversas e coisas tão *atrevidas*. *Cosette, se arrependa e esqueça*, eles choram. *Cosette, se arrependa e esqueça*. Eu não posso atestar, já que nunca provei um caçador...

— E você não vai começar com este. — Coco correu atrás de nós enquanto Lou se libertava de Deveraux. — Ele é casado.

— Ele é?

— Sim. — eu cambaleei até parar, girando para olhar para ela.

— Então, por favor, mantenha a distância apropriada, mademoiselle.

Ela sorriu maliciosamente, arqueando uma sobrancelha fina. —

Talvez meus ratos estivessem mal informados. Eles adoram *sussurrar*. *Sussurrar, sussurrar*, sussurrar. Sempre sussurrando. —

ela se aproximou e seus lábios fizeram cócegas na minha orelha.

Mais uma vez, recusei-me a reagir. Recusou-se a dar a esta mulher louca a satisfação. — Dizem que você odeia sua esposa. Eles dizem que você se odeia. Dizem que você tem um gosto *delicioso*.

— Antes que eu percebesse sua intenção, ela arrastou a língua pela minha bochecha em um movimento longo e úmido.

Lou nos alcançou no mesmo momento. Seus olhos brilharam com fogo turquesa.

— Que diabos está fazendo? — com as duas mãos, ela se moveu para empurrar Nicholina para longe, mas Nicholina já havia flutuado para trás. A maneira como ela se moveu... era como se ela não fosse inteiramente corpórea. Mas suas unhas no meu queixo eram reais, assim como sua saliva na minha bochecha. Levantei a gola da camisa, enxugando a umidade, o calor arrasando minhas orelhas. Os punhos de Lou cerraram-se. Ela se endireitou para a mulher mais alta. Vibrou com raiva. — Mantenha suas mãos para você, Nicholina.

— *Fique com elas, fique com elas.* — seus olhos percorreram a pele exposta da minha garganta, descendo para o meu peito. Com fome. Eu fiquei tenso instintivamente. Resisti ao desejo de fechar meu casaco. — Ele pode ficar com elas para mim. Mantenha-os e varra-os e lentamente arraste-os...

Um som baixo e ameaçador saiu de Lou, e ela se aproximou.

Seus dedos quase se tocaram. — Se você tocá-lo novamente, *eu vou* guardá-las para você. Cada... — ela deu mais um passo, fechando a distância entre elas. — Sangrento... — ela se inclinou ainda mais perto, o corpo tenso de antecipação. — Pedaco.

Nicholina sorriu para ela, não afetada, apesar da forma como o vento aumentou e a temperatura despencou. Coco olhou em volta.

Alarmada. — Ratinho bobo. — ronronou Nicholina. — Ele caça até agora. Até agora, ele caça. Ele conhece sua própria mente, não me mandou parar.

— Você está mentindo. — até eu ouvi a defesa em minha voz.

Lou ficou enraizada na minha frente. Ela não se virou quando toquei em seu ombro. — Lou, ela é uma...

— Mas ele *pode* parar? — Nicholina nos circulou agora, como um predador farejando sangue. — Caçar e parar? Ou parar e caçar?

Em breve iremos provar os ruídos em sua língua, oh sim, cada gemido e suspiro e grunhido...

— Nicholina. — Coco disse bruscamente, agarrando o braço de Lou quando ela se lançou. — Já chega.

— A cobra e seu pássaro, o pássaro e sua cobra, eles pegam e se partem e doem, doem, *doem*...

— Eu disse que é já chega. — algo na voz de Coco mudou, se aprofundou e o sorriso de Nicholina desapareceu. Ela parou de circular. As duas se encararam por vários segundos, algo não dito passando entre elas, algo escuro, antes de Nicholina descobrir sua garganta. Coco assistiu a essa bizarra demonstração de submissão por mais um momento. Impassível. Frio. Finalmente, ela assentiu com satisfação. — Espere por nós na orla da floresta. Vá agora.

— Como quiser, *princesa*. — Nicholina ergueu a cabeça. Em pausa. Olhou não para Lou, mas para mim. Seu sorriso voltou.

Desta vez, foi uma promessa. — Seu ratinho nem sempre estará aqui para protegê-lo, caçador. Tome cuidado.

O vento pegou suas palavras, soprando-as ao nosso redor com a neve. Elas cobriram minhas bochechas, a capa de Lou, o cabelo de Coco. Peguei a mão de Lou em uma garantia silenciosa, e me assustei. Seus dedos estavam mais frios do que o esperado.

Anormalmente frios. Mais frio que o vento, a neve. Mais frio do que o sorriso de Nicholina.

Tome cuidado, tome cuidado, tome cuidado.

— Não a deixe irritar você. — Coco murmurou para Lou depois que ela saiu. — É o que ela quer.

Assentindo, Lou fechou os olhos e respirou fundo. Quando ela exalou, a tensão deixou seus ombros e ela olhou para mim. Sorriu.

Eu a esmaguei contra mim em alívio.

— Ela parece um verdadeiro deleite. — Lou disse, a voz abafada pelo meu casaco.

— Ela é. — Coco olhou para o beco onde Nicholina havia desaparecido. — O tipo de tratamento que apodrece sua alma em vez de seus dentes.

Deveraux se aproximou pela neve. Com um suspiro resignado, ele colocou a mão no meu braço. — Os vagões estão lotados, *mon ami*. Devemos partir com a tempestade, para que não percamos nossa oportunidade. Dame Fortune é uma amante inconstante, de fato.

Embora ele esperasse com expectativa, meus braços se recusaram a se mover. Eles seguraram Lou em vez disso, e eu não consegui persuadi-los a deixá-la ir. Enterrei meu nariz em seu ombro em vez disso, segurando-a com mais força. Sua capa cheirava estranhamente. Novo. Como pele, terra úmida e o cheiro doce e amargo de... alguma coisa. Não é mágica. Talvez vinho. Eu fiz uma careta e empurrei seu capuz de lado, buscando sua pele, o calor que eu encontraria lá. Mas o frio anormal em suas mãos havia subido. Meus lábios congelaram quando os escovei contra sua garganta. Alarmado, encontrei seus olhos. Esta noite verde. Tão verde.

— Tenha cuidado, Lou. — eu a mantive envolvida em meus braços, bloqueando a visão dos outros. Tentando e falhando em aquecê-la. — Por favor. Promete-me.

Em vez disso, ela me beijou. Gentilmente se desembaraçou. —

Eu te amo, Reid.

— Não deveria ser assim. — eu disse desamparadamente, ainda estendendo a mão para ela. — Eu deveria ir com você... — mas ela já havia recuado e se virado. Agarrando a mão de Coco como ela deveria ter agarrado a minha. Sua outra estendeu-se para Ansel. —

Vejo você em breve. — ela prometeu, mas não era o que eu queria.

O que eu *precisava*.

Sem outra palavra, ela se virou e desapareceu na tempestade.

Fiquei olhando para ela com uma sensação assustadora de pavor.

Absalon tinha seguido.

[The Missing Prince](#)

[Lou](#)

As árvores nos observavam, esperando, ouvindo nossos passos na neve. Elas até pareciam respirar, inspirando e expirando com cada leve toque do vento em nossos cabelos. Tão sensível e curioso quanto as sombras que se aproximam cada vez mais.

— Você pode senti-los? — sussurrei, encolhendo-me quando minha voz reverberou no silêncio assustador. Os pinheiros ficaram mais densos nesta parte da floresta. Mais velhos. Mal podíamos andar por seus galhos e, a cada passo, eles nos tocavam, espanando nossos cabelos, nossas roupas, com cristais cintilantes de neve.

— Sim. — Coco soprou ar nas mãos, esfregando-as contra o frio. — Não se preocupe. As árvores aqui são leais à minha tia.

Eu estremeci em resposta. Não tinha nada a ver com o frio. —

Por quê?

— Lindas mentiras ou verdades feias?

— Quanto mais feias, melhor.

Ela não sorriu. — Ela as alimenta com seu sangue.

Sentimos o cheiro do acampamento antes de vê-lo, indícios de fumaça e sálvia na brisa escondendo um cheiro mais forte e acre dentro deles. De perto, no entanto, não se pode confundir a mordida da magia do sangue. Ela dominou meus sentidos, queimando meu nariz e garganta, ardendo em meus olhos. As lágrimas congelaram em meus cílios. Cerrando os dentes contra o vento cortante, eu segui em frente, seguindo Nicholina através de montes de neve tão altos quanto meus joelhos. — Quanto tempo mais? — eu a chamei,

mas ela me ignorou. Uma bênção e uma maldição. Ela não tinha falado uma palavra desde que deixamos a Troupe de Fortune em Saint-Loire. Parecia que até ela temia a floresta depois de escurecer.

Coco inalou o cheiro de sangue profundamente, fechando os olhos. Ela também tinha ficado mais quieta nas últimas horas - mais tensa, mais temperamental - mas quando eu a questionei, ela insistiu que estava bem.

Ela estava bem.

Eu estava bem.

Reid estava bem.

Estávamos todos bem.

Um momento depois, Nicholina parou do lado de fora de um bosque espesso de pinheiros e olhou para nós. Seus olhos - um azul tão pálido que brilhavam quase prata - permaneceram no meu rosto antes de passar para Coco. — Bem-vinda a casa.

Coco revirou os olhos e se moveu para passar por ela, mas Nicholina havia desaparecido. Literalmente.

— Um verdadeiro deleite. — eu repeti, sorrindo apesar de tudo com a irritação de Coco. — Todas as suas irmãs são tão charmosas?

— Ela não é minha irmã. — sem olhar para trás, Coco afastou um galho e mergulhou nas árvores, encerrando efetivamente a conversa. Meu sorriso sumiu enquanto eu olhava para ela.

Ansel deu um tapinha no meu braço ao passar, oferecendo-me um pequeno sorriso. — Não se preocupe. Ela está apenas nervosa.

Levei todo o meu controle para não gritar com ele. Desde quando Ansel sabia mais sobre os sentimentos de Coco do que eu?

Como se sentisse meus pensamentos pouco caridosos, ele suspirou e agarrou meu cotovelo, me arrastando atrás dela. — Vamos. Você vai se sentir melhor depois de comer.

Meu estômago roncou em resposta.

As árvores diminuíram abruptamente e nos encontramos à beira de uma clareira rochosa. Fogueiras iluminavam tendas puídas costuradas com pedaços de pele de animal. Apesar da hora excessivamente adiantada - e do frio e da escuridão - um punhado de bruxas se amontoou em volta das chamas, segurando peles

espessas e emaranhadas para se aquecer. Ao som de nossos passos, elas se viraram para nos olhar com desconfiança. Embora variassem em idade e etnia, todas usavam expressões assombradas idênticas. Bochechas magras. Olhos famintos. Uma mulher chegou a agarrar o cabelo ruivo entre os punhos, chorando baixinho.

Ansel tropeçou e parou. — Eu não esperava que houvesse tantos homens aqui. — ele olhou para um jovem de sua idade com um desejo indisfarçável. — Eles são... como Reid?

Seu nome me cortou como uma faca, dolorosa e afiada. Eu senti falta dele. Sem sua presença constante, eu me senti...fora de ordem. Como se parte de mim estivesse faltando. De certa forma, achei que fosse verdade.

— Talvez. Mas se forem, duvido que percebam. Nós crescemos acreditando que apenas mulheres possuem magia. Nosso querido Chasseur... muda as coisas.

Assentindo, ele desviou o olhar, as bochechas rosadas. Coco não olhou para nós quando nos aproximamos, embora tenha murmurado: — Eu provavelmente deveria falar com minha tia a sós.

Lutei contra a vontade de cutucá-la na bochecha e *fazê-la* olhar para mim. Quando ela falou sobre a proteção de sua tia, de uma aliança com seus parentes poderosos, *não* era isso que eu imaginava. Essas bruxas pareciam que iriam desmaiar com um vento forte ou talvez até mesmo com um espirro. — Claro. — eu disse ao invés. — Vamos esperar por você aqui.

— Isso não será necessário. — todos nós pulamos quando Nicholina se materializou ao nosso lado mais uma vez. Sua voz tinha perdido o tom de menina, e aqueles olhos prateados eram planos, inexpressivos. Qualquer que seja o show que ela fez para Reid, ela não se importou em continuar por nós. — Josephine espera vocês três em sua tenda.

— Você pode parar de fazer isso? — eu exigi.

Ela se contraiu, cada músculo em seu rosto espasmando, como se em protesto físico à minha pergunta. Ou talvez para minha mera voz. — Nunca se dirija a nós, ratinho. Nunca, nunca, *nunca*. — vida repentina chamejou em seu olhar, e ela se lançou, rangendo os dentes violentamente. Ansel cambaleou para trás - me puxando com

ele - e quase derrubou nós dois. Embora Coco a tenha parado com uma mão rápida e forte, ela ainda se aproximou o suficiente para eu sentir a escova fantasma de seus dentes, para ver as pontas afiadas de seus incisivos. Acenando com os dedos esqueléticos em minha direção, ela sussurrou como se fosse um bebê. — Ou vamos devorar você inteira. Sim, sim, nós vamos...

— *Chega*. — disse Coco com impaciência, empurrando-a para longe.
— Mostre-nos as nossas tendas. Está tarde. Vamos falar com minha tia depois de dormir. Isso é uma ordem, Nicholina.

— Tenda

— Perdão?

— *Tenda*. — repetiu Nicholina. Ela balançou a cabeça, retomando seu desempenho maníaco. — Tenda, tenda, tenda. Uma única tenda é o que eu quis dizer. Uma tenda para compartilhar sem dissidência...

— Compartilhar? — os olhos de Ansel se arregalaram em alarme, disparando para Coco. Ele me soltou para passar a mão nervosa pelo cabelo, puxando a bainha do casaco. — Vamos compartilhando uma barraca? Para... dormir?

— Não, para fud... — comecei alegremente, mas Coco interrompeu.

— Por que uma barraca?

Dando de ombros, Nicholina flutuou para trás, para longe de nós.

Não tínhamos escolha a não ser seguir. Os olhares das bruxas de sangue caíram duramente sobre mim enquanto passávamos, mas todas mostraram suas gargantas para Coco em um gesto idêntico ao anterior de Nicholina. Eu tinha visto essa apresentação apenas uma vez antes desta noite, quando o La Voisin pegou Coco e eu tocando juntas na costa da L'Eau Mélancolique. Ela ficou furiosa, quase deslocando o ombro de Coco na pressa de arrastá-la para longe de mim. Coco mostrou sua garganta mais rápido do que um ômega mostra sua barriga.

Isso me inquietou então, e me inquietou agora.

Ecoando meus pensamentos, Ansel sussurrou: — Por que elas fazem isso?

— É um sinal de respeito e submissão. — seguimos vários passos atrás de Coco e Nicholina. — Mais ou menos como você se

curva à realeza. Quando eles expõem suas gargantas, eles estão oferecendo a Coco seu sangue.

— Mas... submissão?

Depois que Coco passou, as bruxas voltaram a olhar feio para nossas costas. Eu não poderia dizer que os culpava. Eu era uma Dama Blanche e Ansel havia sido treinado para ser um Chasseur.

Embora La Voisin tivesse nos permitido entrar em seu acampamento, não éramos mais bem-vindos do que Reid.

— Se Coco bebesse seu sangue agora. — expliquei. — Ela seria capaz de controlar você. Temporariamente, é claro. Mas as Dames Rouges oferecem a ela e a La Voisin gratuitamente. Elas são da realeza aqui.

— Certo. — Ansel engoliu em seco. — Realeza.

— *La princesse*. — piscando, eu belisquei seu braço. — Mas ainda Coco.

— Por que uma tenda, Nicholina? — as mãos de Coco se fecharam em punhos quando Nicholina continuou a cantarolar baixinho.

Aparentemente, sua posição como assistente pessoal de La Voisin proporcionou-lhe mais desafio. — *Conte-me*.

— Você nos deixou, *princesa*. Nos deixou apodrecendo. Agora não há comida suficiente ou cobertores ou berços. Morremos por hora de frio ou fome. É uma pena que você não poderia ter ficado longe por mais tempo.

Com o sorriso arrepiante de Nicholina, Coco errou um passo, mas eu a segurei com uma mão em suas costas. Quando ela me puxou para o lado dela, entrelaçando seus dedos nos meus, o alívio me inundou. — Por que minha tia precisa nos ver agora? — ela perguntou, sua carranca se aprofundando. — O que não pode esperar?

Nicholina gargalhou. — O filho desapareceu com o sol, foi descansar embaixo da rocha. Mas ele não voltou para casa, seu corpo se foi e os abutres começaram a se reunir.

— Nós não falamos fantasmas. — eu disse categoricamente.

Coco - que possuía uma paciência muito superior à minha - não pediu esclarecimentos. Em vez disso, seu rosto se torceu. — Quem é esse?

— Quem *era*. — corrigiu Nicholina, a boca ainda contorcida naquele sorriso perturbador. Era muito grande, muito fixo, também -

sangrento. — *Ele está morto, ele está morto*, meus ratos disseram.

Morto, morto, morto, morto, morto, morto,

Bem. Suponho que isso explique a mulher chorando.

Nicholina parou do lado de fora de uma pequena tenda puída na beira do acampamento, separada das demais. Tinha vista para a beira do penhasco. À luz do dia, os raios do sol aqueciam este lugar, banhando

a neve com um brilho dourado. Com a vista desinibida das montanhas atrás, o cenário poderia ter sido lindo, mesmo no escuro.

Exceto pelos abutres circulando acima.

Nós os vimos mergulhar cada vez mais baixo em um silêncio sinistro - até Coco arrancar sua mão da minha e plantá-la em seu quadril. — Você disse que ele está desaparecido. — disse ela ferozmente. — *Desaparecido*, não morto. Vamos falar com minha tia agora. Se ela está organizando grupos de busca, nós nos juntaremos a eles. Ele ainda pode estar por aí em algum lugar.

Nicholina acenou com a cabeça com alegria. — Congelando até a morte leeeeeentamente.

— Certo. — Coco jogou sua bolsa em nossa tenda sem olhar para dentro. — Quem é, Nicholina? Há quanto tempo ele está desaparecido? — sem aviso, sua bolsa voltou voando para ela, batendo na lateral de sua cabeça. Ela girou e praguejou violentamente. — Que diabos...?

De nossa tenda saiu Babette Dubuisson.

Praticamente irreconhecível sem sua maquiagem espessa - e com seus cabelos dourados empilhados no alto da cabeça - ela emagreceu desde a última vez que a vimos em Cesarine. Suas cicatrizes brilharam como prata contra sua pele de marfim. Embora o carinho aquecesse a sua expressão ao olhar para Coco, ela não sorriu. — Nós o conhecemos como Etienne Gilly em homenagem a sua querida mãe, Ismay Gilly.

Coco deu um passo à frente, seu alívio era palpável enquanto se abraçavam. — Babette. Você está aqui.

Eu fiz uma careta, me sentindo um pouco como se tivesse perdido o último degrau de uma escada. Embora Roy e seus amigos

tivessem confirmado nossas suspeitas, murmurando sobre *toques de recolher e mulheres suspeitas* em Cesarine, não pensei em Babette ou na segurança dela. Mas Coco obviamente pensou.

Minha carranca se aprofundou. Eu considerava Babette uma amiga

- embora na definição mais vaga da palavra - e me importava com o que acontecia com ela.

Me importava?

— *Bonjour, mon amour*. — Babette beijou a bochecha de Coco antes de encostar sua testa na dela. — Eu senti sua falta.

Quando elas se separaram, Babette olhou para o corte recente em minha garganta. Eu não fui capaz de salvar minha fita. — E

bonjour para você também, Louise. Seu cabelo está repugnante, mas estou feliz em vê-la viva e bem.

Ofereci a ela um sorriso cauteloso, as palavras de Reid retornando com uma clareza assustadora. *Você não tem sido você mesma*. "Viva, de fato", pensei, o sorriso desaparecendo. "Mas talvez não bem."

"Absurdo. Em tempos como este, se você está viva, você está bem." Voltando sua atenção para Coco, ela suspirou profundamente. O som carecia de seu melodrama característico.

Não, esta mulher sóbria e de rosto nu - com suas roupas esfarrapadas e cabelo emaranhado - não era a Babette que eu sempre conheci.

— Mas talvez não sei podemos dizer o mesmo do pobre Etienne.

Você acredita que ele ainda vive, *mon amour*, mas temo por sua vida, e não é por causa do frio. Embora o tenhamos conhecido por sua mãe, para o resto do reino, Etienne Gilly é conhecido como Etienne Lyon. Ele é o filho bastardo do rei que nunca mais voltou da caça matinal...

Maior do que as outras, a tenda de La Voisin foi armada no centro da clareira. Várias gaiolas de madeira circulavam o solo ao redor dele, e olhos brilhantes refletiram de volta para nós. Uma raposa se lançou contra as barras quando passamos, rosnando, e Ansel saltou em mim com um guincho. Quando Babette riu, Ansel corou até a raiz do cabelo.

— Estes são... animais de estimação? — ele perguntou fracamente.

— Eles são a favor do sangue. — disse Coco. — E adivinhação.

Nicholina ficou carrancuda com a explicação de Coco -

provavelmente uma traição em sua mente - antes de separar os pacotes de sálvia seca pendurados na entrada da tenda. Babette bicou cada uma das bochechas de Coco.

— Eu vou te encontrar depois, *mon amour*. Temos muito o que discutir.

Coco a segurou um segundo a mais do que o necessário antes de se separarem.

Lá dentro, La Voisin estava atrás de uma mesa improvisada, um pedaço de pau queimando suavemente diante dela. Nicholina vagou para o lado dela, pegando a pele de um coelho com uma das mãos e uma faca ensanguentada com a outra. Os vários órgãos da pobre criatura estavam espalhados pela maior parte da mesa. Tentei ignorá-la lambendo o sangue de seus dedos.

La Voisin ergueu os olhos do livro que estava estudando e me encarou com um olhar frio. Pisquei, surpresa com a suavidade de seu rosto. Ela não envelheceu um dia desde a última vez que a vi.

Embora ela devesse ter três vezes a nossa idade, nenhuma linha marcava sua testa ou lábios, e seu cabelo - preso para trás em um coque severo - permanecia tão preto quanto o céu noturno sem lua.

Meu couro cabeludo arrepiou quando me lembrei dos rumores perversos sobre ela no Chateau le Blanc: como ela comia o coração de bebês para permanecer jovem, como ela viajava para L'Eau Mélancolique a cada ano para beber o sangue de uma melusina, não, para se banhar nele.

Um longo momento de silêncio se passou enquanto ela estudava Coco e eu, seus olhos escuros brilhando à luz das velas. Assim como Nicholina tinha feito, seu olhar permaneceu em mim, traçando os contornos do meu rosto, a cicatriz na minha garganta. Eu a encarei resolutamente.

Ela não olhou para Ansel.

Coco finalmente pigarreou. — *Bonjour*, tante.

— Cosette. — La Voisin fechou o livro com um estalo. — Você se digna finalmente de visitar. Vejo que as circunstâncias finalmente combinam com você.

Eu assisti incrédula enquanto Coco olhava para seus pés, imediatamente arrependida. — *Je suis désolé*. Eu teria vindo antes, mas eu... Eu não poderia deixar meus amigos.

La Voisin contornou a mesa, dividindo a fumaça em ondas. Ela parou na frente de Coco, segurando o queixo e inclinando o rosto para a luz das velas. Coco encontrou seu olhar com relutância, e La Voisin franziu a testa para tudo o que viu lá. — Seus parentes estão

morrendo enquanto você brinca com seus *amigos*.

— Babette me falou de Etienne. Nós podemos...

— Eu não falo de Etienne.

— Então quem...?

— A doença levou Delphine e Marie. Apenas na semana passada, Denys passou da exposição. Sua mãe o deixou em busca de comida. Ele tentou ir atrás dela. — seus olhos endureceram como lascas brilhantes de obsidiana. Ela deixou cair o queixo de Coco. — Lembra dele? Ele ainda não tinha dois anos.

A respiração de Coco engatou e a náusea agitou minha própria barriga.

— Eu estou... — Coco parou então, reconsiderando. Uma decisão sábia. La Voisin não queria suas desculpas. Ela queria que ela sofresse. Abruptamente, Coco se virou para mim. — Lou, você...

você se lembra da minha tia, Josephine Monvoisin. — ela gesticulou entre nós, impotente. Com pena dela, eu balancei a cabeça e forcei um sorriso. Pareceu desrespeitoso depois de tal revelação.

— *Bonjour*, Madame Monvoisin. — eu não estendi minha garganta. Quando criança, a primeira lição de Coco para mim foi simples: nunca ofereça meu sangue a uma Dame Rouge.

Especialmente sua tia, que odiava Morgane e as Dames Blanches talvez até mais do que eu. — Obrigado por nos conceder uma audiência.

Ela me encarou por outro longo momento. — Você se parece com sua mãe...

Coco avançou rapidamente. — E este... este é Ansel Diggory.

Ele é...

La Voisin ainda não o cumprimentou. Seus olhos nunca se desviaram dos meus. — Eu sei quem ele é.

— Um *bebê* caçador. — lambendo o lábio inferior, Nicholina se aproximou mais, seus olhos famintos e brilhantes. — Ele é bonito, ah, sim.

— Ele não é um caçador. — a voz de Coco cortou forte o suficiente para tirar sangue. — Ele nunca foi.

— E isso... — o lábio de La Voisin se curvou em desdém evidente. — É a única razão pela qual ele permanece vivo.

Ao ver o olhar negro de sua tia, Coco pigarreou apressadamente. Vocês... você disse que Etienne não está morto.

Isso significa que você o encontrou?

— Nós não encontramos. — se possível, a expressão de La Voisin escureceu ainda mais, e as sombras na tenda pareceram se aproximar. As velas tremeluziram. E seu livro... *mudou*. Eu encarei com olhos arregalados. Embora quase imperceptível, a capa preta *definitivamente* se contraiu. La Voisin acariciou sua lombada antes de estender a mão para remover um pedaço de pergaminho. Nele, alguém havia desenhado um mapa tosco de La Fôret des Yeux.

Inclinei-me para examiná-lo, apesar do meu desconforto. Respingos de sangue pontilhavam as árvores de tinta. — Nosso feitiço de rastreamento revelou que ele está vivo, mas algo... ou alguém, ocultou sua localização exata. — quando seus olhos negros se fixaram nos meus, meu peito se apertou inexplicavelmente. —

Fizemos uma busca na área geral em turnos ontem, mas ele não estava. Expandiremos nossa pesquisa esta noite.

Eu cruzei meus braços para não ficar inquieta. — Será que ele não saiu sozinho?

— Sua mãe e irmã residem aqui. Ele não teria ido embora sem se despedir.

— Todos nós sabemos que os relacionamentos filiais podem ser complicados...

— Ele desapareceu logo depois que concordei em me encontrar com você.

— Uma estranha coincidência...

— Eu não acredito em coincidências. — ela nos estudou impassivelmente enquanto nos movíamos ombro a ombro na frente dela, como crianças travessas. A situação piorada por Coco e Ansel elevando-se sobre mim em ambos os lados. Eu tentei e não

consegui ficar um pouco mais alta. — Sua mensagem dizia que você busca uma aliança com nosso grupo. — ela continuou. Eu concordei. — Dizia que Reid Labelle viajaria para La Ventre enquanto falamos, buscando uma aliança semelhante com o loup garou. A partir daí, você planeja abordar o rei em Cesarine.

Uma onda de satisfação passou por mim. Reid Labelle. Não Reid Diggory ou Reid Lyon. O nome soou... certo. Claro, se aderíssemos aos costumes de nossos parentes, ele teria a opção de se tornar Reid le Blanc. E se... se nos casarmos corretamente, desta vez.

— Isso mesmo.

— Minha resposta é não.

Pisquei, assustada com sua dispensa abrupta, mas ela já havia voltado sua atenção para o mapa, colocando-o de volta em seu livrinho assustador. Nicholina deu uma risadinha. Na minha visão periférica, ela segurava o coelho morto pelas patas dianteiras, fazendo seu corpo mole dançar. O calor passou por mim e minhas mãos se fecharam em punhos. — Eu não entendo.

— É simples. — seus olhos negros encontraram os meus com uma calma que me fez querer gritar. — Você vai falhar. Não vou prejudicar minha família por sua causa tola.

— Tia Josephine... — Coco começou, implorando, mas La Voisin acenou com a mão curta.

— Eu li os presságios. Eu não vou permitir.

Lutei para manter minha voz calma. — Foi a bexiga do coelho que a convenceu?

— Não espero que você entenda o fardo de governar um povo.

Qualquer um de vocês. — ela olhou para Coco, arqueando uma sobrancelha, e Coco abaixou o queixo. Eu queria arrancar os olhos de La Voisin. — Cada morte neste acampamento está em minhas mãos, e não posso arriscar evocar a ira de Morgane. Não por você.

Nem mesmo pela minha sobrinha.

O calor na minha barriga aumentou, ficando cada vez mais quente até que quase explodi. Minha voz, entretanto, permaneceu fria. — Por que você nos trouxe aqui se você nem mesmo está disposta a ouvir?

— Não devo nada a você, Louise le Blanc. Não me entenda mal.

Você está aqui, *viva e bem*, apenas por minha benevolência. Essa

benevolência está diminuindo rapidamente. Meu povo e eu não nos juntaremos a você. Sabendo disso, você pode partir agora. Cosette, no entanto, vai ficar.

E aí estava. A verdadeira razão pela qual ela nos trouxe aqui, para proibir Coco de sair.

Coco enrijeceu como se os olhos negros de sua tia a tivessem literalmente preso ali. — Há muito tempo você abandonou seus deveres, Cosette. — disse La Voisin. — Por muito tempo você protegeu seus inimigos sobre seu povo. — ela cuspiu a última, plantando as palmas das mãos contra a mesa. Suas unhas cravaram na madeira. Ao lado dela, o livro preto parecia estremecer em antecipação. — Isso acaba agora. Você é a *Princesse Rouge* e agirá como tal a partir deste momento. Comece escoltando Louise e seu companheiro de nosso acampamento.

Minha mandíbula destravou. — Não vamos embora.

— Até que encontrem Etienne. — Coco terminou, endireitando os ombros. Seu braço roçou o meu no mais básico dos toques.

Acredite em mim, parecia dizer. Eu fechei minha boca novamente.

— Eles querem ajudar, *tante*. Eles partirão apenas depois de o encontrarem, e se o fizerem, você lhes dará sua aliança.

— *E* Coco virá conosco. — acrescentei, incapaz de me conter. —

Se ela quiser.

Os olhos de La Voisin se estreitaram. — Eu dei minha palavra final.

Coco não quis ouvir, no entanto. Embora seus dedos tremessem ligeiramente, ela se aproximou da mesa, baixando a voz. Todos nós ainda podíamos ouvi-la. — Nossa magia não pode encontrá-lo.

Talvez o dela possa. — sua voz ficou mais baixa ainda, mas ganhou força. — Juntos, podemos derrotar Morgane, *tante*. Podemos voltar ao Chateau. Tudo isso, o frio, a doença, a morte, vai acabar.

— Não vou me aliar a inimigos. — insistiu La Voisin, mas lançou um rápido olhar em minha direção. Suas sobrancelhas se franziram.

— Eu não vou me aliar a *lobisomens* e *caçadores*.

— Compartilhamos um inimigo comum. Isso nos torna amigos.

— para minha surpresa, Coco estendeu a mão e agarrou a mão de La Voisin. Agora foi a vez deste último enrijecer. — Aceite nossa ajuda. Vamos encontrar Etienne. Por favor.

La Voisin nos estudou por um momento que pareceu uma eternidade. Por fim, ela puxou a mão do aperto de Coco. — Se você encontrar Etienne. — disse ela, franzindo os lábios. — Considerarei sua proposta. — quando eu e Ansel suspiramos de alívio, ela acrescentou bruscamente: — Você tem até o amanhecer. Se você não o tiver encontrado até lá, você deixará este acampamento sem discutir. De acordo?

Indignada, abri minha boca para discutir o prazo ridículo, menos de um punhado de horas, mas algo roçou meu tornozelo. Eu olhei para baixo com surpresa. — Absalon? O que você é...? — mal me atrevendo a ter esperança, me virei em direção à entrada da tenda, mas não havia nenhum homem alto de cabelos cor de cobre ali, nenhum meio-sorriso, mandíbulas cerradas ou bochechas vermelhas. Eu fiz uma careta.

Ele não estava aqui.

Decepção um pouco profunda. Então confusão. Matagots geralmente ficava com aqueles que os atraíam. A menos que...

— Você tem uma mensagem para mim? — eu perguntei, aprofundando a carranca. Uma onda de pânico floresceu. Alguma coisa já tinha dado errado na estrada? Ele tinha sido reconhecido, capturado, descoberto como um bruxo? Um milhão de possibilidades surgiram em minha mente, espalhando-se como um incêndio. — O que é, Absalon? *Conte-me*.

Ele meramente miou e teceu entre meus tornozelos, a inteligência humana brilhando em seus olhos felinos. Enquanto eu olhava para ele, perplexa, o resto da minha raiva se dissipou. Ele não tinha ficado com Reid. Ele não tinha vindo para entregar uma mensagem. Em vez disso, ele simplesmente... veio. Aqui. Ele veio *aqui*. E isso significava...

— Você nomeou o matagot? — La Voisin piscou uma vez, o único sinal externo de sua surpresa.

— Todo mundo merece um nome. — eu disse fracamente. *Eles são*

atraídos por criaturas semelhantes. Almas perturbadas. Alguém aqui deve tê-lo atraído. Absalon ficou nas patas traseiras, amassando o couro grosso da minha calça com a frente.

Instintivamente, ajoelhei-me para coçar atrás de sua orelha. Um

ronronar baixo se formou em sua garganta. — Ele não me disse o dele, então eu improvisei.

As sobrancelhas de Coco se juntaram enquanto ela olhava entre mim e Ansel, claramente tentando decidir quem o matagot tinha seguido aqui, mas La Voisin apenas sorriu, pequeno e sugestivo. —

Você não é o que eu esperava, Louise le Blanc.

Eu não gostei daquele sorriso. Endireitando-me rapidamente, empurrei Absalon para longe com o pé. Ele não se mexeu. — Xô. —

eu sibilei, mas ele apenas olhou para mim com ar maligno.

Merda.

A mulher de cabelo ruivo de antes nos interrompeu, espiando dentro da tenda. Ela segurava a mão de uma criança, uma versão em miniatura de si mesma. — O grupo de busca da meia-noite voltou, minha senhora. — fungando, ela enxugou uma nova lágrima.

— Nenhum sinal dele. A próxima festa se reuniu.

— Não tenha medo, Ismay. Nós o encontraremos. — La Voisin apertou as mãos e sua voz se suavizou. — Você precisa descansar.

Leve Gabrielle de volta para sua tenda. Vamos acordá-la com as notícias.

— Não, eu... eu devo voltar à festa. Por favor, não me peça para descansar enquanto... enquanto meu filho. — ela parou, vencida, antes de cerrar os dentes. — Não vou descansar até que ele seja encontrado.

La Voisin suspirou. — Muito bem. — quando Ismay acenou com a cabeça em agradecimento, guiando a filha para fora da tenda, La Voisin inclinou a cabeça para mim. — Se você concordar com meus termos, você se juntará à próxima equipe de busca. Eles partem imediatamente. Nicholina irá acompanhá-la, assim como Ismay e Gabrielle. Você também pode levar seu familiar e companheiro. —

ela fez uma pausa. — Cosette, você vai me atender.

— *Tante...* — Coco começou.

— Ele *não* é meu familiar. — eu rebati. Mas La Voisin falou por cima de nós, seus olhos brilhando. — Você testa minha paciência, criança. Se eu for considerar esta aliança, você encontrará Etienne antes do raiar do dia. Nós temos um acordo?

One Step Forward

Reid

O peso da faca pesava em minha Esse mal hediondo poderia ser menos pelo rei e mais para mim? com alguns criminosos. *Porco azul*, ele cuspiu depois que eu o entreguei às autoridades. Em todos os nossos anos de negócios, eu não sabia que ele me desprezava.

Assim como os fazendeiros de Saint-Loire. Tudo por causa do meu uniforme.

Não. Isso não era verdade.

Tudo por *minha* causa. Não minhas crenças.

Estrelas douradas ocupavam a maior parte da placa giratória.

Punhos de couro pendurados em quatro pontos estratégicos na madeira circular - dois para as mãos de um assistente e dois para os pés. O topo do tabuleiro estava manchado com algo que parecia suscitadamente com sangue.

Com um movimento indiferente do meu pulso, eu joguei minha faca. Ele se alojou no centro morto.

Deveraux explodiu em aplausos. — Bem, isso foi bastante, bastante *extraordinário*, Monsieur Diggory! Sério, Louise não estava mentindo quando falou sobre sua destreza de lâmina! — ele se abanou por um momento. — Ah, a multidão vai *exaltar* positivamente o seu desempenho. Dagger of Danger, vamos chamá-

lo. Não, não, Knife Strife.

Eu encarei ele, alarmado. — Eu não acho...

— Argh, você está certo, você está certo, é claro. Ainda não encontramos a denominação perfeita. Nunca tema! Juntos, nós

vamos... — suas mãos dispararam para o céu abruptamente, os

dedos abertos como se estivessem emoldurando um retrato. Three-Fingered Red? São necessários três dedos para funcionar, sim?

— Mais, e seria apenas desconfortável. — deitado atrás de nós em um cobertor brilhante, Beau riu. Os restos de seu almoço espalhados pelo chão ao lado dele. — Posso sugerir *Le Petit Jésus* como alternativa?

— Pare. — respirei fundo pelo nariz. O calor subiu pela minha garganta e, mesmo para mim, a palavra parecia cansada. Eu pensei em usar a pausa na viagem para praticar. Um lapso flagrante de julgamento. — Eu não preciso de um nome artístico.

— Meu querido, querido menino! — Deveraux apertou o peito como se eu tivesse insultado sua mãe. — Do que mais devemos chamar você? Não podemos simplesmente anunciar você como Reid Diggory. — ele balançou a mão, afastando meus protestos. —

Os *couronnes*, querido menino, pense apenas nos *couronnes*! Você precisa de um nome, uma *identidade*, para levar o público a sua fantasia... — sua mão parou no meio de um golpe, e seus olhos brilharam com entusiasmo. — *The Red Death*. — ele disse com prazer. Meu batimento cardíaco vacilou. — É isso aí. O vencedor claro. A seleção óbvia. Venham, venham todos, para testemunhar a horrível, o inferno, a bela Red Death.

Beau se dobrou de tanto rir. Quase joguei a outra faca nele.

— Eu prefiro Raoul.

— Absurdo. Articulei *claramente* meus sentimentos sobre o nome Raoul. — Deveraux baixou as mãos. A pena em seu chapéu balançou em agitação. — Não tema, tenho plena confiança de que o título honorífico crescerá em você. Mas talvez seja necessário um descanso enquanto isso? Podemos, em vez disso, equipar vocês dois para sua grande estreia!

Beau ergueu-se apressadamente sobre os cotovelos. — Eu disse que não estarei no palco.

— Todos na empresa devem modelar o traje apropriado, Vossa Alteza. Mesmo aqueles que arrecadam ingressos e dicas do público.

Você entende, tenho certeza.

Beau caiu para trás com um gemido.

— Esse é o espírito! — de sua manga, Deveraux puxou uma fita métrica. — Agora, só vou precisar de algumas medidas, uma quantidade insignificante, na verdade, e tudo estará definido.

Posso? — ele gesticulou para meu braço. Quando eu balancei a cabeça, ele entrou no meu espaço, me envolvendo com o cheiro de vinho.

Isso explica muito.

— Pelo resto de nossa jornada. — ele tagarelou, desenrolando sua fita. — Posso sugerir que você divida o beliche com os gêmeos na carroça âmbar? Sua mãe pode se juntar a você. Seu irmão, no entanto, pode se adequar melhor à carroça escarlata com Zenna e Seraphine. Embora eu durma pouco, vou acompanhá-lo até lá. —

ele gargalhou com uma piada não dita. — Disseram que Zenna e Seraphine são as mais ferozes das roncadoras.

— Eu *seria* mais adequado para a carroça de Zenna e Seraphine. — eu podia ouvir o sorriso na voz de Beau. — Como você é perceptivo, Claud.

Ele soltou uma risada. — Oh não, querido menino, temo que se romance é o que você busca, você ficará marcadamente desapontado. As próprias almas de Zenna e Seraphine estão entrelaçadas. *Cósmico*, eu te digo.

A expressão de Beau se achatou e ele desviou o olhar, resmungando sobre azar de má sorte.

— Por que os arranjos para dormir? — eu perguntei desconfiado.

Depois de me despedir de Lou, passei o resto da noite cavalgando na frente com Claud. Ele tentou passar o tempo conversando.

Quando eu não consegui manter meu fim, ele começou a cantar e eu me arrependi do meu grave erro. Por *horas*.

— Você é totalmente contrário, não é, Monsieur Diggory? Muito espinhoso. — ele olhou para mim com uma expressão curiosa antes de se abaixar para medir minha costura. — Não é nada nefasto, garanto. — Eu simplesmente acho sábio que você considere fazer amizade com

nossos queridos Toulouse e Thierry.

— De novo, *por quê?*

— Você pode ter mais em comum com eles do que você pensa.

Eu olhei por cima do ombro para Beau. Ele franziu a testa para Deveraux. — Isso não é enigmático de forma alguma.

Deveraux suspirou e se levantou mais uma vez, limpando a lama de suas calças de veludo cotelê. Calças de veludo cotelê violeta. —

Se eu puder ser franco, *messieurs*. — ele se virou para mim. —

Recentemente, você sofreu um evento bastante traumático e precisa desesperadamente de uma companhia platônica. Seu antepassado se foi. Sua irmandade o abandonou. Sua auto-aversão abriu uma fenda física e emocional entre você e sua esposa. Mais importante, ele abriu uma fenda dentro de *you mesmo*.

Uma raiva aguda e quente passou por mim com a reprimenda inesperada. — Você nem me conhece.

— Talvez não. Mas eu sei que você não se conhece. Eu sei que você não pode conhecer outro até que você se conheça. — ele estalou os dedos na frente do meu nariz. — Eu sei que você precisa acordar, meu jovem, para que não deixe este mundo sem encontrar o que realmente procura.

Eu olhei para ele, o início da vergonha corando em meu pescoço. As minhas orelhas. — E o que é isso?

— Conexão. — ele disse simplesmente, girando sua fita em um rolo organizado. — Todos nós buscamos. Aceite a si mesmo, aceite os *outros*, e você poderá encontrá-lo. Agora... — ele girou sobre o calcanhar da bota, sorrindo alegremente por cima do ombro. — Eu sugiro que você participe de sua refeição do meio-dia. Em breve continuaremos para Domaine-les-Roses, onde você conquistará a multidão com sua proeza de empunhar facas. Ta-ta!

Ele saiu assobiando uma melodia alegre.

Beau bufou no silêncio que se seguiu. — Eu gosto dele.

— Ele é *louco*.

— Todos os melhores são.

Suas palavras despertaram outras, algumas mais nítidas agora.

Palavras que morderam e estalaram em minha mente, buscando sangue. *Claud é uma espécie de colecionador, Zenna havia dito. Ele adiciona apenas os melhores e mais brilhantes talentos à sua trupe.*

O raro e incomum. O excepcional.

Minha suspeita se aprofundou. Seu olhar curioso, seu sorriso significativo... era possível que ele soubesse meu segredo? Ele sabia o que eu fiz em Modraniht? Não era provável. E ainda...

Morgane sabia. Não fui tolo o suficiente para acreditar que ela guardaria esse conhecimento para si mesma. Quando fosse mais

adequado aos seus objetivos, ela revelaria e eu queimaria. E talvez eu merecesse queimar. Eu tirei a vida. Eu tinha brincado de Deus...

Não. Eu recuei de meus pensamentos em espiral, respirando profundamente. Organizando minha mente em ordem. Em silêncio.

Durou apenas alguns segundos antes que outra pergunta indesejável surgisse.

Se Deveraux *sabia*, isso significava... os gêmeos também eram bruxos?

Você pode ter mais em comum com eles do que pensa.

Zombando, desembainhei outra faca. Em todos os meus anos com a magia, em todos os *anos de Lou* com ela, nunca tínhamos ouvido falar de outro bruxo. Tropeçar em dois outros tão rapidamente depois de Modraniht era a possibilidade menos provável de todas. Não. Menos que improvável. Absurdo.

Claud é uma espécie de colecionador.

Fechando meus olhos, concentrei-me em esvaziar minha mente de pensamentos. Essa especulação fez pouco bem. Eu tinha um propósito agora, proteger Lou, proteger meus irmãos e irmãs desconhecidos. Eu não poderia conhecê-los se eles estivessem mortos. Eu respirei pelo nariz. Pela minha boca. Retirou-se para minha fortaleza. Saboreou a escuridão de minhas pálpebras.

Não importava se os gêmeos eram bruxos.

Não importava se Deveraux sabia que eu era um.

Porque eu não seria um bruxo se não praticasse.

Eu não era um bruxo.

Indiferente à minha convicção, o ouro cintilou para a vida na escuridão, e lá - suave no início, tão suave que quase perdi - vozes começaram a zumbir.

Nos procure, nos procure, nos procure.

Meus olhos se abriram.

Quando Beau pigarreou atrás de mim, pulei, quase deixando cair minha faca. — Você não está pensando seriamente em amarrar sua mãe àquela prancha, está? — ele perguntou. — Você poderia decapitá-la. Agora você está apenas fazendo uma postura. — ele se levantou de seu cobertor e deu um passo para o meu lado para ver melhor. Para minha surpresa, ele puxou outra faca da minha bandoleira, estudando-a em sua mão. Então ele jogou.

Ele bateu no tabuleiro como um peixe morto antes de cair no chão.

Uma onda de silêncio passou. — Parece... — alisando seu casaco com toda dignidade ele poderia reunir: — Que eu sou um merda nisso. — eu bufei apesar de mim mesmo. O nó no meu peito afrouxado. — Havia alguma dúvida?

Um sorriso autodepreciativo apareceu em seu rosto e ele empurrou meu ombro com indiferença. Embora alto, ele era alguns centímetros mais baixo do que eu.

— Quando é seu aniversário? — eu soltei.

Ele arqueou uma sobrancelha negra. Tão diferente da minha. —

9 de agosto. Eu tenho vinte e um anos. Por quê?

— Nada.

— Eu sou mais velho que você, se é isso que você está se perguntando.

— Eu não estava, e você não é.

— Vamos, irmãozinho, eu te disse minha data de nascimento. É

justo que você retribua. — quando eu não respondi, seu sorriso se espalhou. — Seu silêncio é condenatório. Você realmente é mais novo,

não é?

Empurrando sua mão do meu ombro, eu segui em direção à carroça âmbar. Meu pescoço queimou.

Berços alinhados nas paredes internas, construídos acima e abaixo das prateleiras de armazenamento como peças de um quebra-cabeça. Travesseiros transbordavam. Embora surrados, seda, veludo e cetim cobriam cada um deles. Os baús foram enfiados nos cantos, junto com uma prateleira surrada de fantasias e um manequim seminu. Meu peito torceu.

Isso me lembrou do sótão de Soleil et Lune.

Exceto pelo incenso. Olíbano e mirra queimados dentro de uma pequena panela de porcelana. A fumaça saiu por um buraco no telhado.

Joguei a panela inteira fora na neve.

— Calma aí. — Beau se esquivou do projétil, seguindo-me para dentro da carroça. — As resinas ofenderam você pessoalmente?

Novamente, eu não respondi. Ele não precisava saber que me lembrava da catedral. Do... ele. Eu desabei na cama mais próxima,

jogando minha bolsa no chão. Procurando por uma camisa seca.

Quando minha mão se agarrou ao meu diário, eu o puxei. Passei meus dedos pela capa gasta. Folheei as páginas amassadas.

Embora talvez eu tenha sido tolo ao embalar um símbolo tão sentimental, não fui capaz de deixá-lo para trás. Distraidamente, parei na minha última página, a noite em que visitei o rei depois de queimar Estelle.

Meu pai.

Eu tracei as palavras na página, sem realmente vê-las. Eu fiz o meu melhor para não pensar nele, mas agora, seu rosto voltou aos meus pensamentos. Cabelos dourados. Mandíbula forte. Olhos penetrantes. E um sorriso... um sorriso que desarma todos os que o contemplaram. Ele o empunhava como uma lâmina. Não, uma arma ainda mais mortal. Uma lâmina não desarmava seus inimigos, mas seu sorriso sim.

Como um Chasseur, eu o vi de longe durante toda a minha vida.

Somente quando ele me convidou para jantar com ele, eu o conheci pessoalmente. Ele sorriu para mim a noite toda, e apesar de Lou se contorcer sozinha na minha cama, queimando viva pelo pecado de sua irmã, eu me senti... visto. Estimado. *Especial*.

Beau herdou aquele sorriso. Eu não.

Antes que eu perdesse a coragem, perguntei: — Como são nossas irmãs? Violette e Victoire?

Beau fez uma pausa examinando o conteúdo do baú mais próximo. Eu não conseguia ver seu rosto. Se minha pergunta abrupta o surpreendeu, ele não disse. — Elas se parecem comigo, eu suponho. Com nossa mãe. Ela vem de uma ilha do outro lado do mar. É um lindo reino. Tropical. Muito mais caloroso do que esse absurdo. — ele acenou com a mão em direção à neve lá fora antes de arrancar um orbe de cristal do tronco mais próximo. — Elas são gêmeas, você sabe. Mais bonitas do que minha mãe e eu. Cabelo preto comprido e olhos mais pretos, nenhuma mancha em seus rostos. Como pinturas, e meu pai as trata como tal. É por isso que você nunca as viu. Elas raramente são permitidas fora das muralhas do castelo.

— Quantos anos elas tem?

— Treze.

— O que elas... — inclinei-me para frente ansiosamente. — Do que elas gostam? Elas gostam de ler? Cavalgar? Brincar com espadas?

Ele se virou e sorriu aquele sorriso, então. Mas parecia diferente nele. Genuíno. — Se por brincadeira, você quer dizer bater na cabeça do irmão mais velho, então... sim. Elas gostam de *brincar* com espadas. — ele olhou o diário em minha mão. — E Violette gosta de escrever e ler. Victoire nem tanto. Ela prefere perseguir gatos e aterrorizar os empregados..

Um calor que eu nunca tinha conhecido se espalhou por mim com o quadro que ele pintou. Um calor que mal reconheci. Não era raiva ou humilhação ou... ou vergonha. Foi outra coisa. Alguma coisa... feliz.

Isso machuca.

— E nosso pai? — eu perguntei baixinho. — Como ele é?

O sorriso de Beau desapareceu então, e ele largou o alaúde que estava puxando de volta para o porta-malas. Seus olhos se estreitaram quando ele me encarou completamente. — Você sabe como ele é. Não nos pinte como um conto de fadas, Reid. Não somos um.

Fechando meu diário com mais força do que o necessário, me levantei. — Eu sei disso. Eu só... eu... — eu exalei forte e joguei a cautela para o alto. — Eu nunca tive uma família.

— E você ainda não tem. — ele balançou a cabeça exasperado, olhando para mim como se eu fosse uma criança estúpida precisando de repreensão. — Eu deveria saber que você faria isso.

Eu deveria saber que você gostaria de se *relacionar*. —

aproximando-se, ele enfiou um dedo no meu peito. — Ouça com atenção, *irmãozinho*. Esta não é uma família. É um laço. E se esse seu plano brilhante der errado, todos nós vamos abandoná-lo, você, eu, Violette, Victoire e todos os outros pobres coitados que nosso pai fodeu para existir. — ele fez uma pausa, e sua expressão suavizou infinitesimalmente antes de endurecer mais uma vez. Ele chutou a porta da carroça. — Faça as pazes com isso agora, ou vamos quebrar seu coração.

Ele saiu sem dizer mais nada.

O balanço das rodas me acordou. Grogue, desorientado, pulei da cama. Minha cabeça latejava, duplamente quando a bati contra a prateleira acima da cabeça, e meu pescoço doeu. Eu esfreguei com uma maldição murmurada.

— Dormiu bem? — Madame Labelle me olhou por cima da borda de sua xícara de chá. Jade com filigrana de ouro. O cheiro de peras com especiarias impregnou a carroça. Perry Mulled, então. Não é chá. Ondulava com cada movimento das rodas. A luz do sol do fim da tarde filtrada pela janela, assim como o assobio alegre de Deveraux.

— Que horas são? — eu perguntei.

— Por volta das quatro horas. Você está dormindo há horas. Eu não queria te acordar. — ela me ofereceu uma segunda xícara, junto com um pequeno sorriso. — Você gostaria de alguns? Tenho uma certa preferência por perry após uma longa soneca. Talvez você também tenha?

Uma pergunta promissora. Transparente.

Quando eu não respondi, ela continuou tagarelando, girando seu próprio copo nas mãos. Voltando e girando. Um gesto inquieto. —

Minha mãe preparava para mim quando eu era uma menina. Um bosque de pereiras crescia no vale perto do Chateau e era nosso lugar secreto. A gente colhia os frutos no final do verão e os escondíamos por todo o Chateau, esperando que amadurecessem.

— seu sorriso se alargou quando ela olhou para mim. — E tecíamos as flores em coroas, colares, anéis. Uma vez eu até fiz para Morgane uma capa deles. Foi glorioso. Sua mãe, a avó de Louise, organizou um baile naquele primeiro de maio apenas para que ela pudesse usá-lo.

— Eu sou alérgico a peras.

Eu não era, mas já ouvi o suficiente. Seu sorriso caiu.

— Claro. Me perdoe. Talvez um pouco de chá em vez disso?

— Eu não gosto de chá.

Seus olhos se estreitaram. — Café?

— Não.

— Vinho? Hidromel? Cerveja?

— Eu não bebo álcool.

Ela pousou a xícara com um tilintar zangado. — Como você está sentado saudável e inteiro diante de mim, presumo que você beba *alguma coisa*. Por favor, diga-me o que é, para que eu possa agradar você.

— Água.

Ela francamente fez uma careta então, abandonando seu ato meloso. Com um aceno de sua mão sobre o pote de perada, o aroma apimentado no ar desapareceu. A mordida afiada da magia o substituiu. Com a boca franzida, ela derramou água cristalina em meu copo. Empurrou com força na minha direção.

Meu intestino torceu e eu esmaguei minhas palmas contra meus olhos.
— Eu te disse. Eu não quero estar por perto...

— Sim, sim. — ela retrucou. — Você desenvolveu uma aversão renovada à magia. Compreendo. Um passo para frente, dois passos

para trás e todo aquele lixo. Estou aqui para lhe dar um empurrão suave na direção certa, ou um não tão gentil, se necessário.

Eu caí de volta no meu travesseiro, afastando-me dela. — Eu não estou interessado.

No segundo seguinte, a água encharcou o lado do meu rosto, meu cabelo, meu ombro.

— E eu não terminei. — ela disse calmamente.

Gaguejando, empurrando para o lado meu cabelo encharcado, eu me endireitei mais uma vez para assumir o controle da conversa.

— Os homens da taverna sabiam que sou o bastardo do rei. Como?

Ela encolheu os ombros delicadamente. — Tenho contatos na cidade. Solicitei que espalhem por toda a parte.

— *Por quê?*

— Para salvar sua vida. — ela arqueou uma sobrancelha. —

Quanto mais gente soubesse, maior a probabilidade de chegar a Auguste, e isso aconteceu. Você é procurado *vivo*, não morto.

Depois que ele descobriu a conexão, eu sabia que ele gostaria de ver você de novo... estudar você. Seu pai é vaidoso, e as crianças fazem espelhos impecáveis.

— Você é *louca*.

— Essa não é uma palavra educada. — ela cheirou e alisou as saias, cruzou as mãos no colo. — Especialmente à luz da nova situação de Louise. Você chama *ela* de louca?

— Não. — eu forcei meus dentes cerrados separados. — E você também não.

Ela acenou com a mão. — O suficiente. Você deixou perfeitamente claro que não deseja uma amizade comigo, o que é uma sorte, de fato, já que você precisa desesperadamente não é de um amigo, mas de um pai. É por isso que falo agora: não derrotaremos Morgane sem magia. Eu entendo que você teve duas experiências menos do que o ideal com ela, mas o todo é maior do que a soma de suas partes. Você deve deixar de lado seu medo ou matará todos nós. Você entende?

Ao tom dela - imperioso, *hipócrita* - a raiva me rasgou, afiada e irregular como vidro quebrado. Como ela ousa falar comigo como uma criança petulante? Como ela ousa presumir ser minha *mãe*?

— Magia é morte e loucura. — torci minha camisa, apressado para me juntar a ela na mesa, tropeçando na minha bolsa no processo. Amaldiçoando cruelmente os aposentos apertados. — Eu não quero ser parte disso.

— Há mais nesta terra do que em todo o seu céu e inferno, mas você permanece cego. Eu já disse isso antes e direi novamente.

Abra seus olhos, Reid. Magia não é sua inimiga. Na verdade, se quisermos persuadir Toulouse e Thierry a uma aliança, atrevo-me a dizer que você precisará ser menos crítico.

Fiz uma pausa com um copo de água fresco aos lábios. — O que?

Ela me olhou astutamente por cima de sua xícara. — Todo o propósito deste esforço é conseguir aliados, e dois poderosos acabaram de pousar em nosso colo. Morgane não os espera. O que Morgane não espera, Morgane não pode manipular.

— Não sabemos se eles são bruxos. — eu murmurei.

— Use essa sua cabeça dura, filho, antes que caia de seus ombros.

— *Não* me chame de filho...

— Já ouvi falar de Claud Deveraux em minhas viagens. O que a adorável Zenna professou é verdade, ele se cerca dos excepcionais, dos talentosos, dos *poderosos*. Eu conheci uma mulher em Amandine anos atrás que havia tocado com a Troupe de Fortune.

Dizia-se que ela poderia...

— Existe um *ponto* para nisso?

— A *ponto* é que Toulouse e Thierry St. Martin, provavelmente até Zenna e Seraphine, não são o que parecem. Ninguém piscou quando Lou se revelou uma bruxa. Eles estavam muito mais preocupados com você como um Chasseur, o que significa que alguém neste trupe pratica magia. Claud quer que você seja amigo de Toulouse e Thierry, certo?

Você pode ter mais em comum com eles do que imagina.

Eu forcei um aceno de cabeça.

— Excelente. Faça isso.

Balançando a cabeça, bebi o resto da água. Como se fosse tão simples. Como se eu pudesse disfarçar meu desdém por magia e...

e encantá-los com uma falsa amizade. Lou poderia ter feito isso. O

pensamento congelou em meu intestino. Mas eu não conseguia esquecer aquele olhar em seus olhos no pub, nem a maneira como ela tirou minha Balisarda para me controlar. Eu não conseguia esquecer a sensação do sangue do arcebispo em minha mão.

Sangue dos meus ex-irmãos. Meu peito se apertou.

Magia.

— Eu não me importo se os St. Martins são bruxos. — meu lábio se curvou e me afastei da mesa. Pararíamos para jantar em breve.

Eu sofreria até mesmo com o canto de Deveraux para escapar dessa conversa. — Não tenho intenção de me vincular a nenhum de vocês.

— Oh? — seus olhos brilharam. Ela também se levantou em um salto.
— Você parecia decidido a se relacionar com Beauregard.

Você parecia se importar muito com Violette e Victoire. Como faço para obter um tratamento tão cobiçado?

Amaldiçoei meu próprio descuido. Ela estava ouvindo. É claro que ela estava ouvindo - bisbilhoteira imunda - e eu mostrei a ela meu ponto fraco. — Você não... Você me abandonou.

Em seus olhos, nosso último momento em Modraniht se desenrolou. Esses mil momentos. Eu empurrei todos de lado. — Eu pensei que tínhamos superado isso. — disse ela suavemente.

Eu a encarei com nojo. Sim, eu dei a ela paz em seu último suspiro, mas aquele presente, foi para mim também. Ela estava morrendo. Eu não poderia passar o resto da minha vida assombrado

por um fantasma, então eu a deixei ir. Eu deixaria *tudo* ir. A dor. A amargura. O arrependimento. Exceto que ela não morreu, ela não *partiu*, e agora ela me assombrava.

E algumas feridas não podiam ficar enterradas.

— Como alguém supera ser deixado para morrer em uma lata de lixo?

— Quantas vezes devo te dizer? Eu não... — ela balançou a cabeça, a cor aumentou e os olhos brilharam demais. Marejados. Se estava com raiva ou triste, eu não sabia. Sua voz era baixa, entretanto, enquanto ela continuava. — Eu sinto muito, Reid. Você levou uma vida tumultuada e a culpa em parte é minha. Eu sei isso.

Eu entendo meu papel em seu sofrimento. — pegando minha mão, ela se levantou. Eu disse a mim mesmo para me afastar. Eu não fiz.

— Agora você deve entender que, se tivesse escolha, eu nunca teria deixado você. Eu teria abandonado tudo - minha casa, minhas irmãs, minha *vida* - para mantê-lo, mas não posso mudar o passado.

Não posso te proteger de sua dor. *Posso* protegê-lo aqui e agora, no entanto, se você permitir.

Se você permitir.

As palavras eram coisas vivas em meus ouvidos. Embora eu tenha tentado enterrá-las, elas criaram raízes, sufocando minha raiva. Envolvendo minha tristeza. Envolvendo isso. *Me* envolvendo.

Eu me senti... quente, instável. Como ser atacado e correr para ela.

Como cair e agarrar sua saia. Quantas vezes eu desejei que um pai me protegesse? Que me amasse? Embora eu nunca tivesse admitido, nunca *teria* admitido, o arcebispo, ele não tinha sido...

Não. Era demais.

Eu me afastei dela, afundando na minha cama. Olhando para o nada. Um momento de silêncio se passou. Pode ter sido desconfortável. Pode ter sido tenso. Eu não percebi. — Eu amo peras. — eu finalmente murmurei, quase incoerente. Mesmo assim ela ouviu. No segundo seguinte, ela colocou uma xícara quente de perry em minhas mãos.

Então ela foi para a matança.

— Se você deseja derrotar Morgane, Reid, se você deseja proteger Louise, você deve fazer o que for necessário. Não estou pedindo a você para praticar magia. Estou pedindo para você tolerar

isso. Toulouse e Thierry nunca se juntarão a nós se você desprezar sua

própria existência. Apenas... comece a conhecê-los. — depois de um segundo de hesitação, ela acrescentou: — Por Louise.

Por você, ela queria dizer.

Eu encarei o perry, me sentindo mal, antes de levá-lo aos lábios.

O líquido fumegante queimou todo o caminho.

The White Pattern

Lou

Depois de duas horas caminhando pelas sombras do Fôret des Yeux, fingindo não pular com pequenos barulhos, uma percepção repentina me atingiu na cabeça.

Gabrielle Gilly era meia-irmã de Reid.

Eu estudei a garotinha pelas costas dos pinheiros. Com seu cabelo castanho-rubor e olhos castanhos, ela claramente favoreceu sua mãe, mas quando ela olhou para mim por cima do ombro - pela centésima vez, não menos - havia algo em seu sorriso, a ligeira covinha em sua bochecha, isso me lembrou de Reid.

— Ela continua olhando para você. — Ansel tropeçou em um membro perdido, quase caindo de cara na neve. Absalon saltou de seu caminho.

— Claro que ela continua. Eu sou objetivamente linda. Uma obra-prima feita de carne.

Ansel bufou.

— Desculpe-me? — ofendida, eu chutei neve em sua direção, e ele quase caiu novamente. — Eu não acho que ouvi você corretamente. A resposta *adequada* é: Deusa divina, é claro que a tua beleza é um presente sagrado do céu, e nós mortais somos abençoados por poder olhar o teu rosto.

— Deusa divina. — ele riu mais agora, escovando a neve do casaco. — Certo. — empurrando-o com meu próprio bufo, eu pulei por cima de um toco caído para andar ao lado dele. — Você pode rir, mas se este nosso plano der certo, esse será o meu título algum dia.

Rosa se espalhou em suas bochechas na minha vulgaridade. —

O que você quer dizer?

— Você sabe... — quando o toco terminou, eu pulei, assustando Absalon novamente. — Se nós matarmos Morgane, herdarei os poderes da Deusa Tripla em seu lugar.

Ansel parou de andar abruptamente, como se eu tivesse batido na nuca dele. — Você se tornará a Donzela, Mãe e Anciã.

— Deusa Divina. — eu sorri, me abaixando para pegar um punhado de neve, mas ele não compartilhava mais do meu humor.

Uma ruga apareceu entre suas sobrancelhas. — Que cara é essa cara? — eu perguntei, colocando a neve entre minhas palmas. — É

assim que funciona. La Dame des Sorcières possui o poder divino como uma bênção da Deusa Tripla.

— Você *quer* se tornar La Dame des Sorcières?

Eu joguei a bola de neve em uma árvore, observando enquanto ela explodia nos galhos. Que pergunta inesperada. Certamente ninguém nunca perguntou isso antes. — Eu... Eu não sei. Nunca pensei que viveria além do meu aniversário de dezesseis anos, muito menos tramar uma revolta contra minha mãe. Herdar seu poder divino parecia rebuscado, mesmo quando criança.

Ele retomou a caminhada, embora mais lento do que antes. Eu me aproximei dele. Mas depois de vários segundos dele olhando para mim, olhando para longe, abrindo a boca e fechando-a novamente, eu tinha o suficiente. Eu fiz outra bola de neve e joguei na cabeça dele. — Caí fora com essa.

Com um olhar descontente, ele tirou a neve de seus cachos. —

Você acha que será capaz de matar sua própria mãe?

Meu estômago se revirou de forma desagradável. Como se atendendo a uma chamada silenciosa, Absalon saltou de um pinheiro acima para passear atrás de mim. Eu não olhei para ele, não olhei para ninguém ou nada além de minhas próprias botas na neve. Meus dedos dos pés estavam dormentes. — Ela não me dá escolha.

Não era uma resposta, e Ansel sabia disso. Ficamos em silêncio.

A lua apareceu no alto enquanto continuamos nossa busca,

manchando o chão da floresta com luz. O vento cessou gradualmente. Se não fosse por Nicholina flutuando como um

espectro ao lado de Ismay e Gabrielle, teria sido pacífico. Como estava, no entanto, um frio profundo se estabeleceu dentro de mim.

Não havia sinal de Etienne.

Se eu for considerar esta aliança, você encontrará Etienne antes do raiar do dia. Nós temos um acordo?

Como se eu tivesse escolha.

Quando eu pedi um padrão para encontrar Etienne, parada na borda do acampamento com os olhos de todos nas minhas costas, os fios dourados se enredaram, enrolando e se movendo como cobras em um ninho. Eu não fui capaz de segui-los. No olhar expectante de La Voisin, no entanto, eu menti pra caramba, e foi por isso que agora estou vagando por um bosque aleatório de abetos, tentando e falhando em não olhar para o céu. O nascer do sol não pode estar muito longe.

Respirei fundo e examinei os padrões novamente. Eles permaneceram desesperadamente amarrados, girando fora de controle em todas as direções. Não houve entrega. Sem pegar.

Somente... confusão. Era como se meu terceiro olho - o sexto sentido que me permite ver e manipular os fios do universo -

tivesse... turvo, de alguma forma. Eu nunca soube que tal coisa era possível.

La Voisin disse que alguém estava protegendo a localização de Etienne de nós. Alguém poderoso. Eu tinha uma suspeita doentia de quem poderia ser.

Depois de mais um quarto de hora, Ansel suspirou. — Devíamos talvez... gritar por ele?

— Você deveria. — Nicholina gargalhou na nossa frente. —

Chame-o, chame-o, deixe as árvores *maltratá-lo*, ferver e untar com manteiga e dividir e o vi...

— Nicholina. — eu disse bruscamente, ainda mantendo um olho nos padrões. — Acho que falo por todos aqui quando digo para você *calar a boca*.

Mas ela apenas caiu para trás, segurando o cabelo escuro de cada lado do rosto. — Não não não. Vamos ser os melhores amigos, nós três. O melhor dos amigos. — quando levantei uma sobrancelha incrédula para Ansel, ela gargalhou mais alto. — Ele não, ratinho bobo. Ele não.

Um galho estalou à frente e, se possível, ela riu ainda mais alto.

— As árvores desta floresta têm olhos, ratinho. Ela espia, ela espia, ela espia, ratinho...

— *Ou* pode ser um Etienne ferido. — eu desembainhei minha faca em um único movimento fluido - enervado apesar de mim mesmo - e girei em direção ao barulho. — Você deveria ir investigar.

Ainda maliciosa, Nicholina desapareceu entre uma piscada e a próxima. Ismay olhou para a frente, visivelmente dividida entre investigar a origem do ruído e proteger a filha. Ela agarrou a mão de Gabrielle com força.

— Vá. — me aproximei delas com cautela, mas não embainhei minha arma. O cabelo do meu pescoço ainda arrepiou de inquietação. *Ela espia, ela espia, ela espia, ratinho.* — Vamos cuidar de sua filha.

Embora Ismay apertou os lábios, ela acenou com a cabeça uma vez e deslizou para as árvores. Gabrielle esperou até que ela tivesse ido antes de estender a mão para mim, se contorcendo de excitação.

Então ela abriu a boca.

— Meu nome é Gabrielle Gilly, e você é ainda mais baixa do que eles disseram. Praticamente élfica! Diga-me, como você beija meu irmão? Ouvi dizer que ele é tão alto quanto uma folha perene! —

tentei responder, ou talvez rir, mas ela continuou sem fôlego. —

Suponho que devo chamá-lo de meu meio-irmão, não devo? *Maman* não gosta que você esteja aqui. Ela não gosta que eu saiba sobre ele, mas ela se foi no momento e eu realmente não me importo com o que ela pensa, de qualquer maneira. Como ele é? Ele tem cabelo ruivo? Nicholina me disse que ele tem cabelo ruivo, mas eu não gosto muito de Nicholina. Ela se acha tão inteligente, mas realmente, ela é simplesmente estranha. Muitos corações, você sabe...

— Corações? — Ansel me lançou um olhar perplexo. Como se percebesse sua falta de educação, ele se apressou em acrescentar:

— Eu sou Ansel, a propósito. Ansel Diggory.

— Os corações a mantêm jovem. — Gabrielle continuou como se ele não tivesse falado, acenando com a cabeça de uma forma

casual. — *Maman* diz que eu não deveria falar dessas coisas, mas sei o que vi, e o peito de Bellamy foi costurado em sua pira...

— Espere. — eu me senti um pouco sem fôlego ao ouvi-la. —

Desacelere. Quem é Bellamy?

— Bellamy era meu melhor amigo, mas morreu no inverno passado. Ele perdeu sua *maman* alguns anos antes disso. A irmã dele nasceu uma bruxa branca, veja, então sua *maman* a mandou morar no Chateau para ter uma vida melhor. Mas então sua *maman* morreu com o coração partido porque Bellamy não era o suficiente para ela. Ele foi o suficiente para mim, entretanto, até que ele morreu também. Agora ele não é o suficiente.

— Sinto mui... — começou Ansel, mas Gabrielle balançou a cabeça, fazendo com que seu cabelo ruivo ondulasse ao redor de seus ombros em uma onda agitada.

— Estranhos sempre dizem isso. Eles sempre dizem que sentem muito, como se fossem eles que o mataram, mas não o mataram. A neve caiu, e então Nicholina comeu seu coração. — finalmente, *finalmente*, ela parou para respirar, piscando uma, duas, três vezes, enquanto seus olhos focavam Ansel. — Oh. Olá, Ansel Diggory.

Você também é parente do meu irmão?

Ansel ficou boquiaberto. Uma risada se formou na minha garganta com a expressão boquiaberta dele, com a dela inquisitiva, e quando ela finalmente se soltou, brilhante e clara, brilhante como a lua, Absalon disparou para a proa para se proteger. Os pássaros em seus ninhos alçaram voo. Até mesmo as árvores pareciam farfalhar de agitação.

Quanto a mim, no entanto, me senti mais leve do que há semanas.

Ainda rindo, ajoelhei-me diante dela. Seus olhos castanhos encontraram os meus com uma intensidade familiar. — Mal posso *esperar* que seu irmão a conheça, Gabrielle.

Ela sorriu. — Você pode me chamar de Gaby.

Quando Nicholina e Ismay voltaram um momento depois, Nicholina vibrando sobre árvores perversas, Gaby zombou e sussurrou: — Eu disse que ela é estranha. Muitos corações.

Ansel engoliu em seco, lançando um olhar duvidoso para as costas de Nicholina enquanto ela se afastava cada vez mais,

deixando o resto de nós para trás. Ismay se aproximou muito mais do que antes. Sua coluna rígida irradiava desaprovação.

— Você realmente acha que ela... *come* corações? — ele perguntou.

— Por que ela faria isso? — eu perguntei. — E como eles a manteriam jovem?

— Sua magia vive fora do seu corpo, certo? — perguntou Gaby.

— Você conseguiu isso das cinzas de seus ancestrais na terra? —

ela continuou com sua explicação antes que eu pudesse responder.

— Nossa magia é diferente. Ele vive dentro de nós, bem dentro de nossos corações. Afinal, o coração é o centro físico e emocional de uma feiticeira de sangue. Todo mundo sabe disso.

Ansel acenou com a cabeça, mas ele não parecia saber de nada. — Porque sua magia só é acessível por meio de sangue?

— Gabrielle. — Ismay disse bruscamente, cambaleando até parar. Ela não se virou. — Já chega. Não fale mais sobre isso.

Gaby a ignorou. — *Tecnicamente*, nossa magia está em cada parte de nós, nossos ossos, nosso suor, nossas lágrimas, mas o sangue é a maneira mais fácil.

— Por quê? — perguntou Ansel. — Por que sangue sobre os outros?

Em uma explosão de clareza, lembrei-me do tour que ele me fez na Catedral de Saint-Cécile d’Cesarine. Ele conhecia cada detalhe daquele lugar profano. E o que é mais, ele passou muito do nosso tempo na Torre debruçado sobre livros encadernados em couro e manuscritos iluminados da biblioteca.

Se a natureza curiosa de Gaby servisse, ele encontrou um amigo que pensa como ele.

— Eu disse já *chega*, Gabrielle. — Ismay finalmente se virou,

plantando os punhos nos quadris para bloquear nosso caminho. Ela teve o cuidado de não olhar para mim. — Sem mais. Esta conversa é inadequada. Se Josephine soubesse...

Gaby estreitou os olhos e contornou-a, puxando-nos com ela. —

Quanto você sabe sobre a magia de Dames Blanches, Ansel Diggory?

Ismay fechou os olhos, movendo os lábios como se rezasse por paciência. Ansel deu a ela um sorriso de desculpas quando

passamos. — Não muito, receio. Ainda não.

— Eu imaginei. — jogando o cabelo sobre o ombro, Gaby pigarreou, mas um sorriso presunçoso apareceu em seus lábios. —

A magia das Dames Blanches e Dames Rouges pode ser diferente, mas também é a mesma porque cada uma requer equilíbrio.

Quando derramamos nosso sangue, enfraquecemos nossos corpos, o que nos limita. Entregamos pequenos pedaços de nós mesmos com cada encantamento e, eventualmente, *morremos* com isso. —

ela disse a última com prazer, balançando nossas mãos mais uma vez. — Bem, se não morrermos com a exposição primeiro. Ou fome.

Ou caçadores.

Ansel franziu a testa, lançando-me um olhar confuso sobre sua cabeça. Eu assisti enquanto a implicação afundava.

Coco.

Quando eu balancei a cabeça tristemente, seu rosto se contraiu.

Ismay correu atrás de nós. — Gabrielle, *por favor*, não podemos discutir essas coisas com...

— É *por isso* que o sangue é a forma mais poderosa. — Gaby continuou, ignorando-a com determinação. — Porque devemos nos sacrificar a cada corte, e isso torna os encantamentos mais fortes.

— *Gabrielle...*

— O sangue é facilmente dado. — as palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse entendê-las. Quando Gaby olhou para mim, surpresa, hesitei. Embora ela fosse claramente inteligente, ela também

ainda era uma criança, talvez apenas sete ou oito anos de idade. E ainda... ela também conhecia claramente a dor. Repeti as palavras que Coco havia me dito anos atrás. — Lágrimas, a dor que as causa, não são.

Ambos me olharam em silêncio.

— Você... — atrás de nós, a voz de Ismay vacilou. — Você conhece a nossa magia?

— Na verdade não. — parei de andar com um suspiro e Ansel e Gabrielle seguiram o exemplo. Eles assistiram com uma curiosidade transparente quando me virei para encarar Ismay. — Mas eu conheço Coco a maior parte da minha vida. Quando a conheci, ela estava... bem, ela estava tentando não chorar. — a memória de seu rosto de seis anos de idade chamejou em minha mente: o queixo

trêmulo, a expressão determinada, o lírio-do-mar amassado. Ela o agarrou com as duas mãos enquanto contava a discussão com sua tia. — Mas tínhamos seis e as lágrimas caíram mesmo assim.

Quando tocaram o solo, eles meio que se multiplicaram até que estivéssemos em uma poça, com lama até os tornozelos.

Ansel olhou para mim com olhos arregalados.

Por fim, a hostilidade de Ismay pareceu quebrar. Ela suspirou e estendeu a mão para Gabrielle, que a pegou sem reclamar. — Há muito tempo, *fizemos* experiências com magia lacrimal, mas ela se mostrou muito volátil. As lágrimas freqüentemente dominavam os aditivos e os transformavam em algo totalmente diferente. Uma solução simples para dormir pode enviar aquele que a bebeu em sono tranquilo ou... um mais permanente. Concluímos que dependia das *emoções* da bruxa quando ela derramava as lágrimas em questão.

Por mais fascinante que sua conjectura pudesse ter sido, uma sensação inexplicável de puxão começou no meu peito, me distraindo. Eu olhei ao redor. Nada parecia errado. Embora ainda não tivéssemos encontrado Etienne, não havia sinais de crime, nenhum sinal de vida em qualquer lugar, na verdade. Exceto...

Um corvo pousou em um galho na frente de nós. Ele inclinou a cabeça, curioso e olhou diretamente para mim.

Desconforto raspou minha espinha.

— O que é isso? — Ansel perguntou, seguindo meu olhar. O

corvo caiu em resposta, e o som ecoou alto ao nosso redor, reverberando através das árvores. Através dos meus ossos.

Franzindo a testa, Ismay chegou ainda mais perto de Gabrielle.

Nicholina havia desaparecido.

— É... — eu esfreguei meu peito enquanto a sensação de puxar ficou mais forte. Parecia estar me puxando... para dentro. Eu cavei meus pés, desnorteada e olhei para o céu. Luz cinza filtrada em nossa direção do leste. Meu coração afundou. Nosso tempo estava quase acabando.

Em um último esforço, liguei para os padrões de volta à vista.

Eles permaneceram tão caóticos como sempre. Em um show espetacular de temperamento - ou talvez desespero - eu os enrava, determinada a encontrar algo, *qualquer coisa*, que poderia ajudar a

localizá-lo antes que o sol realmente se levantasse. Vagamente, ouvi a voz de Ansel em segundo plano, mas eu ignorei. A pressão no meu peito construídas para quebrar o ponto. Com cada padrão que eu toquei, eu ofeguei, assustado por uma sensação inata de *erros*. Parecia... Parecia que estes não eram meus padrões. Mas isso foi ridículo, impossível...

Uma partícula de branco brilhou em meio aos cordões de ouro.

Assim que eu toquei, um único cordão branco pulsava à vida -

envolvendo meus dedos, meu pulso, meu braço - e meu sexto sentido afiado para a clareza de cristal. *Finalmente*. Com um suspiro de alívio, eu chicotei minha cabeça para o leste mais uma vez, avaliando o tempo que tínhamos.

— O que está acontecendo? — Ansel perguntou, alarmado.

— Eu o encontrei.

Sem outra palavra, rasguei a floresta, seguindo a chama branca da luz. Correndo contra o nascer do sol. Os outros correram atrás de mim e o corvo carened em sua filial caçada *indignada*! Neve voou em todos os lugares. Ferozmente esperançosa, revigorada, eu não pude deixar de sorrir.

—Onde ele está? — Ismay chorou, lutando para acompanhar. —

Como funciona?

Gaby logo a superou. — Seu... seu padrão?

Ansel tropeçou em uma raiz, quase se decapitando em um ramo inferior. — Por que agora? — eu ignorei todos eles, ignorei a queimação nos meus pulmões e corri mais rápido. Tínhamos uma chance agora, uma chance real de adquirir essa aliança. O padrão branco continuou a pulsar, levando-me mais perto e mais perto da vitória, e quase me cantando em triunfo. La Voisin não esperava que eu o encontrasse. Eu provaria que ela estava errada, eu provaria a todos que eles estavam errados.

Minha certeza perfurou um pouco enquanto as árvores se desbastavam ao nosso redor e as primeiras tendas do acampamento surgiram. — Ele está aqui? — cara corada e respiração pesada, Ismay olhou ao redor descontroladamente. —

Onde? Eu não vejo ele.

Eu diminuí a velocidade como o padrão através do acampamento, entre formas de fogo e animais enjaulados, passado

Coco e Babette, antes de curvar a inclinação em direção a...

Em direção a nossa tenda.

Eu tropecei esses últimos passos, arredondando o canto e deslumbrando para parar. O padrão estourou em uma nuvem de poeira branca brilhante, e meu sangue correu frio. O grito de Ismay confirmou o que eu já sabia. Apoiado contra o pólo da nossa barraca estava o cadáver de um jovem com cabelo ruivo.

[The Fool](#)

Reid

— Er... — Toulouse piscou para mim na manhã seguinte, seu baguette ainda pegou os dentes. Apressadamente, ele arrancou um pedaço, mastigou e engoliu, então engasgou. Thierry bateu nas costas dele com risadas silenciosas. Eu ainda não o tinha ouvido falar uma palavra. — Diga de novo?

— Sua tatuagem. — repeti rigidamente. Calor subiu no meu pescoço

com o desconforto. Eu nunca precisei fazer amigos antes.

Eu nunca precisei *conhecer* alguém. Eu simplesmente sempre conheci Célie e Jean Luc. E Lou... Basta dizer que nunca havia nenhum silêncio desconfortável em nosso relacionamento. Ela sempre os encheu. — O que significa?

Os olhos negros de Toulouse ainda regavam. — Direto para as perguntas pessoais, eh?

— Está no seu rosto.

— *Touché*. — ele sorriu, contorcendo a tatuagem em sua bochecha. Pequenas. Douradas. Uma rosa. Brilhou metálico.

Quando eu sentei ao lado dele e seu irmão para quebrar o silêncio, foi a primeira coisa que eu tinha visto. A primeira pergunta na minha boca. Meu pescoço ainda queimou. Talvez não tenha sido a pergunta certa para perguntar. Talvez fosse também. . . *pessoal*.

Como eu poderia saber? Ele esfregou a coisa em sua bochecha.

Do outro lado do fogo, Madame Labelle comia queijo de café da manhã e presunto salgado, com Zenna e Seraphine. Claramente, ela esperava fazer amizade com elas do mesmo jeito que ela esperava que eu fizesse com os St. Martins. Suas tentativas haviam

sido encontradas com mais entusiasmo do que as minhas; Zenna sob seu louvor, inchada como um pavão. Mesmo a Seraphine parecia relutantemente satisfeita com a atenção. Atrás deles, Beau amaldiçoou. Deveraux o tinha coagido a ajudar com os cavalos, e soava como se tivesse acabado de entrar em esterco.

Minha manhã poderia ter sido pior. Ligeiramente amolecido, voltei minha atenção para Toulouse e Thierry.

Quando eles entraram no vagão âmbar na noite passada, eu fingi dormir, dilacerado pela indecisão. Ainda não parecia certo, o plano da minha mãe. Ainda parecia enganoso fingir amizade. Mas se o engano derrotasse Morgane, se ajudasse Lou, eu poderia fingir.

Eu poderia tolerar magia.

Eu poderia ser amigo de qualquer um aqui.

Toulouse tirou um baralho de seu bolso, sacudindo uma única carta

em minha direção. Eu peguei instintivamente. Em grossas tintas em preto, branco e dourado, a carta retratava um menino em um penhasco. Ele segurava uma rosa na mão. Um cachorro estava a seus pés.

Meu primeiro instinto foi recuar. A Igreja nunca tolerou cartas de tarô. O arcebispo aconselhou o rei Auguste a proibir todos os tipos deles de Cesarine anos atrás. Ele alegou que sua adivinhação zombava da onisciência de Deus. Ele reivindicou que aqueles que participassem disso seriam condenados ao inferno.

Ele reivindicou tantas coisas.

Limpei minha garganta, fingindo interesse. — O que é isso?

— O bobo. — Toulouse tocou a rosa na bochecha. — Primeira carta que eu tirei. Eu fiz como um lembrete da minha inocência. —

meus olhos se fixaram em suas mãos. Símbolos pretos decoravam a pele ali, uma tatuagem em cada uma de suas juntas. Eu vagamente reconheci um raio. Um escudo. — As cartas dos Arcanos Maiores — explicou ele. — Vinte e dois ao todo. Dez em meus dedos. Dez na ponta dos pés. Um na minha bochecha e outro... em outro lugar.

Ele esperava uma risada disso. Tarde demais, forcei uma risada.

O som saiu seco, áspero, como uma tosse. Ele e Thierry trocaram um olhar divertido às minhas custas e eu cerrei os dentes de frustração. Eu não sabia o que dizer. Não sabia como fazer uma

transição suave para outro tópico. Deus, por que eles não *diziam* algo? Outro silêncio ameaçou surgir. Em pânico, olhei para minha mãe, que me olhou incrédula. Quando ela acenou com a mão com impaciência, murmurando. "*Vá em frente.*" Zenna não escondeu o riso. Seraphine, no entanto, tirou uma Bíblia de sua bolsa e começou a ler.

Meu estômago se apertou.

— Uh... — eu parei, sem ter certeza de como terminar. *Vocês dois são bruxos? Há quanto tempo vocês sabem? Seus poderes se manifestaram depois de matar brutalmente seu patriarca? Vocês se juntaram a nós em uma batalha de morte contra Morgane?* Cada pergunta sacudiu em torno do meu cérebro, mas de alguma forma, eu não acho que eles apreciariam. Infelizmente, eles também não pareciam dispostos a acabar com meu sofrimento. E seus sorrisos, eles eram quase benignos demais. Como se eles gostassem de me ver me contorcer.

Provavelmente tentei matá-los em algum momento.

Voltando-me rapidamente para Thierry, deixei escapar: — Qual é a sua atuação?

Os olhos de Thierry, negros e insondáveis, perfuraram os meus.

Ele não respondeu. Eu me encolhi no silêncio. Minha voz estava muito alta, muito curta. Um grito em vez de uma pergunta civilizada.

Pelo menos Beau ainda não havia retornado para testemunhar meu fracasso. Ele teria rido até ficar rouco. O poderoso Reid Diggory, o mais jovem capitão dos Chasseurs, ganhador de quatro medalhas de honra por sua bravura e excelente serviço, caiu por causa de uma conversa fiada com estranhos. Que piada.

— Ele não fala. — disse Toulouse depois de outro momento doloroso.
— Não é como você e eu.

Eu agarrei sua resposta como uma tábua de salvação. — Por que não?

— A curiosidade matou o gato, você sabe. — com um movimento do pulso, ele cortou as cartas, embaralhando-as na velocidade da luz.

Eu devolvi seu sorriso educado com um meu. — Eu não sou um gato.

— Justo. — ele construiu uma ponte sobre o convés. — Meu irmão e eu somos médiuns residentes aqui na Troupe de Fortune.

— Médiuns?

— Isso mesmo. Estou lendo seus pensamentos neste exato momento, mas prometo não compartilhar. Derramar os segredos de uma pessoa é muito parecido com derramar seu sangue. Uma vez feito, está feito. Não há como voltar atrás.

Eu fiz uma careta. Eles não eram a mesma coisa. — Você já derramou sangue?

Seu olhar foi para Thierry por meio segundo - menos de meio segundo - mas eu ainda vi. Ele continuou sorrindo. — Isso não é da sua conta, amigo.

Eu o encarei. *Médiuns*. Isso soou como mágica para mim. Meu olhar passou sub-repticiamente pelas roupas deles. Ao contrário dos outros, os deles eram escuros. Simples. As roupas de homens que não queriam ser lembrados. Inclinei-me mais perto com o pretexto de examinar

Toulouse. Tão perto, eu podia sentir o cheiro de terra fraca em sua camisa. A doçura ainda mais fraca em sua pele. O

cabelo dele.

— Você admite, então. — eu disse cuidadosamente. O cheiro em si não era prova. Poderia ter ficado com ele de outro. O próprio Claud tinha um cheiro peculiar. — Você usa... Magia.

Toulouse parou de se embaralhar. Se possível, seu sorriso cresceu, como se ele estivesse esperando por isso. A cautela apertou meu pescoço, meus ombros, quando ele voltou a estalar suas cartas. — Uma pergunta interessante de um Chasseur.

— Eu não sou um Chasseur. — o aperto aumentou. — Não mais.

— Sério? — ele segurou um cartão no ar, seu rosto apontado para longe de mim. — Diga-me, que cartão é este?

Eu encarei ele, confuso.

— Sua reputação o precede, Capitão Diggory. — ele deslizou de volta para o convés. Ainda sorrindo. Sempre sorrindo. — Eu estava lá, você sabe. Em Gévaudan.

Meu coração deu um salto doloroso.

— A Troupe de Fortune tinha acabado de terminar nossa última apresentação da temporada. Havia um menino na platéia, não

poderia ter mais de dezesseis anos, que simplesmente *adorava* as cartas. — Ele deve ter nos visitado, o quê, três vezes naquela noite?

— ele olhou para Thierry, que assentiu. — Ele não podia pagar um spread completo, então eu puxei um único cartão para ele a cada vez. O *mesmo* cartão para ele todas as vezes. — seu sorriso se endureceu em uma careta. Ele não foi o único. Meus ombros doeram de tensão. No próximo segundo, entretanto, ele se iluminou mais uma vez. — Não pude mostrar a ele, é claro. Isso o teria assustado loucamente. Na manhã seguinte, nós o encontramos morto ao lado de Les Dents, deixado para apodrecer ao sol como um atropelado. Um Chasseur cortou sua cabeça. Ouvi dizer que ele o aproveitou para uma bela capitania.

— Deixe-me dizer a você. — Toulouse balançou a cabeça, coçou o pescoço distraidamente. — A Besta de Gévaudan não aceitou bem. Um

amigo meu disse que você podia ouvir seus uivos de raiva e pesar por todo o caminho em Cesarine.

Lancei um olhar furtivo para minha mãe. Ele viu.

Inclinando-se para a frente sobre os cotovelos, ele falou suavemente.

— Ela não sabe, não é? Nenhum deles sabe. Para alguém que nunca se apresentou, você está fazendo um bom trabalho.

A significância envolvia sua voz. Eu não gostei de sua implicação.

Thierry nos observou impassível.

— Eles acham que Blaise vai te ajudar a matar Morgane. —

Toulouse disse, se inclinando ainda mais. — Mas eu não acho que Blaise algum dia se aliará ao homem que matou seu filho. Talvez eu esteja errado, no entanto. Já aconteceu antes. Por exemplo, eu pensei que apenas Chasseurs estivessem no negócio de matar bruxas, mas aqui está você. — seus olhos caíram para a Balisarda ainda presa ao meu peito. — *Não um Chasseur.*

Meus dedos se enrolaram em torno do cabo protetoramente. —

É uma arma poderosa. Seria tolice parar de carregá-la. — as palavras soaram defensivas, mesmo para mim. Em sua expressão superior, acrescentei. — E matar Morgane é diferente. Ela também quer nos matar.

— Tanta matança. — ele meditou, virando o cartão entre os dedos. Eu ainda não conseguia ver seu rosto. Apenas as tintas douradas e pretas nas costas. Eles giraram juntos na forma de um crânio, um crânio malicioso com rosas nos olhos e uma cobra entrelaçada entre os dentes. — Você diz que não é mais um Chasseur. Prove. Que carta estou segurando na mão?

Mandíbula cerrada, eu ignorei o silvo suave em meu ouvido. —

Você é o vidente. Como eu deveria saber?

Nos procure, nos procure, nos procure.

Seu sorriso finalmente sumiu. Um olhar frio o substituiu, me gelando até os ossos. — Deixe-me ser claro. Claud pode confiar em você, mas eu não. Não é nada pessoal. — acrescentou ele, encolhendo os ombros. — Eu não confio em ninguém, é assim que pessoas como nós

permanecem vivas, não é?

Pessoas como nós.

As palavras pairaram entre nós, conscientes, e o silvo em meu ouvido ficou mais alto, mais insistente. *Encontramos os perdidos. Os perdidos estão aqui. Nos procure, nos procure, nos procure...*

— Eu sei o que você quer de mim. — disse ele, a voz dura com determinação. — Então vou lhe perguntar uma última vez: que carta estou segurando?

— Eu não sei! — eu gritei, batendo a porta nas vozes, recuando de seus gritos profanos. Minhas mãos tremiam com o esforço. O

suor gotejou da minha testa.

— Diga-me se você descobrir. — os lábios de Toulouse se apertaram em decepção. Ele devolveu a carta ao baralho, levantando-se. Thierry acompanhou seus movimentos. — Até então, eu apreciaria se você ficasse longe de mim, capitão. Ah, e... — ele deu outro sorriso, lançando um olhar astuto na direção de minha mãe. — Boa sorte com sua performance.

Blood Drops

Lou

As bruxas de sangue chamavam de pendência - o tempo entre esta vida e a próxima. "A alma permanece terrestre até que as cinzas ascendem." Gabrielle murmurou, segurando uma xícara do sangue de sua mãe. Idêntico em sua dor, suas bochechas ficaram pálidas, os olhos molhados e inchados. Eu não podia entender sua dor.

Etienne Gilly não morreu de exposição ao frio ou fome. Seu corpo havia sido queimado além do reconhecimento, exceto...

exceto pela cabeça dele.

Ansel vomitou quando caiu dos ombros carbonizados de Etienne, rolando para tocar minhas botas. Eu quase sucumbi também. A carne rasgada de sua garganta comunicou tormento indescritível, e eu não queria imaginar qual horror ele sofreu, primeiro ser queimado ou decapitado vivo. Pior ainda, os sussurros horrorizados das bruxas haviam confirmado Etienne não tinha sido o primeiro. Um punhado de contos semelhantes havia atormentado o campo desde o

Modraniht, e todas as vítimas compartilharam um tópico comum: rumores de suas mães flertando com o rei.

Alguém estava visando os filhos do rei. Torturando eles.

Com minhas mãos paradas no cabelo de Gaby, meus olhos se agitando para onde Coco e Babette ficaram vigiando sobre a pira de Etienne. Ele era um pouco mais que cinzas agora.

Ao encontrar seu corpo, La Voisin não tinha sido gentil.

Coco tirou o pior de isso, embora sua tia deixasse claro que ela *me* culpou. Afinal, Etienne havia desaparecido quando ela concordou em me acolher. Seu corpo havia sido colocado na minha

tenda. E eu tinha sido levada a ele, de alguma forma, pelo padrão branco. No caos que se seguiu - o pânico, os gritos - eu percebi rapidamente que não era meu. Estive dentro da minha cabeça, dentro da minha visão, mas não tinha pertencido a mim. Meu estômago ainda rolou para a violação.

Isso foi trabalho manual da minha mãe. Tudo isso. Mas *por quê?*

A questão me atormentou, consumindo meus pensamentos. Por que aqui? Por que *agora*? Ela havia abandonado seu plano de me sacrificar? Ela decidiu fazer o reino sofrer pouco a pouco, criança por criança, em vez de matá-los de uma só vez?

Uma parte pequena e feia de mim chorou com alívio na possibilidade, mas... Ela cortou a cabeça de Etienne. Ela queimou-o e o deixou na minha tenda. Não poderia ser uma coincidência.

Foi uma mensagem, outro movimento doente em um jogo que eu não entendia.

Ela queria que eu soubesse que ele sofria. Ela queria que eu soubesse que era minha culpa. *Se você tentar fugir, ela me disse, eu vou pegar seu caçador e te alimentar com seu coração.* Eu não tinha ouvido seu aviso. Eu fugi de qualquer maneira, e eu levei meu caçador comigo. Isso poderia ser sua retaliação?

Esse mal hediondo poderia ser menos pelo rei e mais para mim?

Com uma respiração profunda, voltei a passar a mão no cabelo de Gaby. Minhas perguntas poderiam esperar apenas mais algumas horas. *Morgane* podia esperar. Após a ascensão esta noite, sairíamos para

voltar a Reid na estrada pela manhã, com ou sem a aliança de La Voisin. O plano havia mudado. Se Morgane estava caçando ativamente os filhos do rei, Reid e Beau estavam em perigo mais grave do que esperávamos. Eu precisava encontrá-los, lhes contar seu plano, mas primeiro...

Gaby assistiu em silêncio enquanto Ismay mergulhou um dedo no sangue, como ela acrescentou um estranho símbolo ao pote em seu colo. Embora eu não tenha entendido o ritual, as marcas que ela pintou parecia antiga e pura e... lutuoso. Não mais do que triste.

Angustiado. Completamente e irrevogavelmente desolado. Gaby fungou, limpando os olhos.

Eu não podia deixá-la. Ainda não, e não apenas por causa de sua dor. Se Reid e Beau estivessem em perigo, ela também estava.

Morgane acabara de provar que ela poderia se esgueirar pelas defesas de La Voisin.

Ansel enfiou os joelhos no queixo, observando em silêncio como Ismay continuou a cobrir o vaso branco com sangue. Quando terminaram, Ismay dispensou a si mesma, e Gaby se virou para mim. — Você conseguiu sua aliança?

— Gaby, não se preocupe...

— Você *conseguiu*?

Eu terminei sua trança, amarrando-a com uma fita escarlate. —

La Voisin não decidiu.

Seus olhos castanhos eram sérios. — Mas você fez um acordo.

— eu não tinha o coração para dizer a ela que havia um pouco de área cinzenta nesse acordo, se eu encontrei seu irmão morto ou vivo, por exemplo. Eu bati na trança sobre o ombro dela. — Tudo vai funcionar.

Satisfeita com a minha resposta, ela voltou sua atenção para Ansel em seguida. — Eu posso ler seus lábios, se você quiser. —

assustado de seu devaneio, ele corou e rasgou o olhar de Coco. —

Eles não estão falando de nada emocionante, no entanto. — ela se inclinou para frente, franzindo os lábios em concentração. — Algo sobre os chasseurs queimando um bordel. Seja o que for. —

sentando-se mais uma vez, ela deu um tapinha no joelho de Ansel.

— Eu gosto da *princesse*, mesmo que algumas pessoas não.

Espero que ela te beije. Isso é o que você quer, não é? Eu só quero que isso aconteça se você quiser que isso aconteça, e se ela quiser aconteça também. Minha *maman* diz que é chamado de *consentimento*...

— Por que algumas pessoas não gostam da Coco? — eu perguntei, ignorando a mortificação dos olhos arregalados de Ansel.

Irritação picada perigosamente perto de raiva em sua implicação, e eu olhei para as poucas bruxas de sangue ao nosso redor. — Eles devem reverenciar ela. Ela é a *princesse* deles.

Gaby brincou com a fita. — Oh, é porque sua mãe nos traiu, e nós perambulamos no deserto desde então. Aconteceu há muito tempo, antes de eu nascer. Provavelmente mesmo antes de Cosette nascer.

Uma onda doentia de arrependimento varreu por mim. Em todos os anos em que Coco e eu nos conhecíamos, nunca falamos de sua mãe. Eu sempre assumi que a mulher era uma Dame Blanche—

Dames

Rouges,

eram

incrivelmente

raras,

nascidas

imprevisivelmente, como as com daltonismo ou albinismo, mas eu nunca a procurei no Chateau quando criança. Eu não queria olhar para uma mãe que poderia abandonar sua própria filha.

A ironia da minha própria situação não estava perdida para mim.

— La Voisin sempre conta sobre como *governamos esta terra de sua concepção, muito antes dos deuses envenenaram com magia morta*. — continuou Gaby. Sua imitação da voz baixa de La Voisin calma rígida era estranha. — Eu estou assumindo que significa que ela é antiga. *Eu* acho que ela come os corações como Nicholina, mas *Maman* me proíbe de dizer isso. — Quando ela olhou atrás de sua mãe, seu queixo

balançou um pouco.

— Faça isso de novo. — eu disse rapidamente, esperando distraí-la. — Outra imitação. Você foi maravilhosa.

Ela se iluminou ligeiramente antes de torcer o rosto em uma carranca exagerada. — *Gabrielle*, eu não espero que você entenda *o legado que sempre foi e o que será sempre*, mas *por favor*, abster-se de colar meus auguros e levá-los para passear. Eles não são animais de estimação.

Eu sufocava um bufo e puxei sua trança. — Vá em frente, então.

Junte-se à sua mãe. Talvez ela precise de uma risada também.

Ela saiu com pouco mais convincente, e eu coloquei minha cabeça no ombro de Ansel. Seu olhar retornou a Coco e Babette. —

Levante a cabeça. — eu disse suavemente. — O jogo ainda não acabou. Ela é apenas uma nova peça no tabuleiro.

— Essa não é a hora.

— Por que não? O sofrimento de Ismay e Gabrielle não diminui o seu próprio. Precisamos falar sobre isso.

Enquanto ainda podemos, não adicionei.

Descansando a cabeça sobre a minha própria, ele suspirou. O

som puxou meu coração. Essa vulnerabilidade nua necessita de força. Isso requer coragem. — Já existem muitas peças no tabuleiro, Lou. E eu não estou jogando um jogo. — ele terminou miseravelmente.

— Se você não joga, você não pode ganhar.

— Também não pode perder.

— Agora você acabou de soar petulante. — eu levantei minha cabeça para olhar para ele. — Você disse a ela como se sente?

— Ela me vê como um irmãozinho...

— *Você já...* — me afasto para procurar seus olhos quando ele desviou o olhar. — Disse a ela... — eu me inclinei mais para mais perto... — *Como você se sente?*

Ele deu outro suspiro, este impaciente. — Ela já sabe. Eu não escondi isso.

— Você também não se dirigiu sobre isso. Se você quer que ela veja você como homem, comece a *agir* como um homem. Tenha a conversa.

Ele olhou de novo para Coco e Babette, que se abraçavam juntas contra o frio.

Eu não fiquei surpresa. Esta não foi a primeira vez que Coco havia revisitado Babette, sua mais velha amiga e amante, para o conforto em tempos de tensão. Nunca terminou bem, mas quem era para questionar as escolhas de Coco? Eu me apaixonei por um chasseur, pelo amor de Deus. Ainda assim, odiei isso para Ansel.

Realmente. E embora eu também odiava a mim pela parte que agora joguei em seu eventual desgosto, não consegui assistir enquanto ele ansiava por um amor não correspondido. Ele precisava perguntar. Ele precisava saber.

— E se ela disser não? — ele respirou, tão silenciosamente agora que li seus lábios em vez de ouvir sua voz. Ele procurou meu rosto impotente.

— Você terá sua resposta. Você segue em frente.

Se fosse possível ver uma parada cardíaca, vi então nos olhos de Ansel. Ele não disse mais nada, no entanto, e eu também.

Juntos, esperamos pelo sol se pôr.

As bruxas de sangue não se reuniam nas piras de uma só vez; Elas coletaram gradualmente, em pé no silêncio melancólico, dando as mãos em cada novo lamento enquanto vieram. Ismay e Gabrielle estavam na frente, chorando suavemente.

Todos usava escarlate, seja um manto ou um chapéu ou uma camisa, como o meu.

— Para honrar seu sangue. — disse Coco a Ansel e eu antes de nos juntarmos à vigília, envolvendo um lenço vermelho em volta do pescoço. — E sua magia.

Ela e La Voisin haviam vestido grossos vestidos de lã de escarlate com cascas de furar a pele. Embora as silhuetas fossem simples, os conjuntos pintaram-as como um retrato impressionante.

Círculos tecidos adornavam suas sobrancelhas e dentro das videiras de prata, gotas de rubis brilham. *Gotas de sangue*, Coco os chamou. Enquanto eu assistia os dois juntos nas piras - altas, régias e orgulhosas - eu poderia imaginar o tempo da qual Gaby tinha falado. Um momento em que as dames rouges foram onipotentes e eternas. Imortais entre os homens.

Nós governamos esta terra de sua concepção, muito antes dos deuses envenenaram com magia morta.

Eu suprimi um arrepio. Se La Voisin comia os corações dos mortos para viver eterno, não era meu negócio. Eu era um estranho aqui. Uma clandestina. Esta vigília em si provou que eu não entendi seus costumes. Eu provavelmente estava lendo muito em sua persona, de qualquer maneira. É verdade que La Voisin poderia ser intimidante, e esse livro dela era certamente assustador, mas...

rumores. Isso é tudo que eles eram. Certamente esta multidão saberia se o seu líder colheu corações. Certamente eles se oporiam.

Certamente, Coco teria me dito.

Não é da sua conta.

Eu me concentrei nas brasas da pira de Etienne. Mas o que significa magia *morta*?

Quando o sol tocou os pinheiros, Ismay e Gaby se moviam em sincronia, varrendo as cinzas para o pote *caiwashed*. Gabrielle agarrou-o para o peito, e um soluço escapou dela. Embora Ismay a abraçasse firmemente, ela murmurou palavras de conforto. De fato, ninguém disse uma palavra enquanto as duas começaram na floresta. Uma espécie de procissão ritualística formada, primeiro Ismay e Gaby, segundo La Voisin e Coco, terceiro Nicholina e Babette.

Os outros enlutados foram atrás deles até que todo o acampamento trilhou um caminho não dito através das árvores, um caminho que conheciam bem, parecia. Ainda assim ninguém falou.

"Uma alma travada entre esta vida e a próxima é agitada."

explicou Coco. "Confuso. Eles nos veem aqui, mas não podem nos tocar, não podem falar conosco. Nós acalmamos eles com silêncio e os levamos ao bosque mais próximo."

Um bosque. O local de descanso final de uma bruxa de sangue.

Ansel e eu esperamos até que o último Mourner tivesse passado antes de se juntar à procissão, viajando mais fundo na floresta. A cauda de Absalon logo escovou minhas botas. Para o meu desalento, uma raposa negra se juntou a ele. Ela perseguiu as sombras mais próximas de mim, seu nariz pontudo girando na minha direção com cada poucos passos, seus olhos âmbar brilhando. Ansel ainda não tinha notado, mas logo ele faria. Todo mundo faria.

Eu nunca tinha ouvido falar de uma pessoa atraindo dois matagots.

Miserável, concentrei-me na trança de Auburn de Gaby através de uma lacuna na procissão. Ela e Ismay diminuem quando entramos em um bosque de vidoeiros prateados. A neve revestiu seus filiais fios, iluminados por luz branca macia, já que Feu Follet piscou em existência ao nosso redor. Lendas alegam que levam aos desejos mais profundos do coração.

Minha mãe já me contou sobre uma bruxuleira que os seguiu.

Ela nunca foi vista novamente.

Agarrando Ansel mais apertado quando ele ia olhar para eles, eu murmurei: — Não olhe.

Ele piscou e interrompido no meio do passo, balançando a cabeça. — Obrigado.

Dos filiais fiasas das vesícitas, uma dúzia de vasos de barro soprava suavemente ao vento. Símbolos marrons avermelhados foram pintados em cada um em projetos únicos e sinos de vento -

completos com penas e contas - penduravam mais. Os poucos potes sem adornos pareciam ser tão antigos que suas marcas haviam lascado e apodrecido dos elementos. Em unísono, La Voisin e Coco tiraram punhais gêmeos de suas capas, derrubaram seus colares e desenharam as lâminas em seus peitos nus, usando sangue fresco para pintar sobre os símbolos desbotados. Quando

terminaram, Ismay se juntou a eles, aceitando um punhal e fazendo um corte idêntico em seu próprio peito.

Eu assisti com fascinação enquanto ela pintava um último símbolo no pote de seu filho. Quando ela pendurou com os outros, La Voisin apertou as mãos e levou a procissão adiante. Todos os olhos se voltaram para ela. — Suas cinzas e espírito ascendem.

Etienne, conheça a paz.

Um soluço escapou do Ismay quando La Voisin inclinou a cabeça, terminando a cerimônia simples. Seu parente correu para consolar ela.

Coco se soltou da multidão e nos encontrou um momento depois, seus olhos prateados com lágrimas. Ela revirou-os determinadamente em direção ao céu e soltou um grande suspiro.

— Eu não vou chorar. Eu não vou.

Eu ofereci-lhe o meu cotovelo livre, e ela ligou o dela através do meu, formando uma corrente humana. O corte no peito ainda sangrou livremente, manchando o pescoço de seu vestido. — É

perfeitamente aceitável chorar em funerais, Coco. Ou a qualquer momento que você quiser, por esse assunto.

— É fácil para você dizer. Suas lágrimas não vão colocar o mundo em chamas.

— Isso é uma merda. — ela deu uma risada fraca e o calor se espalhou por mim ao som. Fazia muito tempo desde que fizemos isso. Muito tempo desde que nós falamos tão simplesmente. — Este lugar é lindo.

Ansel acenou para o pote de Etienne, onde o sangue de Ismay ainda brilhava contra a argila branca. — O que significa as marcas?

— São feitiços.

— Feitiços?

— Sim, Ansel. Feitiços. Eles protegem nossos restos daqueles que os usariam para fins sujos. Nossa magia vive com nossas cinzas. — explicou ela em sua sobrelanceada sulcada. — Se nós os espalhamos através da terra, nós apenas fortalecemos nossos inimigos. — aqui, ela me deu uma aparência apologetica, mas eu apenas dei de ombros. Nossos parentes podem ser inimigos, mas nós não somos eles.

Lágrimas frescas se reuniram quando seu olhar voltou para os potes. Para ismay chegando abaixo deles.

— Eu quase nem conhecia ele. — ela sussurrou. — É só que...

tudo isso... — ela acenou com a mão ao nosso redor e pendurou a cabeça. Seu braço ficou inerte. — É minha culpa.

— O quê? — deixando cair o cotovelo de Ansel, eu girei para agarrar os ombros dela. — Coco, não. *Nada* disso é sua culpa. Seu povo, eles nunca te culpariam pelo que aconteceu aqui.

— Esse é exatamente o ponto, não é? — ela limpou os olhos furiosamente. — Eles deveriam. Eu os abandonei. *Dois vezes*. Eles estão congelando e morrendo de fome e com tanto medo, mas sua própria *princesse* não pode se incomodar em se importar. Eu deveria ter estado aqui, Lou. Eu deveria ter... eu não sei...

— Controlado o tempo? — minhas mãos se juntaram a dela, limpando suas lágrimas. Embora eles queimassem minha pele, eu não me afastei, piscando rapidamente contra a umidade em meus próprios olhos. — Derrotado Morgane sozinha? Você não sabia, Coco. Não se culpe.

— Sim, eu me culpo. — ela arrancou a coroa da cabeça, olhando para os rubis brilhantes. — Como posso liderá-los? Como posso até *olhar* para eles? Eu sabia o sofrimento deles e fugi de qualquer maneira, enquanto suas condições só pioraram. — ela jogou a coroa na neve. — Eu não sou *princesse*.

Para minha surpresa, talvez porque eu tinha esquecido que ele ainda estava com a gente, Ansel se abaixou para recuperá-la. Com as mãos

incrivelmente gentis, ele colocou de volta na cabeça dela.

— Você está aqui agora. Isso é o que importa.

— E você é nosso *princesse, mon amour*. — disse Babette, aparecendo ao seu lado. Ela sorriu para Ansel, não ardiloso mas genuíno, e endireitou a coroa de Coco. — Se não estivesse no sangue, está em seu coração. Nenhum outro se importa muito. Você é melhor que todos nós.

Ambos olhavam para ela com um afeto tão quente, com *adoração*, que meu coração torceu. Eu não invejo a escolha dela. E

Beau... Ele nem sequer estava aqui para oferecer seu rosto bonito e escarnecedor como uma alternativa. Tirando pena dela, eu virei os ombros para a encarar. — Eles estão certos. Você está fazendo

tudo o que pode para ajudá-los agora. Quando Morgane estiver morta... Quando eu... Depois, seu povo será bem-vindo no Chateau novamente. Nós só precisamos manter o foco.

Embora ela assentiu rapidamente, instintivamente, seu rosto permaneceu sombrio. — Eu não tenho certeza se ela vai se juntar a nós, Lou... Ela...

Um grito interrompeu o resto de suas palavras, e Ismay correu pela multidão, com um rosto selvagem. — Onde está Gabrielle?

Onde ela está? — ela girou, gritando. — *Gabrielle!* — embora mãos se estendessem para a mão dela, embora a própria Voisin tentasse acalmá-la com palavras constantes e toques suaves, Ismay ignorou todos eles, correndo em minha direção com olhos frenéticos. Ela agarrou meus braços com força suficiente para machucar. — Você viu minha filha?

Pânico fechou minha garganta. — Eu...

— Ela poderia ter seguido o Feu Follet? — colocando uma mão em Ismay, Coco tentou e não conseguiu me livrar. — Quando foi a última vez que você a viu?

Lágrimas derramaram nas bochechas de Ismay, salpicando a neve com flores negras. Begônias. Eu aprendi o significado deles de um tutor naturalista no Chateau. — Eu, eu não lembro. Ela estava comigo durante a procissão, mas eu soltei a mão dela para terminar o pote de Etienne.

Cuidado.

Eles queriam ter *cuidado*.

— Não entre em pânico. — disse outra bruxa. — Esta não é a primeira vez que a Gabrielle sumiu. Não será a última.

— Tenho certeza que ela está bem. — outra acrescentou. —

Oprimida, talvez. Tanta dor é difícil em alguém tão jovem.

— Estávamos bem aqui. — disse uma terceira, expressando o que todo mundo estava pensando. — Certamente ninguém poderia ter roubado do coração do nosso grupo. Nós teríamos visto.

— Elas estão certas. — Coco finalmente conseguiu afrouxar o aperto de Ismay, e o sangue correu de volta para os meus braços.

— Vamos encontrá-la, Ismay. — quando ela olhou para mim, no entanto, seus olhos disseram o que sua boca não fez: *de uma forma ou de outra*.

Eu apenas escutei como as bruxas de sangue se espalharam pelo bosque em busca dela.

Eu sabia em meus ossos o que aconteceu aqui. Morgane deve ter se alegrado quando descobriu não um, mas *dois* dos filhos do rei escondidos neste acampamento. Seu tempo, como sempre, tinha sido seguro. Ela planejou isso.

Vinte e sete filhos, Madame Labelle havia dito. O rei havia tido vinte e sete filhos em sua última contagem. Certamente, encontrá-

los seria como encontrar agulhas em um palheiro. Mas Morgane não era nada se não tenaz. Ela os encontraria, ela os torturaria, e ela os mataria. E foi tudo por minha causa.

— Olhe aqui! — uma bruxa desconhecida chorou depois de vários momentos longos. Toda pessoa na clareira se virou para olhar para o que ela segurava em suas mãos.

Uma fita escarlate.

E lá manchando as palmas da bruxa com o contato...

Sangue.

Eu fechei meus olhos na derrota.- A memória da cabeça de Etienne na minha bota me encontrou, de qualquer jeito - forçando-os a abrir mais uma vez. Seria a cabeça de Gabrielle em seguida.

Mesmo agora, neste exato momento Morgane poderia estar mutilando seu corpo minúsculo. Ela cutucaria sua trança ruiva e cortaria sua garganta clara...

Os gritos de Ismay ficaram histéricos, e os outros logo entenderam sua ligação em pânico.

Gabrielle! Gabrielle! Gabrielle!

Seu nome ecoou dentro do bosque, entre as árvores. Dentro da minha mente. Como se em resposta, o Feu Follet piscou um por um, nos deixando na escuridão. Apesar de suas tentativas frenéticas de conjurar um feitiço de rastreamento, eles conheciam seu destino tão bem quanto eu. Todos nós sabíamos.

Gabrielle não respondeu.

Ela nunca responderia.

Finalmente, Ismay caiu de joelhos, chorando, batendo na neve em angústia.

Eu envolvi meus braços ao redor da minha cintura, dobrando contra a náusea, mas uma mão pegou minha nuca, me forçando em

pé. Frio, olhos escuros encontraram os meus. — Reconponha-se.

— o aperto de La Voisin endureceu. Quando tentei me afastar, mordendo de volta um grito de dor, ela me observou lutar com uma determinação sombria. — Seu desejo foi concedido, Louise Le Blanc. As Dames Rouges vão se juntar a você em Cesarine, e eu mesma vou render sua mãe batendo o coração do peito dela.

The First Performance

Reid

Crepúsculo havia se instalado sobre a Domaine-les-Roses quando Claud levou o seu palco na noite seguinte, uma fonte rachada na praça da cidade, sua bacia cheia de folhas e neve. Gelo revestiu o aro, mas ele não escorregou enquanto dançava ao longo dele. Ele tocou um bandolim em um ritmo animado. O público gritou em sua aprovação.

Alguns divididos em casais, rindo e girando descontroladamente, enquanto outros tomavam pés de Seraphine com pétalas. Sua voz subiu acima da multidão. Sobrenatural.

Apaixonado. Muito lindo para ser humano.

Quando eu puxei minhas calças de couro, mal-humorado, minha mãe inclinou a xícara para mim. No interior, um líquido rosa-colorido rodando. Os aldeões de Domaine-Les-Roses fermentaram seu próprio vinho de pétala. — Isso pode ajudar, você sabe.

Eu arqueei uma sobrancelha, reajustando minhas calças novamente. — Eu duvido disso.

Ela vestiu um vestido novo para o nossa performance esta noite.

Preto e branco. Extravagante. As bordas de sua máscara foram aparadas com plumas ridículas. Ainda assim, ninguém agrediu *ela* com kohl.

Meus olhos queimavam. Coçando.

Zenna não me disse como removê-lo sem cegar a mim mesmo.

Pior ainda, Deveraux não tinha fornecido uma camisa com minha fantasia. Eu fui forçado a amarrar minha bandoleira ao meu peito nu.

Embora eu tenha colocado um casaco por amor próprio, e para

proteger contra o vento amargo, eu duvidava que ele permitiria que eu usasse durante a performance da *Red Death's*.

Eu disse a mim mesmo que era para o melhor. Se um chasseur se escondeu na platéia, ele não me reconheceria. Ele não suspeitaria do que uma vez foi seu grande capitão aparecendo sem camisa. De arremessador de facas ou alinhando os olhos com cosméticos. De usar uma máscara que se estendeu em chifres. Eu era ridículo. Degradado. O calor queimou minha garganta, meus ouvidos, com uma lembrança surgindo.

Não vai te matar se divertir um pouco, você sabe.

Eu sou um Chasseur, Lou. Nós não... Nós não... Nos divertimos.

Olhando para as festividades da inclinação de um Boulangerie, eu assisti como Beau teceu através da platéia com uma lata e capuz. Em sua mão livre, ele segurou uma foice de madeira.

Deveraux tinha pensado numa adição adequada ao traje sinistro. No beco ao nosso lado, Toulouse e Thierry criaram uma tenda para prestar seus serviços. Para atrair os fracos com promessas de futuros com fama e cheio de fortuna. As mulheres desfilavam por eles, batendo seus cílios. Soprando beijos. Eu não pude entender isso.

— Eles são bonitos. — Madame Labelle explicou, sorrindo enquanto Toulouse pegou a mão de uma menina e beijou-a. — Você não pode culpá-los por isso.

Eu posso, e eu fiz. Se os conjuntos de penas dos aldeões eram qualquer indicação, a Domaine-les-rosas era uma cidade bizarra.

— Ser jovem e bonito não é um crime, Reid. — ela apontou para a jovem mais próxima de nós, que estava me observando há um quarto de hora. Negra. Loira. Rechonchuda. — Você também tem muitos admiradores.

— Eu não estou interessado.

— Ah, sim. — ela piscou para seus próprios admiradores. — Por um momento, eu esqueci que estou falando com o inexorável santo Reid.

— Eu não sou um santo. Eu sou casado.

— Com quem? Louise Larue? Temo que essa garota não exista.

Meus dedos param em volta da faca na minha mão. — E qual é o meu nome, *Maman*? — ela endureceu com a palavra, seus olhos

se arregalaram. Satisfação passou através de mim. — Diggory, Lyon ou Labelle? Devo escolher um arbitrariamente? — quando ela não respondeu, abrindo e fechando as a boca, cor florescendo em suas bochechas, eu me afastei. Retomando a rotação da minha faca. —

Um nome não é uma pessoa. Eu não me importo com o que um pedaço idiota de papel diz o que ela é ou não. Eu fiz um voto, e vou honrá-lo. Além disso... — eu murmurei. — Essas garotas parecem pássaros.

Essas garotas não são Lou.

— Você acha que Louise nunca usou penas em seu cabelo? —

Madame Labelle retornou a si mesma com uma risada. — Essas são penas de cisne, querido menino e nós as usamos para honrar a

donzela. Vê essa fogueira? Os aldeões iluminam para o Imbolc no próximo mês, como Louise faz todos os anos desde o nascimento, garanto a você.

Meus olhos se afiaram com um novo interesse pela garota, nos foliões perto dela. Eles bateram e estampavam os pés para o bandolim de Claud, gritando elogios. Dedos pegajosos de frituras de amêndoa de mel. Biscoitos de alecrim. Rolos semeados. Eu franzi a testa. Toda a praça cheirava à vitalidade. *Vitalidade*, sem temer. —

Eles ousam celebrar o imbolc?

— Você está longe de Cesarine, meu querido. — ela deu um tapinha no joelho. Tardamente, olhei para a porta atrás de mim, para as portas de todas as lojas que revestiam a rua. Não há um único poster de procurado. Se Claud ou os aldeões os haviam removido, eu não sabia. — No norte, as velhas formas ainda são mais comuns do que você pensa. Mas não se preocupe. Seus irmãos são muito estúpidos para perceber o que penas de cisne e fogueiras significam.

— Eles não são estúpidos. — respondi empurrando sua mão do meu joelho. Eu abaixei minha cabeça quando ela riu.

— Eu tinha que esclarecer para *você*, não é? Como você pode condenar uma cultura que nem conhece?

— Não quero conhecer minha cultura.

Suspirando pesadamente, ela revirou os olhos. — Tetas da Mãe, você é petulante.

Eu me virei para encará-la, incrédulo. — O *que* você acabou de dizer?

Ela levantou o queixo, as mãos entrelaçadas no colo. A imagem do poise e graça. — Tetas da Mãe. É um explicativo bastante comum no Chateau. Eu poderia contar a você tudo sobre a vida lá se você desobstruir a cera dos seus ouvidos.

— Eu não quero ouvir sobre as tetas da minha mãe! — com as bochechas pegando fogo, eu estava determinado a colocar a maior distância possível entre mim e *aquela* imagem perturbadora.

— Não as *minhas*, seu bobo. Das Mães. Como na *Deusa Tripla*.

Quando uma mulher tem uma criança crescendo em seu ventre, seus seios incham em preparação para a alimentação...

— Não. — eu balancei a cabeça veementemente. — Não, não, não, não. Nós não vamos discutir isso.

— Honestamente, Reid, é a coisa mais natural do mundo. — ela deu um tapinha no local ao lado dela. — Você foi criado em um ambiente grosseiramente masculino, no entanto, eu vou perdoar sua imaturidade... Oh, pelo amor de Deus, *sente-se*. — ela pegou meu pulso enquanto eu tentava fugir, me puxando para o lado dela. — Eu sei que estou em território perigoso, mas tem significado discutir isso com você.

Eu me forcei a olhar para ela. — Seios?

Ela revirou os olhos. — Não. Louise! — na minha expressão desnorteada, ela disse: — Você tem... *certeza* sobre ela?

A questão, tão inesperada, tão *absurda*, aguçou meus sentidos.

— Você está brincando.

— Não, eu receio que não. — inclinando o queixo, ela parecia pensar em suas próximas palavras. Uma decisão sábia. Ela *estava* em território perigoso. — Você a conheceu apenas alguns meses atrás. Quão bem você realmente pode conhecê-la?

— Melhor do que você poderia. — eu rosnei.

— Eu duvido muito disso. Morgane era minha querida amiga de infância. Eu a amava, e ela me amava. Nós éramos muito mais próximas que as irmãs.

— E daí?

— E daí que eu sei quão atraente as mulheres Le Blanc podem ser. — como se sentisse a maré crescente em mim, ela arrancou

minha faca e embainhou em sua bota. — Estar perto delas é amá-

las. Elas são selvagens e livres e excessivas. Viciantes. Elas nos consomem. Elas nos fazem sentir vivos. — minhas mãos tremiam.

Eu as cerrei em punhos. — Mas elas também são perigosas. Essa sempre será sua vida, correndo, se escondendo, lutando. Você nunca conhecerá a paz. Você nunca vai ter uma família. Você nunca envelhecerá com ela, filho. De uma maneira ou de outra, Morgane não permitirá.

Suas palavras arrancaram uma respiração de mim. Um segundo passou quando eu me recuperei. — Não. Nós vamos matar Morgane.

— Louise ama a mãe, Reid.

Eu balancei a cabeça veementemente. — *Não.*

— *Todo* filho ama a sua mãe. Mesmo aqueles com relacionamentos complicados. — ela não olhou para mim, com a intenção de beber seu vinho. De assistir a dança de Deveraux. Sua música desapareceu para um ruído maçante nos meus ouvidos. —

Mas não estamos discutindo Lou e sua mãe, ou sua mãe e eu.

Estamos discutindo vocês dois. Louise começou sua descida. Eu conheço os sinais. — ela assentiu para minha pergunta não dita. —

Sim. A mesma coisa aconteceu com Morgane. Você não pode pará-

la, e você não pode diminuir a velocidade. Vai consumir vocês dois se você tentar.

— Você está errada. — a raiva revestiu as palavras, mas Madame Labelle não recuou. Sua voz só se fortaleceu, afiada.

— Eu espero que sim. Eu não quero essa escuridão para ela, e eu certamente não quero isso para você. Pense em sua escolha, filho.

— Eu já fiz minha escolha.

— Há muitas poucas escolhas na vida que não podem ser desfeitas.

Deveraux e Seraphine terminou sua canção com um fortes aplausos. Uma pequena parte de mim reconheceu que era a nossa vez de entrar no palco, mas eu não me mexi. Eu queria sacudir ela, para fazê-la entender. *Há muitas poucas escolhas na vida que não podem ser desfeitas*, ela disse. Mas eu já tinha matado o arcebispo.

Essa foi uma escolha que não podia desfazer, e mesmo se eu pudesse, eu não faria.

Eu menti quando eu disse que eu fiz minha escolha. Na verdade, não havia escolha. Nunca houve.

Eu a amo.

E se eu tivesse que correr, me esconder e lutar por esse amor, eu faria.

Para o resto da minha vida, eu faria.

— Eu te imploro para escolher cuidadosamente. — Madame Labelle repetiu, levantando. Seu rosto era grave. — A história de Louise não termina em felicidade. Termina em morte. Sejam nas mãos de sua mãe ou na dela, ela não permanecerá como a garota que você se apaixonou.

Uma forte pressão atrás dos meus olhos. — Eu vou amá-la de qualquer maneira.

— Um sentimento nobre. Mas você não deve um amor incondicional. Tenha de alguém, quem sabe, quando uma pessoa traz mais mágoa do que a felicidade, você deve deixá-los ir. Você não precisa segui-los para a escuridão. — ela alisou as saias antes de estender a mão para mim. Seus dedos estavam quentes, constantes, enquanto ela me levou em direção ao palco. — Deixe-a ir, Reid, antes que ela te leve com ela.

Eu não consegui empalar minha mãe.

O suor enrolou meu cabelo, brilhou na minha pele, quando eu joguei minha última faca, ajudei ela a sair da e a empurrei para a horda de mulheres que se reuniram para assistir nosso desempenho. Elas riram. A loira parecia estar me seguindo. Em todos os lugares, virei, ela apareceu, arrastando dois amigos em reboque. Batendo seus cílios. Inclinando seu corpo para escovar o meu. Irritado, eu vi Beau através da multidão e fui em direção a ele.

— Aqui. — eu peguei o braço dele e virei-o na direção delas. —

Distraia elas

Uma risada escapou dele — Com prazer.

Eu fugi antes que as garotas pudessem me seguir.

Claud havia estacionado os vagões no beco por trás da barraca dos St. Martins. Ninguém me incomodaria lá. Eu teria um momento sozinho para pensar, para *mudar*. Para esfregar meu rosto. Eu quase escutei Zenna enquanto eu atravessava pela multidão,

amaldiçoando ela e seu pincel de kohl. Pelo menos ela não tinha pintado meus lábios de azul, como ela própria. Abaixo de seu manto extraordinário, um vestido de prata ondulou enquanto levantava os braços para começar sua performance. Pulseiras brilhavam em seus pulsos.

— Herald! Ouça! Segure os queridos perto! — a cadência de sua voz se aprofundou, ficou rica e melódica. Um silêncio caiu sobre o público. — Para isso o conto mais grandioso da feira da donzela e do dragão e seu amor que termina em chamas.

Oi. O verso mandou lembranças.

Eu continuei andando. Como suspeito, Deveraux tinha confiscado meu casaco. O

vento cortando pela minha pele nua.

— Tarasque, uma fera temível era ele, mas Martha, mais suave, era ela. Arrebatados, a multidão parou enquanto continuava sua história. Até as crianças. Eu bufei e caminhei mais rápido, tremendo.

— Tarasque era um poderoso fogo pulverizado, mas Martha fechou os olhos e orou.

No final, meus passos diminuíram. Interrompido. Contra o meu melhor julgamento, virei.

A luz do palco escondeu metade do rosto de Zenna na sombra enquanto ela inclinou o queixo para o céu, apertando as mãos em oração. — Não sofra para mim, ó Senhor, mas poupe a minha família do dragão! E enquanto seu grito fragou o céu, Tarasque olhou para baixo do reino. — Zenna espalhou os braços, abanando a capa atrás dela. Nesta luz cintilante, o tecido tornou-se asas. Até os olhos dela pareciam brilhar. — Quem é este manto, delicioso, que me chama de voz tão doce? Eu vou comê-la, ossos e tudo! E

assim Tarasque começou a cair.

Apesar do frio, havia algo em sua voz, sua expressão, que me segurou lá. As palavras da minha mãe ecoaram sobre a de Zenna.

Toulouse e Thierry St. Martin, provavelmente até Zenna e Seraphine, não são o que parecem.

Como os outros, ouvi, extasiado, enquanto ela contava sua história de desgraça: como a família de Martha - enlouquecida de medo - a ofereceu ao dragão para matá-la, como Tarasque a tomou como noiva e os dois se apaixonaram. Como, eventualmente,

Martha desejou retornar para sua terra natal, onde seu pai estava secretamente à espreita com uma corrente mágica. Como ele o usou

para derrubar Tarasque, para segurá-lo enquanto ele queimava sua própria filha na fogueira.

Com isso, os olhos de Zenna encontraram os meus. O ódio não adulterado fervilhava dentro deles. Eu senti em meu próprio peito.

Sua voz ficou mais alta, mais forte, conforme ela terminava a história.

— Poderoso foi o rugido do dragão, quando ele quebrou a corrente mágica. E de suas cabeças os corpos se separaram, aqueles homens que roubaram seu amor, seu coração. — do outro lado da praça, a loira chorou no ombro de Beau. Na verdade, *gemeu*. E ainda, eu não poderia desprezá-la. — Até hoje, ele vagueia acima, ainda de luto por sua amada. Ele seca as colheitas e salga a terra e mata os homens que se arrependem de seu nascimento. Herald! Ouça! Segure os queridos perto, pois esta é uma história de lágrimas e aflição, de donzela morta e um dragão terrível... e sua ira, que termina em fogo.

Ela exalou uma última e tremenda exalação, e sua respiração no ar frio da noite subiu como fumaça de seus lábios. Silêncio absoluto desceu em seu rastro. Implacável, ela desceu ao chão em uma reverência magnífica. Sua capa se agrupou em volta dela como a luz das estrelas. Ela permaneceu assim, posada, até que o público finalmente encontrou sua voz. Eles explodiram em aplausos, mais altos ainda do que deram a Deveraux e Seraphine.

Eu fiquei boquiaberta com ela. O que ela fez com suas palavras, não deveria ser possível. Quando ela me disse que Claud colecionava apenas o excepcional, não acreditei muito nela. Agora eu sabia. Agora eu *sentia*. Embora eu não tenha examinado a emoção muito de perto, não foi confortável. Meu rosto queimou.

Minha garganta se apertou. Por aqueles breves momentos, Tarasque parecia real, mais do que real. E eu senti pena de um monstro que sequestrou sua noiva e decapitou seus parentes.

Seus parentes que a queimaram.

Nunca antes pensei nas mulheres que queimei. Nem mesmo Estelle. Eu pensava apenas em Lou, que não era como elas. Lou,

que não era como as outras bruxas. Que *conveniente*, ela me disse antes de nos separarmos. *Você vê o que quer ver*.

Eu tinha queimado minha própria família? Não tinha como saber, mas mesmo se soubesse... Eu não conseguia lidar com esse conhecimento.

Não poderia suportar as consequências disso, da dor que causei. Do amor que eu roubei. Uma vez eu teria argumentado que tais criaturas não eram capazes de amar. Mas Lou provou o contrário. Madame Labelle e Coco provaram o contrário.

Talvez Lou *não* fosse como as outras bruxas.

Talvez elas fossem como ela.

Incomodado com a realização, corri em direção às carroças, sem me importar com aqueles ao meu redor. Mas quando quase derrubei um garotinho de joelhos, parei, agarrando-o pelos ombros para firmá-lo. "*Je suis désolé*", murmurei, tirando a poeira de seu casaco esfarrapado. Seus ombros pareciam magros sob minhas mãos.

Desnutridos.

Ele agarrou uma boneca de madeira contra o peito e acenou com a cabeça, mantendo os olhos baixos.

Relutante em libertá-lo, perguntei: — Onde estão seus pais?

Ele gesticulou em direção à fonte, onde Zenna havia começado um encore. — Eu não gosto de dragões. — ele sussurrou.

— Criança inteligente. — olhei para trás em direção a tenda de Toulouse e Thierry. — Você está... na linha?

Novamente, ele acenou com a cabeça. Talvez não seja tão inteligente, afinal. Eu o deixei ir.

Quando cheguei à carroça âmbar, no entanto, não pude deixar de me virar para vê-lo entrar em sua tenda. Embora eu não pudesse ver o rosto de Toulouse, ainda podia ver o do menino. Ele pediu a bola de cristal. Quando Toulouse o colocou na mesa entre eles, bem ao lado de um pote de incenso, fiquei tenso.

O menino claramente tinha poucas moedas. Ele não deveria gastar com *magia*.

Uma mão agarrou meu braço antes que eu pudesse intervir.

Minha mão livre voou para minha bandoleira, mas parei no meio do movimento, reconhecendo Thierry. Ele prendeu o cabelo longe do rosto. O estilo enfatizava suas maçãs do rosto ásperas. Seus olhos negros. Com a sugestão de um sorriso, ele me soltou, apontando

com o queixo em direção à tenda. Eu fiz uma careta quando o menino entregou a Toulouse sua boneca, uma escultura de madeira, eu percebi. Ela tinha chifres. Cascos. Olhando mais de perto, eu vagamente reconheci o formato da garrafa de vinho de Lou. Eu vasculhei meu cérebro, não conseguindo lembrar seu nome.

Toulouse o aceitou cuidadosamente com uma das mãos. Ele acariciou a bola de cristal com a outra.

Dentro da névoa do vidro, formas começaram a se formar: o conhecido homem com chifres governando sobre a flora e a fauna, uma mulher alada coroada com nuvens. Uma terceira mulher com nadadeiras logo se juntou a eles. O menino aplaudia de alegria enquanto ela voava pelas ondas do oceano. Sua risada, parecia...

saudável.

Minha carranca se aprofundou.

Quando ele saiu correndo da tenda um momento depois, ele ainda segurava sua moeda, não. Uma *pilha* de moedas. Toulouse não tinha tirado do menino. Ele *deu* a ele. Fiquei olhando, incrédulo, enquanto uma senhora idosa se aproximava da mesa.

— Por que você não fala, Thierry? — eu perguntei.

Ele não me respondeu de imediato, mas senti seus olhos em meu rosto. Eu senti sua deliberação. Não disse mais nada, no entanto, observando enquanto Toulouse gesticulava para a bola de cristal. A mulher estendeu a mão em vez disso, e Toulouse traçou as linhas em sua palma. Sua boca murcha se ergueu em um sorriso.

Por fim, Thierry suspirou.

Então - impossivelmente - ouvi uma voz na minha cabeça. Uma voz *real*. Como o de Toulouse, mas mais suave. Extremamente gentil.

Toulouse e eu crescemos nas ruas de Amandine.

Eu deveria ter ficado surpreso, mas não fiquei. Não depois de tudo que eu vi. Depois de tudo que eu fiz. Parte de mim ficou feliz por estar certo, Toulouse e Thierry St. Martin tinham magia. A outra parte não poderia comemorar. Não pude fazer nada além de estudar a mulher idosa na tenda de Toulouse. A cada toque de seus dedos, a mulher parecia ficar mais jovem, embora suas feições nunca mudassem. Sua pele mais rosada. Seus olhos mais claros. Seu cabelo mais brilhante.

Roubamos o que precisávamos para sobreviver. Thierry também viu seu irmão ajudar uma velha a se sentir bonita novamente. No início, éramos apenas batedores de carteira. Um couronne aqui e ali para comprar comida, roupas. Mas nunca foi bom o suficiente para Toulouse. Ele acabou voltando seus olhos para marcas mais ricas, condes, marqueses, até mesmo um duque ou dois.

Ele me deu um sorriso triste. Até então, Toulouse tinha aprendido que a verdadeira riqueza não vinha de bugigangas roubadas, mas do conhecimento. Roubamos segredos em vez de jóias e os vendemos pelo lance mais alto. Não demorou muito para ganharmos uma reputação. Um homem chamado Gris acabou nos recrutando para integrar sua tripulação. Ele suspirou então, olhando para suas mãos. Toulouse e Gris começaram uma discussão.

Toulouse ameaçou revelar seus segredos e Gris retaliou cortando minha língua.

Eu o encarei com horror. — Ele cortou sua língua.

Em resposta, Thierry abriu lentamente a boca, revelando um círculo oco de dentes. No fundo de sua garganta, o coto de sua língua se movia inutilmente. A bile subiu em minha garganta. — Mas você não fez nada. Por que você foi punido?

As ruas são cruéis, caçador. Você tem sorte de nunca os ter conhecido. Eles mudam você. Endurece você. Os segredos, as mentiras necessárias para sobreviver... eles não são facilmente desaprendidos. Seus olhos voltaram para o irmão. Eu não responsabilizo Toulouse pelo que aconteceu. Ele fez o que achou necessário.

— Ele é a razão de você não ter língua.

Gris sabia que a melhor maneira de manter meu irmão calado era me ameaçando. E funcionou. A noite em que perdi minha voz foi a noite em que ele perdeu a dele. Toulouse tem sido um guardião do segredo desde então. E um homem melhor.

Incapaz de envolver minha cabeça em torno de tal coragem, tal aceitação, tal calma constante, mudei de curso. — Você disse que perdeu a voz, mas posso ouvir isso claramente em minha mente.

Encontramos nossa magia naquela noite, e eu paguei o preço do silêncio. Nossos ancestrais permitiram que eu me comunicasse de uma maneira diferente.

Isso chamou minha atenção. — Você não sabia que tinha magia?

Para minha surpresa, não foi Thierry quem respondeu. Foi Deveraux. Ele saiu da carroça escarlate em nossa direção, as mãos nos bolsos listrados. Seu casaco estampado estava aberto sobre uma camisa crivada de bolinhas, e a pena de pavão em seu chapéu saltava a cada passo. — Diga-me, Reid, se você nunca tivesse visto a cor vermelha, saberia como é? Você o reconheceria naquele cardeal? — ele gesticulou para o telhado da boulangerie, onde um pássaro vermelho havia pousado. Como se sentisse nossa atenção, ele alçou vôo.

— Er... não?

— E você acha que ele poderia voar se passasse a vida inteira acreditando que não podia?

Na minha carranca, ele disse: — Você passou uma vida subconscientemente reprimindo sua magia, querido menino. Tal empreendimento não é facilmente desfeito. Parece que apenas a visão do corpo sem vida de sua esposa, era poderoso o suficiente para libertá-lo.

Meus olhos se estreitaram. — Como você sabe quem eu sou?

— Você logo descobrirá que conheço uma grande quantidade de coisas que não deveria. Um corolário bastante desagradável de fazer meu conhecimento, estou com medo.

O riso de Thierry ecoou dentro da minha mente. *É verdade.*

— E... e você? — eu perguntei, jogando cautela para os ventos.

Ele sabia quem eu era. O que eu era. Não havia sentido fingir o contrário. — *Você é uma bruxo, Monsieur Deveraux?*

— De um homem honesto para outro? — ele deu uma piscadela alegre e continuou em direção à praça. — Eu não sou. Isso responde a sua pergunta?

Uma sensação irritante picou a parte de trás do meu crânio enquanto ele desapareceu na multidão.

— Não, não responde. — eu murmurei amargamente. A velha levantou-se para sair também, puxando Toulouse em um abraço esmagador de osso. Se eu não tivesse visto sua transformação, eu poderia jurar que era uma pessoa diferente. Quando ele beijou sua

bochecha em troca, ela corou. O gesto, tão inocente, tão *puro*,

torceu meu peito. Combinado com a saída enigmática de Deveraux, me senti... fora do equilíbrio. À deriva. Essa magia não foi feita. Isso *tudo* isso, não estava certo.

A mão de Thierry desceu no meu ombro. Você vê magia como arma, Reid, mas você está errado. *Simplesmente... é. Se você deseja usá-la para prejudicar, vai prejudicar, e se você deseja usá-la para salvar... Juntos, olhamos para Toulouse, que enfiou uma flor atrás do ouvido da mulher. Ela olhou para ele antes de se juntar a multidão. Vai salvar.*

Parte II

Quand le vin est tiré, il faut le boire.

Quando o vinho é derramado, é preciso beber.

—Provérbio francês

Red Death and His Bride, Sleep Eternal

Reid

O colar de Zenna, grande, de ouro, com um diamante pendente do tamanho do meu punho, do meu rosto, tocava meu rosto enquanto se inclinava sobre o meu cabelo. Ela arrastou as mãos em uma pasta pútrida para estilizar as ondas. Eu empurrei o colar dela para longe irritadamente. Olhos picando. Se eu jogasse seu kohl fora da carroça, ela perceberia?

— Nem sequer pense nisso. — disse ela, movendo minha mão longe do *pincel da morte*.

Beau desapareceu convenientemente quando Zenna trouxe sua bolsa de cosméticos. Eu não tinha visto minha mãe desde que estacionamos neste campo também. Os aldeões de Beauchêne, uma aldeia nos arredores de La Fôret des Yeux, construíram um palco real para as trupes que passavam, muito diferente das praças da cidade e pubs em que tínhamos nos apresentado. Eles o colocaram aqui esta tarde. Carrinhos comerciais e alimentos seguiram. Quando o Sol gradualmente saiu da vista, o riso e a música se moveram para o vagão âmbar.

Meu peito doía inexplicavelmente. Seis dias haviam passado desde a minha primeira performance. Beauchêne foi a última parada na turnê

oficial da Troupe de Fortune. Dentro de Cesarine, Deveraux e seus atores desapareceriam nas catacumbas sob a cidade, onde o privilégio da sociedade se misturava. Desinibido, desanato e mascarado.

La Mascarade de Crânes, Madame Labelle chamou.

O crânio do mascarado.

Eu nunca tinha ouvi falar de tal espetáculo. Ela não ficou surpresa.

Deveraux terminou de abotoar o colete. — Um pouco mais de volume por cima, por favor, Zenna. Ah sim. Esse é o ingresso! — ele piscou para mim. — Você parece *resplandecente*, Monsieur Red Death. Absolutamente *resplandecente*, e como você deve! Esta noite é uma noite especial, de fato.

— É?

Os olhos de Zenna se estreitaram em fendas. Ela usava um vestido esmeralda esta noite, ou talvez roxo. Ele brilhou iridescente à luz das velas. Ela pintou os lábios de preto. — *Toda* noite é especial no palco, caçador. Se você estiver entediado, o público saberá. Uma audiência entediada é uma audiência fechada, e se eles não *me* derem gorjeta por *sua* causa, vou ficar chateada. — ela apontou seu pincel dourado para meu rosto. — Você não quer que eu fique chateada, quer?

Eu empurrei seu pincel de lado lentamente. Ela trouxe de volta.

— Você está sempre chateada. — eu disse.

— Ah não. — ela deu um sorriso ameaçador. — Você não me viu chateada.

Deveraux riu enquanto as vozes do lado de fora ficavam mais altas. As sombras mais longas. — Eu não imagino que *alguém* ficará entediado esta noite, doce Zenna.

Quando eles compartilharam um olhar significativo, eu fiz uma careta, certo de que havia perdido algo. — Houve uma mudança na programação?

— Muito astuto. — ele sacudiu minha máscara com chifres para mim, balançando as sobrancelhas. — Acontece que, querido menino, você é a mudança na programação. Esta noite, você deve substituir Seraphine e eu como o ato de abertura da Troupe de Fortune.

— E é melhor você não bagunçar isso. — Zenna avisou, me ameaçando com sua escova de cabelo mais uma vez.

— O que? — eu estreitei meus olhos enquanto colocava minha máscara. — Por quê? E onde está minha mãe?

— Esperando você, é claro. Não tenha medo, já a alertei sobre a mudança na programação. Beau a está fixando no quadro enquanto falamos.

Seus olhos brilharam com malícia.

— Devemos ter medo?

— Espere! — Zenna me puxou de volta para sua cama e cuidadosamente arrumou uma mecha de cabelo sobre minha máscara. Quando eu a encarei, perplexo, ela me empurrou em direção à porta. — Você vai me agradecer mais tarde.

Embora não houvesse nada inerentemente suspeito em suas palavras - em *qualquer* uma das palavras - meu estômago revirou e vibrou quando eu saí da carroça. O sol estava quase se pondo e a antecipação vibrava no ar da noite. Ele brilhou nos rostos das pessoas mais próximas de mim. Na forma como eles saltavam na ponta dos pés, virando-se para sussurrar para seus vizinhos.

Minha carranca se aprofundou.

Esta noite está diferente.

Eu não sabia por que, eu não sabia como, mas eu sentia isso.

Ainda sorrindo como um gato com creme, cantarolando baixinho, Deveraux me conduziu ao palco. Um quadrado de madeira no centro do campo. Lanternas tremeluziam ao longo de seu perímetro, lançando uma luz fraca na neve compacta. Nos casacos, lenços e luvas. Alguém havia desviado minha prancha de lançamento do público. Eu não conseguia ver minha mãe, mas Beau estava um pouco afastado, discutindo com ela.

Me movi para me juntar a eles.

Deveraux segurou meu braço. — Ah, ah, ah. — ele balançou a cabeça, me girando para frente e me despiando de minha capa simultaneamente. Eu fiz uma careta. Então estremei. Com os olhos

brilhantes de excitação, a multidão me observou com expectativa, segurando taças de hidromel e vinho com especiarias. — Você está pronto? — Deveraux murmurou. Instintivamente, verifiquei as facas da minha bandoleira, a espada amarrada nas minhas costas.

Arrumei minha máscara.

— Sim.

— Excelente. — ele limpou a garganta então, e um silêncio caiu sobre o campo. Ele abriu bem os braços. Seu sorriso se espalhou ainda mais. — Senhoras e senhores, açougueiros e padeiros, plebeus e patrícios, *Bonsoir!* Saudações! Beba, beba, por favor, e

permita-me expressar minha mais profunda gratidão por sua hospitalidade. — a multidão aplaudiu. — Se você se deleita com nossas apresentações esta noite, por favor, considere presentear os atores com um pequeno símbolo de agradecimento. A sua generosidade permite à Troupe de Fortune continuar a fornecer a Beauchêne aquilo que todos nós amamos, frivolidade desenfreada e entretenimento saudável.

Eu olhei para minha calça de couro.

Saudável.

Como se estivesse lendo minha mente, alguém na multidão assobiou. Com as orelhas queimando, eu semicerrei os olhos na direção geral, mas na semi-escuridão, não consegui ver o culpado.

Apenas sombras. Silhuetas. Uma mulher bem torneada e um homem magro acenou de volta para mim. Zombando, eu desviei o olhar e...

Meus olhos se abriram.

—Ouça-me, todos, e ouça a verdade! — a voz de Deveraux soou, mas eu mal o ouvi, avançando mais perto da borda do palco, procurando pela mulher e pelo homem familiar. Eles desapareceram. Meu batimento cardíaco acelerou estrondosamente em meus ouvidos. — Honrados convidados, esta noite e somente esta noite, vamos testemunhar uma experiência singular neste palco. *Um ato totalmente novo*, uma saga, um *exemplo*, de intriga perigosa e romance mortal.

Novo ato? Alarmado, eu chamei sua atenção, mas ele apenas piscou, passando por mim e indo para a prancha. Beau sorriu e deu um passo para o lado. — E agora, sem mais delongas, apresento a vocês nosso

próprio *Mort Rouge!* — Deveraux gesticulou para mim antes de girar o tabuleiro. — E sua noiva, *Sommeil Éternel!*

Meu queixo caiu.

Amarrada ao quadro, Lou sorriu de volta para mim. Borboletas brancas, não, mariposas, cobriam o canto superior de seu rosto, suas asas desaparecendo em seu cabelo claro. Mas seu vestido...

minha boca ficou seca. Não era um vestido, mais como fios de seda de aranha. Mangas de gaze desciam por seus ombros. O decote descia até a curva de sua cintura. A partir daí, o delicado tecido da

saia, transparente, desfiado, balançou suavemente com o vento, revelando suas pernas. Suas pernas *nuas*. Eu a encarei, paralisado.

Deveraux tossiu incisivamente.

Meu rosto queimou com o som, e me movi sem pensar, arrancando minha capa de suas mãos enquanto caminhava. Lou bufou quando eu levantei para protegê-la, para cobrir toda aquela pele lisa e dourada...

— Olá, Chass.

O sangue rugiu em meus ouvidos. — Olá, esposa.

Ela olhou para trás de mim, e tão perto, seu sorriso parecia...

arranjado, de alguma forma. Fixo. Com a minha carranca, ela sorriu ainda mais brilhante, os cílios tremulando contra o pó prateado em suas bochechas. Talvez ela estivesse apenas cansada. — Temos uma platéia.

— Eu sei.

Ela olhou meu cabelo, seguindo-o até a linha do meu queixo antes de ir para a minha garganta. Meu peito. Meus braços. —

Tenho que admitir... — disse ela com uma piscadela. — o delineador funciona para mim.

Meu estômago se contraiu. Sem saber se estava com raiva ou em êxtase ou... ou algo mais. me aproximei, jogando a capa de lado. Outra passo. Perto o suficiente agora para sentir o calor emanando de sua pele. Eu fingi verificar as amarras em seus pulsos. Passei meus dedos pela parte interna de suas coxas, panturrilhas, para apertar os tornozelos. — *Onde* você conseguiu esse vestido?

— Zenna, é claro. Ela gosta de coisas bonitas.

Claro. A *porra* da Zenna. Ainda assim, o alívio rapidamente subjugou minha descrença. Lou estava aqui. Ela estava *segura*.

Lentamente, arrastei meu olhar até o dela, demorando-me em sua boca, antes de me levantar. — O que você está fazendo aqui? —

quando ela moveu o queixo na direção de Ansel e Coco, que agora pairavam ao lado do palco, eu balancei minha cabeça, interrompendo. — Não. Você. O que você está fazendo presa a este quadro? É muito perigoso.

— Eu queria fazer uma surpresa para você. — seu sorriso se alargou ainda mais. — E apenas atores viajam nas carroças.

— Eu não posso jogar *facas* em você.

— Por que não? — quando minha carranca se aprofundou, ela balançou os quadris contra a prancha. Me distraíndo. Sempre tentando me distrair. — Eu exagerei na sua habilidade?

Relutantemente, dei um passo para trás. — Não.

Seus olhos brilharam perversos. — Prove.

Eu não sei o que me levou a fazer isso. Talvez fosse o desafio aberto em seu sorriso. O rubor febril em suas bochechas. Os sussurros abafados da platéia. Desembainhando uma faca da minha Balisarda, andei para trás, jogando-a no ar e pegando-a com um baque surdo. Antes que eu pudesse repensar, antes que eu pudesse hesitar, eu a atirei no quadro.

Ele cravou profundamente na madeira entre suas pernas. Todo o quadro reverberou com o impacto.

A multidão gritou de alegria.

E Lou, ela jogou a cabeça para trás e riu.

O som me encheu, me encorajou e a audiência sumiu. Havia apenas Lou e sua risada. O sorriso dela. O *vestido* dela. — É isso?

— ela chamou. Puxei outra faca em resposta. E outra. E outra.

Arremessando-as cada vez mais rápido enquanto fechei a distância entre nós, beijando as linhas de seu corpo com cada lâmina.

Quando lancei o último, corri para frente, sem fôlego com minha própria adrenalina. Eu arranquei as facas da madeira em meio aos aplausos do público. — Como você nos alcançou tão rapidamente?

Ela baixou a cabeça no meu ombro. O dela ainda tremia. — Não é mágica, se é isso que você está perguntando. Seu sono eterno não dorme há uma semana.

— E você... você conseguiu a aliança?

Erguendo o rosto, ela sorriu novamente. — Nós conseguimos.

— *Como?*

— Nós... — algo mudou em seus olhos, em seu sorriso, e ela deu um beijo na pele sensível entre meu pescoço e ombro. — Foi Coco. Você deveria ter visto ela. Ela foi brilhante, uma líder natural.

Ela não demorou muito para convencer sua tia a se juntar a nós.

— Sério? — parei de puxar outra faca. — La Voisin nem me deixou *entrar* em seu acampamento. Como Coco a convenceu a trabalhar conosco tão rapidamente?

— Ela apenas... as vantagens de uma aliança superam as desvantagens. Isso é tudo.

— Mas ela saberia das vantagens de antemão. — um fragmento de confusão perfurou meus pensamentos. Tarde demais, percebi que Lou estava tensa nas alças. — Ela ainda recusou.

— Talvez ela não soubesse. Talvez alguém a tenha esclarecido.

— Quem?

— Eu já te disse. — seu sorriso desapareceu agora, e sua expressão endureceu abruptamente, todos os fingimentos se foram.

— Foi Coco. *Coco* esclareceu. — quando recusei seu tom, recuando, ela suspirou e desviou o olhar. — Eles nos encontrarão em Cesarine em dois dias. Achei que você ficaria feliz.

Minhas sobrancelhas franziram. — Estou feliz, é só...

Não faz sentido.

Algo aconteceu no campo de sangue. Algo que Lou não me disse.

Quando ela finalmente retornou meu olhar, seus olhos eram ilegíveis. Cuidadosamente em branco. Controlada. Como se ela tivesse fechado as venezianas entre nós, bloqueando-me. Ela apontou o queixo para minhas facas. — Terminamos com isso?

Como se estivesse ouvindo, Deveraux desceu sobre nós, seu olhar disparando pela plateia. — Há algo errado, bonecos?

Puxei a última faca da madeira, lutando para manter minha voz calma. — Está tudo bem.

— Vamos... vamos continuar com o grand finale, então?

Caminhando para trás mais uma vez, tirei a espada da bainha em minha costas. — Sim.

O fantasma de um sorriso tocou os lábios de Lou. — Você não vai colocar fogo?

— Não. — eu a encarei, pensando muito, enquanto Deveraux envolvia a venda em volta da minha máscara. Dos meus olhos. Sem minha visão, vi outra cena claramente em minha mente. A poeira.

Os figurinos. O veludo azul. Senti o cheiro da madeira de cedro e das lâmpadas a óleo. Eu ouvi sua voz. *Não estou escondendo nada, Reid.*

Tinha nevado naquela noite. Seu cabelo estava úmido sob meus dedos. *Se você não se sente confortável o suficiente para me dizer,*

a culpa é minha, não sua.

Lou estava guardando segredos novamente.

Obriguei-me a me concentrar, a ouvir quando Deveraux puxou a manivela e o tabuleiro começou a se mover. Com cada batida *suave*, contei sua rotação, estabeleci sua velocidade, visualizei a localização do corpo de Lou em relação a cada rotação. Eu estava nervoso ao jogar essa espada na minha mãe pela primeira vez, mas sabia que a confiança era fundamental para o sucesso.

Eu tinha que confiar nela e ela tinha que confiar em mim.

Nunca perdemos.

Agora - de pé diante de Lou - visualizei o ponto acima de sua cabeça. Apenas alguns centímetros de madeira. Cinco, para ser mais preciso. Não havia espaço para erros. Respirando fundo, eu esperei. Eu esperei.

Eu deixei minha espada voar.

A plateia engasgou e o som de uma espada batendo no tabuleiro vibrou em meus ossos. Eu arranquei minha venda.

Com o peito arfando, a boca aberta, Lou olhou para mim com os olhos arregalados. A espada não se alojou no topo de sua cabeça, mas ao lado dela, tão perto que desenhou uma linha fina de sangue em sua bochecha. Uma de suas asas de mariposa voou para o palco, cortada, enquanto ela diminuía a velocidade até parar. O

público aplaudia freneticamente. Seus gritos, seus elogios, suas risadas, fazia pouco sentido para mim.

Eu perdi.

E Lou estava guardando segredos novamente.

She Loves Me Not

Lou

Quando os últimos aldeões se retiraram para suas casas, com os olhos turvos e tropeçando, Claud Deveraux estourou a Boisainé para celebrar nosso reencontro. — Devíamos dançar. — murmurei, deixando cair minha cabeça no ombro de Reid. Ele descansou sua bochecha no meu cabelo. Juntos, nos sentamos nos degraus da carroça âmbar, aninhados sob uma colcha de retalhos, e observamos Coco e Ansel darem as mãos a Zenna e Toulouse. Eles cambalearam girando e girando em um círculo frenético com o bandolim de Deveraux. Cada um tentou e não conseguiu lembrar a letra de "Big Titty Liddy." Com cada garrafa de vinho aos seus pés, suas risadas ficavam mais altas e sua música ficava mais estúpida.

Eu queria me juntar a eles.

Quando eu bocejei, no entanto - minhas pálpebras impossivelmente pesadas de exaustão e vinho - Reid deu um beijo em minha têmpora. — Você está exausta.

— Eles estão massacrando a música de Liddy.

— Você massacrou a música de Liddy.

— Me desculpe? — inclinei-me para frente, virando-me para encará-lo. Um sorriso ainda puxou meus lábios. — *Muito* obrigado, mas meu

entusiasmo é tudo.

— Exceto um alcance vocal completo.

Deleitada, eu arregalei meus olhos em ultraje fingido. — Tudo bem então. Bem. Vamos ouvir todo o seu *alcance vocal completo*.

— quando ele não disse nada, apenas sorriu, eu o cutuquei nas costelas. — Continue. Mostre-me como isso é feito, ó Melodioso. Os plebeus aguardam sua instrução.

Suspirando, ele revirou os olhos e se afastou do meu dedo. —

Esqueça isso, Lou. Eu não vou cantar.

— Ah não! — eu o segui como uma praga, cutucando e cutucando cada centímetro dele que eu podia alcançar. Ele se esquivou de minhas tentativas, no entanto, e ficou de pé. Eu pulei para o degrau mais alto em resposta, inclinando-me para frente até estarmos quase nariz com nariz. O cobertor caiu no chão, esquecido. — Estou preparada para o choque e pavor aqui, Chass.

É melhor sua voz hipnotizar cobras e encantar as calças das virgens. É melhor ser o filho de amor de Jesus e...

Seu beijo engoliu o resto das minhas palavras. Quando nos separamos, ele murmurou: — Não tenho interesse em encantar as calças das virgens.

Sorrindo, envolvi meus braços em volta de seu pescoço. Ele não havia mencionado nossa briga no palco ou a raposa negra que dormia em nossa carroça. Eu não tinha mencionado o corte na minha bochecha ou que o nome da dita raposa era Brigitte. — Nem mesmo Ansel? — eu perguntei.

Depois da nossa apresentação, Coco e Ansel me encurralaram, perguntando como Reid havia recebido a notícia do assassinato de seus irmãos. Meu silêncio que se seguiu os exasperou. O silêncio que se seguiu me exasperou. Não era que eu... que não *queria* contar a Reid toda a verdade, mas a que propósito isso serviria? Ele não *conhecia* Etienne e Gabrielle. Por que ele deveria chorar por eles? Por que ele deveria assumir a responsabilidade por suas mortes? E ele *assumiria* a responsabilidade. Disso eu tinha certeza.

Se ele soubesse que minha mãe tinha começado a mirar em seus

irmãos individualmente, seu foco mudaria para protegê-los em vez de derrotar Morgane, uma estratégia ilógica, já que a morte dela era a *única* maneira de garantir a segurança deles.

Não, isso não era uma mentira. Eu não *menti* para ele. Isso foi só... um segredo.

Todo mundo tem segredos.

Reid balançou a cabeça. — Ansel não é exatamente meu tipo.

— Não? — eu pressionei mais perto, a palavra um sopro contra seus lábios, e ele subiu os degraus lentamente, me apoiando contra a porta da carroça. Suas mãos se apoiaram em cada lado do meu rosto. Prendendo-me lá. — Qual *é* o seu tipo?

Ele arrastou o nariz pelo meu ombro. — Eu *amo* meninas que não sabem cantar.

Zombando, eu plantei minhas mãos em seu peito e empurrei. —

Seu *rabo*.

— O que? — ele perguntou inocentemente, tropeçando para trás, quase estourando o dito traseiro na neve. — É a verdade.

Quando sua voz falha em uma nota alta, isso me deixa...

— BIG WILLY BILLY FALAVA COMO UM BOBO. — gritei, colocando a mão em cada quadril. Eu espreeitei em direção a ele, tentando sem sucesso reprimir minha risada. — MAS O SEU

BOTÃO ERA TÃO GRANDE QUANTO SEU BRAÇO — quando ele gaguejou, olhando para trás em direção aos outros, eu disse em voz alta: — É disso que você gosta, Chass? Isso te deixa quente?

A folia atrás de nós cessou com minhas palavras. Todos os olhos pousaram em nós.

Um rubor subiu pelas bochechas de Reid, e ele ergueu uma mão apaziguadora. — Tudo bem, Lou. Você tem o seu ponto.

— SUA PARTE BAIXA LOGO PEGOU NO OLHO DE LIDDY...

— *Lou*. — arremessando-se para frente quando Madame Labelle deu uma risadinha, ele tentou cobrir minha boca, mas eu dancei fora do alcance, dando os cotovelos com Beau e girando loucamente.

— E NOVE MESES DEPOIS NASCEU UMA CRIANÇA! — por cima do ombro, chamei: — Você ouviu isso, Reid? Uma *Criança*.

Porque *sexo*...

Deveraux bateu palmas e gargalhou. — Excelente, excelente! Eu conhecia Liddy, você sabe, uma criatura mais adorável que nunca mais encontrarei. Um espírito tão vivaz. Ela teria gostado muito de saber que agora é amada por todo o reino.

— Espere. — eu girei em direção a Deveraux, arrastando Beau comigo enquanto ia. — Big Titty Liddy era uma pessoa real?

— E você a *conheceu*? — Beau perguntou incrédulo.

— Claro que ela era. E o jovem William. É uma pena que os dois não tenham permanecido juntos após o nascimento de sua querida

filha, mas essa é a natureza dos relacionamentos alimentados apenas por apetites de paixão.

Reid e eu trocamos um olhar.

Nós dois desviamos o olhar rapidamente.

E foi *então* que vi Coco e Ansel escapulindo juntos.

Infelizmente, Beau também viu. Zombando, ele balançou a cabeça e marchou de volta para a fogueira, curvando-se para pegar uma garrafa de vinho enquanto caminhava. Reid olhou para ele com uma expressão registrável. Quanto a mim, tentei discernir as silhuetas de Coco e Ansel em todo o campo, onde eles estavam perto de um riacho na orla da floresta. Eles olharam... perto.

Suspeitamente perto. *Alarmanamente* perto.

Deveraux interrompeu minha observação furtiva. — Você teme pelo coração do seu amigo.

— Eu... O quê? — eu desviei meu olhar deles. — Do que você está falando?

— Seu amigo. — sagazmente, ele acenou com a cabeça para Ansel. — *La jeunesse éternelle*. Ele permanecerá eternamente jovem. Existem alguns que não apreciam tal inocência em um homem.

— Existem alguns que são estúpidos. — eu disse, esticando o pescoço

para ver Ansel...

Meus olhos se arregalaram.

Oh meu Deus.

Oh meu Deus, oh meu Deus, oh meu Deus.

Eles estavam se beijando. Eles estavam se *beijando*. Coco tinha

- ela se inclinou, e Ansel - ele estava realmente fazendo isso. Ele estava jogando o jogo, agindo. Aproximei-me mais, orgulho e medo crescendo dentro de mim em medidas iguais.

Deveraux sorriu e arqueou uma sobrancelha. — Obviamente, também existem alguns que *apreciam* isso.

Reid me arrastou de volta para o seu lado. — Não é da nossa conta.

Lancei a ele um olhar incrédulo. — Tá brincando né?

— Não...

Mas eu não dei ouvidos ao resto de sua reprimenda. Sacudindo sua mão, deslizei ao redor das carroças. Talvez tenha sido o vinho

que me compeliu, ou talvez fosse a forma como Coco se mantinha, rígida e desajeitada como se... como se ela...

Como se ela estivesse beijando seu irmão mais novo. Merda.

Ela se afastou por um segundo, dois, *três*, antes de se inclinar para tentar novamente.

Eu me arrastei ao redor do palco, me escondendo em suas sombras, perto o suficiente para ouvi-la murmurar para ele parar.

Balançando a cabeça, ela colocou os braços em volta da cintura como se estivesse tentando se fazer o menor possível. Como se tentasse desaparecer. — Ansel, por favor. — ela lutou para olhar para ele. — Não chore. Isso não é... eu não quis dizer...

Merda, merda, *merda*.

Aproximei-me mais do palco, esforçando-me para ouvir sua explicação sussurrada. Quando uma mão tocou minhas costas, quase saltei da pele. Reid se agachou atrás de mim, irradiando desaprovação. —

Estou falando sério, Lou. — ele repetiu, a voz baixa. — Isso é problema deles, não nosso.

— Fale por si mesmo. — Me espreitei de volta ao virar da esquina do palco, eu assisti quando Ansel limpou uma lágrima de sua bochecha. Meu coração torceu. — Esses são meus melhores amigos ali. Se as coisas ficarem bagunçadas entre eles, sou aquele que terá que limpar tudo. É absolutamente problema meu.

— Lou...

A cabeça de Coco chicoteou em nossa direção e eu cambaleei para trás, batendo direto em Reid. Ele conseguiu se segurar antes de tombar todo o palco, agarrando meus ombros para se equilibrar e puxando nós dois para o chão. Virei minha cabeça para sussurrar contra sua bochecha. — Shhh.

Sua respiração em meu ouvido enviou calafrios pela minha espinha. — Isto está errado.

— Certamente, então, volte para os vagões.

Ele não fez isso, e juntos, nos inclinamos para frente, ouvindo cada palavra de Coco.

— Eu não quis dizer para isso acontecer, Ansel. — ela enterrou o rosto nas mãos dela. — Eu sinto muito, mas isso foi um erro. Eu não deveria ter... eu não quis dizer para acontecer.

— Um erro? — a voz de Ansel quebrou na palavra e ele se aproximou e agarrou sua mão. Lágrimas frescas escorrem por suas bochechas. — Você me beijou. *Você me* beijou. Como você pode dizer que foi um erro? Por que você me beijou de novo se foi?

— Porque eu precisava saber! — estremeceu com sua explosão, ela largou a mão dele e começou a andar. — Olha... —

ela sussurrou furiosamente. — Estou um pouco bêbada...

Seu rosto endureceu. — Você não está tão bêbada.

— Sim, eu sou. — ela afastou o cabelo do rosto em agitação. —

Estou bêbada e agindo como uma idiota. Não quero dar a impressão errada. — ela agarrou suas mãos então, levantando-as.

— Você é uma boa pessoa, Ansel. Melhor que eu. Melhor que todos.

Você é... você é *perfeito*. Qualquer uma teria sorte de ter você. Eu só... eu...

— Não me ama.

— Não! Quer dizer *sim*. — quando ele se afastou, virando o rosto dele para ela, ela visivelmente murchava. Sua voz caiu tão baixa que Reid e eu nos esforçamos em nosso desespero para ouvir. —

Eu sei que você acha que você está apaixonado por mim, Ansel, e eu... eu queria estar apaixonada por você também. Eu te beijei porque precisava saber se eu poderia estar. Eu te beijei de novo porque precisava ter certeza.

— Você precisava ter certeza... — ele repetiu. — Então... Cada vez que você me tocou... Me fez corar, me fez *sentir* como se você também pudesse me querer... Você não sabia. Você me deu esperança, mas não tinha *certeza*.

— Ansel, eu...

— Então, o que é isso? — Ansel se manteve rígido, suas costas para nós. Embora eu não pudesse ver seu rosto, sua voz soava mais afiada do que eu já ouvi. Fraco. Em seu campo, quase podia ver sua angústia, uma coisa viva que atormentava os dois. — Você me ama ou não?

Coco não respondeu por um longo tempo. Reid e seguramos o fôlego baixinho, não ousando falar. Até mesmo se mover.

Finalmente, ela colocou uma mão gentil nas costas.

— Eu amo você, Ansel. Eu só... não te amo da mesma maneira que você me ama. — quando ele se encolheu, violento em sua

reação, ela largou sua mão e recuou. — Eu sinto muito.

Sem outra palavra, ela se virou e fugiu rio abaixo.

Os ombros de Ansel caíram em sua ausência e me movi para me aproximar dele - para envolvê-lo em meus braços e segurá-lo até que suas lágrimas diminuíssem - mas os braços de Reid apertaram minha cintura. — Não faça isso. — disse ele, em voz baixa. — Deixe-o processar.

Eu me acalmei sob seu toque, ouvindo Deveraux anunciar que era hora de dormir. Ansel enxugou as lágrimas, correndo para ajudá-lo a

limpar. — Típico de Ansel. — sussurrei, sentindo-me fisicamente doente. — Por que ele tem que ser tão... tão...

Por fim, Reid me libertou. — Ele não merecia o que ela fez com ele. — emoções conflitantes guerrearam dentro de mim.

— Ela não *fez* nada. O flerte dificilmente é um pecado cardeal.

— Ela o enganou... Ela ... — eu lutei para articular meus pensamentos. — Ela não pode mudar a maneira como se sente. Ela não *deve* nada a ele.

— Não foi apenas um flerte inofensivo, Lou. Ela conhecia os sentimentos de Ansel. Ela os usou para deixar Beau com ciúmes.

Balancei minha cabeça. — Eu não acho que ela quis. Você tem que entender... Coco sempre foi linda. Ela cresceu com pretendentes se juntando a ela, mesmo quando criança, o que significa que ela cresceu rapidamente. Ela é confiante, vaidosa e maliciosa por causa disso - e eu a *amo* - mas ela não é cruel. Ela não queria machucar Ansel. Ela só... não entendia a profundidade de sua emoção.

Reid zombou e ficou de pé, estendendo a mão para mim. —

Não. Ela não fez isso.

Enquanto os outros se preparavam para dormir, apagando o fogo e recolhendo as garrafas vazias de vinho, desci o riacho para encontrar Coco. Não demorou muito. Dentro de alguns metros, encontrei-a sentada ao lado de uma árvore de azevinho, o rosto enterrado em seus braços. Sentei ao lado dela sem dizer uma palavra. A água escorria suavemente diante de nós, contando os segundos. Teria sido tranquilo se não fosse pela neve encharcando minhas calças.

— Eu sou um pedaço de merda. — ela finalmente murmurou, sem levantar a cabeça.

— Absurdo. — em um movimento treinado, separei seu cabelo, dividindo cada metade em três partes perto de sua coroa. — Você cheira muito melhor do que merda.

— Você nos ouviu?

— Sim.

Ela gemeu e ergueu a cabeça, com os olhos marejados. — Eu estraguei

tudo?

Meus dedos mantiveram seus movimentos hábeis, adicionando novos fios de cabelo a cada parte enquanto eu trançava. — Ele vai ficar bem, Coco. Ele não vai morrer de coração partido. Na verdade, é um rito de passagem para a maioria. — terminei a primeira trança, deixando a cauda solta. — Alec quebrou o meu e eu sobrevivi.

Babette quebrou o seu. Sem eles, não teríamos encontrado o próximo. Eu não teria encontrado Reid.

Ela olhou para a água. — Você está dizendo que está tudo bem eu partir o coração dele.

— Estou *dizendo* que se você não tivesse feito isso, outra pessoa faria. Muitos poucos de nós se acomodam com nossos primeiros amores.

Ela gemeu novamente, inclinando a cabeça para trás em minhas mãos. — Oh *Deus*. Eu fui o primeiro amor dele.

— Trágico, não é? Suponho que não haja contabilidade para gosto. — quando terminei a segunda trança, arranquei um ramo de azevinho do galho mais próximo, arrancando as bagas e prendendo-as em seu cabelo. Ela ficou em silêncio enquanto eu trabalhava. Por fim, rastejei para sentar na frente dela. — Dê um tempo a ele, Coco.

Ele vai voltar.

— Não. — ela balançou a cabeça e suas tranças se desfizeram.

As bagas borrifaram a neve ao nosso redor. — Ele vai me odiar. Ele pode ter perdoado o flerte, mas eu nunca deveria tê-lo beijado.

Eu não disse nada. De nada adiantaria contar o que ela já sabia.

— Eu *queria* amá-lo, sabe? — ela agarrou os cotovelos contra o frio, curvando-se ligeiramente. — É por isso que eu fiz isso. É por isso que eu nunca o parei, quando ele *olhava* para mim assim, todo

olhos castanhos e apaixonado. É por isso que o beijei duas vezes.

Talvez eu devesse ter tentado uma terceira vez.

— Coco.

— Eu me sinto *terrível*. — novas lágrimas brotaram de seus olhos, mas ela olhou fixamente para o céu com determinação. Nem uma única

escapou. — Eu nunca quis machucá-lo. Talvez, talvez essa dor em meu peito signifique que estou errada. — ela ergueu os olhos abruptamente e apertou minha mão. — Eu nunca sofri com um romance como este em toda a minha vida, nem mesmo quando Babette me abandonou. Talvez isso signifique que eu me *importo* com ele. Talvez... Lou, talvez eu esteja interpretando mal meus sentimentos!

— Não, eu não acho...

— Ele é certamente bonito o suficiente. — ela falou sobre mim agora, seu desespero beirando a histeria. — Preciso de alguém como ele, Lou, alguém que seja gentil, atencioso e bom. Por que eu nunca gosto dos bons? *Por quê?* — seu rosto se contraiu e suas mãos relaxaram em torno das minhas. Ela baixou o queixo em derrota. — Precisamos de mães para esse tipo de merda.

Com uma bufada, recostei-me nas mãos e fechei os olhos, saboreando a mordida gelada da neve entre meus dedos. O luar em minhas bochechas. — Não é verdade.

Nós caímos no silêncio, cada uma presa na tempestade de seus pensamentos. Embora eu nunca tivesse admitido isso para ninguém antes deste momento, ansiava por minha mãe. Não a intrigante Morgane le Blanc. Não a toda poderosa La Dame des Sorcières.

Somente... minha mãe. Aquela que jogou comigo. Me ouviu.

Enxuguei minhas lágrimas quando pensei que morreria de um coração partido.

Quando abri os olhos, a peguei olhando para a água mais uma vez. — Tia Josephine diz que eu me pareço com ela. — ela disse, a emoção em sua voz. — É por isso que ela não aguenta me ver. —

ela dobrou os joelhos contra o peito, apoiando o queixo neles. — Ela me odeia.

Não pedi a ela que esclarecesse sobre La Voisin ou sua mãe. A dor em seus olhos estaria lá com qualquer uma.

Sentir que o silêncio a confortaria mais do que palavras, eu não falei. Ela esperou muito tempo pelo momento certo para me dizer isso, eu percebi. Além disso, que palavras eu poderia oferecer a ela? A prática das Dames Blanches de abandonar seus filhos, seus filhos sem magia e suas filhas com o tipo errado, era uma aberração. Nenhuma palavra poderia fazer isso certo.

Quando ela finalmente falou novamente, um sorriso melancólico apareceu em seus lábios. — Não consigo me lembrar muito dela, mas às vezes, quando realmente me concentro, vejo vislumbres de azul ou luz brilhando através da água. O cheiro de lírios. Gosto de pensar que foi o perfume dela. — seu sorriso desapareceu e ela engoliu em seco, como se a memória agradável tivesse azedado em sua língua. — É tudo ridículo, claro. Estou com a tia Josephine desde os seis anos.

— Ela alguma vez te visitou? Sua mãe?

— Nem uma vez. — mais uma vez, esperei, sabendo que ela tinha mais a dizer. — No meu décimo aniversário, perguntei a tia Josephine se *maman* viria comemorar. — ela agarrou os joelhos com mais força contra o vento. Ou talvez a memória. — Ainda me lembro do rosto da tia Josephine. Eu nunca vi esse ódio antes.

Ela... ela me disse que minha mãe estava morta.

A confissão me atingiu com uma força inesperada. Eu fiz uma careta, piscando rapidamente contra a ardência em meus olhos e desviei o olhar para me recompor. — Ela está?

— Eu não sei. Não tive coragem de perguntar sobre ela desde então.

— Merda, Coco. — ansiosa para distraí-la, para me distrair, eu balancei minha cabeça, procurando uma mudança de assunto.

Qualquer coisa seria preferível a esta conversa angustiante. Eu pensei que Morgane fosse cruel. A perspectiva era uma coisa curiosa. — Qual era o livro na tenda da sua tia?

Ela virou a cabeça para me encarar, franzindo a testa. — Seu grimoire.

— Você sabe o que tem nele?

— Feitiços, principalmente. Um registro de seus experimentos.

Nossa árvore genealógica.

Eu reprimi um estremecimento. — Que tipo de feitiços?

Parecia... vivo.

Ela bufou. — Isso é porque é assustador como o inferno. Eu só o virei uma vez em segredo, mas em alguns dos feitiços existem maldições horríveis, posses, doença e coisas parecidas. Apenas um tolo cruzaria o caminho da minha tia.

Agora não consegui reprimir meu estremecimento, não importa o quanto eu tentei. Misericordiosamente, Claud escolheu esse momento para se aproximar. — *Mes chéries*, odeio interromper, mas já está bem tarde. Posso sugerir que vocês se aposentem para no vagão âmbar? Vocês estão, sem dúvida, exaustas de sua viagem, e é imprudente demorar sozinhas aqui à noite.

Eu fiquei em pé. — Onde está Reid?

Claud limpou a garganta delicadamente. — Ai, Monsieur Diggory se encontra de outra forma ocupado no momento. — levantei minha sobrancelha, ele suspirou — Depois de uma brincadeira de sua altura real, o jovem mestre Ansel sucumbiu às lágrimas. Reid o está consolando.

Em um salto Coco ficou de pé, sibilando como um gato incrédulo e irritado. Quando finalmente encontrou suas palavras, ela rosnou:

— Eu vou matá-lo. — então ela invadiu o acampamento com um fluxo violento de maldições. Beau, quem a viu de chegar no seu caminho, mudou de direção abruptamente, fugindo em uma carroça.

— Faça isso lentamente! — eu gritei para ela, adicionando uma maldição ou duas das minhas. Pobre Ansel. Embora ele estivesse mortificado viu Coco, correndo para salvá-lo, *alguém* precisava de chutar a bunda de Beau.

Claud riu quando um grito cortou o ar atrás de nós. Eu me virei, assustada - e talvez um pouco satisfeita, esperando ver Beau molhando suas calças - e congelei.

Não foi Beau.

Meia dúzia de homens se derramaram na clareira, espadas e facas desembainhadas.

An Unexpected Reunion

Lou

— Abaixe-se. — Claud ordenou, sua voz abruptamente mais profunda, mais assertiva. Ele me empurrou no chão atrás dele, dobrando seu corpo para proteger o meu. Mas eu ainda espiei debaixo do braço dele, procurando freneticamente pelos casacos azuis dos Chasseurs. Não havia nenhum. Vestidos com trapos esfarrapados e casacos esfarrapados, esses homens fediam.

Literalmente *fediam*. Eu podia sentir o cheiro de onde estávamos, a trinta passos de distância.

Claud havia nos avisado sobre o perigo da estrada, mas eu não o levei a sério. A ideia de meros homens nos abordando era engraçada à luz das bruxas e caçadores. Mas essa percepção não foi o que me deixou boquiaberta. Não foi o que me fez lutar para me levantar, correr em direção aos ladrões em vez de me afastar deles.

Não. Era foi coisa. *Alguém*.

Atrás deles - empunhando uma lâmina tão negra quanto a terra em seu rosto - estava Bas.

— Merda. — horrorizada, dei uma cotovelada em Claud na lateral do corpo quando os olhos de Bas e Reid se encontraram. Ele não se mexeu. — Me deixe levantar! Me deixe levantar *agora*!

— Não chame atenção para você, Louise. — ele me segurou com um único braço, impossivelmente forte. — Fique quieta ou vou jogá-lo no riacho, uma experiência muito desagradável, te garanto.

— Que diabos você está falando? Aquele é *Bas*. Ele é um velho amigo. Ele não vai me machucar, mas ele e Reid parecem que estão prestes a se despedaçar...

— Deixe eles. — ele disse simplesmente.

Impotente, observei Reid tirar sua Balisarda de sua bandoleira. A última de suas facas. O resto permaneceu embutido em sua prancha giratória de nossa apresentação. O rosto de Bas se contorceu em um sorriso de escárnio. — *Você*. — ele cuspiu.

Seus companheiros continuaram conduzindo os outros para o centro do acampamento. Estávamos terrivelmente em menor número. Embora Ansel brandisse sua faca, eles o desarmaram em segundos. Mais quatro homens emergiram da carroça, arrastando Coco e Beau para fora com eles. Eles já haviam amarrado seus pulsos e tornozelos com uma corda, e ambos lutaram em vão para se libertar. Madame Labelle, no entanto, não lutou contra seu captor.

Ela aquiesceu calmamente, fazendo contato visual casualmente com Toulouse e Thierry.

Um homem baixo com pele branca como osso caminhou em direção a Reid e Bas, palitando os dentes com uma adaga.

— E quem poderia ser, hein, Bas?

— Este é o homem que matou o arcebispo. — a voz de Bas estava irreconhecível, dura como o aço em suas mãos. Seu cabelo tinha crescido longo e emaranhado nos meses desde que eu o vi pela última vez, e uma cicatriz feia se bifurcou em sua bochecha esquerda. O olhar dele era... afiado. Com fome. O oposto do menino carinhoso e carinhoso que conheci. — Este é o homem que matou o arcebispo. Cinquenta mil *couronnes* por sua captura.

Os olhos do cara cor de ossos brilharam em reconhecimento. —

Reid Diggory. Que tal isso? — ele riu, um som chocante e feio, antes de bater em uma das carroças de alegria. — Dame Fortune está certa, não é? Aqui estávamos pensando em arrancar algumas moedas, talvez curtir um pouco com uma atriz bonita, e o maldito *Reid Diggory* caiu em nosso colo!

Outro bandido, este alto e careca, deu um passo à frente, puxando Coco com ele. Sua faca permaneceu em sua garganta. —

Tem outros viajando com ele, chefe? Uma garota com uma cicatriz feia na garganta? Cartazes dizem que ela é uma bruxa.

Merda, merda, *merda*.

— Fique quieta. — Claud respirou. — Não se mexa.

Mas isso foi estúpido. Estávamos bem à vista. Tudo que os idiotas tinham que fazer era olhar rio abaixo, e eles nos notariam...

— Você está certo. — cor de ossos esquadrinhou o resto da trupe ansiosamente. — Cem mil *couronnes* pela cabeça dela.

A mão de Reid ficou tensa em sua Balisarda, e cor de ossos sorriu, revelando dentes marrons. — Eu entregaria isso se fosse você, filho. Não tenha ilusões de grandeza. — ele gesticulou para Coco, e o careca intensificou seu aperto. — A menos que você queira ver essa coisinha linda sem a cabeça dela também.

Para meu choque, Bas riu. — Pegue a cabeça dela. Mas eu gostaria de ver todo o resto, no entanto.

— O *que* você acabou de dizer? — Coco resmungou indignada.

— Você acabou de... *Bas*. Sou *eu*. Coco.

O sorriso escorregando, ele inclinou a cabeça para estudá-la. Ele agarrou o queixo dela entre o polegar e o indicador. — Como você sabe meu nome, *belle fille*?

— Solte ela. — Beau ordenou em uma tentativa valente de bravura. — Por ordem do seu príncipe herdeiro.

Os olhos do cor de ossos se iluminaram. — O que é isso, então?

O príncipe herdeiro? — ele corou de alegria. — Não o reconheci, Alteza. Você está muito longe de casa.

Beau olhou para ele. — Meu pai vai ficar sabendo disso, eu garanto. Você será punido.

— Eu vou, agora? — cor de ossos o circulou com um olhar malicioso. — Pelas minhas contas, eu apostaria que você é o único que será punido, Vossa Alteza. Já se foi há semanas, não é? A cidade está em alvoroço. Seu pai está tentando manter a calma, mas os boatos se espalharam. Seu precioso menino se envolveu com *bruxas*. Você pode imaginar? Não, eu não acho que serei punido por voltar para casa com ele. Acho que serei recompensado.

— para Reid, ele acrescentou: — A *faca*. Passe para cá. Agora.

Reid não se moveu.

A lâmina do careca deixou uma linha fina de sangue na garganta de Coco. — Bas... ela disse bruscamente.

— Como você sabe meu *nome*? — ele repetiu.

— Porque eu conheço *você*. — Coco lutou com mais força e a lâmina penetrou mais fundo. A carranca de Bas se aprofundou

inexplicavelmente, assim como a minha. O que ele estava fazendo?

Por que ele estava fingindo não conhecê-la? — Nós somos amigos.

Agora me deixe *ir*.

— Você sente o cheiro, então? — distraído, cor de ossos deu um passo em sua direção, olhando para seu sangue com uma expressão peculiar e faminta. — Cheira como algo queimando. —

ele acenou com a cabeça para si mesmo. Um sorriso satisfeito apareceu em seu rosto. — Sabe, ouvi rumores de uma bruxa de

sangue. Eles não "lançam" suas mãos como os outros. Juro que vi uma vez. Senti o cheiro, mais parecido. Quase queimou minhas narinas.

A voz de Bas endureceu com convicção. — Eu nunca tinha ouvido falar disso e nunca tinha visto essa mulher antes em minha vida.

Os olhos de Coco se arregalaram. — Seu *idiota*. Nós praticamente moramos juntos por um *ano*...

O careca bateu em sua cabeça. Aproveitando a oportunidade, Reid se lançou, exatamente no mesmo segundo que Coco torceu, tentando cobrir o pulso do careca com seu sangue. Com a pele fervendo, ele gritou, e os três colidiram em uma massa de membros emaranhados. Mais homens avançaram em meio à luta, arrancando a Balisarda de Reid e prendendo os dois no chão. O sangue de Coco sibilou onde tocou a neve. A fumaça envolveu seu rosto.

Madame Labelle olhou com uma expressão ansiosa, mas ainda não se mexeu.

— Bem. — cor de ossos disse agradavelmente, ainda sorrindo.

— Isso resolve, não é? Ela vai conseguir um bom preço com os Chasseurs. Passamos por alguns deles na estrada. Bajuladores bastardos. Eles estão vasculhando a floresta há semanas, fazendo uma bagunça certa para nós, não é? Claro, eu posso apenas ficar com seu sangue para mim. Quase sem preço, para o comprador certo. — cor de ossos coçou o queixo pensativamente antes de gesticular para Reid. — E este? O que você sabe sobre Reid Diggory, filho?

O aperto de Bas em sua faca aumentou. — Ele me prendeu em Cesarine. — tremendo de raiva, ele se ajoelhou ao lado de Reid, enfiando a faca em seu rosto. — Foi por sua causa que meu primo

me deserdou. Foi por sua causa que ele me deixou para morrer na rua. — Reid o olhou impassível, Bas continuou — Eu não matei aqueles guardas. Foi um acidente. Eu só fiz isso porque... — Bas teve um espasmo abrupto. Piscando rapidamente, ele balançou a cabeça para clareá-la. — Porque... — ele olhou para Coco confuso.

Ela franziu a testa para ele. — Eu... por que...?

— Pare de tagarelar, garoto, e vá direto ao ponto!

— Eu... eu não... me lembro. — Bas terminou, franzindo a sobrancelha. Ele balançou a cabeça mais uma vez. — Não me lembro.

O careca olhou para Coco com cautela. — Bruxaria, é isso.

Coisas estranhas.

Cor de ossos bufou de desgosto. — Eu não dou a mínima para bruxaria. Só me importo com meus *couronnes*. Agora, Bas, diga-me, a outra está aqui? Aquela que todos eles estão atrás? — ele esfregou as mãos com avidez. — Pense no que podemos fazer com cem mil *couronnes*.

— Há palafitas no vagão, se você está pensando em próteses.

— Coco mostrou os dentes em um sorriso, apontando com o queixo para o meio das pernas dele. Os homens tentaram e não conseguiram forçar o rosto dela no chão. — Tenho certeza que com as calças certas, ninguém jamais saberia.

— Cale a sua boca. — Cor de ossos rosou, suas bochechas ficando vermelhas. — Antes que eu cale para você.

O sorriso de Coco desapareceu. — Por favor, faça isso.

Mas parecia que cor de ossos, apesar de afirmar que não se importava com bruxas, tinha um respeito saudável por elas. Ou talvez medo. Ele simplesmente grunhiu e se voltou para Bas. —

Bem? Ela está aqui?

Prendi minha respiração.

— Eu não... — os olhos de Bas percorreram os membros da trupe. — Eu não sei.

— O que você quis dizer com, *você não sabe*? Ela deveria estar viajando com este, ela está? — ele apontou sua faca para Reid.

Bas encolheu os ombros fracamente. — Eu nunca a vi antes.

O alívio surgiu em mim e fechei os olhos, soltando um suspiro.

Por baixo de seu novo exterior um tanto infeliz, talvez Bas ainda

estivesse lá. Meu velho amigo. Meu confidente. Afinal, *salvei* sua pele na Torre. Teria sido um pagamento pobre para ele assistir enquanto seus amigos cortavam minha cabeça. Isso - essa coisa com Coco - era apenas uma atuação. Ele estava tentando nos ajudar, nos salvar.

Cor de ossos rosnou de frustração. — Procure na área.

Ao comando, meus olhos se abriram, bem a tempo de ver Reid olhar em minha direção. Quando cor de ossos seguiu seu olhar, suprimi um gemido. — Ela está se escondendo atrás daquela árvore, então? — ele perguntou ansiosamente, apontando sua faca diretamente para nós. — Lá, rapazes! Ela está ali! Encontre-a!

— Quieta. — o sussurro de Claud enviou um arrepio na minha espinha. O ar ao nosso redor parecia pesado, denso com chuvas de primavera e nuvens de tempestade, seiva de pinheiro e líquen. —

Não se mexa.

Obedeci a sua ordem - mal ousando respirar - enquanto Bas e um outro bandido vinham em nossa direção. O resto permaneceu equilibrado em um círculo ao redor da trupe, observando quando o careca começou a amarrar as mãos e os pés de Coco. Ela olhou para sua faca como se estivesse pensando se deveria se empalar nela. Com um pouco mais de sangue, esses idiotas lamentariam o dia em que nasceram.

— Eu não vejo nada. — murmurou o companheiro de Bas, circulando-nos com uma carranca.

Bas olhou para os galhos do azevinho, seus olhos passando por nós como se não estivéssemos lá. — Eu também não.

A mão de Claud apertou meu ombro, silenciosamente me avisando para não me mover.

— Alguma coisa? — Cor de ossos gritou.

— Nada!

— Bem, vá em frente e verifique o riacho então. Nós a encontraremos.

O companheiro de Bas grunhiu e saiu mancando. Sem olhar para trás, em nossa direção, Bas voltou a cor de ossos.

— O que é que foi isso? — eu sussurrei, confusão aumentando para pânico. Nada disso fazia sentido. Mesmo Bas não era tão bom ator. Ele olhou para mim - *através* de mim - sem dar uma única

indicação de que me viu. Nem uma piscadela ou toque de sua mão.

Nem mesmo contato visual, pelo amor de Deus. E *por que* Madame

Labelle ainda não havia derrotado esses idiotas? — O que acabou de acontecer?

A pressão nas minhas costas cedeu um pouco, embora Claud ainda não me soltasse. — Ilusão.

— O que? Eles... eles pensam que fazemos parte da árvore?

— Sim.

— *Como?*

Ele me fixou com seu olhar, estranhamente sério. — Devo explicar agora ou devemos esperar até que o perigo iminente passe?

Eu fiz uma careta para ele, voltando minha atenção para os outros. Bas começou a ajudar o careca com as cordas. Quando o careca se moveu para amarrar Reid, Bas o parou com um sorriso maldoso. — Eu fico com esse.

Reid devolveu o sorriso. No segundo seguinte, ele jogou a cabeça para trás, quebrando o nariz de seu primeiro captor, e rolou de costas, chutando o segundo nos joelhos. Eu quase aplaudi. Com uma velocidade incrível, ele arrancou sua Balisarda do homem que uivava e explodiu em pé. Bas reagiu com igual rapidez, como se esperasse o ataque, e usou o ímpeto de Reid contra ele.

Embora eu gritasse um aviso - embora Reid tentasse corrigir - era tarde demais.

Bas mergulhou sua faca na barriga de Reid.

— Não. — eu respirei.

Atordoado, Reid cambaleou para o lado, seu sangue respingando na neve. Bas sorriu triunfantemente, torcendo a faca mais profundamente, cortando a pele, músculos e tendões até que o branco brilhasse através do carmesim. Osso. Bas o estripou até os ossos.

Eu me movi sem pensar.

— Louise! — Claud sibilou, mas eu o ignorei, jogando fora seu braço e lutando para ficar de pé, correndo para onde Reid caiu de joelhos. — Louise, *não!*

Os bandidos ficaram boquiabertos enquanto eu corria em direção a

eles, provavelmente estupefatos ao ver uma árvore se

transformar em humana, mas eu não conseguia pensar além do sangue rugindo em meus ouvidos.

Se Reid não... se Coco não pudesse curar...

Eu mataria Bas. Eu iria *matá-lo*.

Jogando minha adaga aos pés de Coco, rezando para que ela pudesse alcançá-la, caí de joelhos na frente de Reid. O caos estourou ao nosso redor. Finalmente, *finalmente*, Madame Labelle se libertou de suas cordas. Com cada movimento de sua mão, corpos voavam. Uma pequena parte do meu cérebro percebeu que Toulouse e Thierry se juntaram a ela, mas eu não conseguia me concentrar, não conseguia ouvir nada além dos gritos de pânico dos bandidos, não conseguia ver *nada* além de Reid. *Reid*.

Mesmo ferido, ele ainda tentou me empurrar para trás. O

movimento foi fraco, no entanto. Muito de seu sangue foi perdido.

Decididamente, muitas de suas entranhas estavam em exibição. —

Não seja estúpido. — eu disse, tentando segurar pedaços de sua carne juntos. A bile subiu em minha garganta enquanto mais sangue derramava de sua boca. — Fique parado. Apenas... apenas...

Mas as palavras não saíram. Olhei para Coco desamparada, tentando invocar um padrão. *Qualquer* padrão. Mas esta ferida era mortal. Apenas a morte de outro iria curá-lo, e eu não poderia... eu não *poderia* trocar Coco. Seria como arrancar meu próprio coração.

E Ansel...

Ansel. Eu poderia?

Lou é diferente quando usa magia. Suas emoções, seu julgamento, ela tem sido errática.

Não. Eu balancei minha cabeça com veemência contra o pensamento, mas ele se alojou lá como um tumor, um tumor, envenenando minha mente. O sangue de Reid encharcou minha frente e ele caiu para frente em meus braços, pressionando sua Balisarda em minha mão. Seus olhos se fecharam.

Não, não, não...

— Bem, olhe aqui. — o rosnado de cor de osso soou atrás de mim. Muito perto. Sua mão agarrou meu cabelo, puxando minha cabeça para trás, e a outra puxou a fita na minha garganta. Ele traçou minha cicatriz. — Minha pequena bruxa finalmente saiu de

seu esconderijo. Você pode ter mudado seu cabelo, mas pode mudar sua cicatriz. Você vem comigo.

— Acho que não. — Coco desceu sobre ele como um morcego saindo do inferno, minha faca faiscando, cortando seu pulso.

— Sua vadia estúpida. — com um uivo, ele soltou meu cabelo e bateu furiosamente nela. Os dedos dele agarraram sua camisa e ele a puxou para si, forçando-a de volta contra seu peito. — Vou drenar você como drenei seus parentes, vendendo todo esse belo sangue para quem der o lance mais alto no Máscara de Caveira.

Os olhos de Coco se arregalaram e seu rosto se contorceu de raiva. Trazendo sua própria adaga bruscamente, ela a cravou profundamente em seu olho. Ele desabou instantaneamente, gritando e segurando o rosto. O sangue se derramou entre seus dedos. Ela o chutou uma vez antes de cair de joelhos ao lado de Reid. — Você pode curá-lo? — eu perguntei desesperadamente.

— Eu posso tentar.

Blood and Honey

Reid

Eu bati de volta no meu corpo com uma dor excruciante. Ofegante, me agarrei à primeira coisa que toquei, mãos marrons, com cicatrizes. Ao longe, sons de homens gritando e espadas se chocando chegaram aos meus ouvidos.

— Temos que nos mover. — disse Coco com urgência. Ela puxou meus braços, tentando me levantar. O sangue escorria da dobra de seu cotovelo e magia amarga e carbonizada queimou meu nariz. Eu olhei para o meu estômago, onde a carne tinha começado a se recompor. — *Vamos.* Meu sangue não o manterá fechado sem mel. Você tem que me ajudar. Temos que chegar às carroças antes que os Chasseurs apareçam.

Eu olhei para cima, desorientado, e entrei em campo pela primeira vez. O caos reinou. Alguém havia liberado minhas facas de arremesso e, para todos os lados, atores e ladrões lutavam.

Deveraux perseguiu um nas árvores com um florete enfeitado com jóias. Toulouse e Zenna lutaram lado a lado contra três outros.

As mãos de Toulouse ficaram borradas no ar e os ladrões caíram no chão instantaneamente. Ansel agarrou os joelhos de outro, este caindo sobre Seraphine. Quando o homem o desarmou, Thierry entrou correndo, mas ele não precisava. Ansel quase mordeu a orelha do homem e Seraphine o chutou em seus dentes. Madame Labelle e Beau lutaram juntos contra os outros, o primeiro os incapacitando e o último cortando suas gargantas.

Eu tentei me sentar, parando quando meu cotovelo tocou em algo macio. Caloroso.

Ao meu lado, seu líder estava imóvel com um buraco sangrento onde seu olho deveria estar.

Eu o empurrei, vasculhando a cena atrás de Lou. Encontrei ela a poucos metros de distância.

Ela e Bas circulavam um ao outro como lobos. Embora o sangue escorresse do nariz de Bas, logo ficou claro que Lou estava na defensiva. — Eu não quero machucar você, Bas. — ela sibilou, desviando mais um de seus ataques com minha Balisarda. — Mas você *precisa* parar de ser um idiota. Sou eu. *Lou...*

— Eu nunca a conheci antes em minha vida, *madame*. — ele investiu mais uma vez, e sua lâmina a atingiu no ombro.

Sua boca se abriu em descrença enquanto ela apertava a ferida.

— Você está *brincando* comigo? Eu salvei a porra da sua pele na Torre, e é assim que você me retribui?

— Eu escapei da Torre por conta própria...

Com um grito de raiva, ela se lançou sobre ele, balançando-se para cima e girando até que se agarrou a suas costas. As pernas dela envolveram sua cintura. Os braços dela envolveram sua garganta. — Isso *não* é engraçado. Estamos destruindo sua tripulação heterogênea. Acabou. Está feito. Não há razão para continuar fingindo...

— *Eu. Não. Estou. Fingindo.*

Ela intensificou seu aperto até que seus olhos se arregalaram, e ele puxou a faca para cima, mirando em seu olho. Soltando-o

apressadamente - muito precipitadamente - ela caiu de costas na neve. Ele estava em cima dela em segundos, a faca posicionada em sua garganta.

Mais uma vez, lutei para me levantar, mas Coco me prendeu no lugar. — Me solta. — eu rosnei.

— Você está muito fraco. — ela balançou a cabeça, os olhos arregalados enquanto os observava. — Lou pode lidar com ele.

— Bas. Bas, *pare*. — a mão de Lou se fechou em torno de seu pulso. Seu peito subia e descia rapidamente, como se estivesse lutando contra o pânico. — *Como* você não se lembra de mim? —

ele pressionou a faca com mais força em resposta. Seus braços tremeram contra sua força. — Você não está fingindo. Merda.

Merda.

Ele hesitou, como se as maldições dela tivessem acendido algo nele. Uma memória. — Como você me conhece? — ele perguntou ferozmente.

— Eu te conheço há anos. Você é um dos meus melhores amigos. — quando ela estendeu a mão para tocar seu rosto, sua mandíbula, sua mão aliviou a faca. — Mas eu... eu fiz algo com você na Torre? — suas sobrancelhas franziram enquanto ela se esforçava para lembrar. — Você foi trancado. Eles iam matar você, a menos que... — compreensão surgiu em seus olhos turquesa. — A menos que você tenha dado a eles os nomes das bruxas em Tremblay. É isso aí.

— Você... você sabe sobre o Tremblay?

— Eu estava lá.

— Você não poderia ter estado. Eu me lembraria.

Finalmente, ela empurrou a faca dele. Ele não a impediu. —

Bastien St. Pierre. — ela disse. — Nós nos conhecemos nos bastidores em Soleil et Lune dois verões atrás. Um ensaio para La Barbe Bleue tinha acabado e você esperava roubar um minuto ou dois com a protagonista. Você a estava cortejando na época. Uma semana depois, você... — seu rosto se contorceu de dor contra alguma força invisível, e o cheiro de magia fresca estourou no ar. —

Você começou a me cortejar.

— Como você... ? — ele se afastou dela abruptamente, agarrando a cabeça como se ela a tivesse partido ao meio. — Pare!

Pare! Por favor!

— Eu roubei suas memórias de você. Estou simplesmente devolvendo.

— O que quer que você esteja fazendo, por favor, *por favor*, pare...

Caindo de joelhos, Bas implorou e implorou, mas Lou não parou.

Logo seus lamentos chamaram a atenção dos outros. Madame Labelle - que acabara de despachar o último dos bandidos -

congelou. Seus olhos se arregalaram. — Louise, pare com isso.

Pare. — disse ela bruscamente, tropeçando nas saias na pressa de alcançá-los. — Você vai se matar!

Mas Lou não deu ouvidos. Os olhos dela e de Bas rolaram para trás simultaneamente, e juntos, eles desabaram.

Conseguí afastar as mãos de Coco, cambaleando para o lado de Lou. O cheiro de incenso me sufocou - forte e doce - e tossi violentamente. A dor atravessou meu estômago com o movimento.

— Lou. — eu segurei seu pescoço enquanto Bas recuperava a consciência. — Você pode me ouvir?

— Louey? — Bas se endireitou, agarrando a mão dela com repentina urgência. Ele deu um tapinha na bochecha dela. — Louey, acorde. *Acorde.*

A náusea agitou quando seus olhos se abriram, enquanto ela piscava para mim. Quando ela se virou para ele.

Quando eu percebi a verdade.

Lou mentiu. De novo. Ela *resgatou* seu amante na Torre. Bem debaixo do meu nariz. Não deveria ter me surpreendido - não deveria ter *importado* - mas o engano ainda cortou fundo. Mais profundo do que deveria, mais profundo do que qualquer ferida na carne jamais poderia. Eu me senti em carne viva, exposto, cortando músculos e ossos de minha própria alma.

Eu deixei cair minhas mãos, caindo no chão ao lado dela.

Respirando profundamente.

Com todos os olhos em nós, ninguém viu o líder dos bandidos se levantar atrás de Coco. Ninguém, exceto Lou. Ela ficou tensa e me virei para vê-lo levantar a faca com intenção mortal, mirando no ponto entre os ombros de Coco. Um golpe mortal.

— Cuidado! — Bas gritou.

Coco girou, mas o homem já estava em cima dela, a ponta de sua lâmina pronta para perfurar seu peito...

Lou jogou minha Balisarda.

Ela disparou entre eles, mas o homem se moveu no último segundo, puxando o braço fora de seu caminho. E assim ela continuou a voar, desimpedida, direto. Não parou até que afundou na árvore atrás deles.

E então a árvore a comeu.

Minha boca se abriu. Minha respiração me abandonou. Eu não pude fazer nada além de assistir enquanto todo o tronco estremecia, engolindo o precioso aço centímetro por centímetro até que nada restasse. Nada além da safira em seu punho. E a árvore, *mudou*.

Veios de prata se espalharam por sua casca - antes negra - até que toda a árvore brilhou à luz do sol. A fruta da meia-noite floresceu em galhos duros. Os espinhos envolveram cada botão. Afiado. Metálico.

As pipas se aninhando em seus galhos alçaram voo com gritos assustados, quebrando o silêncio.

Coco moveu-se rapidamente. Com eficiência brutal, ela apunhalou o homem em seu coração. Desta vez, ele não se levantou.

Mas eu sim.

— Reid. — Lou disse apaziguando, mas eu não pude ouvi-la.

Um zumbido começou em meus ouvidos. Uma dormência invadiu meus membros. A dor deveria arrasar meu corpo a cada passo, mas não o fez. A agonia devia ter destruído meu coração a cada batida.

Se foi, deveria ter batido. *Se foi, se foi, se foi*. Mas isso não aconteceu.

Não senti nada.

Sem minha Balisarda, *eu* não era nada.

Como se estivesse flutuando acima, eu me vi estender a mão para tocar a safira, mas a mão de Lou desceu sobre a minha. —

Não toque nisso. — disse ela sem fôlego. — A árvore também pode sugar você. — eu não deixei cair minha mão. Ele continuou alcançando, alcançando, até que Lou conseguiu puxá-lo para o meu lado. — Reid, *pare*. É... é... se foi. Mas não se preocupe. Vamos...

vamos pegar outra para você. Tudo certo? Nós vamos... — ela parou quando me virei para olhar para ela. O rosa tingiu suas bochechas. O nariz dela. O alarme arregalou seus olhos.

— Deixe-o ir, Louise. — disse Madame Labelle severamente. —

Você já causou danos suficientes por um dia.

— Desculpe? — Lou girou para encará-la, curvando os lábios. —

Você não pode falar sobre danos causados. Coco deu um passo para o lado de Lou. — Nada disso teria acontecido se você não tivesse esperado tanto para intervir. Esses homens não sabiam que você tinha magia. Você poderia ter terminado isso assim que começou. Por que você não fez isso?

Madame Labelle ergueu o queixo. — Eu não respondo a você.

— Então responda a mim.

Com minhas palavras tensas, todos no acampamento se viraram em minha direção. Os membros da trupe se juntaram, observando

com olhos arregalados. Deveraux parecia horrorizado. Quando Ansel deu um passo hesitante para a frente, Beau o puxou de volta com um aceno de cabeça. Eu ignorei todos eles, fixando os olhos em minha mãe. Ela empalideceu. — Eu...

— Não é óbvio? — a risada de Lou tinha um tom desagradável.

— Ela quer que você use magia, Reid. Ela esperou até o último momento possível para ver se seus mecanismos de defesa funcionariam. Não é, querida mãe?

Esperei que minha mãe negasse uma acusação tão ultrajante.

Quando ela não o fez, me senti cambalear para trás. Longe dela.

Longe de Lou.

Longe da minha Balisarda.

— Eu quase morri. — eu disse simplesmente.

O rosto de Madame Labelle se contraiu e ela se aproximou, levantando uma mão pesarosa. — Eu nunca teria deixado você...

— Você quase não teve escolha. — virando-me nos calcanhares, caminhei em direção à carroça âmbar. Lou veio atrás, mas não consegui olhar para ela. Não conseguia confiar em mim para falar.

— Reid...

Sem dizer uma palavra, fechei a porta na cara dela.

A porta não conseguiu manter Coco afastada.

Ela não perdeu tempo em me seguir, em me abordar com mel.

Com movimentos bruscos, ela puxou o frasco de líquido âmbar de sua bolsa e jogou-o para mim. — Você está sangrando.

Meus olhos caíram para o meu estômago, onde minha ferida se abriu. Eu não tinha notado isso. Mesmo agora - como o sangue fresco deslizou através da minha camisa - um desgastamento profundo dos ossos se instalou dentro de mim. As vozes de Lou e da minha mãe se levantaram. Ainda discutindo. Eu fechei meus olhos.

Esta sempre será sua vida com ela, correr, se esconder, lutar.

Não. Meus olhos se abriram e afastei o pensamento.

Coco cruzou a carroça para se ajoelhar ao meu lado.

Mergulhando um dedo ensanguentado no pote de mel, ela esfregou a mistura sobre minha ferida. A carne se juntou quase instantaneamente.

— Por que seu sangue queimou aquele homem? — eu perguntei, a voz vazia.

— O sangue de uma Dame Rouge é veneno para seus inimigos.

— Oh. — eu balancei a cabeça mecanicamente. Como se isso fizesse sentido. — Certo.

Terminado, ela se levantou, olhando para mim como se estivesse deliberando. Depois de vários segundos estranhos, ela pressionou um novo frasco de sangue e mel na minha palma. — O que aconteceu lá não foi justo com ninguém, muito menos com você. —

ela fechou meus dedos em torno do frasco. Ainda estava quente. —

Pegue. Acho que você vai precisar antes que tudo isso acabe.

Dagger of Bone

Lou

Deveraux insistiu em continuarmos nos movendo. Com os corpos empilhados fora de Beauchêne, seria apenas uma questão de tempo até que alguém alertasse as autoridades locais.

Precisávamos estar muito, muito *longe* antes que isso acontecesse.

Felizmente, Deveraux não parecia dormir como uma pessoa normal, então ele atrelou os cavalos imediatamente.

Infelizmente, ele sugeriu que eu me juntasse a ele.

A carroça balançou embaixo de nós enquanto ele colocava os cavalos em movimento.

Um dos gêmeos dirigia a carroça atrás de nós. A *carroça âmbar*, Claud tinha chamado. Eu não me importava com seu nome. Eu só me importava que Reid estava dentro dela, e eu não estava.

Reid e Coco. Eu deveria estar grata por eles estarem se dando bem.

Mas eu não estava.

Afundando mais profundamente em meu cobertor, olhei para as estrelas. Claud deu uma risadinha. — Um *couronne*, por seus pensamentos, pequena?

— Você tem família, Monsieur Deveraux? — as palavras saíram com sua própria vontade, e resisti ao impulso de tapar a boca com a mão.

Com um olhar astuto - como se estivesse esperando tal pergunta

- ele persuadiu os cavalos a trotar. — Na verdade, eu tenho. Duas irmãs mais velhas. Criaturas aterrorizantes, com certeza.

— E... pais? — eu perguntei, curiosa apesar de mim mesma.

— Se eu já tive, não me lembro mais deles.

— Quantos anos você tem?

Ele riu, seus olhos cortando para os meus. — Que pergunta indelicada.

— Que resposta frustrantemente vaga. — quando sua sorriso se aprofundou em uma risada, eu mudei de tática, estreitando meus olhos. — Por que você está tão interessado em mim, Deveraux?

Você sabe que sou casada, certo?

Ele enxugou uma lágrima do olho. — Querida criança, eu não sou um perverso...

— Então o que é? Por que você está nos ajudando?

Franzindo os lábios, ele considerou.

— Talvez porque o mundo precise um pouco menos de ódio e um pouco mais de amor. Essa resposta é suficiente?

— Não. — revirei os olhos, cruzando os braços e me sentindo petulante. Um segundo depois, meus olhos voltaram para ele por conta própria. — *Você* já esteve alguma vez apaixonado?

— Ah. — ele balançou a cabeça, os olhos voltados para dentro.

— Amor. O mais evasivo dos amantes. Em todos os meus anos, devo confessar que o encontrei apenas duas vezes. O primeiro era um jovem pastor obstinado, muito parecido com o seu Reid, e o segundo... bem, essa ferida não está totalmente curada. Seria tolice reabri-la.

Em todos os meus anos. Era uma frase estranha para alguém que parecia estar na casa dos quarenta.

— Quantos anos *você* tem? — eu perguntei novamente, mais alto desta vez.

— Muitos.

Estranho, de fato. Eu o encarei. — O *que* você é?

Ele riu, seus olhos cortando para os meus. — Eu simplesmente... sou.

— Isso não é uma resposta.

— Claro que é. Por que devo me comprometer para atender às suas expectativas?

O resto da conversa - na verdade, o resto da *noite* - passou de uma forma igualmente frustrante. Quando o céu clareou de escuro

como breu, para cinza escuro, para rosa deslumbrante, eu não estava mais perto de descobrir o mistério de Claud Deveraux.

— Estamos perto de Cesarine, pequena. — ele cutucou meu ombro e apontou para o leste, onde nuvens de fumaça de chaminé se enrolavam na luz dourada do amanhecer. Puxando suavemente as rédeas, ele diminuiu a velocidade dos cavalos. — Não ouse me aventurar mais perto. Acorde seus companheiros. Embora seus aposentos tenham pegado fogo, acredito que Madame Labelle tenha contatos na cidade. Juntos, procurarão um lugar seguro para o seu retorno, mas devemos dizer adieu por enquanto.

Por enquanto.

Eu estudei seu rosto plácido em confusão. Não fazia sentido, ele nos ajudando. Nenhum mesmo. O lado suspeito da minha natureza gritava mal - certamente ele tinha motivos ocultos - mas o lado prático dizia para calar a boca e agradecer.

Então eu fiz.

Ele simplesmente apertou minha mão com as suas, me olhando diretamente nos olhos. — Fique segura, minha querida, enquanto nos separamos. Fique segura até nos encontrarmos novamente.

Bati suavemente na porta da carroça.

— Reid? — quando ele não respondeu, eu soltei um suspiro, descansando minha testa contra a madeira. — É hora de ir.

Sem resposta.

O desespero ameaçou me engolir por inteiro.

Uma vez, quando eu era criança, minha mãe teve um amante influente, um homem *la noblesse*. Quando ela se cansou dele, o banuiu do Chateau, mas ele não saiu facilmente. Não, este era um homem

desacostumado à rejeição, com fundos e poder quase infinitos à sua disposição. Ele logo contratou homens para assombrar a floresta, capturando nossas irmãs e torturando-as para revelar a localização do Chateau. A localização da minha mãe.

Ele era um idiota. Eu não me senti mau quando ela o matou.

Fiquei triste quando ela abriu seu peito e o encheu de pedras, jogando seu cadáver no L'Eau Mélancolique. Eu o observei sumir de vista com uma sensação de vergonha. Sua esposa nunca saberia o que havia acontecido com ele. Ou seus filhos.

— Não se preocupe, querida. — Morgane sussurrou, seus dedos ensanguentados apertando os meus para me tranquilizar. —

Embora um segredo seja uma mentira em roupas bonitas, alguns segredos devem ser mantidos.

Mas eu não fiquei tranquila. Eu fiquei doente.

Esse silêncio entre Reid e eu parecia algo assim, como pular no mar com pedras no peito, incapaz de parar de afundar. Parar de sangrar. Só que não foi minha mãe quem me abriu desta vez.

Fui eu.

Eu bati com mais força. — Reid. Eu sei que você está aí. Posso entrar? Por favor?

A porta finalmente se abriu e lá estava ele, olhando para mim. Eu ofereci um sorriso hesitante. Ele não o devolveu - o que foi *bom*.

Realmente. Isso foi. Se eu continuasse dizendo isso, talvez se tornasse verdade. Depois de vários segundos estranhos, Coco abriu a porta e saiu. Ansel a seguiu. — Voltaremos já. — ela prometeu, tocando meu braço ao passar. — Nós só precisamos... estar em outro lugar.

Reid fechou a porta atrás de mim.

— Eu deveria fazer as malas também. — eu disse, minha voz excessivamente brilhante. Amaldiçoando internamente, limpei minha garganta e adotei um tom mais natural. — Quer dizer, não há muito para embalar, mas ainda assim. Quanto mais rápido estivermos na estrada novamente, melhor, certo? O funeral é amanhã. Só temos hoje para convencer Blaise a se juntar a nós. — eu me encolhi no silêncio. — Se você precisar de mais tempo aqui, no entanto, um dos cavalos de

Claud atirou uma ferradura, então eles não estão esperando por nós, mas sim por Thierry. Acho que ele é o ferrador da trupe, algo sobre o aprendizado de um homem em Amandine...

— debruçado sobre sua bolsa, Reid não deu nenhuma indicação de que estava ouvindo. Continuei falando mesmo assim, incapaz de parar. — Ele pode ser a única pessoa viva que fala menos do que você. — eu dei uma risada fraca. — Ele é um herói taciturno. Eu...

eu o vi usando magia contra os bandidos na noite passada? Ele e o irmão dele... ?

Reid deu um aceno conciso.

— E... *por acaso* você os convenceu a se juntar a nós contra Morgane?

Embora todo o seu corpo estivesse tenso, ele ainda não se virou.

— Não.

Minha náusea se intensificou para algo semelhante à culpa. —

Reid... — algo em minha voz finalmente o fez virar. — A noite passada foi minha culpa. Às vezes eu apenas *reajo*... — eu soltei um suspiro frustrado, afagando uma mecha do meu cabelo. — Eu não queria perder sua Balisarda. Eu sinto muito.

Por tudo.

Ele pegou a mecha do meu cabelo, e nós dois a vimos deslizar por entre seus dedos. Desejei que ele me abraçasse, para afastar com um beijo essa tensão entre nós. Ele me entregou uma camisa limpa em vez disso. — Eu sei.

A rigidez de seus ombros disse o que ele não disse.

Mas ainda acabou.

Eu queria sacudi-lo. Eu queria gritar e me enfurecer até quebrar o silêncio de reprovação em que ele se envolvia como uma armadura. Eu queria nos amarrar até que ficassemos machucados com as amarras e *forçá-lo* a falar comigo.

Claro, eu não fiz nenhuma dessas coisas. Assobiando baixo, eu arrastei meus dedos pela prateleira mais baixa. Incapaz de ficar parada. Cestas de frutas secas, ovos e pão desordenavam o espaço, junto com soldadinhos de madeira e penas de pavão. Uma coleção estranha. —

Não posso acreditar que você encontrou outros tão rapidamente. Passei minha vida inteira sem encontrar um único.

— encolhi os ombros e coloquei uma pena de pavão atrás da minha orelha. — É *verdade* que passei a maior parte da vida isolada no Chateau - onde ninguém acreditaria em tal coisa - e o resto passei roubando nas ruas, mas mesmo assim. — girando para encará-lo, coloquei uma pena atrás de sua orelha também. Ele resmungou irritado, mas não a removeu. — Eu sei que sou a primeira a mudar o destino do pássaro, mas quais são as chances?

Reid enfiou o resto de sua roupa em sua bolsa. — Deveraux coleciona coisas.

Eu olhei para as prateleiras desordenadas. — Eu posso ver isso.

— Não. Ele *nos* coleciona.

— Oh. — eu fiz uma careta. — E ninguém acha isso estranho?

— Tudo sobre Deveraux é estranho. — ele fechou a bolsa com o cinto, jogando-a por cima do ombro, então parou, o olhar caindo para a mesa. O meu seguiu. Um livro estava aberto lá. Um diário.

Nós dois olhamos para ele por uma fração de segundo.

Então nós avançamos.

— Ah ah ah. — pegando o livro debaixo de seus dedos, eu gargalhei e dancei para longe. — Você está ficando lento, velho.

Agora, onde estávamos? Ah sim. — aponte para a capa de couro.

— Outro diário delicioso. Alguém poderia *pensar* que você não aprendeu a lição sobre deixá-los por aí. — Ele saltou em mim, mas eu pulei em cima de sua cama, balançando as páginas fora de alcance. Ele não retribuiu meu sorriso. Uma vizinha na minha cabeça avisou que eu deveria parar, avisou que esse comportamento, antes divertido, agora decididamente não era, mesmo quando abri a boca para continuar. — O que encontraremos neste? Sonetos elogiando minha inteligência e charme? Retratos imortalizando minha beleza?

Eu ainda estava rindo quando uma folha de pergaminho se soltou.

Eu o peguei distraidamente, virando-o para examiná-lo.

Era um desenho de seu rosto, um retrato magistral de Reid Diggory a

carvão. Vestido com trajes de Chasseur completos, ele olhou para mim com uma intensidade que transcendia a página, enervante em sua profundidade. Aproximei-me fascinada. Ele parecia mais jovem aqui, as linhas de seu rosto mais suaves, arredondadas. O corte de cabelo curto e elegante. Fora os quatro cortes raivosos aparecendo acima do colarinho, ele parecia tão imaculado quanto o homem com quem me casei.

— Quantos anos você tinha aqui? — eu tracei a medalha do capitão em seu casaco, vagamente reconhecendo-a de nosso tempo juntos na Torre. Na época, era indescritível, uma simples peça de seu uniforme. Eu quase não percebi. Agora, porém, parecia consumir todo o retrato. Eu não conseguia desviar meus olhos.

De repente, Reid deu um passo para trás, deixando cair os braços. — Eu tinha acabado de fazer dezesseis anos.

— Como você sabe?

— As feridas no meu pescoço.

— Como as conseguiu...?

Ele puxou o retrato e o enfiou na bolsa. — Eu já te disse como.

— suas mãos se moveram rapidamente agora, pegando minha própria bolsa e jogando-a para mim. Eu peguei sem dizer uma palavra. O início de uma memória tomou forma em minha mente, borrada nas bordas. Afiando a cada segundo

Como você se tornou capitão?

Você tem certeza que quer saber?

Sim.

— Você está pronta? — Reid jogou sua bolsa por cima do ombro, os olhos varrendo a desordem da cama por quaisquer pertences esquecidos. — Se vamos chegar a La Ventre ao anoitecer, precisamos sair agora. Les Dents é traiçoeiro, mas pelo menos é uma estrada. Estamos nos aventurando na selva.

Eu descí de sua cama. — Você já esteve em La Ventre antes, não foi?

Ele assentiu secamente.

Alguns meses depois de me juntar aos Chasseurs, encontrei um bando de

loup garou fora da cidade.

— Não haverá caçadores de recompensas ou ladrões lá. —

acrescentou. — Nenhuma bruxa também.

Nós os matamos.

Criei raízes com as memórias.

Olhando para mim por cima do ombro, ele empurrou a porta. —

O que foi?

— Os lobisomens que você encontrou fora da cidade... aqueles que você matou para se tornar o capitão... eles eram...?

A expressão de Reid fechou. Ele não se mexeu por um longo momento. Então, curiosamente, ele sacou uma faca peculiar de seu bandoleira. Sua alça tinha sido esculpida de um osso, uma forma uivantes...

A respiração deixou meu peito com pressa.

Um lobo uivante.

— Oh, Deus. — eu sussurrei, o ácido cobrindo minha língua.

— Um presente do... — a garganta de Reid travou — Do Arcebispo. Para comemorar minha primeira morte. Ele me deu na

minha cerimônia de capitão.

Recuei um passo, batendo na mesa. As xícaras de chá estremeceram. — Me diga que não é o que eu penso, Reid. Me diga que isso não é osso de *lobisomem*.

— Eu não posso te dizer isso.

— *Merda*, cara. — eu corri em direção a ele agora, estendendo a mão para trás para fechar a porta. Os outros não podiam ouvir isso.

Não quando estávamos a poucos instantes de viajar para o fundo da barriga da besta - uma besta que seria muito menos receptiva a uma aliança enquanto carregávamos os ossos de seus *mortos*. —

De quem era o osso? Porra. E se pertencesse a um dos parentes de Blaise? E se ele se lembrar?

— Ele vai.

— *O que?*

— Ele vai se lembrar. — a voz de Reid retomou aquela estabilidade irritante, aquela calma mortal. — Eu matei o filho dele.

Eu fiquei boquiaberta com ele. — Você não pode estar falando sério.

— Você acha que eu brincaria com isso?

— Acho *melhor* ser uma brincadeira. Acho que uma brincadeira de merda seria muito melhor do que um plano de merda. — afundei em sua cama, os olhos ainda arregalados de descrença. — Eu não posso acreditar em você. Este... este era o seu plano. *Você* era aquele que queria destruir o reino em uma corrida louca para reunir aliados. Você realmente acha que Blaise vai querer se aproximar do assassino de seu filho? Por que você não mencionou isso antes?

— Isso teria mudado alguma coisa?

— Claro que teria! — eu belisquei a ponte do meu nariz, fechando os olhos com força. — Tudo certo. Nós vamos nos adaptar. Podemos... podemos ir até Cesarine com Claud. Auguste ainda pode se juntar a nós, e La Voisin já concordou...

— Não. — embora ele se ajoelhou entre meus joelhos, ele tomou cuidado para não me tocar. A tensão ainda irradiava de seus ombros, sua mandíbula cerrada. Ele ainda não tinha me perdoado.

— Precisamos de Blaise como um aliado.

— Agora não é a hora para uma de suas posições de princípio, Reid.

— Vou aceitar as consequências das minhas ações.

Eu mal resisti à vontade de bater o pé. *Mal* resisti. — Bem, tenho certeza de que ele apreciará sua galanteria. Você sabe, quando ele estiver rasgando sua garganta.

— Ele não vai rasgar minha garganta. — agora Reid me tocou, o mais leve toque de seus dedos no meu joelho. Minha pele formigou.

— Os lobisomens valorizam a força. Vou desafiar Blaise para um duelo para cumprir minha dívida de sangue. Ele não será capaz de resistir à oportunidade de vingar seu filho. Se eu ganhar, teremos demonstrado que somos aliados fortes, talvez mais fortes até do que Morgane.

Uma onda de silêncio.

— E se você perder?

— Eu vou morrer.

Until One of Us is Dead

Reid

A floresta nos engoliu quando saímos da estrada. As árvores ficaram mais densas, o terreno acidentado. Em alguns lugares, o dossel acima bloqueava toda a luz solar. Apenas nossos passos quebraram o silêncio. Estava um pouco mais quente aqui.

Lamacento. Por experiência própria, eu sabia que quanto mais para o sul viajássemos, mais úmido o solo se tornaria. Com sorte, a maré estaria baixa quando chegássemos ao pântano de água fria de La Ventre.

— Que lugar absoluto para uma axila. — Beau soprou em suas mãos para aquecê-las. — Foi lamentavelmente nomeado errado.

Quando ninguém respondeu, ele deu um suspiro dramático.

Coco se abrigou ao meu lado. Ansel não retornou seus olhares disfarçados. Com a ameaça de morte iminente não mais sobre eles, sua fenda foi reaberta. Ele não tinha falado uma palavra desde a nossa partida. Nem Lou. Seu silêncio pesava muito sobre mim, mas não consegui amenizá-lo. A vergonha e a raiva ainda ardiam profundamente em minhas entranhas.

— É uma pena. — Beau finalmente murmurou, balançando a cabeça e olhando para cada um de nós. Seus olhos brilharam de decepção. — Eu sei que vocês estão muito preocupados com seu anseio para notar, mas eu acabei de ver meu reflexo naquela última poça, e *caramba*, eu estou lindo.

Coco deu um tapa na cabeça dele. — Você já pensou em alguém além de você?

Ele esfregou o local com tristeza. — Não, realmente não.

Lou sorriu.

— Chega. pendurei minha bolsa em um galho baixo. —

Podemos parar aqui para a refeição do meio-dia.

— E *comer*. — Lou tirou um pedaço de queijo com um gemido.

Deveraux gentilmente nos forneceu comida para a viagem.

Cortando um pedaço, ela o ofereceu a Ansel. Ele não aceitou.

— Quando você terminar. — ele murmurou, sentando-se na raiz ao lado dela. — Pensei que talvez pudéssemos treinar. Nós pulamos ontem. — para mim, ele acrescentou: — Vai levar apenas um momento.

Lou soltou uma risada. — Não precisamos da permissão dele, Ansel.

Em vez disso, Beau se serviu do queijo de Lou. — Espero que isso não seja uma alusão à sua tentativa não tão valente de esgrima na noite passada.

— Ele *foi* valente. — Lou retrucou.

— Não se esqueça que eu estava lá quando os homens invadiram nossa carroça, Beau. — disse Coco docemente. Seus olhos se estreitaram. — Você quase mijou nas calças.

— Pare com isso. — em voz baixa, Ansel olhou com determinação para os pés de Coco. — Eu não preciso de você para me defender.

— Isso é ótimo. — Beau apontou para o braço de Ansel. — Você ainda está sangrando. Você tropeçou e se cortou durante a luta, não foi? Você teve sorte que os bandidos o desarmaram.

— Cale a boca, Beau, antes que eu cale para você. — Lou ficou de pé, arrastando Ansel também. Ela examinou o corte em seu braço antes de lhe entregar a faca. — Claro que podemos treinar.

Apenas ignore aquele bastardo.

— Eu não acho que *eu* sou o...

Eu interrompi antes que ele pudesse terminar. — Não temos tempo para isso. Os Chasseurs estavam perto ontem à noite. Ansel vai ficar bem. Ele treinou conosco na Torre.

— Sim. — Lou se ajoelhou sobre mim, puxando outra lâmina da minha bandoleira. A bainha perto do meu coração permaneceu dolorosamente vazia. — Esse é o problema.

Meu lábio se curvou por vontade própria. — Desculpe?

—É só que... como eu coloco isso... — ela inclinou a cabeça para me considerar, soprando o ar de suas bochechas com um som bruto. — Não se ofenda, mas os Chasseurs têm uma certa reputação de serem, bem... arcaicos. *Galantes*

— Galantes. — eu repeti rigidamente.

— Não me interpretem mal, essas suas injeções foram um passo cruel na direção certa, mas, historicamente, sua irmandade parece sofrer de delírios de grandeza. Cavaleiro errante e coisas do gênero.

Protetores dos mansos e indefesos, operando sob um rígido código de conduta moral.

— E isso está errado? — perguntou Ansel.

— Não há lugar para moralidade em uma luta, Ansel. Não com bandidos ou caçadores de recompensas. Não com bruxas. — seu olhar endureceu. — E não com Chasseurs, também. Você é um de nós agora. Isso significa que você não é mais manso *ou* indefeso.

Aqueles homens que você chamou de irmãos não hesitarão em queimá-lo. É vida ou morte, sua ou deles.

Eu zombei. — Ridículo.

Sim, Lou havia eliminado os caçadores de recompensas com relativa facilidade. Ela massacrou os criminosos na ferraria e derrotou a bruxa na Torre. Mas se ela pensava que sabia mais do que gerações de Chasseurs... se ela pensava que poderia ensinar a Ansel mais do que os melhores lutadores do reino...

Ela não sabia de nada. Trapaça pode funcionar contra caçadores de recompensas e criminosos comuns, mas contra Chasseurs, habilidade e estratégia eram necessárias. Fundamentos baseados em anos de estudo e treinamento cuidadosos. Paciência. Força.

Disciplina. Apesar de toda sua habilidade, Lou não possuía nenhum desses. E por que ela iria? Ela era uma bruxa, treinada em artes mais sombrias do que *paciência*. Seu tempo nas ruas - claramente sua única educação em combate - tinha sido curta e furtiva. Ela passou mais tempo se escondendo no sótão do que lutando.

— Ridículo. — eu repeti.

— Você parece bastante confiante, Chass. — ela levantou minha faca lentamente, angulando a lâmina para refletir a luz do sol da tarde. — Talvez devêssemos fazer uma demonstração para Ansel.

— Muito engraçado.

— Eu não estou rindo.

Eu a encarei. — Eu não posso lutar com você. Não seria justo.

Seus olhos brilharam. — Concordo. Não é justo nem um pouco.

Mas temo que Ansel não seja o único que precisa de uma lição hoje.

Eu odiaria que qualquer um de vocês ficasse com a impressão errada.

— Não. — levantando, cruzei os braços e olhei para ela. — Eu não vou fazer isso. Não me peça.

— Por que não? Você não tem nada a temer. Afinal, você é o mais forte de nós. Não é?

Ela se aproximou, seu peito roçando meu estômago e acariciou minha bochecha com um dedo. Sua pele tremeu e sua voz se aprofundou. Multiplicada. Exatamente como no pub. O sangue latejava em meus ouvidos. Sem minha Balisarda, eu podia sentir a atração de sua magia sob minha pele. Meus músculos já começaram a relaxar, meu sangue a esfriar. Uma agradável dormência percorreu minha espinha.

— Você está curioso. — sua voz era um ronronar enquanto ela me circulava, seu hálito quente contra meu pescoço. Ansel, Beau e Coco assistiam com olhos arregalados. — Admita. Você quer saber como é. Você quer ver, esta parte de mim. Esta parte de *você*. Isso te assusta, mas você está curioso. Tão curioso. — sua língua saiu, lambendo a concha da minha orelha. O calor subiu pela minha barriga. — Você não confia em mim?

Ela estava certa. Eu *queria* ver. Eu queria saber. Este vazio em seu rosto era esquisito e estranho, mas eu...

Não. Eu balancei minha cabeça ferozmente. Eu não queria ver de jeito nenhum. Ainda ontem, eu a vi quase se matar com magia.

Ela não deveria fazer isso. Não *deveríamos* fazer isso. Não estava certo. Não era Lou. Não foi...

Rendição

Essas vozes estranhas e desconhecidas roçaram meus pensamentos mais íntimos mais uma vez, me acariciando. Me persuadindo. — Claro que confio em você.

— Prove. — ela estendeu a mão para passar os dedos pelo meu cabelo. Eu estremeci com o toque. Com a intrusão em minha cabeça. — Faça o que eu digo.

Rendição

— Eu... isso é o suficiente. O que você está fazendo? — eu arranquei sua mão e tropecei para trás. Joguei minha bolsa da árvore. Ninguém se moveu para recuperá-lo. — Pare!

Mas sua pele só brilhou mais quando ela se aproximou de mim -

seus olhos cheios de desejo - e de repente, eu não tinha certeza se queria que ela parasse.

Rendição. Toque nela

— Reid. — ela estendeu os braços para mim em súplica e eu me senti dar um passo à frente, enterrar o rosto em seus cabelos. Mas ela cheirava mal. Tudo errado. Como fumaça e pele e... e algo mais.

Algo afiado. Isso perfurou a névoa em minha mente. — Me abraça, Reid. Abraça isso. Você não precisa ter medo. Deixe-me mostrar o quão poderoso você pode ser. Deixe-me mostrar o quão fraco você é.

Muito afiado. Doentamente doce. Queimando.

Minhas mãos desceram em seus ombros e eu a forcei a dar um passo para trás, desviando meu olhar. — Pare com isso. Agora. —

não querendo arriscar seus olhos novamente, eu encarei sua garganta. Sua cicatriz. Lentamente, sua pele esmaeceu sob minhas mãos. — Esta não é você.

Ela bufou com isso, e sua pele estremeceu abruptamente. Ela se afastou de mim. — Pare de me dizer quem eu sou. — quando arrisquei um olhar para ela, ela olhou de volta, os lábios franzidos e as sobrancelhas levantadas. Uma mão em seu quadril estreito.

Expectante. — Então? Vamos fazer isso ou não?

— Lou... — Ansel avisou.

Meu corpo inteiro tremia. — Essa é a segunda vez que você usou magia para me controlar. — eu disse calmamente. — Nunca mais faça isso de novo. Você entendeu? *Nunca.*

— Você está sendo dramático.

— Você está fora de controle.

Um sorriso malicioso curvou seus lábios. Jezebel encarnada. —

Então me castigue. Eu prefiro correntes e um chicote, mas uma espada serve.

Inacreditável. Ela estava... ela...

Eu respirei fundo. — Você realmente quer fazer isso?

Seu sorriso se alargou, feroz e, naquele instante, não a reconheci mais. Ela não era mais Lou, mas uma verdadeira Le Blanc. Linda, fria e estranha. — Eu realmente quero.

Você a conheceu apenas alguns meses atrás. Quão bem você realmente pode conhecê-la? As palavras de Madame Labelle me atormentaram. Cada vez mais alto elas cresciam. *Louise começou sua descida. Eu conheço os sinais. Eu já vi isso acontecer antes.*

Você não pode pará-la, e você não pode diminuir a velocidade.

— Se eu concordar com isso... — eu disse lentamente. — Eu tenho uma condição.

— Estou ouvindo.

— Se eu ganhar, chega de mágica. Estou falando sério, Lou.

Você para de usá-la. Eu não quero ver isso. Eu não quero sentir o cheiro. Eu não quero *pensar* sobre isso até que tudo isso acabe.

— E se eu ganhar? — ela passou um dedo pelo meu peito. O

brilho não natural voltou a sua pele. O brilho desconhecido em seus olhos. — O que então, amorzinho?

—Eu aprendo a usar isso. Eu deixo você me ensinar.

Sua pele gotejou abruptamente e seu sorriso sumiu. —

Combinado.

Com a garganta apertada, eu balancei a cabeça e recuei.

Finalmente, poderíamos acabar com isso, essa loucura entre nós.

Essa tensão. Este *impasse*. Eu a incapacitaria rápido e eficientemente. Apesar de sua provocação, eu não queria machucá-

la. *Nunca* quis machucá-la. Eu só queria protegê-la. De Morgane.

De Auguste.

Dela mesma.

E agora eu finalmente posso.

Puxando uma segunda faca, rolei meus ombros para trás.

Estiquei meu pescoço. Flexionei meu pulso.

Uma sensação semelhante à tontura tomou conta de mim enquanto nos encarávamos, enquanto ela girava minha faca entre os dedos. Mas eu não deixei minhas emoções me traírem. Ao contrário de Lou, eu podia controlar. Eu podia dominá-los. Eu *iria* dominá-los.

— Você está pronto? — seu sorriso havia retornado e sua postura permaneceu relaxada. Arrogante. Ansel correu para a

cobertura da árvore mais próxima. Cipreste. Até Coco recuou, puxando Beau com ela. — Devemos contar até três?

Eu mantive meu controle sobre a luz da minha Balisarda. — Um.

Ela jogou a faca no ar. — Dois.

Nós nos olhamos.

— Três. — eu respirei.

Ela saltou imediatamente, surpreendendo-me, e atacou com uma força inesperada. Eu a bloqueei facilmente, contra-atacando com um golpe meu. Meia força. Eu só precisava subjugar-la, não espancá-la, e ela era tão pequena...

Arremessando-se ao meu redor, ela usou meu impulso para chutar a parte de trás do meu joelho e me atirar para a frente. Pior, ela meio

agarrou, meio me montou no chão, garantindo que eu caísse de cara na neve. Sua faca tocou minha garganta enquanto minha própria escorregava para fora de alcance. Rindo, ela cravou os joelhos nas minhas costas e deu um beijo no meu pescoço.

— Primeira lição, Ansel: encontre as fraquezas do seu oponente e explore-as.

Furioso, cuspi neve da boca e afastei a faca dela. — Saia de cima de mim.

Ela riu de novo e rolou para o lado, me libertando, antes de ficar de pé. — Então, o que Reid fez de errado? Além de cair de cara no chão e perder a arma?

Piscando, ela a arrancou do chão e o devolveu para mim.

Ansel remexeu-se sob a árvore, recusando-se a fazer contato visual. — Ele... ele não queria machucar você. Ele se conteve.

Eu me levantei. O calor subiu pelo meu pescoço e orelhas enquanto eu batia na neve e na lama do meu casaco, minhas calças. *Porra*. — Um erro que não cometerei duas vezes.

Os olhos de Lou dançaram. — Vamos tentar uma segunda rodada?

— Sim.

— Em sua contagem.

Eu tomei a ofensiva desta vez, golpeando forte e rápido. Eu havia subestimado sua rapidez antes, mas não de novo. Mantendo meu impulso e equilíbrio, mantive meus movimentos controlados,

vigorosos. Ela pode ter sido mais rápida, mas eu era mais forte.

Muito, muito mais forte.

Seu sorriso desapareceu após um golpe particularmente poderoso no cabo da espada. Eu não hesitei. Eu bati novamente e novamente, levando-a de volta para o cipreste. Prendendo ela.

Explorando sua fraqueza. Seus braços tremiam com esforço, mas ela mal conseguia desviar meus ataques, muito menos contra-atacar. Eu não parei.

Com um último golpe, afastei sua faca, prendendo-a contra a árvore

com meu antebraço. Ofegante. Sorrindo. Triunfante. — Se renda.

Ela mostrou os dentes e ergueu as mãos. — Nunca.

A explosão veio antes que eu pudesse reagir. E o cheiro. O

cheiro. Queimou meu nariz e queimou minha garganta, seguindo-me enquanto eu voava no ar, enquanto eu batia em um galho e escorregava na neve. Algo quente e úmido explodiu na minha cabeça. Toquei o local com cuidado e meus dedos ficaram vermelhos. Sangrando.

— Você... — minha garganta apertou com descrença. Com raiva. — Você trapaceou.

— Segunda lição. — ela rosnou, descendo para recuperar sua faca. — Não existe trapaça. Use todas as armas do seu arsenal.

Ansel assistia com olhos arregalados e aterrorizados. Pálido e imóvel.

Eu me levantei lentamente. Deliberadamente. Minha voz tremeu.

— Dê-me a faca.

— Não. — ela ergueu o queixo, os olhos muito brilhantes, e o deslizou pela alça do cinto. — Você perdeu. Ganhe de volta.

— Lou. — Ansel avançou hesitantemente, as mãos estendidas entre nós, como se estivesse aplacando animais selvagens. —

Talvez... talvez você deva apenas dar...

Suas palavras terminaram em um grito quando a joguei no chão.

Rolando de costas, absorvi o pior do impacto, agarrando seus pulsos e pegando sua própria faca. Ela me agarrou, gritando, mas eu mantive suas mãos presas com uma das minhas, usando a outra para alcançar, para *procurar*...

Seus dentes afundaram em meu pulso antes que eu pudesse encontrar seu cinto.

— Merda! — eu a soltei com um rosnado, vergões se formando nas marcas dos dentes. — Você é *louca*?

— *Patético*. Certamente o grande capitão pode fazer melhor do que isso...

Vagamente, eu podia ouvir Ansel gritando algo à distância, mas o rugido em meus ouvidos abafou tudo, exceto Lou. *Lou*. Eu rolei, mergulhando para sua faca descartada, mas ela saltou atrás de mim.

Eu alcancei primeiro.

Instintivamente, eu balancei para fora em um arco amplo e vicioso, defendendo minhas costas. Lou deveria ter dançado fora de alcance. Ela deveria ter antecipado o movimento e reagido, abaixando sob meu braço estendido e atacado.

Mas ela não fez isso.

Minha faca acertou.

Eu assisti em câmera lenta - bile subindo em minha garganta -

enquanto a lâmina rasgava seu casaco, enquanto sua boca se alargava em um O surpreso. Enquanto ela tropeçava, agarrando o peito, e caindo no chão.

— Não. — eu engasguei a palavra antes de cair de joelhos ao lado dela. O rugido em meus ouvidos foi abruptamente silenciado.

— Lou...

— Reid! — a voz de Ansel quebrou o silêncio enquanto ele corria em nossa direção, espalhando neve e lama em todas as direções.

Ele derrapou até parar e caiu para frente, as mãos tremendo freneticamente sobre o corte em seu casaco. Ele recostou-se com um suspiro. — Graças a Deus...

— Coco. — eu disse.

— Mas ela está...

— COCO!

Uma risada silenciosa soou abaixo de nós. Minha visão se concentrou na forma pálida de Lou. Um sorriso tocou seus lábios, perverso, e ela se apoiou nos cotovelos.

— Fique deitada. — eu implorei, minha voz falhando. — Por favor. Coco vai curar você...

Mas ela não ficou deitada. Não, ela continuou a se levantar, erguendo

as mãos em um gesto peculiar. Minha mente - lerda e lenta com o pânico - não compreendeu o movimento, não entendeu sua intenção até que fosse tarde demais...

A explosão me ergueu no ar. Não parei até que minhas costas bateram na árvore mais uma vez. Dobrando-me, engasguei e tentei recuperar o fôlego.

Outra risada, esta mais alta que a anterior. Ela caminhou em minha direção, abrindo o casaco para revelar sua camisa, sua pele.

Ambos intactos. Nem mesmo um arranhão. — Terceira lição: a luta não acaba até que um de vocês esteja morto. Mesmo assim, verifique duas vezes. Sempre chute quando eles estiverem no chão.

A Debt of Blood

Reid

Se a tensão entre nós era densa antes, agora era intransitável.

Cada passo é um tijolo entre nós. Cada momento uma parede.

Caminhamos por muito tempo.

Embora Lou tenha enviado a raposa negra - Brigitte, ela a havia nomeado - com nosso pedido de encontro, a Besta de Gévaudan não respondeu.

Ninguém disse outra palavra até o anoitecer. Os ciprestes substituíram gradualmente os pinheiros e as bétulas, e o solo abaixo de nós havia amolecido. Ele esmagou sob os pés, mais lama agora do que musgo e líquen. A salmoura temperava o ar frio do inverno e, acima de nós, uma gaivota solitária crocitava. Embora a água encharcasse minhas botas, a sorte estava do nosso lado, a maré ainda não tinha subido.

— Logo escurecerá. — sussurrou Beau. — Você sabe onde eles moram?

Lou pressionou mais perto do meu lado. O arrepio em sua pele se espalhou. — Duvido que o tenham convidado para tomar um chá.

Eu resisti ao desejo de envolver um braço em volta dela, de segurá-la com força. Ela não se desculpou desta vez. Eu não esperava por isso. — Pegamos perdidos desavisados da última vez.

Eu... não sei onde o bando reside.

— Perdidos desavisados? — Lou olhou para mim bruscamente.

— Você me disse que encontrou o bando.

— Eu queria te impressionar.

— Não importa. — Coco olhou para o céu, para o fantasma da lua no pôr do sol púrpura. Cheia esta noite. Ficando mais brilhante a cada minuto. — Eles vão nos encontrar.

Beau seguiu seu olhar, empalidecendo. — E até lá?

Um uivo perfurou a noite.

Agora eu peguei a mão de Lou. — Nós continuamos.

A verdadeira escuridão caiu dentro de uma hora. Com ele, sombras mais profundas se materializaram, voando por entre as árvores. — Eles estão aqui. — com voz suave, Lou inclinou a cabeça para a nossa esquerda, onde um lobo prateado sumiu de vista. Outro avançou sem fazer barulho. Mais uivos ecoaram o primeiro até que um coro de gritos nos cercou. Nós nos agrupamos.

— Fiquem calmos. — eu respirei. Embora ansioso para puxar uma lâmina, mantive minha mão firmemente na de Lou. Este primeiro momento era crítico. Se eles suspeitassem de perigo, eles não hesitariam. — Eles ainda não atacaram.

A voz de Beau aumentou para um guincho. — *Ainda?*

— Todos se ajoelhem. — lentamente, com cautela, eu me agachei, curvando minha cabeça, guiando Lou comigo. Nossos dedos entrelaçados na lama. Com cada uma de suas respirações, eu sincronizei a minha própria. Me centrei. A expectativa envolveu meu pescoço, meus braços. Talvez Blaise não me ouvisse. Apesar do que eu disse a Lou, talvez ele não aceitasse meu desafio. Talvez ele simplesmente nos matasse. — Faça contato visual apenas com aqueles que deseja desafiar.

Como se esperassem minhas palavras, os lobos desceram. Três dúzias deles, pelo menos. Eles emergiram em todas as direções, tão silenciosos quanto a lua acima. Cercando-nos. O rosto de Lou ficou branco. Ao lado dela, Ansel tremia.

Estávamos em menor número. *Alarmanamente* em menor número.

— O que está acontecendo? — Beau perguntou com uma respiração irregular. Ele pressionou a testa no ombro de Coco, cerrando os olhos.

Lutei para manter minha própria voz firme. — Estamos solicitando uma reunião com o alfa.

Bem na nossa frente, um enorme lobo de olhos amarelos apareceu. Eu o reconheci imediatamente, seu pelo da cor da fumaça, sua boca grisalha e deformada. Um pedaço de seu nariz foi arrancado. Eu ainda me lembrava da visão dele caindo no chão. A sensação, o cheiro de seu sangue em minhas mãos. O som de seus gritos torturados.

Quando ele curvou o lábio, revelando dentes tão longos quanto meus dedos, me forcei a falar. — Blaise. Nós precisamos conversar.

Quando me movi para me levantar, Lou me interrompeu com um breve aceno de cabeça. Ela se levantou, dirigindo-se a Blaise diretamente. Só eu podia sentir sua mão tremendo. — Meu nome é Louise le Blanc, e procuro uma reunião com a Besta de Gévaudan, líder deste bando. Posso presumir que você é ele?

Blaise rosnou baixinho. Ele não desviou o olhar de mim.

— Estamos aqui para negociar uma parceria contra La Dame des Sorcières. — Lou continuou, sua voz mais forte agora. — Não queremos lutar.

— Você é muito corajosa. — uma jovem robusta saiu de entre as árvores, vestida apenas com uma combinação. Pele de cobre.

Cabelo preto. Olhos castanhos profundos. Atrás dela, uma versão masculina em miniatura a seguiu. — Trazendo um príncipe e um Chasseur para La Ventre.

Beau olhou para mim. Quando eu balancei a cabeça, ele também se levantou. Embora cauteloso, sua postura mudou sutilmente, transformando-o diante de nossos olhos. Ele endireitou os ombros. Plantou os pés. Baixou o olhar para a mulher com uma expressão impassível. — Temo que você nos tenha em desvantagem, Mademoiselle...?

Ela olhou para ele. — Liana. Eu sou a filha da Besta de Gévaudan.

Beau assentiu. — Mademoiselle Liana. É um prazer te conhecer.

— quando ela não retribuiu o sentimento, ele continuou, sem se

deixar abater. — Minha companheira falava a verdade. Estamos aqui para fazer as pazes com os louns-garous. Acreditamos que uma aliança pode beneficiar todas as partes envolvidas.

Lou lançou-lhe um olhar agradecido.

— E que parte *você* representa? — Liana perguntou sedosamente, espreguiçando mais perto. Os olhos de Beau mudaram quando um punhado de lobos sombreou seus movimentos. — Sua *Alteza*.

Beau deu um sorriso tenso. — Infelizmente, não estou aqui em uma posição oficial, embora mantenha a esperança de que meu pai também esteja aberto a uma aliança.

— Antes ou depois de enviar seus caçadores para massacrar minha família?

— Não queremos brigar. — Lou repetiu.

— Isso é muito triste. — Liana sorriu abertamente, e seus incisivos se alongaram, tornando-se pontiagudos letais. — Porque nós queremos.

Seu irmão mais novo - talvez cinco anos mais novo que Ansel -

mostrou os dentes. — Pegue eles.

— Espere! — Beau gritou, e o lobo mais próximo dele se assustou, mordendo sua mão. Ele caiu no chão com uma maldição.

— Por favor escute! — Lou disparou entre eles, levantando as mãos em um gesto apaziguador. Indiferente a seus apelos, os lobos atacaram. Eu corri atrás deles, puxando as facas gêmeas da minha bandoleira, me preparando para jogar.

— Só queremos conversar! — sua voz se elevou desesperadamente. — Não queremos bri...

O primeiro lobo bateu nela, e ela cambaleou para trás, estendendo a mão para mim. Olhos procurando os meus. Eu entendi seu objetivo instintivamente, jogando a faca em linha reta e certa. Pegando em punho enquanto ele girava, ela cortou o lobo em um único movimento contínuo. Quando ele gritou e saltou para o lado, sangrando, seus parentes derraparam e pararam ao redor.

Rosnados e uivos encheram a noite.

— Não é nossa intenção fazer mal. — a mão de Lou não tremia mais.

— Mas vamos nos defender, se necessário. — atrás dela, levantei minha própria faca para dar ênfase. Coco e Ansel juntaram-se a nós. Até Beau desembainhou sua adaga, completando nosso círculo.

— Bem. — Coco disse amargamente. Os lobos rondavam ao nosso redor, procurando um ponto fraco para atacar. — Isso saiu do controle ainda mais rápido do que eu pensava.

Eu golpeei um lobo que se aproximou muito. — Você sabe o que eu preciso fazer, Lou.

Ela balançou a cabeça com veemência. — Não. Não, ainda podemos negociar...

— Você tem uma maneira interessante de *negociar*. — Liana rosnou, gesticulando para seus parentes feridos. — Trazendo facas e inimigos para nossa casa e nos abrindo.

— Eu não queria que isso acontecesse. — outro lobo avançou enquanto Lou falava, na esperança de pegá-la desprevenida. Para seu crédito, ela não o esfaqueou. Ela chutou no nariz. — Temos informações sobre seu inimigo, La Dame des Sorcières. Juntos, podemos finalmente derrotá-la.

— Ah. Eu entendo agora. — um pequeno sorriso brincou nos lábios de Liana. Ela levantou a mão e os lobos pararam de circular abruptamente. — Você veio implorar pela ajuda do bando.

— Para pedir. — Coco disse ríspidamente. Ela ergueu o queixo.

— Não vamos implorar.

As duas se encararam por vários segundos. Nenhuma vacilando.

Nenhuma desviando o olhar. Finalmente, Liana inclinou sua cabeça.

— Eu reconheço sua bravura, Cosette Monvoisin, mas o bando nunca vai ajudar um príncipe, um caçador e sua prostituta. —

quando ela acenou com a cabeça na direção de Beau, eu e Lou, vi vermelho. Agarrando minhas facas com intenção mortal, dei um passo à frente. O braço de Coco cruzou meu peito. Liana riu, o som feroz. Feral. — Você não deveria ter vindo aqui, Reid Diggory. Vou gostar de rasgar sua garganta.

— Chega, Liana. — profunda e rouca, a voz de Blaise cortou o barulho

de rosnados ansiosos. Eu não o tinha visto se transformar.

Ele estava diante de nós agora como um homem, vestido apenas com um par de calças largas. Seu peito estava tão marcado quanto seu rosto. Seus ombros são tão largos quanto os meus. Talvez mais largos. Como sua pele de lobo, seu cabelo cresceu longo e cinza tempestuoso, com raías de prata. — Morgane le Blanc nos visitou no início desta semana com uma proposta semelhante. Ela falou de guerra.

— E liberdade dos Chasseurs. — Liana cuspiu.

— Tudo o que devemos fazer é entregar a filha dela, sua esposa. — os olhos amarelos de Blaise cravaram nos meus, cheios de ódio. — E a perseguição do meu povo terminará.

— Ela vai me sacrificar. — a mão de Lou apertou sua faca.

Blaise acompanhou o movimento. Predatório. Avaliando quaisquer fraquezas, mesmo agora. — Eu sou *filha* dela. — Lou continuou, sua voz aumentando de tom. Um olhar confirmou que suas pupilas estavam dilatadas. Seu corpo também estava se preparando para lutar, mesmo que sua mente ainda não tivesse percebido o perigo de nossa situação. — No entanto, ela apenas me concebeu - me criou - para morrer. Ela nunca me amou. Certamente você vê o quão mal isso é?

Blaise mostrou os dentes para ela. Seus incisivos ainda estavam afiados. Pontudos. — Não me fale de família, Louise le Blanc, quando você nunca conheceu uma. Não fale em matar crianças.

Não com o grupo que você mantém.

Lou fez uma careta, uma nota de desespero em sua voz. — Ele é um homem mudado...

— Ele nos deve sangue. Sua dívida será paga.

— Nunca deveríamos ter vindo aqui. — sussurrou Beau.

Ele estava certo. Nosso plano tinha sido maluco, na melhor das hipóteses, e isso, essa tinha sido uma missão suicida desde o início.

A Besta de Gévaudan nunca se juntaria a nós. Por minha causa.

— Morgane não hesitará em massacrar você depois que você cumprir seu propósito. — Lou abandonou todas as tentativas de civilidade, plantando seus pés bem na minha frente. Me defendendo de uma

matilha inteira de lobisomens. — Dames Blanches detestam loup garou. Elas detestam qualquer coisa diferente de si mesmas.

— Ela pode tentar. — os caninos de Blaise se estendiam além de seu lábio e seus olhos brilharam na escuridão. Os lobos ao redor dele rosnaram e começaram a nos circundar novamente. — Mas ela vai descobrir rapidamente que loup garou saboreia mais o sangue de nossos inimigos. Você foi uma tola ao se aventurar em La Ventre, Louise le Blanc. Agora seu caçador vai pagar com a vida. — seus ossos começaram a rachar e se mover, e seus olhos rolaram para trás. Liana sorriu. Os lobos se aproximaram, lambendo os lábios.

Lou ergueu as mãos dela mais uma vez. Desta vez, o gesto não foi apaziguador. — Você não vai tocá-lo.

— Lou. — toquei seu cotovelo, balançando a cabeça. — Pare.

Ela bateu na minha mão e ergueu a sua mais alto. — *Não*, Reid.

— Eu sabia o que aconteceria quando eu chegasse aqui. —

antes que ela pudesse protestar, antes que Blaise pudesse completar sua transição para lobo, eu respirei fundo e dei um passo à frente. — Eu desafio você, Blaise, a Besta de Gévaudan e alfa desta matilha, para um duelo. Em sua honra e na minha. — seus ossos pararam de quebrar abruptamente e ele olhou para mim, congelado entre duas formas. Tremoço e humanóide. Uma mistura grotesca de lobo e homem. — Apenas nós dois. Uma arma de nossa escolha. Se eu vencer, você e seu bando se juntarão a nós na próxima batalha. Você nos ajudará a derrotar La Dame des Sorcières e suas Dames Blanches.

— E se eu ganhar? — a voz de Blaise estava distorcida, desconexa, de sua boca alongada. Mais rosnados do que palavras.

— Você me mata.

Ele bufou, seus lábios se afastando de seus dentes. — Não.

Eu pisquei. — Não?

— Recuso seu desafio, Reid Diggory. — ele acenou com a cabeça para sua filha e filho antes de se entregar completamente à mudança. Em segundos, ele caiu de quatro, ofegando no ar frio da noite. Um lobo mais uma vez. Liana estava atrás dele. Em seus olhos brilhava um ódio que reconheci. Um ódio que outrora roubou minha respiração e endureceu meu coração.

— Desta vez, capitão Diggory. — ela disse suavemente. —

Vamos caçá-lo. Se você chegar à aldeia do outro lado de nossas terras, você escapará com vida. Se não... — ela respirou fundo, sorrindo como se farejando nosso medo, antes de estender os braços para os membros da matilha. — Glória ao loup-garou que matar você.

O rosto de Lou se contorceu de horror.

— A aldeia, Gévaudan, fica ao sul daqui. Nós lhe daremos uma vantagem inicial.

— Quanta vantagem para começar? — Beau perguntou, os olhos apertados e ansiosos.

Ela apenas sorriu em resposta.

— Armas? — Lou perguntou.

— Ele pode manter as armas consigo. — disse Liana. — Nem mais nem menos.

Eu rapidamente registrei meu inventário. Quatro facas na minha bandoleira. Duas em minhas botas. Uma na minha espinha. Sete *dentes* meus. Embora eu rezasse para não precisar deles, não fui ingênuo. Isso não iria acabar bem. Isso terminaria sangrento.

— Se algum de *vocês* intervir na Caçada. — acrescentou o irmão mais novo, olhando entre Lou, Coco, Ansel e Beau. — Com magia ou não, suas vidas serão perdidas.

— E quanto a Morgane? — Coco perguntou rapidamente. — Se Reid ganhar, você se aliará a nós contra ela?

— Nunca. — Liana rosnou.

— Isso é besteira! — Lou avançou em direção a eles, as mãos ainda levantadas, mas eu peguei o braço dela. Para minha surpresa, Beau também.

— Irmãzinha. — ele disse, os olhos arregalados enquanto os lobos se fechavam em torno de nós. — Acho que devemos jogar o jogo deles.

— Ele vai *morrer*.

Os olhos de Coco dispararam para todos os lados como se procurasse uma fuga. Não havia nenhuma. — Todos nós morreremos a menos que

ele concorde. — ela olhou para mim procurando confirmação. Esperando. Nesse olhar, eu entendi. Se eu decidisse não fazer isso, ela se juntaria a mim na luta para sairmos.

Todos eles fariam. Mas o custo, o risco...

Como se puxado por uma força invisível, meus olhos se voltaram novamente para Lou. No rosto dela. Eu memorizei a curva de seu nariz, a inclinação de sua bochecha. A linha de seu pescoço. Se lutássemos, eles a levariam. Havia muitos deles para matar, mesmo com a magia do nosso lado.

Eles a levariam e ela iria embora.

— Não faça isso. — disse ela, sua angústia palpável. Meu peito doeu.
— Por favor.

Meu polegar roçou seu braço. Só uma vez. — Eu tenho que fazer.

Quando me virei para Liana, ela já estava na metade da mudança. Pelo preto cobriu seu rosto lupino, e seus lábios se curvaram em um sorriso horrível. — Corra.

[The Wolves Descend](#)

[Reid](#)

Uma sensação de calma envolveu-me quando entrei no pântano.

Sul. Ao sul. Eu conhecia Gévaudan. Os Chasseurs e eu tínhamos ficado lá na noite após nosso ataque ao lobisomem, a noite antes de eu me tornar o Capitão Diggory. Se eu me lembrava do terreno corretamente, o rio que alimentava o moinho de Gévaudan desaguava neste estuário. Se eu pudesse encontrar aquele rio, poderia perder meu cheiro nas água. Levando-os para a aldeia.

Se eu não me afogasse primeiro.

Eu olhei para baixo. A maré estava subindo. Em breve inundaria o estuário, o que, por sua vez, inundaria o rio. A corrente seria perigosa, especialmente enquanto eu estivesse carregado com armamento pesado. Ainda assim, melhor o diabo que eu conhecia do que o diabo que não conhecia. Prefiro me afogar do que sentir os dentes de Blaise em meu estômago.

Correndo em volta das árvores - tomando cuidado para marcar cada

uma com meu cheiro - eu dobrei para trás, diluindo meu rastro o máximo possível. Eu me agachei. Loups-garous eram mais rápidos do que os lobos normais, mais rápidos até do que os cavalos. Eu não conseguia fugir deles. A água era minha única esperança. Isso, e...

Agarrando o chão, peguei punhados de lama e espalhei na minha pele. As minhas roupas. Meu cabelo. Além da força e da velocidade, os narizes dos lobisomens eram suas maiores armas.

Eu precisava desaparecer em todos os sentidos.

Em algum lugar atrás de mim, um uivo quebrou o silêncio.

Eu olhei para cima, o primeiro nó de medo me fazendo hesitar.

Meu tempo acabou. Eles estavam vindo.

Amaldiçoei silenciosamente, correndo para o sul e ouvindo -

ouvindo - o barulho revelador da água. Procurando por troncos grossos e musgo pendurado em meio aos outros verdes e marrons suaves da floresta. O rio havia se formado em um bosque espesso de ciprestes carecas. Tinha que ser perto daqui. Lembro deste lugar.

Cada marco que surgiu antes de mim refresca minha memória. Jean Luc havia parado para descansar contra aquele tronco nodoso. O

arcebispo - teimosamente vestido com suas vestes de coral - quase caiu sobre aquela pedra.

O que significava que os ciprestes deveriam estar... *lá*.

Triunfante, corri em direção a eles, deslizando pelos troncos quando outro uivo soou, respirando um suspiro de alívio quando finalmente, *finalmente* encontrei o...

Eu parei. Meu alívio diminuiu.

Não havia nada aqui.

Onde antes ficava o rio, restava apenas um punhado de samambaias. Suas folhas - marrons e mortas - tremulavam suavemente ao vento. O solo abaixo deles era lamacento, úmido, coberto de líquen e musgo. Mas nada do leito do rio permaneceu.

Nem um grão de areia. Nem uma única rocha de rio. Era como se todo o rio simplesmente tivesse... desaparecido. Como se eu tivesse

imaginado tudo.

Minhas mãos se fecharam em punhos.

Eu não tinha imaginado nada. Eu mesmo tinha bebido dessa maldita coisa.

Ao meu redor, os galhos das árvores farfalharam com o vento, sussurrando juntos. Rindo. Assistindo. Outro uivo perfurou a noite - este mais perto do que o anterior - e os pelos do meu pescoço se arrepiaram.

A floresta é perigosa. Minha pulsação acelerou com as palavras da minha mãe. *As árvores têm olhos.*

Eu balancei minha cabeça - não querendo reconhecê-los - e olhei para o céu para recalcular minha orientação. Sul. Ao sul. Eu só tinha que chegar ao portão de Gévaudan, e a lama na minha pele

garantiu que os lobisomens não pudessem me rastrear pelo cheiro.

Eu ainda poderia fazer isso. Eu poderia fazer isso.

Mas quando dei um passo para trás - minha bota afundando em um bolsão de terra particularmente úmido - percebi a falha gritante em meu plano. Parando abruptamente, me virei para olhar para trás.

Meu pânico se transformou em pavor. Os lobisomens não *precisavam* de seus narizes para me rastrear. Eu deixei para eles um caminho de pegadas para seguir. Eu não tinha calculado o terreno macio em meu plano, nem a maré alta. Não havia como fugir para Gévaudan - ou para o rio, ou para qualquer lugar - sem que os lobisomens vissem exatamente para onde eu tinha ido.

Vamos lá. Meu batimento cardíaco acelerou em um ritmo frenético agora, trovejando dentro da minha cabeça. Obriguei-me a pensar sobre isso. Eu poderia usar a magia para sair? Rejeitei imediatamente o impulso, não querendo arriscar. A última vez que usei magia, quase me matei, morrendo de frio na margem de uma piscina. Mais do que provável, eu faria mais mal do que bem, e não tinha espaço para erros agora. Lou não estava aqui para me salvar.

Pense, pense, pense. Eu vasculhei meu cérebro por outro plano, outro meio de esconder meu rastro. Por mais merda que Lou fosse na criação de estratégias, ela saberia exatamente o que fazer. Ela sempre

escapou. Sempre. Mas eu não era ela e não sabia.

Ainda... Eu a persegui por tempo suficiente para adivinhar o que ela faria nesta situação. O que ela fez em todas as situações.

Engolindo em seco, olhei para cima.

Respire. Apenas respire.

Voltando para os ciprestes, me joguei no galho mais baixo.

Outro.

As árvores cresciam juntas nesta parte da floresta. Se eu pudesse navegar longe o suficiente do dossel, quebraria meu rastro.

Eu escalei mais rápido, forçando meu olhar para o céu. Não para baixo. Nunca para baixo.

Outro.

Quando os galhos começaram a diminuir, parei de subir, rastejando devagar - devagar demais - até o final do galho. Fiquei com as pernas trêmulas. Contando até três, pulei para o próximo galho o mais longe que pude. Ele se curvou precariamente sob meu

peso, e eu desabei, envolvendo meus braços ao redor dele com respirações profundas e ofegantes. Minha visão oscilou. Obriguei-me a rastejar para frente mais uma vez. Eu não podia parar. Eu tive que me mover mais rápido. Eu nunca alcançaria Gévaudan neste ritmo, e os lobos ficavam mais perto a cada uivo.

Depois da terceira árvore, no entanto, minha respiração ficou mais fácil. Meus músculos relaxaram infinitesimalmente. Eu me movi mais rápido. Mais rápido, ainda. Confiante agora. As árvores ainda cresciam e a esperança crescia em meu peito. Uma e outra vez eu pulei, até...

Uma rachadura.

Não.

A

espinha

doendo,

a

mente

girando,

eu

agarrei

desesperadamente no galho mais próximo, arremessando-me em direção ao chão em uma velocidade alarmante. A madeira estalou com o meu impulso e uma dor aguda atingiu o braço. O próximo galho bateu na minha cabeça. Estrelas explodiram atrás dos meus olhos e eu caí - com força - de costas. O impacto tirou a respiração da minha garganta. Água inundou meus ouvidos. Eu ofeguei, piscando rapidamente, segurando minha palma ensanguentada, e tentei me levantar.

Blaise passou por cima de mim.

Dentes brilhando, ele rosnou quando eu recuei, olhos muito inteligentes, muito ansiosos, muito *humanos* para o meu gosto.

Lentamente, com cautela, levantei minhas mãos e fiquei em pé.

Suas narinas dilataram-se com o cheiro do meu sangue. O instinto gritou para eu pegar minhas facas. Para assumir a ofensiva. Mas se eu derramasse sangue primeiro - se eu matasse o alfa - os lobisomens nunca se juntariam a nós. Nunca. E aqueles olhos...

As coisas eram muito mais simples quando eu era um Chasseur.

Quando os lobos eram apenas bestas. Demônios.

— Não tem que ser assim. — com a cabeça latejando, eu sussurrei: — Por favor.

Seus lábios se ergueram sobre os dentes e ele se lançou.

Eu me esquivei de seu ataque, circulando-o enquanto ele girava.

Minhas mãos permaneceram estendidas. Conciliatório. — Você tem uma escolha. Os Chasseurs vão matar você, sim, mas Morgane

também. Depois de servir ao propósito dela. Depois de ajudá-la a matar crianças inocentes.

No meio do ataque, Blaise parou abruptamente. Ele inclinou a cabeça, as orelhas se mexendo.

Então Morgane não contou a ele as complexidades de seu plano.

— Quando Lou morrer, todos os filhos do rei morrerão com ela.

— eu não mencionei minha própria morte. Isso apenas fortaleceria a determinação dos lobisomens de se juntar a Morgane. — Dezenas deles, a maioria dos quais nem mesmo conhece o pai. Eles deveriam pagar por seus pecados?

Deslocando seu peso, ele olhou para trás como se estivesse inquieto.

— Ninguém mais precisa morrer. — eu mal ousei respirar quando me aproximei dele. — Junte-se a nós. Ajude-nos. Juntos, podemos derrotar Morgane e restaurar a ordem...

Pelos arrepiados, orelhas achatadas, ele gritou um aviso para ficar para trás. A repulsa revirou meu estômago quando seus ossos começaram a rachar. Quando suas juntas estalaram e mudaram apenas o suficiente para ele ficar sobre duas pernas. Pelo esfumaçado ainda cobria seu corpo disforme. Suas mãos e pés permaneceram alongados, as costas curvadas. Grotesco. Seu rosto se contraiu até que sua boca pudesse formar palavras.

— Restaurar a ordem? — ele rosnou, as palavras guturais. —

Você disse que os Chasseurs vão... — ele lutou para mover a mandíbula, fazendo uma careta de dor. — Nos matar. Como você vai derrotá-los? — esticando o pescoço, ele retirou seus dentes mais ainda. — Você pode matar seus próprios irmãos? Seu próprio... — outra careta. — Pai?

— Eu vou convencê-lo. Vou convencer todos eles. Podemos mostrar-lhes outro caminho.

— Muito... ódio em seus corações. Eles vão se recusar. Então, o quê?

Eu o encarei, pensando rapidamente.

— Como eu pensei. — seus dentes bateram novamente. Ele começou a mudar de volta. — Você iria nos assistir, *sangrar*, de qualquer maneira. Um caçador por completo.

Então ele se lançou.

Embora eu tenha mergulhado para o lado, seus dentes ainda pegaram meu braço e enterraram profundamente. Rasgando o músculo. Destruindo tendão. Eu me afastei com um grito, tonto de dor, de raiva. Ouro cintilou descontroladamente em minha mente.

Me cegou, desorientando-me, enquanto as vozes sibilavam, *nos procure, nos procure, nos procure.*

Quase os alcancei.

O instinto me dominou para atacar, proteger, arrancar a cabeça deste lobo por qualquer meio necessário. Até mágica.

Mas não. Eu não poderia.

Quando tudo é vida ou morte, as apostas são maiores, Lou disse, me repreendendo em minhas memórias. Quanto mais ganhamos, mais perdemos.

Eu não iria.

Blaise se preparou para pular mais uma vez. Rangendo os dentes, pulei direto no ar e peguei o galho acima. Meu braço gritou de dor, assim como minha mão. Eu ignorei ambos, balançando para trás quando ele se levantou para agarrar meus calcanhares, e o chutei com força no peito. Ele gritou e caiu no chão. Eu caí ao lado dele, puxando uma adaga da minha bandoleira e cravando-a em sua pata no chão abaixo. Seus uivos se transformaram em gritos.

Os uivos de resposta dos outros lobos foram assassinos.

Braço balançando inutilmente, arranquei meu casaco com a mão boa. Eu precisava amarrar a ferida. Para estancar o sangramento. A lama na minha pele não esconderia o cheiro de sangue fresco. Os outros logo cheirariam meus ferimentos. Eles me encontrariam dentro de instantes. Mas minha mão se recusou a cooperar, tremendo de dor, medo e adrenalina.

Tarde demais, percebi que os gritos de Blaise haviam se transformado.

Humano agora, nu, ele arrancou a faca de sua mão e rosnou: —

Qual era o nome dele?

Frozen Heart

Lou

Meus passos traçaram um caminho no chão enquanto eu caminhava. Eu odiava esse sentimento, esse *desamparo*. Reid estava lá, fugindo para salvar sua *vida*, e não havia nada que eu pudesse fazer para ajudá-lo. Os três lobos que Blaise deixou para nos proteger - um deles, o próprio filho de Blaise, Terrance - se certificaram disso. A julgar pelo tamanho, os companheiros de Terrance eram igualmente jovens. Cada um deles olhou para a linha das árvores, dando-nos as costas, e gemeu baixinho. Seus ombros rígidos e orelhas pontudas diziam o que eles não podiam fazer.

Eles queriam se juntar à caça.

Eu queria esfolá-los vivos e usar sua pele como um manto.

— Temos que fazer algo. — murmurei para Coco, olhando feio para as costas escuras de Terrance. Embora ele e os outros fossem menores do que o resto, eu não tinha dúvidas de que seus dentes ainda eram afiados. — Como saberemos se ele chegou a Gévaudan? E se Blaise o matar de qualquer maneira?

Senti o olhar de Coco, mas não desviei o olhar dos lobos, ansiando por enfiar minha faca em suas costelas. Uma energia inquieta zumbia sob minha pele. — Não temos escolha. — ela murmurou. — Só temos que esperar.

— Sempre há uma escolha. Por exemplo, poderíamos *escolher* cortar a garganta desses pequenos diabinhos e seguir nosso caminho.

— Eles podem nos entender? — Ansel sussurrou ansiosamente ao lado de Beau. — Você sabe... — ele baixou ainda mais a voz. —

Na forma de lobo?

— Eu não dou a mínima.

Coco bufou e eu olhei para ela. Ela sorriu sem humor. Seus olhos estavam tão atraídos quanto os meus, sua pele mais pálida do que o normal. Parecia que eu não era o único preocupado com Reid. O pensamento me aqueceu inesperadamente. — Confie nele, Lou. Ele pode fazer isso.

— *Eu sei*. — eu rebati, o calor congelou enquanto me virava para encará-la. — Se alguém pode superar a Besta de Gévaudan, é Reid. Mas e se algo der errado? E se eles o emboscarem? Os lobos caçam em matilha. É altamente improvável que eles ataquem, a menos que o tenham em menor número, e o idiota rejeite a magia...

— Ele está armado até os dentes com facas. — Beau me lembrou.

— Ele era um Chasseur, Lou. — a voz de Coco se suavizou, tão insuportavelmente paciente que eu queria gritar. — Ele sabe caçar, o que significa que também sabe se esconder. Ele vai cobrir seus rastros.

Ansel concordou com a cabeça.

Mas Ansel - Deus o abençoe - era uma *criança*, e nem ele nem Coco sabiam do que diabos estavam falando.

— Reid não é do tipo que se esconde. — eu retomei a caminhada, amaldiçoando amargamente a lama espessa cobrindo minhas botas. Água espirrou pelas minhas pernas. — E mesmo se ele fosse, todo este lugar esquecido por Deus está com lama até os joelhos.

Beau deu uma risadinha. — Melhor do que neve...

— Quem disse? — seus olhos se estreitaram com o meu tom e eu zombei, chutando a água com raiva. — Pare de me olhar assim.

Eles são igualmente ruins, ok? A única vantagem real no meio do inverno seria gelo, mas é *claro* que os cães vivem em um maldito pântano.

Uivos irromperam à distância - ansiosos agora, contaminados com um propósito inconfundível - e nossos guardas se levantaram, ofegando de excitação febril. Terrance lambeu os lábios em antecipação. O horror torceu meu peito como um torno. — Eles o encontraram.

— Não sabemos disso. — disse Coco rapidamente. — Não faça nada estúpido.

O grito de Reid rasgou a noite.

— Lou. — com os olhos arregalados, Ansel agarrou meu pulso.

— Lou, ele não quer que você...

Eu bati minha palma no chão.

O gelo disparou das pontas dos meus dedos pelo chão do pântano, o próprio chão estalando com a geada. Eu o incitei a seguir em frente, mais rápido, *mais rápido*, mesmo enquanto tentáculos de frio profundo se fechavam em meu coração. Meu pulso desacelerou.

Minha respiração vacilou. Eu não me importei. Eu enfiei meus dedos

mais fundo no solo esponjoso, incitando o gelo o mais longe que o padrão o levaria. Ainda mais longe. O cordão de ouro em volta do meu corpo pulsou, atacando minha mente, meu corpo, minha própria *alma* com um frio profundo e ilimitado, mas eu não o soltei.

Vagamente, ouvi Coco gritando atrás de mim, ouvi Beau praguejando, mas não consegui distinguir sons individuais. Preto afiou minha visão, e os lobos na minha frente se transformaram em três sombras rosnantes. O mundo se inclinou. O chão correu para me encontrar. Ainda assim, segurei. Eu congelaria todo o mar em gelo, o mundo inteiro, antes de deixá-lo ir. Porque Reid precisava de ajuda. Reid precisava...

Chão congelado. Ele precisava de solo congelado. Gelo. Seria...

isso daria a ele... alguma coisa. Vantagem. Isso daria a ele... uma vantagem. Vantagem contra...

Mas uma dormência deliciosa percorreu meu corpo, roubando meus pensamentos, e eu não conseguia me lembrar. Não conseguia lembrar o nome dele. Não conseguia me lembrar do meu. Pisquei uma, duas vezes e tudo ficou escuro.

Dor estalou em minha bochecha, e eu acordei assustada.

— Santo inferno. — Coco me colocou de pé antes de escorregar em algo e cair de volta no chão. Caímos em uma pilha de raiva.

Amaldiçoando violentamente, ela me rolou de cima dela. Eu senti...

ímpar. — Você tem sorte de não estar *morta*. Eu não sei como você fez isso. Você *deveria* estar morta. — ela lutou para se levantar mais uma vez. — O que diabos você estava *pensando*?

Esfreguei meu rosto, estremecendo ligeiramente com o cheiro forte de magia. Queimou meu nariz, trouxe lágrimas aos meus olhos. Eu não tinha sentido o cheiro tão concentrado desde o templo em Modraniht. — O que você quer dizer?

— Gelo, Lou. — Coco disse, gesticulando ao nosso redor. —

Gelo.

Gelo espesso e cristalino cobria cada centímetro ao nosso redor, desde as folhas de grama morta, samambaias e líquenes no chão da floresta até os ramos de cipreste no dossel. Eu suspirei. Até onde a vista

alcançava, La Ventre não era mais verde. Não mais molhado, pesado e vivo. Não. Agora era branco, duro e brilhante, mesmo na escuridão. Dei um passo, testando o gelo sob meu pé. Não cedeu sob meu peso. Quando voltei a pisar, olhando para trás, minha pegada não deixou impressão em sua superfície.

Eu sorri.

Um rosnado à minha esquerda me trouxe de volta à atenção. Um lobo tinha acabado de se lançar em Beau e Ansel, que ergueu sua faca na tentativa de defendê-los. Coco correu para a frente para ajudar, esquivando-se de Terrance, que passou por ela com pressa.

O terceiro lobo saltou em minha direção, os dentes primeiro.

Eu sorri ainda mais. Parece que eu havia quebrado as regras.

Com um bufo de diversão, girei meus dedos e o lobo rodou fora de controle no gelo. O padrão se dissolveu em pó dourado. Eu cambaleei, mas mantive meus pés, lutando contra uma onda de vertigem. Quando a sensação passou, o lobo recuperou o equilíbrio.

Eu tirei um dedo de seu nariz quando ele passou cambaleando mais uma vez, escorregou e caiu em uma pilha emaranhada.

Embora minha visão turvasse, eu ri, então cerrei meu punho, guiando o gelo para cima e sobre suas patas.

Ele gritou enquanto devorava suas pernas, seu peito, avançando firmemente em direção à sua garganta. Eu assisti fascinada, mesmo quando minha risada ficou mais fria. Assustadora.

Mais mais mais.

Eu queria ver a luz deixar seus olhos.

— Lou! — Coco gritou. — Cuidado!

Com uma compulsão vazia, eu me virei e agitei meu pulso -

pegando um padrão facilmente - enquanto Terrance pulava em

minha garganta. Os ossos do lado direito de seu corpo se quebraram e ele caiu no gelo com um grito agudo. Mas não senti dor. Pisando sobre ele, levantei minhas mãos em direção ao seu companheiro restante. Eles se afastou de Ansel e Coco lentamente.

— Você vai deixar meus amigos em paz. — eu disse, seguindo-o com um sorriso.

Dourado piscou ao meu redor com possibilidades infinitas, muito mais agora do que antes. Muita dor. Tanto sofrimento. O lobo mereceu. Ele os teria matado.

Seus parentes já podem ter matado Reid, uma voz sussurrou.

Meu sorriso desapareceu.

Ansel parou na minha frente, parecendo alarmado. — O que você está fazendo?

— Ansel. — Coco se colocou entre nós, segurando sua mão e manobrando-o atrás dela. — Fique atrás. — seus olhos nunca deixaram os meus. — Chega, Lou. Você controla sua magia. Ela não controla você. — quando eu não respondi, quando não abaixei minhas mãos, ela se aproximou ainda mais. — Este gelo. Derreta. O

preço foi muito alto.

— Mas Reid precisa do gelo. Ele vai morrer sem isso.

Ela agarrou minhas mãos suavemente, guiando-as para baixo entre nós. — Existem coisas piores do que a morte. Desfaça isso, Lou. Volte para nós. Não continue neste caminho.

Eu a encarei.

Bruxas dispostas a sacrificar tudo são poderosas, a voz me lembrou.

E perigosas, um canto distante da minha mente argumentou. *E mudam*.

— Você não é sua mãe. — Coco sussurrou.

— Eu não sou minha mãe. — eu repeti, incerta. Ansel e Beau assistiram com olhos arregalados.

Ela acenou com a cabeça e tocou minha bochecha. — Desfaça.

Meus ancestrais ficaram em silêncio agora, esperando. Apesar do que Coco pensava, eles não me incentivariam a fazer nada que eu não quisesse. Eles apenas ampliaram meus desejos, me ajudaria a realizá-los. Mas o desejo era uma coisa inebriante, tão viciante quanto mortal.

A voz de Reid reverberou daquele canto distante. *Imprudente.*

— Esta não é você, Lou. — Coco disse, persuadindo. —

Desfaça.

Se eu não confiasse tanto nela, poderia não ter dado ouvidos.

Mas aquele canto distante da minha mente parecia acreditar em suas palavras. Ajoelhando-me, coloquei minha mão no chão. Um único padrão surgiu na minha mente, saindo do deserto congelado do meu peito em direção ao gelo. Eu respirei estremeando.

E uma flecha com ponta azul cortou minha perna.

— Não! — Coco gritou, atirando-se sobre mim. — Pare! Não atire!

Mas era tarde demais.

Passamos por alguns deles na estrada. Os olhos de cor de ossos brilhavam de fome. Bajuladores bastardos. Eles estão vasculhando a floresta há semanas, fazendo uma bagunça certa para nós, não é?

O rosto de Reid agora, desenhado com fadiga. *Os Chasseurs estavam perto ontem à noite.*

Mais perto do que pensávamos, parecia. Empurrando Coco para o lado, me levantei. Meu corpo vibrou com antecipação. Meus dedos flexionaram. Foi apenas uma questão de tempo antes que eles nos encontrassem, e que momento espetacular também.

Enfim, eles estavam aqui.

Chasseurs.

Arcos e Balisardas em punho, Jean Luc liderou um esquadrão por trás das árvores. A surpresa iluminou seus olhos quando ele me viu, substituída rapidamente por resolução. Levantando a mão para deter os outros, ele se aproximou lentamente. — Se não for Louise le Blanc. Você não pode imaginar como estou feliz em vê-la.

Eu sorri, olhando para sua Balisarda. — Digo o mesmo, Jean Luc. Por que demorou tanto?

— Enterramos os cadáveres que você deixou na estrada. —

aqueles olhos pálidos perceberam o gelo ao nosso redor antes de

passar rapidamente para o meu rosto, meu cabelo. Ele assobiou baixo. — A fachada rachou, pelo que vejo. A superfície finalmente reflete a podridão interna. — ele gesticulou para o lobo meio congelado. — Embora eu agradeça por tornar nosso trabalho mais

fácil. A matilha de Blaise nunca foi facilmente rastreada. Sua Majestade ficará satisfeita.

Eu me curvei, estendendo meus braços. — Somos sempre seus servos.

Jean Luc avistou Beau então. — Sua Alteza. Eu deveria saber que você estaria aqui. Seu pai está em alvoroço há semanas.

Embora ainda parecesse inquieto, Beau se ergueu em toda sua estatura, olhando fixamente para ele. — Porque você contou a ele sobre meu envolvimento em Modraniht.

Jean Luc zombou. — Suas indiscrições não ficarão impunes. Na verdade, me enoja um dia chamá-lo de rei.

— Não tema. Você não estará vivo para testemunhar essa conquista suprema. Não se você continuar a ameaçar meus amigos.

— *Seus amigos*. — Jean Luc se aproximou, os nós dos dedos brancos em prata e safira. Eu sorri. Eu disse a Reid que arranjaría outra Balisarda para ele. *Que bom* que a Balisarda seria de Jean Luc. — Me entenda, Sua Alteza. Desta vez, não haverá escapatória.

Essas bruxas... — ele apontou com o queixo para Coco e eu. — E

seus conspiradores vão queimar. *Seus amigos* vão queimar. Eu mesmo acenderei suas piras quando voltarmos para Cesarine. Um para Cosette Monvoisin. Um para Louise le Blanc. Um para Ansel Diggory... — ele mostrou os dentes... — E um para Reid Diggory.

Ele estava errado, é claro. Muito, muito errado.

— Uma maneira adequada de homenagear nosso falecido antepassado. Você não concorda?

— Célie vai odiar você se queimar Reid. — Beau cuspiu.

Eu enrolei uma mecha de cabelo em volta do meu dedo. — Diga-me, Jean, você já trepou com ela?

Uma onda de silêncio, então...

— Eu não... — seus olhos se arregalaram e ele gaguejou incoerentemente. — O que...

— Isso é um sim, então. — eu passei mais perto, apenas fora do alcance de sua lâmina. — Reid nunca trepou com ela, no caso de você estar se perguntando. Pobre garota. Ele a amava, mas suponho que levou seus votos a sério. — meu sorriso se alargou. —

Isso, ou ele estava se guardando para o casamento.

Ele agarrou sua Balisarda. — Cale a boca.

Eu o encontrei com uma lâmina de gelo. Os outros homens ficaram tensos, chegando mais perto, e Coco, Ansel e Beau ergueram suas facas, um de cada vez.

— Eu não posso imaginar que ele ficará satisfeito quando descobrir que seu melhor amigo amou sua namorada em segredo por todos esses anos. Tão *safado* da sua parte, Jean. Você pelo menos esperou para semear sua semente até que Reid se mudasse para pastagens mais verdes?

Ele projetou seu rosto sobre nossas lâminas em choque. — Não fale da Célie.

Eu continuei implacável. — Não se pode deixar de notar suas novas circunstâncias com Reid fora de cena. Ele sempre teve a vida que você queria, não é? Agora você pode fingir ser ele. Título de segunda mão, poder de segunda mão. — eu dei de ombros com um sorriso meloso, deslizando minha lâmina ao longo da dele lentamente. O gelo tocou sua mão. — Garota de segunda mão.

Com um rosnado, ele se afastou de mim. Uma veia latejava em sua testa. — Onde está Reid?

— Ela deve estar desapontada agora. Embora eu suponha que uma garota de segunda mão mereça um garoto de segunda mão...

Ele se lançou contra mim novamente. Eu me esquivei facilmente.

— Aquele *assassino* não merecia respirar o mesmo ar que ela.

Quando ela ouviu o que ele tinha feito, quase se matou. Ela está reclusa há *semanas* por causa de alguma emoção deslocada por ele. Se não fosse por mim, ele a teria *arruinado*. Assim como você o arruinou. *Onde ele está?*

— Não aqui. — eu cantei, ainda sorrindo docemente enquanto circulávamos um ao outro. Abaixo de mim, o gelo engrossou e a folhagem estalou de forma audível. — Você é um ladrão, Jean Luc, muito bom, é claro, mas eu sou melhor. Você tem algo que eu preciso.

— Bruxa, diga-me onde ele está, ou eu vou...

— Você vai o quê? Se sua história é uma repetição, logo você estará me implorando para arruinar *you* também.

Com um grunhido, ele sinalizou para seus homens, mas eu levantei minha mão antes que eles pudessem nos alcançar.

Fragmentos de gelo cravaram-se atrás dele, ao redor dele, até

formar um círculo de pingentes de gelo denteados. Preso, ele gritou ordens em pânico, olhos disparando, procurando por uma brecha, enquanto os Chasseurs golpeavam e cortavam o gelo.

— Corte!

— Capitão!

— *Deixe ele sair.*

Um dos pingentes de gelo se estilhaçou, chovendo gelo em nossas cabeças. Tirando proveito da distração, eu ataquei, cortando a mão de Jean Luc com a espada. Ele gritou, mas continuou segurando sua Balisarda. Sua outra mão agarrou meu pulso, torcendo, e isso, bem, isso simplesmente não funcionaria.

Eu cuspi diretamente em seus olhos.

Recuando, ele afrouxou seu aperto sobre mim e eu cavei meus dedos em sua ferida, puxando e rasgando a pele lá. Ele rugiu de dor. — *Sua vadia.*

— Oh céus. — joguei sua Balisarda em minha mão, a espada de gelo posicionada em sua garganta. Então eu ri. Ri e ri até Coco, Ansel e Beau se juntarem aos Chasseurs para bater contra o gelo.

Lou Lou Lou veio seus gritos ansiosos, reverberando ao meu redor.

Através de mim. A lua refletida nos olhos arregalados de Jean Luc.

Ele recuou lentamente. — Parece que você perdeu algo, capitão. —

eu joguei a espada de gelo no gelo perto de sua cabeça antes de levantar minha mão livre. — Isto vai ser divertido.

Sanctuary

Reid

— Seu... seu nome?

Blaise mostrou os dentes, o primeiro lampejo de emoção passando por seus olhos. O sangue escorreu por sua mão. — Meu *filho*. Você ao menos sabe o nome dele?

Eu desembainhei uma segunda lâmina, a vergonha congelando em meu estômago. Embora ele não fizesse mais nenhum movimento para atacar, eu não seria pego desprevenido. — Não.

— Adrien. — ele disse a palavra em um sussurro. Reverencial.

— O nome dele era Adrien. Meu filho mais velho. Ainda me lembro do momento em que o segurei pela primeira vez em meus braços.

— ele fez uma pausa. — Você tem filhos, Capitão Diggory?

Distintamente desconfortável agora, eu balancei minha cabeça.

Segurei minhas facas com mais força.

— Eu pensei que não. — ele se aproximou. Eu recuei. — A maioria dos Loup Garou acasala com a progênie em mente. Nós cuidamos de nossos filhotes. Eles são tudo. — outra pausa, mais longa desta vez. — Meu companheiro e eu não éramos diferentes, mas éramos incapazes de nos reproduzir. Ele veio de uma matilha do outro lado do mar. — outra passo. Estávamos quase nariz com nariz agora. — Quando seus irmãos mataram os pais biológicos de Adrien, nós o adotamos como nosso. Quando você matou Adrien, meu companheiro tirou a própria vida. — seus olhos, antes insuportavelmente

suaves,

perdidos

na

memória,

agora

endurecidos. — Ele nunca conheceu Liana ou Terrance. Ele os teria amado. Eles *mereciam* o seu amor.

A autoaversão queimou minha garganta. Abri minha boca para dizer algo - para dizer qualquer coisa - mas fechei com a mesma rapidez, lutando contra a vontade de vomitar. Nenhuma palavra jamais poderia apagar o que eu fiz a ele. O que eu tomei.

— Então, você vê. — Blaise disse, a voz rouca de emoção. —

Você me deve sangue.

Eu ainda não conseguia falar. Quando ele começou a mudar mais uma vez, no entanto, eu engasguei. — Eu não quero lutar com você.

— Nem eu com você. — ele rosnou, estremecendo os ossos. —

Mas lutaremos.

Ele tinha acabado de cair de quatro quando a temperatura despencou, e gelo - *gelo* - disparou pelo chão abaixo de nós.

Tropeçando, olhei enquanto ele devorava o caminho à frente, envolvendo cada árvore e destruindo cada folha. Quando alcançou a ponta dos galhos mais altos, explodiu em uma nuvem branca, cobrindo-nos com neve que fedia a magia. De raiva. Blaise gritou de surpresa e perdeu o equilíbrio.

O horror apertou meu coração em um punho.

O que Lou fez?

— Poderosa, não é? — o corpo de Blaise continuou a estalar e torcer, seus olhos brilhando na escuridão. Seus dentes brilhando. —

Filha da mãe dela, afinal.

Um uivo agudo irrompeu sobre as árvores então. Mais alto que os outros. Angustiado. A cabeça de Blaise se ergueu e ele deu um gemido de pânico. — Terrance. — a palavra estava distorcida, quase imperceptível através de sua boca. Ele fugiu sem terminar sua transição.

Lou.

Com as facas na mão, corri atrás dele, escorregando e girando no gelo. Não importava. Eu não parei. Nem Blaise. Quando finalmente

explodimos por entre as árvores na borda do território loup garou, parei com a visão diante de mim.

Um punhado de Chasseurs estava pendurado no ar, girando lentamente - pescoços tensos, músculos se contraindo - enquanto Loup Garou lutava para se libertar do gelo que prendia suas patas.

Suas pernas. Os Chasseurs e lobos que não estavam debilitados

atacaram uns aos outros com aço e dentes. Quando os corpos se moveram - revelando uma figura franzina de cabelos claros no centro de uma gaiola de gelo quebrada - meu coração caiu como uma pedra.

Lou.

Olhos fundos, sorriso frio, ela contorceu os dedos como um maestro. Coco gritou ao lado dela, puxando-lhe inutilmente os braços, enquanto Beau e Ansel tentavam ao máximo defendê-las.

Lágrimas escorreram pelo rosto de Ansel. Blaise avançou com um rosnado. Eu o ataquei por trás, envolvendo meus braços em torno de suas costelas, e rolamos.

— Lou! — meu grito fez Lou parar. A trouxe de volta. Meu sangue gelou com o sorriso dela. — Lou, pare!

— Eu sei que perdi sua Balisarda, Reid. — ela chamou, sua voz doentiamente doce. — Mas eu encontrei uma nova para você.

Ela ergueu uma Balisarda ensanguentada no ar.

Jean Luc - eu dei uma segunda olhada - *Jean Luc* mergulhou nela.

— Cuidado! — eu gritei, e ela girou graciosamente, levantando-o com um movimento de sua mão. Ele caiu com força em um caco de gelo, quase se empalando. A realização surgiu rápida e brutal.

Ela havia tomado sua Balisarda.

Ao ver seu pai, Terrance choramingou e tentou se arrastar em nossa direção. Metade de seu corpo parecia - mole. Os ângulos estão errados. Distorcidos. Blaise se debateu em meus braços, girando para morder o ferimento em meu braço, e eu o soltei. Ele disparou para frente como um flash, agarrando o pescoço de Terrance entre os dentes e arrastando-o para um local seguro.

Eu me esquivei de um Chasseur, correndo em direção a Lou.

Quando a peguei em meus braços, ela gargalhou. E a expressão em seus olhos... Eu a apertei com mais força. — O que é isso?

— Ela tem que derreter o gelo! — Coco gritou, agora travada na batalha com Jean Luc. Ele lutou violentamente apesar de seus ferimentos, ou talvez por causa deles. Em segundos, percebi que ele não queria apenas machucar Coco. Ele queria matá-la. — Ela não vai ouvir... — ela se abaixou quando ele balançou um pedaço

de gelo selvagemmente, mas ainda pegou em seu peito. Suas palavras terminaram em um suspiro.

Perplexo, ainda horrorizado - dividido entre ajudar Coco ou Lou -

peguei o rosto de Lou em minhas mãos. — Olá, você. — ela respirou, inclinando-se em meu abraço. Seus olhos ainda estavam terrivelmente vazios. — O gelo salvou você?

— Sim, salvou. — menti rapidamente. — Mas agora você precisa derreter. Você pode fazer isso por mim? Você pode derreter o gelo?

Ela inclinou a cabeça e a confusão se agitou dentro daqueles olhos sem vida. Prendi minha respiração. — Claro. — ela piscou. —

Farei qualquer coisa por aqueles que amo, Reid. Você sabe disso.

As palavras, ditas de forma tão simples, enviaram um arrepio na minha espinha. Sim, eu sabia disso. Eu sabia que ela congelaria até a morte para colocar ar em meus pulmões, mudaria sua própria memória para dar calor ao meu corpo.

Eu sabia que ela sacrificaria seu calor - sua humanidade - para me proteger do loup garou.

— Derreta o gelo, Lou. — eu disse. — Faça isso agora.

Assentindo, ela caiu de joelhos. Quando ela pressionou as mãos contra o chão, me movi para defendê-la. Soquei um Chasseur que chegou perto demais. Rezando para que o padrão fosse reversível.

Que não fosse tarde demais.

O mundo pareceu se acalmar enquanto Lou fechava os olhos e o calor pulsava em uma onda. O chão derreteu em lama sob seus dedos. Os Chasseurs suspensos voltaram a ficar de pé, e os lobisomens presos lambeiram suas patas recém-libertadas. Eu rezei.

Eu rezei e rezei e rezei.

A traga de volta. Por favor.

Nos procure.

Quando ela se levantou, balançando a cabeça, eu a esmaguei em meus braços. — Lou.

— O que... — ela se inclinou para trás, os olhos arregalados com a carnificina ao nosso redor. Os Chasseurs e lobisomens a observavam com cautela, sem saber como proceder sem ordens.

Ninguém parecia ansioso para se aproximar dela novamente. Nem mesmo aqueles com Balisardas. Jean Luc está pendurado flácido ao lado de Lou. — O que aconteceu?

— Você nos salvou. — disse Coco com firmeza. Embora cambaleasse - o rosto pálido, a camisa ensanguentada - ela ainda parecia melhor do que Jean Luc. Ele desmaiou, ofegante, nas botas dela. Quando ele lutou para se levantar, ela o chutou no rosto. — E

você nunca mais... *nunca* faça isso de novo. Você está me ouvindo?

Eu não me importo se Reid está... amarrado e amordaçado... na fogueira. — ela se interrompeu com um estremecimento, aplicando pressão em seu ferimento.

Lou saltou para a frente bem a tempo e Coco desabou nos braços dela.

— Estou bem. — disse Coco, com a voz fraca. — Vai curar. Não use sua magia.

— Suas vadias estúpidas. — apertando o nariz, Jean Luc engatinhou na direção delas. O sangue escorreu por seus dedos. —

Eu vou cortar vocês duas em pedaços. Me devolva. Devolva minha Balisarda.

— Já chega. — a voz profunda e terrível de Blaise o precedeu à vista, e os lobisomens se mexeram ansiosamente. Em seus braços, ele segurava Terrance. O suor cobriu a testa do garoto e sua respiração ficou rápida. Difícil. Ele mudou de volta. Desta forma, ficou claro que todo o seu lado direito havia colapsado. Um lobo marrom perto de Ansel uivou fortemente. Depois da quebra reveladora de ossos, Liana correu para frente. Embora eu tenha desviado meus olhos de sua pele

nua, não pude ignorar seus gritos.

— Terrance! Não não *não*. Mãe Lua, por favor. *Terrance*.

Os olhos amarelos de Blaise brilharam dos Chasseurs para Lou.

— Quem fez isto?

Jean Luc cuspiu sangue. — *Magia*.

Todos os olhos nas proximidades se voltaram para Lou. Ela empalideceu.

— Eu posso curá-lo. — Coco ergueu a cabeça dos ombros de Lou. Seus olhos estavam vidrados. Tristes. — Traga-o aqui.

— Não. — eu pisei na frente deles, e Blaise rosnou. — Paz, Blaise. Eu... eu posso curar seu filho. — enfiando a mão no bolso, retirei o frasco de sangue e mel.

O fantasma de um sorriso tocou os lábios de Coco. Ela assentiu.

— Seus ferimentos são internos. Ele precisa beber.

Blaise não me parou quando me aproximei. Ele não parou meu pulso quando levantei o frasco aos lábios de Terrance.

— Beba. — eu insisti, despejando o líquido na garganta do menino. Ele lutou fracamente contra mim, mas Blaise o segurou firme. Quando ele engoliu o resto, todos nós esperamos. Até Jean Luc. Ele observou com uma expressão de fascínio e desgosto enquanto a respiração de Terrance ficava mais forte. Quando a cor voltou ao seu rosto. Um por um, os ossos de suas costelas voltaram aos seus devidos lugares. Embora ofegasse de dor, Blaise acariciou seu cabelo, sussurrando confortos.

Lágrimas escorreram pelo rosto do velho.

— *Père?* — os olhos de Terrance se abriram e Blaise chorou ainda mais.

— Sim, filho. Eu estou aqui.

O menino gemeu. — A bruxa, ela...

— Não será prejudicada. — eu terminei. Blaise e eu fechamos os olhos. Depois de um momento tenso, ele baixou o queixo em um

aceno de cabeça.

— Você salvou a vida do meu filho, Reid Diggory. Estou em dívida com você.

— Não. Estou em dívida com você. — meu olhar caiu para Terrance, e meu intestino torceu mais uma vez. — Eu sei que não muda nada, mas eu sinto muito. Verdadeiramente. Eu gostaria... —

engoli em seco e desviei o olhar. Lou apertou minha mão. — Eu gostaria de poder trazer Adrien de volta.

— Oh, bom Deus. — Jean Luc revirou os olhos e gesticulou para os caçadores de sua posição no chão. — Já ouvi o suficiente. Junte todos eles, até mesmo a Besta. Eles podem se falar na masmorra da Torre antes de queimarem. — ele voltou seu olhar para Lou. —

Mate aquela agora.

Os lábios de Blaise se curvaram. Ele deu um passo ao meu lado e os lobos ficaram ao lado dele. Rosnados construíram profundamente em suas gargantas. Sua raiva aumentou. Eu tirei minhas próprias facas, assim como Ansel, e embora seu rosto ainda estivesse pálido, Lou ergueu sua mão livre. A outra apoiou Coco. —

Eu acho que não. — disse Blaise.

Beau passeou na nossa frente. — Considere-me do lado deles.

E como meu pai não está aqui, vou falar por ele também. O que significa... Eu superei você. — ele sorriu e acenou secamente para os Chasseurs. — Abaixem-se, homens. Isso é uma ordem.

Jean Luc olhou para ele, tremendo de raiva. — Eles não respondem a você.

— Sem a sua Balisarda, eles também não respondem a você.

Os Chasseurs hesitaram.

— Temos uma proposta. — disse Lou.

Eu fiquei tenso, cauteloso mais uma vez. Tínhamos acabado de neutralizar o maior perigo. Uma única palavra de Lou poderia agravar novamente.

Ao som de sua voz, os lábios de Blaise se curvaram sobre seus dentes.

Um dos lobisomens rosnou. Lou ignorou os dois, concentrando-se apenas em Jean Luc. Ele riu amargamente. —

Termina com você na estaca?

— Termina com Morgane em uma.

A surpresa roubou a carranca de seu rosto. — O que?

— Nós sabemos onde ela está.

Seus olhos se estreitaram. — Por que eu deveria acreditar em você?

— Quase não tenho motivos para mentir. — ela gesticulou ao nosso redor com sua Balisarda. — Não é como se você estivesse em posição de me prender agora. Você está em menor número.

Vulnerável. Mas se você voltar para Cesarine conosco, terá uma boa chance de terminar o que começou em Modraniht. Apenas pense, ela ainda está ferida. Se ela morrer, o rei Auguste está seguro e você se torna o novo herói do reino.

— Morgane está em Cesarine? — Jean Luc perguntou bruscamente.

— Sim. — ela olhou para mim. — Nós... achamos que ela está planejando um ataque durante o funeral do arcebispo.

Um silêncio pesado caiu. Por fim, Blaise perguntou friamente: —

Por que você acha isso?

— Recebemos uma nota. — ela se abaixou para pegá-lo na bota. — Está com a caligrafia de minha mãe e menciona uma mortalha e lágrimas.

Blaise a olhou com suspeita. — Se sua mãe entregou este bilhete, por que ela não levou você então?

— Ela está brincando com a gente. Nos atraindo. Esta é a ideia dela de um jogo. É também por isso que acreditamos que ela vai atacar durante o funeral do arcebispo, para fazer uma declaração.

Para esfregar sal na ferida da dor do reino. La Voisin e as Dames Rouges já concordaram em nos ajudar. Com toda a sua ajuda, podemos finalmente derrotá-la.

— Precisamos da sua ajuda, *frère*. — hesitei antes de finalmente

estender a mão para ele. — Você é... você é o capitão dos Chasseurs agora. Seu apoio pode influenciar o Rei Auguste para a nossa causa.

Ele bateu na minha mão. Mostrou os dentes. — Você não é meu irmão. Meu irmão morreu com meu pai. Meu *irmão* não defenderia uma bruxa para condenar outra, ele mataria as duas. E você é um tolo por acreditar que o rei algum dia se juntará à sua *causa*.

— Ainda sou a mesma pessoa, Jean. Eu ainda sou *eu*. Ajude-nos. Podemos ser como éramos mais uma vez. Podemos vingar nosso pai *juntos*.

Ele me encarou por um instante.

Então ele me deu um soco no rosto.

Eu cambaleei para trás, olhos e nariz escorrendo, enquanto Lou rosnava e tentava pular para frente, presa sob Coco. Em vez disso, Ansel e Beau ficaram ao meu lado. O primeiro tentou subjugar Jean, que se lançou para outro ataque, enquanto o último se curvou para verificar meu nariz. — Não está quebrado. — ele murmurou.

— Eu *vou* vingar nosso pai. — Jean Luc lutou para se livrar de Ansel, que o segurava com uma força surpreendente. — Quando eu te amarrar à estaca por conspiração. Deus é minha testemunha, você vai queimar pelo que fez. Eu mesmo acenderei sua pira.

O sangue escorreu pela minha boca, meu queixo. — Jean...

Ele finalmente empurrou Ansel para longe. — Ele ficaria desapontado ao ver o quão longe você caiu, Reid. Seu filho de ouro.

— Oh, supere isso, Jean Luc. — Lou estalou. — Você não pode ganhar o afeto de um homem morto. Mesmo vivo, o arcebispo viu você como o ratinho chorão que você é...

Ele se lançou para ela agora, completamente fora de controle, mas Blaise se levantou para encontrá-lo, sua expressão dura como pedra. Liana, Terrance e um punhado de outros se aproximaram atrás dele. Alguns mostraram os dentes, incisivos afiados e brilhantes. Outros mudaram seus olhos para amarelos. — Eu ofereci refúgio a Reid Diggory e seus companheiros. — disse Blaise, a voz firme. Calma. — Saia agora em paz ou não saia de jeito nenhum.

Lou balançou a cabeça com veemência, os olhos arregalados. —

Blaise, não. Eles não podem...

Jean Luc a interrompeu. — *Dê-me minha Balisarda.*

Os lobos ao nosso redor rosnaram em agitação. Em antecipação.

— Capitão... — um Chasseur que não reconheci tocou o cotovelo de Jean Luc. — Talvez devêssemos ir.

— Não vou embora sem...

— Sim. — Blaise disse, levantando a mão para seus lobos. Eles se aproximaram. Muito perto agora. Perto o suficiente para morder.

Matar. Seus rosnados se multiplicaram em um estrondo. — Você vai.

Os Chasseurs não precisaram de mais encorajamento. Olhos disparando, eles agarraram Jean Luc antes que ele pudesse amaldiçoar todos eles. Embora ele rugisse seus protestos, eles o puxaram para trás. Eles continuaram puxando. Seus gritos ecoaram pelas árvores mesmo depois de terem desaparecido.

Lou se virou para enfrentar Blaise. — O que é que você fez?

— Eu salvei você.

— Não. — Lou olhou para ele com horror. — Você os deixou ir.

Você os deixou ir depois que contamos nosso plano. Agora eles sabem que estamos viajando para Cesarine. Eles sabem que planejamos visitar o rei. Se Jean Luc o avisar, Auguste vai nos prender assim que pisarmos no castelo.

Fazendo uma careta, Coco reajustou o braço nos ombros de Lou. — Ela está certa. Auguste não vai querer ouvir. Acabamos de perder o elemento surpresa.

— Talvez... — os olhos de Louis varreram a matilha. — Talvez se aparecermos em números, possamos *fazê-lo* ouvir.

Mas Blaise balançou a cabeça. — Sua luta não é nossa luta.

Reid Diggory salvou meu segundo filho depois de tirar a vida do primeiro. Ele cumpriu sua dívida. Minha família não vai mais caçá-lo e você vai deixar nossa terra natal em paz. Não devo uma aliança a ele. Eu não devo nada a ele.

Lou esfaqueou o ar com o dedo. — Isso é besteira, e você sabe disso...

Seus olhos se estreitaram. — Depois do que você fez, seja grata por não exigir o seu sangue, Louise le Blanc.

— Ele tem razão. — peguei sua mão na minha, apertando suavemente quando ela abriu a boca para argumentar. — E

precisamos sair agora se tivermos alguma esperança de vencer Jean Luc em Cesarine.

— O que? Mas...

— Espere. — para minha surpresa, Liana avançou. Ela ergueu o queixo em uma expressão determinada. — Você pode não dever nada a ele, *Père*, mas ele salvou a vida do meu irmão. Eu devo tudo a ele.

— Assim como eu. — Terrance se juntou a ela. Embora jovem, seu semblante duro refletia o de seu pai enquanto ele acenava em minha direção. Ele não fez contato visual. — Vamos nos juntar a você.

— Não. — com um breve aceno de cabeça, Blaise baixou a voz para um sussurro. — Crianças, eu já disse a vocês, nossa dívida está paga...

Liana juntou as mãos dele, segurando-as entre as dela. —

Nossa dívida não é sua. Adrien era seu filho, *Père*, mas não o conhecíamos. Ele é um estranho para Terrance e para mim.

Devemos honrar essa dívida, especialmente agora, sob o rosto de nossa mãe. — ela olhou para a lua cheia. — Quer que rejeitemos esta obrigação? Você negaria a vida de Terrance tão rapidamente depois que ela a restaurou para nós?

Blaise olhou para os dois por vários segundos. Finalmente, sua fachada rachou e, por baixo dela, sua determinação desmoronou.

Ele beijou ambas as testas com lágrimas nos olhos. — Suas almas são as mais brilhantes. Claro que você deve ir, e eu... eu irei me juntar a você. Embora minha dívida de homem esteja cumprida,

meus deveres de pai não estão. — seus olhos cortaram para os meus. — Minha matilha permanecerá aqui. Você nunca mais pisará em nossas terras.

Eu balancei a cabeça secamente. — Entendido.

Viramos e corremos em direção a Cesarine.

A Promise

Reid

Blaise, Liana e Terrance foram na nossa frente na manhã seguinte, prometendo retornar com o reconhecimento da cidade. Quando nos encontraram novamente - a apenas alguns quilômetros de Cesarine, escondidos entre as árvores perto de Les Dents - eles transmitiram nosso pior medo: os caçadores haviam feito um bloqueio para entrar na cidade. Eles verificaram cada vagão, cada carroça, sem se preocupar em esconder suas intenções.

— Eles estão procurando por você. — Liana saiu de trás de um zimbro com roupas limpas. Ela se juntou a seu pai e irmão com uma expressão sombria. — Reconheci alguns deles, mas não vi Jean Luc. Ele não está aqui.

— Suponho que ele foi direto para o meu pai. — Beau reajustou o capuz de sua capa, observando o congestionamento da estrada.

Embora sua expressão permanecesse fria e inalterada, suas mãos tremiam. — Por isso o bloqueio.

Lou chutou os galhos do zimbro em frustração. Quando a neve caiu em suas botas, ela praguejou violentamente. — Aquele *merdinha* chorão. Claro que ele não está aqui. Ele não gostaria que uma multidão o visse mijar nas calças quando me vir. Uma resposta apropriada, veja bem.

Apesar de suas palavras descaradas, essa multidão me deixou desconfortável. Tudo piorou quanto mais nos aproximamos da cidade, já que Les Dents era a única estrada para Cesarine. Parte de mim ficou feliz por tantos terem vindo para homenagear o arcebispo. O resto não sabia como se sentir. Aqui - com cada rosto

e cada voz um lembrete - eu não poderia me dissociar corretamente. As portas da minha fortaleza chacoalharam. As paredes tremeram. Mas eu não conseguia me concentrar nisso agora. Não conseguia me concentrar em nada além de Lou. — Você está bem? — ela sussurrou antes quando estávamos escondidos entre essas árvores.

Eu estudei seu rosto. Parece que ela havia revertido seu padrão desastroso, sim, mas as aparências enganavam. A memória durou para sempre. Eu certamente nunca esqueceria a visão dela presa naquele

pântano congelado, dedos contorcidos, expressão fria e dura como o gelo ao seus pés. Eu duvidava que ela também. —

Você está? — eu sussurrei de volta.

Ela não respondeu.

Ela sussurrou para seus matagots agora. Um terceiro se juntou a nós durante a noite. Um rato preto. Empoleirou-se em seu ombro, olhos redondos e brilhantes. Ninguém mencionou isso. Ninguém se atreveu a olhar em sua direção, como se nosso desrespeito deliberado pudesse torná-lo menos real. Mas a postura dos ombros de Coco dizia as palavras que ela não disse, assim como a sombra nos olhos de Ansel. Até Beau me lançou um olhar preocupado.

Quanto aos lobos, eles não chegaram perto deles. Os lábios de Blaise se curvaram quando Absalon se aproximou muito.

— O que é isso? — pegando sua mão, eu a separei dos outros.

Os matagots seguiram como sombras. Se eu derrubasse o rato de seu ombro, se colocasse minhas mãos em volta do pescoço do gato e da raposa, eles a deixariam em paz? Eles me assombrariam em vez disso?

— Estou mandando uma mensagem para Claud. — disse ela, e a raposa desapareceu em uma nuvem de fumaça. — Ele pode saber como passar por esse bloqueio sem ser detectado.

Beau esticou o pescoço, escutando sem se desculpar. — Esse é o seu plano? — ceticismo atou sua voz. — Eu conheço Claud de alguma forma... protegeu você em Beauchêne, mas estes não são bandidos.

— Você está certo. — uma irritação cortou a voz de Lou quando ela o encarou. — Estes são caçadores armados com Balisardas.

Tive sorte com Jean Luc, conhecia seus botões e os apertei. Eu o

distraí, o desarme. Seus homens não ousaram me machucar enquanto ele estava sob meu poder. Mas ele não está aqui agora, e duvido que consiga desarmar todas as duas dúzias deles sem literalmente colocar fogo no mundo. — ela exalou impacientemente, acariciando o nariz do rato, como se... como se para se acalmar.

Meu estômago se revirou. — Mesmo assim, estamos tentando *não* fazer alarme. Precisamos de uma entrada rápida e silenciosa.

— Eles estarão esperando magia. — me apressei em acrescentar.
Qualquer coisa para impedi-la de mudar de estratégia.

Qualquer coisa para mantê-la longe da alternativa. — E Claud Deveraux nos escondeu ao longo de Les Dents. Talvez ele possa nos esconder aqui também.

Beau jogou as mãos para o alto. — Esta é uma situação completamente diferente! Esses homens sabem que estamos aqui.

Eles estão revistando cada vagão. Para Claud Deveraux nos esconder, ele precisaria *literalmente* nos fazer desaparecer.

— Você tem outro plano? — Lou e o rato olharam para ele. — Se sim, por favor, compartilhe com o grupo. — quando ele não respondeu, ela zombou amargamente. — Isso foi o que eu pensei.

Agora você pode fazer um favor a todos e calar a boca? Já estamos ansiosos o suficiente.

— Lou. — Coco advertiu em voz baixa, mas Lou apenas se virou, cruzando os braços e franzindo o cenho para a neve. Por vontade própria, meus pés se moveram - meu corpo se inclinou -

para protegê-la dos olhares de desaprovação dos outros. Ela pode ter merecido. Eu não me importei.

— Se você vai me repreender, pode cair fora também. — embora ela enxugasse furiosamente os olhos, uma lágrima ainda escapou.

Eu a afastei com meu polegar. Instintivo. — Não faça isso. — ela estremeceu, golpeando minha mão e me deu as costas também.

Absalon sibilou a seus pés. — Estou *bem*.

Eu não me mexi. Não reagi. Por dentro, no entanto, cambaleei como se ela tivesse me atingido, como se nós dois tivéssemos sido arremessados em direção a um penhasco, desatentos, um puxando o outro. Cada empurrão. Ambos desesperados para nos salvar, e ambos impotentes para interromper nossa trajetória. Estávamos avançando em direção a essa borda, Lou e eu.

Nunca me senti tão impotente em minha vida.

— Sinto muito. — sussurrei, mas ela não se importou, em vez disso empurrou a Balisarda de Jean Luc na minha mão.

— Não tínhamos tempo antes, mas enquanto esperamos... Eu roubei para você. Para substituir a que perdi. — ela apertou com mais força. Meus dedos se enrolaram em torno do cabo reflexivamente. A prata parecia diferente. Errada. Embora Jean Luc tenha claramente se importado com a lâmina - ela tinha sido recentemente limpa e afiada - ela não era *minha*. Não suavizou a borda irregular do meu peito. Não preencheu o buraco vazio lá. Eu deslizei na minha bandoleira de qualquer maneira, sem saber o que fazer. Ela continuou sem entusiasmo. — Eu sei que posso ter me empolgado um pouco no processo. Com... com o gelo. Eu sinto muito. Eu prometo que não vai acontecer de novo.

Eu prometo.

Por dias, esperei para ouvir essas palavras, mas agora elas soavam vazias em meus ouvidos. Vagas. Ela não entendia o significado delas. Talvez não pudesse. Elas implicavam verdade, confiança. Eu duvidava que ela já tivesse conhecido também.

Mesmo assim, eu queria acreditar nela. Desesperadamente. E um pedido de desculpas dela não veio levemente.

Eu engoli contra o aperto repentino na minha garganta. —

Obrigada.

Ficamos em silêncio por um longo tempo depois disso. Embora o sol rastejasse no céu, a fila mal se movia. E os olhos dos outros, eu os senti em nós. Especialmente dos lobos. O calor formigou ao longo do meu pescoço. Das minhas orelhas. Não gostei da maneira como eles olharam para Lou. Eles a conheciam apenas como ela era agora. Eles não conheciam seu calor, sua compaixão. O amor dela.

Depois do que você fez, seja grata por não exigir seu sangue, Louise le Blanc.

Embora eu acreditasse que eles não me machucariam, eles não fizeram essa promessa a ela. Qualquer que seja a loucura que este dia inevitavelmente trouxe, eu não os deixaria sozinhos com ela. Eu não lhes daria oportunidade de retaliar. Desamparado, tracei a curva do pescoço de Lou com meu olhar. Ela amarrou o cabelo branco na

nuca. Amarrou outra fita em volta da garganta. De repente, tão familiar, mas tão diferente.

Eu tive que consertá-la.

Quando o sol atingiu o topo das árvores, a raposa finalmente voltou para nós. Ela cheirou a bota de Lou, olhando para ela atentamente. Comunicando-se silenciosamente com os olhos. —

Ela consegue... falar com você? — eu perguntei.

Lou franziu a testa. — Não com palavras. É mais como um sentimento. Como... como se sua consciência tocasse a minha, e eu *entendo*. — sua cabeça se ergueu. — Toulouse e Thierry estão vindo.

Em minutos, duas cabeças pretas familiares separaram a multidão, provando que ela estava certa. Com uma muleta debaixo do braço, Toulouse assobiou uma das músicas de Deveraux. Ele sorriu para Liana, tirando o chapéu, antes de agarrar meu ombro.

— *Bonjour à tou*. — disse ele. — Bom dia, bom dia. E honra encontrá-lo aqui, Monsieur Diggory.

— Shhh. — baixe a cabeça, mas ninguém na estrada nos deu atenção. — Você é louco?

— Às vezes. — seu olhar caiu atrás de nós para os lobisomens, e ele sorriu ainda mais. — Vejo que me enganei. Que inesperado.

Devo admitir, duvidei de seus poderes de persuasão, mas nunca fiquei mais satisfeito em estar errado. — ele deu uma cotovelada em Thierry com uma risada. — Talvez eu devesse tentar com mais frequência, hein, irmão? — seu sorriso sumiu ligeiramente quando ele se virou para mim. — Gostaria de tentar aquele cartão agora?

Em vez disso, acenei para sua muleta. — Você está ferido?

— Claro que não. — ele jogou para mim. — Estou apto para ser o violino de Deveraux. Essa é uma de suas palafitas, aliás. Ele envia sua ajuda.

Thierry tirou uma sacola do ombro e entregou a Lou.

— Óculos? — Beau se inclinou sobre ela, incrédulo, retirando um par de armações de arame. Ela o empurrou. — Bigodes? Perucas?

Esta é a ajuda dele? Fantasias?

— Sem magia, não há outra maneira de enganar os caçadores, não é? — os olhos de Toulouse brilharam com malícia. — Eu o confundi com inteligente ao longo de Les Dents, Beauregard.

Parece que estou errado *duas vezes* em um dia. É absolutamente emocionante.

Eu ignorei os dois enquanto a voz de Thierry ressoava na minha cabeça. *Sinto muito. Claud gostaria de ter vindo pessoalmente, mas ele não vai deixar Zenna e Seraphine sozinhas.*

Meus pensamentos se aguçaram. Aconteceu alguma coisa com elas?

É perigoso dentro da cidade, Reid. Pior ainda do que o normal.

Jean Luc avisou o rei da ameaça de Morgane, e os Chasseurs prenderam três mulheres só esta manhã. O resto guarda ele e suas filhas dentro do castelo. Toulouse solicitou que não o ajudássemos mais.

Eu me assustei. O que?

O cartão, Reid. Prove que ele estava errado pela terceira vez.

O que o cartão tem a ver com alguma coisa?

Tudo. Ele suspirou quando Lou empurrou Beau para fora de seu espaço pessoal novamente, balançando a cabeça. Gosto de você, caçador, então vou ajudá-lo uma última vez: Morgane não pode tocar no rei em seu castelo, mas ele se juntará ao cortejo fúnebre esta tarde. É seu dever como soberano honrar o Santo Padre. Se Morgane quiser atacar, assim será. Embora Jean Luc more com ele, ele não mantém mais sua Balisarda. Seus olhos negros caíram para a safira em minha bandoleira. Uma dúzia de outros são novos.

Inexperientes. Eles fizeram seus votos apenas esta manhã.

O torneio. Fechei meus olhos em resignação. Em meio aos horrores de Les Dents, eu tinha esquecido do torneio dos Chasseurs. Se houvesse alguma dúvida de que Morgane atacaria no funeral, ela desapareceu com a realização. A irmandade nunca foi tão fraca. A multidão nunca foi tão grande. E as apostas - elas nunca foram tão altas. Foi o palco perfeito para Morgane, ainda mais grandioso do que no Dia de São Nicolau. Precisávamos entrar na cidade. Agora. Não há mais nada que Claud possa fazer?

Você não precisa de Claud. Você só precisa confiar em si mesmo.

Meu olhar foi para Lou. Ela ainda brigava com Beau. Toulouse olhava divertido. *Se você está sugerindo que eu use magia, não o farei.*

Não é seu inimigo, Reid.

Também não é um amigo.

Seu medo é irracional. Você não é Louise. Você é razão, quando ela é impulso. Você é a terra. Ela é fogo.

A raiva acendeu. Mais enigmas. Mais convolução. Do que você está falando?

Suas escolhas não são escolhas dela, amigo. Não se condene ao destino dela. Meu irmão e eu usamos magia há anos e continuamos no controle de nós mesmos. Cosette também. Com a temperança, a magia é uma aliada poderosa.

Mas ouvi apenas algumas de suas palavras. O destino dela?

Como se respondesse, Beau murmurou: — Nunca pensei que morreria vestido de bruxa. Suponho que haja maneiras menos interessantes de ir. — ele fez menção de jogar os óculos de volta na bolsa, levantando a voz ao meu olhar incerto. — O que? Você sabe como isso termina. Estamos nos armando com pedaços de renda contra lâminas de aço. Nós estamos... estamos brincando de nos fantasiar, pelo amor de Deus. Os Chasseurs vão nos matar de rancor pelo insulto.

— Você esquece que eu despejo rancor no meu chá todas as manhãs. — Lou arrancou os óculos da mão dele e os colocou no nariz dela. — Além disso, brincar de se vestir ainda não me decepcionou. O que poderia dar errado?

Trial by Fire

Reid

Deu tudo errado.

— Aquela carroça ali. — agachada nos galhos de um pinheiro, Lou apontou para uma carroça separada da multidão. Seu cavalo era ossudo. Velho. Um homem de meia-idade segurava as rédeas.

Sua pele áspera e mãos nodosas o marcavam como um fazendeiro, e seu rosto magro o marcava como pobre. Com fome.

— Não. — eu balancei minha cabeça abruptamente, a voz dura.

— Eu não vou me aproveitar dos fracos.

— Você vai se quiser viver. — no meu silêncio, ela suspirou impacientemente. — Olha, esses são os únicos dois transportes cobertos em um raio de uma milha. Eu estarei caçando aquele. —

ela apontou para a carruagem dourada na frente da carroça do fazendeiro. — Então eu estarei perto, caso você precise de ajuda.

Apenas me dê um grito, mas lembre-se: é Lucida, não Lou.

— Isso é loucura. — meu peito apertou com o pensamento do que eu estava prestes a fazer. — Isso nunca vai funcionar.

— Não com essa atitude! — agarrando meus ombros, ela me virou para encará-la. Náusea rolou pelo meu estômago. Disfarçada com o terno e chapéu de veludo de Deveraux, ela olhou para mim por trás dos óculos de ouro. Filho erudito de um aristocrata voltando para casa de Amandine. — Lembre-se de sua história. Você foi atacado por bandidos, e eles quebraram seu nariz. — ela ajustou a bandagem ensanguentada no meu rosto para uma boa medida. — E

sua perna. — ela bateu na muleta improvisada que tínhamos feito

com a perna de pau. — Basta bater na porta. A esposa vai ter pena de você depois de um olhar.

— E se ela não tiver?

— Derrube-a. Arraste-a para dentro. Encante-a. — ela não vacilou com a perspectiva de espancar uma mulher inocente. —

Faça o que for necessário para entrar naquele vagão.

— Eu pensei que você disse sem mágica.

Ela bufou impacientemente. — Este não é o momento para uma postura baseada em princípios, Reid. Não podemos arriscar magia ao ar livre, mas dentro dos limites de seu vagão, faça o que for necessário. Se pelo menos uma pessoa nos reconhecer, estamos mortos.

— E quando o Chasseur chegar para revistar a carroça?

— Você está de peruca. Seu rosto está coberto. Você pode estar se preocupando por nada. Mas se ele reconhecer você - se ele suspeitar - você terá que desarmá-lo enquanto o mantém consciente. Se não fizer isso, ele não pode acenar para você passar pelo bloqueio.

— Mesmo se eu ameaçar cortar sua garganta, um Chasseur nunca me deixará passar por esse bloqueio.

— Ele vai se ele estiver encantado. — abri minha boca para recusar - ou vomitar - mas ela continuou, sem se intimidar.

— Faça o que fizer, não cause uma cena. Seja rápido e quieto.

Essa é a única maneira de sobrevivermos a isso.

Saliva cobriu minha boca e eu lutei para respirar, segurando minha bandoleira para me apoiar. Eu não temia encontrar meus irmãos. Eu não temia trocar golpes ou me machucar. Eu nem temia a captura, mas se isso acontecesse - se os Chasseurs me prendessem aqui - Lou interviria. Eles chamariam reforços. Eles iriam caçá-la e, desta vez, ela não escaparia.

Isso não poderia acontecer.

Mesmo que... mesmo que isso significasse usar magia.

Não é seu inimigo, Reid.

Com a temperança, a magia é uma aliada poderosa.

— Eu não vou. Eu não posso. — quase engasguei com as palavras. — Alguém vai sentir o cheiro. Eles saberão que estamos aqui.

Ela puxou meu casaco sobre a bandoleira. — Talvez. Mas esta estrada está cheia de gente. Vai levar tempo para eles distinguirem quem está lançando. Você pode forçar o Chasseur encantado a acenar para que você passe antes que ele descubra.

— Lou. — a palavra era desesperada, implorando, mas eu não me importei. — Há muitas coisas que podem dar errado...

Ela beijou minha bochecha rapidamente. — Você consegue fazer isso. E se você não puder - se algo *der* errado - apenas dê um soco no nariz do Chasseur e corra como o diabo.

— Ótimo plano.

Ela riu, mas o som era tenso. — Funcionou para Coco e Ansel.

Fingindo ser recém-casados, eles já haviam escapado pelo comboio a pé. O Chasseur que os inspecionou era novo e eles entraram em Cesarine ilesos. Beau abandonou completamente a fantasia, em vez

disso encontrou uma viúva muito jovem para o contrabandear para dentro. Ela quase desmaiou ao ver seu rosto real. Blaise e sua família não revelaram como planejavam entrar na cidade. Como não houve comoção, presumi que eles conseguiram passar despercebidos.

Eu duvidava que Lou e eu tivéssemos tanta sorte.

— Reid. *Reid.* — eu iria chamar atenção. Lou falou mais rápido agora. — O encantamento deve vir naturalmente, mas se você precisar de um padrão, foque com uma intenção específica.

Visualize seus objetivos. E lembre-se, é sempre, *sempre* uma questão de equilíbrio.

— Nada sobre magia é fácil para mim.

Mentiroso.

— Porque você está se incapacitando com o ódio. — disse Lou.

— Abra-se para a sua magia. Aceite, dê as boas-vindas, e ela virá até você. Você está pronto?

Nos procure.

Meus lábios estavam dormentes. — Não.

Mas havia pouco tempo para discutir. A carroça e a carruagem estavam quase em cima de nós.

Ela apertou minha mão, tirando o olhar da carruagem para olhar para mim. — Eu sei que as coisas mudaram entre nós. Mas eu quero que você saiba que eu te amo. Nada pode mudar isso. E se

você morrer hoje, eu vou te encontrar na vida após a morte e chutar sua bunda por me deixar. Entendeu?

Minha voz estava fraca. — Eu...

— Bom.

E então ela se foi, puxando um livro de sua mochila e correndo em direção à carruagem. — *Excusez-moi, monsieur!* — ela chamou o motorista, empurrando os óculos no nariz. — Mas meu cavalo atirou uma ferradura...

Um buraco vazio se abriu em meu estômago enquanto sua voz

desaparecia na multidão.

Eu te amo. Nada pode mudar isso.

Droga.

Eu não consegui dizer de volta.

Mancando, apoiando-me pesadamente em minha muleta, me conduzi através da multidão até a carroça. O comboio estava parado, e o fazendeiro - preocupado com uma criança suja jogando pedras em seu cavalo - não me viu. Bati uma, duas vezes, na moldura. Nada. Eu bati mais forte.

— O que você quer? — uma mulher esguia com maçãs do rosto pontiagudas e dentes de cavalo finalmente colocou a cabeça para fora. Uma cruz pendurada em sua garganta e um chapéu cobrindo seu cabelo. Piedosa, então. Provavelmente viajando para Cesarine para prestar seus respeitos. A esperança cresceu em meu peito.

Talvez ela *tivesse* pena de mim. Foi mandado de nosso Senhor ajudar os desamparados.

Sua carranca rapidamente destruiu essa esperança. — Não temos comida para mendigos, então vá embora!

— Desculpe, *madame*. — eu disse apressadamente, pegando a aba quando ela se moveu para fechá-la. — Mas eu não preciso de comida. Bandidos se lançaram sobre mim na estrada. — bati minha muleta contra a carroça para enfatizar. — E não posso continuar minha jornada a pé. Você tem espaço em seu vagão para mais um?

— Não. — ela retrucou, tentando lutar contra a aba da minha mão. Sem hesitação. Sem remorso. — Não para gente como você.

Você é o terceiro, que vem bater em nosso vagão esta manhã, e eu direi a você o mesmo que disse a eles: não vamos correr riscos com gente estranha hoje. Não com o funeral de Sua Eminência esta

noite. — ela agarrou a cruz na garganta com dedos finos e fechou os olhos. — Que Deus guarde sua alma. — quando ela abriu um olho e me viu ainda parado lá, ela acrescentou: — Agora vá embora.

A carroça avançou para frente, mas eu me segurei firme, me forçando a manter a calma. Para pensar como Lou pensaria. Mentir.

— Eu não sou uma bruxa, *madame*, e estou precisando desesperadamente de ajuda.

Sua boca - profundamente enrugada - torceu em confusão. —

Claro que você não é uma bruxa. Você acha que sou maluca? Todo mundo sabe que os homens não podem ter magia.

Com a palavra, aqueles mais próximos de nós se viraram para olhar. Olhos arregalados e cautelosos.

Amaldiçoei internamente.

— Bernadette? — a voz do fazendeiro se elevou acima do barulho da multidão. Mais cabeças giraram em nossa direção. —

Esse rapaz está incomodando você?

Antes que ela pudesse responder - antes que ela pudesse selar meu destino - eu assobiei: — Aquele que despreza seu próximo peca, mas aquele que tem misericórdia dos pobres, feliz ele é.

Seus olhos se estreitaram. — O que você acabou de dizer?

— O que dá ao pobre não terá falta; mas o que esconde aos olhos D'Ele terá muitas maldições.

— Você está citando as escrituras para mim, garoto?

— Não negue o bem àqueles a quem é devido, quando está no poder de tua mão fazê-lo.

— Bernadette! — o fazendeiro se levantou de sua caixa. — Você me ouviu, amor? Devo buscar um Chasseur?

— Devo continuar? — com os nós dos dedos brancos na aba do vagão, meus dedos tremeram. Eu os segurei com mais força, olhando para ela. — Pois como o Senhor ordena...

— Isso é o suficiente para você. — embora seu lábio enrugado se curvasse, ela me examinou com relutante apreciação. — Eu não preciso de lições de olicidade das sarjetas — para o marido, ela gritou: — Tudo bem, Lyle! Este está quebrado, é o tornozelo, e só precisa de uma carona.

— Bem, diga a ele que não queremos não...

— Vou dizer a ele o que quero dizer a ele! — empurrando a cabeça para trás, ela puxou a aba da carroça de lado. — Entre, então, Vossa Santidade, antes que eu mude de ideia.

O interior da carroça de Bernadette não se parecia em nada com o interior da Troupe de Fortune. Cada centímetro das carroças da trupe estava lotado. Baús de fantasias e bugigangas. Caixas de comida. Adereços. Lanternas. Camas e colchonetes.

Esta carroça estava vazia, exceto um único cobertor e uma sacola de comida quase vazia. Uma panela solitária estava ao lado dela.

— Como eu disse. — Bernadette murmurou, agachando-se no chão. — Não há comida para mendigos aqui.

Esperamos em um silêncio pedregoso enquanto a carroça se aproximava dos Chasseurs. — Você parece familiar. — ela disse depois de alguns momentos. Ela me olhou desconfiada, os olhos mais afiados do que eu gostaria. Eles estudaram minha peruca preta, minhas sobrancelhas escuras como carvão. A bandagem ensanguentada no meu nariz. Eu reajuste involuntariamente. —

Nós já nos conhecemos antes?

— Não.

— Por que você está indo para Cesarine, então?

Eu encarei minhas mãos sem vê-las. *Para assistir ao funeral do homem que matei. Para confraternizar com bruxas de sangue e lobisomens. Para matar a mãe da mulher que amo.* — O mesmo que você.

— Você não me parece o tipo religioso.

Eu a encarei com um olhar. — Da mesma forma.

Ela pigarreou e cruzou os braços. — Diabinho debochado, não é? Ingrato também. Deveria ter feito você andar como todos os outros, tornozelo quebrado e tudo.

— Estamos chegando neles agora! — Lyle gritou de fora. — A cidade está logo em frente!

Bernadette se levantou e marchou para a frente da carroça, colocando a cabeça para fora mais uma vez. Eu caminhei atrás dela.

Emoldurado pelo horizonte cinza de Cesarine, uma dúzia de Chasseurs

cavalgava no meio da multidão, diminuindo o tráfego.

Alguns inspecionaram os rostos dos que estavam a pé. Alguns desmontaram para verificar vagões e carruagens de forma intermitente. Eu reconheci oito deles. Oito em doze. Quando um daqueles oito - Phillipe - começou a vir em direção ao nosso vagão, eu amaldiçoei.

— Cuidado com a boca! — Bernadette disse em indignação, me acotovelando fortemente. — E se mova, você poderia... — ela parou quando viu meu rosto. — Você está branco como um lençol, você é...

A voz profunda de Phillipe retumbou através da procissão, e ele apontou para nós. — Já olhamos este?

Mais velho do que eu por várias décadas, prata listrada em sua barba. Não fez nada para diminuir a largura de seu peito ou os músculos pesados de seus braços. Uma cicatriz ainda desfigurava sua garganta de sua batalha com os parentes de Adrien no ataque ao lobisomem.

Ele me odiou por roubar sua glória naquele dia. Por roubar seu avanço.

Merda.

A Balisarda de Jean Luc pesava mais do que as outras facas da minha bandoleira. Se Phillipe me reconhecesse, eu precisaria matá-

lo ou desarmá-lo. E eu não podia matá-lo. Eu não poderia matar outro irmão. Mas se eu o desarmasse em vez disso, eu teria que...

Não. Minha mente se enfureceu contra o pensamento.

Este não é o momento para uma posição baseada em princípios, Reid, Lou disse . Se apenas uma pessoa nos reconhecer, estamos mortos.

Ela estava certa. Claro, ela estava certa. E mesmo que isso me tornasse um hipócrita - mesmo que me condenasse ao inferno - eu canalizaria aquelas vozes insidiosas. Eu me enforcaria com seus padrões dourados. Se isso significasse que Lou viveria, eu o faria.

Malditas consequências. Eu faria isso.

Mas como?

Abra-se para a sua magia. Aceite, dê as boas-vindas, e ela virá até você.

Eu não tinha saudado nada em Modraniht, mas o padrão ainda havia aparecido. O mesmo aconteceu no riacho perto do Hollow. Em

ambas as situações, eu estava desesperado. Desesperado.

Morgane tinha acabado de cortar a garganta de Lou, e eu observei seu sangue derramar na bacia, drenando sua vida a cada segundo.

O cordão de ouro havia saído do meu poço de desespero e eu reagi instintivamente. Não houve tempo para mais nada. E... e no riacho...

A memória dos lábios azuis de Lou veio à tona. Sua pele acinzentada.

Mas não era assim. Lou não estava morrendo na minha frente agora. Tentei invocar o mesmo senso de urgência. Se Phillipe me pegasse, Lou *iria* morrer. Certamente essa possibilidade deve desencadear algo. Esperei ansiosamente que as comportas se abrissem, que o ouro explodisse em minha visão.

Não funcionou.

Parecia que imaginar Lou morrendo não era a mesma coisa que ver isso acontecer.

Philippe continuou em nossa direção, perto o suficiente para tocar os cavalos. Quase gritei de frustração. O que eu deveria *fazer*?

Você pode perguntar. Uma vozinha sinistra ecoou em meus pensamentos por fim, reverberando como uma legião. O cabelo do meu pescoço se arrepiou. *Você só precisa nos procurar, perdido, e você encontrará.*

Em pânico, empurrei instintivamente.

Uma risada sobrenatural. *Você não pode escapar de nós, Reid Labelle. Nós somos parte de você.* Como se para provar suas palavras, ele se apertou com mais força, a pressão na minha cabeça crescendo - dolorosa agora - enquanto tentáculos de ouro serpenteavam para fora, apunhalando profundamente e criando raízes. Em minha mente. Meu coração. Meus pulmões. Eu engasguei com eles, lutando para respirar, mas eles apenas se aproximaram. Me consumindo. *Por muito tempo temos dormido na escuridão, mas agora, estamos acordados. Nós iremos protegê-lo.*

Nós não vamos deixar você ir. Nos procure.

Preto ameaçou os limites da minha visão. Meu pânico se intensificou. Eu tenho que sair, tenho que parar com isso...

Cambaleando para trás, registrei vagamente o alarme de Bernadette e Lyle. — Qual é o problema com você, hein? —

Bernadette perguntou. Quando eu não respondi - não pude responder - ela se moveu lentamente para sua bolsa. Meus olhos lutaram para focar nela, para permanecer abertos. Eu caí de joelhos, lutando desesperadamente para reprimir essa coisa crescendo dentro de mim, esse monstro arranhando minha pele.

Uma luz inexplicável cintilou ao nosso redor.

Ele se aproxima, criança. Ele está vindo. A voz ficou faminta agora. Ansiosa. A pressão em minha cabeça aumentava com cada palavra. Me cegando. Me atormentando. Meus pesadelos se tornaram realidade. Eu agarrei minha cabeça contra a dor, um grito subindo em minha garganta. Ele vai nos queimar se você deixar.

— O que está acontecendo com sua cabeça?

Não. Minha mente guerreou contra si mesma. A dor me partiu em dois. Isso não está certo. Isso não é...

— Estou falando com você, criança levada!

Ele vai queimar Louise.

Não...

— Oi! — um apito cortou o ar e uma nova dor explodiu atrás da minha orelha. Eu caí no chão da carroça. Gemendo baixinho, eu podia apenas distinguir a forma borrada de Bernadette acima de mim. Ela ergueu a frigideira para atacar novamente. — Louco, não é? Eu sabia. Logo hoje de todos os dias...

— Espere — eu levantei uma mão fraca. A luz peculiar brilhou mais forte agora. — Por favor.

Ela cambaleou para trás, o rosto se contorcendo em alarme. —

O que é isso acontecendo com a sua pele, então, hein? O que está acontecendo?

— Eu não... — minha visão se aguçou na minha mão. Na luz suave que emana dela. Um terrível desespero passou por mim. Um alívio

horrível.

Nos procure. Nos procure. Nos procure.

— L-Largue a frigideira, *madame*.

Ela balançou a cabeça freneticamente, lutando para manter o braço levantado. — Que feitiçaria é essa?

Tentei de novo, mais alto agora. Um zumbido estranho encheu meus ouvidos, e o desejo inexplicável de acalmá-la me oprimiu -

para acalmar e ser acalmado. — Vai dar tudo certo. — minha voz soou estranha, até mesmo para meus próprios ouvidos. Em camadas. Ressonante. Parte de mim ainda se enfurecia contra isso, mas essa parte era inútil agora. Eu deixei para trás. — Largue a frigideira.

A frigideira caiu no chão.

— Lyle! — seus olhos saltaram de sua cabeça e suas narinas dilataram-se. — Lyle, ajude-me!

A aba do vagão se abriu em resposta. Viramos como um só para ver Phillipe parado na entrada, sua Balisarda na mão. Apesar da bandagem - a peruca, os cosméticos - ele me reconheceu imediatamente. O ódio queimou em seus olhos. — Reid Diggory.

Mate ele.

Desta vez, atendi à voz sem hesitação.

Com velocidade letal, ataquei, agarrando seu pulso e arrastando-o para a carroça. Seus olhos se arregalaram - chocados - por uma fração de segundo. Então ele atacou. Eu ri, evitando sua lâmina facilmente. Quando o som reverberou pela carroça, contagiante e estranho, ele recuou.

— Não pode ser... — ele respirou. — Você não pode ser um...

um...

Ele investiu, mas, novamente, me movi rápido demais, evitando no último momento. Em vez disso, ele se lançou contra Bernadette e os dois se chocaram contra a parede da carroça. Minha pele explodiu de luz com seus gritos.

Silencie ela!

— Fique quieta! — as palavras me rasgaram por vontade própria, e ela caiu - misericordiosamente quieta - com a boca fechada e os olhos vidrados. Phillipe se levantou assim que Lyle entrou na carroça, berrando a plenos pulmões.

— Bernadette! Bernadette!

Lutei para olhar para ele, tirando os dedos de Phillipe da minha garganta com uma mão e segurando sua Balisarda com a outra.

Minha peruca caiu no chão. — Quietos. — eu disse, a voz estrangulada, enquanto Phillipe e eu batíamos na carroça. Mas Lyle

não se calou. Ele continuou a gritar, avançando para agarrar Bernadette por baixo dos braços e arrastá-la para fora da carroça.

— Espere! — eu estendi a mão cegamente para detê-lo, mas nenhum padrão emergiu. Nem mesmo um piscar. A raiva estourou com a minha própria inércia e a luz que emanava da minha pele desapareceu abruptamente. — Pare!

— Ajude-nos! — Lyle saltou da carroça. — É Reid Diggory! Ele é um bruxo! SOCORRO!

Novas vozes soaram do lado de fora enquanto os Chasseurs convergiam. Sangue rugindo em meus ouvidos - as vozes em minha mente absolutamente silenciosas - eu me afastei de Phillipe, jogando o cobertor em seu rosto. Uma entrada silenciosa na cidade não era mais possível. Eu tive que fugir. Para *correr*.

Desembaraçando-se do cobertor, ele escorregou na sacola de comida e se debateu para trás. Eu avancei na frigideira.

Antes que ele pudesse recuperar o equilíbrio - antes que eu pudesse reconsiderar - eu o golpeei na cabeça.

A rachadura reverberou em meus ossos e ele caiu no chão da carroça, inconsciente. Eu me abaixei para ter certeza de que seu peito se movia. Para cima e para baixo. Para cima e para baixo. Os outros caçadores rasgaram a aba da carroça assim que eu pulei pela frente, saltando por cima da caixa para as costas do cavalo. Ele recuou, zunindo indignado, e as rodas dianteiras do vagão se levantaram do solo, inclinando a estrutura precariamente. Lá dentro, os Chasseurs gritaram em alarme. Seus corpos se chocaram contra a tela.

Eu me atrapalhei com o arreio do cavalo, xingando enquanto mais

Chasseurs corriam em minha direção. Liso de suor, meus dedos escorregaram nas fivelas. Amaldiçoei e tentei novamente.

— É Reid Diggory! — alguém gritou. Mais vozes atenderam à chamada. O sangue rugiu em meus ouvidos.

— Assassino!

— Bruxo!

— Prenda-o!

— PRENDA-O!

Perdendo qualquer aparência de controle, eu rasguei a última fivela com dedos frenéticos. Um Chasseur que eu não reconheci me

alcançou primeiro. Eu o chutei no rosto - finalmente, *finalmente* afrouxando o fecho - e apressei o cavalo para frente com um aperto violento de minhas pernas. Ele disparou e eu segurei para salvar minha vida.

— Saiam do caminho! — eu rugi. As pessoas mergulharam de lado, arrastando crianças com elas, enquanto o cavalo cambaleava em direção à cidade. Um homem foi lento demais e um casco prendeu sua perna, quebrando-a. Os Chasseurs a cavalo correram atrás de mim. Eles ganharam terreno rapidamente. Os deles eram garanhões, criados para velocidade e força, e a minha era uma égua emaciada em sua última perna. Eu a incentivei de qualquer maneira.

Se eu pudesse limpar os limites da cidade, talvez pudesse perdê-los nas ruas...

A multidão engrossou à medida que a estrada estreitou, passando da sujeira para a calçada. Os primeiros edifícios se ergueram para me engolir. Acima, uma sombra saltou agilmente de telhado em telhado, seguindo os gritos que me perseguiam. Ele apontou freneticamente para a sôtão que surgia à frente.

Quase chorei de alívio.

Lou.

Então eu percebi o que ela queria que eu fizesse.

Não. Não, eu não poderia...

— Entendi! — a mão de um caçador se esticou e agarrou a parte de trás do meu casaco. Os outros se aproximaram atrás dele. Com as pernas apertando a égua como um torno, girei para me livrar de seu aperto, mas a égua se cansou.

Zurrando descontroladamente, ela empinou mais uma vez, e eu vi minha oportunidade.

Escalando seu pescoço - rezando para quem pudesse estar ouvindo - peguei a placa de metal acima com a ponta dos meus dedos. Ela se estilhaçou com o meu peso, mas chutei com força, me apoiando nas costas da égua e saltando para a sótão. A égua e os garanhões dos Chasseurs galoparam abaixo.

— PARE ELE!

Ofegando por ar, lutei para me apoiar no telhado. Minha visão oscilou e girou.

—Continue subindo! — a voz de Lou soou acima de mim e minha cabeça se ergueu. Ela se inclinou sobre a borda do telhado, os dedos abertos e se esforçando para me alcançar. Mas sua mão era tão pequena. Tão longe. — Não olhe para baixo! Olhe para mim, Reid! Continue olhando para mim!

Abaixo, os Chasseurs rugiram ordens, incitando a multidão a se separar enquanto eles viravam seus cavalos.

— PARA MIM, REID!

Certo. Engolindo em seco, comecei a encontrar marcas na parede de pedra. Eu avancei mais alto. Minha cabeça girou.

Mais alto.

Minha respiração ficou presa.

Mais alto.

Meus músculos se contraíram.

Mais alto.

Os Chasseurs manobram de volta para mim. Eu os ouvi desmontando. Ouvi eles começando a subir.

A mão de Lou agarrou meu pulso e levantou. Eu me concentrei em seu

rosto, em suas sardas. Apenas por pura força de vontade, eu escalei o beiral e desabei. Mas não tivemos tempo para relaxar.

Ela me colocou de pé, já correndo para o próximo telhado. — O que aconteceu?

Eu a segui. Concentrei-me na minha respiração. Era mais fácil agora, com ela aqui. — Seu plano era uma merda.

Ela teve a ousadia de rir, mas parou rapidamente quando uma flecha passou zunindo por seu rosto. — Vamos lá. Vou despistar esses idiotas dentro de três quarteirões.

Eu não respondi. Era melhor eu manter minha boca fechada.

The Drowning

Lou

Sempre com o objetivo de agradar, os despistei em dois.

Suas vozes enfraqueceram enquanto corríamos, mergulhando em alcovas sombrias e caindo atrás de trepadeiras caindo aos pedaços. A chave estava quebrando sua linha de visão. Depois que isso aconteceu, foi muito fácil escorregar para a infinidade da cidade.

Ninguém poderia desaparecer como eu.

Ninguém tinha prática.

Eu caí em uma rua esquecida em East End. Reid pousou um segundo depois, desabando contra mim. Embora eu tenha tentado segurá-lo com firmeza, nós dois caímos nas pedras sujas. Ele manteve os braços em volta da minha cintura, no entanto, e enterrou o rosto no meu colo. Seu coração pulsava em um ritmo frenético contra minha coxa. — Não posso fazer isso de novo.

Garganta de repente seca, eu acariciei seus cabelos. — Isso foi bom. Eles foram embora. — sua respiração desacelerou gradualmente e, finalmente, ele se sentou. Eu o deixei ir com relutância. — Antes do seu fiasco, enviei Charles para encontrar Madame Labelle. Ela reservou quartos para nós em uma pousada chamada Léviathan.

— Charles?

— O rato.

Ele exalou um suspiro áspero. — Oh.

A vergonha - agora familiar - tomou conta de mim novamente.

Embora palavras afiadas subissem à minha língua em resposta, eu

as mordi com força, tirando sangue, e ofereci a mão a ele. — Já mandei Absalon e Brigitte buscar Coco, Ansel e Beau. Charles foi para os lobisomens e bruxas de sangue. Todos nós precisaremos traçar estratégias antes do funeral esta tarde.

Ficamos de pé juntos e ele beijou as costas da minha mão antes de soltá-la. — Vai ser difícil conseguir uma reunião com o rei.

Thierry disse que todos os Chasseurs que não estão no bloqueio estão dentro do castelo. Talvez Beau possa...

— Espere. — embora eu tenha forçado uma risada, não havia nada de engraçado naquele brilho obstinado em seus olhos. —

Você não pode realmente querer falar com Auguste? Jean Luc o avisou. Ele sabe que você está vindo. Ele... ele sabe que Madame Labelle é uma bruxa, e se os gritos dos caçadores forem alguma indicação, ele logo saberá que você também é. — o rosto de Reid empalideceu no final. Ah. Parecia que ele ainda não havia chegado a essa conclusão. Corri para aproveitar minha vantagem. — Ele sabe que você é um bruxo. — repeti. — Ele não vai te ajudar. Ele certamente não vai me ajudar. Não *precisamos* dele, Reid. As Dames Rouges e Loup Garou são aliados poderosos.

Seus lábios franziram enquanto ele considerava isso - sua mandíbula cerrada - e eu esperei que ele visse o sentido em meu plano. Mas ele balançou a cabeça e murmurou: — Não. Eu ainda vou falar com ele. Precisamos de uma frente unida contra Morgane.

Eu fiquei boquiaberta com ele. — Reid... — um grupo de crianças passou correndo pelo nosso beco naquele momento, perseguindo um gato que rosnava. O mais lento deles hesitou ao nos ver. Eu empurrei minha aba mais para baixo na minha testa, e Reid rapidamente amarrou a bandagem sobre o olho. —

Precisamos sair das ruas. — disse ele. — Nossa entrada na cidade não foi exatamente sutil...

— Obrigado por isso.

— E o East End estará infestado de caçadores e policiais em breve.

Acenei para a criança, que sorriu e saiu correndo atrás de seus amigos, antes de deslizar meu cotovelo no de Reid. Coloquei minha cabeça na rua. Estava menos lotado aqui, a maioria dos visitantes do funeral se reunindo no distrito oeste mais rico. As lojas ao longo

das ruas foram fechadas. — Léviathan fica a poucos quarteirões de Soleil et Lune.

Reid acelerou o passo, mancando mais uma vez. — Dada a nossa história, o teatro será o primeiro lugar que os Chasseurs olharão.

Algo em sua voz me fez parar. Eu fiz uma careta para ele. —

Isso não foi intencional, a propósito. Minha pequena façanha no teatro. Acho que nunca te disse.

— Você está brincando.

— Eu não estou. — com indiferença, tirei meu chapéu para uma mulher próxima. Sua boca se abriu com meu terno de veludo. Não era exatamente um traje de luto, mas pelo menos tinha um belo tom profundo de berinjela. Conhecendo Claud, poderia ter sido amarelo-canário. — Completamente acidental, mas o que eu poderia fazer?

Não é minha culpa que você não conseguiu tirar as mãos dos meus seios. — quando ele gaguejou indignado, eu continuei, sorrindo. —

Eu não culpo você nem um pouco.

Com cuidado para manter minha aba baixa, fiquei de olho nas pessoas. Um ar familiar de trepidação pairava pesado e espesso acima, como sempre acontecia quando uma multidão desse tamanho se reunia em Cesarine. Pessoas de todas as classes sociais vieram para homenagear o falecido arcebispo: aristocratas, clérigos e camponeses fizeram vigília juntos enquanto nos aproximávamos da catedral, onde o corpo do arcebispo esperava para receber os rituais fúnebres. Vestidos todos de preto, eles sugaram a cor de uma cidade já sombria. Até o céu estava nublado hoje, como se também lamentasse o destino do homem errado.

O arcebispo não merecia a dor de ninguém.

A única cor nas ruas veio da fanfarra. As usuais bandeiras de Lyon foram substituídas por bandeiras vermelhas brilhantes representando

o brasão do arcebispo: um urso jorrando uma fonte de estrelas. Gotas de sangue em um mar de preto e cinza.

— Pare. — os olhos de Reid se arregalaram de horror com algo à distância. Ele girou na minha frente, segurando meus braços como se para me proteger disso. — Dê meia volta. Vamos por um caminho diferente...

Eu o afastei, ficando na ponta dos pés para ver a multidão.

Lá, na base da catedral, havia três estacas de madeira. E

acorrentado a essas estacas...

— Oh meu Deus. — eu respirei.

Acorrentados a essas estacas estavam três corpos carbonizados.

Membros desmoronando - cabelo desaparecido - os corpos eram quase indistinguíveis. Atrás deles, as cinzas cobriam os degraus da catedral, mais espessas do que a neve na rua. A bile subiu pela minha garganta. Houve outras antes dessas mulheres. Muitas outras. E recentemente. O vento ainda não havia levado suas cinzas.

Mas as verdadeiras bruxas eram cuidadosas e inteligentes.

Certamente, muitas não foram capturadas desde Modraniht.

— Essas mulheres... — eu balancei minha cabeça em descrença. — Elas não podem ter sido todas bruxas.

— Não. — embalando a parte de trás da minha cabeça, Reid me puxou para seu peito. Eu inalei profundamente, ignorando a pontada de dor em meus olhos. — Não, provavelmente não eram.

— Então o que...?

— Depois do arcebispo, o rei precisaria de uma demonstração de poder. Ele teria que restabelecer o controle. Qualquer pessoa suspeita teria queimado.

— Sem provas? — eu me inclinei para trás, procurando respostas em seu rosto. Seus olhos doíam. — Sem julgamento?

Ele apertou a mandíbula, olhando para os corpos enegrecidos.

— Ele não precisa de provas. Ele é o rei.

Eu a avistei no momento em que Reid e eu nos viramos, magra como um junco com pele de ébano e olhos de ônix, tão parada que ela poderia ser a estátua de Saint-Cécile se não fosse por seu cabelo soprado pela brisa. Embora eu a conhecesse durante toda a minha vida, não pude ler a emoção em seus olhos enquanto ela olhava para os restos mortais da mulher.

Quando ela girou nos calcanhares e fugiu para a multidão.

Manon.

— Léviathan é por aqui. — eu estiquei meu pescoço para mantê-

la em minha visão, empurrando meu queixo para o oeste. Um homem de cabelos dourados a seguiu, pegando sua mão e girando-

a em seus braços. Em vez de protestar - de cuspir na cara dele - ela deu um sorriso tenso. Aquela emoção misteriosa em seus olhos se derreteu em um calor inconfundível quando ela olhou para ele. Tão inconfundível, entretanto, era sua tristeza. Como se tentasse banir a emoção, ele salpicou suas bochechas com beijos. Quando os dois começaram a avançar mais uma vez, corri atrás deles. — Encontro você lá em um quarto de hora.

— Espere aí. — Reid agarrou meu braço com uma expressão incrédula. — Não vamos nos separar.

— Eu vou ficar bem. Se você mantiver as ruas laterais e talvez um pouco de intuição, você também estará...

— Sem chance, Lou. — seus olhos seguiram os meus, estreitando-se enquanto examinavam a multidão, e ele deslizou seu aperto do meu cotovelo para a minha mão. — O que foi? O que você viu?

— Você é o mais obstinado... — eu parei com um bufo impaciente. — *Bem.* Venha comigo. Mas fique abaixado e fique quieto. — sem outra palavra, os dedos ainda entrelaçados nos dele, deslizei no meio da multidão. Ninguém nos deu uma segunda olhada, seus olhos fixos nas três mulheres em chamas. Seu fascínio me enojou.

Manon parecia estar conduzindo o homem de cabelos dourados para uma área menos congestionada. Nós o seguimos o mais rápido e silenciosamente que podíamos, mas duas vezes fomos forçados a nos esconder para evitar Chasseurs. No momento em que os encontramos novamente, Manon havia conduzido o homem por um beco deserto. A fumaça de uma pilha de lixo próxima quase obscureceu sua entrada.

Se não fosse pelo grito de pânico do homem, poderíamos ter passado direto.

— Você não precisa fazer isso. — disse ele, com a voz embargada. Trocando um olhar cauteloso, Reid e eu nos agachamos atrás do lixo e espiamos através da fumaça. Manon o encurralou contra uma parede. Com as mãos levantadas, ela chorou abertamente, suas lágrimas fluindo tão grossas e tão rápidas que ela lutou para respirar. — Podemos encontrar outra maneira.

— Você não entende. — embora seu corpo inteiro tenha espasmos, ela ergueu as mãos mais alto. — Mais três queimadas

esta manhã. Ela ficará selvagem - enlouquecida. E se ela descobrir sobre nós...

— Como ela poderia?

— Ela tem olhos por toda parte, Gilles! Se ela ao menos suspeitar que estou apegada a você, ela vai... ela vai fazer coisas horríveis. Ela torturou os outros por nenhuma outra razão além de sua linhagem. Ela vai fazer pior com você. E ela vai *gostar*. E se...

se eu voltar para ela hoje de mãos vazias, ela saberá. Ela mesma virá para você, e eu prefiro *morrer* a ver você nas mãos dela. — ela puxou uma lâmina de sua capa. — Eu prometo que você não vai sofrer.

Ele estendeu as mãos, suplicando, estendendo-se para abraçá-

la, mesmo enquanto ela ameaçava sua vida. — Então nós fugimos.

Saímos deste lugar. Tenho algum dinheiro economizado com a remendagem. Podemos navegar para Lustere ou... ou qualquer lugar. Podemos construir uma nova vida muito, muito longe daqui.

Em algum lugar a influência de Morgane não chega.

Com o nome da minha mãe, Reid enrijeceu. Eu olhei para ele, observando quando ele finalmente encarou o rosto de Manon.

Balançando a cabeça, ela chorou mais forte. — Não. Não, pare.

Por favor. Eu não posso.

— Você *pode*, Manon. Nós podemos. Juntos.

— Ela me deu ordens, Gilles. Se... se eu não fizer isso, ela fará.

— Manon, por favor...

— Isso não deveria acontecer. — suas mãos tremeram ao redor da lâmina. — *Nada* disso deveria acontecer. Eu... eu deveria encontrar você e matá-lo. Eu não deveria... — um som estrangulado saiu de sua garganta quando ela se aproximou. — Eles mataram minha irmã, Gilles. Eles a mataram. Eu... eu jurei em sua pira que vingaria sua morte. Jurei *acabar* com isso. Eu... eu... — seu rosto se enrugou e ela levou a lâmina até a garganta dele. — Eu te amo.

Para seu crédito, Gilles não vacilou. Ele simplesmente deixou cair as mãos, os olhos traçando o rosto dela como se tentasse memorizá-lo, e roçou os lábios em sua testa. — Eu também te amo.

Eles se encararam. — Vire-se. — Manon sussurrou.

— Eu tenho que impedi-la. — a tensão irradiava de todos os músculos do corpo de Reid. Desembainhando a Balisarda de Jean

Luc, ele se levantou para avançar, mas eu pulei na frente dele -

lágrimas escorrendo pelo meu rosto - e pressionei minhas mãos contra seu peito. Manon não sabia que ele estava aqui. Eu tive que escondê-lo. Eu tinha que ter certeza que ela nunca o viu.

— O que você está fazendo? — ele perguntou, a incredulidade torcendo seu rosto, mas eu apenas o empurrei para trás.

— Mova-se, Reid. — o pânico roubou o calor da minha voz, deixando-a sem fôlego, desesperada. Eu o empurrei com mais força. — *Por favor*. Você tem que se mover. Você tem que ir...

— *Não*. — suas mãos afastaram meus pulsos. — Eu tenho que *ajudar*...

Atrás de nós, algo caiu no chão. Foi um som final horrível.

Tarde demais - presos em nosso próprio abraço doentio - nos viramos como um só para ver Gilles caído de bruços nos paralelepípedos. A faca de Manon se projetava da base de seu crânio.

Minha respiração me deixou em uma corrida dolorosa e de repente, apenas as mãos de Reid me mantiveram de pé. O sangue rugiu em meus ouvidos. — Oh meu Deus.

Manon caiu de joelhos, puxando-o para seu colo e fechando os olhos. Sangue encharcou seu vestido. As mãos dela. Ela o embalou contra o

pescoco de qualquer maneira. Embora suas lágrimas finalmente tivessem parado, ela engasgou enquanto o balançava, enquanto deslizava a faca livre de sua carne e a jogava no chão. Ela caiu na poça de sangue de Gilles. — Isso não é Deus, Louise. —

sua voz era dura. Oca. — Esta não é a Deusa também. Nenhuma divindade sorri para nós agora.

Eu dei um passo em direção a ela apesar de tudo, mas Reid me segurou. — Manon...

— Morgane diz que o sacrifício é necessário. — ela agarrou Gilles com mais força, os ombros tremendo e novas lágrimas escorrendo por seu rosto. — Ela diz que devemos dar antes de recebermos, mas minha irmã ainda está morta.

O ácido revestiu minha língua. Eu disse as palavras de qualquer maneira. — Matá-lo a trouxe de volta?

Seus olhos se fixaram nos meus. Em vez de fúria, eles se encheram de uma desesperança tão profunda que eu poderia ter

me afogado nela. Eu *queria* me afogar nela, afundar em suas profundezas e nunca ressurgir, deixar esse inferno para trás. Mas eu não podia, e nem ela. Alcançando lentamente a faca, seus dedos nadaram pelo sangue de seu amante. — Corra, Louise. Corra para longe e rápido, para nunca encontrarmos você.

Madame Sauvage's Cabinet of

Curiosities

Lou

Com o coração ainda acelerado com o aviso de Manon, arrastei Reid pelo beco mais próximo - através de um arco estreito e sombreado - para dentro da primeira loja que vi. Se Manon tivesse nos seguido, não poderíamos correr o risco de ficar na rua. Um sino tocou na nossa entrada e a placa acima da porta balançou.

GABINETE DE CURIOSIDADES DA MADAME SAUVAGE

Eu parei derrapando, olhando a pequena loja com cautela. Ratos empalhados dançavam na vitrine, ao lado de besouros de vidro e livros empoeirados com bordas pintadas de ouro. As prateleiras mais próximas de nós - oscilando entre pisos preto e branco e tetos

estrelados - estavam repletas de uma variedade heterogênea de crânios de animais, pedras preciosas, dentes pontiagudos e garrafas de âmbar. Presas ao longo da parede oposta, quase invisíveis sob toda a desordem, estavam asas de borboleta azul-celeste.

O silêncio de Reid rachou com a estranheza do lugar. — O

que... o que é isso?

— É um empório. — minha voz saiu um sussurro, mas ainda parecia ecoar ao nosso redor. O cabelo do meu pescoço se arrepiou. Se partirmos agora, Manon pode nos ver - ou pior, nos seguir até Léviathan. Pegando uma peruca marrom de uma

marionete particularmente horrível, eu joguei para ele. — Coloque isto. Os Chasseurs o reconheceram antes. Você precisa de um novo disfarce.

Ele amassou a peruca em seu punho. — Seus disfarces não funcionam, Lou. Eles nunca funcionam isso.

Parei de mexer em uma cesta de tecidos. — Você prefere que usemos magia em vez disso? Percebi que você a usou antes para sair daquela pequena encenca com os Chasseurs. Como isso funciona? Você tem permissão para usá-la quando achar necessário, mas eu não tenho?

Ele apertou a mandíbula, recusando-se a olhar para mim. — Eu usei com responsabilidade.

Foram as palavras mais simples - talvez faladas inocentemente -

mas a raiva se abriu em meu estômago do mesmo jeito, como um ovo podre que estava esperando para chocar. Eu senti isso subindo para minhas bochechas, me inflamando. Eu não me importava que estivéssemos em uma casa de horrores. Não me importei que o balconista provavelmente estivesse ouvindo fora de vista, que Manon provavelmente estivesse se aproximando neste exato momento.

Lentamente, retirei meus óculos e os coloquei na prateleira. —

Diga o que você precisa dizer, Reid, e diga agora.

Ele não hesitou. — Quem era o homem, Lou? Por que você não me deixou salvá-lo?

Meu coração caiu como uma pedra. Embora eu esperasse a pergunta -

embora eu soubesse que essa conversa era inevitável depois do que testemunhamos - eu estava menos preparada para abordá-la agora do que estive em Beauchêne. Engoli em seco, puxando minha gravata, tentando e falhando em articular a situação sem causar danos irreparáveis. Eu não queria mentir. *Certamente* não queria dizer a verdade. — Estamos lutando há dias, Reid. — eu desviei. — Essas não são as perguntas certas.

— Responda mesmo assim.

Eu abri minha boca para fazer exatamente isso - sem saber quais palavras iriam sair - mas uma mulher idosa com pele profunda e coriácea veio mancando em nossa direção, envolta em uma capa cor de vinho três vezes o seu tamanho. Anéis de ouro brilhavam em

todos os seus dedos e um lenço marrom envolvia seu cabelo. Ela sorriu para nós, olhos castanhos enrugando nos cantos. — Olá, queridos. Bem-vindos ao meu gabinete de curiosidades. Como posso servi-los hoje?

Desejei que a velha fosse embora com todas as fibras do meu ser. — Estamos apenas de passagem.

Ela riu, o som gutural e rico, e começou a vasculhar a prateleira mais próxima dela. Este continha uma coleção de botões e alfinetes, com a ocasional cabeça encolhida. — Você tem certeza? Eu não pude deixar de ouvir palavras concisas. — ela arrancou duas flores secas de uma lata. — Pode te interessar lírios de calla? Eles simbolizam humildade e devoção. As flores perfeitas para acabar com qualquer briga de amantes.

Reid aceitou a dele em um movimento reflexivo, educado demais para recusar. Eu bati de sua mão para chão. — Eles também significam morte.

— Ah. — seus olhos escuros brilharam com malícia. — Sim, suponho que seja uma interpretação.

— Lamentamos se perturbamos você, *madame*. — Reid murmurou, seus lábios mal se movendo, sua mandíbula ainda cerrada. Ele se abaixou para pegar a flor e a devolveu. — Vamos sair agora.

— Bobagem, Reid. — ela piscou alegremente, devolvendo os lírios à prateleira. — Manon não vai te encontrar aqui. Você e Louise podem ficar o tempo que quiserem, *mas* tranque a porta quando terminar, está bem?

Nós dois olhamos para ela, alarmados, mas ela simplesmente girou com uma graça não natural e... *desapareceu*.

Eu me virei para Reid incrédula, com a boca aberta, mas ele voltou a me encarar com uma intensidade obstinada que imediatamente despertou minhas defesas.

— O que? — eu perguntei com cautela.

— Quem era aquela? — ele articulou as palavras devagar, com precisão, como se despendesse de um esforço extraordinário para manter seu temperamento sob controle. — E como você a conhece?

Como ela nos conhece?

Quando eu abri minha boca para responder a ele - para dizer a ele que eu não tinha a menor ideia - ele me cortou abruptamente, a voz áspera. — Não minta para mim.

Eu pisquei. A implicação de suas palavras doeu mais do que eu gostaria de admitir, reacendendo minha raiva. Eu só menti para ele quando absolutamente necessário, como quando a alternativa era ele me queimando viva. Ou Morgane cortando sua cabeça. *Não minta para mim*, ele disse. Tão hipócrita e arrogante como sempre foi. Como se *eu* fosse o problema. Como se fosse *eu* quem tivesse passado as últimas duas semanas mentindo para mim mesma sobre quem e o que eu era.

— Você não consegue lidar com a verdade, Reid. — eu espreitei por ele em direção à porta, um rubor subindo pelas minhas bochechas. — Você não conseguia lidar com isso antes, e você não pode lidar com isso agora.

Sua mão agarrou meu braço. — Deixe-me decidir isso.

— Por quê? Você não tem problemas para tomar decisões por mim. — afastando-me, pressionei a mão contra a porta, lutando para evitar que as palavras saíssem de mim. Para engolir o vitríolo amargo que se instalou em meus ossos após semanas de sua desaprovação. Seu ódio. *Aberração*, ele me chamou. *Como uma doença*. Um veneno. E seu rosto, depois que eu salvei seu rabo com o gelo em La Ventre...

— Eu claramente não estou tomando decisões por você. —

disse ele secamente, deixando cair meu braço. — Ou não estaríamos nesta confusão.

Lágrimas de ódio brotaram dos meus olhos. — Você está certo.

Você estaria morto no fundo de um riacho com o pau congelado. —

minha mão se fechou em punho contra a madeira. — Ou você estaria morto nos restos de um pub queimado. Ou sangrando em La Fôret des Yeux pela lâmina de um ladrão. Ou em La Ventre pelo dentes dos lobisomens. — eu ri então - selvagem, talvez histérica -

minhas unhas cravando na porta com força suficiente para deixar marcas na madeira. — Vamos escolher uma morte, certo? Deus me livre de tirar a decisão de você.

Ele se inclinou para frente, tão perto agora que senti seu peito contra minhas costas. — O que aconteceu no campo de sangue,

Lou?

Eu não conseguia olhar para ele. Não queria olhar para ele.

Nunca antes me senti tão estúpida - tão estúpida e imatura e desvalorizada. — Um funeral. — eu disse, a voz dura. — Para Etienne Gilly.

— Um funeral. — ele repetiu baixinho, plantando a mão na madeira acima da minha cabeça. — Para Etienne Gilly

— Sim.

— Por que você não me contou?

— Porque você não precisava saber.

Sua cabeça caiu no meu ombro. — Lou...

— Me perdoe, marido, por tentar fazê-lo *feliz*.

Levantando a cabeça, ele rosnou: — Se você quer me fazer *feliz*, você pode me tratar como seu parceiro. Seu cônjuge. Você não guardaria segredos de mim como uma criança tola. Você não brincaria com memórias ou roubaria Balisardas. Você não iria se transformar em gelo. Você está... você está *tentando* se matar? Eu não... eu só... — ele se afastou e me virei, observando-o passar a mão pelo cabelo. — O que será *necessário*, Lou? Quando você vai ver o quão imprudente você está sendo...

— Seu *canalha* rude. — minha voz se elevou, e lutei contra o desejo de

bater meus punhos e bater meus pés, para *mostrar* a ele que criança tola eu poderia ser. — Eu sacrifiquei *tudo* para manter seu traseiro ingrato vivo e você me desprezou a cada passo.

— Eu nunca pedi para você sacrificar nada...

Eu levantei minhas mãos em seu rosto. — Talvez eu possa encontrar um padrão para reverter o tempo. É isso que você quer?

Você preferiria ter morrido naquele riacho a viver para me ver ser quem eu realmente sou? Eu sou uma *bruxa*, Reid. Uma *bruxa*.

Tenho o poder de proteger aqueles que amo e sacrificarei *qualquer* coisa por eles. Se isso me torna um monstro - se isso me torna *aberração* - vou colocar os dentes e as garras para fora para tornar isso mais fácil para você. Vou piorar, se isso justificar sua retórica distorcida. Piorar muito, muito.

— Droga, estou tentando te *proteger*. — disse ele com raiva, jogando minhas mãos para fora de seu rosto. — Não transforme isso em algo que não é. Eu *amo* você, Lou. Eu sei que você não é

um monstro. Olhe em volta. — ele estendeu os braços, arregalando os olhos. — Ainda estou aqui. Mas se você não parar de sacrificar pedaços de si mesmo para nos salvar, não sobrá nada. Você não nos deve esses pedaços, nem a mim, nem a Coco, nem a Ansel.

Nós não os queremos. Nós queremos você.

— Você pode cortar essa merda, Reid.

— Não é uma merda.

— Não? Diga-me uma coisa, então, naquela noite quando eu roubei a casa de Tremblay, você pensou que eu era uma criminosa, não uma bruxa. Por quê?

— Porque você *era* uma criminosa.

— Responda à pergunta.

— Eu não sei. — ele zombou, o som áspero e chocante na quietude da loja. — Você estava usando um terno três tamanhos maiores e um bigode, pelo amor de Deus. Você parecia uma menina brincando de se vestir.

— Então é isso. Eu era muito humana. Você não conseguia imaginar

que eu era uma bruxa porque não era inerentemente má o suficiente. Eu usava calças, comia pãezinhos pegajosos e cantava canções de pub, e uma bruxa nunca poderia fazer essas coisas.

Mas você sabia, não é? No fundo, você *sabia* o que eu era. Todos os sinais estavam lá. Chamei a bruxa de Tremblay de uma amiga. E

Estelle... eu fiquei de luto por ela. Eu sabia mais sobre magia do que qualquer pessoa na Torre, detestava os livros da biblioteca que a denunciavam. Eu tomava banho duas vezes por dia para tirar o cheiro, e nosso quarto cheirava permanentemente às velas que roubei do santuário. Mas seus preconceitos eram profundos. Muito profundos. Você não queria ver, não queria admitir que estava se apaixonando por uma bruxa.

Ele balançou a cabeça em negação veemente. Era tão bom quanto uma condenação.

Uma espécie de satisfação doentia passou por mim. Afinal, eu estava certa. Minha magia não *me* distorceu; distorceu *ele*, criando raízes no espaço entre nós e envolvendo seu coração. — Depois de tudo, pensei que você pudesse mudar - aprender, crescer - mas me enganei. Você ainda é o mesmo que era antes, um garotinho

assustado que pensa que todas as coisas que vagam pela noite são monstros e todas as coisas que governam o dia são deuses.

— Isso não é verdade. Você *sabe* que isso não é verdade.

Mas com uma realização veio outra. Essa um pouco mais funda, seus espinhos tirando sangue. — Você nunca vai me aceitar. — eu encarei ele. — Não importa o quanto eu tente, não importa o quanto eu deseje que não seja assim... você não é meu marido e eu não sou sua esposa. Nosso casamento - todo o nosso relacionamento -

era uma mentira. Um engano. Um truque. Somos inimigos naturais, Reid. Você sempre será um caçador de bruxas. Eu sempre serei uma bruxa. E sempre vamos causar dor um ao outro.

Uma onda de silêncio passou, tão profunda e escura quanto a cova se abrindo em meu peito. O anel de madrepérola queimou como um círculo de fogo em meu dedo, e eu arranquei o anel dourado, tentando desesperadamente removê-lo, *devolvê-lo*. Não era meu. Nunca foi meu. Reid não foi o único fingindo.

Ele marchou para frente, ignorando minha luta e segurando meu rosto

entre as mãos. — Pare com isso. Pare. Você precisa me ouvir.

— Pare de me dizer o que eu *preciso* fazer. — por que ele simplesmente não admitia? Por que ele não conseguia dizer as palavras que me libertariam? Isso libertaria *ele*? Não era justo para nenhum de nós continuar assim, sofrendo e ansiando e lamentando por algo que nunca poderia acontecer. Assim não.

— Você está fazendo isso de novo. — seus polegares acariciaram minhas bochechas ansiosamente, desesperadamente, enquanto minha histeria aumentava. — Não tome uma decisão precipitada. Pare e pense, Lou. Sinta a verdade em minhas palavras. Estou aqui. Eu não vou embora.

Meu olhar focou em seu rosto, e cheguei fundo, procurando por algo - qualquer coisa - que o obrigasse a admitir que me considerava um monstro. Para admitir a *verdade*. Enfie o anel em seu bolso. — Você queria saber sobre o homem. Gilles. — embora em algum lugar dentro daquele poço uma voz me avisasse para parar, eu não consegui. Isso *machuca*. Aquela repulsa em seus olhos quando ele me viu em La Ventre, eu nunca poderia esquecer.

Eu tinha feito *tudo* por ele, e agora eu... eu estava com medo. Com medo de que ele estivesse certo. Assustada se ele não estivesse.

Com medo de piorar antes de melhorar. Piorar muito, muito mesmo.

Os polegares de Reid pararam em minhas bochechas. Obriguei-me a encontrar seus olhos, a falar cada palavra para eles.

— Ele era seu irmão, Reid. Gilles era seu irmão. Morgane está caçando seus irmãos, torturando-os para me enviar uma mensagem. Ela matou mais dois no campo de sangue enquanto eu estava lá, Etienne e Gabrielle Gilly. É *por isso* que La Voisin se juntou a nós, porque Morgane assassinou seu irmão e sua irmã.

Não contei porque não queria distraí-lo do nosso plano. Eu não queria que você sentisse dor - *culpa* - por duas pessoas que você nunca conheceu. Eu impedi você de salvar Gilles porque não importava se ele morresse, contanto que você vivesse. Eu fiz isso para um bem maior, *meu* bem maior. Você entende agora? Isso me torna um monstro?

Ele me encarou por um longo momento, com o rosto pálido e trêmulo. Por fim, ele largou as mãos e deu um passo para trás. A angústia em seus olhos partiu meu peito em dois, e novas lágrimas escorreram pelo

meu rosto. — Não. — ele finalmente murmurou, se afastando uma última vez. Uma despedida. — Isso faz de você sua mãe.

Esperei vários minutos depois que Reid saiu da loja para quebrar.

Para soluçar e gritar e quebrar os besouros de vidro de suas prateleiras, esmagar os lírios sob minha bota. Quando eu finalmente abri a porta meia hora depois, as sombras do beco haviam desaparecido no sol da tarde e ele não estava em lugar nenhum.

Em vez disso, Charles esperava na soleira. Soltei um suspiro de alívio... então parei.

Um pequeno pedaço de papel havia sido pregado na porta. Ele esvoaçou com a brisa.

Linda porcelana, linda boneca, esquecida e sozinha, Presa em um túmulo espelhado, ela usa uma máscara de osso.

Eu o arranquei da porta com dedos trêmulos, olhando para o beco atrás de mim. Quem quer que tenha deixado isso aqui o fez enquanto eu ainda estava dentro da loja, ou quando Reid e eu discutimos ou depois que Reid saiu. Talvez Manon tenha me encontrado, afinal. Eu não questionei porque ela não tinha atacado, no entanto. Eu não questionei as palavras mórbidas de seu enigma.

Não importava. Elas não importavam.

Nada importava mesmo.

A Change of Plans

Reid

Meu coração batia em um ritmo doloroso fora de Léviathan. Embora pudesse ouvir os outros lá dentro, parei na entrada dos fundos, escondida da rua além. Respirando profundamente. Tonto com as palavras. Elas investiram contra minhas defesas como morcegos saindo do inferno, asas com pontas de aço. Com navalhas. Pouco a pouco, elas cortaram.

Lou vai piorar antes de melhorar. Piorar muito, muito.

Mais profundo agora. Eles encontraram cada fenda e cortaram mais fundo.

Esta sempre será sua vida com ela, correr, se esconder, lutar.

Você nunca conhecerá a paz.

Deveríamos ser parceiros.

Louise começou sua descida. Você não pode pará-la, e você não pode diminuir a velocidade. Vai consumir vocês dois se você tentar.

Deus, eu tentei.

Ela não vai continuar a ser a garota por quem você se apaixonou.

Minhas mãos se fecharam em punhos.

Vou colocar os dentes e as garras para fora para tornar isso mais fácil para você. Vou piorar, se isso justificar sua retórica distorcida.

Piorar muito, muito.

Gavinhas de raiva enrolaram em torno das palavras agora, carbonizando-as. Pondo fogo em suas pontas afiadas. Eu dei boas-vindas a cada chama. As saboreei. A fumaça não danificou a fortaleza, ela aumentou. Envolvido em calor e escuridão. Uma e

outra vez, eu confiei nela. E uma e outra vez, ela provou ser indigna de minha confiança.

Eu não mereço o respeito dela?

Ela realmente pensava tão pouco de mim?

Eu dei tudo a ela. *Tudo*. Minha proteção, meu amor, minha vida.

E ela os jogou de lado como se não significassem nada. Ela me tirou meu nome, minha identidade. Minha *família*. Cada palavra que saiu de sua boca desde o dia em que nos conhecemos tinha sido uma mentira, quem ela era, *Ela me abriu de novo*.

Eu não podia confiar nela. Ela obviamente não confiava em mim.

ela era, seu relacionamento com Coco, com Bas. Eu pensei que tínhamos passado disso. Eu pensei que a tinha perdoado. Mas esse buraco... não tinha curado muito bem. A pele havia crescido devido à infecção. E escondendo meus irmãos de mim, me impedindo de salvá-los...

Ela me abriu de novo.

Eu não podia confiar nela. Ela obviamente não confiava em mim.

Todo o nosso relacionamento foi construído em mentiras.

A fúria, a traição, queimou minha garganta. Essa raiva era visceral, uma coisa viva arranhando meu peito...

Eu bati o punho contra a parede de pedra, caindo de joelhos. Os outros... eles não podiam me ver assim. Aliança ou não, se eles sentissem o cheiro de sangue na água, eles atacariam. Eu tenho que me controlar. Eu tenho que... que...

Você está no controle. Outra voz - esta espontânea, ainda dolorida - ecoou em minha mente. *Essa raiva não pode governar você, Reid.*

Eu... eu matei o arcebispo para salvá-la, pelo amor de Deus.

Como ela poderia dizer que eu a desprezei?

Respirando profundamente, ajoelhei-me em silêncio por mais um momento. A raiva ainda queimava. A traição ainda doía. Mas um senso de propósito mortal dominou os dois. Lou não me queria mais. Ela deixou isso perfeitamente claro. Eu ainda a amava -

sempre amaria - mas ela estava certa: não poderíamos continuar como éramos agora. Embora irônico, embora cruel, nós nos encaixaríamos como caçadores de bruxas. Como marido e mulher.

Mas ela mudou. *Eu mudei.*

Eu queria ajudá-la. Desesperadamente. Mas eu não podia forçá-la a se ajudar.

Com passos mais firmes, levantei-me, abrindo a porta para Léviathan.

O que eu *poderia* fazer era matar uma bruxa. É o que eu sabia.

É o que eu treinei durante toda a minha vida. Neste exato momento, Morgane se escondeu dentro da cidade. Ela caçou minha família.

Se eu não fizesse nada - se eu sentasse neste beco e chorasse sobre coisas que não poderia mudar - Morgane iria encontrá-los. Ela iria torturá-los. Ela iria matá-los.

Eu a mataria primeiro.

Para fazer isso, eu precisava visitar meu pai.

Quando pisei na soleira, Charles, Brigitte e Absalon se viraram e fugiram escada acima.

Ela estava aqui, então. Lou. Como se estivesse lendo meus pensamentos, Madame Labelle tocou meu antebraço e murmurou:

— Ela veio alguns minutos antes de você. Coco e Ansel foram com ela.

Algo em seus olhos soava distante, mas eu não perguntei. Não queria saber.

Pequeno e nada notável - ao contrário de seu homônimo -

Léviathan estava no ponto mais distante de Cesarine, com vista para o cemitério. Lacunas nas tábuas do assoalho. Teias de aranha no canto. Caldeirão na lareira.

Não há clientes além do nosso próprio grupo.

No bar, Deveraux sentou-se com Toulouse e Thierry. Déjà vu passou por mim ao vê-los juntos. De outra época e de outro lugar.

Outra taverna. Esse não abrigou bruxas de sangue e lobisomens.

Em vez disso, pegou fogo. — Há uma piada aqui em algum lugar. —

Beau murmurou, segurando uma cerveja na mesa mais próxima.

Seu capuz ainda sombreava seu rosto. Ao lado dele estava Nicholina e uma mulher que não reconheci. Não... uma mulher que eu *conhecia*. Alta e impressionante, ela tinha o rosto de Coco. Mas seus olhos brilharam com malícia desconhecida. Ela manteve a coluna rígida. Sua boca franziu.

— Boa noite, capitão. — ela inclinou o pescoço rigidamente. —

Finalmente nos encontramos.

— La Voisin.

No nome, Blaise e seus filhos procuraram os dentes, rosnando suavemente. Ignorando o silêncio tenso, do antagonismo palpável, Deveraux riu e acenou para mim. — Reid, que *esplêndido* vê-lo novamente! Venha aqui, venha aqui!

— O que você está fazendo aqui?

— La Mascarade de Crânes, querido menino! Certamente você não esqueceu? Uma das entradas está abaixo dessa mesma...

Eu me virei, ignorando o resto de suas palavras. Eu não tenho tempo para uma reunião feliz. Não tenho tempo para fazer paz entre as bruxas de sangue e lobisomens. Para entretê-los.

— Temos a sorte de ele estar aqui. — Madame Labelle murmurou, embora a voz dela segurasse mais tensão do que a reprovação. — Depois que Auguste queimou o Bellerose, meus contatos na cidade estão muito assustados para falar comigo. Eu gastaria um diabo de um tempo adquirindo um lugar seguro para nós se Claud não tivesse arranjado. Aparentemente, o gerente deve a ele um favor. Somos os únicos clientes de Léviathan esta noite.

Eu não me importei. Em vez de responder, eu balancei a cabeça para Beau, que levantou com o suspiro. Ele se juntou a Madame Labelle e eu na porta. — Se você ainda está planejando o que eu acho que você está planejando, você é um idiota da mais alta classe...

— Qual é o cronograma? — eu perguntei bruscamente.

Ele piscou para mim. — Eu suponho que os sacerdotes estão terminando a preparação do corpo agora. Eles vão administrar os últimos ritos em breve. A missa começará em menos de uma hora, e depois, os chasseurs vão acompanhar minha família na procissão do enterro. Eles vão enterrar aquilo as quatro horas da tarde.

Aquilo. A implicação da palavra picou. *Aquilo.* Não ele.

Eu forcei o pensamento para longe. — Isso nos dá uma hora para violar o castelo. Onde será que Auguste estará?

Embora Beau e Madame Labelle compartilhassem um olhar ansioso, nenhum protestou mais. — A sala do trono. — disse ele. —

Ele, minha mãe e minhas irmãs estarão na sala do trono. É tradição manter a corte antes dos eventos cerimoniais.

— Você pode nos colocar dentro?

Ele assentiu. — Como Claud disse, há um sistema de túneis que abrangem a cidade inteira. Eu costumava brincar neles quando criança. Eles conectam o castelo, as catacumbas, a catedral...

— O Bellerose. — Madame Labelle acrescentou, arqueando uma sobrançelha virada. — Este pub.

Beau jogou a cabeça com uma risada. — Há também uma passagem atrás de uma tapeçaria na sala do trono. Você e sua mãe podem se esconder enquanto me aproximo do meu pai. Depois da explicação de eventos de Jean Luc em La Ventre - e sua própria entrada bastante infeliz na cidade - acho que eu falo com ele primeiro. Isso impedirá que ele o prenda à vista. — ele se inclinou, abaixando a voz. — Mas a palavra já se espalhou, Reid. Ele sabe que você é uma bruxa agora. Todos eles sabem. Eu não sei o que ele fará. Se aproximar dele no dia do funeral do arcebispo é um grande risco, especialmente desde que você é... — ele parou com um suspiro apologetico. — Desde que você é aquele que o matou.

Emoção sufocou minha garganta, mas eu a engoli. Eu não podia nutrir. Eu tinha que seguir em frente. — Eu entendo.

— Se eu julgá-lo receptivo, vou chamar você. Se eu não fizer isso, você vai correr como o inferno. — ele me olhou nos olhos então, endireitando os ombros. — Não vou permitir chegar a esse ponto, irmão. Mas se eu disser para você correr, você vai correr.

— Talvez você devesse ter uma palavra-código para quando as coisas derem errado. — com um sorriso esquelético, Nicholina deslizou seu rosto entre o de Beau e o meu. — Eu sugiro flibbertigibbet. Ou bumfuzzle. *Bumfuzzle, bumfuzzle, significando quebra-cabeça...*

Beau afastou o rosto dela sem hesitar. — Se por algum motivo nos separarmos, pegue o túnel da esquerda em cada bifurcação que encontrar. Isso o levará a La Mascarade de Crânes. Encontre Claud e ele o trará de volta até aqui.

Minha sobrançelha franziu. — Pegar o túnel da esquerda não nos levará em um círculo?

— Não, no subsolo não vai. O túnel esquerdo é a única maneira de alcançar o máscara de crânio. — ele assentiu novamente, desta vez para si mesmo. — Certo. A entrada está no depósito atrás do

bar, e o castelo fica a vinte minutos a pé daqui. Se vamos fazer isso, precisamos sair agora.

— O que é isso, então? — as sobrançelhas de Nicholina se contorceram enquanto ela nos circulava. Sua voz infantil ficou mais alta. — *Para o castelo, para a armadilha, você corre para salvar sua bela*

senhora...

— Quer *calar a boca*, mulher? — Beau girou, incrédulo, e tentou enxotá-la de volta para La Voisin. — Ela tem feito isso desde que cheguei. — para ela, ele acrescentou: — Vá em frente, agora. Vá.

De volta a sua... sua mestre, ou quem...

Nicholina deu uma risadinha. — Flibbertigibbet.

— Que criatura estranha. — murmurou Madame Labelle, olhando para ela com o cenho franzido. — Bastante tocado na cabeça. Ela chamou Louise de rato antes. Você tem alguma ideia do que isso significa?

Eu a ignorei, sinalizando para Beau liderar o caminho. Ele hesitou. — Alguém deveria, buscá-la? Lou? Achei que ela planejava se juntar a nós.

E eu pensei que ela planejava me amar para sempre.

Eu dei a volta nele, em torno do balcão, ignorando as objeções do barman. — Mudança de planos.

The King's Court

Reid

Eu tinha uma pedra na minha bota.

Ela se alojou lá imediatamente após entrar nos túneis. Pequena o suficiente para eu suportar. Grande o suficiente para eu fixar. A cada passo, ela batia no meu pé. Enrolando meus dedos do pé.

Cerrando os dentes.

Ou talvez fosse Beau.

Ele jogou o capuz para trás na semi-escuridão e caminhou pelos túneis de terra com as mãos nos bolsos. A luz da tocha cintilou sobre seu sorriso. — Tantos encontros aqui embaixo. Tantas memórias.

A pedra deslizou sob meu calcanhar. Eu balancei meu pé com irritação. — Eu não quero saber.

Aparentemente, porém, Madame Labelle queria. Ela arqueou uma sobrancelha. Levantou a saia para pisar em um buraco na terra. —

Vamos lá, Sua Alteza. Eu ouvi rumores de que suas façanhas são *extremamente* exageradas.

Seus olhos se arregalaram. — Desculpe?

— Eu tinha um bordel. — ela o encarou com um olhar penetrante. — A notícia se espalhou.

— *Qual* notícia?

— Não quero ouvir. — repeti.

Foi a vez dela sorrir. — Você se esquece que te conheci quando criança, Beauregard. Lembro-me do espaço entre seus dentes e das manchas em seu queixo. E quando... quando você desenvolveu aquela gagueira infeliz...

Com as bochechas corando, ele empurrou o peito, quase tropeçando em outra pedra. Eu esperava que ele encontrasse uma pedra em *seu* calcanhar. — Eu não desenvolvi uma gagueira. —

disse ele, indignado. — Aquilo foi um mal-entendido completo e absoluto...

Eu chutei o ar disfarçadamente, e a pedra ficou presa entre meus dedos. — Você teve uma gagueira?

— *Não*.

Madame Labelle gargalhou. — Conte-lhe a história, querido. Eu gostaria de ouvir de novo.

— Como você...?

— Eu disse a você... bordéis são focos de informação. — ela piscou para ele. — E eu *pretendia* fazer esse trocadilho Ele parecia rebelde. Embora o rosa ainda tingisse suas bochechas, ele soltou um suspiro, soprando uma mecha de cabelo de seu olho. O sorriso de Madame Labelle se alargou com expectativa. — Tudo bem. — ele retrucou. — Como tenho certeza de que você ouviu a história *incorreta*, vou esclarecer o assunto.

Perdi minha virgindade com um pselismofílico.

Eu encarei ele, a pedra em minha bota esquecida. — Um o quê?

— Um pselismofílico. — ele repetiu irritado. — Alguém que se *excita*

com a *gagueira*. Seu nome era Apolónia. Ela era uma camareira no castelo e vários anos mais velha do que eu, a bela bruxa.

Eu pisquei uma vez. Duas vezes. Madame Labelle gargalhou mais alto. Alegre. — Vá em frente. — disse ela.

Ele olhou para ela. — Você pode imaginar como nosso encontro prosseguiu. Achei o fetiche dela normal. Achei que *todos* gostavam de gaguejar no quarto. — reconhecendo o horror em meus olhos, ele assentiu com fervor. — Sim. Você vê o problema, não é?

Quando encontrei meu próximo amante - um *colega* na corte de meu pai - tenho certeza de que você pode imaginar como *aquele* encontro aconteceu também. — ele levou a mão aos olhos. —

Deus. Nunca estive tão mortificado em toda a minha vida. Fui forçado a fugir para esses mesmos túneis para escapar de suas risadas. Eu não consegui olhar nos olhos dele por um ano. — ele estalou a mão para o lado em agitação. — *Um ano*.

Uma cócega desconhecida se formou em minha garganta. Eu franzi meus lábios contra ela. Mordi minha bochecha.

Ela escapou de qualquer maneira, e eu ri, forte e alto, pela primeira vez em muito tempo.

— *Não é engraçado*. — Beau retrucou quando Madame Labelle se juntou a mim. Ela se curvou, segurando as costelas, os ombros tremendo. — Parem de rir! Pare com isso agora!

Por fim, ela enxugou uma lágrima dos olhos. — Oh, *Sua Majestade*. Jamais me cansarei dessa história, que é, na verdade, a história que minhas garotas acharam tão divertida. Se isso acalma seu orgulho ferido, confesso que também experimentei minha cota de encontros humilhantes. Frequentemente, eu mesma costumava examinar esses túneis quando era mais jovem. Ora, houve um tempo em que seu pai me trouxe aqui...

— Não. — Beau balançou a cabeça rapidamente, acenando com a mão. — Não. Não termine essa frase.

— ... Mas havia um gato selvagem. — ela riu para si mesma, perdida na memória. — Não o notamos até que fosse tarde demais.

Ele, ah, *confundiu* parte da anatomia de seu pai, ou melhor, *duas* partes da anatomia de seu pai...

A risada morreu em minha própria garganta. — Pare.

— Com um brinquedo! Oh, você deveria ter ouvido os gritos de Auguste. Alguém poderia pensar que o gato tinha estripado seu fígado em vez de arranhado seu...

— *Chega*. — horrorizado, com os olhos arregalados de descrença, Beau tapou a boca dela com a mão. Ela bufou contra seus dedos. — Nunca, jamais conte essa história novamente. Você me entendeu? *Nunca*. — ele balançou a cabeça bruscamente, cerrando os olhos. — Há *cicatrices* psicológicas que você acabou de infligir, mulher. Eu não consigo desver o que os olhos da minha mente conjuraram.

Ela bateu na mão dele, ainda rindo. — Não seja tão puritano, Beaugard.

Certamente

você

entende

as

atividades

extracurriculares de seu pai, dada a situação que todos nós estamos... — seu sorriso sumiu e a atmosfera lúdica entre nós desapareceu instantaneamente. Ela pigarreou. — O que quero dizer é...

— Não devemos mais falar. — com uma expressão sombria e boca desenhada, Beau apontou para um túnel ao norte. — Estamos nos aproximando do castelo. Ouça.

No silêncio que se seguiu, passos abafados podiam ser ouvidos acima. Certo. Ajoelhei-me para arrancar minha bota. Sacudi a maldita pedra e a recoloquei. Sem mais distrações. Embora eu apreciasse a tentativa de Madame Labelle de levantar nosso ânimo, não era a hora nem o lugar.

Não era a hora nem o lugar há semanas.

Caminhamos o resto do caminho em silêncio. Conforme o túnel se inclinava gradualmente para cima, as vozes ficavam mais altas.

Assim como meu batimento cardíaco. Eu não deveria estar nervoso.

Eu já tinha visto o rei antes. Vi ele, conversei com ele, jantei com ele. Mas eu era um caçador na época, estimado, famoso, e ele era meu rei. Tudo mudou.

Agora eu era um bruxo... e ele era meu pai.

— Vai ficar tudo bem. — sussurrou Madame Labelle, como se lesse meus pensamentos. Ela acenou para mim. Para ela mesma.

— Você é filho dele. Ele não vai te machucar. Mesmo o arcebispo não queimou seu filho, e Auguste é duas vezes o homem que o arcebispo era.

Eu me encolhi com as palavras, mas ela se virou para a fissura cavernosa na parede. A urdidura e a trama de uma tapeçaria silenciada a cobriam. Eu reconheci de meu breve tempo no castelo -

um homem e uma mulher no jardim do Éden, nus, caído antes da árvore do conhecimento do bem e do mal. Em suas mãos, cada um realizou uma fruta dourada. Acima deles, uma serpente gigante enrolada.

Eu encarei o reverso de suas espirais pretas agora, me sentindo mal.

— Observe aqui. — Beau respirou, apontando para uma pequena lacuna entre a parede e a tapeçaria. Menos de uma polegada. Corpos se deslocando do outro lado. Aristocratas e clérigos de todo o reino, de todo o mundo. Um conjunto de gorros pretos, véus e rendas. Suas vozes baixas reverberaram em um zumbido constante. E lá - erguido em um estrado de pedra, envolto em um trono colossal - estava Auguste Lyon.

Da janela diretamente atrás, um raio de sol traçou sua silhueta.

Sua coroa de ferro e cabelos dourados. Sua capa de pele e ombros largos. A colocação da janela, o trono... eles foram organizados intencionalmente. Uma ilusão de ótica para fazer o olho acreditar que seu próprio corpo emitia luz.

Retroiluminado, entretanto, seu rosto permaneceu sombreado.

Mas eu ainda podia ver seu sorriso. Ele ria com três mulheres jovens, sem se importar com a rainha Oliana a seu lado. Ela olhou fixamente para o nada, com uma expressão tão dura quanto os degraus abaixo dela. No canto da sala, um punhado de aristocratas em

roupas

estrangeiras

compartilhavam

suas

feições.

Compartilhavam sua raiva. Os deles eram os únicos rostos sóbrios na sala.

O ressentimento formigou sob minha pele enquanto eu assimilava os bardos, o vinho, a comida.

Essas pessoas não choravam pelo arcebispo. Como eles ousam zombar de sua morte com folia? Como se atrevem a falar preguiçosamente sob os capuzes pretos? Nenhum véu de luto poderia esconder sua apatia. Seu hedonismo. Essas pessoas -

esses *animais* - não mereciam sofrer por ele.

Na esteira desse pensamento, entretanto, surgiu outro. A vergonha queimou minha justiça.

Nem eu.

Beau tirou a poeira de sua capa e alisou o cabelo o melhor que pôde. Pouco ajudou em sua aparência desgastada pela viagem. —

Certo. Vou entrar de maneira adequada e solicitar uma reunião. Se ele for receptivo...

— Você vai nos chamar. — eu terminei, com a boca seca.

— Certo. — ele assentiu. Continuou balançando a cabeça. —

Certo. E se ele não for...? — ele esperou com expectativa, as sobrancelhas subindo a cada segundo que eu não respondia. — Eu preciso ouvir uma confirmação, Reid.

Meus lábios mal se moveram. — Nós corremos.

Madame Labelle agarrou meus antebraços. — Vai ficar tudo bem. — ela repetiu. Beau não parecia convencido. Com um último aceno de cabeça, ele caminhou na direção oposta de onde vínhamos.

Inconscientemente, me aproximei da lacuna entre a

parede e a tapeçaria. Esperei que ele reaparecesse. Observando quando duas figuras familiares cortaram em direção ao estrado.

Pierre Tremblay e Jean Luc.

Com a expressão desenhada, chocado, Jean Luc empurrou Tremblay para frente com força inadequada. Os mais próximos do rei pararam. Tremblay era um *visconde*. Jean Luc atacá-lo - em público, nada menos - era uma ofensa punível. Franzindo a testa, Auguste acenou para que as mulheres se afastassem e os dois subiram os degraus do estrado. Eles se inclinaram para sussurrar no ouvido de Auguste. Embora eu não pudesse ouvir suas palavras apressadas, observei como a carranca de Auguste se aprofundou.

Enquanto Oliana se inclinava para frente, preocupada.

As portas da sala do trono se abriram um momento depois, e Beau entrou.

Ofegos audíveis encheram a câmara. Todas as conversas cessaram. Uma mulher até emitiu um pequeno gritinho. Ele piscou para ela. — *Bonjour*, todos. Sinto muito se os fiz esperar. — para a família de sua mãe no canto, ele acrescentou em uma voz mais suave. — La orana.

Lágrimas encheram os olhos de Oliana enquanto ela se levantava. — Arava.

— *Metua vahine*. — ao vê-la, o sorriso de Beau se transformou em algo genuíno. Ele inclinou a cabeça para olhar atrás dela para alguém que eu não podia ver. — *Mau tuahine iti*. — quando gritos de prazer responderam, meu coração gaguejou dolorosamente. Duas pessoas. Violette e Victoire. Aproximei-me mais, tentando em vão vê-las, mas Madame Labelle me puxou de volta.

Auguste endureceu visivelmente com a chegada de seu filho.

Seus olhos nunca deixaram o rosto de Beau. — O filho pródigo retorna.

— *Père*. — o sorriso malicioso de Beau reapareceu. Sua armadura, eu percebi. — Você sentiu saudades de mim?

Silêncio absoluto reinou enquanto Auguste estudava os cabelos desgrehados de seu filho, suas roupas sujas. — Você me desapontou.

— Te garanto, o sentimento é mútuo.

Auguste sorriu. Era mais promissor do que uma faca. — Você acha que é inteligente? — ele perguntou suavemente. Ele ainda não se preocupou em se levantar. — Você quer me envergonhar com essa exibição de mau gosto? — com um movimento preguiçoso de seu pulso, ele gesticulou ao redor da câmara. — De qualquer jeito, continue. Seu público está extasiado. Conte a eles como você está desapontado com seu pai, o homem que devastou o campo durante semanas para encontrar seu filho. Conte a eles como sua mãe chorou até dormir todas as noites, esperando por uma palavra.

Conte a eles como ela orou a seus deuses e aos meus por seu retorno. — agora ele se levantou. — *Conte a eles*, Beauregard, como suas irmãs escaparam do castelo para encontrá-lo, como uma bruxa quase cortou suas cabeças.

Novos suspiros soaram quando os olhos de Beau se arregalaram

Auguste desceu os degraus lentamente. — Eles estão todos esperando para ouvir, filho. Conte-lhes sobre seus novos companheiros. Conte a eles sobre as bruxas e lobisomens que você chama de *amigos*. Talvez eles já sejam conhecidos. Talvez seus companheiros tenham assassinado suas famílias. — seu lábio se curvou. — Conte a eles como você abandonou sua família para ajudar a filha de La Dame des Sorcières - a filha cujo sangue poderia matar não só você, mas também suas irmãs. Conte a eles como você a libertou. — ele alcançou

Beau finalmente, e os dois se encararam. Por um segundo. Por uma eternidade. A voz de Auguste se acalmou. — Há muito tempo que tolero suas *indiscrições*, mas desta vez, você foi longe demais.

Beau tentou zombar. — Você não as tolerou. Você as ignorou.

Sua opinião significa menos para mim agora do que nunca...

— *Minha opinião*. — Auguste rosnou, agarrando a frente da camisa de Beau. — É a única razão pela qual você não foi amarrado a uma estaca. Você se atreve a me dispensar? Você se atreve a desafiar seu pai pelo bem de uma boceta suja de bruxa? — Auguste empurrou-o para longe e Beau tropeçou, empalidecendo. Ninguém levantou a mão para firmá-lo.

— Não é bem assim...

— Você é uma *criança*. — com o veneno na voz de Auguste, os aristocratas recuaram ainda mais. — Uma criança mimada em uma torre dourada, que nunca provou o sangue da guerra ou cheirou o fedor da morte. Você se considera um herói agora, filho? Depois de quinze dias brincando de fingir com seus amigos, você se considera um guerreiro? Você planeja nos *salvar*? — ele o empurrou novamente. — Você já viu um loup-garou banquetecendo-se com os intestinos de um soldado? — e de novo. — Você já assistiu uma Dame Blanche dissecar um bebê recém-nascido?

Beau lutou para ficar de pé. — Elas... elas não fariam isso. Lou não...

— Você é uma criança e um tolo. — disse Auguste friamente. —

E me humilhou pela última vez. — expulsando uma respiração difícil de seu nariz, ele se endireitou em toda sua altura. *Minha* altura. —

Mas eu não estou sem misericórdia. O capitão Toussaint me contou sobre seu grande plano para derrotar La Dame des Sorcières. Diga-me a localização de sua filha e tudo será perdoado.

Não. O pânico ficou preso na minha garganta. Eu esqueci de respirar. Pensar. Eu só pude assistir enquanto os olhos de Beau se arregalaram. Enquanto ele recuou um passo de seu pai. — Eu não posso fazer isso.

O rosto de Auguste endureceu. — Você vai me dizer onde ela está, ou eu vou tirar seu título e herança. — sussurros chocados explodiram, mas Auguste os ignorou, sua voz ficando mais alta com cada palavra. Com cada passo. Oliana levou a mão à boca com horror. — Eu vou

banir você do meu castelo e da minha vida. Vou condená-lo como um criminoso, um conspirador, e quando você queimar ao lado de seus amigos, não pensarei mais em você.

— Pai. — Beau disse, horrorizado, mas Auguste não parou.

— *Onde ela está?*

— Eu... — o olhar de Beau disparou impotente para sua mãe, mas ela apenas fechou os olhos, chorando baixinho. Ele pigarreou e tentou novamente. Prendi minha respiração. — Eu não posso te dizer onde ela está porque eu... eu não sei.

— *Frère!* — atrás de Oliana, uma linda garota com o cabelo preto de Beau e pele morena avançou. Meu peito apertou quando

ela torceu as mãos, quando Auguste a puxou para trás, para longe de Beau. — *Frère*, por favor, diga a ele onde ela está. Diga à ele!

Sua irmã gêmea correu para se juntar a eles. Embora ela olhasse, seu queixo estremeceu. — Você não precisa *implorar*, Violette. Claro que ele vai dizer a ele. As bruxas tentaram nos *matar*.

A voz de Beau ficou estrangulada. — Victoire...

Os olhos de Auguste se estreitaram. — Você protegeria uma bruxa sobre suas próprias irmãs?

— Nós devemos ir. — Madame Labelle puxou inutilmente meu braço, sua respiração superficial. Em pânico. — Isso foi um erro.

Claramente Auguste não vai nos ajudar.

— Não podemos simplesmente *deixar* ele...

Beau ergueu as mãos, gesticulando para os aristocratas. — Não tem que *ser* assim. Eles não são todos maus. Se você apenas nos *ajudar*, podemos eliminar Morgane. Ela está na cidade - aqui, *agora*

- e está planejando algo terrível para o funeral do arcebispo...

Madame Labelle puxou com mais insistência. — Reid...

— Você realmente é um idiota. — Auguste envolveu um braço possessivo em torno de cada uma de suas filhas, puxando-as para trás. — Devo confessar, porém, que não estou surpreso. Embora você me deteste, eu o conheço, filho. Eu conheço seus hábitos. Eu conheço o

que te assombra. Por medo de perder seus novos amigos, eu sabia que você iria me visitar nesta missão tola.

Vagamente, reconheci o som de passos atrás de mim. De vozes.

Madame Labelle agarrou meu braço agora, gritando meu nome, mas minha mente seguia muito devagar, preguiçosa. A compreensão veio tarde demais. Virei-me quando Auguste disse: —

E eu sabia que você usaria os túneis para fazer isso.

— Flibbertigibbet! — os gritos de Beau encheram a câmara enquanto ele se virava em nossa direção com olhos selvagens. —

Bumfuzzle!

O punho de uma Balisarda bateu na minha têmpora e não vi mais nada.

[Pride Goeth Before the Fal](#)

[Lou](#)

Ele saiu sem mim. Eu encarei meu uísque, inclinando-o de lado, despejando-o lentamente na barra de madeira. Coco pegou o copo da minha mão sem perder o ritmo da conversa com Liana. Do outro lado da taverna, Ansel estava sentado entre Toulouse e Thierry.

Todos riram de uma piada que não consegui ouvir.

Uma grande e feliz família.

Exceto que todos eles olhavam para mim, sussurrando, como se eu fosse um canhão prestes a explodir.

E aquele bastardo tinha ido embora sem dizer uma palavra.

Eu não sei o que eu esperava - eu praticamente encharquei ele de uísque e acendi o fósforo. Mas eu não menti. Eu não disse nada falso. Isso é o que ele queria, certo? Ele queria a *verdade*.

Não minta para mim, ele disse.

Eu me afastei do bar, indo até a janela imunda na frente e olhando através de suas vidraças manchadas de sujeira. Ele já deveria ter voltado. Se ele tivesse saído quando Deveraux disse que tinha saído - quando eu estava de mau humor lá em cima na miséria

- ele deveria estar de volta através do túnel meia hora atrás. Algo deve ter acontecido. Talvez ele tenha encontrado problemas...

Você entende agora? Isso me torna um monstro?

Não. Isso faz de você sua mãe.

Uma nova onda de raiva tomou conta de mim. Talvez ele *tenha* encontrado problemas. E - desta vez - talvez ele pudesse resolver isso sem mim. Sem magia.

Uma respiração fez cócegas em meu pescoço e eu me virei, ficando cara a cara com Nicholina. Quando ela sorriu para mim, eu fiz uma careta. O sangue manchou seus dentes de amarelo. De fato, sua pele fina como papel era agora seu traço pálido, mais brilhante e mais branco que a lua. Passei por ela e fui até uma mesa vazia no canto. — Eu quero ficar sozinha, Nicholina.

— Não deve ser muito difícil, *souris*. — ela vagou ao meu redor, sussurrando, gesticulando para Coco e Ansel, para Blaise e Liana, para Toulouse e Thierry. — *Eles* certamente não querem nossa companhia. — ela se aproximou. Seus lábios roçaram minha orelha.

— Nós os deixamos desconfortáveis.

Eu a empurrei para longe. — Não me toque.

Quando eu afundei, virando minhas costas para ela, ela flutuou para a cadeira em frente. Ela não se sentou, no entanto. Eu suponho que fantasmas não se sentassem. Não se podia parecer sinistro e estranho com a bunda em uma banqueta. — Não somos tão diferentes. — ela respirou. — As pessoas também não gostam de nós.

— Pessoas como eu, bem. — eu rebati.

— Elas são? — seus olhos incolores se voltaram para Blaise, onde ele me observou do bar. — Podemos sentir seus pensamentos, ah, sim, e ele não se esqueceu de como você esmagou os ossos de seu filho. Ele deseja se deliciar com sua carne, fazer você choramingar e gemer.

Meu próprio olhar cortou para o dele. Seu lábio se curvou sobre os incisivos afiados. Porra.

— Mas você não vai choramingar, vai? — Nicholina inclinou seu rosto para mais perto do meu. — Você vai lutar e morder com os seus próprios dentes. — ela riu então - o som deslizou pela minha espinha -

e repetiu: — Não somos tão diferentes. Por anos, nosso povo foi perseguido, e *nós* fomos perseguidas até mesmo entre eles.

Por alguma razão, duvidei que ela se referisse a *nós* como ela e eu, nós duas. Não. Parecia que Nicholina não era a única vivendo em sua cabeça atualmente. Talvez houvesse... outras. *Eu disse que ela é estranha*, Gabrielle confidenciou. *Muitos corações*. Meu próprio

coração torceu com a memória. Pobre Gaby. Eu esperava que ela não tivesse sofrido.

Ismay estava sentada em uma mesa com La Voisin, os olhos vermelhos e vidrados. Um punhado de suas irmãs se juntou a elas.

Babette permaneceu no campo de sangue para cuidar daqueles muito jovens, muito velhos, muito fracos ou muito doentes para lutar.

Eles não haviam encontrado o corpo de Gaby.

— Vamos lhe contar um segredo, ratinho. — sussurrou Nicholina, chamando minha atenção de volta para ela. — Não cabe a nós deixá-los confortáveis. Não, não, não é. Não é, não é, não é.

Cabe a eles.

Eu a encarei. — Como você ficou assim, Nicholina?

Ela sorriu novamente - um sorriso largo demais que quase partiu seu rosto ao meio. — Como você ficou assim, Louise? Todos nós fazemos escolhas. Todos nós sofremos consequências.

— Eu terminei com essa conversa. — expulsando uma respiração áspera, eu devolvi o olhar de Blaise com um dos meus.

Se ele não piscasse logo, ele perderia um olho. Nicholina - embora claramente demente - estava certa sobre uma coisa: eu *morderia* de volta. Quando Terrance murmurou em seu ouvido, ele finalmente desviou o olhar de mim em direção à porta do depósito. Eu fiquei tensa imediatamente. Eles ouviram algo que eu não? Reid havia retornado?

Sem hesitar, enrolei um dedo e minha visão turvou. Minha audição, no entanto, aumentou, e a voz baixa de Terrance ecoou como se ele estivesse ao meu lado. — Você acha que ele está morto? O caçador?

Blaise balançou a cabeça. — Possivelmente. Não há paz no coração do

rei humano. Reid foi tolo em se aproximar dele.

— Se ele *está* morto... quando podemos deixar este lugar? —

Terrance lançou um olhar lateral para La Voisin e Ismay, para as bruxas de sangue ao redor deles. — Não devemos lealdade a esses demônios.

Uma contração começou na minha bochecha. Antes de perceber que meus pés haviam se movido, eu estava de pé, pressionando meus punhos contra a mesa. O padrão se dissolveu. — Parece que você também não deve lealdade a Reid. — ambos olharam para

cima, assustados - com raiva - mas a deles foi uma centelha para a minha raiva. Nicholina bateu palmas de alegria. Coco, Ansel e Claud levantaram-se hesitantemente. — Se você suspeita que ele está em perigo, por que ainda está aqui? — minha voz aumentou, cresceu em algo além de mim. Embora eu me ouvisse falando, não formulei essas palavras. — Vocês tem uma dívida de vida com ele, seus cães sarnentos. Ou você gostaria que eu reinvidicasse a de Terrance? — eu levantei minhas mãos.

Os dentes de Blaise brilharam enquanto ele se levantava da cadeira. — Você ousa nos ameaçar?

— Louise... — Claud disse, sua voz conciliatória. — O que você está fazendo?

— Eles acham que Reid está morto. — eu cuspi. — Eles estão discutindo quando podem nos deixar.

Embora La Voisin tenha rido, seus olhos permaneceram planos e frios. — Claro que eles estão. Ao primeiro sinal de problema, eles dobram suas caudas e fogem de volta para seu pântano. Eles são covardes. Eu disse para você não confiar neles, Louise.

Quando Liana se moveu em direção à porta, eu a fechei com um movimento fácil do meu pulso. Meus olhos nunca deixaram os de Blaise. — Você não vai a lugar nenhum. Não até que você o traga de volta para mim.

Rosnando, o rosto de Blaise começou a mudar. — Você não controla o loup garou, bruxa. Nós não te prejudicamos por causa do seu companheiro. Se ele morrer, também morrerá nossa benevolência. Tenha muito cuidado.

La Voisin deu um passo para o meu lado, as mãos cruzadas. —

Talvez seja *você* quem deva ter cuidado, Blaise. Se *você* invocar a ira desta bruxa, *você* invocará a ira de todas nós. — ela ergueu a mão e as bruxas de sangue permaneceram como uma - pelo menos uma dúzia delas. Quatro vezes mais que Blaise, Liana e Terrance, que estavam de costas um para o outro, rosnando baixo em suas gargantas. Suas unhas se estendiam até pontos letais.

— Vamos sair daqui em paz. — apesar de suas palavras, Blaise encontrou o olhar de La Voisin em um desafio aberto. — Nenhum sangue deve ser derramado.

— Como *você* esquece facilmente. — La Voisin sorriu, e foi uma coisa cruel e assustadora. Quando ela abaixou o colarinho, revelando três cicatrizes irregulares em seu peito - marcas de garras

- as bruxas de sangue cantarolaram com antecipação. E eu também. *Deus* , eu também. — Nós *gostamos* de sangue.

Especialmente o nosso.

A tensão na sala parecia prestes a explodir, eles se encararam.

Ansel começou a se colocar entre eles - Ansel, de todas as pessoas - mas Claud o parou com uma mão em seu ombro. —

Fique quieto, rapaz. Antes que *você* se machuque. — para La Voisin e Blaise, ele disse: — Não nos esqueçamos do grande propósito aqui. Temos um inimigo comum. Todos nós podemos ficar bem até o retorno de Monsieur Diggory, não podemos? — com um olhar aguçado primeiro para Blaise, depois para mim, ele acrescentou: —

Porque ele *vai* voltar.

Nenhuma respiração soou no silêncio longo e tenso que se seguiu. Todos nós esperamos que alguém se mexesse. Que alguém atacasse.

Por fim, Blaise suspirou profundamente. — *Você* fala com sabedoria, Claud Deveraux. Vamos aguardar o retorno de Monsieur Diggory. Se ele não voltar, meus filhos e eu deixaremos este lugar, e seus habitantes... — seus olhos amarelos encontraram os meus. —

Ilesos. *Você* tem minha palavra.

— Ah, excelente...

Mas La Voisin apenas sorriu. — Covarde.

E isso foi tudo que precisou.

Com um grunhido, Terrance se lançou sobre ela, mas Nicholina apareceu, agarrando sua garganta meio deslocada e torcendo. Ele gritou, voando pelo ar e caiu aos pés de Blaise. Liana já havia mudado. Ela correu atrás de Nicholina. Blaise rapidamente a seguiu, assim como Ansel e Claud quando perceberam que as bruxas de sangue estavam atrás de, bem, *sangue*. Com facas nas mãos, Ismay e suas irmãs atacaram as jugulares dos lobos, mas os lobos se moveram mais rápido, saltando sobre a barra para ganhar um terreno mais alto. Embora encurralado, embora em menor número, Terrance conseguiu derrubar a faca de Ismay, prendendo-a sob sua

pata. Quando o outro abriu seu rosto, ela gritou. Coco correu para intervir.

E eu... Toquei um dedo no uísque do bar. Só um dedo. Uma faísca simples - tão semelhante, mas tão diferente daquele incêndio no pub há muito tempo. Passaram-se o que? Apenas duas semanas?

Parece que foi há anos.

As chamas perseguiram o uísque pelo bar até onde Terrance...

Não. Não Terrance. Eu inclinei minha cabeça, confusa, enquanto as chamas em vez disso encontravam outra, subindo por seus pés, suas pernas, seu peito. Logo ela gritou de terror, de dor - tentando desesperadamente tirar sangue, arrancar a magia de seus pulsos -

mas eu apenas ri. Eu ri e ri até meus olhos doerem e minha garganta doer, ri até que sua voz finalmente perfurou a fumaça em minha mente. Até eu perceber a quem essa voz pertencia.

— Coco. — eu respirei.

Eu olhei para ela sem acreditar, liberando o padrão. As chamas morreram instantaneamente e ela caiu no chão. A fumaça saiu de suas roupas, de sua *pele*, e ela engasgou entre os soluços, lutando para recuperar o fôlego. O resto da sala voltou em pedaços, a expressão horrorizada de Ansel, o grito frenético de Terrance, a corrida louca de Ismay para encontrar mel. Quando tropecei para ajudá-la, uma mão agarrou minha garganta.

— Não chegue perto. — La Voisin rosnou, suas unhas arranhando

minha pele.

— Chega, Josephine. — Deveraux pairou sobre nós, mais sério do que eu já o tinha visto. — Solte-a.

Os olhos de La Voisin se arregalaram ligeiramente enquanto ela o encarava, mas - um por um - seus dedos se afrouxaram gradualmente. Eu respirei fundo e cambaleei para frente. — Coco.

Mas tanto as bruxas de sangue quanto os lobisomens a protegeram quando me aproximei, e eu pude ver pouco mais do que seu olho acima do braço de Ansel. Ele também se posicionou entre nós. Minha respiração ficou presa com a hostilidade em seus olhares. Com o medo. — Coco, eu sinto muito...

Ela lutou para se levantar. — Eu vou ficar bem, Lou. — disse ela fracamente.

— Foi um acidente. Você tem que acreditar em mim. — minha voz quebrou na última palavra, mas meu coração quebrou com as lágrimas brotando em seus olhos quando ela olhou para mim. Ela levou a mão à boca para conter os soluços. — Coco, por favor. Você sabe que eu nunca teria... nunca teria intencionalmente...

Atrás dela, Nicholina sorriu. Sua inflexão se aprofundou, mudou, quando ela disse: — O Senhor diz: 'Venham, prestem atenção a ele, todos. O orgulho vem antes da queda.'

A finalidade do que eu fiz passou por mim e ouvi sua voz. Senti seu toque suave no meu cabelo.

Você não tem sido você mesma.

Você vê o que quer ver.

Você acha que eu quero ver você como...

Como o que? Uma pessoa má?

Enterrando meu rosto em minhas mãos, caí de joelhos e chorei.

Proper Knights

Reid

Um rosto.

Acordei com um rosto. Embora a poucos centímetros de mim, lutei para colocar seus traços em foco. Eles permaneceram sem forma, escuros, como se eu estivesse no meio de uma névoa densa.

Mas eu não estava de pé. Eu não conseguia mover meus membros.

Eles pareciam mais pesados do que o normal, impossivelmente pesados e frios. Exceto meus pulsos. Meus pulsos queimaram com fogo negro.

Olhos abrindo e fechando - letárgico, cada piscar um enorme esforço - tentei erguer minha cabeça. Ela caiu inutilmente contra meu ombro. Achei que a forma dos lábios poderia ter se movido.

Achei que uma voz pudesse ter rugido. Fechei meus olhos novamente. Alguém abriu minha mandíbula, forçou algo amargo na minha garganta. Vomitei instantaneamente.

Vomitei até minha cabeça latejar. Até minha garganta doer.

Quando algo duro atingiu meu rosto, cuspi sangue. O gosto de cobre, de sal, abalou meus sentidos. Piscando mais rápido agora, eu balancei minha cabeça para clareá-la. A sala girou. Por fim, o rosto diante de mim tomou forma. Cabelo dourado e olhos cinza -

como um lobo - com nariz reto e queixo esculpido.

— Você está acordado. — disse Auguste. — Bom.

Ao meu lado, Madame Labelle estava sentada com os pulsos amarrados atrás da cadeira. Isso forçou seus ombros para fora do encaixe. Embora o sangue escorresse de um furo na lateral de sua

garganta, seus olhos permaneceram claros. Foi então que notei as seringas de metal na mão de Auguste. As penas sangrentas.

Injeções.

Ele nos drogou... *me* drogou, como se eu fosse uma... uma...

A bile queimou minha garganta.

Como se eu fosse uma bruxa.

Madame Labelle lutou contra suas amarras. — Sério, Auguste, isso não é necessário...

— Você ousa se dirigir a Sua Majestade de maneira tão informal? — Oliana perguntou. Sua voz disparou e girou com minha consciência.

— Perdoe-me. — disse Madame Labelle rispidamente. — Depois de dar à luz a um filho de um homem - e tudo o que indica uma ocasião tão feliz - presumi que as formalidades cessariam. Um erro notório.

Vomitei novamente, incapaz de ouvir a resposta de Oliana.

Quando eu reabri meus olhos, a sala ficou mais nítida.

Prateleiras de mogno cheias de livros. Uma cornija de lareira entalhada. Retratos de reis de lábios severos e carpete bordado sob pés com botas. Eu pisquei, a visão se concentrando nos Chasseurs alinhados nas paredes. Pelo menos uma dúzia. Cada um estendeu a mão a Balisarda em sua cintura.

Exceto o Chasseur que estava atrás de mim. Ele segurou minha garganta.

Um segundo se moveu para ficar atrás de Madame Labelle. A lâmina dele tirou sangue e ela parou. — Pelo menos limpe-o. — ela disse fracamente. — Ele não é um animal. Ele é seu *filho*.

— Você me insulta, Helene. — Auguste se agachou diante de mim, balançando uma mão na frente do meu rosto. Meus olhos lutaram para segui-lo. — Como se eu permitisse que até mesmo meus cães sentassem em seu próprio vômito. — ele estalou os dedos. — Eu preciso que você se concentre, Reid. A missa começa em um quarto de hora e não posso me atrasar. O reino espera que eu chore por aquele idiota hipócrita. Eu não vou decepcioná-los.

O ódio queimou através da névoa de meus pensamentos.

— Mas você entende a importância de manter os fingimentos, não é? — ele arqueou uma sobrancelha dourada. — Afinal, você

enganou todos nós. Incluindo ele. — meu estômago revirou novamente, mas ele saltou para trás bem a tempo, curvando os lábios. — Aqui entre nós, estou feliz que você o matou. Eu não posso contar as vezes que aquele hipócrita imundo *me* repreendeu, quando todo esse tempo, ele enfiava seu pau em Morgane le Blanc

— Sim, um hipócrita imundo. — Madame Labelle repetiu incisivamente. O Chasseur atrás dela puxou seu cabelo para trás, pressionando sua lâmina mais profundamente em sua garganta. Ela

não disse mais nada.

Auguste a ignorou, inclinando a cabeça para me estudar. — Seu corpo reagiu à injeção. Suponho que isso prove a afirmação de Phillipe. Você é uma bruxa.

Eu forcei minha cabeça para cima por pura força de vontade. Por um segundo. Dois segundos. — Eu gostaria de ver... *seu* corpo...

reagir à *cicuta*... Sua Majestade.

— Você os envenenou? — Beau perguntou incrédulo. Outro Chasseur o segurava no canto da sala. Embora sua mãe balançasse a cabeça desesperadamente, ele não lhe deu atenção.

— Você colocou *cicuta* nessas injeções?

— A porra de uma torre dourada. — Auguste revirou os olhos. —

Tenho pouca paciência para sua voz no momento, Beauregard, ou a sua, Olliana — acrescentou ele quando ela tentou interromper. — Se algum de vocês falar novamente, vão se arrepender. — para mim, ele disse: — Agora, diga-me. Como isso é possível? Como você passou a existir, Reid Diggory?

Um sorriso surgiu, espontaneamente, e ouvi a voz de Lou na minha cabeça. Mesmo assim, presa nos bastidores com dois de seus inimigos mortais, ela não tinha medo. Ou talvez fosse estúpida.

De qualquer forma, ela não sabia o quão certa ela estava. — Eu acredito... — eu engasguei. — Que quando um homem e uma...

bom, uma bruxa... se amam muito...

Eu antecipei seu tapa. Quando veio, minha cabeça bateu contra a cadeira e ficou lá. Uma risada borbulhou de meus lábios, e ele me olhou como se eu fosse um inseto. Algo para esmagar sob sua bota.

Talvez eu fosse. Eu ri de novo com a ironia. Quantas vezes eu havia drogado uma bruxa? Quantas vezes eu usei a mesma expressão que ele?

Ele agarrou meu queixo, esmagando-o entre os dedos. — Diga-me onde ela está e eu prometo a você uma morte rápida.

Meu sorriso diminuiu lentamente. Eu não disse nada.

Seus dedos apertaram com mais força. Forte o suficiente para machucar. — Você gosta de ratos, Reid Diggory? Eles são criaturinhas feias, com certeza, mas por baixo de suas peles bestiais, devo admitir que compartilho um certo parentesco com eles.

— Não estou surpreso.

Ele sorriu então. Sorriu frio. — Eles são inteligentes, os ratos.

Engenhosos. Eles valorizam sua própria sobrevivência. Talvez você deva prestar atenção ao bom instinto deles. — quando eu ainda não disse nada, seu sorriso cresceu. — É curioso quando você prende um rato em cima do estômago de um homem, digamos, por exemplo, com uma panela. Agora, quando você aplica calor à referida panela, você sabe como o rato responde? — ele balançou minha cabeça para mim quando eu não respondi. — Ele se enterra no estômago do homem, Reid Diggory. Ele morde e arranha pele, carne e osso para escapar do calor. Isso *mata* o homem, então ele pode sobreviver.

Por fim, ele me soltou, levantando-se e tirando um lenço do bolso. Ele enxugou o vômito dos dedos com desgosto. — A menos que você deseje ser esse homem, sugiro que responda à minha pergunta.

Olhamos um para o outro. Sua expressão oscilou. — Eu não vou. — eu disse simplesmente.

As palavras ecoaram no silêncio da sala.

— Hmm. — ele pegou algo em sua mesa. Pequeno. Preto.

Enferrujado. — Entendo.

Uma panela, eu percebi.

Eu deveria ter sentido medo. Talvez a cicuta tenha impedido.

Talvez a náusea contínua ou a dor de cabeça aguda. Ele *queria* que eu o temesse. Eu podia ver em seus olhos. Em seu sorriso. Ele queria que eu tremesse, implorasse. Este era um homem que apreciava o domínio. O controle. Eu o ajudei uma vez. Como seu caçador. Eu busquei sua aprovação como meu rei. Mesmo depois -

quando eu aprendi seu papel na minha concepção, meu sofrimento - eu queria conhecê-lo, no fundo.

Eu sonhei com uma versão dele com as histórias da minha mãe.

Eu aceitei seus óculos cor-de-rosa. Mas este homem não era ele.

Este homem era real.

Este homem era feio.

E - olhando para ele agora - tudo que senti foi decepção.

Lentamente, ele colocou a panela em uma prateleira acima do fogo. — Vou perguntar mais uma vez: onde está Louise le Blanc?

— Pai... — Beau começou, implorando, mas com o aceno da mão de Auguste, o Chasseur o atingiu na cabeça. Quando ele caiu, atordoado, os gritos de Oliana encheram o gabinete. Ela correu em direção a ele, mas Auguste a pegou pela cintura, jogando-a contra sua mesa. Ela caiu no chão com um soluço.

— Eu disse para ficar em *silêncio*. — rosnou Auguste.

Os olhos de Madame Labelle se arregalaram. — Quem é você?

— sua voz subiu mais alto com descrença. — O homem que eu amava *nunca* teria tratado sua família dessa maneira. Essa é sua esposa. Estes são seus *filhos*...

— Eles não são meus filhos. — o rosto de Auguste corou quando ele agarrou os braços da cadeira de Madame Labelle. Quando ele se curvou em seu rosto, os olhos queimando com intensidade selvagem. — E eu terei outro filho, Helene. Terei mais *cem* filhos para contrariar aquela vadia hedionda de cabelos brancos. Meu legado viverá. Você me entende? Eu não me importo se eu tiver que foder todas as mulheres neste pedaço de terra esquecido por Deus, eu não vou ceder. — ele levou a mão ao rosto dela, mas não a tocou. Seus dedos se cerraram de ódio. Com ânsia. — Você é uma linda *mentirosa* de merda. O que vou fazer com você?

— Por favor, pare com isso. Sou eu. Helene...

— Você acha que eu te amei, *Helene*? Você acha que é diferente das outras?

— Eu sei que eu era. — seus olhos brilhavam com forte convicção. — Eu não poderia te dizer que era uma bruxa - e por isso, eu me desculpo - mas você me conhecia, Auguste. Como uma alma conhece a outra, você me *conhecia* e eu te conhecia. O que compartilhamos era real. Nosso filho nasceu do amor, não da luxúria

ou... ou obrigação. Você deve repensar esse ódio cego e se lembrar. Eu sou a mesmo agora que era antes. *Olhe* pra mim, *mon amour*, e olhe pra ele. Ele precisa de nossa ajuda...

Auguste a tocou agora, torcendo os lábios entre os dedos. Ele puxou um fio de seu cabelo. — Talvez eu deva torturar você também. — ele sussurrou. — Talvez eu deva ver qual de vocês quebra primeiro.

Quando ela olhou de volta para ele, decidida, o orgulho cresceu em meu peito.

Amor.

— Por que a cicuta não funciona em você, *mon amour*? — ele soltou seus lábios para acariciar sua bochecha. Eles poderiam ser as únicas duas pessoas na sala. — Como você permanece não afetada?

Ela ergueu o queixo. — Eu me injetei com cicuta todos os dias desde o dia em que nos conhecemos.

— Ah. — seus dedos se apertaram, arranhando sua pele. —

Tanto para tornar isso real.

A porta do gabinete se abriu e um homem uniformizado entrou.

— Sua Majestade, atrasei os padres o máximo possível. Eles insistem que devemos começar a missa imediatamente.

Auguste olhou para minha mãe por mais um segundo. Com um suspiro, ele a soltou e endireitou o casaco. Alisou o cabelo para trás.

— Infelizmente, parece que nossa conversa deve esperar até depois das festividades. — calçando luvas pretas com eficiência prática, sua máscara deslizou de volta ao lugar. Sua persona. — Devo chamar vocês dois quando eles terminarem, se ela ainda não tiver chegado...

— Nós dissemos a você. — eu fechei meus olhos para tudo parar de girar. Para parar a náusea. Quando a escuridão piorou, os forcei a abrir mais uma vez. — Morgane já está na cidade.

— Eu não falo de Morgane, mas de sua filha. — seu sorriso emanou pela sala, lançando sombras no meu coração. O primeiro lampejo de medo. — Se você a ama como você diz, ela virá para você. E eu... — ele deu um tapinha na minha bochecha enquanto passava. — Eu estarei esperando.

Se possível, as masmorras eram mais frias do que até o ar do lado de fora. Pingentes se formaram no canto da nossa cela onde a água havia escorrido pela pedra. Amassado no chão de terra. Eu caí contra as barras de ferro, músculos fracos e inúteis. Embora as mãos de Madame Labelle permanecessem ligadas, ela esfregou a manga contra o gelo para molhar o tecido. Se ajoelhou ao meu lado para limpar meu rosto da melhor maneira possível.

— Com o emético e sua massa corporal. — disse ela, tentando sem sucesso me acalmar. — Os efeitos da injeção devem diminuir em breve. Você estará em forma quando Louise vier nos resgatar.

Só podemos esperar que ela perceba o que aconteceu antes de sermos comidos por ratos.

— Ela não está vindo. — minha voz soou vazia. Maçante. —

Tivemos uma briga. Eu disse que ela era como a mãe.

Beau arrancou um pingente de gelo e o quebrou contra a parede. — Brilhante. Isso é simplesmente *brilhante*. Muito bem, irmão. Mal posso esperar para ver como ficará seu baço quando um rato abrir você. — ele se virou para Madame Labelle. — Você não pode... eu não sei... nos tirar daqui de alguma forma? Eu sei que você está amarrada, mas tudo o que precisa é um movimento do dedo, certo?

— Eles revestiram nossos ferros com algum tipo de agente entorpecente. Não consigo mover minhas mãos.

— Você pode usar o cotovelo? Talvez um dedo do pé?

— Claro que eu poderia, mas a magia seria desajeitada.

Provavelmente faria mais mal do que bem se tentasse.

— Do que você está falando?

— Manipular padrões requer destreza, Alteza. Imagine dar um nó com os cotovelos ou dedos dos pés e você entenderá a dificuldade. Nossas mãos - nossos dedos - nos permitem significar a intenção com uma especificidade muito maior. — a cor subiu em suas bochechas enquanto ela esfregava as minhas. — Além disso, embora tenha *claramente* escapado de sua grande habilidade mental, há quatro caçadores montando guarda no final deste corredor.

Ele rondou a cela como um gato zangado. Arrepiado. —

Então...?

— Tetas da Mãe. — ela arrastou a testa no ombro em exasperação. — Então, eu percebo que realizei muitos feitos mágicos extraordinários em nosso tempo juntos, Beauregard, mas até eu devo admitir a derrota quando confrontar a fuga da prisão, derrotando quatro caçadores e fugindo da cidade apenas com meu maldito *cotovelo*.

— Bem, o que devemos fazer, então? — Beau jogou as mãos no ar. — Sentar aqui e esperar meu pai alimentar seus ratos com a gente? Excelente plano, aproximando-se dele, a propósito. — ele acrescentou com um rosnado. — *Ele me amou uma vez*, meu rabo.

— Beau. — eu disse quando Madame Labelle estremeceu. —

Cale a boca.

— Ele não vai alimentar seus ratos com *você*, Alteza. — disse ela. — Apesar de sua fanfarronice, não acho que ele queira fazer mal a você. Você é o único herdeiro legítimo. A lei determina que ele não pode passar o reino para Violette ou Victoire.

Beau girou para enfrentar o corredor, cruzando os braços com raiva. — Sim, bem, me perdoe por não confiar mais em seus instintos. — eu encarei seu perfil enquanto as peças se encaixavam.

Seus óculos cor-de-rosa. Ele também os tinha usado. Apesar de seu relacionamento infeliz, Beau ainda sonhava por mais com seu pai.

Esses sonhos se despedaçaram publicamente no chão da sala do trono.

Eu tinha perdido a *ideia* de um pai. Beau havia perdido a coisa real.

— Espere. — Beau agarrou as barras abruptamente, os olhos fixos em algo no final do corredor. Eu virei minha cabeça. Subi nas barras com facilidade enquanto gritos de pânico ressoavam atrás da porta. A esperança cresceu, aguda e inesperada. Poderia ser... ?

Afinal, Lou tinha vindo atrás de nós? Beau sorriu. — Eu conheço essas vozes. Aquelas *merdinhas*.

Passos soaram longe de nós e, com eles, os gritos diminuíram.

A porta do corredor se abriu.

Um rosto travesso apareceu. Violette. Eu não sabia como eu sabia que era ela e não sua irmã, mas eu sabia. Instintivamente. Ela saltou pelo

corredor em nossa direção com um sorriso malicioso.

Em sua mão, ela balançou as chaves dos guardas. — Olá, *tæae*.

Você sentiu minha falta?

— Violette. — Beau enfiou o rosto entre as barras. — Como você está aqui? Por que você não está na missa?

Ela revirou os olhos. — Como se papai nos deixasse sair do castelo com Morgane à solta.

— Graças a Deus por pequenas misericórdias. Certo.

Precisamos nos apressar. — ele estendeu a mão com insistência. —

Os caçadores podem voltar a qualquer segundo. Dê-me as chaves.

Ela colocou a mão em seu quadril estreito. — Eles não vão voltar a qualquer segundo. Eu disse a eles que Victoire acidentalmente se empalou em sua lâmina, e os idiotas correram escada acima para ajudá-la. — ela zombou. — Como se Victoire fosse *acidentalmente* empalar alguém.

— Sim. — ele disse impaciente. — Mas quando eles não encontrarem Victoire sangrando até a morte, eles saberão que você os enganou. Eles vão voltar para baixo...

— Não, eles não vão. Tem bastante sangue.

— O *que*?

— Entramos furtivamente nas lojas do boticário e roubamos o sangue de seu cordeiro. Victoire foi um pouco descuidada com isso nos tapetes, mas ela tem vários outros frascos. Ela está liderando os caçadores em uma perseguição louca. Deve mantê-los ocupados por alguns momentos, pelo menos.

— Você deu sangue a Victoire? — Beau piscou para ela. — Você apenas... deu a ela? Para brincar com...?

Violette encolheu os ombros. — Não havia como evitar. Agora...

— ela balançou as chaves na frente de seu nariz. — Você quer ser resgatado ou não? — quando ele se esticou para pegar, ela os tirou de seu alcance. — Ah, ah, ah. Não tão rápido. Você nos deve um pedido de desculpas.

— Sim. — uma segunda voz se juntou à dela e Victoire se materializou. Seus olhos brilharam na semi-escuridão e o sangue cobriu suas mãos. Ela estendeu sua espada até a ponta do nariz de Beau. — Peça desculpas por nos deixar, *taeae*, e nós o libertaremos. — seu nariz enrugou quando ela olhou para mim. Para

Madame Labelle. — *Você*. Eles não. Papai diz que eles merecem queimar.

Beau se jogou para as chaves novamente. Perdido. — Faça-me um favor, meninas. Quando o pai abrir a boca, feche seus ouvidos.

Sua voz vai apodrecer seus cérebros.

— Eu acho que é terrivelmente romântico. — Violette inclinou a cabeça para me estudar com uma impressão estranha de Auguste.

Considerando que seu olhar tinha sido frio, porém - calculista - o dela era timidamente curioso. — *Metua vahine* disse que sacrificou tudo para salvar a garota que ama. Ela não gosta muito de você. —

acrescentou para mim. — Ou de sua *maman*, mas acho que ela te respeita.

— Não é romântico. É *estupido*. — Victoire chutou a barra mais próxima de mim antes de se virar para Beau. — Como você pôde escolher esse filho da puta em vez de nós?

— Não diga essa palavra. — disse Beau bruscamente. — Não diga isso nunca mais.

Ela abaixou a cabeça, carrancuda, mas castigada. — Você nos deixou *taeae*. Você não nos disse para onde foi. Poderíamos ter ido com você. Poderíamos ter lutado contra as bruxas ao seu lado.

Ele ergueu o queixo dela com o dedo. — Nem todas as bruxas são más, *tuahine*, tou. Eu encontrei algumas boas. Pretendo ajudá-

las.

— Mas papai disse que ia deserdar você! — Violette interrompeu.

— Então eu suponho que você será rainha.

Seus olhos se arregalaram.

— Lamento não ter dito adeus. — disse Beau suavemente. —

Mas não lamento ter partido. Tenho a chance de fazer parte de algo extraordinário. Juntos, todos nós, humanos, bruxas, lobisomens, talvez até sereias, temos a chance de mudar o mundo.

Violette engasgou. — Sereias?

— Oh, cale a boca, Violette. — Victoire arrancou as chaves dela e as jogou para Beau. — Faça. — ela acenou com a cabeça para ele secamente. — Quebre isso. Melhore. E no final disso - quando você juntar as peças novamente - eu quero ser um caçador.

— Oh eu também! — Violette gritou. — Exceto que quero usar um vestido.

Beau se atrapalhou para destravar a cela. — Caçadores fazem parte dos pedaços quebrados, meninas.

— Não. — Victoire balançou a cabeça. — Não um caçador como eles são agora. Queremos ser caçadores como deveriam ser -

cavaleiros adequados, cavalgando para derrotar as forças do mal. O

Verdadeiro mal. — ela acenou com a mão para mim - para o doente cobrindo minha frente - enquanto Beau deslizava a cela aberta. —

Seja o que for.

Eu não pude deixar de sorrir. Para minha surpresa, ela sorriu de volta. Pequeno. Hesitante. Mas ainda assim. A emoção cresceu com a visão, e eu tropecei com a força disso. Violette envolveu um braço ao redor da minha cintura para me firmar. Para me levar pelo corredor. — Você fede, *taeae*. E cavaleiros adequados não fedem.

Como você pode resgatar sua bela donzela se ela não suportar seu cheiro?

Lutando contra seu próprio sorriso, Madame Labelle segurou meu outro lado. — Talvez sua bela donzela não precise ser resgatada.

— Talvez *ela* o resgate. — disse Victoire por cima do ombro.

— Talvez *eles* resgatem um ao outro. — Violette retrucou.

— Talvez façamos isso. — murmurei, me sentindo mais leve do que há anos. Talvez possamos. Juntos. Em uma rápida explosão de compreensão, eu vi as coisas claramente, talvez pela primeira vez: ela não era a única quebrada. Eu fechei meus olhos para me esconder dos

monstros - *meus* monstros - esperando que eles não pudessem me ver. Na esperança de que se eu os enterrasse fundo o suficiente, eles desapareceriam.

Mas eles não tinham desaparecido e eu já tinha me escondido por tempo suficiente.

Ansioso agora, andei mais rápido, ignorei o latejar na minha cabeça. Eu precisava encontrar Lou. Eu tinha que encontrá-la, *falar* com ela...

Então várias coisas aconteceram de uma só vez.

A porta se abriu com um estrondo cataclísmico, e os quatro caçadores voltaram ao corredor. Madame Labelle gritou —

CORRAM! — ao mesmo tempo, Victoire cortou suas vinculações.

Caos reinando. Com a pulsação das mãos de Madame Labelle, pedras do teto choveram na cabeça dos Chasseurs. Uma pedra do tamanho dos meus punhos se conectou com um, e ele desabou. Os outros gritaram em pânico - em *fúria* - tentando coordenar, subjugar-

la. Dois a abordaram enquanto o terceiro saltou na nossa frente.

Gritando um grito de guerra, Victoire pisou na ponta dos seus pés.

Quando ele cambaleou para trás, balançando sua Balisarda para longe dela, Violette o socou no nariz.

— Saia daqui! — Victoire o empurrou e - já sem equilíbrio - ele caiu no chão. Beau cortou as amarras com a espada dela. — Antes que seja tarde!

Eu me esforcei para falar com Madame Labelle. — Eu não posso deixá-la...

— VÁ! — Madame Labelle lançou um braço sob os corpos dos Chasseurs, explodindo a porta. — AGORA!

Beau não me deu escolha. Jogando seus braços em volta de mim, ele arrastou meu corpo enfraquecido e inútil pelo corredor.

Mais passos soaram acima de nós, mas pegamos uma curva fechada à esquerda em outro corredor, desaparecendo dentro de um rochedo meio escondido na parede. — Depressa. — Beau disse desesperadamente, me puxando mais rápido. — A missa começou, mas os Chasseurs que permaneceram no castelo estarão aqui em

breve. Eles vão procurar esses túneis. Vamos! *Vamos*.

— Mas minha mãe, nossas *irmãs*...

— Nossas irmãs ficarão bem. Eles nunca vão machucá-las...

Ainda assim, lutei. — E Madame Labelle? — ele não hesitou, me forçando a descer outro túnel.

— Ela pode cuidar de si mesma.

— NÃO...

— *Reid*. — ele me girou para encará-lo, segurando meus braços quando eu me debati. Seus olhos estavam arregalados. Selvagens.

— Ela fez uma escolha, certo? Ela escolheu salvar você. Se você voltar agora, não vai ajudá-la. Você vai cuspir nela. — ele me sacudiu com mais força. — Viva hoje, Reid, para que você possa lutar amanhã. Nós a traremos de volta. Nem que eu mesmo tenha

que queimar este castelo, nós a *resgataremos*. Você confia em mim?

Eu me senti assentindo, o senti me puxar mais uma vez.

Atrás de nós, os gritos dela ecoaram à distância.

When a Snake Sheds Her Skin

Lou

Envolvendo meus braços em volta das minhas pernas, descansei meu queixo sobre os joelhos e olhei para o céu da tarde. Nuvens grossas e pesadas se acumularam acima, encobrindo o sol e prometendo precipitação. Embora meus olhos ainda doessem, adiei fechá-los um pouco mais. Abaixo de mim, Coco e Ansel esperavam em meu quarto. Eu podia ouvir seus murmúrios de onde eu estava sentada no topo do telhado.

Pelo menos algo bom tinha vindo daquele dia de pesadelo.

Pelo menos eles estavam se falando novamente - mesmo que fosse de mim.

— O que podemos fazer? Ansel disse ansiosamente.

— Não podemos fazer nada. — a voz de Coco estava rouca de

lágrimas - ou talvez fumaça. O mel curou suas queimaduras, mas não consertou o bar. Claud tinha prometido pagar ao gerente pelos danos. — Pelo menos ela sabe agora. Ela será mais cuidadosa.

— E Reid?

— Ele vai voltar para ela. Ele sempre volta.

Eu não merecia nenhum deles.

Como se estivesse tentando levantar meu ânimo, o vento acariciou meu rosto, agarrando os fios de meu cabelo com seu aperto de inverno. Ou talvez nem fosse o vento. Talvez fosse outra coisa. *Alguém*. Sentindo-me um pouco ridícula, olhei para as nuvens imensas e onipresentes e sussurrei: — Preciso da sua ajuda.

O vento parou de mexer no meu cabelo.

Encorajada, sentei-me e endireitei os ombros, deixando meus pés balançarem no beiral. — Os pais não devem abandonar seus filhos. O meu foi uma desculpa de merda para um ser humano - dê um chute nele se ele estiver aí em cima - mas até ele tentou me proteger de sua própria maneira distorcida. Você, entretanto... você deve fazer melhor. Você deveria ser o pai de todos os pais, não é?

Ou talvez... talvez você seja a mãe de todas as mães, se é como minha própria *maman* disse. — eu balancei minha cabeça, derrotada. — Talvez ela esteja certa. Talvez você me *queira* morta.

Um pássaro voou de uma janela abaixo de mim com um grito assustado, e eu fiquei tensa, olhando para baixo na borda do prédio, procurando o que o havia perturbado. Não havia nada. Tudo estava quieto e calmo. Os resquícios da última nevasca ainda grudavam nos cantos do telhado, mas agora o céu parecia não conseguir decidir entre neve e chuva. Flocos sem direção flutuavam no ar.

Embora alguns enlutados se reuniram na rua estreita e úmida abaixo, a maioria não chegaria até que terminassem com a missa de réquiem.

As vozes de Coco e Ansel diminuíram há alguns momentos.

Talvez eles tenham ido para o quarto dela para resolver seus próprios problemas. Eu esperava que disso. Juntos ou separados, cada um deles merecia a felicidade.

— Reid diz que estou... perdida. — eu respirei. Embora as palavras

tenham se desenrolado suavemente, eu não poderia tê-las impedido se tentasse. É como se elas estivessem flutuando logo abaixo da minha pele, esperando pacientemente por este momento.

Para esta última e desesperada janela de oportunidade para abrir.

Por esta... oração. — Ele diz que estou mudando - que estou diferente. E talvez ele esteja certo. Talvez eu simplesmente não queira ver, ou... ou talvez não consiga. Eu certamente fiz uma bagunça por aqui. Os lobisomens foram embora, e se minha mãe não me matar, eles o farão. Pior, La Voisin continua...continua me *olhando* como se ela estivesse esperando por algo. Nicholina acha que somos ótimas amigas e eu... eu não sei o que fazer. Eu não tenho as respostas. Esse deveria ser o seu trabalho.

Eu bufei e me virei, a raiva crescendo de forma aguda e repentina em meu coração. As palavras foram vomitadas mais

rápido. Menos um gotejamento, mais uma torrente. — Eu li seu livro, você sabe. Você disse que nos tricotou no ventre de nossas mães.

Se isso for verdade, acho que essa piada era pra mim, hein? Eu realmente sou a flecha em sua mão. Ela quer me usar para destruir o mundo. Ela acha que é meu propósito morrer no altar, e você...

você me *deu* a ela. Não sou inocente agora, mas já fui. Eu era um bebê. Uma *criança*. Você me deu a uma mulher que me mataria, a uma mulher que nunca me amaria... — eu parei, respirando com dificuldade e esfregando as palmas das mãos contra os olhos, tentando aliviar a pressão crescente. — E agora estou tentando não quebrar, mas *estou*. Estou quebrada. Eu não sei como consertar...

consertar a mim ou Reid ou a *nós*. E ele... ele me odeia. — de novo, engasguei com as palavras. Uma absurda bolha de riso subiu em minha garganta.

— Eu nem sei se você é real. — eu sussurrei, rindo e chorando e me sentindo infinitamente tola. Minhas mãos tremeram. —

Provavelmente estou falando sozinha agora como uma louca. E

talvez eu esteja louca. Mas... mas se você *for* real, se *estiver* ouvindo, por favor, *por favor*...

Abaixei minha cabeça e fechei meus olhos. — Não me abandone.

Fiquei sentada ali, de cabeça baixa, por vários longos minutos.

Tempo suficiente para que minhas lágrimas congelassem em minhas bochechas. O suficiente para meus dedos pararem de tremer. Tempo suficiente para aquela janela em minha alma se fechar lenta e silenciosamente. Eu estava esperando por algo? Eu não sabia. De qualquer forma, a única resposta que recebi foi o silêncio.

O tempo fugiu de mim. Apenas o assobio de Claud Deveraux - que o precedeu no telhado - me tirou do meu devaneio. Quase ri.

Quase. Nunca conheci uma pessoa tão sintonizada com a melancolia; ao primeiro sinal de introspecção, ele parecia simplesmente *aparecer* como um homem faminto diante de um bufê de bolos e doces. — Eu não pude deixar de ouvir. — disse ele suavemente, caindo para o beiral ao meu lado. — Sua conversa bastante magnífica com a esfera celestial.

Eu revirei meus olhos. — Você absolutamente poderia.

— Você está certa. Eu sou um bisbilhoteiro sujo e não tenho intenção de me desculpar. — ele cutucou meu ombro com um pequeno sorriso. — Achei que você deveria saber que Reid acabou de chegar, inteiro, se não ileso.

Uma onda de silêncio se passou enquanto suas palavras eram absorvidas.

Inteiro, se não ileso.

Levantando-me cambaleando, quase escorreguei e caí para a morte na minha pressa de alcançar a escada. Quando Claud pegou minha mão com um leve aceno de cabeça, meu coração despencou. — Dê a ele alguns momentos para se recompor, *chérie*.

Ele passou por uma provação.

— O que aconteceu? — eu exigi, puxando minha mão.

— Eu não perguntei. Ele dirá a nós quando estiver pronto.

— Oh. — essa palavra simples ecoou minha dor de cabeça melhor do que uma centena de outras jamais poderia. Eu era parte desse *nós* agora, uma estranha, não mais a par de seus pensamentos ou segredos mais íntimos. Eu o empurrei, com medo -

não, quase enlouquecida - que ele fizesse isso primeiro. Ele não tinha, é claro, mas o efeito permaneceu o mesmo. E foi minha culpa

- *tudo* minha culpa. Lentamente, afundei de volta no beiral. —

Entendo.

Claud ergueu uma sobrancelha. — Entende?

— Não. — eu disse miseravelmente. — Mas você já sabia disso.

Um momento se passou enquanto observava os enlutados - os pobres e desamparados, principalmente, com suas roupas pretas esfarrapadas - caminhando para a rua. A torre do sino havia soado meia hora atrás. Logo, a Missa de Requiem terminaria e a procissão de enterro serpentearia por essas ruas, permitindo que os plebeus se despedissem. O corpo do arcebispo passaria diretamente abaixo de nós em seu caminho para o cemitério, para o túmulo da Igreja nas catacumbas em seu local de descanso final. Embora eu ainda não *gostasse* de Madame Labelle, apreciei sua premeditação neste local. Se havia uma pessoa em todo o reino que amava o arcebispo, era Reid. Ele deveria ter sido o único a preparar o corpo esta manhã. Ele deveria ter falado sobre isso. Mesmo agora, ele deveria ser o único segurando vigília ao lado dele.

Em vez disso, ele foi forçado a se esconder em uma pousada suja.

Ele perderia os últimos ritos do arcebispo. Ele sentiria falta de abaixar seu antepassado na terra. Ele perderia seu último adeus. Eu forcei o pensamento para longe, as lágrimas ameaçando mais uma vez. Parecia que tudo que eu fazia era chorar ultimamente.

Pelo menos aqui, Reid teria um último vislumbre dele.

Se Morgane não matasse a todos nós primeiro.

Senti mais do que vi Claud me estudando. Ele tinha o ar de alguém preso em uma indecisão paralisante. Com pena dele, me virei para dizer a ele para parar, para dizer que estava tudo bem, mas sua decisão pareceu endurecer com algo em meus olhos. Ele tirou a cartola com um suspiro. — Eu sei que você está com problemas. Embora eu tenha debatido muito sobre a hora e o lugar para dizer isso a você, talvez eu possa aliviar sua consciência libertando a minha. — ele olhou para o céu com uma expressão melancólica. — Eu conheci sua mãe, e você não é nada como ela.

Eu pisquei para ele. De todas as coisas que eu esperava, essa não era uma. — O que?

— Você é as melhores partes dela, é claro. A vitalidade. A inteligência. O charme. Mas você não é ela, Louise.

— Como você conhece ela?

— Eu não a conheço. Não mais. — a melancolia em seu olhar desapareceu, substituída por algo semelhante à tristeza. — Em uma época diferente - mil anos atrás, ao que parece - eu a amei com uma paixão diferente de qualquer outra que já conheci. Achei que ela também me amava.

— Santo inferno. — eu levantei a mão na minha testa e fechei os olhos. Fazia sentido agora, sua estranha e perturbadora fascinação por mim. O cabelo branco provavelmente não ajudou. — Olha, Claud, se você está prestes a me dizer que... você tem empatia por ela, ou ainda a ama, ou tem tramado secretamente com ela o tempo todo, você pode esperar? Eu tive o pior de todos os dias, e não acho que posso lidar com uma traição agora.

Sua risada fez pouco para me tranquilizar. — Querida menina, você realmente acha que eu admitiria tal conexão se estivesse

aliado a ela? Não não não. Eu conhecia Morgane antes dela...

mudar.

— Oh. — lá estava aquela palavra novamente. Isso me atormentou, cheio de dor não dita e verdades não reconhecidas. —

Sem ofensa, mas você dificilmente é o tipo da minha mãe.

Ele riu então, mais alto e mais genuíno do que antes. — As aparências enganam, criança.

Eu o encarei com um olhar penetrante e repeti minha pergunta anterior. Parecia importante agora. — O que você é, Claud?

Ele não hesitou. Seus olhos castanhos - calorosos, preocupados

- podem ter perfurado minha alma. — O que *você* é, Louise?

Eu encarei minhas mãos, deliberando. Já fui chamada de muitas coisas indelicadas em minha vida. A maioria não suportava repetir, mas um ficou comigo, deslizando sob minha pele e mofando minha carne. Ele

me chamou de mentiroso. Ele me chamou de...

— Uma cobra. — eu respondi, prendendo a respiração. — Eu suponho... Eu sou uma cobra. Uma mentirosa. Um enganadora.

Amaldiçoada a rastejar na minha barriga e comer restos todos os dias da minha vida.

— Ah. — para minha surpresa, o rosto de Claud não se contorceu de desgosto ou repulsa. Ele acenou com a cabeça em vez disso, um sorriso conhecido brincando em seus lábios. — Sim, eu concordaria com essa avaliação.

A humilhação abaixou minha cabeça. — Certo. Obrigado.

— Louise. — um único dedo levantou meu queixo, me forçando a olhar para ele. Aqueles olhos, antes quentes, agora brilhavam com intensidade, com convicção. — O que você é agora não é o que sempre foi, nem o que sempre será. Você é uma cobra. Troque sua pele se isso não lhe servir mais. Transforme-se em algo diferente.

Algo melhor.

Ele bateu no meu nariz antes de se levantar e me oferecer sua mão. — Tanto a bruxa de sangue quanto o lobisomem ficarão até depois do funeral. Cosette falou apaixonadamente com o primeiro em seu nome, e com o retorno de Reid, os últimos estão ansiosos para pagar sua dívida de sangue. No entanto, eu não esperaria um buquê de rosas de nenhuma das partes em um futuro previsível e,

bem, eu também evitaria La Ventre por toda a minha vida se eu fosse você.

Aceitei sua mão, levantando-me pesadamente. — Reid.

— Ah sim. Reid. Receio ter omitido o menor dos detalhes a respeito dele.

— O que? O que você fez...

Ele deu um beijo na minha testa. Embora o gesto devesse ter sido chocante em sua intimidade, parecia... reconfortante. Como um beijo que meu pai poderia ter dado se... bem, se as coisas tivessem sido diferentes. — Ele perguntou por você. Com bastante insistência, na verdade, mas nossa robusta Cosette insistiu que ele tomasse banho antes de vê-la. Ele estava coberto de vômito, e tudo mais.

— Vômito? — cada piscada rápida só aumentava minha confusão. — Mas...

A porta da escada se abriu e lá - preenchendo cada centímetro da moldura - estava Reid.

— Lou. — seu rosto se contraiu quando ele olhou para mim, e ele cruzou o telhado em duas passadas, me esmagando em seus braços. Enterrei meu rosto em seu casaco, novas lágrimas umedecendo o tecido, e o segurei mais firme ainda. Seu corpo tremia. — Eles a levaram, Lou. Eles levaram minha mãe, e ela não vai voltar.

The Funeral

Reid

As primeiras gotas de chuva sinalizaram o início do cortejo fúnebre.

As gotas picaram minha mão. Gelada. Afiada. Como pequenas facas. Lou abriu a janela do nosso quarto para observar enquanto a multidão aumentava. Um mar de preto. De lágrimas. Poucos se preocupavam com guarda-chuvas, mesmo quando a chuva caía mais forte. Mais rápida.

Policiais alinhavam-se na rua em uniformes sombrios, seus rostos e armas em punho. Chasseurs envoltos em preto estavam rígidos entre eles. Alguns eu reconheci. Outros eu não.

Em algum lugar lá embaixo, as Dames Blanches e Loup Garou esperavam por qualquer sinal de Morgane. Toulouse e Thierry não se juntaram a eles. Minha culpa. Meu próprio orgulho teimoso.

Deveraux, no entanto, insistiu em ajudar. Ele também insistiu para Lou e eu ficar fora de vista. Embora ele alegasse que nossa ausência poderia dissuadi-la de uma ação tola, eu sabia que não.

Ele nos deu privacidade - *me* deu privacidade - para assistir a procissão. Para... lamentar

— Com isso... — disse ele, com naturalidade. — Não podemos permitir que o rei ou os Chasseurs localizem você na multidão. O

caos se seguiria, e nossa querida senhora *prospera* no caos.

Na sala ao nosso lado, a água borbulhava pelos canos. Presumi que fosse para o banho de Coco. Como nós, Deveraux baniu ela, Beau e

Ansel para seus quartos, afirmando: — Seus rostos são conhecidos. — afinal de contas, parecia bobo, se esconder enquanto os outros se arriscavam. Isso não fazia parte do plano.

Eu não consegui protestar.

Ansel provavelmente estava assistindo a procissão de sua janela. Eu esperava que ele fizesse. Ele não era um Chasseur, mas poderia ter sido, uma vez. Ele pode ter aprendido a amar o arcebispo. Se não tiver amado... ele certamente o respeitava. O

temia.

Eu me perguntei se alguém lá embaixo realmente amava nosso patriarca.

Ele não tinha irmãos, nem pais. Nenhuma esposa. Pelo menos não no sentido legal. No bíblico, no entanto, ele tinha uma mulher que o enganou para levá-lo à cama, concebendo uma criança destinada a destruí-lo...

Não. Eu parei o pensamento antes que pudesse se formar.

Morgane era a culpada, sim, mas ele também. Ela não o forçou. Ele tomou uma decisão. Ele não era perfeito.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, Lou apertou minha mão. — Às vezes dói lembrar dos mortos como eles eram, em vez de quem queríamos que eles fossem.

Eu devolvi o aperto, mas não disse nada. Embora eu soubesse que ela ansiava por um banho - por uma muda de roupa - a banheira permaneceu vazia. A roupa limpa que Deveraux comprou para ela permaneceu dobrada na cama. Intocada. Em vez disso, ela ficou ao meu lado, comigo, olhando para a rua abaixo. Ouvindo a chuva, os cantos fracos da liturgia de Saint-Cécile. Esperando a procissão passar pelo East End para o cemitério mais além.

Eu não conseguia imaginar o que ela sentia. Ela também chorou por ele? Ela também sentiu a perda aguda de um pai?

Haverá um funeral?

Sim.

Mas... ele era meu pai. Lembrei-me de seus olhos arregalados no

Hollow. Sua hesitação. Sua culpa. Sim, ela sentiu algo. Não luto, exatamente, mas talvez... arrependimento.

Ele dormiu com La Dame des Sorcières. Uma bruxa.

Eu não poderia culpá-la. Eu não poderia odiá-la pelo que aconteceu. Eu fiz uma escolha, assim como o arcebispo. Lou pode ter mentido. Ela pode ter me enganado. Mas quando eu a segui até o Chateau, eu escolhi meu destino, e eu fiz isso com meus olhos

bem abertos. Eu escolhi esta vida. Esse amor. E com meus dedos tremendo nos dela, com seu coração batendo ao lado do meu, eu ainda escolheria isso.

Eu ainda escolheria ela.

O rei não pode honrá-lo.

Uma vez, eu teria concordado com ela. Um homem maculado pela bruxaria não merecia honra. Ele merecia apenas julgamento -

apenas ódio. Mas agora... agora cansei de odiar aquele homem. De me odiar. Esse ódio pode esmagar uma pessoa. Mesmo agora, pesava muito, uma pedra de moinho em volta do meu pescoço. Me estrangulando. Eu não consigo segurar por muito mais tempo. Eu não quero.

Talvez... talvez Lou estivesse certa. Talvez uma pequena parte de mim se *ressentisse* de sua magia. Minha magia. A pequena parte de mim ainda conectada ao homem lá embaixo. Depois de ver o que vi, seria fácil denegrir a magia. Eu não podia negar seus efeitos em Lou. E ainda... Lou provou várias vezes que ela não é má. Apesar dessas mudanças, apesar da dor entre nós, ela ainda estava aqui -

segurando minha mão, me confortando - enquanto eu chorava pelo pai que ela nunca conheceria.

O pai que eu tirei dela.

A magia é apenas uma parte dela.

É uma parte de mim.

E encontraríamos um caminho juntos.

As vozes do lado de fora ficaram mais altas, elevando-se sobre a multidão, e uma assembléia de clérigos dobrou nossa rua. Eles se

moviam lentamente, regiamente, e cantavam a Canção do Adeus, suas vestes sagradas ensopadas pela chuva. Atrás deles, um pequeno exército de Chasseurs cercou a carruagem real. Auguste e Oliana vestiram trajas de luto completos. Seus rostos solenes.

Falsos.

Aqui entre nós, estou feliz que você o matou.

Mais carruagens dobraram a esquina, trazendo com eles membros notáveis da aristocracia. No final da linha, a carruagem Tremblay apareceu. A tristeza no rosto de Pierre parecia genuína, pelo menos. Eu não conseguia ver nada além dele que Célie, mas suas lágrimas também pareciam genuínas. O arcebispo a adorava.

— Reid. — a voz de Lou baixou para um sussurro, e ela olhou para a última carruagem que apareceu na esquina. — É ele.

Feito do ouro mais brilhante até mesmo que a coroa do rei -

gravado com anjos e crânios e ossos cruzados, seu nome e reinado de serviço - o caixão do arcebispo permaneceu fechado. Claro que sim. Meu peito doeu. Ele estava irreconhecível, no final. Eu não queria imaginá-lo, não queria lembrar...

Minha mão escorregou e Morgane sibilou quando o sangue escorreu por sua garganta. A bruxa de ébano se aproximou. —

Deixe-a ir, ou ele morre.

— Manon — Lou implorou. — Não faça isso. Por favor...

— Fique quieta, Lou. — seus olhos brilhavam, maníacos e loucos - além da razão. O arcebispo continuou gritando. As veias sob sua pele escureceram, assim como suas unhas e língua. Eu olhei para ele horrorizado.

Não. Eu balancei minha cabeça, deixando cair a mão de Lou e cambaleando para trás. Ele já foi imortal aos meus olhos. Forte e inquebrável. Um deus em si mesmo.

— Eu sei que dói. — Lou sussurrou. — Mas você precisa ficar triste, Reid, ou nunca será capaz de deixá-lo ir. Você precisa *sentir*.

Com suas palavras, outra memória veio à tona, sem ser convidada:

O sangue escorre do meu nariz. O padre Thomas diz que sou uma criança odiosa por brigar com os ratos de rua locais. Eles ficam ressentidos por

minha situação na Igreja, pela comida quente em minha barriga e pela cama macia em meu quarto. O padre Thomas diz que fui encontrado no lixo. Ele diz que eu deveria ter sido um deles, deveria ter crescido em um casebre de pobreza e violência.

Mas eu não era, e a comida quente da Igreja me deixou alto e a cama macia da Igreja me deixou forte.

E eu os ensinei a atacar quando eu estava de costas.

— Volte aqui! — o padre Thomas me perseguia pela catedral com uma alavanca. Mas ele é velho e lento, e eu corro mais rápido,

rindo. Ele se dobra para recuperar o fôlego. — Menino mau, vou informar ao arcebispo desta vez, grave minhas palavras!

— Me informar de quê?

Essa voz me faz tropeçar, me faz cair. Quando eu olhei para cima, o arcebispo pairava sobre mim. Eu só o vi de longe. Do púlpito. Depois que os padres me obrigaram a lavar as mãos e o rosto. Depois que eles bateram nas minhas costas para que eu não pudesse me sentar durante a missa.

Eu sentei mesmo assim.

O padre Thomas se recompõe, luta para respirar. — O menino quase aleijou uma criança no East End esta manhã, Eminência.

— Fui provocado! — eu limpo o sangue do meu nariz, olhando para eles. Não tenho medo da chibatada. Eu não tenho medo de nada. — Ele e seus amigos me emboscaram.

O arcebispo levanta uma sobranceira diante da minha insolência. Ao meu desafio. — E você decidiu a punição deles?

— Eles mereceram o que receberam.

— De fato. — ele me circundava agora, me avaliando. Apesar da minha raiva, estou inquieto. Já ouvi falar de seus soldados. Seus caçadores. Talvez eu tenha crescido muito. Muito forte. — "Deixe a justiça fluir como um rio, e a justiça como um riacho que nunca falha."

Eu pisquei para ele. — O que?

— Qual é o seu nome, jovem?

— Reid Diggory.

Ele repetiu meu nome. Provando. — Você tem um futuro muito brilhante pela frente, Reid Diggory. — para o padre Thomas, ele acena bruscamente. — Depois de terminar com o menino, traga-o para o meu escritório. Começaremos seu treinamento imediatamente.

Na rua abaixo, Jean Luc marchou em meu lugar ao lado do caixão. Ao lado do arcebispo. Mesmo de longe - mesmo na chuva -

eu podia ver que seus olhos estavam vermelhos. Vazios. Lágrimas quentes escorreram pelo meu rosto. As limpei furiosamente. Antes, teríamos nos consolado. Nós teríamos chorado juntos. Mas não mais.

— *Novamente, Reid.*

A voz do arcebispo corta o barulho do pátio de treinamento.

Pego minha espada e encaro meu amigo. Jean Luc acena com a cabeça me encorajando. — Você pode fazer isso. — ele sussurra, levantando sua espada novamente. Mas eu não posso fazer isso.

Meu braço treme. Meus dedos doem. O sangue escorre de um corte no meu ombro.

Jean Luc é melhor do que eu.

Parte de mim se pergunta por que estamos aqui. Os iniciados ao nosso redor são mais velhos. Eles são homens e nós somos meninos. E adolescentes de quatorze anos não têm esperanças de se tornarem Chasseurs.

— *Mas você está ficando mais forte a cada dia. — dentro da minha cabeça, o arcebispo me lembra. — Canalize sua raiva. Afie.*

Afie essa raiva como uma arma.

Raiva. Sim. Jean Luc e eu estamos com muita raiva.

Esta manhã, Julien nos encurralou no refeitório. O capitão Aurand tinha saído com os outros. Nós estávamos sozinhos.

— *Eu não me importo se você é o animal de estimação do arcebispo. — disse ele, levando a lâmina à minha garganta. Embora ele seja vários anos mais velho que Jean Luc e eu, sua cabeça só roça meu queixo. — Quando o Chasseur Delcour se aposentar, a posição dele será minha. Nenhum menino lixo carregará uma Balisarda.*

Menino lixo. Esse é o meu nome neste lugar.

Jean Luc deu um soco no estômago dele e nós corremos.

Agora, eu giro minha lâmina contra Jean Luc, determinado. Eu não sou um menino lixo. Eu sou digno da atenção do Arcebispo. De seu amor. Eu sou digno dos Chasseurs. E vou mostrar a todos eles.

Mãos pequenas tocaram meu ombro, me colocando na cama.

Sentei sem pensar. Meus lábios tremeram, mas lutei ferozmente contra o desespero crescendo dentro de mim. A desesperança. Ele se foi. O arcebispo havia partido e nunca mais voltaria.

Eu o matei.

Os aplausos da multidão abafam o rugido de dor de Jean Luc.

Eu não parei. Eu não hesitei. Apesar do meu casaco muito pequeno, a bile na minha língua, eu ataco rápido e seguro, derrubando a espada de sua mão. Desarmando-o. — Renda-se. — eu digo, levantando minha bota em seu peito. A adrenalina me deixa turvo.

Como névoa em meus pensamentos.

Eu ganhei.

Jean Luc mostra os dentes, segurando a perna ferida. — Eu me rendo.

O capitão Aurand se coloca entre nós. Levanta meu braço. — O vencedor!

A multidão vai à loucura e Célie vibra com mais alto.

Eu acho que amo ela.

— Parabéns. — diz o arcebispo, entrando na arena. Ele me puxa para um abraço apertado. — Estou tão orgulhoso de você, meu filho.

Meu filho.

O orgulho em seus olhos faz minha própria picada e ferroadada.

Meu coração ameaça explodir. Eu não sou mais o menino lixo. Eu sou o filho do arcebispo - Chasseur Diggory - e eu pertencço. Eu o abraço com tanta força que ele engasga, rindo.

— Obrigado Pai.

Atrás de nós, Jean Luc cospe sangue.

— Eu matei meu pai. — eu sussurrei.

Lou acariciou minhas costas. — Eu sei.

O calor me lava enquanto seus lábios tocam os meus.

Lentamente, a princípio, é hesitante. Como se temesse minha reação. Mas ela não tem nada a temer de mim. — Célie. — eu respiro, olhando para ela maravilhado.

Ela sorri, e o mundo inteiro para com sua beleza. — Eu te amo, Reid.

Quando seus lábios descem mais uma vez, esqueço o banco neste confessionário escuro. Eu esqueço o santuário vazio. Só existe Célie. Célie, parada entre minhas pernas. Célie entrelaçando os dedos no meu cabelo. Célie...

A porta se abre e nos separamos.

— O que está acontecendo aqui? — o arcebispo pergunta, horrorizado.

Com um grito de horror, Célie cobre a boca e se abaixa sob o braço dele, fugindo para o santuário e desaparecendo de vista. O

arcebispo a observa ir embora incrédulo. Finalmente, ele se volta para mim. Examina meu cabelo despenteado. Minhas bochechas coradas. Meus lábios inchados.

Suspirando, ele estende a mão para me ajudar a levantar. —

Venha, Reid. Parece que temos muito o que discutir.

Ele foi o único homem que já cuidou de mim. As lágrimas caíram mais rápido agora, ensopando minha camisa. Minhas mãos. Minhas mãos feias e manchadas. Gentilmente, Lou colocou os braços em volta de mim.

O sangue do loup garou cobre a grama da clareira. Mancha as pétalas de flores silvestres, a margem do rio. Minha Balisarda.

Minhas mãos. Eu as esfrego na minha calça o mais discretamente possível, mas ele ainda vê. Ele se aproxima com cautela. Meus irmãos se separam por ele, curvando-se.

— Chorar por eles seria um desperdício de sua compaixão, filho.

Eu fico olhando para o cadáver aos meus pés. O corpo, uma vez lupino, voltou a ser humanóide após a morte. Seus olhos escuros fixam o céu de verão sem ver. — Ele tem a minha idade.

— Isso. — o arcebispo me corrige, a voz gentil. — Isso tinha a sua idade. Essas criaturas não são como você e eu.

Na manhã seguinte, ele pressiona uma medalha na minha palma. Embora o vermelho tenha desaparecido, o sangue permanece. — Você prestou um grande serviço ao reino. — diz ele.

— Capitão Diggory.

— Sinto muito, Reid. — apesar dos meus ombros trêmulos, Lou me segurou com força. Lágrimas escorreram por suas próprias bochechas. Eu a apertei contra mim, a respiração estremecendo -

cada suspiro dolorido, queimando - enquanto enterrei meu rosto na curva de seu pescoço. Quando eu finalmente, finalmente permiti que a dor vencesse. Para me consumir. Em grandes soluços, ela

explodiu - uma torrente de dor e amargura, de vergonha e arrependimento - e eu sufoquei, incapaz de conter sua ira. Incapaz de fazer qualquer coisa, exceto me agarrar a Lou. Minha amiga.

Meu abrigo. Meu lar. — Eu sinto muito.

Não hesitei. Eu não pensei. Movendo-me rapidamente, peguei uma segunda faca da bandoleira e passei por Morgane. Ela levantou as mãos - fogo chicoteando das pontas dos seus dedos -

mas eu não senti as chamas. A luz dourada envolveu minha pele, me protegendo. Mas meus pensamentos se dispersaram. Qualquer força que meu corpo reivindicou, minha mente agora havia perdido.

Eu tropecei, mas o cordão de ouro marcou meu caminho. Eu saltei sobre o altar atrás dele.

Os olhos do arcebispo se abriram quando ele percebeu minha intenção. Um pequeno ruído suplicante escapou dele, mas ele poderia fazer pouco mais que isso antes que eu caísse sobre ele.

Antes de eu levar minha faca para seu coração.

Os olhos do arcebispo ainda estavam arregalados - confusos - quando ele caiu nos meus braços.

— Eu fiz tudo por você também, Lou.

E com isso - enquanto seu caixão desaparecia de vista no além do cemitério, enquanto a multidão engolia minha última memória dele - eu deixei o arcebispo ir.

Something New

Lou

Eu não sabia quanto tempo se passou enquanto Reid e eu nos abraçávamos naquela cama. Embora meus membros doessem de ficar parado por tanto tempo - do frio que entrava na sala - não ousei me soltar. Ele precisava disso. Ele precisava de alguém que o amasse. Para confortá-lo. Para honrá-lo e mantê-lo. Eu teria rido da ironia da situação se não fosse tão dolorosa.

Quantas pessoas neste mundo realmente amaram Reid? Um menino perdido em uma lata de lixo que cresceu e se tornou um jovem endurecido de uniforme. Duas? Talvez três? Eu sabia que eu o amava. Eu sabia que Ansel também. Madame Labelle era sua mãe e Jean Luc se importou uma vez. Mas nosso amor era passageiro, considerando todas as coisas. Ansel só começou a amá-lo nos últimos meses. Madame Labelle o havia abandonado.

Jean Luc começou a se ressentir dele. E eu... Eu desisti dele na primeira oportunidade. Não, apesar de toda a sua hipocrisia e ódio, o arcebispo o amou mais e o amou por mais tempo. E eu sempre seria grata a ele por isso, por ele ter sido um pai para Reid quando ele não foi um para mim.

Mas agora ele estava morto.

Os ombros de Reid pararam de tremer quando o sol mergulhou abaixo do parapeito da janela - seus soluços gradualmente se acalmando - mas ele ainda não soltou seu aperto. — Ele teria me odiado. — ele finalmente disse. Mais lágrimas escorreram pelo meu ombro. — Se ele soubesse, teria me odiado.

Eu acariciei suas costas. — Não teria sido possível para ele odiar você, Reid. Ele te adorava.

Uma onda de silêncio passou.

— Ele odiava a si mesmo.

— Sim. — eu disse severamente. — Acho que sim.

— Eu não sou como ele, Lou. — ele se inclinou para trás para olhar para mim, embora seus braços não deixassem minha cintura.

Seu pobre rosto estava manchado de cor e seus olhos estavam quase inchados e fechados. Lágrimas agarraram-se a seus cílios.

Mas lá - por trás da tristeza - estava uma esperança tão viva e aguda que eu poderia ter cortado meu dedo nela. — Eu não me odeio. Eu também não te odeio.

Eu dei a ele um sorriso cauteloso, mas não disse nada.

Liberando minha cintura, ele levantou a mão para segurar meu queixo, roçando um polegar hesitante em meus lábios. — Você ainda não acredita em mim.

Eu abri minha boca para discutir, mas as palavras morreram na minha garganta quando ele ergueu a mão para a janela aberta. A temperatura havia caído com o sol e as gotas de chuva se solidificaram em flocos de neve. Eles entraram na sala com uma brisa suave. Com o incentivo de seus dedos, eles se transformaram em vagalumes.

Eu exaleei de alegria enquanto eles flutuavam em minha direção, enquanto pousavam no meu cabelo. — Como você...?

— Você mesma disse. — o brilho refletia em seus olhos. —

Magia não é boa nem má. Ela atende aqueles que o convocam.

Quando a vida é uma escolha entre lutar ou fugir - a cada momento, vida ou morte - tudo se torna uma arma. Não importa quem os detém. Ferimentos de armas. Eu vi isso. Eu experimentei em primeira mão.

Ele tocou o papel floral encardido nas paredes, e as flores explodiram para cima, *para fora*, até que ele estendeu a mão para arrancar uma, colocando-a atrás da minha orelha. O cheiro de jasmim de inverno encheu a sala. — Mas a vida é mais do que esses momentos, Lou. Somos mais do que esses momentos.

Um tremor em meus lábios me traiu. — Sinto muito, Reid. *Estou* fora de controle. Eu... eu coloquei fogo em Coco esta tarde.

Talvez... talvez você estivesse certo e eu não deva usar magia.

— Falei com Coco mais cedo. Ela me contou o que aconteceu.

Ela também disse que me deixaria sem sangue se eu julgasse você por isso. — ele tirou a neve do meu cabelo, engolindo em seco. —

Não que eu jamais faria. Lou... ambos cometemos erros. Você é uma bruxa. Eu não deveria ter ficado ressentido por você usar magia. Apenas... não deixe isso te levar a algum lugar que eu não possa seguir. — quando ele olhou pela janela, meu olhar o seguiu instintivamente e vi o que ele viu.

Um cemitério.

Ele balançou sua cabeça. — Aonde você vai, eu vou, lembra?

Você é tudo o que tenho agora. Eu não posso te perder também.

Eu me arrastei para seu colo. — O que eu sou, Reid? Diga isso de novo.

— Você é uma bruxa.

— E você o que é?

Ele não hesitou e meu coração inchou.

— Eu também.

— Apenas parcialmente certo, receio. — meu sorriso - agora genuíno - cresceu com sua confusão, e me inclinei para frente, esfregando meu nariz contra o dele. Ele fechou os olhos. —

Permita-me preencher as lacunas para você. — eu beijei seu nariz.

— Você é um caçador. — embora ele recuasse um pouco, eu não o deixei escapar, beijando sua bochecha. — Você é um filho. — eu beijei sua outra bochecha. — Você é um irmão. — sua testa agora.

— Você é um marido. — suas pálpebras e seu queixo. — Você é corajoso, forte e *bom*. — e finalmente, seus lábios. — Mas o mais importante, você é *amado*.

Uma nova lágrima escorreu por seu rosto. Eu a beijei também.

— Você também é hipócrita, teimoso e temperamental. — seus olhos se abriram e ele franziu a testa. Eu beijei seus lábios novamente. Suave e lento. — Sem mencionar rabugento, com um senso de humor de merda. — quando ele abriu a boca para discutir, falei sobre ele. — Mas, apesar de tudo isso, você não está sozinho, Reid. Você nunca

estará sozinho.

Ele me encarou por um longo momento.

E então ele estava me beijando.

— Eu também sinto muito. — ele respirou, as mãos segurando meu rosto enquanto ele me deitava na cama. Suavemente. Tão, tão gentilmente. Mas aquelas mãos queimaram enquanto desciam pela minha garganta, pelo meu peito. Queimou e tremeu. — Eu sinto muito...

Eu as peguei antes que elas alcançassem meu cinto. — Reid.

Reid, não precisamos fazer isso. Se for muito cedo...

— Por favor. — quando ele olhou para mim, o desejo em seus olhos fez minha respiração ficar presa na garganta. Eu nunca tinha visto nada tão bonito. — Não sou... nunca fui bom com as palavras.

Por favor. Deixe-me tocar em você. Deixe-me te *mostrar*.

Engolindo em seco, eu soltei suas mãos.

Lentamente - tão lentamente que eu queria gritar - ele deslizou a jaqueta de veludo dos meus ombros, tirando minha camisa subindo pelo meu torso, revelando a pele da minha barriga. Minhas costelas.

Meu peito. Quando eu levantei meus braços para ele continuar, no entanto, ele enrolou cuidadosamente a bainha sobre meus olhos e a deixou lá. Me cegando. Prendendo meus braços nas mangas.

Quando eu me contorci em protesto, ele espalmou a mão em meu quadril, me parando. Seus lábios se moveram levemente contra meu pescoço. — Você não confia em mim?

A palavra subiu aos meus lábios, sem ser convidada. — Sempre.

— Prove.

Parei de me esforçar abruptamente. Um arrepio percorreu todo o meu corpo, levantando os pelos dos meus braços, do meu pescoço, conforme me lembrava.

Faça o que eu digo.

— Abrace-me, Lou. — ele repetiu minhas próprias palavras de volta

para mim, arrastando beijos leves como plumas na minha garganta, pegando minha orelha gentilmente com os dentes. Eu suspirei. Embora seu corpo prendesse o meu no colchão, ele teve o cuidado de sustentar seu peso com os cotovelos. Eu gostaria que ele não fizesse. Eu queria senti-lo. Tudo dele. — Nos abraça.

Deixe-me mostrar o quão poderoso você pode ser. Minhas palavras odiosas pareciam ecoar ao nosso redor. *Deixe-me mostrar como você é fraco.*

— Você não precisa ter medo. — se possível, seu toque - seus lábios - ficou ainda mais suaves. Ele arrastou um dedo entre meus seios e um arrepio fresco explodiu em seu rastro. Eu estremeci, meus joelhos tremendo. — Deixe-me mostrar o quanto você significa para mim. Deixe-me mostrar o quanto *você* é amada. —

seus lábios seguiram sua mão, cada beijo reverente. Cada um, um voto. — Eu nunca vou tomar você como garantida. Eu vou querer você todos os dias pelo resto da minha vida, e vou te amar mesmo depois.

— Reid...

— Você quer me beijar? — seu dedo parou na minha cintura e eu balancei a cabeça, sem fôlego. Eu sabia as próximas palavras antes que ele as falasse. Eu me deleitei com elas. — Me mostre.

Em um movimento único e suave, ele puxou a camisa pela minha cabeça.

Eu estava sobre ele em um segundo. Ele caiu de costas com uma risada suave, que capturei em um beijo. Ele riu de novo com o meu entusiasmo, os braços apertando em volta de mim, antes de se erguer até os cotovelos para me ajudar a tirar sua camisa de suas calças. Eu tirei sobre sua cabeça e joguei no chão, o empurrei de volta contra a cama e montei em seu colo.

— Eu já te disse... — eu disse, curvando-me para sussurrar em seu ouvido. — Como você é lindo quando sorri?

Ele sorriu então, o tipo de sorriso que a covinha em sua bochecha colocou meu coração em chamas. — Me diga.

— Às vezes, quando olho para você, não consigo respirar. —

minha mão se moveu para seu cinto. — Eu não consigo pensar. Eu não

consigo funcionar até você olhar para trás. E quando você me dá esse sorriso... — eu esfreguei meu dedo contra sua covinha. —

É como um segredo só para nós dois. Acho que te amo muito mais quando você sorri para mim.

Ele riu em descrença com as palavras, mas o som se desvaneceu em nada enquanto olhamos um para o outro. Enquanto ele lentamente percebeu a verdade. E eles *eram* verdadeiros. Cada um dos sorrisos de Reid - tão raros, tão genuínos - são um presente para mim. Ele não sabia o quanto eu os estimava, como gostaria de

mantê-los no bolso para puxar quando ele se sentisse triste. Ele se sentia triste tantas vezes.

Depois que tudo isso acabasse, eu faria com que ele nunca mais se sentisse triste.

Ele passou os dedos pelas minhas costelas, demorando-se na minha cintura. — Eu quero saber todos os seus segredos.

— Meus segredos são feios, Reid.

— Não para mim. — ele engoliu em seco quando coloquei minha mão sob seu cinto. Ainda mais baixo. — Eu quis aquilo que eu disse depois em Modraniht. Eu nunca conheci ninguém como você. Você me faz sentir vivo, e eu só... — ele engasgou com o meu toque. —

Eu quero compartilhar tudo com você.

Pressionei meus dedos livres em seus lábios. — E você vai.

Eu o soltei apenas para passar sua calça em seus quadris, coxas, tornozelos, arrastando beijos por cada centímetro de pele pálida que eu revelei. Ele estremeceu debaixo de mim, mas ficou parado... até que o coloquei na boca. Seus quadris se arquearam involuntariamente então, e ele se endireitou. — Lou...

Coloquei a mão em seu peito para imobilizá-lo. — Você quer que eu pare?

Ele gemeu, caindo para trás e cerrando os olhos. — Não.

— Então abra os olhos. Não se esconda de mim.

Embora parecesse ter dificuldade em respirar, ele fez o que pedi.

Lentamente, seus olhos tremulando abrindo e fechando, ele se arqueou em mim. Cada músculo de seu corpo ficou tenso. Ele arqueou de novo. Um fino brilho de suor revestiu sua pele. De novo.

Sua garganta funcionou e sua boca se abriu. De novo e de novo e de novo. Ele cerrou os punhos nos lençóis e jogou a cabeça para trás, respirando com dificuldade, o corpo à beira de perder o controle...

Pulando para frente de repente, ele puxou minha calça, e eu torci para obedecer, ajudando-o a arrastá-la pelas minhas pernas.

Quando ela prendeu em meus sapatos, ele fez um som baixo e impaciente, e meu estômago deu um nó de antecipação. Eu tirei cada bota apressadamente, ignorando as notas que caíram no chão. Ignorando tudo, exceto seu corpo duro no meu. Quando caímos de volta na cama, emaranhados de todas as maneiras

possíveis, eu me agarrei a ele, deleitando-me com a maneira como ele se movia, com a maneira como seus quadris se encaixavam entre as minhas pernas e suas mãos apoiadas na cabeceira da cama. No calor de sua pele. De seu olhar.

Ele não se escondeu de mim.

Cada emoção jogou em seus olhos, desinibida, e eu consumi todas, beijando cada parte de seu rosto úmido entre respirações, entre suspiros. Desejo. Alegria. Maravilha. Ele se moveu mais rápido, determinado - perseguindo cada emoção crua conforme ela vinha - e eu o segui, cravando os dedos nos músculos rígidos de suas costas. Embora estivesse desesperada para fechar os olhos -

para me deleitar com a sensação - não conseguia parar de olhar para ele. Ele não conseguia parar de olhar para mim. Presos nos olhos um do outro, impotentes demais para nos parar, nós nos construímos e construímos até que nos estilháçamos, nos mostrando um ao outro finalmente.

Não apenas nossos corpos.

Nossas almas.

E naquele momento em que nos separamos... nos reunimos novamente como algo novo.

Parte III

Qui vivra verra.

Quem vive, verá.

—French proverb

The Last Note

Lou

Desci as escadas naquela noite me sentindo mais leve do que me sentia em semanas - e talvez um pouco boba. Coco havia batido em nossa porta há apenas alguns momentos para nos dizer que não havia sinal de Morgane durante a procissão. Nem um único avistamento. Nem mesmo uma pitada de magia na brisa. Parecia que depois de tudo - depois de sofrer em campos de sangue e pântanos frios, Les Dents e La Ventre - tínhamos vindo aqui para nada. Eu não poderia dizer que fiquei exatamente *desapontada* por ela não ter causado estragos e caos. Na verdade, sua inação tinha feito minha noite. Suas notas queimaram minha bota, mas eu as ignorei, beliscando as costas de Reid quando entramos no bar.

Embora eu soubesse que ele ainda sofria - como faria pelo resto de sua vida - ele me lançou um sorriso indulgente e ligeiramente exasperado antes de colocar o braço em volta do meu pescoço e beijar minha têmpora. — Insaciável como sempre, *mademoiselle*.

— É Madame Diggory para você.

Sua mão livre deslizou para o bolso. — Sobre isso. Eu acho que devemos...

— Finalmente! — em uma mesa perto da escada, Claud aplaudiu quando chegamos. A luz fraca das velas não conseguiu esconder a impaciência nos rostos de La Voisin e Blaise. Ambos se sentaram com seus respectivos grupos tão longe um do outro quanto a pequena sala permitia. Coco, Ansel, Toulouse e Thierry agiam como um amortecedor entre eles - assim como Zenna e Seraphine. Elas vestiam trajes brilhantes, em desacordo com as

roupas de viagem dos outros. — Os pombinhos voaram. Que maravilhoso, que *esplêndido*...

— Onde está o Beau? — eu interrompi, examinando a sala novamente.

— Ele saiu por um momento. — a expressão de Coco ficou sombria. —

Ele disse que precisava de ar.

Eu fiz uma careta, mas Reid balançou a cabeça e murmurou: —

Eu explicarei mais tarde.

— Você mentiu para nós. — La Voisin não levantou a voz, apesar da fúria em seus olhos. Parecia que ela ainda não tinha me perdoado por causa de Coco. — Você disse que Morgane atacaria hoje. Eu trouxe meu povo aqui para reivindicar vingança, mas tudo o que recebemos foi... — Seus olhos se voltaram para Blaise. —

Desrespeito e decepção.

Corri para corrigi-la. — Nós não mentimos. Dissemos que *pensávamos* que Morgane atacaria hoje...

— Nós também fomos desrespeitados. — Blaise se levantou, e Liana e Terrance o seguiu. — Embora nossa dívida continue não paga, vamos deixar este lugar. Nada mais pode ser feito.

Quando ambas as partes olharam para nós com expectativa, Reid e eu trocamos um olhar sub-reptício.

O que fazemos agora? seus olhos pareciam perguntar.

O inferno se eu sei, o meu respondeu.

Antes que qualquer um de nós pudesse resmungar um apelo, Coco falou. Abençoada. — Claramente, interpretamos mal as notas, mas isso não significa que nossa janela de oportunidade tenha passado. Manon está na cidade, o que significa que Morgane provavelmente também está. Talvez não devêssemos ter escondido Lou e Reid. Talvez pudéssemos usá-los para atraí-la...

— Não não. — Deveraux balançou a cabeça com veemência.

Esta noite, suas roupas eram estranhamente simples em preto da cabeça aos pés. Até a tinta em suas unhas e o kohl ao redor dos olhos combinavam. Seus lábios, no entanto, ele pintou com ruge vermelho-sangue. — Nunca é uma boa ideia brincar de gato e rato com Morgane. Ela nunca é o rato. Inerentemente felina, aquele...

Os olhos de Coco se estreitaram. — Então o que você sugere?

— Eu sugiro... — ele puxou uma máscara branca de sua capa e amarrou em volta do rosto. — Que todos vocês respirem e assistam à

nossa apresentação esta noite. Sim, até você, Josephine. Um pouco de leviandade em La Mascarade de Crânes pode fazer maravilhas para essas rugas entre as sobrancelhas.

Eu congelei, olhando para ele.

Sua máscara tinha o formato de uma caveira.

Embora Claud continuasse a tagarelar sobre Dame Fortune, encantado quando La Voisin retrucou, Reid não perdeu a mudança abrupta em minha atitude. — O que é isso? — ele perguntou. Com dedos frios, enfiei a mão na bota e seu sorriso vacilou. — O que é que você...?

Sem dizer uma palavra, entreguei a ele os pedaços de papel que substituí apressadamente depois do meu banho esta noite. Ele os aceitou com uma carranca. Observei seus lábios moldarem as palavras para si mesmo.

Linda porcelana, linda boneca, com cabelos negros como a noite,

Ela chora sozinha dentro de sua mortalha, suas lágrimas tão verdes e brilhantes.

Linda porcelana, linda boneca, esquecida e sozinha, Presa em um túmulo espelhado, ela usa uma máscara de osso.

— Eu não entendo. — os olhos de Reid dispararam para os meus, procurando, quando Claud finalmente parou de falar.

Enquanto ele se levantava para ler as linhas por cima do ombro de Reid. — Ainda não sabemos o que isso significa...

— Máscara de osso. — eu sussurrei. — La Mascarade de Crânes. Não pode ser coincidência.

— O *que* não pode ser uma coincidência? — ele pegou meu rosto em suas mãos. Os papéis caíram no chão sujo. — Estes são apenas pedaços de jargão, Lou. Viemos ao funeral do arcebispo.

Ela não estava...

— Oh céus. — os olhos de Claud se arregalaram quando ele se curvou para recuperá-los, finalmente avistando as palavras ameaçadoras. — Felina, de fato.

Reid se virou para encará-lo, mas uma batida soou na porta de Léviathan. Franzindo a testa, cruzei a sala para abri-la, mas Reid me

parou com uma mão no meu braço. Endireitando o casaco, Claud abriu a porta. Uma menina pequena e desconhecida apareceu na soleira. — Para você, *mademoiselle*. — ela disse, colocando um terceiro pedaço de papel na minha palma antes de sair correndo. Eu o desdobrei com cautela, o pavor invadindo meu estômago.

Linda porcelana, linda boneca, seu lindo relógio vai começar.

Venha resgatá-la à meia-noite, ou comerei seu coração.

Todo meu amor,

Maman

Com dedos trêmulos, mostrei a nota para Reid. Ele leu rapidamente, o rosto empalidecendo, antes de correr atrás da garota. Blaise o seguiu com um rosnado.

— Oh céus. — Claud disse novamente, pegando o bilhete de mim. Ele balançou a cabeça, lendo uma, duas, três vezes. — Oh céus, oh céus, oh céus. Quem é essa pobre alma Essa... essa boneca de porcelana?

Eu o encarei com um horror crescente.

Sim. Interpretamos mal as notas.

Confundindo meu silêncio, ele deu um tapinha no meu ombro consoladoramente. — Não se preocupe, querida. Devemos resolver este mistério. Agora, parece-me que as maiores pistas para descobrir sua identidade estão nesta primeira nota...

— O que está acontecendo? — Coco se juntou a nós agora, Ansel seguindo seus calcanhares. Ela arrancou a nota de Claud, passando os olhos pelas palavras antes de passá-la para Liana, que por sua vez a entregou a Terrance. La Voisin estava atrás deles, observando com uma expressão inescrutável. Nicholina, como sempre, sorriu.

— Talvez sua pele possa ser descrita como porcelana? — Claud meditou, acariciando sua barba. — Suas feições de boneca? O

cabelo preto é bastante claro, mas o...

— Lágrimas verdes? — Terrance zombou. — Ninguém tem lágrimas verdes.

— É simbólico. — disse Ismay, revirando os olhos. — Verde é uma metáfora para a inveja.

Ah não.

Peguei o bilhete dela, relendo as linhas e pensando muito -
rezando, *rezando* para estar errado. Mas não. Estava tudo aqui.

Pele de porcelana. Cabelo preto. Lágrimas de inveja. Esquecida,
sozinha... até a maldita *palheta* se encaixa. Como podemos ter perdido
isso? Como pudemos ser tão *estúpidos*?

Mas essa última linha... comendo seu *coração*...

Me sentindo mal, olhei para La Voisin e Nicholina, mas Reid logo
emergiu ao meu lado - com o rosto vermelho e ofegante - e dispersou
minha linha de pensamento. — Ela se foi. Ela simplesmente...
desapareceu.

— Claro que sim. — Coco murmurou amargamente. — Morgane não
gostaria que ela ficasse e brincasse.

— Quem foi levado? — Blaise perguntou, a voz profunda e insistente.
— Quem é a garota?

Uma comoção soou na porta e Jean Luc entrou, segurando Beau pelo
colarinho. Os olhos do primeiro estavam selvagens, enlouquecidos,
quando encontraram os meus. Quando encontrou dos de Reid. Ele
empurrou Beau em nossa direção com determinação obstinada, sem se
importar com os gritos indignados dos clientes. — Reid! Onde ela
está? *Onde?*

*Quando ela ouviu o que ele tinha feito, quase se matou. Ela está reclusa há
semanas - semanas - e tudo por causa de alguma emoção deslocada por
ele.*

Com os lábios dormentes, amassei a nota em meu punho, respirando
fundo e me preparando para a dor que viria - para as emoções que eu
veria na expressão estranhamente aberta de Reid, naqueles olhos
recém-vulneráveis. Eu poderia ter me chutado. Eu o encorajei a parar
de se esconder, a *sentir*. E agora que ele fez. E

agora eu não queria ver.

E minha mãe sabia exatamente como brincar conosco.

Eu me virei para ele de qualquer maneira. — É Célie, Reid. Ela levou
Célie.

Lou

Até o dia da minha morte, eu nunca esquecerei a expressão no rosto de Reid.

A descrença.

O horror.

A raiva.

E naquele momento, eu sabia - no fundo dos meus ossos - que salvaria a vida de Célie ou morreria tentando.

Nossa tripulação heterogênea olhou para frente e para trás entre onde eu andava na janela e Reid estava na porta. Sem se importar com as cadeiras, Claud se jogou no chão perto do bar, cruzando as pernas como se pretendesse ficar um pouco. Mas não tínhamos tempo. Nosso relógio já havia começado. *Venha resgatá-la à meia-noite, ou comerei seu coração.*

Reid olhou para suas mãos, paralisado e imóvel.

— Ela está tentando atrair você para fora. — Beau insistiu. —

Não deixe ela fazer isso.

— Ela vai matar Célie. — Jean Luc rosnou, ainda segurando as notas que eu entreguei a ele. Quando Monsieur Tremblay finalmente revelou que as *semanas de reclusão* de Célie não tinham sido reclusão, mas abdução, Jean Luc vasculhou cada centímetro do East End para nos encontrar depois do funeral. Na verdade, foi uma feliz coincidência que Beau tivesse saído esta noite, ou Jean Luc nunca poderia ter nos encontrado. Que tragédia teria sido. — Temos que resgatá-la.

— *Você não fala.* — os olhos de La Voisin continham uma promessa cruel. — Não se engane, caçador. Seu bastão sagrado não vai me impedir de cortar sua língua.

— *Qual é o gosto dele, o gosto dele, o gosto dele?* — Nicholina avançou, lambendo os lábios. — *Vamos arrancar seu rosto, seu rosto, seu rosto.*

Blaise rosnou baixo em concordância.

Claud persuadir o gerente a deixar seus quartos para bruxas e

lobisomens não foi nada. Claud persuadir as bruxas de sangue e lobisomens a não rasgarem um caçador membro por membro, no entanto, estava sendo mais difícil. Jean Luc não parecia perceber a precariedade de sua situação - especialmente porque seu *bastão sagrado* permanecia escondido na bandoleira de Reid. Para crédito de Reid, ele não revelou o segredo de seu velho amigo. Se as bruxas de sangue suspeitassem de Jean Luc indefeso, elas não hesitariam em atacar.

Terrance sabia, no entanto. Seus lábios se curvaram em antecipação enquanto ele olhava entre Reid e Jean Luc.

— E onde ela *está*, exatamente? — Coco caminhou de volta para sua família, ficando entre La Voisin e Nicholina. — Você conseguiu adivinhar a localização dela pelos enigmas de Morgane?

Jean Luc apontou para os papéis amarrotados. — Ela está... ela está nos túneis. Nesta Máscara de Caveira.

— Os túneis são vastos, capitão. — Claud revirou uma carta de tarô em seus dedos repetidamente. Aos meus olhares repetidos, ele estendeu para mim. Não era uma carta de tarô de forma alguma.

Após uma inspeção mais perto, esta carta era carmesim, não preta, e pintada com uma caveira maliciosa. Letras douradas que diziam *Nous Tombons Tous* se curvavam na forma de sua boca e dentes.

No topo, *Claud Deveraux e sua Troupe de Fortune* foram marcados com uma caligrafia meticulosa. Um convite. Eu o devolvi com uma sensação sinistra. — Eles atravessam a cidade inteira. — continuou Claud. — Nossa busca passará muito depois da meia-noite, sem uma direção adequada.

— Ela nos deu uma direção. — Zenna apontou. — *Ela chora sozinha dentro de sua mortalha e presa em um túmulo espelhado*, não poderia ser mais óbvio. Ela está nas catacumbas.

As catacumbas. Merda.

— Ela não *nos* deu nada. — disse Claud bruscamente. Quando os olhos de Zenna brilharam, sua voz suavizou. — Infelizmente, devemos cancelar nosso desempenho, *mes chers*. O mundo abaixo não está seguro esta noite. Temo que você deva retornar a seus aposentos, onde poderá escapar da atenção de Morgane. Toulouse e Thierry irão acompanhá-la até lá.

Os olhos de Zenna brilharam. — A bruxa não me assusta.

O rosto de Claud ficou sério. — Ela deveria. — para Seraphine, ele acrescentou: — Talvez você pudesse... ruminar sobre a situação.

Ela agarrou a cruz na garganta, olhando para ele com os olhos arregalados.

Mais uma vez, me virei para Reid, mas ele permaneceu como se fosse esculpido em pedra. Uma estátua. Suspirei. — As catacumbas ainda levarão várias horas para serem achadas. Alguém sabe as horas?

Deveraux puxou seu relógio de bolso - uma engenhoca dourada boba. — Quase nove horas da noite.

— Três horas. — eu balancei a cabeça para mim mesma, tentando infundir otimismo em minhas palavras. — Podemos encontrá-la em três horas.

— Talvez eu possa conseguir para você uma ou duas horas extras. — Claud ofereceu. — Se eu encontrar Morgane antes de encontrarmos esta Célie. Temos muito que debater, La Dame des Sorcières e eu. — ele ficou de pé, abruptamente relaxado mais uma vez - como se discutíssemos o clima e não sequestro e assassinato.

— A hora passa rápido, Monsieur Diggory. É claro que ninguém deseja prosseguir sem a sua bênção. Uma decisão deve ser tomada. Ignoraremos a ameaça de La Dame des Sorcières ou nos aventuraremos em La Mascarade de Crânes para resgatar sua bela senhora? Todos os caminhos envolvem riscos consideráveis para aqueles que você ama.

Sua bela senhora. Eu não pude evitar uma careta. *Aqueles que você ama.*

Os olhos de Reid se fixaram nos meus, sem perder o movimento. Nem Jean Luc. Ele chegou mais perto de Reid, sem

vontade ou incapaz de esconder seu desespero. — Reid. — ele tocou o peito de Reid, batendo insistentemente. — Reid, aquela é Célie. Você não vai deixá-la nas mãos daquela louca, vai?

Se Reid se perguntou sobre o súbito interesse de Jean Luc por Célie, ele não demonstrou. Talvez ele soubesse. Talvez ele soubesse o tempo todo. Ele não quebrou o contato visual comigo.

— Não.

— Graças a Deus. — Jean Luc se permitiu um breve segundo de alívio antes de assentir. — Não temos tempo a perder. Vamos lá...

Reid contornou ele para me encarar. Obriguei-me a retornar o olhar dele, sabendo suas próximas palavras antes mesmo que ele abrisse a boca. — Lou, eu... Eu não acho que você deveria vir. Isso é uma armadilha.

— Claro que é uma armadilha. Sempre foi uma armadilha. — Por fim, La Voisin quebrou seu silêncio. — Se você precisa de garantias sobre a segurança dela, caçador, eu posso providenciar. — se Nicholina tivesse sido capaz, ela poderia ter pulado na ponta dos pés. Do jeito que estava, ela deu uma risadinha infantil. — Um pouco do sangue de Louise vai me mostrar o futuro dela. — ela estendeu a mão para mim com uma expressão inescrutável. — Se ela ousar.

Os lobisomens olharam inquietos, mudando os pés. Embora eles permanecessem em suas formas humanas, suas unhas se afiaram em meio ao pânico. Uma reação instintiva, presumi.

— Não. — Coco deu um tapa na mão de sua tia - deu um *tapa* -

e deu um passo à frente dela. — Se *alguém* vai provar o sangue de Lou, serei eu.

Os lábios de La Voisin se curvaram. — Você não tem minha habilidade com adivinhação, sobrinha.

— Eu não me importo. — Coco endireitou os ombros antes de me pedir permissão silenciosa com os olhos. Se eu dissesse não, ela não perguntaria de novo. Ela também não deixaria os outros perguntarem. Ela aceitaria minha decisão e encontraríamos outro caminho a seguir. — Sou eu ou ninguém.

Inexplicavelmente nervosa, coloquei minha mão na dela. Eu não temia Coco. Ela não abusaria do meu sangue em seu sistema. Ela não tentaria me controlar. Não, eu temia o que ela pudesse ver.

Quando ela levou meu dedo à boca, as bruxas do sangue - até mesmo os lobisomens - pareceram se aproximar em resposta. Em antecipação. Reid agarrou meu pulso. — Você não precisa fazer isso — pânico envolveu sua voz. — O que quer que isso for.

Eu dei um sorriso severo. — É melhor saber, não é?

— Raramente. — advertiu Claud.

— Apenas faça. — eu disse.

Sem outra palavra, Coco perfurou a ponta do meu dedo com o incisivo, puxando uma única gota de sangue para a boca. Não me virei para ver as reações dos outros, em vez disso observei enquanto Coco fechava os olhos em concentração. Após vários segundos tensos,

sussurrei: — Coco?

Seus olhos se abriram, rolando para a parte de trás de sua cabeça. Embora eu a tivesse visto vasculhar o futuro inúmeras vezes antes, eu ainda tremia com a forma como aqueles olhos brancos e cegos estudavam meu rosto. Pelo menos eu estava preparado para isso. Os outros ofegaram audivelmente - alguns xingando, alguns vomitando - Ansel disparou para frente. Suas mãos tremendo ao redor dela, impotentes, como se ele não tivesse certeza se poderia tocá-la ou não. — O que está acontecendo? O

que há de errado?

— Cale a boca e ela vai nos contar. — disse Beau, observando-a com atenção extasiada.

— Lou... — Reid se aproximou mais, sua mão deslizando na minha. — O que é isso?

— Ela está bem. — eu olhei de volta para os lobisomens, que -

parados na taverna de uma pousada suja, assistindo uma bruxa adivinhar o futuro - pareciam estar questionando suas escolhas de vida. O rosto de Jean Luc se contorcia de desgosto. — Apenas dê a ela um momento.

Quando Coco tocou minha bochecha, todos respiraram coletivamente. — Eu vejo a morte. — ela disse, a voz profunda e estranha.

Uma onda se passou enquanto todos nós a encarávamos.

— Eu vejo a morte. — ela repetiu, inclinando a cabeça. — Mas não a sua. — Reid exalou em um suspiro de alívio. O movimento atraiu Coco. Seu olhar misterioso passou rapidamente entre nós,

através de nós. Meu peito apertou com aquele olhar. Isso não acabou. Isso não era bom, e Reid não parecia entender...

— Ao bater da meia-noite, um homem próximo ao seu coração morrerá.

Minha mão escorregou da de Reid.

— O que? — Ansel sussurrou, horrorizado.

— Quem? — passando por nós, Beau agarrou o ombro de Coco com uma urgência repentina. — Que homem?

— Não consigo ver o rosto dele.

— Droga, Coco...

— Deixe ela ir. — com os lábios entorpecidos, forcei as palavras a saírem, lembrando-me de sua explicação de muito tempo atrás.

Antes do roubo. Antes de Reid. Antes de tudo. — Tudo o que ela pode ver é o que meu sangue mostra a ela.

Beau tropeçou para trás, cabisbaixo, antes de se virar para olhar para Reid. — Não sabemos que se é você. Pode ser Ansel ou Deveraux ou... ou aquele sujeito Bas. Ou o coração pode ser simbólico. — ele acrescentou rapidamente, balançando a cabeça. —

Você é o coração dela. Talvez... talvez possa significar um homem próximo a você como... como Jean Luc ou nosso pai, ou...

— Ou você. — Reid admitiu calmamente.

Beau se virou para me encarar. — Há algum outro ex-namorado que...

— Beau. — eu balancei minha cabeça e ele parou, olhando para suas botas. Eu engoli em seco. Minha garganta doeu com a emoção não derramada, mas apenas um tolo choraria sobre o que ainda não havia acontecido - o que *não iria* acontecer. Uma vozinha na minha cabeça avisou que não era sábio cutucar o nariz do destino, então mostrei o dedo a ela. Porque eu não vou permitir isso. Eu não vou aceitar.

— Você pode ver mais alguma coisa, Cosette? — mais de uma cabeça se virou ao ouvir a voz fria e imparcial de La Voisin. Ela examinou Coco desapassionadamente. — Aterre-se na visão. Toque nela. Experimente ela. Aprimore seu foco da maneira que puder.

Mas a mão de Coco simplesmente caiu da minha bochecha.

Suas pálpebras se fecharam. — Você vai perder quem você ama.

Silêncio absoluto caiu enquanto Coco gradualmente voltava a si mesma.

Embora Beau tenha abaixado a cabeça em derrota, Reid me virou para enfrentá-lo com mãos gentis. — Você está... bem? Lou?

Você vai perder quem você ama.

Eu acho que isso esclareceu bem.

— Claro. Por que eu não estaria? — diante de seu olhar preocupado, eu disse: — Oh, não vou perder você tão cedo. As visões de Coco são mutáveis, subjetivas ao caminho atual do usuário. Entende?

— Eu... — ele olhou para Coco, cujos olhos se aguçaram ao voltar ao normal. Ansel a manteve firme. — Não, eu não.

— É simples, realmente. Se eu continuar no caminho como planejado, você morrerá, mas se eu mudar meu caminho, você viverá. O que significa que você não vem comigo.

Reid me lançou um olhar plano e incrédulo, enquanto Deveraux inclinou a cabeça. — Não tenho certeza se a lógica funciona, minha querida. Ele pode morrer nesta pousada com a mesma facilidade com que pode nos túneis.

— Sim, mas Morgane está lá embaixo. — Beau insistiu. Nossos olhos travaram em compreensão. — Pelo menos ele tem uma chance aqui.

Fiquei olhando para a porta do depósito, incapaz de encontrar os olhos de alguém.

Blaise balançou a cabeça. — Não podemos permitir que Reid se esconda aqui em cima. Precisamos de números nesta batalha.

Força.

— Você tem uma *dívida de vida* com ele. — disse Beau, atipicamente enfático. — Como você pode cumprir se ele morrer?

— Ela disse que *alguém* iria morrer. — Liana cruzou os braços, lançando um olhar sem remorso em minha direção. — Você estava certo. Não sabemos se será Reid.

Beau jogou as mãos para o alto. — Exceto que Coco veio com -

e eu cito - *Você vai perder quem você ama*. Como diabos devemos interpretar isso? Morgane disse a ela uma vez que ela arrancaria o coração dele. Como sabemos que não vai acontecer esta noite?

Coco apertou a mandíbula e exalou com força pelo nariz. — Nós não sabemos. Não sabemos o que vai acontecer nesses túneis.

Mas sei que minhas visões raramente são o que parecem. Eu também tive uma antes de roubarmos Tremblay. Eu pensei que significava algo sinistro, mas o Anel da Angélica acabou salvando o traseiro de Lou...

Jean Luc parecia prestes a morrer de apoplexia ali mesmo. —

Eu não me importo com anéis e visões de sangue. Célie está lá agora - presa em uma *cripta* - e estamos perdendo tempo.

— Você *não fala*. . — La Voisin sibilou.

— Ele está certo. — Reid disse secamente. — Eu vou entrar nesses túneis. Quanto mais pessoas procurar, mais rápido a encontraremos. — embora ele tenha me dado um olhar superficial, lábios franzidos com remorso genuíno, sua voz não reservou nenhum argumento. Com o coração batendo forte, ainda entorpecido, me senti assentir.

Beau afundou na cadeira, derrotado e praguejou amargamente.

— As criptas são quase tão extensas quanto os túneis, e são assustadoras pra caralho, caso você esteja se perguntando.

Reid acenou com a cabeça. — Vamos nos dividir em grupos para cobrir mais espaços. — com uma mudança sutil na postura, ele mudou perfeitamente para o capitão mais uma vez. Jean Luc nem rangeu os dentes. — Josephine, divida sua família em grupos de três. Você pode procurar nas criptas do norte e do leste. Blaise, você e seus filhos podem tomar o sul. Deveraux e sua trupe podem fazer a Máscara de Caveira.

Ansel deu um passo à frente hesitantemente. — E quanto a mim? Para onde devo ir?

— Eu preciso que você fique aqui, Ansel. Os clientes de La Mascarade de Crânes não saberão do perigo que os espera. Se alguém entrar em Léviathan buscando essa entrada pelos túneis, avise-os.

Era uma desculpa velada, e Ansel sabia disso. Seu rosto caiu.

Não haveria clientes em Léviathan esta noite. Claud tinha garantido isso. Embora Reid suspirou, ele continuou, sem se abalar. — Coco e eu vamos pegar as criptas ocidentais...

Sua voz se tornou um ruído de fundo quando Nicholina chamou minha atenção por trás dele. Ela olhou incisivamente para a porta do depósito. Pela primeira vez, ela não estava sorrindo. Eu a encarei.

Ela não poderia estar me ajudando. Ela não poderia se importar...

Logo iremos provar os ruídos em sua língua, oh sim, cada gemido, suspiro e

grunhido.

Uma dor aguda atingiu meu peito.

Talvez ela não quisesse que Reid morresse também.

Eu não parei para considerar seus propósitos nefastos para querê-lo vivo. Quando ela deslizou em direção a ele, sem peso, eu me mexi sutilmente, abrindo espaço para ela ao lado dele. Ela aproveitou ao máximo, envolvendo-se em seu peito. — Você deseja morrer, Monsieur Diggory? — ele me lançou um olhar ansioso, mas eu dei de ombros, adotando minha melhor expressão perplexa. — *A morte chega rapidamente nesta noite.* — ela cantou docemente. —

Não vestida de preto, mas de um branco assustador.

Eu dei passo para trás.

Coco fez uma careta. — Saia de cima dele, Nicholina.

— *Ela é sua noiva, sua bela donzela, que se deleita com a carne e o desespero.*

— Apenas ignore ela. — disse Beau, revirando os olhos.

— Eu estou.

A madeira da porta do depósito tocou meus dedos enquanto ele tentava afastá-la. Suas mãos não conseguiam se conectar, no entanto, como se a forma dela consistisse em mais vapor do que carne. Agarrou-se a ele como névoa.

— *Enquanto ela come, seu noivo geme, vem para juntar pele e ossos...*

Eu virei a maçaneta. Reid lutou impotentemente enquanto Nicholina trouxe seus lábios em direção aos dele.

Engolindo a bile, hesitei, mas La Voisin deslizou para o lugar diante da porta, bloqueando-me da visão dos outros. Ela não olhou para mim. A leve inclinação de seu queixo era minha única indicação de que ela tinha me visto.

Com um último olhar demorado para as costas de Reid - a largura de seus ombros, as ondas de cobre em seu pescoço - eu deslizei pela porta e sumi de vista. Essa era a única maneira.

Embora eles tenham deliberado, a visão de Coco tinha sido clara: *você*

vai perder quem você ama. Eu deixei as palavras fluírem através de mim, fortalecendo minha determinação, enquanto eu olhava ao redor do depósito, procurando pela entrada do túnel.

Uma espessa camada de poeira cobria as prateleiras apodrecidas, as garrafas de âmbar e os barris de carvalho. Pisei com cuidado sobre os cacos de vidro estilhaçados, minha bota grudando no chão pegajoso ao redor deles. Uma única lanterna banhava tudo em uma luz bruxuleante e assustadora. Mas, *Lá Rolei* um barril de uísque para longe do canto mais escuro, revelando um alçapão. Suas dobradiças não fizeram barulho quando a abri. Eles estavam bem lubrificados, então. Bastante usado. Abaixo do alçapão, uma escada estreita desaparecia na escuridão total e absoluta. Eu olhei para ela com cautela. As únicas coisas que faltavam eram choro e ranger de dentes.

Depois de me curvar para recuperar a adaga de minha bota, desci, fechei a porta acima da cabeça e enfiei a lâmina na maçaneta. Eu empurrei uma vez experimentalmente. Não se mexeu.

Bom.

Eu me afastei. Ele não podia me seguir, não facilmente, pelo menos. Não sem magia.

Quando a vida é uma escolha entre lutar ou fugir - a cada momento, vida ou morte - tudo se torna uma arma. Não importa quem os detém. Ferimentos de armas.

Ferimentos de armas.

Se sobrevivermos a isso, me recusaria a ser uma arma por muito tempo.

Mas até lá... Olhei para o alçapão, dilacerada pela indecisão.

Você é uma bruxa. Eu não deveria ter ficado ressentido por você usar magia. Apenas... não deixe isso te levar a algum lugar que eu não possa seguir.

Desta vez, entretanto, era exatamente o que eu precisava fazer.

Uma simples faca não manteria Reid afastado. Apesar da visão de Coco, ele faria tudo ao seu alcance para seguir, para me proteger de Morgane. De mim mesma. Se alguma vez houve um momento de vida ou morte, é esse - e era meu.

Eu deslizei minha adaga do cabo, embainhando-a na minha bota mais uma vez. Então levantei as mãos trêmulas. — Só mais uma vez. — eu prometi a ele, respirando fundo. — Uma última vez.

Eu ouvi seus gritos - o barulho da porta do depósito - quando me virei e desci para o Inferno.

Nous Tombons Tous

Reid

— Lou! LOU! — eu bati no alçapão, gritando seu nome, mas ela não respondeu. Houve apenas silêncio. Silêncio e pânico - pânico cru e visceral que fechou minha garganta. Estreitou minha visão. Eu bati na porta novamente. Rasgando a alça. — Não faça isso, Lou. Deixe-nos entrar. DEIXE-NOS ENTRAR.

Deveraux, Beau, Coco e Ansel se reuniram ao meu redor. Os outros assistiram da porta da taverna. — Se você está determinado a continuar neste curso de ação um tanto infrutífero, não vou impedi-lo. — Deveraux tocou gentilmente meu antebraço com a mão. — Vou, no entanto, apontar que essa porta foi bloqueada com magia e sugerir que viajemos para uma entrada secundária. O mais próximo reside dentro do cemitério, talvez a um quarto de hora a pé daqui.

Jean Luc passou por Nicholina, que acariciou suas costas com a mão pálida. Ele saltou para longe. — East End está repleto de Chasseurs. O resto está nesses túneis. Se formos vistos, não posso proteger você. Eu não vou.

— Sua lealdade inspira. — Liana retrucou.

— Eu não sou *leal* a nenhum de vocês. Eu sou *leal* a Célie...

— Jean Luc. — disse Beau, colocando a mão em seu ombro. —

Todo mundo aqui quer matar ou possivelmente comer você. Cale a boca, bom homem, antes que você perca seu baço.

Jean Luc caiu em um silêncio rebelde. Eu me virei para Coco. —

Abra a porta. Por favor.

Ela me encarou por vários segundos tensos. — Não. — ela disse finalmente. — Você poderia morrer. Eu sei que você não se importa, mas Lou se importa. E para surpresa de todos, *eu* também. Não vou

substituir os esforços dela para protegê-lo - e mesmo se quisesse, não posso abrir esta porta. Ninguém pode, exceto a bruxa que lançou o encantamento.

Um rosnado para rivalizar com os dos lobisomens saiu da minha garganta. — Vou fazer isso sozinho.

Quando desejei que os padrões surgissem, entretanto, nenhum apareceu. Nem um único fio de ouro. Nem uma única voz na minha cabeça. Furioso, desesperado, me virei para Toulouse, arrancando o baralho de tarô do bolso de sua camisa.

Enfiei o cartão em seu peito e agora, *agora*, o ouro finalmente brilhou em minha visão.

Para conhecer o desconhecido, você deve desconhecer o conhecido, sussurravam as vozes.

Absurdo. Enigmas. Eu não me importei. Escolhendo um padrão ao acaso, observei enquanto ele explodia em pó. — Força reversa.

— rebati, e Toulouse sorriu, olhando para o cartão. — Significa raiva intensa. Medo. Uma falta de confiança nas próprias habilidades, uma perda de fé em si mesmo. Em alguns casos...

— É uma perda total da identidade. — ele riu e virou o cartão para me encarar, revelando uma mulher e um leão de cabeça para baixo. Apesar das circunstâncias terríveis, o triunfo explodiu em meu peito. O sorriso de Toulouse se espalhou. — Já era hora. Você me deixou preocupado por um momento.

Eu empurrei meu queixo em direção à porta. — Pode me ajudar?

Seus olhos escureceram. — Só Lou pode abrir aquela porta. Eu sinto Muito.

Porra.

— Para o cemitério, não é? — Deveraux bateu palmas. —

Maravilhoso! Posso sugerir que continuemos? O tempo continua fugindo de nós.

Eu balancei a cabeça, respirando profundamente. Obrigando-me a me acalmar. Ele estava certo. Cada momento que eu brigava era um momento perdido - um momento que Morgane atormentava Célie, um

momento que Lou se afastava ainda mais. Dois

problemas desesperadores. Uma solução potencial? Eu vasculhei meu cérebro, pensando rapidamente. Analiticamente.

Lou encontraria Célie. Disso, eu tinha certeza. Ela teve uma vantagem. Ela tinha conhecimento. Ela tinha incentivo. Não, não havia uma força no Céu ou Inferno - incluindo Morgane - que a impediria de ter sucesso nisso. Eu não precisava encontrar Célie.

Se eu encontrasse Lou, encontraria as duas.

Lou era o alvo.

E se uma pequena parte de mim hesitasse, lembrando da premonição de Coco, eu ignorei. Avancei. Joguei um braço sobre o peito de Ansel quando ele seguiu os outros até a porta, balançando a cabeça. — Eu disse para você guardar o túnel.

Suas sobrancelhas franziram. — Mas o túnel está fechado.

Ninguém está passando por lá.

— Apenas fique aqui. — a impaciência aguçou minha voz. Eu não me importei em suavizá-la. Muito estava em jogo. Em Modraniht, ele provou ser mais um obstáculo do que uma ajuda, e agora nos aliamos aos inimigos. Qualquer um deles poderia nos atacar nos túneis. Ansel provou ser a presa mais fácil. Tentei novamente. — Olha, Zenna e Seraphine vão ficar para trás também.

Cuide delas. Mantenha elas a salvo.

O peito de Ansel cedeu e ele voltou seu olhar ardente para o chão. O rosa tingiu suas bochechas, suas orelhas. Embora ele parecesse querer protestar, eu estava sem tempo. Eu não conseguia mais agradá-lo. Sem outra palavra, me virei e saí.

Não havia nada mais silencioso do que um cemitério à noite. Este era pequeno, o mais antigo da cidade. A Igreja havia parado de enterrar cidadãos em seu solo há muito tempo, favorecendo o terreno mais novo e maior além de Saint-Cécile. Agora, apenas os membros mais poderosos e ricos da aristocracia descansavam aqui, mas mesmo eles não foram enterrados, em vez disso se juntaram a seus ancestrais nas catacumbas abaixo.

— A entrada está lá. — Deveraux acenou com a cabeça para a estátua

de um anjo. Musgo cresceu em metade de seu rosto. O

vento havia apagado seu nariz, as penas de suas asas. Ainda assim, ela era linda. Palavras gravadas na cripta ao lado dela diziam

Nous Tombons Tous. Eu não sabia o que isso significava.

Felizmente, Deveraux sabia. — Todos nós caímos. — ele disse suavemente.

Quando abri a porta, uma rajada de ar velho veio ao meu encontro. Uma única tocha iluminou os estreitos degraus de terra.

Beau deu um passo atrás, olhando para a escuridão com apreensão descarada. — O plano continua o mesmo? Nós nos separamos?

Em vez de olhar para baixo, Deveraux olhou para cima, para o céu noturno. Sem lua esta noite. — Não acho isso sábio.

— Cobriremos mais terreno se o fizermos. — insistiu Jean Luc.

Um pressentimento levantou o cabelo do meu pescoço enquanto eu descia o primeiro degrau. — Nós ficamos juntos. Blaise, Liana e Terrance podem nos levar a Lou. Eles conhecem o cheiro dela. Ela estará com Célie.

— Você deposita muita confiança naquela bruxa. — Jean Luc passou por mim, puxando a tocha da parede e erguendo-a mais alto. Iluminando o caminho. O teto pressionou sobre nós, forçando-me a me abaixar. — O que te dá tanta certeza que ela vai encontrá-

la?

— Ela vai.

Atrás de mim, Beau e Coco lutavam para andar lado a lado. —

Vamos torcer para que os Chasseurs não a encontrem. — ela murmurou.

O resto entrou atrás deles, seus passos eram os únicos sons no silêncio. Muitos passos. Jean Luc. Coco e Beau. Deveraux, Toulouse e Thierry. La Voisin e suas bruxas de sangue. Blaise e seus filhos. Cada um equipado. Cada um poderoso. Cada um pronto e disposto a destruir Morgane.

Um fio de esperança se desenrolou em meu peito. Talvez isso bastasse.

A primeira passagem durou interminavelmente. Embora eu achasse o espaço apertado inconveniente, ele não trouxe o suor à minha pele como fez com Jean Luc. Não fez minhas mãos tremerem, minha respiração ficar presa. Ele se recusou a desacelerar, no entanto, andando cada vez mais rápido até

chegarmos à nossa primeira divisão no túnel. Ele hesitou. — Qual caminho?

— As criptas devem estar logo após o túnel leste. — Beau sussurrou.

— Por que você está sussurrando? — apesar de sua objeção, Coco sussurrou também. — E que direção é essa?

— Leste.

— *Esquerda ou direita*, idiota?

— Cosette. — disse Beau fingindo surpresa. — você não conhece o seu...?

Um vento repentino apagou a tocha, mergulhando-nos na escuridão absoluta. Vozes em pânico aumentaram. Rapidamente, alcancei a parede, mas não estava onde deveria estar. Não estava *lá*. — Que diabos está acontecendo? — Beau gritou, mas Liana interrompeu, amaldiçoando violentamente.

— Algo me *cortou*. Alguém...

O grito de Nicholina estilhaçou o túnel.

— *Nicholina*. — a voz de La Voisin ficou alta e nítida. Minha própria garganta estava apertada. Quando eu escovei lã na minha frente - o casaco de Jean Luc - seus dedos agarraram meu braço e segurou. — Nicholina, onde você está?

— Todos fiquem calmos. — Deveraux ordenou. — Há uma magia estranha aqui. Prega truques...

A tocha reacendeu abruptamente.

O sangue respingou no chão do túnel. Um punhado de rostos em pânico piscou de volta para mim sob a luz. Muito pouco. Muito *poucos*.

— Onde está Nicholina? — La Voisin agarrou o casaco de Blaise e o jogou contra a parede, mostrando os dentes. Eu nunca a tinha visto

exibir uma emoção tão descontrolada. Tanto medo. — *Onde ela está?*

Blaise a empurrou com um estalar de dentes, avançando pelo túnel e gritando por Liana e Terrance. Um rápido olhar confirmou que eles também haviam desaparecido - junto com a maioria das bruxas de sangue. Procurei nos rostos restantes, fraco de alívio quando Beau e Coco acenaram de volta para mim, agarrados um ao

outro. Com um sobressalto, percebi que Jean Luc ainda segurava meu braço. Ele me soltou no mesmo instante.

O rosto de Deveraux estava contraído. — Thierry também desapareceu.

— Eu juro que vi... — Toulouse começou, mas a tocha apagou novamente. Sua voz foi junto. A força. Quando Deveraux o chamou, ele não respondeu. Os rosnados de Blaise ecoaram pelo túnel estreito, amplificando, aumentando nosso frenesi e algo... algo rosnou de *volta*. La Voisin gritou, mas não pude ouvir por causa do sangue rugindo em meus ouvidos, meus próprios gritos por Beau e Coco...

Então ela e Deveraux também ficaram em silêncio.

Forçando-me a me concentrar, convoquei os padrões. Os filtrei por instinto, descartando-os ao menor toque. Eu precisava de fogo.

Não de uma arma. Uma *luz*. Raiva, ódio, palavras amargas - todos forneceriam o expediente. Eu os coloquei de lado sem hesitação, procurando por aquela única centelha de energia. Algo simples.

Alguma coisa... física?

Lá.

Esfreguei minhas palmas - apenas uma vez, com pressão suficiente. O calor faiscou. Uma chama ganhou vida, iluminando a bolha recém-descoberta em meu dedo. Como se eu tivesse esfregado gravetos reais em vez de pele. O ar cuidou do resto, e o fogo cresceu em minha mão.

Apenas Beau, Coco, Blaise e Jean Luc permaneceram no túnel comigo.

Este último olhou para o fogo com uma expressão inescrutável.

Ele não tinha visto ainda. Minha magia.

— Eles se foram. — Beau afrouxou o aperto em Coco, o rosto pálido.

— Eles simplesmente se *foram*. — ele olhou para cima e para baixo no

túnel com os olhos arregalados, hesitando no sangue aos nossos pés.
— O que nós faremos?

Jean Luc respondeu por mim, reacendendo sua tocha com o meu fogo.
Voltando-se para o túnel oriental. — Nós continuamos.

Paradise Lost

Lou

Tochas alinhavam-se nas passagens de terra, lançando sombras nos rostos das pessoas. Felizmente, poucos vagaram por esta parte, e aqueles que o fizeram caminharam propositadamente em direção a algo - La Mascarade de Crânes, se suas máscaras em tons de joias servirem de indicação. Eles pegaram os túneis da esquerda. Por capricho, peguei o da direita. O piso inclinou-se gradualmente no início - a pedra abaixo lisa e escorregadia devido ao passo de muitos pés - antes de mergulhar inesperadamente. Eu tropecei, e um homem saiu das sombras, batendo em mim e segurando meus ombros. Soltei um grito indigno.

— Onde está sua máscara, linda senhorita? — ele balbuciou, sua respiração quase queimando o cabelo do meu nariz. Sua própria máscara cobria a parte superior de seu rosto, projetando-se em um bico preto cruel. Um corvo. No centro de sua testa, um terceiro olho olhou para mim. Não pode ter sido coincidência.

E eu juro que piscou.

Carrancuda - rosto quente de vergonha, ombros tensos de inquietação - eu o empurrei.

— Eu já estou usando uma. Você não vê? — eu resisti à vontade de sacudir meu pulso, para alongar minhas unhas em facas de lâmina afiada e marcar a porcelana em sua bochecha. Embora a magia para bloquear Reid fisicamente também o tivesse bloqueado emocionalmente - temporariamente, até que eu eliminasse o padrão

- eu ainda ouvia sua voz em minha mente, se não em meu coração.

Eu não preciso machucar este homem. Eu não preciso me

machucar. Forçando um sorriso malicioso em vez disso, sussurrei:

— É a pele dos meus inimigos. Devo adicionar a sua?

Ele gritou e se afastou.

Exalando forte, eu continuei.

Os túneis serpenteavam em um labirinto de pedra. Eu vaguei por eles em silêncio por mais alguns minutos, meu coração batendo forte em meu peito. Ele ficava mais alto a cada passo. Eu andei mais rápido, o cabelo do meu pescoço se arrepiando. Alguém me observou. Eu podia sentir isso. — Saia, saia, onde quer que você esteja. — eu respirei, na esperança de me fortalecer.

Com minhas palavras, no entanto, um vento estranho se ergueu no túnel, soprando as tochas e mergulhando na escuridão. Uma risada familiar ecoou de todos os lugares ao mesmo tempo.

Amaldiçoando, lutei pela minha faca e tentei encontrar uma parede, tentei me ancorar nesta escuridão insidiosa...

Quando minhas pontas dos dedos tocaram a pedra, a luz da tocha voltou à vida.

Um lampejo de cabelo branco desapareceu na curva.

Eu corri atrás dele como uma idiota, não querendo ser pega sozinha naquela escuridão novamente, mas ele se foi. Eu continuei correndo. Quando entrei em uma sala comprida e sombreada, forrada de caixões, parei, ofegante e examinando com alívio o mais próximo. — Padre Lionnel Clément. — falei, lendo o nome desbotado gravado na pedra. Uma caveira amarela estava em uma saliência acima dela. Eu olhei para o próximo nome. *Padre Jacques Fontaine*. — Clérigos.

Eu me arrastei para frente, parando de vez em quando para ouvir.

— Célie? — embora suave, minha voz ecoou anormalmente na tumba. Ao contrário do silêncio absoluto dos túneis, esse silêncio parecia viver e respirar, sussurrando contra meu pescoço, incitando-me a fugir, fugir, *fugir*. Fiquei cada vez mais nervosa à medida que os momentos passavam, à medida que as salas cresciam de tamanho. Eu não sabia o que procurar - não sabia nem por onde começar. Célie poderia estar em qualquer um desses caixões, inconsciente ou pior, e eu nunca teria sabido. Ainda assim... Eu não

conseguia evitar a sensação de que Morgane *queria* que eu encontrasse Célie.

Era menos divertido em um jogo que eu não tinha chance de ganhar.

Morgane não teria gostado disso. Ela não teria apenas escolhido uma sepultura arbitrária também. Seus jogos eram metódicos, cada movimento golpeando forte e verdadeiro. Suas anotações me levaram até aqui, cada frase um enigma, uma pista, levando-me mais fundo em seu jogo.

Desamparado dentro de sua mortalha... sozinha, mas não sozinha.

Presa em um túmulo espelhado, ela usa uma máscara de osso.

Tudo apontava para aqui, agora, este lugar. Só o uso da palavra espelhado me fez parar.

Perdida em pensamentos - certa de que deixei algo passar -

quase não notei o estrado na sala ao lado, onde centenas de velas iluminavam um caixão dourado. Anjos alados e demônios com chifres cintilavam nas sombras da tampa, presos em um abraço eterno, enquanto rosas e crânios se entrelaçavam em uma beleza macabra de cada lado. Era uma obra-prima. Um trabalho de arte.

Espontaneamente, me aproximei, arrastando meus dedos ao longo do rosto cruel de um anjo. As pétalas de uma rosa. As letras de seu nome.

SUA EMINÊNCIA, FLORIN CARDINAL CLÉMENT, ARCEBISPO DE
BELTERRA

Em verdade te digo, hoje estarás comigo no Paraíso Florin Clément. Eu ri do nome uma vez, sem saber que pertencia a mim. Em um mundo diferente, eu poderia ter sido Louise Clément, filha de Florin e Morgane. Talvez eles tivessem se amado, adorado um ao outro, enchendo nossa casa no East End com pãezinhos pegajosos e vasos de eucalipto - e filhos. Muitos e muitos filhos.

Uma casa inteira deles, irmãozinhos e irmãzinhas mais novos com sardas e olhos verde-azulados. Assim como eu. Eu poderia ter

ensinado a eles como subir em árvores e trançar cabelos, como cantar fora do tom do lado de fora do quarto de nossos pais ao amanhecer. Nós poderíamos ter sido felizes. Poderíamos ter sido uma família.

Agora isso - isso - teria sido o paraíso.

Com um suspiro melancólico, abaixei minha mão e me virei.

Não adianta nada imaginar uma vida assim para mim. Meu vinho fora

colhido há muito tempo e não era um buquê de lareira e lar, nem de amigos e família. Não, o meu cheirava a morte. De segredos. De podridão. — Você está aí com ele, Célie? — eu perguntei amargamente, principalmente para me distrair desses pensamentos ridículos. — Parece o tipo de coisa que Morgane faria... — ofegante, eu me virei, os olhos arregalados. — Túmulo espelhado. — eu sussurrei. *Uma casa inteira deles, irmãozinhos e irmãzinhas mais novos com sardas e olhos verde-azulados. Assim como eu.*

Santo inferno.

Eu sei onde ela está.

A Necessary Evil

Reid

Os desaparecimentos dos outros tornou-se uma presença própria.

Ele pairava sobre nós como uma corda, apertando a cada pequeno ruído. Quando Beau chutou uma pedra, Jean Luc ficou tenso.

Quando Coco respirou fundo, Blaise rosnou. Ele meio que se transformou, os olhos brilhando luminosos na semi-escuridão, para sentir melhor o cheiro de Lou - e para lutar melhor contra o que quer que vagasse por esses túneis.

— Isso não termina com Célie e Lou. — Coco disse ferozmente quando ele tentou sair, para procurar seus filhos desaparecidos.

Curiosamente, ele não conseguia sentir o cheiro de onde eles tinham ido. Para onde *qualquer* um deles tinha ido. Eles simplesmente... desapareceu. — Termina com Morgane. Isso tem as mãos em garras dela. Onde quer que ela esteja, Liana e Terrance também estarão. Confie em mim.

Ninguém expressou o que isso significava. Todo mundo sabia.

Mesmo um momento gasto sob a misericórdia de Morgane era muito longo. Tarde demais.

— As mãos dela *estão* com garras? — Beau murmurou alguns momentos depois.

Coco ergueu as sobrancelhas para ele. — Você estava em Modraniht. Você as viu.

— Elas não tinham garras.

— Elas deveriam ter tido. Ela deveria ter uma verruga e um corcunda também, aquela vadia banal.

Até Jean Luc sorriu. Sua Balisarda pesava fortemente contra meu peito. Por fim - quando não aguentei mais - desembainhei, entregando-a para ele. — Aqui. Pegue.

Seu sorriso sumiu e ele deu um passo em falso. — Por que...

por que você me devolveria isso?

Eu enrolei seus dedos em torno do cabo. — É sua. A minha já era. — quando encolhi os ombros, o movimento não pareceu forçado. Pareceu... certo. *Leve*. Um peso tirado de meus ombros. —

Talvez seja o melhor. Eu não sou mais um caçador.

Ele me olhou fixamente. Então a barragem quebrou. — Você é um bruxo. Você matou o arcebispo com... Magia. — sua voz gotejava acusação. Traição. Mas ali, em seus olhos, havia uma ponta de esperança. Ele queria que eu negasse. Ele queria culpar outra pessoa - qualquer outra pessoa - pelo que aconteceu com nosso antepassado. Nessa ponta, reconheci meu velho amigo. Ele ainda estava lá. Apesar de tudo, ele ainda queria confiar em mim. O

pensamento deveria ter me confortado, mas não.

Essa ponta era uma mentira.

— Sim. — observei enquanto sua esperança diminuía, enquanto ele recuava fisicamente de mim. O olhar de Blaise tocou minha bochecha, curioso - me estudando - mas eu o ignorei. — Não vou negar e não vou me explicar. Eu sou um bruxo e matei nosso antepassado. O arcebispo não merecia isso, mas ele também não era o homem que pensávamos que era.

Visivelmente murchando, ele passou a mão pelo rosto.

— Mãe de Deus. — quando ele olhou para cima novamente, ele encontrou meu olhar não com camaradagem, exatamente, mas com um sentimento de resignação. — Você sabia todo esse tempo?

— Não.

— Você o encantou para receber sua posição?

— Claro que não.

— E isso faz... se sentir diferente? — com isso, ele engoliu visivelmente, mas não desviou o olhar. Naquele pequeno ato de desafio, lembrei-me do menino que fez amizade comigo, cuidou de mim, aquele que sempre me puxou para cima quando eu caí.

Aquele que socou Julien por me chamar de menino lixo. Antes que a ganância nos endurecesse um ao outro. Antes da inveja.

— Não sou a mesma pessoa que era, Jean. — as palavras, tão diferentes de antes - tão verdadeiras - caíram pesadas de meus lábios. Final. — Mas nem você. Nunca seremos o que éramos. Mas aqui, agora, não estou pedindo sua amizade. Morgane está perto, e juntos - independentemente do nosso passado - temos uma chance real de acabar com ela.

— Você pensou que ela iria atacar no funeral. Você estava errado.

Espontaneamente, mais verdade foi derramada. Eu me sentia mais leve a cada palavra. — Pensei em tudo o que precisava pensar para comparecer ao funeral do arcebispo. — eu não tinha percebido na época. Talvez não *pudesse* ter percebido. E embora eu tivesse pensado errado, não me arrependi. Eu não poderia. Ele começou a discutir, mas eu empurrei antes que as próximas palavras morressem em minha garganta. Obriguei-me a encontrar seu olhar diretamente. — Jean. Eu... eu nunca soube de Célie.

Ele enrijeceu.

— Se eu soubesse como você se sentia, eu teria... — O que?

Não aceitado o amor dela? Não aceitado o Arcebispo? Não teria lutado com ele no torneio ou feito meu juramento? Eu teria desistido de meus sonhos porque ele os queria também? — Sinto muito. —

eu disse simplesmente.

E eu sentia. Lamentava que a vida nos tivesse dado as mesmas cartas. Lamentava por sua dor, pelo sofrimento que inadvertidamente causei a ele. Eu não poderia tirar isso, mas poderia reconhecê-lo. Eu poderia abrir a porta para nós. Eu não poderia, no entanto, forçá-lo a passar por isso.

Um momento tenso se passou antes que ele abaixasse o queixo, mas eu reconheci aquele aceno pelo que era - um único passo.

Sem outra palavra, continuamos nossa busca. Demorou mais meia hora para Blaise sentir o cheiro de Lou. — Ela está perto. —

ele franziu a testa, rastejando em direção ao túnel à frente. — Mas há outros. Eu posso ouvir seus batimentos cardíacos, suas respirações... — ele derrapou para trás abruptamente, os olhos arregalados quando ele se virou. — *Corram.*

Chasseurs dobraram a esquina.

Balisardas levantadas, eles me reconheceram imediatamente e atacaram. Phillipe os liderou. Quando Jean Luc saltou na nossa frente, no entanto - me empurrando para trás, para fora de sua linha de fogo - eles cambalearam e pararam. — O que é isso? — Phillipe rosnou. Ele não abaixou sua lâmina. Seus olhos caíram para a própria Balisarda de Jean Luc. — Onde você... ?

— Reid me devolveu.

Aqueles atrás de Phillipe se mexeram desconfortavelmente. Eles não gostaram desta nova informação. Eu era um bruxo. Um assassino. Confusão e mal-estar passaram por seus rostos quando eles assumiram a postura protetora de Jean. — Por que você está aqui, capitão? — Phillipe apontou o queixo para mim. — Ele é nosso inimigo. Todos eles são.

— Um mal necessário. — depois de um único e hesitante olhar em minha direção, Jean Luc endireitou os ombros. — Temos novas ordens, homens. Morgane está aqui. Nós a encontramos e a mataremos.

The Mirrored Grave

Lou

No meio das catacumbas, encontrei o túmulo da família Tremblay.

Nunca antes esperei estar errada com tanto fervor quanto agora

- e nunca antes me senti tão mal. Tal como acontece com as outras tumbas, os crânios alinhados nas prateleiras aqui, marcando o local de descanso final de cada ancestral. Era um costume que eu nunca entendi. As bruxas não decapitam seus mortos. Alguém removeu a cabeça do falecido antes ou depois da decomposição? Ou... ou eles fizeram isso durante o processo de embalsamamento? E, por falar nisso, *quem* era o responsável por fazer isso em primeiro lugar?

Certamente não a família. Meu estômago embrulhou com a ideia de serrar os ossos de um ente querido, e decidi que não queria saber as respostas, afinal.

Meus passos ficavam mais pesados, pesados, quanto mais eu entrava na sala até que finalmente - *finalmente* - encontrei seu nome esculpido em um lindo caixão de jacarandá.

FILIPPA ALLOUETTE TREMBLAY

Filha e irmã amada

— Célie? Você está aí?

Não houve resposta.

Pelo menos o crânio de Filippa ainda não havia sido exibido.

Músculos tensos, eu forcei a tampa do caixão, mas ele não se mexeu. Depois de vários momentos lutando em vão, ofeguei: —

Não sei se você pode me ouvir - e realmente espero que você não

esteja aí, nesse caso peço desculpas *profusamente* a sua irmã -

mas isso não está funcionando. A maldita coisa é muito pesada. Vou ter que tirar você com um magia.

Uma pedra deslizou pelo chão atrás de mim e eu me virei com as mãos levantadas.

— *Ansel?* — com a boca aberta, deixei cair minhas mãos. — O

que você está fazendo aqui? Como você me *achou*?

Ele observou os crânios com olhos arregalados. — Quando os outros foram embora, tentei o alçapão novamente. Eu tinha um palpite. — ele me deu um sorriso hesitante. — Depois do que aconteceu com Coco, eu sabia que você tentaria ser mais cuidadosa com sua magia, com os padrões que você poderia manter com segurança, e selando a porta apenas contra Reid...

parecia mais simples do que selar contra qualquer outra pessoa ou selar permanentemente. Eu tinha razão. Quando abriu, segui o primeiro túnel. Isso me trouxe direto para cá.

— Isso é impossível. — eu encarei ele incrédula. — Esse túnel é um

beco sem saída. Você deve ter se virado no escuro. Onde estão os outros?

— Eles foram para a entrada de um cemitério.

— A entrada do cemitério. — instintivamente, eu liberei o padrão que segurava meu coração, e todo o amor que sentia por Reid -

todo o desespero, todo o *pânico* - surgiu em mim em uma onda desorientadora. Eu tropecei ligeiramente sob sua magnitude. —

Merda. Reid...?

Ele encolheu os ombros, impotente. — Eu não sei. Ele me disse para ficar para trás, mas eu... eu não pude. Eu tinha que te ajudar de alguma forma. Por favor, não fique brava.

— Brava? Eu não estou... — um pensamento repentino e terrível prendeu minha garganta em seu punho. Não. Eu balancei minha cabeça, cambaleando com o completo absurdo disso. Sufocando de tanto rir. Para ele, para mim mesma, eu disse: — Não, não, não. Eu não estou brava.

Não, não, não, meus pensamentos ecoaram, repetindo a palavra como um talismã.

Colocando um sorriso brilhante, enrolei meu cotovelo no dele e puxei-o para o meu lado. — Não há absolutamente nada com que

se preocupar. Só acho que, dadas as circunstâncias, Reid pode estar certo. Seria melhor se você voltasse para a taverna e esperasse...

Ele se afastou, os olhos brilhando de dor. — É quase meia-noite e você ainda não encontrou Célie. Eu posso ajudar.

— Na verdade, eu posso ter encontrado ela...

— Onde ela está? — ele olhou para os crânios e caixões, a ansiedade vincando sua testa. — Ela está viva?

— Acho que sim, mas estou tendo um pouco de dificuldade...

— Seja o que for, eu posso ajudar.

— Não, eu acho que é melhor se você...

— Qual é o problema? — sua voz se elevou. — Você não acha que eu

posso fazer isso?

— Você *sabe* que não é isso que eu...

— Então, o que é? Eu posso ajudar. Eu *quero* ajudar.

— Eu sei que você quer, mas...

— Não sou uma *criança*, Lou, e estou farto de ver que todos me tratam como uma! Tenho quase *dezessete anos*! Isso é um ano mais velho do que você era quando salvou o reino...

— Quando eu *fugi*. — eu disse bruscamente, perdendo minha paciência. — Ansel, eu *fugi* e agora estou pedindo que você faça o mesmo...

— *Por quê?* — ele explodiu, jogando as mãos para o alto. A cor floresceu em suas bochechas e seus olhos brilharam excessivamente.

— Você uma vez me disse que eu não sou inútil, mas ainda não acredito em você. Eu não posso lutar. Eu não posso lançar feitiços. Deixe-me provar que posso fazer *alguma coisa*.

— Eu praguejei alto. — Quantas vezes tenho que te dizer, Ansel? Você não precisa provar nada para mim.

— Então deixe-me provar para mim mesmo. — a voz falhando na palavra, ele se encolheu e baixou o olhar. Olhou desanimadamente para seus punhos. — Por favor.

Meu coração se partiu ao vê-lo. Ele pensava que não tinha valor.

Não, ele *acreditava*, bem no fundo de seus ossos, e eu... eu não podia fazer nada a respeito. Agora não. Não com sua vida em jogo.

Talvez ele não valesse muito para o mundo, para si mesmo, mas

para mim... para mim, ele era precioso além do valor. Se houvesse uma chance...

Um homem próximo ao seu coração morrerá.

Eu me odiava pelo que estava prestes a fazer.

— Você está certo, Ansel. — minha voz endureceu. Se eu contasse a verdade, ele hesitaria. Ele se recusaria a sair. Eu precisava machucá-lo tanto para que ele não *pudesse* - não pudesse - ficar. Eu balancei a cabeça e cruzei os braços. — Você quer que eu diga? Você está certo.

Você destrói tudo que toca. Você não pode nem andar sem tropeçar, muito menos empunhar uma espada. Você não pode falar com uma mulher sem corar, então como você poderia salvar uma? Honestamente, é... é *trágico* o quão desamparado você é.

Com cada palavra, ele desmoronou mais, as lágrimas brilhando em seus olhos, mas eu não terminei.

— Você diz que não é uma criança, Ansel, mas você é. Você é.

É como se você fosse um garotinho brincando de fingir, vestindo nossos casacos e botas. Nós permitimos que você acompanhasse as risadas, mas agora a hora dos jogos acabou. A vida de uma mulher está em perigo - *minha* vida está em perigo. Não podemos permitir que você bagunce isso. Eu sinto muito.

Com o rosto pálido, ele não disse nada.

— Agora. — eu disse, me forçando a continuar, a *respirar*. —

Você vai dar meia-volta e marchar de volta pelo túnel. Você vai voltar para a taverna e vai se esconder em seu quarto até que seja seguro. Você entendeu?

Ele olhou para mim, pressionando os lábios para impedir o tremor. — Não.

— Não, você não entendeu?

— Não. — ele ficou um pouco mais alto, enxugando uma lágrima errante de sua bochecha. — Eu não vou.

— Desculpe?

— Eu disse *não*, eu vou...

Meus olhos se estreitaram. — Eu ouvi o que você disse. Estou dando a você uma chance de reconsiderar.

— O que você vai fazer? — ele riu com desdém, e o som era tão triste, tão anormal, que me cortou no fundo. — Congelar meu

coração? Quebrar meus ossos? Me fazer esquecer que já te conheci?

Eu escovei o jacarandá com a ponta dos dedos, deliberando.

Esta magia machucaria nós dois, mas pelo menos ele estaria ferido e

vivo. — Se você me obrigar.

Olhamos um para o outro - ele parecendo mais feroz do que eu jamais o tinha visto - até que algo bateu ao nosso lado. Nós nos viramos para olhar o caixão de Filippa e fechei os olhos de vergonha. Eu tinha esquecido da Célie.

— Alguém... — os lábios de Ansel se separaram em uma respiração horrorizada. — A Célie está aí? Viva?

— Sim. — eu sussurrei, a luta me deixando abruptamente. Coco havia dito que suas visões raramente eram o que pareciam. Talvez esta ainda possa ter um desempenho diferente. O futuro era inconstante. Se eu o mandasse embora, ele poderia encontrar sua morte nos túneis. Ao meu lado, talvez eu pudesse... protegê-lo, de alguma forma. — Fique perto de mim, Ansel.

Entre nós dois, conseguimos deslizar o caixão de Filippa para o chão. Abrir a tampa era outra história. Foi preciso magia para destravá-la. Mas eu sabia tudo sobre quebrar fechaduras, no entanto, e felizmente para mim, eu tinha acabado de quebrar uma amizade.

Outra rodada no jogo de Morgane.

A tampa abriu facilmente depois disso.

Quando vimos Célie deitada, inconsciente, entre os restos mortais de sua irmã, Ansel prontamente vomitou o conteúdo de seu estômago. Quase me juntei a ele, pressionando o punho contra a boca para conter a bile. O cadáver de Filippa ainda não havia se decomposto totalmente e sua carne podre escorria contra a pele de Célie. E o cheiro...

Vomitei no crânio de Monique Priscille Tremblay.

— Ela nunca vai se recuperar disso. — eu disse, limpando minha boca na manga. — Isso... isso é doentio, até para Morgane.

Ao som da minha voz, Célie endireitou a cintura, os olhos se abrindo. Lágrimas escorreram pelo seu rosto quando ela se virou

para olhar para mim. — Célie. — eu respirei, me deixando cair ao lado dela. — Eu sinto muitíssimo...

— Você me encontrou.

Limpei a gosma de seu rosto e cabelo o melhor que pude. —

Claro que sim.

— Eu n-não pensei que você viria. Estou aqui há semanas. —

embora ela tremesse violentamente, ela não se levantou do caixão.

Eu coloquei minha capa sobre seus ombros. — Ela... ela me visitou às vezes. Me provocou. D-disse que eu morreria aqui. Disse... disse que Reid tinha esquecido de mim.

— Shhh. Você está segura agora. Reid é quem me enviou.

Vamos tirar você daqui, e...

— Eu não posso sair. — ela soluçou ainda mais quando Ansel e eu tentamos levantá-la, mas seu corpo permaneceu firme no caixão.

Nós puxamos com mais força. Ela não se mexeu. — Não consigo me mover. Não, a menos que eu te leve para... para ela. Ela me encantou. — senti então o cheiro, a magia, quase indiscernível sob o fedor da decomposição. — Se não, terei que ficar aqui com... com Filippa. — um lamento agudo saiu de sua garganta, e eu a abracei mais forte, desejando desesperadamente que Reid estivesse aqui.

Ele saberia o que fazer. Ele saberia como confortá-la...

Não. Eu bati a porta com o pensamento.

Eu esperava que Reid não *estivesse* aqui. Embora eu não pudesse trancar Ansel longe - não sozinho nas catacumbas com apenas o cadáver de Filippa como companhia - eu ainda poderia impedir Reid de nos encontrar, de nos seguir até Morgane. Na minha mente, se eu os mantivesse separados, ele ficaria bem. Eu ainda podia rezar para que a visão de Coco estivesse errada e que todos sobreviveriam essa noite.

— Você consegue ficar de pé? — eu perguntei.

— Eu a-acho que não.

— Você pode tentar? Ansel e eu vamos ajudá-la.

Ela se encolheu como se acabasse de perceber que eu a estava tocando. — N-Não. Você... você *tirou* Reid de mim. Ela me disse que você o *encantou*.

Tentei manter a calma. Isso não era culpa de Célie. Era de Morgane. Se eu conhecia minha mãe, tudo o que ela disse a Célie

durante o tempo que passaram juntas era mentira. Depois que o choque de Célie passasse, seria impossível persuadi-la a ir comigo.

Eu era o inimigo. Eu era a bruxa que roubou o coração de Reid. —

Não podemos ficar sentados neste chão para sempre, Célie.

Eventualmente, temos que nos mover.

— Onde está Reid? — sua respiração engatou mais uma vez, e ela olhou em volta loucamente. — Onde ele está? Eu quero Reid!

— Eu posso levar você até ele. — eu disse pacientemente, apontando para Ansel se juntar a mim no chão. Ela começou a gritar de novo, balançando para frente e para trás e segurando o rosto. —

Mas eu preciso que você saia do caixão.

Como previsto, seus gemidos cessaram quando ela avistou Ansel por entre os dedos. — Você. — ela sussurrou, agarrando a borda do caixão. — Eu... eu vi você na Torre. Você é um iniciado.

Graças a Deus, Ansel teve bom senso o suficiente para mentir.

— Sim. — ele disse suavemente, pegando sua mão. — Eu sou. E

eu preciso que você confie em mim. Não vou deixar ninguém machucar você, Célie, especialmente uma bruxa.

Ela se aproximou. — Você não entende. Eu posso sentir sua magia me puxando. Bem aqui. — ela bateu no peito, o movimento intermitente, frenético. O sangue endureceu sob suas unhas, como se ela tivesse tentado arranhar o caminho através do jacarandá. —

Se eu me levantar, não terei escolha. E-ela está *esperando* por nós.

— Você pode quebrar o encantamento? — Ansel me perguntou.

— Não funciona assim. Não sei como Reid fez isso em Modraniht, mas deve ter tomado um foco extraordinário, talvez uma poderosa onda de emoção enquanto Morgane estava distraída, e agora, eu não posso... — vozes fracas ecoaram pelo túnel. Embora eu não pudesse discernir as palavras, as cadências, não seria bom se ninguém nos encontrasse aqui. Principalmente Reid.

— Levante-se. — gritei para Célie. — Levante-se e leve-nos para Morgane antes que esta noite vá para o inferno completo. — quando ela olhou, estupefata com minha explosão repentina, eu puxei com força sua mão. Não adiantou. Eu não conseguia quebrar essa ligação. Célie teria que escolher se levantar sozinha. O que ela fez, depois que agarrei seu rosto e assobieei: — Se você não se levantar, Reid morrerá.

La Mascarade Des Crânes

Lou

Sem o controle de seu corpo, Célie caminhava com passos mecânicos por cada túnel da esquerda, levando-nos a La Mascarade de Crânes. Quase cortei seus calcanhares duas vezes na minha pressa. A qualquer segundo, Reid poderia marchar ao redor da curva. Eu precisava lidar com Morgane antes que isso acontecesse.

Minha mente se enfureceu contra mim, apresentando novos problemas a cada etapa - novos problemas e soluções obsoletas.

Como sempre, Morgane ficou um passo à frente. Eu reuni meus aliados - *e escapuli para enfrentar Morgane sem eles*, minha mente zombou - persuadi as peças poderosas no tabuleiro, esperei que ela atacasse. Mas ela não atacou. Pelo menos, não da maneira que planejei. Fiquei olhando para as costas frágeis de Célie, seu vestido de luto sujo. Agora eu estava presa como um rato nos esgotos, com apenas Ansel e Célie para ajudar. Mesmo se eu não tivesse jurado manter os dois fora da briga, minhas chances de sair desse encontro eram inexistentes.

Isso foi um desastre.

O caminho se alargou conforme avançávamos, mais lanternas iluminando este túnel do que os outros. Caminhamos por apenas um minuto ou mais antes de vozes ecoarem pelo túnel - muitas vozes desta vez, farra e alto. Não familiar. Alguns se levantaram cantando, acompanhados pelo alegre sotaque dos bandolins, pelos doces acordes de uma harpa e até pelas notas mais agudas de uma rabeca. Quando viramos a esquina, as primeiras barracas pintadas

se ergueram para nos encontrar. Aqui, mercadores mascarados cantavam para donzelas escandalosamente vestidas, prometendo mais do que doces e tortas, enquanto outros vendiam mercadorias como sonhos engarrafados e pó de fada. Bardos avançaram entre os compradores. Sob os aplausos dos passageiros, um contorcionista torceu seus membros em formas impossíveis. Para onde quer que eu

olhasse, os foliões dançavam, riam, gritavam, derramando vinho no chão do túnel. Moedas derramadas com a mesma liberdade.

Quando uma criança de rosto sujo - uma batedora de carteira - enfiou a mão no meu bolso, agarrei seu pulso, estalando a língua.

— Acho que você vai encontrar mais sorte lá. — sussurrei, apontando para um casal bêbado que estava sentado ao lado de um carrinho de *bugne* em pó. A garota acenou com a cabeça em agradecimento e rastejou em direção a eles.

Não podíamos parar para apreciar a vista, no entanto, enquanto Célie marchava em frente, ziguezagueando entre os foliões como uma cobra encantada. Corremos para acompanhar.

Ela ignorou os infinitos túneis laterais e seus prazeres desconhecidos, mantendo-se no caminho principal. Outros se juntaram a nós, sussurrando excitadamente, seus rostos obscurecidos por fantasias elaboradas: leões e leoas com espessas tiaras de pele e garras de diamante; dragões com chifres com escamas pintadas que brilhavam metálicas à luz das tochas; pavões com penas azul-petróleo, ouro e turquesa, suas máscaras brilhantes esculpidas em bicos elegantes. Até os atendentes mais pobres não pouparam despesas, vestindo seus melhores ternos e pintando o rosto. O homem mais próximo de mim parecia o diabo com seu rosto vermelho e chifres pretos.

Cada um olhou para nossos rostos nus com curiosidade, mas nenhum comentou. Minha apreensão aumentava a cada passo.

Morgane estava por perto. Ela tinha que estar. Eu quase podia sentir sua respiração em meu pescoço agora, ouvir sua voz chamando meu nome.

Sentindo minha angústia, Ansel deslizou sua mão na minha e apertou. — Estou aqui, Lou.

Retornei a pressão com dedos dormentes. Talvez eu não tivesse quebrado nossa amizade além do reparo. O pensamento me fortaleceu o suficiente para sussurrar: — Estou com medo, Ansel.

— Eu também estou.

Muito cedo, o túnel se abriu para um espaço cavernoso e vazio - como o interior de uma montanha crescendo na terra em vez de no

céu. Bancos de pedra tosca alinhavam-se nas paredes inclinadas como fileiras de dentes, e escadas íngremes desciam, desciam até uma boca de barro.

E lá, no centro daquele lugar primitivo, estava minha mãe.

Ela parecia resplandecente em mantos de veludo preto. Seus braços permaneceram nus apesar do frio subterrâneo, e seu cabelo de luar ondulou solto pelas costas. Um intrincado diadema dourado pousava em sua cabeça, mas os cadáveres flutuando acima dela em um círculo - pacífico, olhos fechados e mãos entrelaçadas -

formavam sua verdadeira coroa. Embora eu não *pudesse* ver os detalhes de seus rostos, eu podia ver suas gargantas cortadas. Meu estômago caiu com a compreensão. Com pavor. Passei Ansel e Célie sutilmente para trás de mim.

Ela abriu os braços, sorriu amplamente e chamou: — Querida, bem-vinda! Estou tão feliz por você ter se juntado a nós!

À nossa volta, centenas de pessoas estavam anormalmente imóveis nos bancos, em silêncio e olhando por trás das máscaras. A magia revestiu o ar, tão espesso e pesado que meus olhos lacrimejaram, e eu soube instintivamente que eles não podiam se mover. Os olhos daqueles que entraram conosco se esvaziaram e, sem uma palavra, eles caminharam prontamente para seus lugares.

Tomada por um pânico repentino, procurei por Reid, Coco e Beau em meio à plateia, mas eles não estavam em lugar nenhum. Soltei um breve suspiro de alívio.

— Olá, *Maman*.

Seu sorriso cresceu com a minha postura defensiva. — Você está bonita. Devo admitir, eu *ri* quando você derreteu seu cabelo -

erro clássico, querida - mas acho que você vai concordar que a nova cor combina com você. Chegue mais perto, para que eu possa ver melhor.

Meus pés criaram raízes. — Estou aqui. Deixe Célie ir.

— Oh, acho que não. Ela vai perder toda a diversão. —

sacudindo a cauda de suas vestes atrás dela, ela deu um passo à frente, revelando outro corpo a seus pés. Meu coração parou.

Mesmo de longe, reconheci a constituição esguia, os cachos ruivos.

— Gabrielle. — sussurrei horrorizada.

Ansel enrijeceu ao meu lado. — É ela está...?

— Morta? — Morgane forneceu prestativamente, cutucando o rosto de Gaby com a bota. Gaby gemeu em resposta. — Ainda não, mas em breve. Com a ajuda da minha filha, é claro. Ela pisou na mão de Gabrielle enquanto continuava pelo palco. — Onde está seu caçador, Louise? Eu esperava que ele se juntasse a você. Tenho *muito* o que discutir com ele, entende? Um bruxo! Você não pode imaginar minha surpresa após o pequeno truque que ele aplicou em Modraniht. Trocando a vida do arcebispo pela sua? Foi inspirado.

Eu endireitei meus ombros. — Sua nota dizia que você a deixaria ir.

— Não. Minha nota dizia que eu comeria seu coração se você não a resgatasse até a meia-noite, o que é... — ela lambeu os dentes violentamente. — Agora. Talvez você possa oferecer uma distração enquanto isso.

— Mas eu a salvei...

— Não, Louise. — o sorriso de Morgane escureceu. — Você não. Agora... — ela disse com naturalidade. — Diga-me, há mais como seu caçador? Talvez eu tenha sido tola em mandar embora nossos filhos. Provou-se quase impossível rastreá-los, e aqueles que encontramos... bem, eles estão com muito medo de mim.

Parece que nem *todos* os filhos herdaram nossos dons. — ela olhou com amor para os cadáveres acima dela. — Mas eu não estou sem recompensa. Meu trabalho produziu frutos diferentes.

— Não encontramos ninguém. — eu menti, mas ela sabia. Ela sorriu.

— Venha aqui, querida. — ela apontou o dedo para Célie, que estava tão perto de mim que pude sentir seu corpo tremer. — Uma bonequinha tão adorável. Venha aqui, para que eu possa quebrar você.

— Por favor. — sussurrou Célie, agarrando meu braço enquanto seus pés se moviam por conta própria. — Por favor me ajude.

Eu peguei a mão dela e a segurei lá. — Deixe-a em paz, Morgane. Você já a atormentou o suficiente.

Morgane inclinou a cabeça como se estivesse considerando. —

Talvez você esteja certa. Seria muito menos satisfatório simplesmente matá-la, não seria? — ela bateu palmas e riu. — Oh, quão deliciosamente cruel você é. Devo dizer que estou impressionada. Com a carne de sua irmã morta ainda sujando sua pele, é *claro* que devemos condená-la a viver - a viver e nunca esquecer. O *tormento*, como você diz, será delicioso.

Sentindo o gosto da bile, soltei a mão de Célie. Quando seus pés continuaram avançando, no entanto, ela soltou um soluço. — O que você está fazendo? — eu rosnei, descendo os degraus atrás dela.

— Por favor, Louise. — Morgane sussurrou. — Eu desejo que você se aproxime. Siga a boneca. — para Ansel, ela acrescentou:

— Pela maneira como você voa ao lado dela, presumo que você seja algum tipo de animal de estimação. Um pássaro, talvez. Fique onde está, para que eu não arranque suas penas para um chapéu.

Ansel pegou a faca em seu cinto. Acenei de volta, sibilando: —

Fique aqui. Não dê a ela mais motivos para notar você.

Seus olhos de corça piscaram, confusos. Ele ainda não havia conectado os pontos.

— Estou esperando... — ela cantou, sua voz pingando mel.

Bruxas se alinhavam nos degraus, observando enquanto Célie e eu descíamos. Mais do que eu esperava. Mais do que reconheci.

Manon ficou perto do fundo, mas ela se recusou a olhar para mim. A indiferença suavizou suas feições pontudas, transformou seu rosto de ébano em uma máscara dura. Mas - ela engoliu em seco quando eu passei, a máscara rachando quando seus olhos se voltaram para um dos cadáveres.

Era o homem bonito de cabelo dourado de antes. Gilles.

Ao lado dele, duas garotas com pele igualmente clara se moviam, seus olhos vidrados igualmente azuis. Uma morena mais velha pairou do outro lado, e uma criança - ela não poderia ter mais de três anos - completou o círculo. Cinco corpos ao todo. Cinco cadáveres perfeitos.

— Não deixe suas expressões te enganarem. — Morgane murmurou.

Tão perto, eu podia ver a cicatriz vermelha de raiva em

seu peito da lâmina de Jean Luc. — Suas mortes não foram pacíficas. Eles não eram bonitos nem agradáveis. Mas você já sabe disso, não é? Você viu nosso doce Etienne. — Outro sorriso torceu seus lábios. — Você deveria ter ouvido ele gritar, Louise. Foi bonito.

Transcendente. E tudo por sua causa.

Com a curva de seus dedos, os corpos baixaram, ainda circulando, até que me cercaram na altura dos olhos. Seus dedos roçaram a terra e suas cabeças - engoli em seco.

Suas cabeças foram claramente mantidas intactas por magia.

Entorpecida, eu fiquei na ponta dos pés, fechando primeiro os olhos da criança - sua cabeça oscilou com o contato - depois os da morena, dos gêmeos e, finalmente, do estranho bonito. Manon mudou em minha visão periférica. — Você é doente, *Maman*. — Eu disse. — Você está doente há muito tempo.

— Você saberia, querida. Você não pode imaginar minha alegria observando você nas últimas semanas. Nunca estive tão orgulhosa.

Finalmente, minha filha percebe o que deve ser feito. Ela está do lado errado, é claro, mas seus sacrifícios ainda são louváveis. Ela se tornou a *arma* que eu concebi para que fosse.

A bile subiu na minha garganta com a ênfase dela e eu rezei -

rezei - para que ela não tivesse nos espionado antes, não tivesse ouvido as palavras de Reid em nosso quarto em Léviathan. Nosso *cama*. Sua presença envenenaria aqueles momentos entre nós.

Por favor, não aqueles.

Seu dedo - frio e afiado - ergueu meu queixo. Mas seus olhos estavam mais frios. Seus olhos estavam mais afiados. — Você achou que poderia salvá-los? — Quando eu não disse nada, apenas olhei, ela beliscou meu queixo com mais força. — Você me humilhou em Modraniht. Na frente de todas as nossas irmãs. Na frente da própria Deusa. Depois que você fugiu, percebi o quão cega eu era.

Quão fixada. Enviei suas irmãs ao reino em busca das crias de Auguste. — Ela bateu no rosto de Gilles com as costas da mão, rompendo sua pele. Sangue estagnado escorria dele. Pingou no cabelo

de Gaby. Ela gemeu novamente. — E eu os encontrei - nem todos eles, não, ainda não. Mas logo. Você vê, eu não preciso de sua garganta miserável para exigir minha vingança, Louise. Minha vontade será feita, com ou sem você.

— Não se engane. — Acrescentou ela, agarrando meu queixo mais uma vez. — Você vai morrer. Mas se você fugir de novo, não vou persegui-la. Nunca mais vou persegui-la. Em vez disso, adorarei desmembrar os irmãos e irmãs de seu caçador e enviarei cada parte. Vou engarrafar seus gritos e envenenar seus sonhos. Cada vez que você fechar os olhos, você testemunhará o fim de suas vidas miseráveis. E - depois que a última criança for morta - irei atrás do seu caçador e cortarei os segredos de sua mente, massacrando-o na sua frente. Só *então* vou te matar, filha. Só quando você *implorar* pela morte.

Eu a encarei. Minha mãe. Ela estava louca, total e completamente louca. Ela sempre foi apaixonada, volátil, mas isso...

isso era diferente. Em sua busca por vingança, ela deu muito. *Todas aquelas peças que você está desistindo - eu as quero*, Reid disse.

Eu quero você. Inteira e ilesa. Procurei em seu rosto qualquer sinal da mulher que me criou, que dançou comigo na praia e me ensinou a me valorizar, mas não havia mais nada. Ela se foi.

Você acha que será capaz de matar sua própria mãe?

Ela não me dá escolha.

Não tinha sido uma resposta então. Mas agora era.

— Bem? — Ela soltou meu queixo, seus olhos brilhando de fúria.

— Você não tem nada a dizer?

Minhas mãos estavam pesadas, mas eu as forcei para cima de qualquer maneira. — Eu acho que... se você planeja desmembrar todos os filhos dele, um por um... Eu tenho um pouco de tempo para impedi-la. — Ela mostrou os dentes e eu sorri para ela, fingindo bravura. Esse estiramento da minha boca custou tudo. Também foi uma distração para o meio passo que dei na direção de Gabrielle. —

E *vou* impedi-la, *Maman*, especialmente se você tagarelar sobre seus planos toda vez que nos encontrarmos. Você realmente ama o som da sua voz, não é? Nunca pensei que você fosse narcisista.

Enlouquecida e fanática, sim, às vezes até vaidoso, mas nunca narcisista...

Morgane colocou Gaby de pé antes que eu pudesse terminar, e amaldiçoei mentalmente. Quando ela torceu a mão, uma bola de fogo floresceu em cima de sua palma. — Pensei em lhe oferecer um ultimato, *querida*, entre Célie e Gabrielle - só um pouco de diversão

- mas parece que você testou minha paciência. Agora vou matar as duas. Embora eu saiba que você prefere gelo, gosto de fogo. É

bastante poético, você não acha?

Célie choramingou atrás de mim.

Merda.

No toque do dedo de Morgane, os olhos de Gaby se abriram -

então se arregalaram, disparando em torno de nós. — Lou. — Sua voz falhou em meu nome, e ela se debateu nos braços de Morgane.

— Lou, ela é uma maníaca. Ela e...

Ela parou de falar em um grito quando Morgane varreu o fogo contra seu rosto - quando Morgane varreu e continuou varrendo, puxando as chamas por sua garganta, seu peito, seus braços.

Embora ela gritasse e gritasse, se debatendo novamente, Morgane não a soltou. Em pânico, procurei um padrão, o padrão, mas antes que pudesse cometer, uma lâmina cortou o ar, através da *mão* de Morgane.

Uivando de indignação, ela largou Gaby e foi em direção a...

Minha respiração ficou presa na minha garganta.

Ansel. Ela se sacudiu na direção de Ansel.

Ele me seguiu novamente.

Estreitando os olhos, ela olhou para ele - *realmente* olhou para ele - pela primeira vez. Seu sangue pingou na bainha de suas vestes. Uma gota. Duas gotas. Três. — Eu lembro de você. —

Quando ela sorriu, seu rosto se torceu em algo feio e escuro. Ela não parou Gaby enquanto ela cambaleava para trás, para longe de nós, e desaparecia no túnel abaixo dos corredores. — Você estava em

Modraniht. Um passarinho tão lindo. Você finalmente encontrou suas asas.

Ele agarrou suas facas com mais força, mandíbula cerrada e ampliou sua postura, plantando os pés e se preparando para usar a força da parte superior e inferior do corpo. Orgulho e terror guerreavam dentro do meu coração. Ele salvou Gaby. Ele tirou o sangue de Morgane.

Ele foi marcado.

Os padrões vieram sem hesitação quando me aproximei dele.

Quando eu levantei minhas mãos, determinada, ele cutucou a faca em minha bota. Eu desembainhei rapidamente. — Primeira lição. —

Ele respirou. — Encontre os pontos fracos do seu oponente e explore-os.

— O que você está sussurrando? — Ela sibilou, puxando outra bola de fogo em sua mão.

Ela escolheu o fogo para fazer uma declaração, mas o fogo pode ser alimentado. Significava paixão. *Emoções*. Em combate, ela reagiria rapidamente, sem premeditação, e essa impulsividade poderia ser sua ruína. Teríamos que ser cuidadosos, rápidos. — Eu sabia que você escolheria o fogo. — Eu sorri, jogando a lâmina na minha mão com indiferença casual. — Você está ficando previsível com a idade, *Maman*. E enrugada. — Quando ela lançou a primeira bola de fogo, Ansel se abaixou rapidamente. — É uma coisa boa que seu cabelo seja naturalmente branco. Esconde o cinza, certo?

Com um grito de indignação, ela arremessou a segunda. Desta vez, no entanto, me movi ainda mais rápido, pegando as chamas com minha lâmina e jogando-as de volta nela. — Segunda lição. —

Eu disse, rindo enquanto sua capa pegava fogo. — Não existe trapaça. Use todas as armas do seu arsenal.

— Você se acha inteligente, não é? — Morgane jogou sua capa no chão, ofegante. Queimou suavemente, enviando nuvens de fumaça ao redor dela. — Mas eu te ensinei como lutar, Louise. *Eu*.

Mal discernível através da fumaça, ela juntou uma terceira bola de fogo entre as palmas das mãos, os olhos brilhando com malícia. —

Terceira lição: a luta não acaba até que um de vocês esteja morto.

— Quando ela jogou a bola de fogo, ela se transformou em uma espada - um pilar - e nem Ansel nem eu conseguimos nos mover com rapidez suficiente. Ele arrasou nossa pele quando passou, nos derrubando, e Morgane se lançou.

Antecipando o movimento - corpo gritando de dor - eu peguei a faca de Ansel e rolei sobre ele, cortando sua lâmina no rosto dela.

Sua metade superior recuou, mas o movimento impulsionou sua metade inferior em minha direção - em direção à *minha* faca, que enfiei em seu estômago. Ela engasgou. As chamas desapareceram e os corpos flutuando acima caíram no chão. Suspiros de horror aumentaram da platéia quando seu feitiço se dissipou. Com a lâmina de Ansel, me movi para terminar o trabalho, observando cada movimento dela, cada emoção, como se o tempo tivesse

diminuído. Memorizando seu rosto. Suas sobrancelhas caíram em confusão. Seus olhos se arregalaram de surpresa. Seus lábios se separaram de medo.

Medo.

Foi uma emoção que eu nunca vi no rosto da minha mãe.

E isso me fez hesitar.

Acima de nós, passos trovejaram, e o grito de Reid estilhou o silêncio.

Não.

Mais rápido do que humanamente possível, a mão de Morgane serpenteou, agarrando meu pulso e torcendo. O mundo voltou ao foco com clareza vívida, e deixei cair a faca com um grito.

— Você tentou me matar. — Ela sussurrou. — *Eu. Sua mãe.* —

Uma risada selvagem e cacarejante roubou seu fôlego, enquanto -

enquanto os *Chasseurs* desciam. Reid e Jean Luc os lideravam com Blaise rosnando atrás, totalmente transformado. — E se você tivesse sucesso, filha? É por isso que você veio aqui? Você achou que se tornaria rainha? — Ela se torceu brutalmente e ouvi meu osso estalar. A dor irradiou pelo meu braço, consumindo tudo, e eu gritei. — Uma rainha deve fazer o que for necessário, Louise. Você estava quase lá, mas parou. Devo mostrar o caminho para continuar? Devo te mostrar

tudo o que falta?

Ela soltou meu pulso e eu cambaleei para trás, observando através das lágrimas enquanto Reid corria em nossa direção, se afastando do resto, as facas em punho. Eu não conseguia me mover rápido o suficiente. Eu não pude pará-lo. — Reid, *NÃO!*

Morgane lançou uma quarta e última bola de fogo, e ela explodiu contra seu peito.

The Woodwose

Reid

A fumaça me envolveu, espessa e ondulante. Sufocou meu nariz, minha boca, meus olhos. Embora eu não pudesse vê-la, eu ainda podia ouvir Lou enquanto ela gritava, enquanto ela se enfurecia contra sua mãe, que ria. Que riu e riu e riu. Eu atravessei a fumaça para alcançá-la, para dizer a ela que estava bem...

— Reid! — Ansel berrou. A voz de Jean Luc logo se juntou à sua, gritando sobre o barulho enquanto as pessoas fugiam para a segurança. Enquanto as bruxas gritavam e passos ecoavam, grossos como a fumaça no ar.

Mas onde estava o fogo?

Eu dei um tapinha no meu peito, em busca do forte calor das chamas, mas não havia nenhuma. Em vez disso, havia - havia...

Claud Deveraux estava ao meu lado, oferecendo-me um sorriso malicioso. Em suas mãos, ele segurava a bola de chamas -

encolhendo agora, fumegando descontroladamente - e em seus olhos... Pisquei rapidamente em meio à fumaça. Por apenas um momento, seus olhos pareceram piscar com algo antigo e selvagem.

Algo *verde*. Eu cedi um passo de espanto. O leve cheiro de terra que eu senti nas carroças da Troupe de Fortune voltou dez vezes mais. Ele subjugou a fumaça, encharcando a caverna com o cheiro de seiva de pinheiro e líquen, solo fresco e feno. — Eu pensei...

você disse que não era uma bruxa.

— E ainda não sou, meu caro.

— Não conseguimos encontrar você. Nos túneis, não poderíamos...

— Meus patinhos desapareceram, não foi? — Ele endireitou meu casaco com um sorriso tenso. — Nunca tema. Eu *devo* encontrá-los.

— Além da fumaça, Lou ainda gritava. Isso encheu meus ouvidos, atrapalhando todos os outros pensamentos. — E embora a *doce* Zenna soubesse bem, a tentação da violência provou ser demais para resistir - tamanha sede de sangue daquele. Eu a encontrei nos túneis enquanto procurava pelas outras. A pobre Seraphine não teve escolha a não ser seguir, e eu não poderia deixá-las desprotegidos. Eu esperava voltar antes que a situação aqui piorasse - melhor prevenir do que curar, você sabe - mas, infelizmente... — Ele olhou por cima do ombro em direção à risada de Morgane. — Sua doença pode consumir todos nós. Se você me der licença.

Ele separou a fumaça com um movimento de seu pulso.

Lou e Morgane se materializaram, circulando uma ao outra com as mãos levantadas. Além deles, Ansel protegeu Célie nos braços, e Jean Luc e Coco lutaram costas a costas contra um trio de bruxas.

Acima de nós, Beau conduzia foliões em pânico para as saídas. O

corpo de uma bruxa esfriou aos pés de Blaise, a garganta rasgada, mas outra o encurralou. Suas mãos se contorceram descontroladamente.

Dois Chasseurs a alcançaram primeiro.

Quando Deveraux saiu da fumaça, Lou e Morgane congelaram.

Eu o segui.

— *Você*. — Morgane rosnou para ele, e ela tropeçou - na verdade *tropeçou* - para trás.

Deveraux suspirou. — Sim querida. Eu.

E com essas palavras, Claud Deveraux começou a mudar.

Crescendo mais alto, mais largo, sua forma se estendia até mesmo sobre mim. Cascos explodiram de seus sapatos polidos. Chifres de veado explodiram de seus cachos estilizados. Uma coroa de ramos de carvalho teceu ao redor deles. As pupilas se estreitando abruptamente em fendas, seus olhos brilhavam na escuridão como os de um gato. Ele olhou para nós em silêncio por vários segundos.

Eu respirei fundo.

— Puta *merda*. — Lou ficou boquiaberta com ele em descrença.

Em confusão. Eu me aproximei dela. — Você é... você é o

Woodwose.

Piscando, ele tirou o chapéu para ela. Ele desapareceu em uma explosão de lilases, que ele deu a ela com um floreio. — É um prazer conhecê-la, pequena. — Sua voz estava mais profunda agora, antiga, como se viesse da própria terra. — Peço desculpas por não me revelar antes, mas estes são tempos estranhos e difíceis.

— Mas você não é *real*. Você é um maldito *conto de fadas*.

— Assim como você, Louise. — Seus olhos amarelos enrugaram. — Assim como você.

— Você não deveria ter vindo aqui, Henri. — Morgane disse com os lábios apertados. Ela ainda não havia baixado as mãos. — Eu vou matar todos eles para irritar você.

Ele sorriu sem calor, revelando presas pontiagudas. — Pise com cuidado, querida. Eu não sou um cão que deve obedecer à convocação de seu mestre. — Sua voz ficou mais dura, feroz, na careta de Morgane. — Eu sou o Selvagem. Eu sou tudo o que habita a terra, todas as coisas que são feitas e desfeitas. Em minhas mãos está a vida de cada criatura e o sopro de toda a humanidade.

As montanhas se curvam ao meu capricho. Os animais selvagens me honram. Eu sou o pastor e o rebanho.

Apesar de si mesma, Morgane cedeu um passo. — Você... você conhece as Leis Antigas. Você não pode intervir.

— Não posso intervir *diretamente*. — Ele ficou em toda a sua altura, pairando sobre ela - sobre todos nós - seus olhos de gato brilhando. — Mas minha irmã... ela está descontente com suas façanhas recentes, Morgane. Muito descontente.

— Sua irmã... — Lou repetiu fracamente.

Morgan empalideceu. — Tudo o que fiz, fiz por ela. Em breve, seus filhos estarão livres...

— E seu filha estará morta. — Franzindo a testa, ele se abaixou para tocar sua bochecha. Ela não recuou. Em vez disso, ela se inclinou em

seu toque. Eu queria desviar o olhar. Eu não poderia.

Não quando uma profunda tristeza brotou nos olhos deste ser estranho, não quando ele deslizou como uma lágrima pela bochecha de Morgane. — O que aconteceu com você, meu amor?

Que mal envenena seu espírito?

Agora ela recuou. A lágrima se transformou em fumaça em sua bochecha. — Você me *deixou*.

A palavra quebrou algo nela, e ela saltou em movimento, empurrando as mãos na direção dele. Lou levantou a sua instintivamente. Eu a segui um segundo tarde demais, deixando cair uma de minhas facas, amaldiçoando enquanto ela deslizava pelo chão passando por Morgane. Ela não viu, empurrando as mãos para Deveraux de novo e de novo. Ele apenas balançou o pulso e suspirou. O cheiro forte de madeira de cedro nos envolveu.

— Você sabe que não vai funcionar comigo, querida. — Ele disse irritado. Com outro movimento, Morgane navegou diretamente para cima, suspensa como se estivesse preso a uma árvore. Suas palmas se juntaram. O tumulto ao nosso redor se acalmou quando todos se viraram para olhar. — Eu *sou* a terra. Sua magia vem de *mim*.

Quando

ela

gritou

de

frustração,

agitando-se

descontroladamente, ele a ignorou. — Mas você está certa. — Ele continuou. — Eu nunca deveria ter ido. É um erro que não cometerei duas vezes. — Ele caminhou diante de uma fila de cadáveres, ficando cada vez mais alto a cada passo. A náusea atingiu violentamente meu estômago quando olhei mais de perto. Quando reconheci minha boca em um rosto. Meu nariz em outro. Minha mandíbula. Meus olhos.

Deveraux avistou uma criança e sua voz escureceu. — Por muito tempo, senti-me em silêncio - vendo você afundar os outros, vendo

você se afundar, mas não mais. Eu não vou deixar você fazer isso, *ma chanson*. — Ele olhou para Lou, e a terrível fúria em seus olhos se suavizou. — Ela poderia ter sido nossa.

— Mas ela *não* é. — Morgane cuspiu, a garganta saliente com o esforço. — Ela não é minha e não é sua. Ela é *dele*. Ela é *deles*. —

Ela apontou para mim, para Ansel, para Coco e Jean Luc, para Beau e Blaise. — Ela nunca foi minha. Ela escolheu seu lado. Se for a última coisa que eu fizer, vou fazê-la sofrer como suas irmãs sofreram.

Várias bruxas rastejaram em direção ao túnel principal agora.

Blaise - o rosto ensanguentado, a boca pingando - bloqueou a entrada, mas ele era apenas um. Quando as bruxas se enfrentaram,

passando rapidamente, os Chasseurs começaram a persegui-las, nos abandonando. Ansel recuou para proteger o túnel dos atores menores. Tremendo ao lado dos cadáveres, Célie ficou sozinha.

Quando ela se virou para olhar para mim - viva, *apavorada* - acenei para ela. A menor contração de meus dedos. Seu rosto se enrugou e ela correu em nossa direção. Lou a pegou e eu passei meus braços em volta das duas.

Nós sobreviveríamos a isso. Todos nós. Eu não me importava com o que a visão de Coco dizia.

Deveraux nos observou por um momento, sua expressão melancólica, antes de se voltar para Morgane. Ele balançou sua cabeça. — Você é um tola, meu amor. Ela é sua filha. Claro que ela poderia ter sido sua. — com o aceno de sua mão, Morgane flutuou de volta ao chão. Suas mãos se separaram. — Este jogo acabou.

Minha irmã passou a gostar muito de Louise.

Meus braços se apertaram ao redor dela e - estremecendo de alívio - ela baixou a cabeça no meu ombro. Para minha surpresa, Célie acariciou seus cabelos. Só uma vez. Um simples gesto de conforto. De esperança. A improbabilidade disso me assustou, me despedaçou e um caloroso alívio tomou conta de mim. Meus joelhos dobraram. Nós realmente *sobreviveríamos* a isso. Todos nós. Com Deveraux e sua irmã do nosso lado - um *deus* e *deusa* - as mãos de Morgane estavam amarradas. Com todo seu poder, ela era humana.

Ela não tinha esperança de lutar nesta guerra e vencer.

Ofegando e flexionando os pulsos, ela olhou para Deveraux com pura animosidade. — Sua irmã é a idiota.

Seus olhos se achataram e ele acenou para que Blaise e Ansel se afastassem das entradas do túnel. — Você testa minha paciência, amor. Saia agora, antes que eu mude de ideia. Desfaça o que pode ser desfeito. Não tente machucar Louise novamente, ou sentirá a ira de minha irmã - e a minha. Este é o seu aviso final.

Morgane caminhou lentamente para o túnel. Seus olhos dispararam para cima, observando as últimas bruxas fugirem de vista e os últimos caçadores as seguirem. Deveraux as deixou ir.

Morgane nunca se renderia com uma platéia. Agora o auditório estava quase vazio. Apenas o nosso grupo permaneceu - e Manon.

Ela olhou para o rosto vazio de Gilles, o dela igualmente sem vida.

Lou parecia que ia se aproximar dela, mas eu apertei sua cintura.

Ainda não.

— Meu aviso final. — Morgane respirou. — A ira de uma deusa.

— Quando ela levantou as mãos, todos ficaram tensos, mas ela apenas os juntou em aplausos. Cada palmas ecoou no auditório vazio. Um sorriso verdadeiramente assustador dividiu seu rosto. —

Muito bem, Louise. Parece que você tem peças poderosas em nosso jogo, mas não se esqueça que tenho as minhas. Você me superou... por enquanto.

Lou se afastou de Célie e de mim, engolindo em seco. — Eu nunca estive jogando, *Maman*. Eu te amei.

— Oh querida. Eu não disse que o amor te deixa fraca? — Um brilho selvagem iluminou os olhos de Morgane enquanto ela avançava para trás. Ela estava perto do túnel agora. Perto de escapar. Ansel pairou por perto com uma expressão ansiosa. Um espelho meu. Olhei para Deveraux, rezando para que ele mudasse de ideia - capturasse-a - mas ele não se moveu. Ele confiava nela para ir embora, para obedecer ao comando de sua deusa. Eu não.

— Mas o jogo ainda não acabou. As regras simplesmente mudaram.

Isso é tudo. Não posso usar magia, não aqui. Eu não posso *te* tocar,

mas...

Percebi sua intenção tarde demais. Todos nós.

Cacarejando, ela agarrou minha faca caída e avançou, cravando-a na base do crânio de Ansel.

The End of the World

Lou

O mundo não acabou em um grito.

Terminou em um suspiro. Uma única respiração assustada. E depois...

Nada.

Nada além de silêncio.

Something Dark and Ancient

Lou

Eu não pude fazer nada além de vê-lo cair.

Ele caiu de joelhos primeiro - olhos arregalados, sem ver - antes de cair para frente. Não havia ninguém para segurá-lo, ninguém para impedir que seu rosto batesse no chão com um baque nauseante e definitivo. Ele não se moveu novamente.

Silêncio retumbante encheu meus ouvidos, minha mente, meu *coração* enquanto o sangue o rodeava em um halo escarlate. Meus pés não se moviam. Meus olhos não piscaram. Havia apenas Ansel e sua coroa, seus belos membros pendurados atrás dele como se -

como se ele estivesse apenas dormindo...

Por volta da meia-noite, um homem próximo ao seu coração morrerá.

Um grito perfurou o silêncio.

Era meu.

O mundo voltou ao foco então, e todos estavam gritando, correndo, escorregando no sangue de Ansel...

Coco abriu o braço com uma das facas de Reid e seu próprio sangue derramou no rosto de Ansel. Eles o viraram no colo de Reid, forçando seus lábios a se separarem. Sua cabeça pendeu. Sua pele já havia perdido a cor. Não importava como eles o sacudissem, como eles soluçassem. Ele não iria acordar.

— Ajudem-no! — Coco levantou-se com um salto e agarrou Claud pelo casaco. Lágrimas escorreram por seu rosto, queimando tudo o que tocaram, lançando tentáculos de chamas aos nossos pés. E ainda assim elas caíram. Ela estava sem fôlego agora, não

mais o sacudindo, mas segurando seus ombros. Se afogando. —

Por favor, *por favor*, traga-o de volta...

Claud removeu suas mãos suavemente com um aceno de cabeça. — Sinto muito. Eu não posso interferir. Ele se... foi.

Foi.

Ansel se foi.

Foi foi foi. A palavra girou em torno de mim, através de mim, sussurrando com finalidade. *Ansel se foi.*

Coco caiu no chão e suas lágrimas caíram mais grossas, mais rápidas. O fogo a envolveu como pétalas derretidas. Eu saboreei o calor. A dor. Este lugar iria queimar pelo que foi levado. Eu esperava que as bruxas ainda estivessem aqui. Eu esperava que o diabo de rosto vermelho e seus amigos ainda não tivessem escapado.

Soprando cada padrão cintilante, eu espalhei as chamas mais altas, mais quentes. Todos morreriam com Ansel. Cada um deles morreria.

Uma risada ecoou na escuridão do túnel.

Com um rugido gutural, corri atrás dela. Jean Luc disse que eu apodreci, mas isso não era verdade. A magia não apodreceu. Ela rachou, como um espelho estilhaçado. A cada pincelada de magia, aquelas rachaduras no vidro se aprofundavam. O menor toque pode quebrá-lo. Eu não o tinha corrigido na época. Eu não queria reconhecer o que estava acontecendo comigo, o que todos nós sabíamos. Mas agora....

— Você o *amou*, Louise? — A voz de Morgane ecoou na escuridão. — Você viu quando a luz deixou aqueles lindos olhos castanhos?

Agora eu estou estilhaçada.

A luz explodiu da minha pele em todas as direções, iluminando todo o túnel. As paredes tremeram, o teto rachando e chovendo pedras, desabando sob a minha ira. Eu empurrei padrões mais duros cegamente. Eu derrubaria o túnel em sua cabeça. Eu quebraria o mundo e derrubaria o céu para puni-la pelo que ela fez.

Pelo que *eu* fiz. Em uma lacuna na passagem, Morgane permaneceu congelada, boca aberta em surpresa - em deleite. —

Você é magnífica. — ela respirou. — *Finalmente*. Podemos nos divertir um pouco.

Fechando meus olhos, inclinei minha cabeça para trás, segurando todas as vidas em meus dedos. Reid. Coco. Claud.

Beau. Célie. Jean Luc. Manon. Testei os pesos de cada um, procurando um fio que combinasse com o de Morgane. Ela tinha que morrer. Custe o que custar.

E se outro morrer em troca? a voz sussurrou.

Que assim seja.

Antes que eu pudesse puxar o fio, no entanto, um corpo bateu em mim. O sangue empapou sua camisa. Eu o provei na minha boca enquanto ele me prendia contra a parede, enquanto ele erguia minhas mãos acima da minha cabeça. — Pare, Lou. Não faça isso.

— *Me solte!* — Meio gritando, meio soluçando, lutei contra Reid com todas as minhas forças. Eu cuspi o sangue de Ansel. — É

minha culpa. Eu o matei. Eu disse a ele que ele não *valia nada*, que ele não era *nada*...

Na entrada do túnel, Claud, Beau e Jean Luc lutaram para conter Coco. Ela deve ter me seguido. Por sua expressão selvagem, ela planejou um destino semelhante para minha mãe. O fogo rugiu atrás dela.

Quando me virei para Morgane, ela havia desaparecido.

— Deixe-a ir. — Reid implorou. Lágrimas e fuligem escorreram de seu rosto. — Você terá outra chance. Temos que ir, ou todo esse lugar vai cair em cima de nós.

Eu caí em seus braços, derrotada, e ele exalou forte, pressionando-me em seu peito. — Você não pode me deixar. Você entendeu? — Segurando meu rosto, ele me puxou para trás e me beijou com força. Sua voz era feroz. Seus olhos estavam mais ferozes. Eles queimaram os meus, com raiva, angústia e *medo*. —

Você não pode fazer isso sozinha. Se você se refugiar em sua mente, em sua magia, eu irei te seguir, Lou. — Ele me sacudiu ligeiramente, as lágrimas brilhando naqueles olhos assustados. —

Vou segui-la nessa escuridão e vou trazê-la de volta. Você está ouvindo? Aonde *você* for, *eu* irei.

Eu olhei de volta para o auditório. As chamas queimavam muito alto agora para nós recuperarmos o corpo de Ansel. Ele iria queimar aqui. Este lugar sujo e deplorável seria sua pira. Fechei os olhos, esperando que a dor viesse, mas só havia vazio. Eu estava vazia.

Oca. Não importa o que Reid dissesse... desta vez, ele não seria capaz de me trazer de volta.

Algo escuro e antigo deslizou para fora daquele poço.

Old Magic

Lou

A luz do sol do fim da tarde brilhava através da janela empoeirada, iluminando as madeiras quentes e os tapetes grossos da sala de jantar de Léviathan. La Voisin e Nicholina olhavam para mim do outro lado da mesa. Elas pareciam deslocadas nesta sala comum e mundana. Com sua pele cheia de cicatrizes e olhos assustadores, elas eram duas criaturas de uma história de terror que escaparam de suas páginas.

Eu daria vida à sua história de terror.

O gerente me garantiu que não seríamos incomodados aqui.

— Onde você estava?

— Os túneis nos separaram. — La Voisin encontrou meu olhar impassível. Ainda não tínhamos encontrado os outros. Embora Blaise e Claud procurassem incansavelmente, Liana, Terrance, Toulouse e Thierry permaneceram perdidos. Eu assumi que Morgane os matou. Eu não conseguia me importar. — Quando chegamos ao Skull Masquerade, Cosette já o havia incendiado. Eu instruí meu povo a

fugir.

— *Mar de lágrimas e lago de fogo.* — Nicholina balançou para frente e para trás em sua cadeira. Seus olhos prateados nunca deixaram os meus. — *Para afogar nossos inimigos em suas piras.*

— Minha sobrinha me disse que você mudou de ideia. — La Voisin olhou para a porta, onde os outros esperavam na taverna.

Todos, exceto um. — Ela disse que você deseja marchar para o Chateau le Blanc.

Eu encontrei o olhar firme de Nicholina com um dos meus. — Eu não quero marchar para o Chateau le Blanc. Eu quero queimá-lo até o chão.

La Voisin ergueu as sobrancelhas. — Você deve ver como isso perturba minha agenda. Sem o Chateau, meu povo continua sem teto.

— Construa uma nova casa. Construa sobre as cinzas das minhas irmãs.

Um brilho peculiar entrou nos olhos de La Voisin. Um sorriso tocou seus lábios. — Se nós concordarmos... se queimarmos sua mãe e suas irmãs dentro de sua casa ancestral... não resolve o problema maior. Embora os métodos de sua mãe tenham se tornado erráticos, ainda somos caçados. A família real não vai descansar até que cada um de nós esteja morto. Mesmo agora, Helene Labelle permanece em cativeiro.

— Então, nós os matamos também. — Minha voz soou oca para meus próprios ouvidos. — Nós matamos todos eles.

La Voisin e Nicholina trocaram um olhar e o sorriso de La Voisin cresceu. Acenando com a cabeça - como se eu tivesse passado em algum tipo de teste não dito - ela tirou o grimório de sua capa e colocou-o sobre a mesa. — Que... cruel.

Nicholina lambeu os dentes.

— Eles querem morte. — Eu disse simplesmente. — Eu vou dar a eles a morte.

La Voisin pousou a mão sobre o grimório. — Eu aprecio seu compromisso, Louise, mas tal façanha é mais fácil dizer do que fazer. O rei tem números em seus Chasseurs, e os Chasseurs têm força em

suas Balisardas. Morgane é onisciente. Ela tem... peças poderosas em seu tabuleiro.

Parece que você tem peças poderosas em nosso jogo, mas não se esqueça que tenho as minhas. Eu fiz uma careta com a mudança de frase.

— Você nunca se perguntou como ela a encontrou em Cesarine?

— La Voisin se levantou e Nicholina a seguiu. Levantei-me com elas, a inquietação pinicando meu pescoço. A porta atrás delas permaneceu fechada. Bloqueada. — Como ela colocou uma nota

em meu próprio acampamento? Como ela soube que você viajou com a Troupe de Fortune? Como ela a seguiu até esta pousada?

— Ela tem espiões em todos os lugares. — Eu sussurrei.

— Sim. — La Voisin acenou com a cabeça, movendo-se ao redor da mesa. Eu lutei para permanecer parada. Eu não iria fugir. Eu não iria me acovardar. — Sim, ela tem. — Quando ela ficou a apenas um fio de cabelo do meu ombro, ela parou, olhando para mim. — Eu avisei a Coco que era contra a amizade com você. Ela sabia que eu não gostava de você. Ela sempre foi tão cuidadosa em protegê-la de mim, nunca revelando nem mesmo um fragmento de informação sobre o seu paradeiro. — Inclinando a cabeça, ela me considerou com foco predatório. — Quando ela soube de seu casamento com o Chasseur, ela entrou em pânico. Isso a deixou descuidada.

Imprudente. Seguimos sua trilha de volta a Cesarine e, vejamos só, lá estava você. Após dois anos de procura, nós a encontramos.

Eu engoli em seco. — Nós?

— Sim, Louise. Nós.

Eu corri então, mas Nicholina apareceu na frente da porta. Em um movimento doentiamente familiar, ela me empurrou contra a parede, puxando minhas mãos acima da minha cabeça com uma força desumana. Quando eu esmaguei minha testa em seu nariz, ela simplesmente se inclinou mais perto, inalando contra a pele do meu pescoço. O sangue dela chiou contra a minha pele e eu gritei.

— Reid! REID! COCO!

— Eles não podem ouvir você. — La Voisin folheou as páginas de seu grimoire. — Nós encantamos a porta.

Eu assisti, horrorizada, quando o nariz de Nicholina mudou de volta ao lugar. — São os ratos. — Ela respirou, sorrindo como um demônio. — Os ratos, os ratos, os ratos. Eles nos mantêm jovens, nos mantêm fortes.

— Do que *diabos* você está sempre falando? Você come ratos?

— Não seja boba. — Ela riu e roçou o nariz no meu. Seu sangue continuou a ferver meu rosto. Eu me debati - de dor - mas ela se segurou forte. — Comemos corações.

— Oh meu Deus. — Eu vomitei violentamente, ofegante. —

Gaby estava certa. Você come seus mortos.

La Voisin não ergueu os olhos de seu grimório. — Apenas seus corações. O coração é o núcleo do poder de uma bruxa de sangue, e continua vivo depois que uma morre. Os mortos não precisam de magia. Nós sim. — Ela puxou um feixe de ervas de sua capa em seguida, colocando cada uma ao lado de seu grimório e chamando-as pelo nome. — Bayberry para ilusão, brilho para controle e beladona. — Ela ergueu as folhas secas para inspecioná-las. —

Para projeção espiritual.

Projeção espiritual.

Qual era a do livro na tenda da sua tia?

Seu grimório.

Você sabe o que tem nele?

Maldições, possessão, doença e assim por diante. Só um idiota iria contrariar minha tia.

Ah Merda.

— Presa de uma víbora. — Nicholina entoou, ainda me olhando maliciosamente. — Olho de uma coruja.

La Voisin começou a esmagar as ervas, as presas e o olho em pó sobre a mesa.

— Por que você está fazendo isso? — Eu dei uma joelhada no estômago de Nicholina, mas ela se aproximou, rindo. — Eu concordei em te *ajudar*. Queremos as mesmas coisas, queremos...

— Você é mais fácil de matar do que Morgane. Embora o plano fosse levá-la para La Mascarade de Crânes, somos flexíveis. Em vez disso, vamos entregá-la no Chateau le Blanc.

Eu assisti com horror quando ela abriu o pulso, enquanto seu sangue derramava em uma taça. Quando ela adicionou o pó, uma nuvem de fumaça preta saiu do líquido fétido. — Então me mate. —

Eu engasguei. — Não - não faça isso. Por favor.

— Por decreto da Deusa, Morgane não pode mais caçar você.

Ela não pode forçá-la a fazer nada contra sua vontade. Você deve ir com ela de boa vontade. Você deve se *sacrificar* de boa vontade. Eu simplesmente alimentaria você com meu sangue para assumir o controle, mas o sangue puro e não adulterado de um inimigo mata.

— Ela apontou para o sangue de Nicholina no meu rosto, para minha pele devastada. — Felizmente, tenho uma solução alternativa. É tudo graças a você, Louise. As regras da velha magia

são absolutas. Um espírito impuro como o de Nicholina não pode tocar em um puro. Essa escuridão em seu coração... chama para nós.

Nicholina bateu no meu nariz. — Lindo rato. Vamos provar seu caçador. Teremos nosso beijo.

Eu mostrei meus dentes para ela. — *Você não vai.*

Ela gargalhou quando La Voisin cruzou a sala para levar a taça aos lábios. Bebendo com avidez, ela relaxou as mãos e eu me afastei dela, me lançando para a porta...

La Voisin segurou meu pulso ferido. Eu arqueei para longe, gritando - gritando por Reid, por Coco, por *qualquer um* - mas ela agarrou meu cabelo e forçou minha cabeça para trás. Minha boca estava aberta. Quando o líquido preto tocou meus lábios, desabei e não vi mais nada.

Evil Seeks a Foothold

Reid

O rosto de Deveraux estava estranhamente sombrio quando ele se sentou à mesa em Léviathan. Pelo menos era *humano*. O rosto do Woodrose estava... inquieto. Eu balancei minha cabeça, olhando para a minha caneca de cerveja. Ela tinha ficado quente uma hora atrás.

Jean Luc me trouxe outro. — Beba. Eu tenho que sair logo. O

rei nos quer nas catacumbas dentro de uma hora.

— O que você vai dizer a ele? — Deveraux perguntou.

— A verdade. — Ele bebeu sua própria caneca antes de acenar com a cabeça para Beau, que passou o braço em volta de Coco na mesa ao lado. Seus olhos estavam vermelhos e inchados, e ela girou uma taça de vinho na mão sem vê-la. Beau a persuadiu a tomar um gole. — Ele já está atrás de todos vocês. — Continuou Jean Luc. — Isso não muda nada.

Deveraux franziu a testa. — E seus homens? Eles não revelarão o seu envolvimento?

— Que foi o quê, exatamente? — Os olhos de Jean Luc se estreitaram. — Aproveitei uma situação ruim para resgatar a filha de um aristocrata. — Ele colocou o copo na mesa e se levantou, endireitando o casaco. — Não se engane - não somos aliados. Se vocês não tiverem ido quando eu voltar, vou prender todos vocês e não vou perder o sono esta noite.

Deveraux olhou para baixo para esconder seu sorriso. — Por que não agora? Estamos aqui. Você está aqui.

Jean Luc fez uma careta, inclinando-se mais perto e baixando a voz. — Não me faça lamentar isso, velho. Depois do que vi lá

embaixo, pude ver você queimado. É o destino que aguarda cada bruxa. Você não é diferente.

— Depois do que você viu lá embaixo. — Deveraux meditou, ainda examinando as unhas. — Presumo que você tenha muitas perguntas. — Quando Jean Luc abriu a boca para discutir, Deveraux falou por cima dele. — Seus homens certamente irão. Não cometa erros. Você está preparado para respondê-las? Você está preparado para pintar todos nós com o mesmo traço que Morgane?

— Eu...

— Louise arriscou sua vida para salvar uma jovem inocente na noite passada, e ela pagou caro por isso.

Juntos, eles se viraram para olhar para Célie. Ela se sentou ao meu lado na mesa, pálida e trêmula. Ela não falava desde que saímos de La

Mascarade de Crânes. Quando eu gentilmente sugeri que ela voltasse para casa, ela começou a chorar. Eu não tinha mencionado isso desde então. Ainda assim, eu não sabia o que fazer com ela. Ela não podia ficar conosco. Seus pais deviam estar muito preocupados, mesmo que não estivessem... a estrada à frente seria perigosa. Não era lugar para alguém como Célie.

Ela corou sob os olhares de Deveraux e Jean Luc, cruzando as mãos no colo. A sujeira ainda manchava seu vestido de luto. E algo mais. Algo pútrido.

Eu ainda não sabia o que havia acontecido com ela lá embaixo.

Lou se recusou a me dizer, e Ansel...

— Louise é a *razão* do sequestro de Célie. — Disse Jean Luc com os dentes cerrados. — E não posso discutir mais o assunto. Eu preciso ir. Célie. — Estendeu a mão na direção dela, suavizando o rosto. — Você consegue se levantar? Eu vou acompanhá-lo para casa. Seus pais estão esperando. — Novas lágrimas brotaram de seus olhos, mas ela as enxugou. Endireitando os ombros, ela colocou a mão trêmula na dele. Jean Luc se moveu para sair, mas parou, segurando meu ombro no último segundo. Seus olhos eram impenetráveis. — Eu realmente espero não ver você de novo, Reid.

Deixe o reino. Leve Louise e Coco com você, se for preciso. Pegue o príncipe. E apenas... — Suspirando pesadamente, ele se virou. —

Se cuide.

Observei os dois saindo pela porta com uma sensação estranha de beliscão. Embora eu não amasse mais Célie romanticamente, era... ímpar. Vendo sua mão na de Jean Luc. Desconfortável.

Mesmo assim, desejei-lhes todas as felicidades. Alguém deveria ter.

— Como ela está? — Deveraux disse depois de um momento.

Ninguém perguntou a quem ele se referia. — *Onde* ela está?

Demorei para responder, contemplando minha cerveja novamente. Depois de um enorme gole e outro, limpei minha boca.

— Ela está na sala de jantar com La Voisin e Nicholina. Elas estão... planejamento.

— La Voisin? Nicholina? — Deveraux piscou entre Coco e eu, horrorizado. — São as mesmas mulheres que nos abandonaram nos túneis, não são? O que Lou está *planejando* com elas?

Coco não tirou os olhos do vinho. — Lou quer marchar para o Chateau le Blanc. É tudo o que ela falou desde que escapamos. Ela diz que precisa matar Morgane.

— Oh céus. — Os olhos de Deveraux se arregalaram e ele soltou um suspiro. Oh céus, oh céus, oh céus. Devo admitir, isso é...

preocupante.

A mão de Coco apertou seu copo. Seus olhos saltaram, queimando com emoção não derramada. — Por quê? Todos nós queremos vingança. Ela está dando os primeiros passos para nos levar até lá.

Deveraux pareceu escolher suas próximas palavras com cuidado. — Pensamentos como esses podem convidar algo muito sombrio para suas vidas, Cosette. Algo muito escuro, de fato. O mal sempre busca um ponto de apoio. Não devemos dar um.

A haste do copo estalou entre seus dedos e uma lágrima chiou contra a mesa. — Ela o apagou como uma *vela*. Você estava lá.

Você *viu*. E ele... ele... — Ela fechou os olhos para recuperar a compostura. Quando ela os abriu novamente, eles estavam quase pretos. Beau a observou com uma expressão dura. Sem emoção.

Em branco. — Ele era o melhor de nós. O mal tem mais do que um ponto de apoio aqui, Claud - graças a você. Você a soltou ontem à noite. Você a deixou vagar livremente. Agora todos devemos sofrer as consequências.

A porta da sala de jantar se abriu e Lou saiu. Quando seus olhos encontraram os meus, ela sorriu e começou a vir na minha direção.

Eu fiz uma careta. Eu não a tinha visto sorrir desde... desde...

Sem uma palavra, ela me envolveu em um beijo apaixonado.

Document Outline

- [Mapa](#)
- [Indice](#)
- [Parte I](#)
 - [Tomorrow: Lou](#)
 - [Stolen Moments: Reid](#)
 - [A Warning Bell: Reid](#)
 - [Pretty Porcelain: Lou](#)
 - [The Wisest Course of Action: Reid](#)
 - [Painted Hair: Lou](#)
 - [Claud Deveraux: Reid](#)
 - [Marionette: Reid](#)
 - [White Shadows: Lou](#)
 - [Crosses to Bear: Lou](#)
 - [Troupe De Fortune: Reid](#)
 - [The Missing Prince: Lou](#)
 - [One Step Forward: Reid](#)
 - [The White Pattern: Lou](#)
 - [The Fool: Reid](#)
 - [Blood Drops: Lou](#)
 - [The First Performance: Reid](#)
- [Parte II](#)
 - [Red Death and His Bride, Sleep Eternal: Reid](#)
 - [She Loves Me Not: Lou](#)
 - [An Unexpected Reunion: Lou](#)
 - [Blood and Honey: Reid](#)
 - [Dagger of Bone: Lou](#)
 - [Until One of Us is Dead: Reid](#)
 - [A Debt of Blood: Reid](#)
 - [The Wolves Descend: Reid](#)
 - [Frozen Heart: Lou](#)
 - [Sanctuary: Reid](#)
 - [A Promise: Reid](#)
 - [Trial by Fire: Reid](#)
 - [The Drowning: Lou](#)
 - [Madame Sauvage's Cabinet of Curiosities: Lou](#)
 - [A Change of Plans: Reid](#)
 - [The King's Court: Reid](#)
 - [Pride Goeth Before the Fall: Lou](#)
 - [Proper Knights: Reid](#)
 - [When a Snake Sheds Her Skin: Lou](#)

- The Funeral: Reid
- Something New: Lou
- Parte III
 - The Last Note: Lou
 - Coco's Vision: Lou
 - Nous Tombons Tous: Reid
 - Paradise Lost: Lou
 - A Necessary Evil: Reid
 - The Mirrored Grave: Lou
 - La Mascarade Des Crânes: Lou
 - The Woodwose: Reid
 - The End of the World: Lou
 - Something Dark and Ancient: Lou
 - Old Magic: Lou
 - Evil Seeks a Foothold: Reid